

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

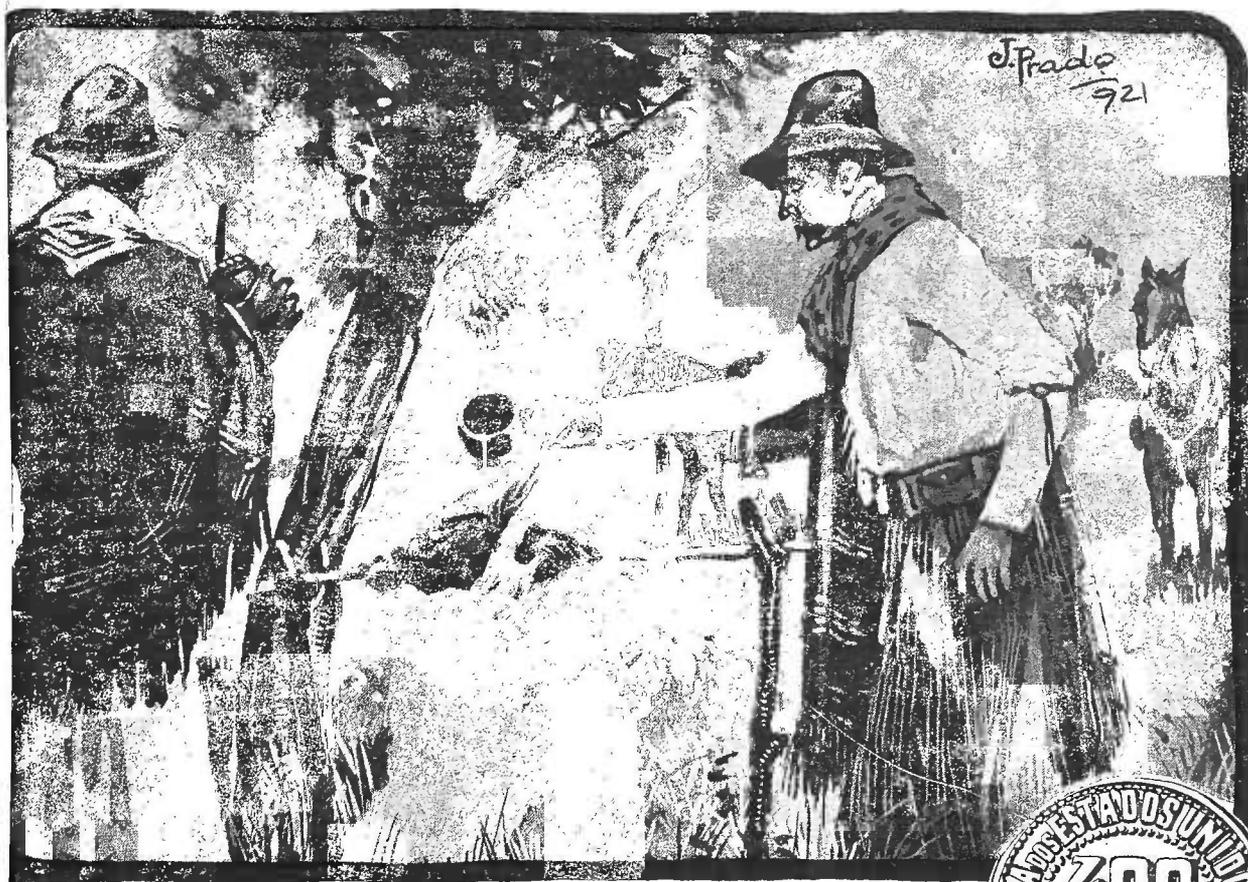








# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR. BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezinas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela esculpida escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela exteusão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Preendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará uos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as seputadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quas de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a mellhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena exteusão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remittido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hoteis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrado á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, affim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram uos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 2 de Maio de 1921

NUMERO 1

O 22 DA "MARAJÓ," —  
Monteiro Lobato  
O FILHO PRODIGO —  
PARABOLA — Léo Vaz  
O TOIRO NEGRO — Alu-  
zio Azevedo  
A MATTA MALDICTA —

## SUMMARIO

Baptista Junior  
NATAL DE FREI GUIDO  
-Magalhães de Azeredo

SUPPLEMENTO — A vida  
anecdótica e pittoresca  
dos grandes escriptores  
OLAVO BILAC - Ama-

deu Amaral — Curio-  
sidades literarias - Auto-  
biographia de MONTEI-  
RO LOBATO — Os nos-  
sos poetas - Os sonetos  
de ADOLPHO ARAUJO  
— Leituras - Negrinha -  
Coivára - Dialecto caipira

# O 22 DA 'MARAJÓ,'

Esse delirio que por ahi vae pelo futebol tem seus fundamentos na propria natureza humana. O spectaculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da victoria, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grandes philosophos gregos, Platão, Socrates, Aristoteles; seus coevos, porém, admiravam muito mais aos atletas que venciam no estadio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços a touros, só para nós tem menos importancia que seu mestre Pythagoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebivel a idéa de que o mestre pudesse um dia offuscar a gloria do lutador.

Em França o homem verdadeiramente popular é George Carpentier, mestre em soccos de primeira classe. Se derem nas massas um balanço sincero, verão que elle sobrepuja em prestigio aos proprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos ha sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo, que está em suas mãos subverter o regimen politico.

Entre nós ha o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual milhares de creaturas, sobretudo creanças, são capazes de sacrificar a vida.

E os delirios collectivos provocados pelo embate de dois campeões em campo? Impossivel

assistir-se a spectaculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol em que disputam a primasia paulistanos e italianos, em S. Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas *equipes*, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, 40, 50.000 pessoas deliram em transe, extacticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, ha pausas de silencio absoluto na multidão suspensa ou deflagrações violentissimas de entusiasmo que só a palavra delirio classifica. E gente pacifica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sae fóra de si, torna-se capaz de commetter os mais horrorosos desatinos.

A luta de 22 feras no campo transforma em feras os cincoenta mil espectadores, capazes todos de se esfaquearem mutuamente num conflicto horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco as electricidades psychicas em ponto supremo de concentração.

O jogo do futebol teve as honras de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia. Antes delle só nas classes medias a luta politica tinha prestigio necessario para uma exaltaçõesinha periodica.

E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu acclimar-se, como o café. Hoje, alastrado de norte a sul, transfor-

mou-se quasi em praga, conseguindo só elle, interessar vivamente, exaltadamente, delirantemente, ao nosso povo.

No Estado de São Paulo não ha recanto, vil-loca, fazenda, bairro onde se não veja num chão plaino e batido os dois rectangulos oppostos, assignaladores dum *ground*. Pelas regiões novas, de virgindades só agora atacadas pelos invasores, é commum topar-se, de subito, em plena matta, uma clareira aberta e limpa onde, nas horas de folga, os derrubadores de pão vêm bater bola.

Já assistimos um *match* em certa fazenda. Tudo muito bem arrumado; os *players* uniformisados, de meia grossa e botinas ferradas, tal qual como nos *clubs* das cidades. E falando em *corners*, *goals*, *hands*, *halfs-times*, a inglezia inteira dos termos technicos. Ao nosso lado um fazendeiro explicava:

— Aquelle *goal-keeper* é carreiro; amanhã de madrugada está de pé no chão puxando lenha. O *center-half* é madeireiro; está me lavrando umas perobas na roça velha. Os *full-backs* são tropeiros e os *forwards*, simples puxadores de enxada.

Era assombroso! Estavamos deante da maior revolução de costumes operada em terras de Santa Cruz desde o dia de Cabral. E tudo por arte e obra de uma simples esphera de couro estufada de ar!...

Antes do futebol só a capoeira conseguiu um cultozinho entre nós e isso mesmo só nas classes baixas. Teve seus periodos aureos, produziu seus *Friedenreichs*, afinal, acabou, perseguida pela policia, com grande magua dos tradicionalistas que viam nella uma das poucas coisas de criação indigena.

Infelizmente não se guardou memoria escripta desse esporte, cujos annaes se encheram de maravilhosas proezas. Não teve poetas, não teve cantores, não teve sabios que a salvaguardassem do olvido; e de todo o nosso rico passado de capoeiragem só restam impressões esparsas, em via de se diluirem, na memoria dos velhos contemporaneos.

Que bellos themas a nossa literatura deixa á margem, victima que é da eterna fascinação franceza!

Que se fixe pois, em letra de forma ao menos o caso do 22 da "Marajó"; com tanto chiste narrado pelo maior humorista brasileiro, esse prodigioso Marck-Twain inedito que é o senhor Felinto Lopes.

O 22 da *Marajó* era um imperial marinheiro, mestre em desordens e amigo de revirar de pernas para cima kiosques de portuguez. Rapazinho bonito, esguio, branco de côr, bigode espetado, imperava na Saude, onde suas proezas de capoeira excepcional andavam de boca em boca, discuti-

dissimas, como façanhas de Rolando. E taes fez que o governo, incommodado, deportou-o para o norte, a servir no Alto-Amazonas em canhoneira da flotilha estacionada no Pará. A mudança de clima regenerou-o e o rapaz, resolvendo tirar partido de seus dotes plasticos, ferrou namoro com a mulher de um *shipchandler*, da qual se tornou logo amante.

Pouco durou o trio.

O *shipchandler* morreu e o 22 casou-se com a viuva, herdeira dum paco de quatrocentos contos. Pedeu baixa, obteve-a e foi com a esposa em viagem de nupcias á Europa, onde permaneceu dois annos. Ao cabo, regressou á patria, elegendo o Rio de Janeiro para residencia definitiva.

Mas quanto mudara! Transformado num perfeito *gentleman*, embasbacava a rua do Ouvidor com seu apuro de trajes, suas polainas, suas luvas, sua cartola clara.

— Quem é? Quem é? Ninguem sabia.

— Algum fidalgo, certamente, cochichavam. Não vêm que modos distinctos?

E o 22 impavido, petroneando, de monoculo no olho, a olhar de cima para homens e coisas.

Tinha habitos certos, e todos os dias passava pelo largo de S. Francisco, como paca pelo carreiro.

Aconteceu, porém, que ali era ponto de uma roda de rapazes chiques, fortemente despeitados ante a esmagadora elegancia do desconhecido, rival perigoso, sem duvida. Os quaes rapazes, depois de muito cochicho, deliberaram quebrar a prôa ao novo concorrente, aguardando para isso apenas a oportunidade.

Certa vez em que o Petronio passava mais imponente que nunca, coincidiu approximar-se da roda chique um capoeira, mordedor que se gabava de ser mestre em "soltas".

Quem sabe hoje o que é "solta", nesta epoca de *kikes e shootes*? "Solta" era uma cabeçada sem *hands*, isto é, sem encostar a mão no adversario.

Mas o capoeira chegou e mordeu-os em cinco mil réis.

— Perfeitamente, responderam os rapazes, mas primeiro has de sapecar uma solta naquelle freguez que ali vae de monoculo!...

— E' já! exclamou o capoeira gíngando o corpo. E tirando o chapéo foi postar-se na calçada por onde vinha o 22, de cartola e monoculo, sacudindo passos de *lord*, muito esticado dentro do seu *croisé* cortado em Londres.

Um, dois, tres... Quando Petronio defrontou o capoeira, despejou-lhe este uma formidavel e primorosa cabeçada.

O desconhecido, porém, quebrou o corpo, e a cabeça do atacante foi de encontro á parede, ao mesmo tempo que um pé bem manejado plantava-o no chão com elegantíssima rasteira. O mordedor, tonto e confuso, mal ergueu-se e já desabou de novo, cerceado por outra gentil rasteira. Passára, imprevisivelmente, de aggressor á aggreddido e, desnorteado, deu sebo ás canellas, indo apalpar o gallo a cem passos de distancia.

Emquanto isso o Petronio, concertando a gravata, com grande calma, dirigiu a palavra aos moços elegantes, assombradissimos:

— Só uma besta destas dá soltas sem negaças! Já dizia o Cincinato Quebra-Louças: soltas sem negaças só em lanpeão de esquina. Se grampeasse, inda vá lá. O Trinca-Espinhas, o Estrepolia, o Zé da Gambôa e outros praxistas admitem-n'a neste caso, e isto mesmo só quando o semovente não é firme de letra.

E gyrando a bengala de unicornio entre os dedos annelados, finalmente superior, concluiu, com saudades:

— Já gostei desse divertimento. Hoje, minha posição social e o meio em que vivo não m'o permitem mais. Vejo, porém, que a arte está decaindo...

E lá se foi, imperturbavel e superior, murmurando comsigo:

— Soltas sem negaças... Forte besta!

Os elegantes, passado o momento de estupor, planearam solenne desforra.

Contratariam o famoso Dente de Ouro, da Saude, para quebrar a prôa ao prosa.

Tudo ajustado, no dia marcado postaram-se no carreiro, com o rompe-e-rasga á frente.

— E' aquelle! disseram, quando repontou ao longe a cartola clara do Petronio.

Dente de Ouro avançou feito para o desconhecido. Ao fronteal-o, porém, entreparou, e abriu-se num grande sorriso palerma:

— O' 22! Você por aqui?!...

— Cala o bico moleque, e toma lá para o cigarro. Mas afasta-te, que hoje sou gente e não ando em más companhias, disse o Petronio, correndo-lhe uma pellega e seguindo caminho.

Dente de Ouro voltou ao grupo dos elegantes, alisando a nota.

— Então? perguntaram elles, desnorteados com o desenlace imprevisto.

— 'cês 'tão bestas! Pois aquelle é o 22 da "Marajó", corpo fechado para sardinha e pé que nunca malou saque. Estrompar o 22?! 'cês 'tão bestas!...

MONTEIRO LOBATO



## O FILHO PRODIGO

(PARABOLA)

Certo Absaul, de Babylonia, homem a quem o Senhor abençoara nas obras das suas mãos, accrescentando-lhe as riquezas sem conto, tinha dois filhos. E' possivel que tivesse tido outros; é mesmo muito provavel, dado o seu genio; mas a Historia, não se sabe porque, só menciona estes dois privilegiados, e a ninguem é dado torcel-a ao sabor das proprias conjecturas. A Historia é a Historia.

Ora, destes dois filhos do rico Absaul, Izar, o mais velho, era o modelo dos Izāres. Trabalhador, honesto, pouco falante, leal e submisso, nunca ao pae dera o menor aborrecimento. Todos os dias, desde os seus sete ou oito annos, ainda madrugada nova, reunia o grosso das ovelhas paternas e lá tocava com ellas para as planicies, a apascental-as, até a noite, quando tornava ao redil, onde dormia, num palheiro, ao lado de duas ou tres ovelhinhas favoritas. Era como se não existisse. Era mais: era um novo servo do pae, e gratuito. As suas unicas ambições não iam mais alto do que o mendrugo que levava ao pastoreio e a sôpa que á noite partilhava com os criados.

Emfim, um ottimo rapaz, o Izar.

Já Balaad, o mais moço, era outra fazenda. Dez annos mais novo que o irmão, desde a infancia que só trazia ao velho attribuições e cabellos brancos. Creançola ainda, já desencaminhava cachôpas, com graves desembolsos paternos, que só assim lograva a aquietação dos rendeiros suspicazes e paes de filhas.

Mas ainda assim, isso era o de menos. Avançando em idade e em maus costumes, promovera-se Balaad a collaborador de lares alheios, escandalizando a sociedade babylonica em clandestinas e escandalosas aventuras. E, mais, assignava letras respeitaveis, que o bom do velho, temeroso de ver o nome da sua estirpe a figurar em protestos e citações desagradaveis, ia resgatando, entre fundissimos suspiros.

O diabo. Aquelle filho era realmente uma immerecida penitencia para um tão fiel servidor de Jehovah. Já o velho pae se via privado de

certas excursões á noite, muito de seu gosto e inclinação, pela certeza de topar infallivelmente com o filho nos mais abominaveis sitios e companhias. Nem á casa do seu amigo, o optimo Yozias, lhe era dada a antiga assiduidade, pois de lá não sahia Balaad, que induzira a crime de lapidação a linda esposa delle, a rochonchuda Vitelia!...

Até que um dia mandou Absaul vir-lhe á presença o incorrigivel. E, pousando o jornal, começou uma reprimenda, já muito surrada:

— Os designios do senhor são altos e inattin-giveis á misera comprehensão dos homens...

No que foi interrompido por Balaad, que, so-prando para a braza do charuto a baforada, e encostando as nadeegas á borda da mesa, lhe cortou para logo o fio ao sermão:

— Meu pae nasceu, innegavelmente para prég-ar na synagoga; o seu discretear é sempre magni-fico, quer no fundo, quer na forma, não ha du-vida nenhuma. Mas, porque diabo essa mania de m'ó prég-ar a mim, que já o sei de cór e salteado? Ha por ahi tanta gente, meu velho, a cuja ignorancia muito mais aproveitaria a vossa oratoria...

Absaul olhou-o alguns instantes por cima dos olhos e resolveu abandonar a rhetorica, por evitar remoqueos novos. E enfiou direito pelo as-sumpto:

— Bem. Falemos claro. Mandei chamar-te para te dizer que isto não pode continuar assim. Tu não te emendas e eu já te não posso aturar por muito tempo nas minhas barbas...

— Perfeitamente.

Após nova olhadela, Absaul continuou:

— Tens direito a uma parte da fortuna cuja guarda me confiou o Senhor, e ella tem de ir ter ás tuas mãos, por morte minha. Pois bem: Adeanto-te agora mesmo esses cabedaes, sob a condição de deixares immediatamente Babylonia. Vae para Damasco, vae para Ninive, vae para o Egypto, vae para o Inferno... Estabelece-te alli, ou enforca-te, mas cá nunca mais tornes, a en-vergonhar com tua presença as minhas cãs hon-radas. Aqui tens o cheque. Suma!

— Sim, senhor! disse o rapaz, mettendo o che-que na carteira; até que emfim, sempre ao meu pae occorreu uma ideia luminosa! Nunca sus-pei-tei de proceder de tão intelligente creatura...

Mas, vendo que o velho fingia engolpar-se de novo na leitura, despediu-se com um

— Até á vista!

E abalou satisfeito. O primeiro comboio trans-portou-o a Damasco, para onde de ha muito o chamava a fama dos seus vinhos e das suas mu-lheres. E, uma vez alli, poz os capitaes em con-ta-corrente no London Bank até que lhes achasse melhór e definitivo emprego.

E foi o leão das rodas elegantes de Damasco.

Mas não ha leão que sempre dure, nem cheque que nunca se acabe. O de Absaul extinguiu-se ao cabo de alguns annos, e um dia, no "guichet" do banco, um saque de Balaad foi polidamente regeitado.

— Hein?!...

— Perdão, meu caro senhor; temos muito gos-to em servir ao illustre dr. Balaad, mas devemos advertil-o de que os seus fundos já estão exgot-tados. Faça o favor de conferir a sua caderneta... Verá... O ultimo saque, de Talentos 2,50, a 19 de Rhamadan, só em parte foi satisfeito... O dr. deve ter recebido o aviso... Faça o favor de conferir a caderneta...

Balaad conferiu a caderneta, que pela primeira vez abria. Estava limpo. Alheio de miudezas, elle retirava toda a sua fortuna, em grossas par-cellas, sem nenhum instincto de conservação. Estava a nenhum.

E logo naquella noite de *première*, em que tinha de ir ceiar com a divina Pitta! Azar!...

Não havia que ver: era voltar.

Empenhadas as ultimas andainas deixadas pelos credores surprehendidos e inexoraveis, embarcou dias depois para Babylonia, sem saber muito bem o que iria lá fazer. Para evitar desagradaveis encontros com algum conhecido damasquino, de alto bordo, vestiu um fato de operario e tomou passagem na terceira classe.

Mas uma desgraça nunca vem só. A de Ba-laad tambem trazia no bojo outra. Pois eis que justamente o seu comboio, já nas proximidades de Babylonia, abalrôa com um trem de cargas, que conduzia grandes manadas de porcos para os frigorificos de Ninive.

Foi um desastre horrendo. Muitas mortes e muitissimos feridos.

Balaad, propriamente, não teve mais do que pequenas contusões e excoriações de somenos. O acaso porém combinou as coisas por tal modo, que elle, quando deu tento de si, estava encurra-lado sob os escombros dum vagão, de parceria com uns poucos bacoros immundos.

O serviço dos bombeiros deixou muito a desejar. Pelo menos quanto á presteza, muitissimo. Eis porque o bom filho, que assim tornava á casa; como quer o brocardo, teve de permanecer alli uns cinco dias naquella camaradagem humilhante e, ao cabo dos primeiros dias, sobre humilhante, perigosa. Se não fôra aquella faquinha que tivera a ideia de trazer comsigo para o que desse e viesse, aquelles brutos esfaimados dar-lhe-iam com toda a certeza cabo do canastro.

Mas teve que contentar-se com a carne crua e, até certo ponto, *faisandée*. Uma perfeita miseria!..

Emfim, sempre deram com elle alguns bombeiros, que não deixaram de deitar piada, ao ver surgir aquella face humana de onde só contavam ver apontar as fuças de algum suino faminto. Mas estava salvo, e isso era tudo para o forte espirito do nosso Balaad.

\*

Immediatamente dirigiu-se ao ninho antigo.

Já de longe, percebendo certa animação extranha aos hábitos nocturnos da sua casa, sorriu. Não havia duvida: era uma festa.

— Hum! pensou o rapaz, meu pae vae ás mil maravilhas... Estará viuvo?...

Acertara. Dois annos antes morrera a mulher de Absaul, levando comsigo para o seio de Abrahão as ultimas peias que cerceavam ainda o genio alegre e folgazão do velho. E desde ahí foram festas, beberetes, patuscadas na cidade ou no campo, com côristas e senhoras equivocas, taes e tantas, que o povo de Babylonia já alcunhara o viuvo de Balthazar II.

Parado em frente ao portico da casa paterna, Balaad ouvia esses informes aos basbaques que no sereno espreitavam o festim. Até que, batendo na testa a classica palmada e piscando um olho, dirigiu-se ao saguão de entrada e mandou annunciar-se ao pae.

O rico Absaul, ao ouvir que alli estava á porta Balaad, de torna-viagem, não pôde compor de prompto as ideias, que lhe andavam razoavelmente dispersas, mas abandonou precipitadamente os convivas e foi ter com o filho. Mas ao topar com elle naquelle estado lastimavel em que sahira de sob os destroços ferroviarios, sentiu reviver no animo a humana e paternal piedade:

— Que é isso? Que maus fados te puzeram nessa extremidade? De onde vens, a estas horas, assim immundo como um guardador de porcos?...

Ao que Balaad, apanhando a deixa no ar, prorrompeu:

— Ah! meu pae! Jehovah tem designios altos

e inatingiveis á misera intelligencia humana! Sou um grande e desgraçado peccador, porque contra o Senhor e contra o meu pae pequei! Já não sou digno da vossa inexgottavel complacencia. Já não mereço sequer o lugar de um dos vossos servos mais humildes!...

La juntando gente, o que não entrava nos gostos do velho, que não augurava boa sahida para aquelle exordio do filho. Assim, tratou de rematar logo a scena:

— Mas acaba com isso, homeni! Que foi que te aconteceu?

— Uma desgraça, meu pae, uma tremenda mas muito merecida desgraça, imposta por mãos de Jehovah ao filho indigno e reprobado...

— Sei disso... Mas conta logo o caso...!

— Aquelle cheque, que na vossa magnanimidade, meu pae, me concedestes, quando daqui parti, com o coração orgulhoso e empedernido, deixando o santo conchego do lar, aquelle cheque, roubaram-m'os ladrões crueis!... Fiquei na miseria e nú que nem um cão. E por não macular o vosso nome com a minha abjecção, pelo mundo andei erradio e desprezado. Servi, como clarividentemente o dizeis, feito guardador de porcos a amos sem piedade, que até o sustento me negaram, obrigando-me a compartil-o com a alimaria immunda para saciar a minha fome. Vêde como estou magro!... Muito soffri pelo muito que pequei, Jehovah seja louvado...!

A multidão era já compacta ante a porta de Absaul.

— Mas, afinal...?

— Afinal, cansado de tantos soffrimentos, pensei que aqui em vossa casa encontraria um canto onde morrer, e o perdão e a bençãem do meu pae... Sinto que a chegada do impio venha em momento de perturbar as santas praticas com que certamente meu pae rendia ao Senhor o seu culto, como homem justo e recto que é...

Aquí Absaul julgou prudente intervir, movido da risota que começava entre os circumstantes:

— Não, meu filho, as graças ao Senhor, costume rendel-as, é certo, como manda a Lei... Mas tudo tem seu tempo e oportunidade... Esta festa não tem precisamente esse caracter que lhe dás. E' que... Sim... Como já estava informado de que finalmente te arrependeras e; deixando o triste mistér de guardador de porcos, procuravas o perdão e a bençãem de teu pae, mandei organizar esta surpresa, afim de celebrar a tua volta e a nossa reconciliação. Anda daí, pois; vae lá dentro, banha-te convenientemente e vem para nossa

companhia, onde anciosos te aguardam os nossos amigos...

E descendo uns degraus, Absaul segredou aos ouvidos de Balaad, mas não com a prudencia sufficiente para que não fosse escutado pelos ouvidos mais afiados dos curiosos:

— E olha, meu filho, afim de honrar como convém o teu regresso, mandei vir a Vitelia, sabes? a viuva do Yozias, a Vitelia Gorda, como lhe chamavas... Tu te lembras...

\*

E enquanto, no banheiro, os servos lhe ungiam os membros com oleos e essencias finas, Balaad, sorrindo, murmurava:

— A Vitelia Gorda, hein?... Este senhor meu pae é das Arabias!!

LÉO VAZ



## O TOIRO NEGRO

A noticia de uma estrondosa corrida de toiros, que se ia dar na velha cidade da Gallisa, onde nessa época me achava, assanhou o povo como por encanto, pondo-lhe o animo num estado de alegria do qual estava eu bem longe de o suppor capaz. Viria como Primeiro Espada e Chefe da «cuadrilla» o guapo Torbellino, dono então por alguns instantes da cruenta alma espanhola, sem conseguir, está claro, com esse passageiro namoro, distrahi-la completamente da sua sádica paixão por Lagartijo e Frascuelo.

A boa nova começou logo a chamar gente de todas as cidades e povoações vizinhas. Ninguém por allí em volta resistia ao soffrego desejo de vir buscar o seu quinhão de sensações violentas, que tão grata toirada promettia, e gosar o seu bocado de sangue fresco, que havia tanto tempo já se não gosava por aquellas alturas. Dir-se-ia que os restos da sacrosanta Espanha de Torquemada e de Philippe II, não se podendo saciar como dançes, nos bons tempos, com o capitoso sangue dos hereticos e dos impios, se contentava agora, em falta de melhor, com o innocuo sangue de bois e de cavallo, sempre na esperanza, todavia, de qualquer acaso feliz, que viesse enriquecer a festa com o apreciavel sangue de algum toireiro desastrado.

E já não havia meio de conter a soffreguidão

publica pelo promettido regabofe, quando chegara afinal o grande dia, deslumbrante ao vivo sol de agosto e aclamado ardentemente pelo povo como um dia de gloria nacional. Houve salvas e toques de corneta ao romper d'alva. Das duas da tarde em diante, as principaes ruas da cidade, no meio de uma poeirada de cegar, transformaram-se em estrepitosas torrentes de carruagens, carroças, ginetes, e peões de toda especie, que lá iam, em ancioso alarido, desaguar na praça de toiros.

Á entrada do circo, donde vinha um quente rumor de caldeira a ferver, homens de má catadura, com grandes taboleiros amparados ao ventre e suspensos do pescoço por grossa correia de coiro crú, offereciam aos circumstantes, não refrescos, frutas e flores, mas navalhas e facas de todos os feitios e tamanhos. Mais adiante, viam-se outros a vender, em vez de doces e confeitos, chouriços, paos e linguças, e ouviam-se ainda outros, cercados de barris e garraões, apregoar vinho, azeitonas e aguardente. Em volta dos felizes que entravam para assistir ao espectáculo, rilhava invejosa a matilha dos que ficavam cá de fora sem poder fazer outro tanto, e um enxame de mulheres, de lenço de cor á cabeça, doidejava em redor dos sujeitos que se dirigiam aos corretores de bilhetes, supplicando-lhes, a sorrir ansiosas, uma senha de entrada em troca de tudo que ellas lhes pudessem dar com o corpo; e mendigos beravam por outro lado, lanceando o espaço com os dedos hirtos, a reclamar esmolos como quem reclama justiça no meio de caiphazes, e atiravam para o ar o nome de Deus e das virgens num intenso diapação de pragas; ao passo que os guardas-civis, sombrios debaixo do seu reluzente chapéu de oleado em forma napoleonica e da sua enorme capa, rondavam de um lado para outro, cruzando-se com os chulos de facha encarnada e as manolas de trunfa alta, que tambem rondavam, mas com fins inteiramente oppostos.

O corredor do amphitheatro estava ensalsichado de espectadores até a boca, e lá dentro, tanto do lado da sombra como do sol, não havia lugar vazio. Meu banco felizmente era á sombra, e eu via palpitar no lado contrario, em plena luz, os leques de milhares de espectadores de ambos os sexos, lembrando borboletas presas pelos pés e doidas por voar; as sombrinhas de todas as cores, as vistosas mantilhas e as roupas claras tinham, nessa vasta e illuminada banda do circo, um aspecto tão allucinador, que parecia ser a expressão palpavel daquella infernal algazarra, feita de rixa e riso, e da qual os palavrões obscenos se desta-

cavam, iguaes a esses estalos mais fortes que re-  
bentam por entre a constante crepitação de um  
incendio na floresta virgem. Ouviam-se de todos  
os lados sonoras pragas e alegres exclamações de  
arrancár coiro e cabello; á minha esquerda, uma  
familia, em que havia meninas menores de quinze  
annos, manifestava o seu enthusiasmo pelo mes-  
mo depilatorio systema, e aquelles castos ouvidos  
recolhiam palavradas capazes de fazer tremer a um  
soldado, que não fosse espanhol; á minha direita  
o chefe de outra familia, sem duvida não menos  
honesta que a da esquerda, empinava de vez em  
quando uma formidavel borracha de vinho, a que  
elle chamava «bota», e fazia tambem beber aos  
seus por igual sorte, entremeando os successivos  
tragos com tarascadas de chou-  
riço, partida rente da boca por  
uma navalha, de inquietadoras  
proporções.

Cinco minutos antes das  
quatro horas, momento marca-  
do a rigor para começar a  
função, a berraria recrudescu,  
preparando-se já para  
protestar, mas o Alcaide da  
cidade, pomposo nas suas in-  
signias, assomou logo no cama-  
rote de honra, acompanhado  
pelo Presidente da corrida,  
cumprimentou cerimoniosa-  
mente o publico, e uma vi-  
brante corneta militar, acolhida  
com tumultuosos regosijos,  
deu o signal de abertura. Rom-  
peu então a banda de musica  
a tanger uma marcha dobrada, escancararam-se  
as grades de um portão no lado opposto ao da  
entrada de espectadores, e entre applausos geraes  
a «cuadrilla» fêz a sua solenne apparição na liça.

Vinha na frente, a cavallo, o Primeiro Espada,  
o guapo Torbellino, todo agalado, com chapéu  
de plumas e botas de canhão, empunhando se-  
nhorilmente o seu bastão de Chefe; seguiam-se  
os bandarilheiros e capinhas, a dois e dois, numa  
vistosa ala de cinco pares, todos a gingar, bri-  
lhantes nos seus bordados trajos de jaqueta curta  
e calção justo, o braço esquerdo dobrado por  
debaixo da capa vermelha e o direito solto, acompa-  
nhando os requebros do corpo; fechavam o sequito  
os picadores, em numero proporcional, formados  
de três a três, com brutaes perneiras de chumbo  
e lanças formidaveis, cavalgando velhas alimarias,  
tristes e alquebradas, que ali vinham, depois de

uma dura vida de trabalhos no campo ou nas  
cidades, para ser, em recompensa dos seus bons  
serviços, escorneadas por companheiros de mar-  
tyrio.

Feita a apresentação, separados da «cuadrilla»  
os toïreiros que tinham de ficar na praça e cor-  
rer o primeiro toiro, fechado de novo o portão  
por onde vieram, bem vendados os olhos aos  
cavallos dos picadores, para que não fugissem  
espavoridos ao perigo, a corneta deu novo signal,  
abriu-se daquelle mesmo lado uma cancella, e a  
victima designada surgiu a galope, estacando logo,  
porém, em pleno circo, fascinada e aturdida no  
meio de toda aquella estrondosa berraria, a olhar  
perplexa para todos os lados, até que, como se  
só então desse pela presença  
dos capinhas, investiu contra  
um delles.

Estava travada a pugna.

E começaram a repetir-se  
defronte daquelles milhares de  
olhos avidos as estafadas sor-  
tes e passes, que ha seculos a  
Espanha vê e revê sempre com  
o mesmo enthusiasmo, e que  
sempre applaude com a mes-  
ma convicção patriótica. Os  
capinhas, como ha cem annos,  
atormentavam a pobre besta,  
negaciando defronte della com  
as suas irritantes e traiçoeiras  
capas vermelhas, ou os ban-  
darilheiros lhe espetavam na  
espadua e no pescoço farpas  
carregadas de enfeites e, ás

vezes tambem de fogo, ou então os picadores lhe  
apresentavam as ilhargas das suas deploraveis caval-  
gaduras, para que o enfurecido animal as destri-  
passe ferozmente, e tambem como ha cem annos,  
se o misero cavallo não morresse logo á primeira  
aggressão e ainda se pudesse equilibrar sobre as  
patas, recolhiam-lhe de novo ao ventre os intes-  
tinos, cosiam-lhe o coiro com alguns pontos  
apressados, e de novo o offereciam, sempre com  
a venda nos olhos, aos truculentos cornos, e afinal,  
ainda como ha cem annos, quando o toiro se  
achasse já bem cansado e exaustão, o Matador se  
apresentava defronte delles com a sua gloriosa  
espada e lh'a enterrava no cerviz até matál-o.  
Fidalgo gesto, que sempre teve o condão de ar-  
rancar do publico espanhol delirantes manifesta-  
ções de applauso, traduzidas não só em brados  
de louvor e em flores, alli mesmo arrebatadas do

**Monteiro Lobato**

**A Onda  
Verde**  
JORNALISMO

Brochura 3\$500, enca-  
dernado, 4\$500 pelo  
correio mais 500 réis

Pedidos á  
**MONTEIRO LOBATO & C.**  
R. Boa Vista, 52 - S. Paulo

proprio collo ou do proprio toucado pelas mulheres, mas muitas vezes tambem em ricos lenços de renda, finos leques e até joias preciosas, que lá iam cair aos pés do triumphador de envolta com charutos, cigarros e môedas de prata arremessadas pelos homens.

Só a quinta e ultima corrida da toirada, graças ao imprevisto das circumstancias que se deram nella, discrepou daquelle veneravel ramerrão, e por isso mesmo foi a unica digna de ser contada.

O toiro então a correr era um bello animal negro e reluzente, com os cornos curtos e afilados como os de um bufalo.

Ao abrirem-lhe a cancella, elle invadiu a praça num formidavel e insolito galope, centripeto e cerrado, e a circulou repetidas vezes, com tal velocidade e tamanha furia, atropelando tudo por tal modo, que foi logo uma debandada geral em toda a areña; os capinhas e bandarilheiros voavam por cima da trincheira, sem quasi lhe tocar com a mão, e os picadores, chumbados aos seus pretensos corseis, abeiravam-se della e eram ás pressas colhidos lá de dentro e carregados no ar, a pulso, como manequins de pernas tesas, entretanto que os expiatorios rocinantes, abandonados e ás cegas, iam recebendo cornadas por conta propria e pela de todos os lidadores que desertavam o campo. Eram três os miseros, e os três pouco tardaram a cair mortos, enchendo de sangue o chão, já coalhado de restos das capas, sombreiros, lanças, bandarilhas e outros despojos, que o toiro espezinhava com raiva, rugindo de cabeça erguida.

O publico, a patear e a trapejar com as bengalas, protestava em delirio contra a ausencia dos toireadores no lugar do perigo, e reclamava, a berros loucos, novos cavallos na praça, como estabelecia o regulamento das corridas. E essa feroz reclamação de «chair-au-taureau» encheu muitos minutos, que foram até ahí os mais estrepitosos da toirada.

Era tal o fragor, que o toiro pela primeira vez se mostrou atordoado e se pôs a correr á toa, procurando instinctivamente uma aberta qualquer, por onde fugir áquella diabolica tempestade que bramava em redor delle e parecia querer tragá-lo.

A tempestade se acalmou quando de novo se abriu o portão, para dar passagem a outra turma de três picadores, desta vez precedidos por todos os toireiros da «cuadrilla», que foram entrando de cambulhada e dispostos para tudo. Torbellino, agora vestido de seda cor de esmeralda recamada de galões de oiro, trazia comsigo uma cadeira, cuja magistral sorte figurava no programma da corrida em letras garrafaes.

Mas o tremendo adversario não lhes deu tempo para negaças, e de roldão foi investindo sobre um dos picadores, que logo desabou da sella como um S. Jorge, e ao qual era preciso acudir antes de mais nada e carregar promptamente dalli, se o não queriam ver num apice acabar nas pontas do toiro. E para êste distrahir e arredar daquelle zona durante a subtracção do picador em apuros, armou-se em volta delle uma agitada tropelia, emquanto os outros dois cavalleiros, bem scientes do que os esperava, tratavam de chegar-se á salvadora trincheira, contra a qual de facto eram em poucos segundos arrojados impetuosamente com as suas cavalgaduras, apesar de receberem á ponta de lança o cornigero aggressor.

Derreados os cavallos e eclipsados os picadores, o toiro fêz-se de todo para os capinhas, que aliás não o conseguiram capear uma só vez e quando muito só lograram o enraivecer ainda mais. De cada feita que o quadrupede arremettia sôbre um delles, saíam-lhe os outros pelos lados, agitando as capas, sem lhe dar tempo a marcar alvo para o assalto. Todo o empenho dos toireiros era fatigá-lo, a ver si dêsse modo alcançavam equilibrar as forças em acção e obtinham, para decôro profissionial, realizar algumas sortes, embora das mais simples, como o passe da Veronica ou o da Navarra.

O toiro, com effeito, apesar de sempre árdego e rebelde, já dava mostras de cansaço e parecia já não acometter com a mesma vehemencia, tanto assim que Torbellino, sem se poder conformar com aquella vergonhosa corrida composta só de correrias de um para outro lado da praça e repetidas escaladas á trincheira, resolveu salvar a situação com um golpe de audacia, e declarou que ia executar immediatamente a sua famosa sorte da cadeira.

O publico acclamou-o de novo, mas desde que elle, com um par de farpas na mão direita e a cadeira na outra, se pôs a bater com aquellas, chamando o toiro á cita, êste, em vez de partir de cara, como era de esperar, torceu de banda, antecipando-se assim no ardiloso quebro que o toireiro contava fazer, e repontou-lhe pêla esquerda, sem lhe dar tempo senão para fugir. De sorte que os papeis singularmente se trocaram, o toireiro não toireou e o toiro toireara, e Torbellino lhe teria sentido o gosto dos cornos se não se livra-tão depressa, abandonando ao adversario as farpas e a cadeira, que voou logo em estilhas pelos ares.

O peor, porém, é que o demonio do animal se lhe ferrou no encaço, e começou a perseguí-lo a galope cerrado por toda a volta em redondo da praça, sem fazer caso dos capinhas que tenta-

vam desviá-lo da porfia. Torbellino, afinal, com inaudita destreza, agarrou-se na carreira que levava á borda da trincheira e a transpôs de um salto; o toiro, porém, não menos destro, galgou-a atrás d'elle, rastrejando-lhe a pista.

E então é que foram ellas! No interior da trincheira havia como sempre refugios e defesas, mas a tudo levava o toiro de vencida, ameaçando até as primeiras filas de espectadores. O pavor não podia ser maior. Na inversão dos pontos de perigo, via-se agora encher-se a arena com os que a invadiam, saltando a trincheira falsa em busca de segurança, e era lá para dentro que accorriam os capinhas em perseguição do intóirejavel boi.

Ah! não havia duvida que a quinta corrida, se, pelo seu imprevisito, ia bem para grande parte do publico, ia positivamente muito mal para os toireiros. Das farpas e bandarilhas destinadas ao feroz bicho, nenhuma lhe chegara a picar o coiro; das lanças dos picadores que o attingiram, a nenhuma foi dado conservar-se inteira, e dos ultimos três cavalloos sobrevividos, só um vivia ainda, e esse mesmo já ferido nas costelas e mal se podendo ter nas pernas.

Agora, o que os espectadores reclamavam nos seus implacaveis berros, era a presença do toiro na praça; felizmente, porém, já lá dentro tinham conseguido encurralá-lo, e não tardou a que o restituíssem ao publico.

Vinha cansado e vinha colerico. Mal surgiu, entre tanto na liça, encapotou logo, assestando para frente, cornos afilados, e desembestou, tal qual ao iniciar a corrida, no seu centripeto galope a que nada resistia.

A praça esvaziou-se inda uma vez, e o toiro bem senhor della, como para completar a sua victoria, arremetteu contra o cavallo já-ferido de morte, unico sopro de vida que allí respirava. A pobre cavalgadura jazia encostada á trincheira, com os olhos sempre vendados, e com o sangue a desfilarem por entre as costelas partidas. Ao primeiro assalto caíu logo, mais de costa que de flanco, agitando as patas no ar. O toiro acommetteu-o de novo, engolfando-lhe no ventre os cornos por inteiro e revolvendo-lhe as entranhas que arrancou afinal de todo para fóra.

O desviscerado escorjava-se, ululando, num tremor de todo o corpo, e o toiro, a saciar nelle a sua tremenda colera, só recolhia as armas para as cravar de novo com mais furia. Depois, não conseguindo nella levantar a victima e arrojá-la, como um despojo vil, por cima da trincheira, se desferrava em mergulhar de todo a cabeça no arroimbado ventre do agonizante, esfocinhando lá dentro na sagrenta lameira dos intestinos.

O publico, empolgado por tão cruenta feroci-

dade, esqueceu-se dos toireadores, para dar todo o seu entusiasmo ao toiro. Os applausos rebentaram do amphitheatro em pêso mais delirantes do que nunca, e o inconsciente heróe como se os comprehendera, sacou a cabeça das entranhas do cavallo para encarar orgulhoso á multidão, apresentando-lhe uma hedionda mascara vermelha e verde, feita de estrabo e de sangue.

Redobrou o entusiasmo, e uma ansia febril apoderou-se dos espectadores.

— Que lo maten! Que lo maten!

E a nuvem dos toireiros acudiu de novo á praça. O toiro, na sua immediata investida, viu-se logo cercado por todos os lados e, arguejante de cansaço, já sem força para os repellir, escarvava a terra com as patas deanteiras.

— Que lo maten! Que lo maten!

Um lugubre toque de corneta deu o signal de morte. Pêla primeira vez, fêz-se no circo um pouco de calma quasi silente, na qual se sentia resfolgar a velha alma espanhola.

E o guapo Torbellino, na sua linda roupa cor de esmeralda, perfilou-se defronte do toiro, expondo-lhe a capa vermelha, debaixo da qual se escondia a lamina fatal. O adversario, de cabeça baixa, a arfar com o corpo todo, recuava defronte d'elle, negando-se á provocação; mas os capinhas, tanto o instigaram e tanto o enredaram nos seus mil ardis, que o condemnado foi afinal collocar-se deante do Matador, em posição favoravel para receber o supremo golpe.

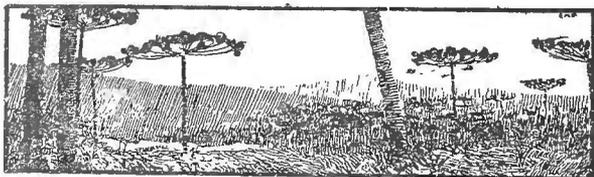
Torbellino não deixou fugir a vez. Aprumou-se, mediu o bote e, com um gracioso salto de mestre, enterrou-lhe até os punhos a espada na raiz do pescoço, por entre os cornos.

A arma ficou no corpo do ferido, e êste estacou, como surpreso do que se passava por dentro d'elle. O Matador approximou-se então da sua victima, puxou-lhe da cerviz a ensanguentada espada e bateu-lhe com ella desdenhosamente na cara.

O toiro deu ainda um arranco, que era já de moribundo, a cambaleiar, cruzando as pernas da frente, e foi cair ao lado do ultimo cavallo morto.

Levantou então a cabeça e abriu os seus olhos de animal vindo ao mundo para ser bom e forte. Da boca escorria-lhe sangue, mugiu soturnamente, e nesse mugido ia toda a lamentação de sua alma simples pelos campos verdes e amigos, que elle tivera de deixar para vir morrer allí tão cruamente nas mãos de barbaros.

E poi fim, deixâdo pender a cabeça sobre o flanco do companheiro de sorte, suspirou muito repousadamente como um ente humano quando adormece.



## A MATTA MALDICTA

### I.

O Rosendo, num rompante, esbarrou a mula á porta da casinha da Belmira. Depois, dando um geito nas abas largas do chapéu molle, entrou para a sala e foi abraçar com ternura a rapariga. Mas recuou logo, espantado. Que era aquillo? Que frieza era aquella? Pois elle viera de tão longe, da fazenda, para encontral-a naquella tristeza? Dissesse...

Belmira foi levantar o pavio da candeia de azeite, sem dar resposta. Mas o caboclo insistia, já meio maguado com aquella secura.

— Que é que você tem, Belmira?

A rapariga olhou-o, desapontada e medrosa:

— Eu acho bom você não ficar hoje aqui, Rosendo.

— Mas porque?

Não! Não convinha!... Elle sabia: O Zé Pedro quando bebia um pouco, ficava maluco. E ella já soubera, que; desde a *boquinha* da noite; o Zé Pedro andava a fazer *estrepolia* pela cidade. Era capaz de vir, pela madrugada, como costumava, bater á janella. Se encontrasse homem, desfeiteava, brigava, queria botar para fóra... Se fizesse isso, já não seria a primeira vez: e ella, Belmira, não queria saber d'aquillo.

Fôra sempre uma rapariga bem vista das vizinhas: não queria dar motivo de queixas. Não! Não convinha que o Rosendo ficasse!... Era para evitar... Viria outro dia, um dia qualquer em que o Zé Pedro não estivesse com a cabeça cheia de cachaça.

O matuto relanceou, com orgulho, o olhar para a garrucha e a faca, na cintura, e deu um muchôcho:

— Ora, um homem é para outro!

Mas não! Ella não queria briga em casa...

Rosendo cortou-lhe a palavra com um gesto definitivo:

— Eu vim e fico! Se elle vier cá, peor para elle... E ficou.

Tirou o chapéu, dependurou o pala no prego do portal e foi ao quintal despejar num caixão dous litros de milho á mula *Guariba*. Que aquelle vagabundo viesse! Havia muito que já não se gostavam por causa da Belmira; pois acabava de uma vez com as rixas... Que viesse! Não tinha a fama de valentão do outro, porque nunca matára

ninguem; mas não tinha medo de homem. Quando estava no seu direito poderia vir quem viesse: — achava gente! E depois, aquillo tudo era medo, era bobagem da Belmira! O Zé Pedro vinha lá nada! Estava, talvez, a uma hora d'aquella, estendido na cama, lá em baixo, na cidade, a cozinhar a bebedeira, como era de costume. A Belmira, coitadinha, tinha razão... Ella não queria saber, de questões em casa, porque aquillo a desmoralizava. Mas Zé Pedro naquella noite? Zé Pedro vinha lá nada! E esteve conversando com a amante até tarde. Quando se foram deitar passava das onze.

Para a madrugada, Rosendo acordou em sobresalto, ouvindo um ruido, fóra, na rua, perto da janella. Desconfiado, poz o ouvido á escuta. Era uma voz de regougo, desconnexa e arrastada. Num susto, reconheceu a voz grossa do Zé Pedro. Segurou com força a garrucha debaixo do travesseiro e chamou baixinho a rapariga:

— Belmira, Belmira, o Zé Pedro está ahi...

Belmira levantou-se de um pulo. Que horror! Ella bem dizia! Ouviram-se pancadas na janella e a voz do Zé Pedro estourou fóra:

— Abre essa droga!

Belmira poz as mãos na cabeça:

— Ai! meu Deus!...

Estava perdida! E correu para a tozinha, estonteadamente, com a roupa debaixo do braço, a vesti-la atarantada, sacudida do chôro e susto...

No meio do quarto, só, tremulo, com a garrucha na mão, Rosendo esperava.

— Abre essa *gronga*, senão arrombo!

Rosendo continuava calado. E as pancadas continuaram mais fortes.

— Abre!

Então o caboclo de dentro respondeu para fóra, num largo desabafo de peito:

— Aqui não se abre nada!

— Então, arrombo!

— Arromba, se és homem!...

Um murro secco estalou e a janella franzina se escancarou ao luar! A cabeça do Zé Pedro appareceu, e logo um braço, e outro braço, numa escalada furiosa.

— Pára ahi, ladrão! — trovejou Rosendo.

O outro não respondia e bufava, esforçando-se para transpôr a janella, fungando, ancioso, roçando o peito no peitoril, os olhos chammajantes de raiva.

— Pára ahi, ladrão!

E levantava o braço, engatilhando a garrucha. Zé Pedro, num resfolegar continuo, num desespero, galgava com os braços, com o peito...

— Pára ahi, ladrão, senão te mato!...

Zé Pedro subia. Apoiou a barriga; num aranco poz um joelho, outro joelho, um pé...

— Pára ahi!

...Outro pé... la pular...

Um tiro atroou na vastidão calada da noite...

## II.

Rosendo montou rapidamente a *Guariba* e tocou a galope pela estrada poeirenta. Esporeou o animal com furia. Em breve as ultimas casinhas da cidade tinham desaparecido.

Meia legua de caminho já tinha ficado, quando, á sua frente, o horizonte foi tomando uma vaga coloração, o céu branquejou, os campos vastos em torno, foram apparecendo, as montanhas crescendo ao longe, as arvores surgindo, aos poucos, por entre a neblina da manhã.

Metteu a *Guariba* a trote, para rememorar o que tinha feito. Como fôra aquillo? Porque tinha disparado a garrucha tão de repente? Como é que tinha matado Zé Pedro? Que estupidez tinha feito! Não podia esperar que elle entrasse, agarral-o, tomar-lhe a arma, dar-lhe muita pancada e depois deixal-o com o corpo retalhado de chicote, do lado de fóra? Porque, então, não fizera assim, elle que nunca pensára em matar?! Mas que horror! Matára mesmo! Sentira a queda do corpo cahindo pesadamente na rua. E estava perdido! Era um assassino!

E agora como havia de ser? E sua mãe, que seria d'aquella pobre velha, lá naquelle ermo, ao abandono, sem poder trabalhar e sem ninguem que lhe fosse levar um pedaço de pão? Que seria agora da sua propria existencia, agora, que viveria andando, errantemente, de terra em terra, de fazenda em fazenda, sempre perseguido pelos soldados, sem descanso, sem um momento de socego? Sim, que seria? Na cidade, áquella hora, já sabiam de tudo... O crime era fallado em todas as esquinas; o seu nome, que fôra sempre tão respeitado, já andava de bocca em bocca, manchado com uma maldição! E os soldados já lhe haviam sahido á procura, farejando pelo rastro fresco da *Guariba* na poeira da estrada, humedecida pelo sereno da noite. E vinham sem descanso, dous, tres, quatro, de *bonets*, terriveis, armados de carabinas, a perguntar, aqui, alli, "se não tinham visto passar o criminoso!"

Para attestar o crime, o corpo do Zé Pedro lá ficára estendido no chão, com uma bala cravada no peito. Podia ir para onde quizesse — encontraria sempre a mesma perseguição...

E a esta idéa, Rosendo chegou mais as esporas de prata no peito suado da *Guariba*. Era preciso

fugir, correr para muito longe, chegar a uma terra onde fosse desconhecido, e assim, talvez escapasse da cadeia.

A *Guariba* trotava largo, fazendo estalar as ferraduras no chapadão duro do caminho. O sol já tinha subido, numa gloria, para a esplendencia do azul, e o caboclo tocava sem descanso. E fazia trotar a mula, subindo comoros, descendo outeiros, ora sumindo-se na curva ensombrada da estrada, ora sahindo para a amplidão desolada dos campos.

Deixou campinas louras rutilando ao brilho do sol ardente, varou mattas escuras, cortou o entrelaçamento espinhado das capoeiras, embrenhou-se pelo coivalar dos cerrados, atravessou corregos e corregos, atirando de passagem, na liquescencia prateada, a *binga* de chifre para refrescar a garganta, num gole suavizador.

O sol, durante o dia inteiro, do alto, queimou como um castigo. A' tardinha, Rosendo entrou nos campos da Loanda, que ficavam a dez leguas da cidade, interminavelmente estendidos, interminavelmente verdes. Guiou a mula para uma baixada, á beira de um brejo onde fluia o zigzag fino de um fio de agua. A's suas costas, no poente, o sol já se tinha engolphado por traz das nuvens pardas, espirrando para o alto uns laivos de sangue vivo. Em breve as primeiras sombras crepusculares começaram a envolver os campos, e uma grande tristeza baixou do céu sobre a terra silenciosa. Rosendo subiu a um cupim e estendeu longamente a vista pela extensão morta d'aquellas paragens. A campina se estendia, ampla, arrasada e quieta. Nem uma voz estranha, nem o mais pequenino ruido para perturbar a immobilidade d'aquelle ermo. As arvores se erguiam, recolhidas e tristes, sem o bulicio leve de uma folha. O céu era de uma tristeza infinita e desamparada, arqueiando-se, como a derramar sobre a terra toda a angustia que enchia a solidão.

Só então, Rosendo levantou os olhos para a esquerda e viu, a meia legua, a estrada sombria da Matta das Cruzes, d'aquella matta profunda e maldicta, de uma legua cerrada de arvores e socavões, sem uma clareira, sem o alivio de um pedaço de campo. Era a matta excommungada que o povo d'aquellas redondezas havia cercado de uma lenda apavorante e tenebrosa. Nunca houve um caboclo, por mais valente e *sarado*, que ouzasse atravessal-a, á noite, sem rolar morto por uma grota. Contavam de muitos que lá entraram, em noites de lua, e nunca mais sahiram. E d'ahi a dias, era nova cruz que se levantava, no sitio onde se presumia ter desaparecido o teme-

merario... Elle mesmo, Rosendo, sabia do Mamede, d'aquelle caboclo decidido da Serrinha, que escorára tantos homens na ponta da sua faca matuta, e que um dia lá amanhecera, esfaqueado e rígido, com os dentes arreganhados. Ouvira também fallar do Rabello que, perseguido pelos soldados, certa noite quizera passar a matta, lá se sumira e nunca mais voltára.

E elle, Rosendo, d'alli a pouco tinha que romper pela matta sinistra fóra, na escuridão da noite. Não podia ficar do lado de cá. Era uma noite perdida, o mais que preciso para a policia chegar. Era preciso romper, custasse o que custasse! Conhecia o caminho, já passára por lá, de dia, tres ou quatro vezes. Do outro lado, logo ao sahir ao campo, á raiz da matta, ficava a casa do Liberando. Descansaria lá meia hora, para comer qualquer cousa, e em seguida, tocaria... Era preciso seguir: E Rosendo montou. A noite já tinha cahido, negra e profunda. O caboclo já não via mais a Matta das Cruzes, que se sumira na treva cerrada. Foi pensando na morte que tinha feito e teve medo. Tremeu. Sentia um pavor horrivel ao approximar-se á travessia perigosa. Veiu-lhe á mente excitada a figura do Zé Pedro, bebedo e morto, com os olhos terrivelmente abertos a clamar por vingança. Tinha matado!... Quem sabe se não seria atacado e morto na matta por um inimigo estranho?

Ao enfrentar a matta parou a mula um momento. Pensou. Mas era preciso seguir! De um arranco atirou o animal para a frente apertando-o com força nas esporas.

Cobriu-o uma abobada de arvores agigantadas e sombrias. Mergulhou medrosamente pelos caminhos sulcados pelos carros de bois. Não enxergava um metro á frente. A noite estava cada vez mais negra e mais soturna. A matta era um silencio interminado, desolado e lugubre. A mula tropeçou num galho secco, elle sentiu um arrepio percorrer-lhe todo o corpo. Já havia andado meia legua seguramente. Cada vez se entranhava mais no silencio e na treva, e cada vez apertava com mais anciedade o animal. Não podia olhar para traz: parecia-lhe que qualquer cousa o perseguia, aquelle inimigo da lenda, para vingar a morte do Zé Pedro. Começou a suar frio... A *Guariba* resfolegava, doida, tonta, cançada, a arquejar e a romper..

Vagamente, elle divisou na treva, de passagem' os braços abertos de uma cruz. Era aquelle o trecho assombrado.

De repente, sentiu que o animal encolhia as ancas, dando um estirão medroso para a frente:

Um frio de terror gelou-lhe as carnes. Levou machinalmente a mão á faca, na cintura, mas ficou sem acção. E sentiu distinctamente, horriavelmente, que qualquer cousa grossa é asqueiosa, com um bafo quente de sangue, pulára na garupa e o agarrava pelo paletot. Quiz voltar a cabeça, mas não pode. Estava estarecido sobre o arreio, sem forças, transido, a cabeça ardendo, num pavor mortal, as mãos tremulas e frias, o corpo gelado... E fincava as esporas desesperadamente, e queria avançar e avançava, queria livrar-se d'aquelle bicho sanguisedento e cruel, que já lhe arranhava as costellas com as unhas afiadas. Um suor glacial descia-lhe abundante da testa em fogo e o corpo lhe tremia todo, enregelado e duro, sem um movimento, fincado no lombilho como uma estaca.

E o medo crescia e o terror augmentava. E o porco immundo já lhe penetrava as carnes com as unhas ponteagudas e o estreitva já nas mãos lamacentas e cabelludas, roçando-o, roçando-o, ferindo-o, num encarniçamento de gula allucinada, numa fome selvagem, num desespero feroz. E elle apertava furiosamente a mula, fincando no sovaco, no peito que era já uma sangueira toda a roseta da espora. E a *Guariba* avançava, soprando ruídosamente, avançava, tropeçando aqui, tropeçando alli, desvairada, sempre para a frente, sempre para sahir d'aquelle inferno. E fincava sempre as esporas, rangia os dentes, apertava—como um recurso supremo—o cabo da faca na cintura, porque queria arrancar-a da bainha, virar o braço e espetar, socar, socar com a ponta, socar, escortaçar aquelle monstro estranho e pavoroso, que o agarrava e que o ia matar. E a mão, segurando a faca, ficava immovel, ficava pesada e não conseguia arrancar-a, não conseguia movel-a! E atraz, o bicho insaciado enterrava as unhas com mais gana, com mais violencia, já o abraço maligno envolvia-lhe toda a cintura e, em breve, seria derrubado por terra, arrastado para o seio da matta, morto num ataque doloroso de que não se podia defender. E o pouco de energia que lhe restava empregava nas pernas, arquejante, num esforço desvairado e supremo, a enterrar as esporas, para avançar, avançar sempre!... Mas sentiu que as pernas iam fraquejando, ammollecendo, bambas já do esforço continuo, e que a *Guariba* ia também afrouchando a carreira desenfreada, tropeçando a todo o instante, como a querer cahir. E o suor descia-lhe sempre da cabeça em braza, ensopando a roupa, e o corpo era a mesma pedra inerte e gelada, incapaz de um movimento. E para a

frente era a espessura absoluta da treva e elle não via nada do que o cercava, não sabia se estava longe, se estava perto da sahida d'aquella matta amaldiçoada e demoniaca. Sabia que ia cair, ia ser arrastado, esmagado, espedaçado e morto. E o bicho atroz continuava, destruindo e ferindo. O bafo era agora mais quente e mais vivo, mais irregular e mais forte. Era um cheiro nauseante de sangue que sahia d'aquella bocca escancarada, que ia começar a comer d'alli a pouco, a comer, porque era um monstro que estava louco de fome!... De repente como um allivio, sentiu na treva uma vaga clareira; e, logo á frente, a dez metros, na baixada, um fogo á porta da casa do Liberando.

Cambaleando em cima do arreio, já quasi morto, sentindo nas costas, a agarral-o sempre, o porco horrendo e sujo; num ultimo esforço, encostou a *Guariba* á porta da casinha, e deixou-se cair para o chão, pesado e inerte. O Liberando e a mulher, apavorados, correram, e levantaram o corpo do chão. O dono da casa conheceu logo o caboclo. Que significava aquillo?

Rosendo, desvairado, febril, apontava para as ancas da *Guariba*, batendo o queixo:—Lá...lá... Liberando foi examinar. Mas que era? Não havia alli nada!

Deitaram-o no quarto da sala, e a mulher correu para arranjar remedio. E toda a noite, delirando, foi aquella perseguição dolorosa! Via-se á beira do brejo, no campo, do outro lado da matta maldicta, ao cair da tarde triste, já medroso de atravessal-a. Depois a noite negra, como um prenuncio de desgraça, estendida pela terra... Depois a travessia sinistra... o ataque... a resistencia desesperada... o mesmo frio de morte e tranzir-lhe o corpo... E a perseguição do bicho cada vez mais encarniçada, e as unhas a penetrar-lhe a carne... e elle a debater-se, a querer livrar-se... Depois, a sahida subita, na clareira, e as pessoas conhecidas...

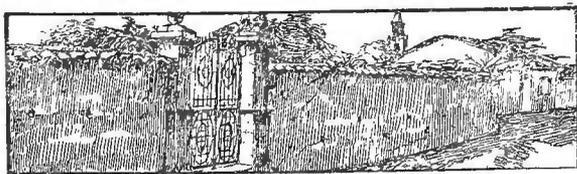
Em seguida, via-se de novo no seio mysterioso e escuro da matta tenebrosa, na mesma anciedade, no mesmo pavor. E, de repente, já não era o porco objecto! era um cadaver ensanguentado, de rosto livido, o cadaver do Zé Pedro, a perseguil-o tambem, com um riso atroz na bocca escancarada, e a gritar:

«— Abre esta droga! Abre esta droga!»

E depois a mesma sahida, o mesmo fogo salvador.

Já manhã, não conseguira ainda dormir. Tinha o corpo moido, por certo ensanguentado, e a cabeça ardía-lhe na mesma febre devoradora. De repente, ouviu pancadas na porta da entrada. Levantou a cabeça: no mesmo instante, viu o Liberando correr para abrir. Tres homens entraram de bonets e reflex. Eram os soldados. Pôz as mãos na cabeça. Estava perdido!

BAPTISTA JUNIOR.



## O NATAL DE FREI GUIDO

Isto foi no tempo de S. Francisco de Assis, o doce asceta, o bardo contemplativo e lyrico, o frei amante da natureza, que chamava o lobo seu irmão e as aves suas irmãs e suas irmãs tambem as flores da terra e as estrellas do céu...

Num dos conventos, que elle fundára, havia então um joven moço, de nome Frei Guido; era um bello frade, alto e magro, de barbas louras e figura suave; diziam-n'o sabedor de muitas disciplinas, mas os seus ademanes eram modestos, quasi timidos. Muito mettido consigo, só fallava quando era preciso; ás palestras da comunidade preferia o commercio dos livros na sua cella, e as longas meditações taciturnas, em que extases divinos o vinham por vezes consolar. — E todos lhe queriam bem, os religiosos pela sua piedade e brandura, a gente de fóra pelas maneiras cortezes com que elle tratava pobres e ricos, e pelas muitas obras de caridade que fazia. Mas poucos lhe conheciam o timbre da voz, e quando elle sorria era de modo vago e distraído; como de pessoa cujo pensamento anda por longe...

E assim o iam deixando viver tranquillo, sem maiormente perscrutar os segredos da sua indole. Mas o superior do convento, o velho guardião, que, preposto ao governo de tantas almas, devia estudar mudamente cada uma dellas, levava não raras horas a fio scismando nesse genio original de Frei Guido. Por virtuoso o tinha de certo: mas por que de ordinario era elle tão calado, e se apartava constantemente dos outros? Dir-se-hia triste: e tristuras num bom servo de Deus a que proposito vinham? O Santo Patriarcha queria discipulos que aceitassem com animo forte o jugo do Senhor, alegres sempre, embora austeros. Não haveria alli fumos vãos de orgulho? Que é commum derivar o homem negras melancolias da excessiva preocupação de si mesmo. Ou seriam tormentos de concupiscencia, revolta dos sentidos ainda não de todo domados?

Pois tentações de tal ordem quando assaltam o justo, sóem prostrar-lhe o espirito em grandes desmaios e abatimentos...

Varias provas ensaiára já o cauteloso guardião e de todas sahira victoriosa a virtude de Frei

Guido: mandara-o beijar o chão de bruços, ciliar-se e açoiar-se em publico, lavar os pés a seus irmãos de habito, dormir sobre as lages do adro em noite de vento e chuva, fazer os serviços mais rudes e materiaes da casa; a tudo elle se submetera sem murmurar, simples, docil, diligente. Mas o severo director daquellas consciencias mais proximas da perfeição evangelica que as da gente mundana, ainda não se dava por satisfeito; havia de expor o moço frade á sua experiencia última e decisiva.

Ora, precisamente aquelle dia era vespera do Natal; era a noite feliz, *la noche buena*, como a denominavam os castelhanos. Todos no convento e nos burgos visinhos se aprestavam a celebrar dignamente a festa popular e universal, uma das poucas que não eram apanagio exclusivo dos senhores e potentados mas traziam prazer tambem aos corações humildes. A Igreja do mosteiro estava adornada sumptuosamente a despeito de serem pobres os religiosos, — pois uma cousa era o exiguo interesse delles, a parca e insossa alimentação, a estamenha grosseira e remendada, outra era a necessidade do culto, para cujo esplendor nada havia demasiado. E para altares, paramentos e alfaias, fidalgos devotos e opulentos lhes offertavam dons de valia. A multidão enchia o templo; plebeus com as suas vestes grossas de valenciana e bifa, nobres, com seus gibões e capeirotes de velludo, damas envoltas em mantos de seda com forro de branca armelina, todos assistiam igualmente recolhidos aos officios divinos; canticos sagrados reboavam harmoniosamente de arcaria em arcaria em espiraes azuladas de incenso e centenas de cirios ardião por todos os lados.

*Deo gratias!* E, terminada a missa, dá o orgão os accordes finaes. Todos voltam jovialmente para suas casas; têm pressa de rir e folgar com parentes e amigos diante da ceia copiosa no conforto do lar bem aquecido — tanto mais que o inverno vai rude ali fóra e os caminhos a perder de vista estão brancos de neve sob o luar mortiço. Nos castellos, nos palacios e nas herdades de em torno começam os sarões de dansas e trovas que durarão até amanhecer: e nem nas mais desmanteladas choças dos pastores serranos falta o ódre de vinho ou a marmita a rosñar sobre as brasas crepitantes. Mesmo no convento, os rigores da disciplina se abrandam por algumas horas, os frades tambem são homens, mercê de Deus e o bom Jesus nasceu para todos. Treguas ao jejum e á penitencia! No espaçoso refeitório,

de onde a fome sahe geralmente mal aplacada, vêem-se hoje iguarias finas, pão branco, pucaros de leite e mel, e no meio o bolo tradicional, a immensa torta dourada e fumegante.

Até Frei Guido, usualmente tão concentrado, parecia ter abandonado com gosto a consultação dos livros e a mudez das suas intimas cogitações, para tomar tambem parte na alegria commun. Já muito expansivo e animado, encetara calorosa pratica com varios noviços e professos, discutindo pontos subtilissimos de philosophia e dogma com basto dispendio de *distingos* e *ergos*, enquanto esperavam o signal de entrar para o refeitório.

Ora, exactamente quando ia começar a ceia, já rezado o *Benedicite* e posto cada um no seu lugar, o velho guardião chamou Frei Guido e lhe disse:

— Irmão, tomai já o manto, e o bordão de viagem, e ide de minha parte ao Mosteiro principal de S. Bento, saudar o Dom Abbade e os seus monges. Vêde se podeis chegar lá antes de nado o sol.

Os frades todos estremeceram de espantados; até o decano octogenario, acostumado ás surpresas da ferrea disciplina, fez um gesto irreflectido de assombro. A ordem do prelado era absurda; tinha mais visos de zombaria que de cousa séria. O Mosteiro principal de S. Bento distava mais de cem leguas; como havia o pobre do Frei Guido chegar lá antes de nado o sol? E demais que idéa singularissima a de mandal-o jornadas penosamente numa noite como essa — na entre todas santa noite do Natal — pelos caminhos brancos de neve sob o luar mortiço!

Só Frei Guido não proferio palavra, nem se lhe alterou a placidez do semblante. Deixou o seu lugar, foi inclinar-se ante o guardião, para receber-lhe a benção, e tomando o manto e o bordão de viagem, partio.

## II

Eil-o vai, açodadamente. Desertas são as estradas; quem se atreve a affrontar tão damnado inverno?

Eil-o vai. O vento gélido lhe corta as faces; as arvores despidas de folhas reflectem tristemente sobre a neve os troncos encarquilhados e tortos.

A principio Frei Guido vê ainda cá e lá a claridade das casas onde se canta e se baila; rumores festivos sahem dellas, e perdem-se na solidão da noite. Mais além o monge viandante divisa no cimo dos montes as luzinhas escassas das choupanas de zagaes, e escuta virem de lá notas tremulas e rusticas de flauta, cascalhar de adufos,

trechos de trovas sentidas como suspiros. Os mastins de guarda ladram á sua passagem. Depois, nem isso. Está em pleno campo.

Faz uma hora que caminha. Não encontra viva alma; mas, que ruidos extranhos são esses que lhe chegam aos ouvidos?

Dir-se-hiam murmurios, cochichos como de quem falla em segredo, risinhos abafados e malignos...

De subito, cachinam-lhe em torno gargalhadas asperas, estridentes, como as das bruxas nas orgias do sabbat. Frei Guido pára sobresaltado, e vozes sinistras entram a dialogar ao pé delle, em tom de sarcasmo e desdem:

— E' louco! é louco o pobre frade! ah! ah!

— Aonde vai elle tão depressa?

— Vai ao grande convento dos Benedictinos, ah! ah! ah! E as gargalhadas estrugem.

— E diz qué quer chegar amanhã, ah! ah!

— Chegará... chegará... no Natal do anno que vem!

E as gargalhadas redobram. Mas, depois do primeiro momento de susto, frei Guido percebe de que se trata; sabe como são frequentes estas historias de trasgos e duendes que andam a perturbar no somno ou-nas viagens nocturnas o socego dos christãos; assim se vê a Dama branca, e o cavalleiro renegado... O mesmo demonio apparece ás vezes sob a forma de um dragão, como appareceu a S. Jorge e a S. Mauricio, chefe da legião thebana.

Aquillo não era mais que velhacaria de Satanaz, que forcejava perversamente por despertar duvidas no espirito do monge, e ridicularizar a fidelidade com que elle cumpria o voto da santa obediencia. A sua alma de crente desprezava taes zombarias do grande blasphemio. Ah! diabo malvado e picaro. Com um Padre Nosso e uma Ave Maria havia da fugir para o inferno, corrido e envergonhado! E as gargalhadas cessaram, e as vozes emmudeceram.

E frei Guido proseguio tranquillo pelos caminhos brancos de neve a perder de vista sob o luar mortico.

### III

Trazem as lufadas do vento musicas de toada exquisita; musicas profanas, de cadencia languida

e quebrada, que excitam a fantasia e subjugam a vontade. Musicas taes pelas estradas desertas? Será algum bando de arabes ou de bohêmios? Frei Guido não cabe em si de assombrado.

Trazem as lufadas do vento aromas penetrantes que embriagam; não aroma simples como o das flores no campo ou nos jardins, mas complicados perfumes, intensos e raros, de sapiente composição, como os que se respiram nas salas dos paços.

E agora um sem numero de lampadas escaletes, roxas, amarellas, de todas as côres, se agitam em circulos concentricos, e giram, e volvem, e revolvem, approximando-se cada vez mais de

frei Guido; e approximando-se cada vez mais vêm as musicas de toada exquisita, e mais fortes, mais capitosas se tornam as essencias esparsas pelo ar...

E' sonho? E' delirio da mente enferma?... — pergunta-se o moço frade; e eis o que elle vê ainda para mais pasmar-se e benzer-se.

São mulheres, uma legião incalculavel de mulheres as que sacodem essas lampadas de todas as cores; e desse grupo encantado, que sobré a neve dança em movimentos vertiginosos, vêm as melodias e os intensos, raros aromas.

E um momento, sem dar por isso, frei Guido se vê ro-

deado de todas ellas; bailam-lhe em torno com tal rapidez que elle não pode distinguir-lhes as feições. São apenas figuras indecisas, envoltas numa sorte de nevoeiro, que volteiam, volteiam, e não acabam de voltear. E os sons dos multiplos instrumentos se alteiam mais vibrantes e os perfumes se condensam em nuvens como de incenso e myrrha. E o joven monge sente-se aturdido e tonto; e vacilla como quem vai cahir sem consciencia.

Cessa, porém, o bailado infernal. E então de entre aquella multidão sahe a mais formosa de todas e, acercando-se do frade, lhe diz com voz maviosa:

— Vem connosco, vem, Guido. E's moço e estás perdendo sandiamente a tua mocidade. Eh! Guido, deixa lá conventos e escapularios: deixa isso para mais tarde; que sempre é tempo de raspar o cercilho na cabeça. Pois o mundo tem tantos fulgores e deleites para dar-te, e tu te sepultas em vida entre os muros frios de um

AMADEU AMARAL  
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

## O DIALECTO CAIPIRA

(PHONETICA, LEXICOLOGIA, MORPHOLOGIA,  
SYNTAXE, VOCABULARIO)

Preço 5\$000, Pelo correio, registrado, 5\$500

PEDIDOS Á

Casa Editora "O LIVRO,"  
R. 15 NOVEMBRO, 32-S. PAULO.

claustro. Anda, vem espiares um tanto em liberdade: cerra de vez com seus broches de prata a theologia e o livro de Horas!

— Mulher, respondeu elle friamente, são moucos meus ouvidos para as tuas propostas insensatas. Vai-te de minha vista, somê-te com as tuas companheiras malditas! Eu sei bem o que perdi e o que espero ganhar. Não serás tu que me ensine o modo como me cumpre viver. Nem me sobra tempo comtigo, que sou mandado ao mosteiro de S. Bento, e devo lá estar amanhã.

— Oh! Guido! pois podes tu crer em tamanha parvoice? Não percebes que mofaram de ti como de uma creança? O mosteiro de que fallas é tão remoto que necessitarias mais de um mez para chegar lá, viajando a pé como viajas. O guardião quiz humilhar-te com esse escarneo indigno. Vinga-te delle segundo convem ao pun-donor de um homem que se preza! Vem conosco! Serás feliz: tua existencia correrá toda em prazeres sem sombra de pensamentos merencórios.

Mas frei Guido debateu-se heroicamente, repellio de si as hetairas diabolicas e, invocando o nome de Jesus, e persignando-se muitas vezes, correu espavorido pelo campo fóra...

#### IV

Correndo a bom correr, divisou as torres esguias de um templo gothico, que se aprumavam no fundo alvacento do céu. Os sinos tangiam, tangiam lindamente no meio da noite. As tres largas portas da cathedral estavam de par em par abertas; por ellas e através dos vitraes ornados de imagens e florões, viam-se brilhar milhares de tochas, dando uma claridade festiva como deve ser a do Paraizo.

E um cortejo immenso sahia do templo a passos lentos, alumiado por muitos brandões e lanternas; e entre as solemnes harmonias dos hymnos liturgicos, adeantava-se pelos caminhos brancos de neve sob o luar mortiço. Era um luzido e pomposo prestito. Vinham á frente as solitas confrarias com seus habitos de diferentes cores e feitios; vinham depois galhardas companhias de homens d'armas, arautos e passavantes; seguia-se numeroso clero secular e regular; e, finalmente, carregado por infanções e cavalleiros de mui fidalga nasçença, o vasto pallio de tela d'ouro. Debaixo delle, quatro nobres varletes, magnificamente vestidos sustinham nas mãos os symbolos e emblemas da mais alta dignidade ecclesiastica; o primeiro trazia uma mitra cravejada de gemmas; o segundo um chapéu vermelho de largas abas com bordas pendentes que

arrastavam pelo chão; o terceiro grossas chaves de prata sobre a almofada de terciopelo; o ultimo empunhava o baculo pastoral, ponderoso e finamente lavrado.

E a procissão se dirigia para frei Guido que, de admirado, não sabia que pensar; e já o cercavam, de um lado e de outro, as alas das confrarias e do clero; até a gente do pallio parou deante delle. Então separaram-se da turba tres homens, que pelos trajés e ademanes se conhecia serem de elevada gradação.

— Eu sou o arcediogo, desta veneravel Sé — disse um, apresentando-lhe a mitra e o baculo. A fama de vossas virtudes e de vosso muito saber chegou até nós. Venho em nome dos padres e do povo saudar-vos como bispo desta diocese. A eleição que fizemos foi approvada pelo Summo Pontifice e o Imperador concorda. Assim a vós prestamos obediencia, e protestamos defender até a morte a vossa autoridade.

— Eu sou legado do Santo Padre de Roma — disse outro, pondo-lhe ante os olhos o chapéu vermelho de largas abas. Elle vos tem ha muito em alto conceito, e determinou dar-vos a mais valiosa recompensa que da sua munificencia depende. Por isso, de sua parte vos offereço o chapéu cardinalicio e a magna capa de purpura. Ave, Principe da Igreja!

E o terceiro disse (esse, de idade propecta, era o *vidama*, ou Governador daquellas terras):

— A mim me cabe, Dom Guido, entregar-vos as chaves do castello visinho, — pois, conforme deveis de saber, o Bispo desta Sé é Barão e Conde do Imperio, e exerce dominio feudal sobre o castello e as villas fronteiras, tendo a seu mando hostes numerosissimas. Assim fallando, apontava para um vasto solar, que a pouca distancia da cathedral demorava e tinha, com os seus muros negros e ameitados, carrancudo aspecto, como temerosa fortaleza que era. Dispostos ao longo das barreiras, estavam servos e vassallos, donzeis, escanções, estribeiros, bucellarios, monteadores com seus falcões e nebris, lebreus e podengos. Nem faltava o costumado jogral, agitando o seu sceptro de guizos, fazendo toda a sorte de momos e visagens.

— Aqui vos juramos, senhor, preito e homenagem! — ajuntou, curvando-se, o vidama.

— Excusais de o jurar — disse frei Guido serenamente. Eu não quero ser Bispo nem Cardeal, nem senhor de castellos e villas. Levai a outrem taes cargos; são rudes em demasia para os meus fracos hombros. Eu não passo de pobre religioso, cuja só ambição é servir a Deus obscu-

ramente, e prestar obediencia aos superiores. O Santo Padre de Roma é assás bom para não querer esmagar-me sob o fardo da mitra e da purpura. Mas, se a todo o transe lhe aprouvesse impôr-me tão duro sacrificio, não a mim, mas ao guardião de meu convento, mandaria lettras ou mensageiros!

— Senhor! — exclamou o nobre vidama. Não é de monges rezadores que a Igreja e o Imperio precisam hoje: é de Bispos guerreiros denodados, que defendam o Occidente e façam recuar a mourisma reféce de Mafoma.

— Frei Guido — murmurou-lhe baixinho ao ouvido o que se intitulava legado apostolico — aceitai, por quem sois, o chapéo e baculo! Lembrai-vos que podeis ser Papa um dia e reger toda a Christandade!

— De tal sorte me guarde o Todo-Poderoso — replicou o monge. Deixae-me ir que o meu rumo é outro. Vou-me ao mosteiro de S. Bento, como me foi ordenado...

## V

Já ficavam muito para traz o solar e o templo gothico, e frei Guido continuava em paz a sua jornada, quando um desconhecido se chegou a elle, e puxou-lhe de leve a manga do habito:

— Quanto vos prezo e venero, varão insigne entre os insignes! Bem andastes em recusar aquellas honrarias. Para homens de summo engenho como vós nada valem vaidades e ouropéis, e são cargos difficeis de levar, os grandes titulos.

— Quem sois vós? — perguntou o frade, e da cabeça aos pés o mirava. Era um velho de barbas alvas, embrulhado numa especie de tunica cinzenta e grossa; escondia as cãs sob uma ampla fota da mesma tela.

— Sou cultor da sciencia, frei Guido; busco na terrá e na esphera azul o segredo intimo das cousas. No estudo da natureza, ponderando os factos e investigando as leis, eu attingi verdades nunca antes sonhadas. Sou perspicaz tambem em penetrar o coração humano. Que é comparado a mim? Hermes, o egypcio? Que é o rei Salomão? Que são os philosophos gregos? Eu vou muito mais longe, muito mais longe.

— Bella e nobre cousa é a sciencia, — disse frei Guido como em sonho. E se ha bem que eu ambicione após a salvação da minha, esse é de certo...

— Pois se desejaes possuil-o, vinde commigo, fazei-vos meu discipulo, e num dia, num só dia, eu vos transmittirei quanto aprendi.

O diabo pensava com razão que essa tentação era a mais forte, e por isso a deixara para o fim. Mas, frei Guido tornou muito calmo:

— Se em outra occasião me dêsseis conselho

tão excellente, eu pediria licença ao guardião para acompanhar-vos. Mas agora não posso, que devo ir para o mosteiro de S. Bento sem me desviar desse rumo...

— Mas um dia só—que importa um dia?—descobrir os mysterios dos astros, as propriedades das plantas, os nunca vistos thesouros da alchimia — não vos compensa isso tudo de tão pequena demora?

— Vós que tudo conheceis, lestes sem duvida a Escriptura Sagrada: Recordai-vos do que lá se diz: *O principio da sabedoria é o temor de Deus. Initium sapientiae timor Domini.* Eu vou ao mosteiro de São Bento...

Numa encruzilhada, um grupo de vagabundos assaltou o monge. Dirse-hiam ladrões, eram apenas mendigos.

— Frei Guido! — disse um — vede como sou côxo. Ja caminhei muito; e preciso de caminhar ainda o dobro. Não tenho um bordão em que me arrime.

— Frei Guido deu-lhe o bordão de viagem.

— Frei Guido!—disse outro—soccorrei-me! Tenho os pés feridos de espinhos e cortados das neves.

Frei Guido desatou as correias das suas sandalias e calçou-lh'as.

— Frei Guido!—disse outro ainda, estou tiritando e não tenho nem uma capa velha com que me cubra!

Frei Guido despojou-se do proprio manto e abrigou-o nelle.

O frio era agudissimo; mas o bom religioso ia tão abrasado de caridade e amor divino que não sentia.

— Frei Guido! gereram muitas vezes a um tempo — temos fome! dai-nos um bocado de pão!

Ahi o monge, pela primeira vez nessa noite, tendo desprezado com alegria todas as grandezas do mundo, ficou triste por não ter trazido comsigo nem um bocado de pão na sacola.

Os mendigos foram-se; e frei Guido, tendo-se sentado um momento para descansar numa pedra da estrada, adormeceu sem dar por isso.

Quando acordou, ia nascer o sol; brilhava limpido o céu, sem nuvem alguma, e as tintas da aurora o alindavam. Frei Guido olhou assombrado ao redor de si. Estava num leito de flores. Rosas brancas, vermelhas, amarellas, haviam nascido no meio da neve. E andorinhas chilreavam voando rapidas, em bandos. No cimo de uma collina proxima, o enorme vulto do mosteiro de São Bento apparecia distinctamente.

Então Frei Guido conheceu quanto a sua virtude fôra agradável a Deus, que assim o trouxera milagrosamente ao seu destino, e fizera florir junto delle a primavera em pleno inverno...

# SUPPLEMENTO

## A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

OLAVO BILAC

NOTAS, REMINISCÊNCIAS E DOCUMENTOS

Durante muito tempo, apesar de todas as oportunidades, não desejei ser apresentado a Olavo Bilac. Eu tinha por elle uma grande admiração, e sempre temi approximar-me das pessoas que admirei... Afinal, ha poucos annos, estando no Rio, a afeição que me tinha o saudoso Emilio de Menezes, — afeição que me envolvia e arrastava como um rio impetuoso, — me poz em contacto com o grande poeta. Já nos conheciamos de vista. Bilac tratou-me desde logo como a um velho amigo, com uma cordialidade singela e distincta. Pude então observá-lo de perto e á vontade.

Nenhuma *pose* se lhe notava, embora tambem não fosse homem de faceis e desmanchados abandonos. Sempre bem senhor de sua pessoa, compondo a *toilette* do seu espirito como a do seu corpo, sem jamais esquecer uma conveniência (ou raramente esquecendo-a) como não esquecia nunca de acabar o laço irreprehensível da gravata.

A principio, desconfieei que a sua gentileza pudesse não ser mais do que uma doce hypocrisia, confeitada expressamente a fim de manter os importunos á distancia. Ha uma boa maneira de ser aberto e accessível — sem permittir a entrada a ninguem, sem mesmo permittir grandes proximidades... Mas enganei-me. Bilac era real e espontaneamente amavel. Sem se expandir nem derramar com o primeiro apresentado, era comtudo muito chão e muito tratavel para com todos.

Com aquelles que sabiam tocar-lhe o coração mais no fundo, não hesitava em escancarar, lespreocupadamente, o seu co-

ração e a sua vida. Falava dos seus negocios, dos seus projectos, dos seus sonhos, das suas tristezas, com a simplicidade lisa e clara de um bom rapaz entre rapazes; de tal modo que, em pouco, quem quer que houvesse merecido a sua afeição se sentia inteiramente á vontade na sua presença. A intimidade estabelecia-se mesmo sem que se dêsse por isso. E, ás vezes, depois de uma hora de despreoccupada e alegre camaradagem, em que a gente o ouvira e se fizera ouvir sem attitudes, não se podia deixar de reflectir, a sós, com um vago acanhamento retrospectivo, que o interlocutor de quem nos haviamos separado momentos antes, batendo-lhe no ombro, era, afinal, um dos mais altos espiritos que o Brasil tem engendrado.

Nunca vi joven literato, suando timidez e modestia, falar da propria obra com mais despreoccupação e simplicidade. Um dia, eu, Roberto Moreira e mais alguém, que não me recorda quem fosse, lhe faziamos perguntas. Em vez de se remontar e formalizar como alguém que gosta de mostrar que é um homem complexo, com muitas peças e muitas mólas, muito cheio de considerações e de intencionalidades, atafalhado de theorias e de mistérios, — elle a tudo respondia sorrindo sem hesitação e sem calculo, em poucas e rapidas palavras, naquella sua voz cheia e sonora.

Indagou um de nós qual o motivo porque elle dera certa forma a um pequeno passo de uma de suas mais celebres poesias; e elle, immediatamente: — “Por tolice.” Em seguida, explicou que commetteu no referido lugar uma simples e redonda asneira, sem outro nome e sem nenhuma atenuante; asneira que só corrigira muitos annos depois de dada a publico pela primeira vez...

Esta simplicidade, esta lisura e esta modestia singela e sensa-

ta, sempre a encontrei presente em suas palavras e em suas maneiras.

Na mesma occasião do episodio aqui referido, elle espontaneamente nos confessou, com a mesma despreoccupação encantadora, que levava trinta annos para descobrir que a palavra *hetere*, empregada numa das composições do seu primeiro livro, varias vezes reeditado, era gallicismo crasso, desnecessario e indesculpavel.

Desses erros, todos os commettem. Não ha quem fuja á fatalidade inelutavel de algum tributo á soberana Tolice. Altos engenhos têm roçado pela mais rasteira estupidéz. Raros, porém, são os homens que têm a virtude de confessar as fraquezas do seu espirito e de revelar pelas proprias mãos, sem rodeios e sem ceremonias, os aleijões a que deram existencia. Bilac teve, plenamente, essa virtude e essa coragem. Eis ahi, após outros, mais um traço altamente sympathico da sua physionomia moral.

AMADEU AMARAL.

## Curiosidades literárias

### Autobiographia de MONTEIRO LOBATO

Pedindo-lhe um amigo uma noticia biographica, Monteiro Lobato forneceu-lhe as seguintes notas, que achamos interessante publicar:

«Nasceu em Taubaté, aos 18 de Abril de... 1884. Mamou até 87. Falou tarde, e ouviu pela primeira vez aos 5 annos um celebre dictado:

Cavallo pangeré  
Mulher que... em pé  
Gente de Taubaté  
*Dominus libéra mé*



## MODELO

E' boa e linda, e mais que linda e boa,  
Nobre. A corôa augusta das princezas  
Donra-lhe a fronte ao lado da corôa  
Que provém das olympioas bellezas.

Nobre . . . Não da nobreza que se cõa  
Em veias d'ouro, na opulência presas,  
Mas dessas puras, classicas nobrezas,  
Cuja fama nos seculos ecõa.

Mas se ella tanto é boa quanto bella  
E si ella é tanto quanto bella nobre,  
Sua nobreza cresce mais, quando ella

A sua alma purissima descobre  
E manda-me um sorriso da janella,  
Como esmola que cae nas mãos dum pobre.

## ALMA GEMEA

Seja fidalga on simplesmente seja  
Plebéia vil; purissima ou devassa,  
A sua sombra lubrica me beija,  
Seu espirito candido me abraça.

Louco, siga-a nos ares sem que a veja,  
E vejo-a, sem que a siga, quando passa  
Num ruflo do azas de veloz narcejã,  
Cheia de timidez, cheia de graça.

Si é creatura nobre, creatura  
Nobre serei, pois quero ser, como ella,  
De altiva raça, de ascendencia pura.

Mas, se em logar de aristocrata e nobre,  
E' pobre e simples, sendo assim tão bella,  
Eu quero ser também simples e pobre.

## ALMA NOVA

Voltas de novo oom teu gesto amigo,  
Desafogando as nevoas de minh'alma;  
E a alacridade, o gozo, o riso, a calma  
Voltam de novo, par a par oomtigo.

Bemdito sejas, astro que eu bomdigo;  
Pois me trazes do amor a mesma palma  
E o mesmo puro affecto, que se espalma  
Dentro em meu peito, de teu nome abrigo.

Bemdita sejas, Luz astral do riso,  
Immortal projecção do paraíso,  
Que transformas minh'alma em céu aberto;

Que, oomo a flôr na neve desabrocha,  
Mettes um ninho dentro duma rocha  
E rasgas um jardim sobre um deserto.

## SENHORA

Mandae, emfim, senhora, que eu prometta  
Ser cavalheiro fiuo, lesto e brando;  
Seguir-vos-ei, captivo ao vosso mando,  
Como um planeta segue outro planeta.

E se a etiqueta impõe, preceituando,  
Andar de luvas e casaca preta,  
Eu son, senhora, escravo da etiqueta:  
De luvas pretas e casaca eu ando.

Serei modelo puro na calçada,  
Mais brando, puro, lesto e prazenteiro—  
Que um cavalheiro nobre de embaixada;

E, em vos saudando de mauhá, primeiro  
Oscularei a vossa mão nevada,  
Como compete a um nobre cavalheiro.



NEGRINHA — Monteiro Lobato —  
Ed. da «Revista do Brasil» — S. Paulo,  
1920.

Monteiro Lobato publicou, sob o  
título «Negrinha», uma nova serie de  
contos, dos quaes o primeiro dá nome  
ao livro. Nelle ha de tudo, desde o  
sentimentalismo da pretinha que nun-  
ca vira nma boneca e morre depois  
que a vê, até o ridiculo estardalhaute  
de um grammatico, victima de um  
pronome mal collocado. Entre esses  
extremos, ha um logar para o pathe-  
tico e para o horrivel: — um retirante  
do Ceará, veterano do Paraguay,  
cego e valetudinario, dá com os costad-  
os na Hospedaria dos Immigrantes  
de São Paulo, onde vem a reconhecer  
com inaudita alegria o seu velho capi-  
tão, que lhe restitue com a vista o  
prazer de contemplar a filha, que  
deixará no Ceará, para onde volta  
«nadando em felicidade»; e um preto  
que, deitando olhos pouco respeitado-  
res á sra. fazendeira, é assado á  
ordem do sr., que assim pode offerer  
á mulher, todos os dias, um prato de  
«bugiu moqueado . . .»

Como se vê, «Negrinha» é um livro  
para todos os paladares, dos mais fi-  
nos aos mais gastos, que exigem con-  
dimentos poderosos.

Ha nelle ajuda uma joia — «O jar-

diheiro Timotheo», além de «O drama  
da geada», pagina de effeito.

Em resumo, o autor de «Urupês»  
offerceeu ao publico um bello livrin-  
ho, que vem augmentar a sua gran-  
de nomeada como contista brasileiro.

COIVA'RA — Gastão Cruls — Ed.  
Livraria Castilhos — Rio, 1920.

«Coivára», de Gastão Cruls, é um li-  
vro de grande valor, que injustamen-  
te tem sido esquecido pela critica. O  
autor se revela um narrador, de ex-  
cepçionaes qualidades, ás quaes dá  
largas em meia duzia de contos, que  
se lêem com todo o interesse.

«O nocturno n.º 13», «A noiva de  
Oscar Wilde», «Noites brancas», «O ca-  
çador de pacas», «A morte do sacy»  
são trabalhos de invulgar merito.

DIALECTO CAIPIRA — Amadeu  
Amaral — Casa Editora «O livro» —  
São Paulo.

Entre os livros de mór valia, ulti-  
mamente publicados em São Paulo,  
figura «O dialecto caipira», de Ama-  
deu Amaral. Livro de estudo serio,  
destaca-se entre os mais como traba-  
lho aturado, methodico e constante,  
que não se faz num dia, mas em an-  
nos; como observação sagaz e intel-  
ligente, fructo de leitura e reflexão;  
como, emfim, a primeira tentativa de  
coordenação dos elementos do falar  
vulgar para comprehensão da historia  
da lingua em nosso meio, tanto qua-  
to da comprehensão da alma do povo.  
Assim, «O dialecto caipira», appare-  
cido quasi ao mesmo tempo que «Po-  
pulações meridionaes», de Oliveira

Vianna, colloca-se ao lado deste, com-  
pletando-se ambos. Ao estndo histo-  
rico-social das nossas populações, trou-  
xe a inapreciavel contribuição philo-  
logica, portadora de esclarecimentos  
tambem historicos e sociaes.

«O dialecto caipira», além do copioso  
repositorio de expressões e termos  
consagrados pelo uso em São Paulo,  
encerra o seu estudo summario, posi-  
tivo e esclarecido, que projecta uma  
luz nova sobre as nossas investigações  
linguisticas. Representa um caminho  
novo, que se vem de abrir e que ha  
de ser pisado e repisado.

Já ao nosso estylista não bastará —  
depois de publicado este livro — ir  
buscar aos classicos da lingua os en-  
sinamentos do bem falar vernaculo.  
Quem pretenda escrever com arte e  
vida, com expressão e vigor, ha de  
agora, compulsando os mestres, cote-  
jal-os com esse grande mestre rustico  
que é o povo, de quem nos é dado o  
codigo verbal. De facto, as toscas  
phrases do vulgo, tocadas de toda a  
sorte de contaminações e corruptelas,  
são um inesgotavel manancial de vida,  
força e belleza, que só esperam o la-  
pidario que as trabalha intelligentemente,  
dando-lhes visos de cultura,  
rutilações de joia acabada, para se  
engastarem no phrasear urbano e  
letrado.

Quanto effeito de luz e de arte não  
tirará o artista daquelle barro bruto?  
O estylo se enriquecerá soberbamente  
e a lingua se plasticizará considera-  
velmente. Aos nossos escriptores e  
poetas «O dialecto caipira» presta um  
relevante serviço: — filiar a lingua  
vulgar ao perfeito vernaculo.

EDIÇÕES DA

*Sociedade Editora Olegario Ribeiro*

AMADEU AMARAL		F. T. DE SOUZA REIS	
A Pulseira de Ferro (novella) . . . . .	1\$000	A Divida do Brasil (estudo historico) . . .	4\$000
Um soneto de Bilac (critica) . . . . .	2\$000	WALDEMAR FERREIRA	
MONTEIRO LOBATO		Manual do Commeciante . . . . .	8\$000
O's Negros (novella) . . . . .	1\$000	Estudos de Direito Commercial . . . . .	10\$000
LÉO VAZ		A Hypotheca Naval no Brasil . . . . .	3\$000
Ritinha (novella) . . . . .	No prélo	AUCTORES DIVERSOS	
GUSTAVO BARROSO		O que todo o commeciante precisa saber	
Mula sem cabeça (novella) . . . . .	No prélo	(10.º milheiro) . . . . .	2\$000
A. DE SAMPAIO DORIA		Almanach Commercial Brasileiro de 1918	6\$000
O-que o cidadão deve saber (10.º milheiro)	3\$000	NICOLAU ATHANASSOF	
		Os Suinos, manual do criador de porcos	
		(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . .	3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA É DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR, MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



— Lá, foges, aconselhou-me um, etc.

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos; as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando no mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavolmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito do tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alhoia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados o estreatos, comtanto que tres obras tenham valor e sejam conformes com a feição da NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu lugar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo o só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Accettarems com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

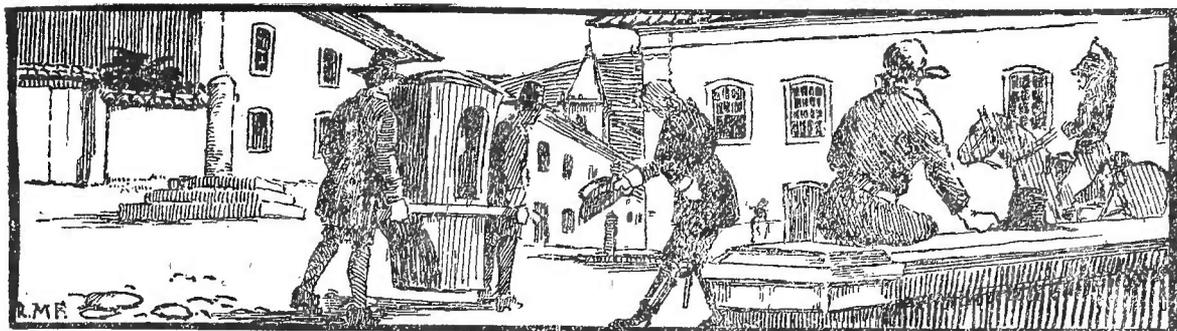
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas da NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas da NOVELLA SEMANAL offerceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 9 de Maio de 1921

NUMERO 2

O SUPER-HOMEM E O  
"TROUXA" — Amadeu  
Amaral.

O DESTACAMENTO —  
Godofredo Rangel.

FRUTA BRAVA — Afranio  
Peizoto.

## SUMMARIO

TERRA PROIBIDA —  
Oscar Lopes.

SUPPLEMENTO — A vida  
anecdótica e pittoresca  
dos grandes escriptores

Monteiro Lobato - B. F.

Curiosidades literarias - Eu-  
clydes da Cunha no Perú.

Vida literaria - A moderna  
orientação da novella.

Os nossos poetas - Os ver-  
sos do Imperador.

# O SUPER-HOMEM E O "TROUXA,"

Julio de Sá passou e repassou distraidamente o guarda-napo sobre os beiços carnudos, distendidos num vago sorriso tranquillo. O companheiro de mesa, que ouvira calado a abundante narrativa, aconchegou a gola erguida do sobretudo, e, com uma voz cujo timbre e cuja toada diziam, antes e melhor que as palavras, a indole de uma filosofia de resignação e de comodismo :

— Mas isso cança, ó Julio, não cança ? De todas essas aventuras, de todas essas idas e vindas, viagens, festas, pandegas e idilios, o que tens tirado, de certo, é a conclusão de que não ha como a gente viver na sua terra, com os seus...

Julio de Sá cravou os olhos nos do comensal, carregando o cenho.

— Estás doido. Eu quero lá saber de socego ! Eu quero lá saber de calma, de paz, de vida metódica ! Não nasci para isso, meu velho.

E o outro, apertando com as mãos a gola do sobretudo, o guarda-chuva entre os joelhos :

— Gostas então de uma vida desordenada e áspera ?

— Quanto mais, melhor. A vida de carneiro não me tenta. A agitação é uma necessidade do meu temperamento. E mais: é uma maneira por que eu entendo, cá por umas ideias, que devo viver a minha vida. Se eu não fosse um exuberante por natureza, seria um agitado por convi-

ção. Para mim a vida que merece ser vivida é a vida ultra-movimentada: movimento incessante, em todos os sentidos ; expansão fisica, expansão afectiva, expansão dos instintos, expansão do espirito ; viagens e lutas, paixões e negocios, prazeres, jogo, carraspanas, arte, mulheres, sport, tudo, é tudo de pressa, sem parar em coisa alguma nem em parte alguma.

— Então, é convicção tua...

— Convicção, sim, senhor.

— Convicção, não, senhor. Dize que tu gostas, que o teu temperamento te leva por aí, que o teu feitio dá para essa vida dispersiva e doida. Convicção, é que não. Que diabo de convicção pode ser essa, ó Julio ! Tu confundes os termos...

— Não confundo nada. O que estou é com a boca sêca. Este diabo de vinho... «Garçon», mais meia garrafa de cerveja aqui para este senhor, e vê se me arranjas aí um «Bourgogne» gelado, mais decente do que essa coisa que me deste ha pouco. Digo-te que não confundo nada. Repito que, se assim não vivesse por temperamento, viveria assim por efeito de uma maneira minha de encarar as coisas. Não sou um simples praticante, sou um teorista da vida superactiva. A existência repousada, assente, dentro de um quadro prefixado, com principios gerais imutaveis e com um programa particular miudamente estabelecido,

é apenas um atentado contra a natureza. A vida do homem não pôde ser uma construção architectonica, com terreno escolhido a dedo, com plantas matematicamente organizadas, com materiais conhecidos, com destinação certa. Toma nota deste teorema negativo: a nossa vida não é uma construção. A nossa vida é apenas isto: vida — uma coisa cuja essência e cujo sentido nos escapam, que nos é superior, que nunca conseguiríamos abarcar nos limites da nossa consciência, porque esta não lhe apreende senão umas pálidas fálhas, nem subjugar á nossa vontade, que só é forte quando se lhe submete a éla...

Todos os princípios morais com que nós pensamos dominar a matéria e o instinto se reparam em duas classes: ou são inerentes á propria indole das coisas, e nesse caso não valia a pena gastar tanto tempo e tanto esforço em compendiá-los, ou são puro artificio humano, inútil e ridiculo como a pretensão de um sujeito que fosse prégar normas de movimento e de orientação ás ondas do mar. De resto, nem podemos saber quais são os princípios que existem na propria natureza e quais os que éla desconhece e rejeita. Não ha normas de vida! Nenhuma norma. Ninguém sabe se o santo que passou pelo mundo empanturrado de virtudes, dizendo palavras de concórdia e de piedade, distribuindo beneficios aos homens, não terá feito maior mal *ao homem* do que o bandido de alma opaca e de mãos mortíferas... Aquele que espalha esmolas e consolações pode garantir e suavizar a existência a alguns que consideraria menos dignos dela; o que cria exaltações e represálias em torno de si coopera para a formação de corações fortes, de almas altivas, de energias indómitas.

E, de pé, batendo no ombro do amigo estartecido:

— A vida é para ser vivida. Viva cada qual a sua vida. A maior virtude que um homem pode ambicionar é a de viver — amplamente, desassombadamente, sem restricções, sem liames, sem dobras, sem receios, deixando livre ao proprio ser o máximo de expansão a que éle possa atingir. Aí tens a minha moral, e aí tens o que eu faço: vivo, num esforço contínuo, numa contínua agitação, sempre fremente, inquieto e anelante, sempre envolto na maravilhosa nuvem das sensações que me mandam os sentidos hiperestesiados, tudo vendo, tudo palpando, tudo experimentando. Vivo, numa palavra, durante o meu fugitivo minuto de existência, a própria vida eterna, magnifica e indecifrável do universo. —

E sabes que mais? Vamos embora.

Julio de Sá tomou o chapéu, e, acendendo um charuto:

— Vais para casa? Pois vamos juntos. Eu não vou a parte nenhuma. Talvez recolha tambem.

E os dois, braço dado, saíram da claridade e da tepidez do bar, mergulhando na cerração da rua, ponteadada de pequenos borrões de luz. Julio de Sá, as mãos enfiadas nos bolsos, a bengala a emergir de um dêles, encostada ao ombro, apoiava-se rudemente ao braço do companheiro pachorrento, e falava sempre, numa voz cada vez mais pastosa:

— Tú não vives, meu caro Lucas, tú não conheces a vida...

O outro tentou uma réplica. Não conhecia a vida que éle, Julio, levava e exaltava, mas conhecia-a por uma outra face, menos fascinadora talvez, mas com certeza mais nobre. Era a vida apagada, subterranea e soffredora do maior numero, a vida feita de sacrificios quotidianos, de desejos contidos, de aspirações imoladas, de sonhos recalçados, de trabalho tenaz, absorvente, esmagador, opiniático, heroico...

E sublinhava com o gesto o ultimo qualificativo. Tinha a sua poesia, pois não tinha? Mas o Julio, feroz:

— Poesia! A poesia do Dever, hein? Que raio de poesia tu achas numa vida artificial, toda de restricções duras, que te foi imposta sem discussão nem consulta, e que assim acceitas e praticas? A poesia da canga... a poesia da polé...

Gaguejando estas coisas, Julio sacudia pesadamente o braço do amigo. E, num repelão forte, que o levou de brusco á parede:

— E' isso que tu achas belo, meu pedaço d'asno?

O amigo pachorrento olhou-o na cara, insultado, e fez o gesto de quem queria desvencillar-se e ir embora. Mas Julio de Sá reteve-o. Ora essa! Já não se podia brincar! Deixasse de tolices. Amigos sempre...

Agora Julio de Sá, com o chapéu atirado para a nuca, pendurava-se ao braço do camarada, resmungando desculpas entremeiadas de elogios e de indirectas. Estava maçador, carinhoso e irritante. Sucumbido sob a dura prova, Lucas ia e vinha, aos boléus, jungido ao braço pesado do boêmio, ao longo da interminavel rua deserta. Passou um carro. Lucas meteu-se nêle com o importuno, resignado a sofrê-lo até que o largasse em casa. Abandoná-lo não podia, não seria decente. Tinha de ser naquela hora o seu arrimo; era o seu protector forçado. O super-homem de-

pendia, naquele momento, do seu sacrificio; sem este, talvez tivesse de dormir na rua, como um beberrão vulgar, ou num posto de policia.

Aos solavancos do carro, sob o ar frio que zunia na coberta, Julio espalhou-se molemente nas almofadas, as pálpebras descidas sobre os olhos mortifcos. E quando chegaram á casa, saltou sósinho, quasi firme, e bateu. Uma luz amarela veju de dentro, por baixo da porta, sobre a soleira. Em seguida silenciosamente, a porta abriu-se, e appareceu o vulto de uma velhinha, vagamente lambido pelo clarão, alongando de sob o chaile traçado o braço que sustentava o lampião caseiro. Sorria, curvada e trémula, na longa resignação de um velho sacrificio. Era a mãe do notivago.

Mas havia no seu semblante e na sua voz um vago e suave resentimento. Julio, como quem está acostumado, não lh'o percebeu. Percebeu-o e comprehendeu-o vivamente o Lucas, que com enfado se atirou para o fundo do carro, depois de uma despedida apressada.

— Adeus, ó super-homem!

— Adeus, ó *trouxa!* Medita no que eu te disse, mastigou Julio de Sá, cuspinhando grosso.

De dentro do carro, numa volta, Lucas ainda viu o filósofo, com um pé na soleira, a acender pachorrentamente um cigarro sobre a chaminé do lampião, que a velhinha lhe baixara á altura do nariz.

AMADEU AMARAL  
(Da Academia Brasileira)



## O DESTACAMENTO

Quasi todo o domingo o Bahiano turbava o scego das Tres Barras esbordoando sua companheira, a Rufina. A bóda era desenvolta, dava corda ao primeiro que encontrasse; e como o Bahiano não era cego e havia deliberado casar com ella brevemente, esmerava-se em trazer sempre limpa a sua honra; lavava-a como podia, a cachação, a porrete, e com isso se tornara o terror ao pacatissimo arraialete míneiro, ao qual se antolhava com a temibilidade de um famigerado facinora. A Camara, a summa potencia local, em consequencia de suas terrificantes façanhas, reunia-se ás vezes extraordinariamente e fazia presão no sub-delegado, o Toniquinho da Candola,

para por cõbro áquelles desmandos. Toniquinho, porém, humillimo boticario de natural pouco bellicoso, magricela, vozinha habitualmente chorosa, explicava aos encanecidos vereadores:

— Se autúo o Bahiano, elle é capaz de me matar!

— Basta prendel-o correccionalmente por alguns dias; insinuavam-lhe.

Crescia a difficuldade. Nem pensar em tal!

O caso, como se vê, punha-o em aperturas. Se os amigos do directorio o não coagissem a servir, Toniquinho já se teria demittido do cargo policial.

A Camara, entretanto, não cedia. Muitas vezes, tomando a iniciativa, ella propria mandava intimar o Bahiano, em nome do sub-delegado. Avisavam a este com a antecedencia necessaria, recommendando:

— Passe-lhe uma descalçadeira energica; e, se o pilhar de geito, zás! tranque-o na despensa. Depois mande-o para a *cadeia*.

Merecia este nome pomposo, o gallinheiro do padre.

Quando o Bahiano acudia á intimação e surgia á porta da botica com o cano da garrucha espiando sob a aba do paletó, o capitão Toniquinho (capitão da Guarda), tremendo, fazia-o entrar para a sala de visitas; tratava-o com toda a attenção, mandando buscar café; e conversava com voz de mel sobre tudo, menos sobre o verdadeiro motivo da citação. O Bahiano, por signal começou a tomar-lhe certa amizade; um dia ou outro elle trazia da roça um frango ou um girivá e ás vezes chegava a pedir-lhe uns cobres emprestados.

Nesses dias, o que mais incommodava Toniquinho, era a sanha de sua metade contra o valentão. Siá Candola era guerreira no trabalho; ninguem soccava mais depressa uma pillãozada de arroz, ou mais depressa lavava e batia uma trouxa de roupa; o réverso da medalha, porém, era seu genio explosivo; esgalgada, pelle em gelhas, dedos aduncos, olhos agudos de ave de rapina, retratava exteriormente a furia que internamente era. Ai do Toniquinho se desattendesse! Na vizinhança, que ella trazia em panico, tinha sempre em andamento sua meia duzia de pendencias; e era mais que certo que todas acabariam em unha-da velha.

Ella, em verdade, é que era subdelegada alli. A inercia do Toniquinho em relação ao Bahiano valia-lhe tremendas descomposturas.

— Ah! se fosse eu! gritava ella. Havia de ensinar! Nasci para ser homem!

E, se acaso lidava com arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.

Por ultimo, quando o Baiano lá estava, era precisa toda a vigilancia do marido para evitar algum despropósito da mulher, que bufava na cozinha, querendo investir para aquelle com a sua maça de combate. Toniquinho supplicava-lhe agonisado, em tremuras:

— Oli! Candola... Veja, Candola... Candolinha!

Toda a paciencia tem limites. Por vezes, ante a insistencia dos camaristas, Toniquinho, tão calmo, exasperava-se e mostrava o punho para longe:

— A culpa tem esse governo, que não manda as praças! Juro que, enquanto não vierem, não mexerei mais com uma palha!

Havia tempos, o directorio fizera pedido d'um destacamento, sem obter solução.

E Toniquinho da Candola começou a mostrar-se tão exaltado, tão energico pela primeira vez em sua vida, falando contra o governo, contra "essa sucia de comedores", que os políticos o admoestavam em particular:

— Toniquinho, você não faz bem em falar assim. Ha tanta gente linguaruda que gosta de intrigar! O governo pode vir a saber.

— Não me importa! que saiba!

Um bello dia a Camara resolveu reunir-se para reiterar o pedido das praças. A concurrencia, como era de esperar, foi enorme, pois, sempre que havia sessão, os tresbarrenses affluam ao predio da municipalidade, acotovelando-se, disputando logares, nunca saciados de ver o impressionador espectaculo dos camaristas, reunidos. E, na verdade, como testemunha ocular, garanto-lhes que era justificada a concurrencia. Apenas quem nunca assistiu a uma sessão em Tres Barras, não sabe o que é solennidade. Fazia correr arrepios pelo espinhaço do observador. Os vereadores eram velhos, austeros, olhar mysterioso e profundo. Quem os visse em volta da comprida mesa graves, silenciosos, acariciando com gestos lentos as longas barbas brancas, tinha a impressão de achar-se no senado romano. O silencio, enorme, pesava no recinto como a paz tumular. Nenhum falava, e não ser raramente, uma voz sussurrante, que lembrava a do sacerdote ao altar. A voz solenne do presidente abrindo a sessão, o tinir da campainha, a leitura da acta, transportavam o espectador, como se fossem o ritual augusto e cheio

de mysterios de uma religião. Os pulmões paravam de arfar, as boccas se abriam, os olhos não se fartavam de pasmar, enquanto lentos e graves os senadores acariciavam as barbas interminaveis.

Explicava-se por essa fórma o consideravel prestigio de que gosava a edilidade em Tres Barras. Ultimamente havia uma nota dissonante, que ameaçava tornar-se para esse prestigio a eiva do celebre vaso trincado. Nos derradeiros mezes andava na ordem do dia de todas as sessões, um projecto que mandava entupir no pasto de um dos vereadores, o Manoelzinho Junqueiro, certo rego rasgado de má fé, para onde fugiam aguas dos terrenos do agente executivo. O dono do rego recalcitrava, chegando ás vezes a erguer asperamente a voz contra os companheiros, no recinto, em risco de fazer-se impopular. Os outros emittiam opinião em longas reticencias desfavoraveis ao Manoelzinho, e em olhares irresolutos, sem atrever-se a approvar o projecto, cuja votação era sempre protelada. Em muitas sessões até nada se falava a respeito; em sua eterna irresolução, limitavam-se os camaristas a olhar para Manoelzinho, ao passo que Manoelzinho fincava os olhos no tecto, furioso, entrincheirado em sua pirraça, dando a entender que não cederia uma linha. Debalde a expressão angustiosa de toda a assistencia lhe dizia sem palavras: "Manda entupir o rego! Ora, manda, Manoelzinho!" elle fingia não comprehender; e dést'arte, permanecendo a causa da discórdia, reinava constrangimento nas ultimas sessões. Ao casmurro, já o alcunhavam, pelas costas, de Manoelzinho do Rego; por signal que elle damnou ao sabel-o.

Quando a Camara se reuniu para tratar novamente da vinda das praças, o germen da discórdia tomou vulto, porque Manoelzinho dissentiu vehemente, com palavras acerbas contra o subdelegado, que era todo dos outros camaristas. Como embirrava com o negocio do rego, embirrava semelhantemente agora com o caso das praças, recusando de antemão sua assignatura a tudo que com elle entendesse. Essa attitude ínesperada, causou surpresa e alarme; teceram-se infindas conjecturas sobre o que poderia motiva-la, propalando-se que na politica local se tramava ás escondidas um principio de dissidencia. Soube-se mais tarde que era medo de soldado, o pueril terror que a farda inspira a todo o mineiro de bibocas arredias da civilisação. Nisto os outros vereadores se mostravam mais progredidos, porque, quanto ao pedido das praças, malharam de rijo,

resolvendo, nessa sessão e ultteriores realizadas com o mesmo fito, dirigir petições sobre petições ao governo, reforçando o primeiro pedido. E tanto se implorou, insistiu, exigiu, foram taes as supplicas e empenhos; que, porfim, numa bella manhan, desembarcou o destacamento, entre o panico de uns e regozijo de outros, na estação do modesto logarejo.

O acontecimento deu brado. Manoelzinho do Rego, vergonhosamente derrotado, retirou-se furioso para sua fazenda. Dessa data em diante embirrou em não apparecer mais em Tres Barras. Apenas se abalava para cabalar votos nas cercanias, tramando uma insidiosa dissidencia. O patriotismo local, ao contrario, rejubilava, acceso em legitimo orgulho pelo melhoramento adquirido. Quando o destacamento em peso, um cabo e duas praças, carabinas ao hombro, passo marcial, atravessou o povoado, olhares derretidos em pasmo pousavam-se sobre elles, acompanhando-os até aonde a vista alcançava, como presos á trajetoria de um meteoro raro e miraculoso.

Com essa numerosa milicia, todos se sentiam garantidos e fortes. Ao menor bate-bocca, exclamavam os contendores: "Hoje você ha de dormir no pau!". E com essa perspectiva, os agravos se desaggravavam sem rixas, o punho levantado para esmurrar não abria o angulo ameaçador do braço, contente cada qual com roncar em voz sinistra: "Hum! você já me conhece!" E as proprias linguas taramelavam menos. Valia-se o patrão d'essa consideravel força, para exigir submissão do empregado e a sogra sonhava noites a fio, com o genro preso e algemado. O proprio nivel das conversações se elevava; os que eram seu poucochinho eruditos, traziam á baila as guerras celebres da Historia, rememorando Napoleão, Alexandre e as façanhas dos Doze Pares de França.

Quanto ao vigario, esse implicou. Padre Ganqueiro era um cincoentão rubicundo, sujeito a frenesis, amante de proferir sermões terroristas, em que fazia horrendas descripções das tachas infernaes. Suas furias rhetoricas traziam cada domingo á missa numeroso rebanho de fieis. Tres Barras era o que se podia chamar nm povoado devoto. Pois não é que com a chegada das praças rareavam os frequentadores da igreja? Todo o mundo andava com a cabeça no ar, esquecido de Deus e das obrigações de maior monta. Por isso, padre Ganqueiro desatinou. Poz-se a berrar ao pulpito barbaridades contra a republica e contra o casamento civil, apregoando, em furia apocalyptica, para muito breve, o fim do mundo e o Juizo Fi-

nal. Tudó debalde! O povo não assentava a cabeça, e a deserção se fazia mais sensivel de domingo para domingo. Datava d'essa época sua ligação politica com o Manoelzinho, a quem ia ver frequentemente, tendo com elle infindaveis conciliabulos, conservados em sigillo hermetico.

Com o divorcio da Igreja, a Camara tremia em seus alicerces; todavia, não dava o braço a torcer, confiante na victoria. O destacamento afinal, era seu, como tambem o era o subdele-do Toniquinho.

Toniquinho? Não... Esse agora não era de ninguém. Não sahia mais de casa, sómente entrevisto confusamente no fundo da botica, fazendo-se de atarefado, a aviar receitas imaginarias. Disfarçava d'este modo o terror que lhe inspirava a má catadura do cabo commandante. Tambem o modo sacudido com que cada manhã o brutamontes lhe dizia, rigidamente perfilado, renteado com a mão a pala do boné: "Sr. capitão, comunico a *vossuria* que não houve novidade!" P'r'ó diabo! Toniquinho, o imbelle Toniquinho, não queria saber de nada d'isso. Deixassem-n'ó viver obscuramente em companhia de suas pacificas pilulas, pois não tinha velleidades de mando. Não succedia o mesmo com siá Candola, sua terri; vel metade; sentia-se agora poderosa, invencivel, resuscitava rixas velhas, encrucia as novas, trazendo panico á vizinhança dos quatro lados. Um panno que voava para lá, um frango que passava a cerca, não precisava mais para que ella, esquecendo o pilão e a barrela, mettesse a mão á ilhargá e descompuzesse céos e terras, com vocabulario adequado, a imagem feliz, a elocução fluente, e encorpada de timbre, todo esse primor de perfeição que apenas sabe proferir a bocca das comadres litigiosas que já teem, na fé de officio, um longo tirocinio de rugas.

Chegara, afinal, o dia do Bahiano. Num domingo, em pleno largo, espancara novamente a amasia. Fôra o caso, que na vespera elle a pilhára com um fula de quem já tinha velhas desconfianças. Machucara-a bastante "no sufragante", e já haviam feito as pazes; mas, no outro dia, entre os fumos retroactivos de uma cabreuva "braba", preparada com restilho, lembrava a offensa recente, mal perdoada, e segundava a surra, descendo-lhe o guatambú purificador. A noticia correu num atimo e o povo affluu ao largo, para saborear as consequencias. Emquanto o pau cantava, centenas de olhos inquiriram a rua do quartel á espera das praças.

Subito houve reboço. E' que apontara ao longe a farda de um soldado. Vinha ás pressas, teso no seu uniforme de dolman vermelho e calças brancas, refle no boldrié, os braços para deante e para traz. Chegara um pouco tarde, pois o caboclo já descansava o pau, tendo posto a honra limpa e a Rufina contusa e ensanguentada. Mesmo tarde, era ainda de admirar que viesse, por não ser pequena proeza atrever-se alguém a levar a noticia ao cabo commandante. Ao vel-o sentado na calçada do quartel, com o olhar carregado, a pulir a monstruosa carabina, os que tinham como trajecto forçado aquelle trecho de rua, passavam de largo, no andar apressado de quem arrisca. Pois houve um decidido o Zé Cotia, pannelleiro; foi dar parte, resolutivo, gritando, de uma certa distancia ao commandante:

— Sô cabo, ha um guaiú lá no largo!

O cabo encarou-o com expressão severa:

— Você não estará contando rodela? Veja lá!

— Juro pela alma do defunto meu pae, affiançou o Zé Cotia.

Então, mal humorado, o commandante ordenou a um dos subalternos que ouvira a parte:

— O' João, vá ver que estrumela é essa.

E como o pannelleiro se fosse pisando:

— Você, alto ahi! Vá com a praça mostrar o lugar.

O soldado apertou o cinturão e abalou com o mensageiro. Vendo-se em tão temerosa companhia, Zé Cotia tremia por si proprio; mas depois de vencido um pedaço de caminho, como nada lhe succedia de alarmante, e tranquilizado pela affabilidade do João, que se mostrava de boas avenças, chegando a tirar com elle Zé um dedo de prosa, seu terror transformou-se em nobre orgulho; media o passo pelo do soldado, copiando-lhe o entono marcial; e se encontrava um conhecido, olhava-o sobranceiro, sem cumprimentar.

E assim alcançaram o largo.

O policia avançou para o Bahiano, no meio da expectativa anciosa do povo.

— Esteje preso! disse.

O caboclo botou-lhe de travez um olho enfezado.

— Quem é que está preso?

— Não se faça de besta! E' você mesmo! retrucou o João desembainhando o espadim.

Como unica resposta, Bahiano volveu-se para a Rufina:

— Péga na trouxa e bamo s'imбора.

— Bamo s'imбора é uma conversa! tornou a praça. Então resiste á prisão?

— Ora não me arrelie, sô coisa!

E, ao dizer isso, Bahiano virou-se para elle com catadura ameaçadora.

O soldado amuou. Metteu o refle na bainha e, sem dizer palavra, voltou-lhe as costas, altivamente, tomando o rumo do quartel.

O povo, electrizado, aguardava os acontecimentos. Cruzavam-se commentarios:

— Foi buscar reforço, opinava um.

— Esqueceu-se da carabina, dizia outro.

— Que o cabra é chegador.

— Não foi por medo, isso não!

Entrementes, rebocando a amasia aos repellões, Bahiano seguia a estrada da fazenda. João e a outra praça, em marcha accelerada, foram topal-o já para fóra do povoado. Numerosa chusma acompanhava-os, ao passo que os tresbarrenses mais precavidos fechavam as janellas, de receio dos tiros.

— Esteje preso! conclamaram as praças, fazendo alto.

— Ora deixem de arrelia, que eu não tou bão! e o Bahiano coçou o cabo da garrucha.

A policia, affrontada, fez meia volta, retomando o caminho do quartel.

O povo ao principio ficou pasmado, como quem não comprehende; porfim alguém murmurou: "E' medo!" A essas palavras quebrou-se o encanto e abriu-se a valvula aos commentarios peyorativos. A farda começava a perder o seu prestigio. Um sussurro de descontentamento escoltou as praças em todo o percurso da volta, fazendo-lhes errar o passo. No quartel o cabo commandante estrilou com os subalternos, chamando-lhes a vergonha da farda e ameaçando recolhê-los ao batalhão. E a fraquejar infernalmente resolveu-se a acompanhá-los.

Restituiu-se ao povo uma parte de sua confiança, quando o destacamento em peso apontou na extremidade da rua. Infelizmente já não era a passagem triumphal do costume; mas as dimensões formidaveis das carabinas, e o reluzir das bayonetas caladas, reduziam os commentarios malignos. Onde o borbórinho de descontentamento era maior, o cabo carregou o kepi na testa, com um ar terrivel, o que, em verdade, foi agua na fervura.

Quando distancearam os curiosos, o commandante repetiu suas invectivas contra a cobardia das praças; e com brios "estumados", repisava a estribilho:

— Vivo ou morto, havemos de trazer o homem.

Aqui é preciso salvar o prestigio da farda ou morrer.

E com isso, fóra do povoado, iam vencendo estrada, no encalço do criminoso. Afinal avistaram-n'o muito ao longe, numa volta. Perceberam que nesse momento o Bahiano parou, como a esperal-os. Elles tambem pararam.

— O homem teve medo, por isso foi-se raspando para a roça, disse João.

— Désta feita sabia que vinha mesmo, commentou a outra praça.

Quanto ao cabo, nada disse, porque estava a coçar a cabeça, irresoluto, pesando motivos. Voltarem sem o Bahiano, reflectia, seria cahírem no ridiculo e merecer as chufas de toda a população. E trazerem o criminoso á força, era empresa difficil, pois tinha fama de cabra chegador, de comprar e pagar, d'esses que não olham a consequencias. Podiam estar certos de que resistiria, e ás direitas. Que fazer?

E o cabo coçava a cabeça. Depois começou a coçar o queixo. Porfim espetou o dedo grande nos dentes de cima, quedando-se cogitativo nessa postura.

— Que é que vocês acham? desembuchou, ao cabo de certo tempo. Podíamos daqui mesmo fazer um tiroteio contra o Bahiano.

A idéa, nascida murcha, cahiu sem discussão.

Então, numa inspiração suprema, o commandante puxou o revolver e disparou um tiro para o ar. Os seus inferiores fizeram o mesmo. A chusma dos curiosos, espantada, debandou ao longe, ao passo que o Bahiano, bravateando, teimava em esperar no mesmo sitio.

Um ronco sahido da beira da estrada, attrahiu-lhes nesse momento a attenção. Era um bebedo a quem o estampido das detonações despertava em sobresalto. E sabe Deus de que somno comprido! Pois o Tobias de sô Pedro, quando se punha a cozinhar a pinga, era obra para uma fieira de dias. Havia não sei quanto dormitava naquella beira de estrada, pouco sensível ás intempéries, pois attenuava-lhes o effeito com o seu velho chapéo de pello, que o uso fizera conico como um funil. Assim, fosse o tempo, agradável, armava-o no embigo, e todo se gozava da suavidade da luz e do calor; se o sol feria a vista, ou o relento peneirava humidade, removia-o do embigo para a cara, e ficava allí debaixo como quem armou tenda e dentro se agasalhou a seu seguro.

— Que está fazendo ahí, siô traste? vociferou o cabo, de pessimo humor, dando-lhe um pontá-pé.

O bebedo, mal desperto, ria e babava, sem falar, mal podendo abrir os olhos, que acabavam exactamente de sahir debaixo da tenda.

— Esteje preso, gritou o commandante, com uma voz terrivel. E, se resistir, han!

Resistir! O borracho nem pensava em tal. O diabo é que elle não se aguentava nas pernas. A poder de sacões e cachações e de uma serie de “não se faça de besta!” os dois subaltein-os vingaram mettelo em pé.

— Para o quartel! Marchar! commandou então o cabo.

Era difficil obedecer; mas, a fazer suas cambetas, e com o auxilio das praças, afinal foi andando, sempre a rir e a babar, numa alegria infantil de ir daquelle modo, quasi carregado.

Foi um triumpho o regresso, um triumpho imprevisto, pois acontecia que o Tobias de sô Pedro era por demais conhecido vagabundo, pedinchador de “ajutorios”, ebrio habitual e ladrão de gallinhas. Uma vez que o Toniquinho o trancafiava na “cadeia”, não é que elle achara geito de abalar alta noite, com uma duzia de aves do revei-endo nas pontas de uma manguara? Quando o padre Ganqueiro deu pelo “destroço”, chegou a proferir blasphemias pretas, capazes de infernar a alma do santo de maior santidade. Por um triz que não privou os poderes publicos tresbarienses da inestimavel enxovia. Desde esses tempos sumira-se o Tobias e eis que voltava agora inopinadamente com escolta, para pagar as feiissimas culpas!

Com a importante noticia, logo esqueceu o Bahiano. Mal soavam, no principio, vozes esparsas: “Uai! Pois não é outro? Cadêlo o Bahiano?” ao que se respondia vagamente que afundara no capoeirão, baleado. Depois, esqueceu totalmente. Só se falava no Tobias, no famigerado Tobias, que afinal ia pagar as falcatruas.

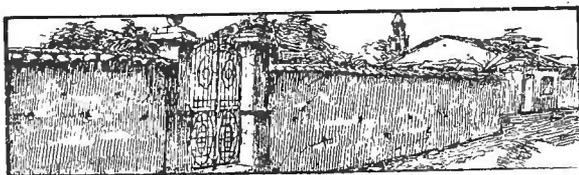
A noticia voou electricamente de ponta a ponta do arraial; e em todo o percurso, debruçados das janellas, confluindo das ramificações da rua principal, por onde havia de passar o preso ladeado pela força publica, agglomeravam-se, movidos pelo mesmo profundo interesse, todos os moradores do povoado. E todos glosavam animadamente o succedido. Ora o Tobias! o larapiador de gallinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cahir na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, finham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança publica?

Como se vê, a exultação não podia ser maior;

por isso ficou sempiternamente memoravel, nos fastos da modesta povoação mineira.

E foi assim que d'essa data em deante se firmou definitivamente o prestigio do destacamento policial de Tres Barras, para maior orgulho e segurança dos habitadores do arraial. O facto teve toda a sorte de consequencias felizes. A noticia da prisão do Tobias chegou aos ouvidos do Bahiano com tão terrificos pormenores, que o cabra abriu o pala para terras remotas, levando consigo a Rufina, sem coragem de tornar a pôr o pé no povoado, em dias de sua vida. A captura serenou o ecclesiastico, que no domingo seguinte elogiou do pulpito as praças. Exerceu salutar acção sobre o proprio directorio; pois o gesto magnanimo da Camara, esquecendo depois d'isso a questão do rego, valeu reconquistar-lhe o Manoelzinho, que dizem já fez as pazes, e está disposto a voltar, mais dia menos dia, a Tres Barras, para affirmar publicamente, em plena sessão da Camara, sua solidariedade com os antigos companheiros de directorio.

GODOFREDO RANGEL



## FRUTA BRAVA

Havia um mês que o não via. Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa? Vagamente soubera que um caso sentimental o occupava, desde a chegada da provincia, mas, como não me dissera nada, de nada indaguei. E' imprudente saber dos amores dos outros: causam sempre inveja, ou desdem, e a gente se aborrece ou descontenta os amigos. Mas que se ha de fazer numa tarde desoccupada?

Tomei o bonde e saltei numa pensão do Catete. Elle estava. Fui atravessando corredores e aposentos e, por fim parei diante d'elle, absorto, com os olhos pregados no macisso imponente do Corcovado, estampado em negro no lusco-fusco da tarde que morria. Apesar da penumbra do quarto, pareceu-me ver na sua phisionomia o vinco profundo de um soffrimento. Alheia-se, olhando parada e estupidamente para fora, para a vida tranquilla das coisas, como a fugir.

— Em que pensa?

— A vida, meu amigo, é uma historia... inverosimil, o que é mais. Pobre imaginação que inventa casos pueris, quando elles, tragicos até o sangue, comicos até as lagrimas fervilham por ahi!...

Senti que uma confidencia chegava. O meu animo curioso em ouvil-o, sensibilizava-se, por que agora, além de vivido, tinha o seu caso, o caso do meu amigo. Um dos seus, devia dizer, por que, reparo, ha pessoas predispostas a estas aventuras na vida. Eu o desejo muito, mas o meu é vulgar e indifferente, como uma folha de papel branco.

— Conta lá! Ha sempre pausa de soffrimento na confidencia. Aproveite...

Elle se dispoz a isto. Mas, bom narrador, até da propria magua, não annunciou coisa espantosa. Ageitou-se sobre a cadeira. Parou um instante, e começou:

— E' preciso dizer do principio. Você que é sertanejo, exilado e nostalgico, lembra-se de uma d'aquellas caminhadas arduas pelos nossos carrascos ou chapadas bravias, queimadas de sol, em que as leguas se ajuntavam ás leguas, no indefinido dos desertos, sem uma sombra demorada, sem uma frescura de aguas? Aqui e alem, ao alcance do braço, os ramos despidos expandem-se em flores tristes e fructos extravagantes. Como a bocca secca implora uma gotta de humidade, tenta-se alcançal-a, levando aos dentes, mordendo e provando as frutas silvestres. A voz sollicita do camarada intervem:

— Meu amo!... é perigoso provar fruta brava...

E com a segurança do seu empirismo, mais forte do que as nossas sciencias vacillantes, o conhecimento do tropeiro se resume um aphorismo:

— Fruta do mato é venenosa!

E embora a bocca se torça muitas vezes no travo do tanino, se encha d'agua ao azedo do summo, ou dôa na ardência das sementes... instantes depois, de novo estirada, torna a ancia desse azedume, dessa dôr, bemditas no meio do deserto, porque concedem a satisfação de uma curiosidade ou de uma distracção, no indefinido das distancias, com a variedade dos encontros imprevistos...

São frases... Repare como as frases criam estados de alma, tão deliciosos de serem avaliados, como dolorosos de serem vividos... Assim, meu amigo, na banalidade de uma capital de provincia, oscillando entre o vasio de minhas preoccupa-

ções e o tédio dos meus sentimentos, surgiu um dia, inesperadamente, uma mulher. Não sei de onde vinha. Como as flores silvestres não tinha arrebiques de cultura, mas era fresca, engraçada, desenvolta, independente como as flores do campo, sem jardineiros, adubos, tutores, nomes de convenção... tinha, a mais, o que é tudo, perfume, que é o sentimento. Vim-nos, olhamo-nos longamente, penetrantemente, durante uma festa de igreja. E passamos, e nos perdemos. Procurei-a, nos dias immediatos, com empenho, mas não logrei encontrar-a. Descorçoado, no despeito do insucesso, entro uma noite em casa, quando o criado, o unico companheiro de meu lar provinciano, diz-me, com rosto bregeiro:

— Ha muito tempo ahi está uma senhora, á espera. Disse que o senhor sabia quem era...

Tive um sobresalto. Bateu-me o coração apressado, num desejo. Seria ella?

Entrei e na meia luz discreta de minha sala, vi-a de pé, junto ao sofá, de onde se levantára quando minha mão torcera o fecho da porta de entrada. Mas, incoherente com a sua posição decidida, uma voz suave, entrecortada e por vezes velada, disse-me:

— Desculpe-me ter vindo. Não sei onde tinha a cabeça. Não pude resistir. Mas já me posso ir embora...

Não contava com esse introito. Achei-o simples e eloquente. Estupidamente, fiquei calado. Ella mais decidida então, continuou:

— Vi-o algumas vezes. Ha alguns dias vim-nos. Senti que havia alguma coisa nova em minha vida. Quiz reagir, mas não pude. Fugi, viajei, mas aqui estou. Sou uma tonta. Vim vel-o. Desculpe-me. Posso agora ir-me embora...

— Não. Fique um instante. Andei tambem á sua procura. Não pude esquecel-a, da vez que a vi. Este momento é deveras agradável para mim...

Não foi um momento que ella ficou, mas definitivamente. Não sei de uma ligação mais franca, mais prompta, mais original. O resto se afinou pelo começo. Você não imagina! Você não sabe que furia sagrada a nossa. Só o nome é commum com esta flor de estufa, que é o amor elegante, meio "flirt", meio decepção, ou esta flor de montureira, o amor galante, meio-espasmo, meio-nojo. Tenho vivido um pouco, e entretanto não o conhecia...

O meio provinciano, bisbilhoteiro, enredava-me. Foi preciso de apressar a vinda para o Rio; trouxe-a. A principio amedrontada, depois confiante. transplantei-a. Em poucos mezes, a flor silvestre

tinha-se domesticado e viçava num vaso de porcellana, feçoada nas modas e nas maneiras, como se houvera nascido numa chacara da Tijuca ou num jardim de Botafogo. Lembrou-me a Dubarry, tambem flor do campo, que Versailles viu, sem a transição de aprendizagem, entrar na corte, duqueza e cortezá.

No intimo, para a banalidade da minha vida, entre a Camara e a esquina do Watson, das intrigas politicas aos escandalos mundanos, ella ficou a mesma flor do matto, o mesmo fruto bravo, de gosto bem raro, sempre com ansia apetecida, como os gravatás asperos e providenciaes das estradas sertanejas.

Do seu passado quasi nada soube. "Nasci, vivo, desde o dia em que te vi. Morrerei no dia em que não gostares mais de mim. O mais não me importa!"

Alpha e ômega podiam ser falsos: uma sequencia de desejos, emoções, arrebatamentos, desesperos, de beijos que vertiam sangue, espasmos que tinham a imagem de morte, diziam numa continuidade e uma ascenção que eu soffria a felicidade. As minhas occupações, deveres, interesses eram apenas o intermedio apressado e malsoffrido como os trechos urentes do caminho sertanejo, entre as pausas de um goso violento e incansavel.

Houve pausa. Na meia sombra que já era, divisei entretanto, que os olhos do meu amigo se fechavam ás ultimas palavras. Estirou os braços, num gesto languido de desejo e preguiça amorosa, um instante, como evocando esse tempo. Eu tive a sensação diabolica que elle gozava ainda a lembrança do que fora... Ia, porem, pungir-se na saudade do que passara... e não volta mais.

— Como não me era licito sahir sempre com ella, principalmente de dia, enamorada do Rio e dos seus armazens de modas, sahi muitas vezes só e, ao volver, me dizia:

— E' quasi impossivel a uma senhora andar hoje nas ruas. Você não imagina quanta gente mal educada tem esta cidade. Uma mulher desacompanhada parece-lhes presa facil, e assim, ao longo das ruas, na porta das lojas, nos corredores das costureiras, na estação dos bondes, sentados ao nosso lado, são indiscreções admirativas, cumprimentos inesperados, propostas indecentes, que fazem irritação e vergonha. Chegam a seguir, a acompanhar, saltar no mesmo ponto, parar de frente da porta, até escrever... Não fosse medo de um escandalo já teria quebrado leque e sombrinha num destes atrevidos...

Eu comprehendia isto perfeitamente. Ella era

bonita e bem feita, vestia-se bem, tinha ar esquivo e modesto de provinciana; de outro lado os cavalheiros do Rio sofrem da falta de educação e da falta de mulheres. Comtudo, nunca me inquietei porque tinha confiança n'ella e conhecia que não me era possível educar os rapazes finos da Carioca.

Um dia, á tarde, um pouco mais cedo do que de costume, fui vel-a. Ao chegar ao patamar da escada, a criada que a servia passava e, sem que eu lhe perguntasse nada, um tanto confusa, disse-me:

— A senhora sahio... Creio que foi á costureira...

Ah! as costureiras... Parece que as creadas já conhecem a desculpa classica. Mas eu não desconfiava de nada. Tranquillamente affirmei:

— Eu espero...

E fui varando pelo corredor, abri a antecâmara que faz de sala de espera de seus aposentos. A porta que dava para o quarto estava fechada. Ensaiei o fecho: estava trancada. Olhei pela fechadura: estava a chave por dentro.

Se a criada não me tivesse falado, pensaria que estava dormindo, mudando de roupa e não me inquietaria. Ensaiei novamente o fecho, com resolução. Ouvi passos que se aproximavam. A chave deu uma volta, e a porta se abriu... Um homem, fardado, um official de marinha, extremamente pallido, estava deante de mim.

No primeiro momento não vi mais: tive uma sensação rapida de tudo, objectivada naquelle homem de pé que me defrontava.

— Estou ás suas ordens... Chamo-me F..., primeiro tenente da marinha. Devo-lhe porem dizer mais... Não me desculpo. Explico. Sou um desastrado, um louco. Vi esta senhora, ha dias na rua do Ouvidor... segui-a, acompanhei-a, falei-lhe, escrevi-lhe... todos os dias. Nunca me attendeu com um olhar, um gesto, uma palavra. A principio indifferença, depois indignação. Hoje passava deante desta casa; como tenho feito estes dias todos — tenho-o visto varias vezes... — quando a vejo só, á janella. Não reflecti, galguei as escadas, não respondi á criada que me indagava do que queria, abri a primeira porta, abri ainda esta e achei-me diante d'ella. Falei-lhe, repelliu-me. Ameaçou-me de gritar, de dar escandalo. Fechei a porta resolutamente, disse-lhe que não a queria pela violencia, mas apenas dizer-lhe umas palavras... ir-me-ia depois. Um escandalo deixaria na duvida sempre uma cumplicidade... um homem dentro do seu quarto... Este argumento

foi decisivo... Comecei a falar, a dizer as loucuras que tenho na cabeça, ha dias. Ouvi os seus passos, o fecho da porta agitado freneticamente... ella que se atira desesperada sobre o leito, a chorar... eu que abro a porta para lhe dizer estas palavras, que são a absoluta verdade...

Após uma pequena pausa, diante da minha ironia despeitada de descrente...

— Não tenho nenhum direito a merecer a sua confiança. O que lhe disse é, porém, a absoluta verdade. Aquella senhora está pura para mim, como minha mãe. Ha uma apparencia desgraçada produzida pela minha loucura. Sou um homem de honra e estou disposto a dar-lhe todas as satisfacões.

Como eu tomasse um attitude de desdem brincando com a corrente do relógio entre os dedos, elle atravessou a portada, fez-me um cumprimento rispido e repetiu:

— F..., official de marinha, Flamengo 20, ás suas ordens.

E sahio. Não lhe dei palavra.

Dei mais um passo, notei a ordem do quarto e vi-a apenas, cahida de bruços sobre o leito, chorando sem ruido, com a face sobre os braços cruzados, agitando o busto de quando em quando por um soluço mais fundo. Olhei tudo aquillo com desdem, ou despeito... Mais desdem, que despeito. Accendi um cigarro com lentidão affectada, para dominar a minha indignação... e ia sair sem uma violencia... Mas não pude, ou pensei não poder: automaticamente, impulsivamente, todas as fezes do meu character se revolveram cá dentro e sahiram numa injuria de viella, num calão de bordel. E lhe atirei a palavra de insulto.

Sahi. Mas não volvi a casa. Chamei um carro e mandei tocar para longe. A passo, para a Gavea! para Copacabana! para o inferno! Caminhe, não me pergunte nada! Errei assim toda a noite, até se cançar a parelha. Quiz pôr em ordem os meus sentimentos, minhas ideias e não pude. Havia dentro de mim um demonio a espiçar-me. Quando a intelligencia lucida ia recompondo a scena e achava coherencia nas palavras que ouvira, o maligno, no intimo, friamente, ironicamente, insinuava-me: ingenuo! E crescia e fervia dentro de mim o despeito, a indignação, o asco, a raiva, feitas de uma perversidade, de uma villania, de que não me suppunhacapaz. O amor proprio offendido, embora apenas por uma apparencia — como isto é barbaro! — deixa a besta deçaimada para todas as violencias, brutalidades, torpezas!

Depois andei febrilmente, andei até exgottar o meu despeito e a minha raiva no cansaço.

Dormi profundamente. Ao acordar, tarde, no outro dia, tinha o corpo moido numa fadiga extrema, a alma cansada, como se viesse de soffrer longa doença moral. Estava inerte, vencido. Já não tinha odio : apenas desprezo. A mesma brutalidade, com outro nome, aspecto diverso. E tinha uma resolução. Ha resoluções feitas para todas as situações. A gente já não resolve por si ; uma serie infinita de outros brutos, outros idiotas, já codificou uma resolução para todos os casos. E' seguila ! Eu tinha, pois, minha resolução :

— Não admittir explicações... Eu não era um ingenuo... A mulher de Cesar é a mulher de todo o mundo — nem sequer suspeitada ! Não a queria ver mais. Eu era um homem digno !

E com toda a emphase humana pronunciei varios termos sonoros e limpos... dignidade, brio, asseio...

Como para me conformar a estas deliberações, barbeei-me, banhei-me, vesti-me, almocei. Eu era um homem ! Não sahi, porém. A' tarde o criado trouxe-me um cartão de mulher, de nome desconhecido, sob o qual estava escripto a lapis : «Preciso absolutamente dizer-lhe uma palavra.»

Haveria connexão com a minha aventura ? Talvez. Devia receber ? Não. Eu era um homem : não queria explicações ! estava decidido, minha resolução era inabalavel !

Mandei entrar.

Era uma senhora sympathica e discreta. Cumprimentou-me com a cabeça ; sentou-se na cadeira que lhe offereci ; fiz um gesto de quem estava disposto a ouvil-a.

— Venho falar-lhe de Rosa...

Era inevitavel ! Era a comadre, a intermediaria, a pannos-quentes...

— Ah, não !, interrompi, violentamente. — E' inutil continuar... Eu deveria imaginar que haveria uma... onze letras... para a accommodação !

A mulherzinha levantou-se indignada.

— Perdão... O senhor não tem o direito de insultar-me, a mim, uma mulher, que não lhe posso responder á insolencia, e de mais em sua casa...

Gosto de mulheres fortes. Envergonhei-me da minha brutalidade ; foi agua na fervura do meu arranco.

— Peço-lhe desculpas. Comprehende o meu estado de espirito desde hontem. Diga o que quer, mas previno-lhe que é absolutamente inutil qualquer tentativa de conciliação.

— Não foi a que vim... Conheço de mais o bruto orgulho dos homens, que só amam atravez do seu amor proprio. Não é disso que me vim occupar. Devo, porem, para que me acredite, confiar-lhe antes os meus sentimentos a respeito da sua crise. Creio que gostava muito, e ainda gosta da Rosa. Sei disto por ella mesma, nas raras confidencias que, curiosas de affecto e companheiras de casa, viemos a fazer. Ella gosta do senhor, até a morte. Estou certa pelo que sabia antes, principalmente pelo que soube depois.

Um gesto de impaciencia de minha parte, fêla comprehender que enveredava por caminho desagradavel.

— Não irei lá... Depois do que houve hontem existirá entre ambos, sempre, uma duvida a os infernar, se se podessem unir de novo, ate os separar, miseravelmente. Melhor vale agora. Deixe contar-lhe um caso pessoal.

O seu modo de falar, preciso, correcto, a sua simplicidade e elegancia de trajar, predispuzeram-me a seu favor sympathicamente, talvez superior pela condição e pelo soffrimento á primeira idéa que me occorrera.

— Em meio de uma vida de desvario depois que abandonei meu marido, o meu primeiro engano de mulher, encontrei alguém a quem o acaso a principio, um doce habito depois, uma paixão retribuida em seguida me uniu na unica felicidade que já gozei. Era casado, com dois filhinhos, uma esposa moderada, em todo o caso tolerante. Não lhe perturbei a paz domestica. Maltratei-me, venci-me no meu feroz exclusivismo amoroso e subjugué-me á situação de o amar só quando elle podia ser meu. Fui-lhe absolutamente fiel desde ahi. Os metes conhecidos, os meus amigos de outro tempo, espantaram-se de minha virtude intractavel. Evitava-os, não lhes permitindo que me frequentassem. Um dia, um delles, um delicioso rapaz que tão mal empregava sua primeira afeição e desde antes do outro ia á minha casa, fala-me, pede-me para deixar-me ver, conservar-se-ia á distancia, seria meu amigo, não me seria nocivo nem importuno. Apenas isso, ver-me... Tudo o que, o senhor deve saber, com que se finge o amor dissimulado e vigilante. Num noite estava só, enervada, saudosa, triste, havia tres dias que não via o meu amigo, quando me entra por casa o outro, o rapaz, com os seus pés de lã de amoroso sem pretenções, e fala-me, fala-me, lentamente, sentidamente... Por fim, convida-me para um passeio; era tarde, em Copacabana, não haveria indiscrição, uma companhia

apenas affectuosa, voltariamos quando eu quizesse, viriamos innocentemente como fomos. Não sei como me deixei enganar; julguei-o, e era, incapaz de uma ousadia, como eu de uma fraqueza. Cedi, reluctante. Fomos, passeiámos simplesmente, castamente. Quasi meia noite voltamos. Fazia calor na cidade e na praia de Botafogo. O meu companheiro imprudentemente fez descer a capota do carro. O nosso destino depende ás vezes de um gesto imprudente destes. Rua Marquez de Abrantes. As luzes do Largo do Machado. Vazia a praça: apenas no passeio tres pessoas.: um velho empregado dos bondes e... um homem e uma senhora... Quem havia de dizer? Sim, "elle" e a mulher... Ha verdades inverosimeis. Preciso jurar que a despeito de ter entrado em casa e ter persistido como o meu amigo me deixara havia tres dias antes; a sua convicção absoluta foi que eu lhe mentia, tinha outro amante, que até me conduzia desafortadamente a passear, de carro descoberto? Não houve entre nós explicações. Evitou-me sempre, a despeito de uma encanizada tenacidade posta ao serviço da minha defesa. Não houve meio, não me quiz nunca attender. Silencio... , indifferença... responderam sempre á minha perseguição. Assim tres annos. Enviuvou, mas não mudou de proposito. Um dia no «High-Life», sentado em uma mesa, vejo-o solitario, num canto. Approximei-me resolutamente. Não me evitou. Disse-lhe tudo, toda a verdade. Ao sahir acompanhou-me, subimos para um carro, rodamos para minha casa. Na porta quiz deixar-me. O cocheiro assistiu á manifestação da minha sinceridade, sem palavra. Desatei a chorar. A porta se fechou sobre nós. Imagine depois o que foi, pensando num desejo, quasi uma raiva, de tres annos seguidos. Tárde, muito tarde, cuidamos em dormir. Fechei os olhos pensando nisso, mas vi-o que se sentava na cama:

— Que tens?

— Tu me perdôas que te diga?

— Dize...

— Tu não és mais a mesma... Como me enganei!

Houve um grande silencio. Uma claridade enorme fez-se em minha consciencia. Vi-me por dentro. E o que é mais, vi-o tambem, senti-o.

— Tu me perdôas que te diga?

— Dize...

— Tu não és tambem mais o mesmo... Como nos enganamos!

De facto, não eramos mais os mesmos, haviamos de ter mudado, um para o outro. Como não nos amavamos mais, e bem tristemente nos

convencemos, vimo-nos ainda algumas vezes. Somos amigos, simplesmente, indifferentemente amigos...

Houve uma pausa. Senti no abafamento de sua voz ás ultimas palavras, a emoção da sua saudade. Continuou: — Se amou a Rosa, se a ama ainda, pela raiva de sua suspeita, é ainda uma maneira de amar, não tente debalde conquistar uma felicidade que passou... Não corra atraz de uma decepção... Ao fim de muita lida e talvez muito soffrimento, o desengano lhes daria talvez malquerer. Melhor vale romper agora...

Calou-se de novo. Compreendi que a verdade falava pela sua bocca. Mas a minha desconfiança pareceu-me perguntar: — Mas porque aqui está? a que queres chegar? Ella mostrou comprehender.

— Mas não vim a isto. Contando-lhe a minha historia quiz justificar a sinceridade de meu pedido. Não sou alcoviteira ou a onze letras do seu insulto: sou uma pobre mulher sensivel, que soffreu, que tem pena! Ella ficou num estado desesperador, rasgada, descabellada, numa furia de possessa, na intermittencia de um choro que não cessa. Não ha consolo possivel para ella. Tenho medo até de um acto de desespero. Não se ria, que é esta a minha impressão. Está guardada para não commetter um desatino. Talvez os seus nervos estejam doentes, talvez uma hysterica, mas é uma criatura que soffre... A vida é já bastante triste na sua banalidade para não lhe ajuntarmos uma crueldade inutil a exasperal-a. Venho pedir-lhe simplesmente que vá vê-la... tranquillamente, calmamente... Finja, represente. E' homem, e forte: seja caridoso. Vá dizer-lhe que não lhe quer mal; que acredita na sua affeição, que lastima uma occurrencia desgraçada... mas essa suspeita mesma seria capaz de os fazer d'agora por diante infelizes, atormentados numa duvida constante. Enfim, o senhor saberá melhor do que eu. Acalmar-se-ão. E viverão, esquecidos e indifferentes... Porque ha de um gozo de amor terminar na brutalidade de uma violencia?

Continuou assim por muito tempo, catechizando-me o animo barbaro. Por fim, partiu levando a minha promessa de attendel-a. Ás nove horas lá estaria. Podia avisar a Rosa. Não queria porém encontral-a no estado em que me descrevera. Detestava estes espectaculos. Queria conversar com ella tranquillamente, como me recommendára.

Mas não fui. Meu orgulho, meu amor proprio, minha crueldade, insurgidos logo após não me deixaram... Ao outro dia, pela manhã recebi esta carta.

Tirou da secretária um papel azulado, e deu-m'o a ler:

“Senhor. Não imaginei que fosse tão estupidamente cruel. Voltando da sua casa, arranjei a scena, contando á pobre Rosa a defesa que della fizera no seu animo, deixando entrever suas disposições, consolando-a enfim sobre o inevitavel desenlace. Apesar de reluctante, acabou por acceitar tudo e disse-me: “Pois bem! Será! Viverei! E com o tempo hei de convencil-o!” Pareceu-me conformar-se. Vestiu-se, ageitou-se. Depois, de quando em quando, perguntava inquieta: “Ella virá mesmo?” Ella previa-o. Passaram-se algumas horas. Quando toda a esperança foi perdida, trancou-se no quarto, onde de balde quiz entrar. Depois de bastante tempo abriu e chamou: “Aqui tens umas lembranças minhas para você que foi bôa. Aqui uma nota de outras pequeninas lembranças, para amigas. Uma carta para a justiça: não culpo a ninguem da minha morte: digo que estou aborrecida de viver. Silencio absoluto sobre os meus pezares, está ouvindo? E' como si não existissem. Acabo de dispor de tudo: tomei uma droga mortal. Não tente salvar-me, para quê? Recomeçaria...” E mostrou-me um copo onde havia ainda um residuo branco. Era tão lucida e tão calma, que cheguei a duvidar um momento. Depois vi-a cambalear e dizer: “sinto a cabeça tonta... começa!” Aos gritos chamei por soccorro, mandei buscar medico, fizemos tudo o que foi possivel: vomitivos, injeções, tudo. Está agora inanimada, num estado de somnolencia, só interrompido por gemidos. O doutor diz que não escapará. Morrerá hoje? Deus o queira. Acabará de soffrer. Quanto a mim, acho-o cruelmente estúpido, como lh'o disse no começo d'esta, e repito. Não poderia, depois do que fez, vir vel-a pela ultima vez? Seria talvez uma impressão feliz que ella levaria. Posso assegurar-lhe que a sua dignidade de homem não correrá perigo: ninguem o verá.—*Luiza.*”

Devolvi-lhe o papel e accrescentei:

— Que ironia neste final!

— E justa ...

Continuou depois de uma pausa:

— Vesti-me, profundamente commovido e abalei para lá. Ao entrar na ante-sala, encontrei Luiza, num desalinho afflicto, que sahia do quarto. Olhou para mim, rancorosamente e disse-me num desdem macabro:

— Chegou á hora..! Está morta!

Ahi tem uma historia funebre. Tenho eu o coração num aperto indizível. Remorso? Saudade?

Não sei. A consciencia, essa, enquanto se lembrar, terá um peso em cima: um cadaver sobre ella ...

Fez-se um silencio lugubre.

Depois a voz sumida do meu amigo, cono vinda de longe, murmurou:

— As frutas do matto são venenosas!

Ennoitecera completamente. Lá ao longe, sobre o macisso do Corcovado, uma estrellinha brilhava timidamente.

AFRANIO PEIXOTO  
(Da Academia Brasileira)



## TERRA PROHIBIDA

Chegando ao jardim, tendo deixado ainda cheios de ruido e brilho os vastos salões que abrigavam todas as maravilhas mundanas, Maximo parou, abotoou o rocló sobre o peitilho da camisa, acendeu um cigarro, lançou a primeira fumarada ao ar frio e fino da noite de Junho, sorriu com um sorriso de immensa satisfação e tornou a andar — tudo isso com um leve lume de espanto nos seus olhos grandes e calmos.

Passou o portão, que o porteiro abriu, descobrindo-se respeitosamente. Achava-se em plena rua, onde se arrumavam em fila os carros dos convidados, negros e lustrosos. Um *coupé* destacou-se da fila e veio parar em frente de Maximo. O *groom* pulou da boléa ao chão para abrir a portinhóla. Maximo impediu-lh'o:

— Não. Eu vou andando. Siga-me a passo.

E começou a caminhar pela rua solitaria, acompanhado pelo seu carro que a alguns metros de distancia rodava lentamente.

Para recompor a sua situação imprevista naquella noite toda de surpresas, preferira o ar livre á estreita caixa do *coupé*, pensara que o clarão das estrellas faria bem á sua vista ainda tomada de um offuscamento estonteante. Eram tres e meia da manhan. Andaria a pé uns vinte ou trinta minutos, rumo de casa. Mais dez ou quinze de carruagem bastariam para perfazer o caminho todo. Não tinha somno. Antes, estava de uma leveza singular.

Maximo principiou a recapitular a sua noite

que intimamente considerava uma noite de gloria. Entrara no baile ás onze horas e ja a festa attingira o auge de esplendor. Logo vira que a noitada seria sem aborrecimento. De resto, eram sempre encantadoras as recepções naquella casa, onde se reuniam as mulheres mais formosas da sociedade e os homens notaveis nas artes, no jornalismo, na politica, os banqueiros mais em evidencia e os senhores, os jovens senhores ricos e indolentes de uma reconhecida incapacidade mental. Além disso, Mme. tinha o segredo de acrescentar á lista das celebridades que lhe davam lustre ás recepções a meia duzia das senhoras da alta roda cujas virtudes maior discussão houvessem soffrido nos trinta dias de intervallo entre uma festa e outra.

Feitos os cumprimentos a Madame e ao marido, Maximo deteve-se á porta da sala de dança e circumolou o olhar investigador, fazendo graciosos acenos de cabeça ás pessoas que ia reconhecendo. A valsa que nesse momento a orchestra começou a executar poz em campo dezenas de pares. Ao rodopelo da dança, logo reconheceu num gyro languido a figura de Syrte, cujos olhos de longe o fitaram, rapidos e medrosos. Maximo viu que os olhos de Syrte eram os que elle sempre conhecera, os mesmos olhos negros e macios, de um negro de peccado. E viu mais, disfarçando quanto podia a analyse, que Syrte estava suprema de belleza e graça, no vestido finissimo côr de perola, sem uma prega, sem uma ruga, que lhe desenhava escrupulosamente o corpo de linhas doces e ondulantes, e acima do busto se abria, deixando surgir o collo de um tom de perola mais fraco e o pescoço esguio e a pequena cabeça de um contorno hellenico oscillando ao rythmo da valsa como uma nobre flor ao vento.

Nesse instante um roçagar de sedas contra sedas fel-o voltar-se para traz. Era Mme. que chegara e se dirigia para a sala.

— Esperava por V. Ex. para começar o meu baile...

E como Mme. cedesse com um claro sorriso e um alegre olhar, Maximo tomou-a pelo braço e, depois de alguns segundos, os dois entraram no turbilhão.

Pelo sexo, Madame era indiscreta sem ser leviana. Mais de uma vez pedira a Maximo que a considerasse como um amigo ou pelo menos um bom camarada. Era difficil ou impossivel tratando-se de uma mulher bonita ainda nos seus trinta annos viçosos. Isso mesmo lhe dissera Maximo. Ella agradeceu o cumprimento e não insistiu.

Pouco a pouco, porém, provou-lhe que sabia alguma coisa da sua vida intima. Uma palavra maliciosa, ás vezes uma phrase onde cada vocabulo parecia fazer o papel de testemunha, insinuações meio directas, situações intelligentemente preparadas, tudo isso mostrava que ella conhecia os seus segredos e até os segredos da sua *garçonnière*. Nas indiscreções de Madame era visivel a necessidade de fazer d'ella um camarada, um bom camarada, no original.

Na ultima visita feita por Maximo áquella casa, havia quasi dois mezes, Madame conversára de Syrte, exigira uma confidencia completa. Elle contou um pouco de seu amor, quasi nada do tempo bom, e narrou com a maior precisão de detalhes o rompimento ainda recente. Quando a narrativa terminou, Madame lhe ganhára toda a confiança. De modo que não houve o menor constrangimento nesta phrase que foi cair nos ouvidos de Maximo:

— Apezar de tudo, o meu amigo vae dizer que Syrte é a mais linda creatura da sala...

— Talvez o dissesse, se V. Ex. não estivesse aqui.

— Ahi vem com o seu mão costume de lisongear. Mas, ao menos, acha que está irresistivel...

— Tambem não. Faço toda a justiça dizendo que Syrte está formosa; digna enfim de ser acolhida em sua casa.

— O meu amigo já a cumprimentou, de certo.

— De certo, não. Ella ainda não me viu e por mim não tive tempo ainda. V. Ex. sabe que, mal cheguei, dei-me pressa em vir á sala, á dança, guiado pela minha boa estrella.

— E acha que d'esse modo evita os perigos?

— Tenho a certeza. Não crê a gente nos anjos impunemente...

Houve uma pausa no dialogo, que Maximo com facilidade preencheu deixando a vista envolver o corpo todo da creatura que bailava pelo seu braço, sentindo em ondas embriagadoras o cheiro que se evolava d'aquella carne ainda moça. Em um momento, os olhos de ambos se encontraram, justamente quando Maximo se achava em mais absoluta contemplação. Ella estremeceu, percebendo o olhar abrazado de seu par. E o fim da valsa foi delirante.

— Já foi ver o jogo? perguntou ella depois de fazer uma volta pelo salão.

— Ainda não.

— Venha commigo.

Atravessaram o salão, passaram pela sala de orchestra e entraram em outro aposento da casa,

amplo, confortavel, destinado aos velhos sem outra paixão que o azar das cartas e aos moços que a Sorte já dominava. Pararam ambos á porta. Madame olhou rapidamente e disse afastando-se:

— Não está.

Maximo não comprehendeu a scena e perguntou:

— Poderei saber por quem V. Ex. procura?

— Procuo Syrte.

Foi com espanto que elle replicou:

— Mas tenho quasi a certeza que a deixamos no salão...

— Neste caso vamos lá.

O passo de Madame era pressuroso.

— Porque me leva a minha boa amiga para junto de Syrte?

Ella deteve-se. E foi entre risonha e séria que respondeu:

— O meu amigo é que se dá ao incommodo de me levar até onde está Syrte.

— Ah!

Entraram na sala de orchestra. O salão ao lado, cessada a valsa, estava cheio do rumor dos que agora andavam e de um brando murmurar de vozes em surdina. De subito, a figura esbelta de Syrte surgiu á porta, face a face de ambos, e estacou insensivelmente.

Maximo adeantou-se e a saudação que lhe dirigiu foi de uma serena polidez.

— Onde vaes, Syrte, com tanta pressa? inquiriu Madame.

— Aconteceu-me um pequeno desastre na sala. Vou ao *boudoir*.

E Madame para Maximo:

— O meu amigo vae acompanhar-te até lá...

— Sem incommodo...

— Nenhum, minha senhora.

Os dois partiram, em silencio, contrafeitos, enquanto Madame penetrava outra vez no salão.

A' porta do *boudoir* Syrte desprendeuse do braço d'elle, que se deteve á espera. Pouco tempo alli esteve, o bastante comtudo para rememo-

rar o capitulo e evocar a maldade satanica da alma de Syrte. Com effeito, Syrte lhe fizera grande mal. E o que mais lhe impressionava nas suas perversas acções, de uma infinita perversidade, era a fórma de inconsciencia de que se revestiam. Syrte o amára, seguramente muito o amára. Tinha disso provas deliciosas. Mais de uma vez lhe experimentára a sensibilidade para verificar até que ponto a tinha captiva. E a conclusão a que chegava era sempre a melhor: ella era de uma docilidade, de uma humildade que nunca encontrara em outra mulher. E a audacia de Syrte

naquelle amor que devera viver á sombra fazia-o pasmar e algumas vezes tremer. E fôra essa mesma audacia que a perdera, quando abertamente concedeu a côrte a outro homem deante de Maximo e do marido, portando-se como uma perfeita inconsciente. Durante tres dias elle a odiou, ou antes, deixou-se invadir por um profundo sentimento de desprezo. No quarto dia Syrte lhe appareceu inopinadamente em casa, ás duas horas da tarde de um lindo dia de Primavera, depois de em vão ter esperado resposta ás suas cartas afflictas e eivadas de perguntas de toda a sorte. Maximo estivera a principio de

uma brutal simplicidade. Como não houvesse humilhação que a fizesse demover do intento de se reconciliar, após longos vinte minutos de rogos e imprecações, foi Maximo quem deliberou sahir, cheio de raiva e de aborrecimento, deixando-a em seu gabinete, aos pés do soberbo grupo do *Triumpho de Aphrodite*, em marmore, onde se vê a deusa victoriosa, no seu carro tirado por quatro cavallos fogosos e de azas abertas deslocando o ar.

Pela madrugada voltou. Havia de Syrte um vestigio: uma carta febrilmente escripta, começando por um montão de injurias, descendo gradativamente até o mais pungitivo lamento. Maximo sorriu com piedade e guardou a carta com cautela. Deitou-se pouco depois e adormeceu com

## MONTEIRO LOBATO

# OS NEGROS

Novella cine-romantica, com pios de coruja, noites tempestuosas, mortes tragicas e outros ingredientes de tomo; leitura perigosa ás meninas hystericas e aos velhos cardiacos que crêm em almas do outro mundo.

Um bello volume, com lindas illustrações de Ruy Ferreira . 1\$000  
Pelo correio, registrado. . . . 1\$300

**Soc. Editora Olegario Ribeiro**  
CAIXA POSTAL N. 1172 — SÃO PAULO

a tranquillidade de um justo. Quando no dia seguinte acordou, tinha a certeza de que Syrte o odiava de morte. E com isso se alegrou. Nunca mais a vira desde então, até aquelle baile, aquelle momento em que a encontrara fugindo da sala caminho do *boudoir*, a remediar o desastre.

E nisso ella appareceu, refeita a *toilette*. Tomou-lhe o braço, um pouco esquerda, ainda. Elle disse:

— Quer jogar uma partida de bilhar?

Syrte accitou. A sala de bilhar estava inteiramente vazia. Ao penetrarem, mal o reposteiro cahira sobre ambos, de um gesto Maximo tomou-lhe a cabeça formosa nas mãos e collou os labios nos seus labios que de repente embranqueceram.

E houve de bocca a bocca um sorvo longo, que parecia não ter fim, onde todas as volupias se encontraram reunidas, numa condensação de fremitos e palpitações de carne, num deliquio de almas em surtos longinquos e mysteriosos, e houve de bocca a bocca um beijo farto, sustadas as respirações em um minuto interminavel, como se ambos renunciassem á Vida e ali ficassem hirtos, ligados um ao outro, fundamente ligados um ao outro, fundamente ligados num enlace eterno, na apothese radiante do Amor e da Beleza...

A um rumor proximo de passos ambos se rePELLIRAM assustados. Deram-se o braço, deixando a sala. Madame vinha para elles, com alegria e pressa:

— Jogaram bilhar?

— Iamos jogar, disse Maximo, escondendo a emoção. Mas a sala está quente e preferimos dançar esta valsa. Si V. Ex. permite...

— Não percam tempo, vão.

E a valsa foi encantadora. Quinze minutos depois, Maximo sentava-se a uma meza de *pocker*, de onde se ergueu ás duas horas para a ceia, tendo ganho alguns centos de mil réis. Não teve á meza (e com isso deu graças a Deus) visinhança incommoda ou indiscreta. Madame sentara-se longe, ao lado de um inglez, um claro rapaz londrino, que tinha a vantagem de saber jogar o *tennis*. Quanto a Syrte, ficara ao pé do marido.

Um charuto fumado em companhia de homens que falaram de politica, a um canto da sala de

jogo, com mais ou menos monotonia, findara a sua noite. Achava-se agora ali na rua, seguindo a pé para casa, ao clarão das estrellas. Nos seus olhos grandes e claros persistia o mesmo lume de espanto.

E' que, recapitulando tudo, não encontrara uma explicação para o incidente. De certo não amava Syrte. Seria uma imprudencia e uma tolice. E ella? A resposta foi categorica. Sim, era evidente. Mas como não haver naquella alma o menor movimento de recusa para a caricia de um homem que com bruteza e crueldade a tratara? Porque humilhar-se d'esse modo, se lhe não faltavam corações inflammados de amor, tocados pela sua magia?

Elle ainda a dominava e sentia que em qualquer momento da vida aquella creatura seria sua e o amaria com exuberancia e paixão.

Maximo considerou facil e de bom sabor esse conceito. Mas elle? Porque aquella brusca mudança no seu procedimento? Não fôra uma experiencia. Não teria tido coragem para tentala, na certeza da repulsa. Um subito accesso de afeição? Tambem não, isso jurava. Então, então fôra a saudade de um recanto da Terra que se amou, de um logar em que se viveu um dia feliz, aonde se aportou com todas as esperanças e de onde se sahiu fatigado depois de vistos todos os segredos, quebrado o encanto que de longe nos acenava. Mas os dias passaram. A' medida que passavam os dias, o encanto retomava o seu antigo prestigio. As tentações estavam lá, chamando e attrahindo, irremediavelmente attrahindo. Fôra a saudade que lhe arrastara os labios soffregos para aquelles labios, para aquella bocca. E agora, vista de de novo a Terra Prohibida, a indifferença retomava o seu logar. A saudade, fôra apenas a saudade...

Maximo parou. O *coupé*, que de manso rolava, correu um pouco, a seu encontro. O *grooqi* desceu, abriu a portinha que logo em seguida se fechou, com estrepito. Uma chicotada estalou, fustigando os animaes. Com um arranco o carro partiu pelo frio da manhan de hinverno, ao clarão das estrellas desmaiadas.

Rio, 1905.

OSCAR LOPES



# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

**MONTEIRO LOBATO**

DE COMO JOSÉ RENATO  
MONTEIRO LOBATOPASSA  
A CHAMAR-SE JOSÉ BEN-  
TO MONTEIRO LOBATO.

José Renato deve ter sido um menino endiabrado e manhoso. Tantas diabruras quantas manhas, tantos caprichos quantas voluntariosas teimas; encheria, sem duvida, a casa solarenga do sr. Visconde de Tremembé. Seria o terror da passarinhada e bom amigo da criação — cabritos e bezerros, — uns, excellentes para o carrinho; outros, optimos para os corcovos... Traquinagem inaudita iria por terreiros e pomares, cafésaes e invernações.

Mas, tudo aquillo já não tinha encantos. A roda d'agua, a engenhoca, o carro de bodes, estilingue e bodoque, faca de ponta e Winchester, ora, tudo muito interessante e bonito, mas — que diabo! — tudo infantil... Também isso de calças curtas vae indo, vae indo e enfára. Nem um fio de barba, nem sombras de buço...

Aquella bengala, por exemplo, cerne de alecrim, castão de ouro e monogramma, porque não lh'a dariam?

— Quero a bengala!...

— Não pode, filho. Estraga, sae o verniz, quebra o castão...

— Não quebra. Quero a bengala!...

— Não. Olha aqui. Escuta um pouquinho, quieto como gente. Isto aqui é o meu monogramma: J. B. A bengala é minha, é de José Bento, por isso tem essas duas letras. Você é José Renato... E José Renato, dono da bengala, precisava escrever aqui J. R. Não pôde... Se você fosse José Bento...

— Eu quero ser Zé Bento! quero, quero, quero!...

E José Renato azoïnava todos os ouvidos do fidalgo solar de Tremembé. Havia já tres dias que aquillo começara e ainda nenhuma esperança de salvar o castão de ouro, reliquia da familia, escondida num canto do guarda-roupa, onde, sempre que o abriam, lá ia admirar-o o pequenote, fazendo scenas como essa.

Felizmente, agora, o argumento do monogramma encaminhava-se para bom exito. Importava na mudança de nome, coisa séria e complicada, que exige, pelo menos, padre e agua benta.

— Queria trocar de nome? Então, paciencia um pouco. Isso não se faz num dia, quando se queira. Espere que venha o Bispo e, na occasião do Chrisma, então, sim...

E José Renato teve um grande problema a resolver: a escolha dos padrinhos, que o absorveu e distrahiu no momento. Mas, não vinha o sr. Bispo e, emquanto não, a metamorphose onomastica se ia operando. Renato só attendia ao nome de José Bento. Chamassem-no, o dia inteiro, por outro nome — não apparecia. Deu-lhe a vontade de aprender: queria ler e escrever. Via agora que a importancia da escripta é decisiva. Resolve a sorte das bengalas de castão de ouro... Em breve, estadeava o novo nome com todas as letras, sobrenome e todos os cognomes:

**JOSE BENTO MONTEIRO LO-  
BATO**

Era no papel, nos batentes e folhas da porta, nas paredes, em todas as paredes. As mucamas não tinham mãos a medir no apagar as garatujas.

Afinal, o nome pegou. E a bengala do monogramma? — Ah! Essa tenha paciencia. E'

sua, mas fica guardada. Quando você ficar grande...

\* \* \*

E, de facto, quem ficou grande não foi outro senão José Bento Monteiro Lobato, que de certo, hoje não se lembra mais da bengala do castão de ouro...

B. F.



**EUCLYDES DA CUNHA  
NO PERU**

Em Euclides da Cunha o caracter principal era, sem duvida, a altaneria civica.

A alma de guerreiro antigo, que o levou ao exercito e que tão depressa delle o desligou, por incompativel á instituição moderna da disciplina militar, animou sempre o "egresso da farda", que, um dia, insolito, arrostára a magestade do Imperio, perante as suas mais altas auctoridades. O episodio não ficou sem par. A chronica anecdótica do auctor dos *Sertões* está cheia delles. Revelam-nos mesmo as suas obras, naquellas paginas memoraveis da exploração amazonica.

Então, em contacto com o estrangeiro, em momento critico da questão nacional de limites, elle mesmo arbitro da questão, a sensibilidade da grande alma brasileira se apurava e, não raro, irrompia em explosões altivas. E' desconhecida, cremos, uma bella e expressiva passagem da sua vida nos confins brasilio-peruanos. Conta-a, agora, o sr. dr. Pimenta da Cunha, companheiro de Euclides na Comissão Brasileira do Reconhecimento dos Rios Juruá e Purús.

Depois de uma jornada cheia de peripecias, navegando rios e iga-

rapés, transpondo "furos" e vencendo mil perigos e sacrificios, a 28 de junho, a comissão chegou a Curanja, caserío peruano, em franca decadência, na margem direita do rio Purús, situada defronte da confluência desse com o "Curanja", que no mappa de W. Chardless está com o nome de Curumaha e que depois do Acre é a principal forquilha do Purús, onde se demorou 5 dias (de 28 de junho a 2 de julho.) Curanja teve outr'ora, cerca de mil habitantes, mas em 1905 a sua população estava reduzida a 120 pessoas.

Ahi, onde a população cauchera vive em perpetua guerra com os indios "coronauhas", realisou-se, em casa do peruano Eloy Barbaran, um almoço oferecido á comissão brasileira. Recebida para a cerimonia com salvas de 21 tiros de rifle — conta o dr. Pimenta da Cunha: — «Ao iniciar-se o repasto, o olhar investigador de Euclýdes da Cunha notou a ausencia da nossa bandeira naquella profusão de ornamentos, onde o symbolo peruano avultava ostensivamente com as suas bellas côres. Mas o verde amarellado do "palmito" que elles para alli levaram, inspirou a Enclydes, no seu discurso de agradecimento, as palavras de requintado civismo, pelas quaes ficaram os peruanos sabendo que melhor valiam, alli, perto dos extremos virgens da nossa Patria, a sua representação entre aquelles enfeites de momento, pelos leques colhidos á palmeira altiva e recta, como tambem altiva e recta e altaeira ella tem sabido ser, em vez de symbolisada por tecidos mal tintos, que os mercados offerecem...

Tamanhos sacrificios, semelhantes desconfortos, iguaes torturas de côpo e de espirito, todo o tortuoso itinerario pelo qual alli chegamos, si a nossa consciencia não nos tivesse dado quitação delles, pelo bem do dever cumprido, pela fortuna de servir á Patria, esse gesto cavalheiresco de Euclýdes, com o orgulho de que nos encheu fôra a recompensa mais eloquente por que nos satisfariamos.

Esse gesto valeu, pois, por si só, a pena dos soffrimentos.

E tanto mais avultou esse

feito de altivez, esse impulso de patriotismo, que os nossos obsequiadores, sentindo-se mal postos ante nós, em seu proprio territorio, se justificaram do esquecimento, propositado ou não, da nossa bandeira, dizendo, pela voz, não me recôrdo bem se de Eloy Barbaran, numa satisfação com vincos de diplomacia:

«Usted comprendió mui bien nuestro pensamiento.»



### A moderna orientação da novella

A guerra não abalaria o mundo, subvertendo todas as nossas ideias. sem que sobre a literatura desencadeasse as ultimas descargas de sua influencia, generalisada a todas as manifestações da vida. As letras, sujeitas não só á evolução, mas até ás modificações dictadas pela moda ephemera, não veriam passar, incolumes, a grande catastrophe. Producto do espirito, no que elle tem de mais intimo e profundo, soffreriam parallelamente o que soffresse aquelle. Ora, com os phenomenos sociaes e economicos, que profundamente modificaram o meio, tambem profundamente se mudou a mentalidade collectiva.

A trincheira foi um nascedouro de emoções dispaes. O mysticismo de quem viu perto a morte e a possibilidade de uma vida futura não desarraigou, antes desenvolveu e acirrou o materialismo de quem, instinctivamente, tantas vezes se concentrou na necessidade premente da propria conservação. Situação de naufrago, solicitação, no momento estremo, por tão desencontradas suggestões, determinaria, certo, um novo estado d'alma. Experimentaram-no milhões e milhões de homens. Contagiaram-se delle, á força da emoção mais intensa, sentida por uns, sobre as mais flebeis, sentidas por outros, os restantes milhões de homens que assistiram ao

drama daquelles. Actores e espectadores, é uma só a impressão que os envolve.

Quaes, pois, as novas directrices literarias?

Mal definidas ainda, percebem-se, entretanto, aqui e alli, indicadas já por diversos criticos.

Antes da conflagração, a psychologia era a espinha dorsal da novella e chegou-se a desdenhar nos altares desta moda literaria, da urdidura, trama ou intriga, que foi, é e será a razão eterna de toda narrativa. Certa perversidade enferma e decadente, considerada de «bom tom» e symptomatica de refinamento espirital, pôz o seu grão de pimenta no geralmente desabrido dos argumentos e desta arte, obras absolutamente fracas e invertebradas adquiriram apparencias de robustez. A novella franceza, que orientava caminhos, estava reduzida, quasi exclusivamente, ao trabalho cirurgico de perscrutar e descobrir «modalidades humanas».

Os novellistas que durante a guerra deveriam bater-se ou empregar seus talentos em obras mais urgentes, ao retomar a penna, relatam o abysmo aberto entre 1914 e 1920 pela contenda, achando-se uum estado de deslumbramento, como se se houvessem transportado de uma época conhecida a outra ignorada. As idéas, a moral, os sentimentos, a orientação esthetica do povo, são para elles um enigma e como que adivinham uma mudança radical no que antes era a «élite»; o espectaculo da vida e dos homens apresenta-se por um signal de interrogação.

A moderna novella é a que se escrevia para creanças, que só são capazes de curta attenção. Urdidas unicamente com o objectivo de divertir, não se preoccupam nem com o colorido dos logares, nem com a observação da sociedade, nem com a realidade dos personagens, nem com a intensidade das paixões que affrontam, nem sequer com a credibilidade.

A «Atlantida», de Pierre Benoit, accusada como plagio de Rider Haggard, é o typo. Pode figurar ao lado dos romances de Alexandre Dumas (pae) e dos auctores inglezes como Maiae Reid e outros. Em poucos me-

zes as edições alcançaram 80.000 exemplares.

O quinquennio da guerra preparou a mentalidade publica com a ferramenta cinematographica.

Nos paizes em que se combatia, a angustia era enorme para permittir aos cerebros um esforço supplementar de attenção e penetração. Os povos só procuravam balsamos obliterantes nas leituras e espectaculos, naturalmente pela variedade, pela modicidade de preço e pela profusão e diffusão. O cinematographo era o espectáculo predilecto mesmo das pessoas, que antes o repelliam pelo seu gosto, educação e condição social.

Pela mesma razão, generalizaram-se os romances de aventuras e as novellas policiaes, sobretudo quando a America do Norte introduziu esses monstros na Europa — monstro hybridico que se denomina a novella cinematographica — que se lê nos jornaes de manhã e á noite se vê representada nas salas de exhibição dos bairros.

Anciãos, mulheres e crianças sentiam a necessidade do contacto, da mudança de impressões, das confidencias, dos temores, das esperanças... e tambem a necessidade de esquecer, durante umas duas horas, para dar treguas á excitação que actuava sobre os nervos, e renovar o ar sentimental dos corações que afogavam as angustias. Então, recorriam á sala dos cinemas. Viam-se em pleno inverno, sobre a neve caída e sob a neve que caía, em ruas escuras por economia de luz, as fileiras interminaveis de gentes resignadas e martyrizadas, que iam esperar a vez de penetrar no palácio da illusão e do olvido.

E os combatentes ?

Era de ver-se esses officiaes e esses soldados licenciados sitiar «music-halls», cafés-concerto e cinematographos, para rir, para sentir-se na vida civil e sobretudo para esquecer o pesadello de 3 mezes.

De um inquerito feito por um diario de Paris, durante a guerra, resultou que nas trincheiras se liam duas classes de livros : as novellas de imaginação e as obras que objectivavam de alguma forma aclarar o turbador

mysterio da vida do além. A predilecção pelas ultimas leituras explica-se pelas circumstancias especiaes em que viviam os leitores ; a essa influencia se devem muitas das numerosas conversões mysticas, que com-

provamos entre alguns jovens poetas que fizeram a guerra.

A novella moderna degenera, pois, em folhetim, até que, um dia, a nova geração, aproveitando essa tendencia, possa restabelece-la em nivel superior.

## Os nossos poetas

### OS VERSOS DO IMPERADOR

D. Pedro II, imperador de Brasil, sabio e erudito, acatado como tal nas Academias e Institutos das capitães europeas, foi tambem poeta e não o foi sem razão. O gosto artistico e o genio não começaram para se extinguir com elle em sua longa cadeia dynastica. A corte de D. João VI foi um viveiro de artistas. Na pintura, Taunay, Debrét, Grandjean, Dubugras e, na musica, Marcos Portugal, José Mauricio e Francisco Manoel compuzeram o ambiente dos reis lusos no Rio de Janeiro. D. Pedro I foi pianista e musico notavel.

Não admira, pois, que D. Pedro II fosse poeta. Razões ethnicas o predispunham para tanto e razões actuaes de factos abundavam em sua larga cultura, seu espirito philosophico, seu impenitente idealismo com todo o séquito de sentimentos que o distinguam. Com isso, que lhe faltava para poetar como grande poeta ?

Carecia, talvez, das condições pés-

soaes intimas, das circumstancias do momento, propicias ao desabrochar da inspiração, que a equivalencia dos valores moraes e mentaes no homem nos dá essa estupenda maleabilidade, que atravez das vicissitudes nos conduz, podendo fazer de nós tão grande poeta quanto habil carpinteiro, tanto artista quanto artifice, tanto dramaturgo quanto financista, rico mercador ou literato, heroe ou bandido, excellentemente imperador ou bom poeta. D. Pedro II rei, era o plasma, continente de Pedro II, poeta. O artista nelle contido rompeu feito, assim que o plasmaram as circumstancias.

A revolução feriu-o, fundo. E elle, que não era hospede no mysterio, surgiu grande poeta. Os seus sonetos mais reputados datam do exilio, provêm da grande dor que o cruciou. A magnanimidade do imperante se fez poesia e belleza.

Appareceram, então, os seguintes versos:

#### TERRA DO BRASIL

Espavorida agita-se a creança  
De nocturnos phantasmas com receio,  
Mas se abrigo lhe dá materno seio  
Fecha os doridos olhos e descança.

Perdida é para mim toda a esperanza  
De volver ao Brasil: de lá me veio  
Um pugilo de terra; e nesta creio  
Brando será meu somno e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo,  
Tristes sombras varrendo na memoria,  
O' doce patria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de gloria,  
Serenos aguardarei no meu jazigo  
A justiça de Deus na voz da Historia!

**Acaba de apparecer**

A PRIMEIRA SERIE DE

**VULTOS E LIVROS**

(ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

POR ARTHUR MOTTA

Pedidos a **Monteiro Lobato & C.** Editores  
Rua Boa Vista N. 52 e Caixa 2-B e SÃO PAULO

## MENSAGEIRO DO AMOR

«Mensageiro do amor e da saudade,  
Toma teu vôo pela azul planura;  
Vai dizer ao Brasil em que tristura  
Tu nos deixaste aqui na soledade.

Vogam commigo os meus na immensidade,  
Buscando em terra extranha sorte escura  
E eu mais longe inda irei: que desta agrura  
Sei que caminho vou da Eternidade.

Mas ah! que vejo! Apenas te remontas  
Entre dous pégos voejando ás tontas  
Rápido tombas em revoltas aguas.

Bemvindo sejas, ó celeste aviso!  
Que assim me revelaste de improviso  
A morte como termo a tantas maguas.

## CALVARIO

A provação nem uma o Heroe divino  
No drama da paixão tentou fôrçar-se,  
E na frente a sangrar sentiu cravar-se  
Duro espinho por mãos de algoz ferino.

Vaias do poviléo em desatino,  
Sob o látego a carne a lacerar-se,  
E, para o sacrificio consummar-se,  
Na cruz a morte como escravo indino.

Porém a Virgem Santa, alto sacrario,  
Manda eternal poder que immune seja  
De escárneos e baldões da grei malvada.

Deus, ó Deus! tambem estou no meu Calvario:  
E assim possa eu morrer antes que veja  
A Patria, minha mãe, despedaçada!

## CARCERE DE ARGILLA

Deus, que os orbes regulas esplendentes  
Em numero e medida ponderados,  
Nelles abrigo das aos desterrados,  
Que se vão suspirosos e plangentes.

Assim, dos céos ás vastidões silentes  
Ergo os meus pobres olhos fatigados,  
Indagando em que mundos apartados  
Lenitivo à saudade nos consentes.

Breve, Senhor, do carcere d'argilla  
Hei de evolar-me, murmurando ansioso  
Timida prece: digna-te d'onvil-a.

Põe-me ao pé do Cruzeiro magestoso,  
Que no autáretico céo vivo scintilla,  
Fitando sempre o meu Brasil sandoso!

São, de facto, do Imperador? Ou  
Lhos attribuem, simplesmente?

Coincidindo a publicação delles com  
o agitado momento politico dos primeiros  
annos do regimen, não faltaram  
versões varias que deram a este  
ou aquelle a gloria de tão bellos  
versos e a D. Pedro, apenas, a attribuição  
simples, arma politica para o  
efeito sentimental perante a multidão.  
Afonso Celso e Carlos de Laët  
foram chamados á surdina, a perfilhar  
os sonetos — bombas, que punham,  
mansamente, em cheque a Republica  
nascente.

Mas com que fundamento se duvidava,  
assim, da assignatura de D. Pedro?  
Não era elle o sabio e o erudito  
conhecido?

E' que, impiedosamente alvejado  
pela critica, nunca lhe respeitaram os  
adversarios a reputação de homem  
culto. As anedotas, que procuram

diminuil-o como letrado no conceito  
publico, são numerosas. Conta-se, por  
exemplo, que, publicadas «As pom-  
bras», S. M., apreciando immenso o  
celebre soneto de Raymundo, como  
toda a gente, dirigiu-se, entretanto,  
ao poeta e em conversa lhe pergun-  
tou porque não substitua o verso:

Ruflando as azas, sacudindo as  
pennas»,  
dizendo de preferencia:  
«Sacudindo as azas, sacudindo  
as pennas...»

Seria um desastre. Perder-se-ia o  
excellent verso de Raymundo, mag-  
nifico muito apesar do neologismo —  
«ruflando» — e ter-se-ia um verso es-  
candalosamente quehrado e pifio...

Assim, a snspeição assumia visos de  
verdade, estribada em tamanha cinca  
de critico.

## TREZE DE MAIO

«Desfallecido, errante, forasteiro,  
Já das sombras da morte circumdado,  
Subito ouvi: «Resurge! que extirpado  
Foi no Brasil p'ra sempre o captiveiro!»

Presto a fugir, o alento derradeiro  
Volveu-me ao coração quasi parado:  
«Grande povo!» exclamei, «povo adorado!  
Entre os demais da terra és o primeiro!»

Traguei, depois meu calix d'amargura,  
Mas da verdade a lei não ha quem mude:  
Grande povo! eu dissera entre torturas.

Grande povo no brio e na virtude!  
Sê feliz, goza em paz as mil venturas  
(Que deparar-te quiz e que não pude!»

## A' IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,  
Assim te vaes, ó doce companheira  
Da fortuna e do exilio, verdadeira  
Metade de minha alma estremeçada!

De augusto e velho tronco haste partida  
E transplantada á terra brasileira,  
Lá te fizeste a sombra hospitaleira  
Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio;  
Cahiste e eu fico a sós, neste abandono,  
Do teu sepulcro vacillante cirio!

Como foste feliz! Dorme o teu somno...  
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio;  
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

## INGRATOS

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,  
Por mais atroz que fosse e sem piedade,  
Arrancando-me o throno e a magestade,  
Quando a dois passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minha alma forte  
Conhece bem a estulta variedade,  
Que hoje nos dá continua f'licidade  
E amanhã — nem um bem que nos conforte.

Mas a dôr que exercucia e que maltrata,  
A dôr cruel que o animo deplora,  
Que fere o coração e prompto mata,

E' ver na mão cuspir á extrema hora  
A mesma boca aduladora e ingrata  
Que tantos beijos nella poz outr'ora.

Não é de crêr, porém, a hypothese  
Mystificação e charlatanice innomina-  
veis, repugnam tanto á indole nobre,  
recta, equanime do ex-monarcha, en-  
tão ainda vivo para não consentir no  
embuste, como á feição moral dos  
dois illustres homens de letras.

Por certo, não são apocryphos os  
sonetos do Imperador. Quando menos,  
ha na vida e precisa haver uma pre-  
sumção de sinceridade e verdade para  
o recto julgamento de homens e  
coisas. Desse presupposto de honesti-  
dade, que não pode ceder ao primei-  
ro choque, pois que é de exacta veri-  
ficação a impotencia da erronia e da  
mentira, parte a crença na authenti-  
cidade dos sentidos versos do monar-  
cha deposto, corroborada por tantas  
probabilidades.

Não tergiversamos, portanto, ao re-  
produzir aqui, sob os queridos versos,  
a imperial assignatura.

EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

<b>AMADEU AMARAL</b>		<b>F. T. DE SOUZA REIS</b>	
A Pulseira de Ferro (novella) . . . . .	1\$000	A Divida do Brasil (estudo historico) . . . . .	4\$000
Um soneto de Bilac (critica) . . . . .	2\$000	<b>WALDEMAR FERREIRA</b>	
<b>MONTEIRO LOBATO</b>		Manual do Commercialista . . . . .	8\$000
Os Negros (novella) . . . . .	1\$000	Estudos de Direito Commercial . . . . .	10\$000
<b>LÉO VAZ</b>		A Hypotheca Naval no Brasil . . . . .	3\$000
Ritinha (novella) . . . . .	No prélo	<b>AUCTORES DIVERSOS</b>	
<b>GUSTAVO BARROSO</b>		O que todo o commerciante precisa saber (10.º milheiro) . . . . .	2\$000
Mula sem cabeça (novella) . . . . .	No prélo	Almanach Commercial Brasileiro de 1918	6\$000
<b>A. DE SAMPAIO DORIA</b>		<b>NICOLAU ATHANASSOF</b>	
O que o cidadão deve saber (10.º milheiro)	3\$000	Os Suinos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro) . . . . .	3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abrançhes, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—
			PEDIDOS PARA O INTERIOR, MAIS 10 o/o PARA O PORTE		

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Mo

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

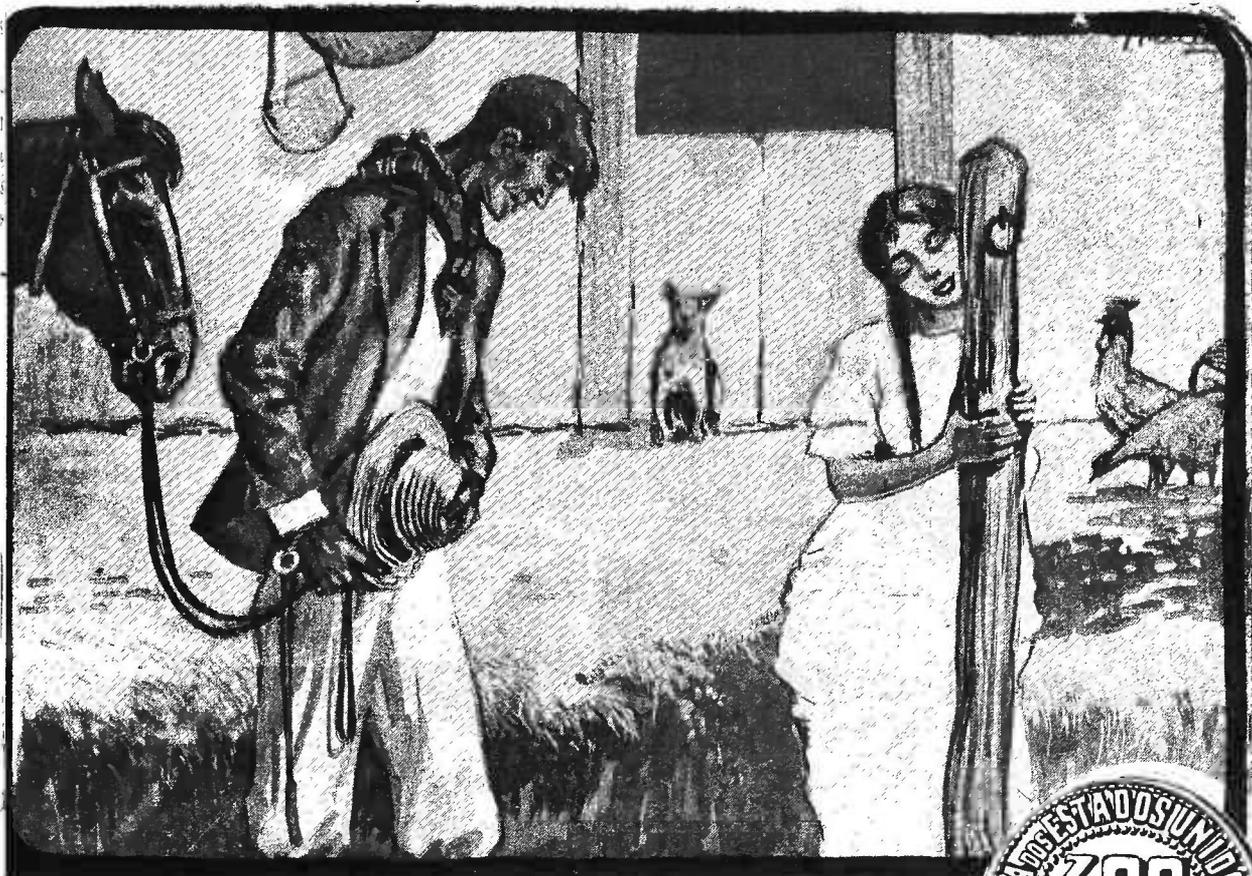
**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



— Lá, foges, aconselhó-me um, etc.

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLEÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accéssivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociais, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreatantes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico. Os auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço, e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

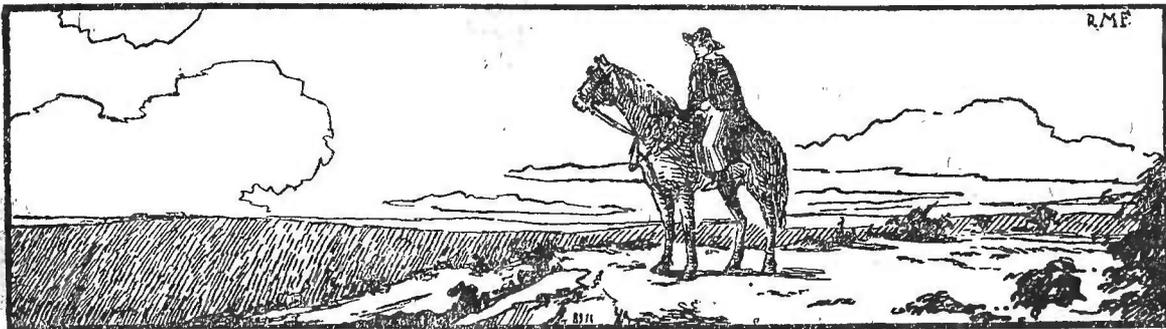
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 16 de Maio de 1921

NUMERO 3

## SUMMARIO

**MUSCULOS E NERVOS** —  
Aluizio Azevedo.**AMORTE DO CAMICÊGO** —  
Monteiro Lobato**A SESSÃO DO INSTITU-  
TO** — Rodrigo Octavio.**O SINEIRO DE CANUDOS** —  
Escragnolle Doria.**MUSICA DE AMOR** —  
Armando Erse - (João  
Luso).**SUPPLEMENTO** — A vida  
anecdótica e pittoresca  
dos grandes escriptores  
Luiz Delphino.**Curiosidades literarias** - Vic-  
tima da critica.**Vida literaria** - A activida-  
de editorial de S. Paulo.**Os nossos poetas** - Um so-  
neto de Laët.**Leituras** - Populações meri-  
dionaes do Brasil — His-  
torias da nossa historia.

# MUSCULOS E NERVOS

Terminava a primeira parte do espectáculo, quando D. Olympia entrou no circo, pelo braço do pae.

Havia grande enchente. O publico vibrava ainda sob a impressão do ultimo trabalho exhibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o entusiasmo explodia por toda a platéa e de todos os lados gritavam ferozmente: «Scott! A' scena Scott!» Dois sujeitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do theatro um cavallo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as cocottes pareciam loucas e soltavam guinchos, que ninguem entendia; das galerias trovejava um barulho infernal, e, por entre aquella descarga atoadora, só o nome do idolatrado acrobata sobressahia, exclamado com delirio por mil vozes.

— Scott! Scott!

Olympia sentiu-se aturdida; o pae, no intimo, arrendia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em leval-a ao circo; mas o medico recommendára tanto que não a contrariassem... e ella havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquella noite ao Polytheama...

De repente, um grito unisono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais impeto; choveram chapéus; arremessaram-se leques e ramalhetes. Scott havia reaparecido.

— Bravo! Bravo, Scott!

E os applausos recrudesceram ainda.

O gymnasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, aprumou o corpo, sacudio a cabelleira anelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio d'aquella tempestade gloriosa.

Depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Desencadeou-se de novo a furia dos seus admiradores, e elle teve de voltar á scena inda uma vez, mais outra, e outra, cada vez mais triumpante.

Olympia entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fito, os labios entre-abertos, dir-se-ia hypnotisada, tal era a sua immobildade. O pai tentou chama-la á conversa; ella respondeu por monosyllabos

— Queres... vamos embora.

— Não.

Na segunda parte do espectáculo, a moça parecia divertir-se. Não despregava a vista de Scott, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais formoso era a sorte dos vôos. Consistia em dependurar-se elle de um trapezio muito alto, deixar-se arrebatar pelo espaço e, em meio do trajecto, soltar as mãos, dar uma

cambalhota e ir agarrar-se a um outro trapezio que o esperava do lado opposto.

Cada um destes saltos levantava sempre uma explosão de bravos.

Scott havia feito já, por duas vezes, o seu vôo arriscado; faltava-lhe o ultimo e o mais perigoso. Diferenciava este dos primeiros em que o acrobata, em vez de lançar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para alcançar o trapezio fronteiro.

O publico palpitava ancioso, até que Scott afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao tecto.

Cavou-se logo um fundo silencio nos espectadores. Os corações batiam com sobresalto; todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do artista, que, lá muito em cima, parecia, nas suas roupas justas de meia, a estatua de uma divindade olympica. Destacava-se-lhe bem o largo peito herculeo, guardado pelos grossos braços nús, em contraste com os rins estreitos, mais estreitos que as suas nervosas coxas, cujos musculos de aço se encapellavam ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos elle segurava o trapezio, enquanto com a outra limpava o suor da testa. Depois, tranquillamente, sem o menor abalo, prendeu o lenço na sua cinta bordada de lentejoilas e deu volta ao corpo.

Ouvia-se a respiração offegante do publico.

Scott sacudio o braço do trapezio, experimentando-o, puxou-o afinal contra o collo e deixou-se arrebatado de costas.

Em meio do circo desprendeuse, gritou: «Hop!» deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapezio.

Mas, o vôo fôra mal calculado, e o acrobata não encontrou onde agarrar-se.

Um terrivel bramido, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, echoou por todo o theatro. Vio-se a bella figura de Scott, um instante solta no espaço, virar para baixo a cabeça e cahir na arena, estatelada, com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes mulheres desmaiaram em gritos; algumas pessoas fugiam espavoridas, como se houvesse um incendio; outras jaziam pallidas, a bocca aberta e a voz gelada na garganta. Ninguem mais se entendia; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, n'uma avides aterrada, disputando ver se conseguiam distinguir o acrobata.

Este, todavia, sem accordo e quasi sem vida, agonisava por terra, a vomitar sangue.

Olympia, livida, tremula, estonteada, quando deu por si, achou-se sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regaço, e vergou-se toda sobre elle, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor d'aquelle bello corpo esculptural e masculino. E, desatinada, offegante, apalpava-lhe o peito, o rosto, a bronzeada carne dos braços, e, com um grito de extrema agonia, molhava a bocca no sangue que elle expellia pela bocca.

Scott teve um estremecimento geral de corpo, contrahiuse, vergou a cabeça para traz, voltou para a moça os seus limpidos olhos commovidos, agora turvados pela morte, cerrou os dentes e n'um arranco supremo, soltou o gemido derradeiro.

E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olympia, inanimado.

ALUIZIO AZEVEDO



## A MORTE DO CAMICÊGO

Foi o Edgard quem lançou o monstro, um dia. O Camicêgo era, na sua imaginação de quatro annos, um bicho "malvado", grande como o armario a principio, depois do tamanho do morro. Comia gente, e tinha um bico *assim*. Este *assim* não era dito, mas figurado numa careta de labios repuchados em bico e olhos esboghados. Com tão gentil focinho não devia de ter má rez o monstro, pensava a "gente grande" que de passagem o via refranzir-se naquella onomatopéa muscular — mas para os cinco annos nervosos da Martha era de crer fosse horrendo, tal o rictus d'assombro com que enfitando a macaquite do irmão lhe arremedava o muxoxo, sem o perceber. E eram proezas interminaveis do Camicêgo improvisadas na rêde com muitas interrupções perguntativas e explanações de truz.

→ E elle come gente?

Preocupava á Marta, sempre que se lhe antolhava algo desconhecido, visto pela primeira vez, um bezourão, um lagarto, uma coruja, saber do gráu da sua anthropophagia, delle bicho.

O mundo andava repartido em duas classes oppostas: a dos bons, que não comem gente e a dos máus, que a comem.

— Pois não sabe que comeu o filho da Mariana lá no morro, na noite de chuvarada?

A menina voltava os olhos sonhadores para a morraria enquadraada pelas vidraças e quedava-se a scismar.

Já o Guilherme, cujos dois annos e pico inda o traziam muito amadornado de imaginativa, não se impressionava grande cousa e a meio da papagueada hoffmanica saltava da rede a pedir cousa mais positiva, o pão de ló, o bolinho de milho, a guloseima qualquer do dia entrevista no guarda-comida.

E a historia lá continuava, a dois, na rede onde os passaricos se balouçavam isochronos como dois ponteiros de metronomo — sempre entre-mejada das perguntas da Martha, futura consumidora de Escrich, e cabalmente delucidada pelo Edgard, um Wells em embrião.

— E onde mora elle?

No quarto escuro, debaixo da cama, no buraco do forno, naquelle barranco, onde cahiu a vacca — Edgard encontrava de pancada uma duzia de luras tenebrosas onde encafiar a sua creação.

A's vezes brincavam de casinha na sala de visitas, sempre em meia luz como todas as salas de visita da roça; sob o sofá antigo de cabiúna, armavam com albuns de musica e as almofadas a casita da Irene, a grande boneca de louça sem pernas.

E era todo um fantastico mobilar de casa. Cacos de tigelas coloridas figuravam de sumptuosa porcellana, em travessas, sopeiras e pratos onde sabugos apanhados ao pé do cocho das vacas e representando os grande personagens da casa, a Anastacia cosinheira, o Ezáu, o Virgolino catacego, o domador, comiam folhas de carurú emquanto, amarrado ao pé da cadeira, pinoteava a egua moura. Esta alimaria não passava de um xúxú espetado de quatro palitos á guiza de pernas, uma penna de gallinha como cauda e trez caroços de feijão enterrados na cara, prefigurando bocca e olhos — suggestiva esculptura da cosinheira que todos preferiam aos cavallos de Nuremberg, pimpões de garbo equino sobre suas quatro rodas de chumbo, áquellas horas esquecidos atraz dos armarios a conversar com teias de aranha.

A's subitas, o Edgard já farto, apontava um desvão da sala mais intenso de sombras e berrava: o Camicêgo!

E debandavam todos em grita, n'um louco panico até a sala de jantar, onde paravam offegantes, a rir de susto.

Um dia appareceu por lá um morcego moribundo d'azas amarrotadas pela vassoura da copeira. O Edgard identificou incontinentemente o bicho nunca visto.

— E' o Camicêgo.

E de roda em torno ao monstrengo quedaram-se os tres em demorada contemplação: a menina em arredio no meio asco da sua femilidade nervosa; o Guilherme espichado no soalho de carita apoiada nas mãos ambas; o outro a pegar sem nojo no bicharoco, a estirar-lhe as azas em gomos de guarda-chuva, a abrir-lhe a bocca para mostrar a serrilha dos dentes brancos, explicando, inventando petas a respeito.

— E elle come gente?

— Bôba! pois não vê que nem come carne este fosforo? e mettia um palito guella a dentro do bicho em transe final.

Nisto "gente grande" pilhou a "porcaria" e com ralhos asperos dispersou o bando, pondo termo á lição de cousas. E o morcego voou zunindo para o quintal. Não valeu o pito. O necroterio transferiu-se para lá, á sombra de uma jabotica-beira. O Edgard com uma faca de mesa procura abrir a barriga do "cevado". Iam fazer sabão da barrigada e linguça das tripas. Mas a faca não cortava, o monstro rijo e molle fugia á direita, á esquerda, e a cosinheira, em busca de cebola para o jantar, pilhou-os de novo na "porcaria". Com sua autoridade de negra velha e "gente grande" e para evitar reincidencia pinchou com a nojenta pellanca do vampiro p'ra riba do telhado.

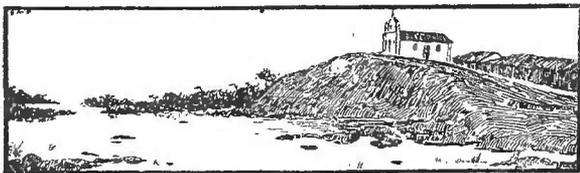
Datou d'ahi a morte do Camicêgo. Não amedrontava mais. Se alguém o lembrava, riam-se, porque a imaginação dos tres incarnava logo o monstro na carcassa triste do pobre morcego.

Ha muita gente que não dispensa moralidades. Querem-n'as tanto nas fabulas como em historias de crianças.

A esses, para contental-os, diga-se que os homens, como crianças grandes, quando corporisam suas idealisações em realidades palpaveis, veem-n'as definharem miseravelmente.

Com serem "gente grande" não deixam de ter lá seus Camicêgos e estes saem-lhes rélissimos morcegos sempre que a vassourada de um criado os pespega para cima da mesa anatomica.

Ou esta ou outra qualquer. Ou melhor nenhuma, que isto é simplesmente historia de criança copiada d' ao vivo e não fabula de Phedro a moderno.



## A SESSÃO DO INSTITUTO

(Trecho de carta)

E a proposito de teu casamento dá que te conte uma historia da qual poderás tirar fecunda lição.

O caso é verdadeiro tanto quanto o possa afirmar, pois se passou commigo. Como sabes, com tua prima, essa nobre e sadia creatura que foi minha mulher, vivi na mais confiante harmonia; não alguns annos somente, quasi um quarto de seculo.

Attribuo esse entendimento entre nós dois, essa justa comprehensão da vida conjugal, a um pequeno episodio, quasi uma anecdota, que occorreu nos primeiros tempos de nossa união e que me ensinou a comprehender o coração da mulher e a inutilidade de o procurar enganar, mais que a leitura de tantos psychologos que abundavam já por aquellas eras.

O que faz a felicidade de entes que se casam, não é tanto a perfeita conformidade na vida material de que a intima confraternisação do espirito. Sem o reciproco entendimento do character e da vontade não pode ser definitiva a conjunção de duas creaturas. Certo a continuidade da vida commum, e sobre tudo a crença convencional de que é definitiva tal situação, gerando habitos que se inveteram, creando essa atmosphera da vida normal do individuo, têm uma grande força de resistencia que ás vezes dura por uma vida inteira. Mas, quantas vezes a apparencia regular e calma não nasce da calada resignação com que duas creaturas infelizes esperam uma futura libertação sem a energia de se rebelar contra o destino, ou convencidas da inutilidade dessa rebellião?

Pode existir entre marido e mulher a inteira e completa confusão de existencia; sem a comprehensão ideal dos espiritos, sem que a vida intellectual se confunda tambem, se integre uma com a outra, não ha essa ligação indestructivel que, satisfazendo as exigencias do temperamento de cada um, constitue a só felicidade que pode tornar supportavel a vida conjuncta.

Sem essa felicidade assim construida, o mais pequeno successo pode determinar a desagregação daquella intima coexistencia. Quantos factos de divergencias retardatarias, de divorcios crepusculares não têm sorprendido a sociedade

rompendo subitamente a existencia de casaes que toda a gente, mesmo a mais intima, via levar sem attrictos a monotonia conformada do casamento?

É que essa existencia vivia apenas da força do habito, dá convenção da fatalidade do matrimonio. Uma qualquer circumstancia que venha demonstrar praticamente a mentira dessa convenção pode operar o desmoronamento de toda a architectura.

Só a felicidade, gerada pela comprehensão dos espiritos, tornando necessaria e desejavel a continuidade desse estado, cria a indissolubilidade desses laços.

Para mim, pela sciencia que adquiri da sociedade e do coração humano, esta se me afigura a verdade, e a transmitto ao meu jovem amigo no momento em que me communica o seu proximo enlace, sem tomar nada pelo sermão.

Vejo agora que o meu caso ficou á margem tendo-me eu embrenhado por umas considerações philosophicas de que me penitencio. Se não comprehenderes o que acima ficou dito ou se achares pueril, a velhice é a segunda infancia, perdôa ao teu velho amigo e rasga esta carta, mas rasga-a depois de a teres lido até o fim. Ganharás com isso. Torno ao meu caso.

Foi nos primeiros tempos do meu casamento. Mal havia escoado o primeiro anno de uma existencia suave, iniciação do longo periodo dessa intensa vida a dois que foi a nossa vida commum.

Eu ainda não havia sido inteiramente conquistado pela collaboração de minha mulher no trabalho de meu espirito, na realisação do meu programma de vida. Aconteceu que por esse tempo, uma pequena aventura amorosa, um simples capricho, se intercallou, já me não lembra como, na regularidade de meu dias.

A intriga se enredou e eu não tive o espirito de resistir a uma tentação facil; accitei uma entrevista que ficou marcada para certa noite em que havia, ou devia haver sessão num instituto de que eu era socio.

Minha mulher não se mostrava curiosa dos meus passeios, que alias não eram frequentes nem longos, e nada houve que embaraçasse minha sahida nessa noite fatal.

Eu deveria ter, porém, tanto explicado a necessidade de ir ao instituto, tanto deveria ter procurado mostrar a naturalidade de minha sahida que no animo arguto de tua prima se desenhou a suspeita de meu delicto. Nada me objectou, porém; deixou-me partir e nossa despedida, a não ser o requinte de ternura com que minha

excitação procurava encobrir a minha infidelidade, foi semelhante ás nossas despedidas de sempre.

Parti. Quando tornei á casa, onze horas passadas, encontrei minha mulher que ainda lia. Deitada, na ampla, levissima camisola aberta de onde emergiam o cõllo e o busto, num confiante abandono, a luz de uma lampada sobre a pequena meza de cabeceira delineava-lhe em claro-escuro as formas gracios do corpo joven.

As minhas explicações ao entrar deveriam ter sido mais compromettedoras que as anteriores. Minha mulher ouviu-me a não habitual loquacidade; olhou-me longamente, envolvendo-me no seu claro olhar bondoso e fundo. Eu estava muito longe de me aperceber da miraculosa intuição daquelle olhar. E minha mulher decifrava nas demasias de minha linguagem a verdade do meu desvio como si eu lhe falasse no proprio idioma nosso.

Precisava, porém, dar-me a lição e chamar-me á consciencia de minha miseria.

E então, Maria, do modo mais natural do mundo, disse:

— Mas... tu foste sem gravata?... .

E eu, num rapido relancear de uma perspicacia extraordinaria, prevendo que havia esquecido a gravata no escuso quarto onde estivera, volvi affectando:

— E' verdade... Fui sem gravata... Quando cheguei ao Instituto varios de meus collegas observaram; alguns troçaram, perguntando onde eu havia jantado... Um continuo offereceu-se para ir comprar uma gravata num armario proximo... Achei que não valia a pena... Levantei a golla do palitot e assim passei a noite... Mas, não sei mesmo como tal aconteceu. Um caso extraordinario... sair sem gravata... nem sei como não reparaste, ao jantar...

Ditas que foram por mim estas palavras, minha mulher tomou de seu livro e recomeçou a leitura.

Eu fui despir-me e avalia tu, meu caro, do meu desapontamento quando, ao tirar o collarinho, vi que estava de gravata, que trazia ao pescoço uma grande gravata de *plastron*, de cores vivas, gritadoras, barulhentas, que não poderia passar despercebida de olhos mesmo que pouco vissem...

Compreendi, no maximo enleio que, de um modo extraordinariamente fino, minha mulher me havia feito sentir que ella estava senhora de meu segredo, que ella me havia colhido na flagrançia de minha mentira.

O peso da humilhação me fixou no soalho. Maria comprehendeu a afflicção do meu momento e, com generosidade, pousando o livro, apagou a luz e accomodou-se no leito fechando os olhos

para dormir... Não sei como pude terminar o meu vestuario. Perturbado, humilhado, diminuido, vaguei pelo quarto, fazendo mil pequenas cousas, deixando passar o tempo, sem coragem de me metter no leito, n'aquelle leito meu, cuja ampla metade minha mulher, enrodilhada a um canto, me deixava vasia, convidativa, apeteçivel. Passaram-me pela mente mil projectos; quiz ir dormir para outro quarto; quiz atirar-me aos pés da viva creatura e pedir que me perdoasse, quiz... nem sei quanta cousa quiz. O que nesse momento me teria entretanto sido mais desejavel seria que o soalho afundasse numa subita transformação de theatro, e eu desapparecesse daquelle logar, das vistas daquelle creatura de que me não julgava digno.

Afinal, decorrido não sei que tempo, metti-me na cama. Acocorei-me livido, longe, o mais que pude do corpo de minha mulher, temendo de lhe sentir o contacto.

Apaguei minha luz. E o peso da treva cahiu sobre a minha miseria.

Ao outro dia minha mulher se ergueu do leito como si nada tivesse acontecido, com uma superioridade stoica, que fez o meu assombro; a manhã e o dia correram como todas as nossas manhãs e todos os nossos dias...

Sahi para o trabalho, tranquilisado, posto no meu lugar, sem que o mais ligeiro olhar de minha mulher, a mais leve expressão na conversa denunciasse a insinuação mais subtil, a referencia mais longiqua aos factos da vespera. Voltei á tarde e ao vel-a ainda senti-me contrafeito um pouco. Minha mulher, porém, me recebeu como todos os dias costumava receber-me e o nosso jantar correu como os nossos jantares de todos os dias...

Somente, quando o café foi servido, um tinto café fumegante, em finas canequinhas da India, sem que nada lhe denunciasse, na voz ou no rosto, uma intenção de ironia, minha mulher perguntou-me, pondo-me no olhar envergonhado os seus meigos olhos dominadores:

— Tu hoje não tens sessão no Instituto?... .

Ao que eu retorqui, vivamente, com uma caricia:

— Mas, não!... O meu Instituto és tu...

E dizia uma verdade, porque com ella aprendera o segredo da vida e da ventura...

RODRIGO OCTAVIO





## O SINEIRO DE CANUDOS

Salvador Mocambo tinha na cabeça, a palmas, o sertão de Canudos, onde tanta gente suou sangue na revolta de Antonio Conselheiro. Nascera na caatinga, quasi della se não afastára. Vaqueiro fora o pae de Salvador Mocambo, o filho seguiu-lhe a profissão. Na mocidade destemperára bastante. Serenando na dança, ralhára na viola cantigas sem fim; puzéra ás tontas, com minéstras e denguiques, muita cabocla bonita, tornando-se figura obrigatoria de quanta encamicada havia.

Déstro, forçado, valente, um galalão, não se repassava de sol ou chuva. Sabia das manhas das boiadas, conhecia pelo volume da barriga a segurança das eguas, conservando sem falha de memoria os ferros de gado do patrão e os marcos das fazendas visinhas. O vaqueiro Salvador, tal a melhor joia da fazenda do capitão Jonas Lebre, ignorante ás posses proprias, pois vivia á larga na capital bahiana. Solteirão, impertinente, gastava dinheiro com as mulheres damas, só de cor duvidosa. No fim do inverno o capitão Jonas recebia o producto da venda do gado, honestissimamente vendido pela jagunçada. O boiame do capitão progredia de anno em anno; as epizootias do *rengue* e do *mal triste* não pareciam feitas para os seus touros ou garrotes.

Salvador Mocambo constituirá-se o vigilante-mór da bicharada do capitão Jonas cuja unica obrigação era, consoante o habito sertanejo, conceder ao vaqueiro o quarto dos productos da fazenda. Salvador não desejava riquezas. Bastava-lhe o sertão, os seus thesouros quando respeitados pelo vento da secca. Era dono dos joazeiros, de follías muito verdes e flores amarellas, como vestidos de esmeralda e ouro; sem impecilhos possuia os mandarucús isolados e muito altos no centro da vegetação rasteira, torres de cathedral sobre cidade pequena; os chiques-chiques, abrindo a neve em perfumes de folhas alvinitentes, defendidas pela ponta de agudos espinhos; os saxateis cabeça de frade, os canudos de pito, que, quando juntos, pelas flores em espigas e penachos, lembram um exercito só de officiaes.

Salvador Mocambo adorava os sertões, amor forte, singelo, bom. Desgracioso como todo ta-

baréo, nervos afogados em preguiça, Salvador era o homem de lucta que são todos os matutos nortistas quando um obstaculo qualquer lhes fustiga a alma adormecida, os musculos afrouxados, de nativo ocio, molles como a fructa sorva, ou inquebraveis qual ferro resistente. “Eu só tenho medo do sol” — dizia Salvador rindo; realmente o sol é o tyranno do sertão e o carrasco do sertanejo. Quando os céos choram apenas em Outubro as chuvas do cajú, será de lagrimas o verão sertanejo. Até as aves emigram na rapida trajetoria da fuga.

Um dia Salvador teve a vida povoada pela paixão. Amou e soffreu. Quiz casar e a noiva acabou raptada por um moço da cidade. O tabaréo sentiu a raiva, o ciume, a afronta bater-lhe ás portas do coração pedindo agasalho eterno. Travou-lhe a bocca o gosto do sangue; na mente enterrou-se-lhe, á moda de prego, a terrivel justiça da vingança. Montou a cavallo, atirou-se pela caatinga como no encalço da boiada em disparo. Alcançou o par fugitivo num sitio onde os molungús e as quixabeiras vicejavam luxuriantes á beira das cacimbas. Matou o rival, poz nua a mulher e tocou para traz. Deixou a antiga noiva com o cadaver do amante e raptor junto dos molungús e quixabeiras, aquelles de flores vermelhas, o sangue do assassinado, estes de fructos negros, como o luto da miseria desamparada.

Córreram vozes pelo sertão acerca do crime. As autoridades não se moveram, nem os matutos culpavam o autor do desaggravo pundonoroso. Salvador Mocambo tornou-se, porém, insociavel, taciturno, gelado em silencio torvo. Já nem escrevia ao capitão Jonas, deixando a um jagunçote a tarefa de communicar-se com o senhor da fazenda. O capitão Jonas mostrava-se cada vez mais amigo das crioulas de baraugandáu. Contribuia, com o aspero labor dos vaqueiros, para a compra daquelles vistosos ornamentos de prata que, sobre as camisas de bicão, as crioulas collocam á cinta nos dias festança do Bomfim. As Venus de chamosco davam-lhe em troca a gamma variada de suas ambrosias e dos seus nectares, o vatapá, o carurú, o acassá de leite, o agurá larangiforme de arroz fermentado, moido em pedra e agua adoçada, sem esquecer a misturada do bobó, com os seus ingredientes varios: o feijão mendubi, agua, sal e banana da terra. O velhão do Jonas preferia taes comedorias aos embigos-de-freira, biscoutos que as mãos das sinhasinhas lhe offereciam á hora do chá n’alguma casa de cabedães, dotes e heranças. A pesca do marido á

moda do farraxo, attrahindo o peixe com a luz, era infructifera com o ricaço do Jonas, cujo estomago amoroso só admittia jabá de gado preto.

Para este pandego negreiro suavam a mais não poder o Salvador Mocambo e os companheiros no sertão, agachados á beira das cacimbas ou correndo atraz das boiadas soltas, emquanto a jia do capitão Jonas, alias bem branco, se enlodava no charço dos amores africanos, alguns cheirosos á maritacáca.

Salvador deixara de escrever ao patrão depois do assassinato commettido por elle, receioso como desconfiado matuto, que o viessem incommodar. Chegada a epoca do *verde*, a feliz quadra chuvosa, Salvador sentia-se rei na caatinga onde a *bicharada fervia*, desde as seriemas chorosas até as sussuaranas ferozes de garras promptas a pôr qualquer vivente em um bolo de carnes. Salvador conhecia egualmente os dias de aragem, as horas da medonha secca quando só o ouricury fornece a padaria sinistra dos pães de bró, pondo os ventres em forma de tambor sem saciar a fome. Salvador não arredara pé, quasi morrera, ao grunir do vento da secca, o flagelante nordeste.

Não tinha mais um boi, nem mais um cavallo para açoutar a manguá de couro! Alimentava-se com um nada, sem o recurso da caça. Lá se armasse mundéos para mussuananga. Ah! se ainda houvesse uma castanha de muturi nos cajueiros! Pretendel-o, era querer a pititinga miuda, que nada em aguas fartas, a rastejar pelo solo resequido... Uma porcellana cheia d'agua valeria um thesouro. Salvador rapou rente as crinas do cavallo, poz-lhe ás ancas esqueleticas o sino, outrora cheio de provisões e demandou a serra longinqua onde a mulher do, compadre João Mindo sevava mandioca no tijupá hospitaleiro. O cavallo custou a subir o tombador ingreme, mas afinal sempre attingiu o suspirado sitio do Mindo.

Dissipada por completo a medonha catastrophe da secca, Salvador regressou ao sertão, voltando por pequenas jornadas, saudando uma por uma, com indizível emoção, as plantas surgindo aos olhos saudosos: as baranas offerecendo ao viajante o presente das suas flores em cacho, os joás apertados em moitas e os marpeiros disseminadissimos, o roxo dolente da casca das mubusanas, um mundo de ramos a occultar uma fauna das mais ricas. O canto da primeira sericoia trouxe lagrimas aos olhos rudes de Salvador. Sentio, pela primeira vez na vida, uma sensação indefinivel, agridoce, a saudade, o divino travozgozo.

Disponha-se Salvador a voltar de novo ás antigas lidas de vaqueiro, quando vozes de amigos entraram a contar-lhe as proezas do famoso asceta sertanejo, Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, que, mercê da dor, pregava pelos sertões a fora a redempção dos homens. No animo do vaqueiro havia ainda restos do temor pelo crime de morte praticado no desafogo do odio e do ciume, o grande espinho dos corações humanos. Começou a ruminar a ideia de limpar pelo perdão a escorralha sanguinea de sua vida. Hora a hora cresceu-lhe o desejo de juntar-se ao Antonio Conselheiro, cujos devotos alcançavam o céu.

Um dia entendeu partir para Canudos, a implorar os favores do Alto pela sua salvação. Partio. Achou em caminho gente de todos os pontos e laias, gente de Alagoinhas, Feira de Sant'Anna, Geremoabo, Bom Conselho, Simão Dias. Era mescla de tudo a peregrinação e os peregrinos. Salvador passava de continuo por patricios simplorios e bons. Acotovelava nas estradas as mais despejadas *solteiras*, vestidas de vicios, mas despidas de vergonha, e os mais terriveis clavinoteiros, réos de muitas mortes.

Chegado a Canudos, quedou assombrado ante a *belleza* da igreja nova, molle assombrosa, protesto formidavel contra a architectura e a esthetica, á margem do Vasa-Barris.

Salvador foi acolhido em Canudos com satisfação e applauso. Não tardou em ser querido na grei de Conselheiro e de seus temerosos asseclas: Chico Ema, Quimquim de Coiqui, João Abbade, Pajehú, Laláu, José Gammo e tantos outros. Privou logo com Antonio Bentinho, mulato que era osso e ronha, trazendo o Conselheiro a par de quanto se dizia e pensava em Canudos; não faltou a um só *beija*, cerimonia na qual os santos, veronicas e cruzeiros eram osculados, de bocca em bocca, pela multidão dos jagunços fanatisados, desencardindo a consciencia de crimes no beaterio hystero-illuminado da religião do Conselheiro.

Salvador admirava o Conselheiro com todas as forças d'alma. Acompanhara-o de longe, respeitoso, na sombra; quando o Conselheiro, por indicação de Antonio Beatinho, dirigio-lhe a palavra, Salvador sentiu uma zouzeira na cabeça, quasi perdeu os sentidos.

O Conselheiro falou-lhe, duas ou trez palavras apenas, e afastou-se caxingando um pouco, vestido de azulão, a cabeça nua, as mãos grosseiras sustendo um cajado, os hombros varridos pela grenha hirsuta, o peito invadido pelas barbas gri-

salhas tirante a brancas, os olhos pretos nas covas das orbitas em o rosto macerado, o rosto comprido, pallido, a pallidez dos desenterrados.

Salvador nem teve tempo de responder-lhe, confessar-lhe o seu antigo crime, expor-lhe o sangue oxydado da velha culpa. Salvador raro o vja a não ser nas cerimoniaes do *sanctuario*, nem havia muito quem visse o Conselheiro no arraial dos bequinhos e das casas de taipa.

Depois chegaram os dias aziagos de Canudos. Cresciam as desgraças á maneira de fertil *lingua de vacca*, que todos têm e ninguem cultiva. A paizagem triste entrou a só ter echos para tiros e lutas; Antonio Conselheiro queimára em 1893, no *Bom Conselho*, as taboas que na localidade recebiam os editaes para a cobrança dos impostos decretados pelas camaras recém-autonomas da Bahia. Em Masseté, Uaná, no Cambaio, em mil encontros, cada vez mais renhidos, a jagunçada habituou-se a derrotar a *fraqueza do governo*, isto é, as forças commandadas por chefes cuja hierarchia vencida ia mostrando a importancia das derrotas legaes, o tenente Pires Ferreira, o major Febrônio, o coronel Moreira Cesar, o general Arthur Oscar. Salvador prestou relevantes serviços na caatinga. A principio a voz do canhão o intimidou bastante, mas dissipou-se celere a pavidia impressão. Nas gargantas do Cambaio obrára proezas contra as forças do major Febrônio, atirando enormes lascas de pedra "que passavam como balas razas monstruosas sobre as tropas apavoradas."

Quando Salvador voltava a Canudos não era mais o heroe, mas o candidato a salvação, jejuava, rezava á semelhança da beata mais debil e hysterica.

Por fim a batalha foi apenas em torno de Canudos bloqueado. Salvador Mocambo assumiu então as funcções de sineiro effectivo da igreja velha, funcções desempenhadas com uma pontualidade fervorosa. Canudos tinha diante de si um exercito de quasi 6.000 homens, recebendo diariamente a visita incommoda das balas de um Withorth 32, a *matadeira* dos jagunços. Desde a madrugada pelo correr do dia, o duello de morte se travava, enchendo de echos sinistros os ermos onde as arvores eram a excepção da regra triste de uma esterilidade infinita, a esterilidade das maldições biblicas. Quando a balaria da *froqueza do governo* se tornava mais densa, Salvador ia para a torre da igreja velha. O sino badalava furioso, com impacencias e coleras, vibrante, falando de odios surdos por todas as moleculas vibrantes do metal. Assistira Salvador ao encon-

tro da jagunçada contra as tropas de Moreira Cesar, sempre de corda na mão, sempre puxando o velho sino para o clamor da vingança, o berreiro da revide. A casaria de Canudos fora invadida pela gente de Moreira Cesar, o Coronel *Corta-Cabeças*, e o combate se travara immenso, disperso, brutal, implacavel, até as tropas legaes ficarem em pavoroso desbarato.

No meio das sangreiras vinham cahindo os crepusculos, véo de pudor sobre os mysterios da morte. Salvador trepava á torre, diluía-se no espaço o som da *Ave Maria*, o sino entrava a tocar umas notas doces, plangentes, pacificas. Os jagunços cessavam o fogo.

Assim foi sempre, até nos dias de completo cerco do arraial. O toque da *Ave Maria* era infalivel. Contraste singular, os canhões da Favella pareciam esperar aquelle momento para despejar sobre Canudos a mais dura colera. As pausas da *Ave Maria* marcavam-se a estouro de granadas e schrapnells.

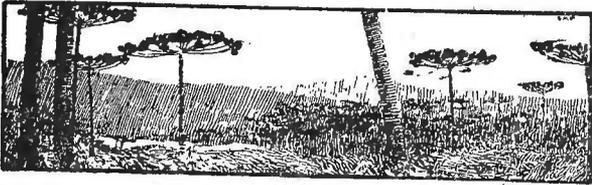
Na descahida da noute serena o sineiro punha a faceirice tragica de não perder uma só nota da voz religiosa do bronze até transformar a mystica *Ave Maria* n'um signal de alarme, feroz, continuo, animando a fuzilaria dos jagunços nas crinalhas das egrejas.

Toda a alma de Canudos vivia no sino e no sineiro da igreja velha. A jagunçada, rija de bronze, rezava e matava, matava quando lhe cortavam o caminho do céu alcançado nas preces e jejuns. A igreja velha, ao peso de tanta bala, mostrava enorme ventre aberto. Aluido o madeiramento, o campanario a cahir, Salvador nelle subia para o toque vespertino.

Um dia, porém, monstruoso schrapnell alargou ainda mais o escancarado ventre de ruinas do templo. O tecto saltou em estilhas, a torre desceu numa queda violenta. O sino, o sino de Salvador, voou pelos ares, badalando ainda, chegando ao solo a tinir de raiva.

Salvador Mocambo comprehendeu o fim da missão propria. Contemplou longamente o instrumento, o fiel companheiro, inerte na terra, rezou um Padre Nosso e dirigiu-se a desaparecer.

De tarde, na linha de fogo, á hora da *Ave Maria*, um tiro de Mauser varou-lhe os intestinos. Salvador veio se arrastando gemendo até alcançar o sino da igreja velha. Apalpou-o, cingiu-o, agonizou e morreu, abraçando sempre o velho sino, posto ao chão, entregado ao rigor de todos os silencios.



## MUSICA DE AMOR

Sós estávamos na sala malva, a sala das recepções intimas, das conversas leves em torno da meza do chá. Mme. de Souza, linda no seu *teagowre* côr de pecego, posava entre a trefega Mme. Werneck e a sisuda viscondessa de Santa Maria, e nós, eu e o barão Belfort, já tínhamos exgotado o ataque á musica italiana quando Mme. Werneck deu conta da sua ultima descoberta:

— O barão está triste.

— Pois se venho de acompanhar um enterro.

— Triste por isso? O barão, o homem sem emoções, triste porque acaba de fazer a coisa mais banal desta vida entre pessoas de sociedade!

— Não é propriamente por isso. Estou triste porque vi enterrar a ultima mocinha romantica d'este agudo começo de seculo. Se lhes contasse a historia da pobre Carlota Pães ficavam para ali todos a chorar, e antes de tudo, nesta hora agradável nunca me perdoariam ter envermelhecido os lindos olhos de Mme. Werneck.

— Mas pelo que vejo a sua historia tem a propriedade do diluvio! fez asperamente a viscondessa.

— Conte-nos isso barão, disse Mme. Werneck, com a sua historia contemporanea do diluvio-faremos decididamente coleção de antiguidades sisudas.

Houve um approximar de cadeiras. O barão bebeu um gole de chá.

— Não conheceram a Carlota Pães? Pois a pobre Carlota Pães, coitada! já com um começo de tísica e um perfil romantico, dava mesmo pena, á noite, no parapeito da janella, muito branca, como desmaiada. Ninguem lhe sabia da vida, e vendo-a assim, á janella d'aquella velha casa, todos a deploravam. Quando a Carlota atravessava a brutalidade do bairro pobre, com a apagada dôr dos humildes aristocratas, traia no rosto um tal desgosto que era por quantos a conheciam um só lastimar. Também só sahia para acompanhar a mãe, uma senhora escalavrada e roida como um vaso antigo, para acompanhar com o seu passo de visão a pobre velha carregada de pesadas costuras. Fôra assim desde nascida! Olhava os pobres e os parentes como se guardasse n'alma a recordação de um mundo melhor, alhejava-se d'elles, e quando a viam recolher ao sobrado em ruina, já todos tinham a certeza de vel-a apparecer á janella, muito loira.

Que faria ella, assim, por longas horas, alheia á rua, olhando o céu, como um personagem de romance? Coitada! Era o unico meio de esquecer a miseria da casa, a miseria que embota a alma e engrossa as deliciaes. Carlota ficava ali, numas attitudes serenas de passaro triste, com o olhar cravado no infinito, e toda a sua vida de sensitiva quebrada pela incompreensão dos outros, mucilagínava uma dolorosa expectativa. Parecia um typo de lenda, á espera da fada que a fosse salvar do bairro escuro e d'aquella pobre senhora sempre a trabalhar e sempre de preto.

Como estão a ver era uma menina romantica, e que romantismo minhas senhoras! Até eu cheguei a admirar-a. Tossia mais, estava diaphana, parecia uma *nympha* virada em anjo da saudade, — porque, de certo, quem lhe visse o olhar e os irresolutos gestos, julgal-a-ia perdida de um paraíso artificial. Não lhe pude saber a origem d'esse esquisito feitio, e certa vez que lhe levava bonbons e lhe falei em paixão, ella teve um gesto tal que me esfriou a alma. Também, como sumida da realidade, nunca ninguem a tinha visto á janella, baixar o seu severo perfil ás vulgaridades do namoro. Esperava, nada via, e com a sua anciedade, assim ficava até tarde, muito branca e muito loira, olhando o céu.

Uma vez, no mez de junho, a Carlota estava a chorar, nem sabia bem porque, deante da algida luz do luar, quando na casa junto, o harpejo brusco e sonoro de um piano sobresaltou-a. Do outro lado lentas espiraes melodicadas espraivavam-se, envolviam-na. Era, num turbilhão continuo de notas, de expressões subitaneas e diversas, a expressão persistente, torturante do desejo que não se termina e se preludeia, do amor cuja volúpia jamais alcança o paroxismo. Ella ficou presa, estarecida. Quem seria? Nunca ouvira aquillo, nunca sentira os nervos tocados d'aquelle brusco quebranto, d'aquelle epidermico encanto do som, exprimindo o inexprimivel. Os sons, como caricias de rosas, iam a pouco e pouco desfibrando-a, envolvendo-lhe a alma, machucando-a. Toda ella palpitava agora com uma tremura de folha ao vento. Teria chegado a felicidade, o impalpavel prazer até então vedado? Aconchegou-se mais ao chaile, com um arepio de goso que subia pelos braços e lentamente irradiava pela nuca.

Do outro lado a musica, velada, num resumo de mil emoções, esboçava paizagens subteis e esfumadas, desfiava risos perladados, cavava-se em soturnas maguas, e como se a vida extrahumana fosse um só gemido d'amor, toda ella espiralava tormentosos queixumes, endeixas dolorosas, perdidos soluços de paixão. Para os grandes sen-

suaes só ha um goso integral que exprima a ancia de acabar e a fraqueza humana — o som, a vibração de uma corda na lamentavel evocação de vidas que se não realisam.

Para que o sentir da pobre creança fosse mais intenso, no espaço as estrellas palpitavam e a luz do luar lustrando as casas com o seu misericordioso brilho, entrava pela janella num retangulo de oiro que parecia milagre.

Essa noite passou-a á janella até muito depois do piano calar, ouvindo-lhe o ultimo som perdido na cinza avelhada do luar, e desde então andava o dia á escura e toda a noite passara, em que o occulto pianista tocava, presa ao parapeito entre a luz do astros e os sons mysteriosos. Nós já riamos da paixão.

— Então a Carlota ?

— Ai ! meu senhor, continua a viver dos sons, está de todo virada !

E quando eu lhe levava alguma coisa.

— Então a sra. dona Carlota sempre com os sons ?

Ella pendia na cadeira, sussurrando :

— E' tão bom !

Aquelles sons como um rosario sem fim que se desfiasse iniciavam-na numa religião de amor desencarnado, e quando qualquer difficuldade emperrava do outro lado a mão do tocador, a Carlota sentia uma agonia como se hesitasse em comprehender todo alcance peccaminoso da phrase.

Vinha-lhe ás vezes a curiosidade de saber quem era esse tocador. Passava os dias á espreita ; a casa ao lado, uma pensão, não lhe deixava advinhar entre as muitas pessoas que entravam o artista estranho da noite. Perguntou á mãe se a informavam e a velha senhora respondeu que não sabia, que não era possível saber.

Bruscamente, então, perdeu esse desejo. Conhecê-lo para que ? Bastava a delicia de ouvir-o, bastava a inconsutil paixão que a rojava a seus pés ! E perdia totalmente as noites, essas noites de agosto trahidoramente frias em que a luz brilha mais, ha mais perfume no ar e as brumas ao longe parecem sudarios consoladores. Era um enebriamento até o romper d'alva. No fim, quasi se arrastando, ia para o peitoril como para uma tortura e do outro lado a musica inquisi tora amortalhava-a desabridamente no delirante tropel do amor.

Ah ! o gozo do raro ! Os seus nervos sensiveis chegavam ao pranto, ao soluço, ao sorriso como hypnotisados. Cada nota já lhe exprimia um sentimento, os trechos repetidos pelo artista ella os seguia, advinhando accordes, advinhando sons como se fizesse o exame da sua alma de amorosa e de cada vez mais maravilhada ficava, bebendo

a pleno trago, o delirio, a morte, o extase da musica encantada. De certo ninguem, ninguem no mundo amava, sentia-se ainda com esse sagrado e impalpavel amor. Encostava-se ao parapeito, esperava e era sempre com um susto que de repente ouvia abrir-se uma escala como acordando o piano, e as duas vibrações de bordão, dois accordes de contra baixo, pezados e sonoros. Depois um som subia, outro respondia, o aviario se encadeava num trinado. Muita vez o pianista que fundia a alma com as notas, tocava varias arias simples, com um ar velho como se os seculos todos chorassem a vida, d'outras eram trechos modernos trançando no ar uma flora bizarra de nervosos accordes e era então uma revoadada de dores, ais sem fim, queixas em harpejos arquejados, rugidos rubros de ciúme em que o piano parecia abalado e a musica estrebuchava...

Nos ultimos dias a coitada ardia em febre, plenamente fóra do mundo, gozando com um gozo feroz de agonisante o amor incorporeo enquanto ao lado noites em fóra as mãos invisiveis soluçavam a magua e a tristeza.

Ora, hontem, quando eu subia a escada ingreme da sua velha casa, D. Anna, appareceu-me desgrenhada.

— Venha, acuda, a Carlota morre...

— Como foi isso ?

— Sei lá ! Passou toda a noite á janella, o musico não tocou, a chuva, hemoptises, sangue...

Na sala de visitas, a pobre Carlota, coitada ! estava caída numa cadeira de braços, entre as bacias, as botijas, os pannos, a lugubre confusão que precede o eterno descanso. Fez um esforço, estendeu a mão.

— Estou á espera da musica...

Deixei-a, despreguei-me pelas escadas. Era preciso que a musica lhe levasse o supremo consolo. Entrei pela casa ao lado.

— O pianista ? perguntei ao encarregado.

— O maluco ? No 1.º andar, á direita, quarto numero 5.

Subi, bati com força no quarto, empurrei a porta, desesperado, encontrei um velho homem magro e adunco.

— E' o sr., o pianista ?

— Sou.

— Ha aqui ao lado uma creança que agonisa. Vinha pedir...

— Para não tocar hoje. Vá com Deus.

— Não, venho pedir que toque. Não é possível explicações. Essa menina vive ha um mez de ouvir-o. Está morrendo, pede-lhe que toque.

O homem passou as mãos pelos cabellos.

— Escute, é uma loira, muito loira ? Meu Deus !

Pobre pequenina! Então ella me ouvia? Vá, eu toco, vou tocar, vá.

Depois agarrou-me o braço.

— Mas escute, não lhe diga como eu sou. Eu sou feio, perdia o encanto!

Quando outra vez entrei na sala, a Carlota moíria. Como a querer beijal-a, o luar entrava pelas janellas um golphão de ouro, e ella com as mãos de magnolia cruzadas sobre o peito, tinha na face a tortura da agonia.

Mas, subitamente, teve um estremeção. Ao lado como uma ronda de astros que se despregassem do infinito o piano explodia uma indivisível revolta. Um tropel de sons reboou, entrechocou-se, deslisou, rasgando o ar, do mundo ás estrellas, com uma dor infinita. Depois, pareceu parar, tremulou brevemente como se o paraíso abrisse e os archanjos cantassem, e enquanto Carlota sorria, os accordes como um choro de rosas envolveram-na, beijaram-na. E ella morreu, docemente, sem uma contracção, ouvindo a musica do amor...

Houve um longo silencio na sala malva, onde ha conversas tão alegres á hora suave do chá. O barão limpou o monoculo:

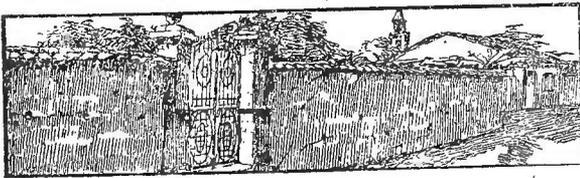
— Ora aqui está porque eu estou triste!

— Coisas da sua phantasia macabra, fez a severa viscondessa de Santa Maria.

— Para entristecer a gente, acrescentou Mme. de Souza, linda e sentimental.

E de novo, enquanto Mme. Werneck fazia um grande esforço para não chorar, todos nós com afinco e erudição atacámos a musica italiana.

PAULO BARRETO



## AS ARRECADAS

(A CÔELHO NETTO)

No outro dia, manhãsinha cedo, havia de o Neto marchar para a feira, com os dois novillos á soga.

Os ánimaes eram galhardos, escorreitos e sãos, benzesse-os Deus; de dez moedas para riba com certeza davam. E o Neto botava já contas á vida no destino daquelle dinheiro: — tres para a decima, quatro para emprestar a juros de um alqueire cada, e as restantes, com essas compraria as arrecadas da filha.

Ai! as arrecadas! Até que enfim, a Adelaide ia ter umas arrecadas; e só de lhê lembrar o alêgrão que a cachopa sentiria ao ver as ricas

argollas de ouro, enramalhadas e lindas, já todo se consolava o pae.

— Tu como as quere, cachopa?

De qualquer geito ella as queria; como fosse da vontade de senhor pae...

— Grandes, hein?

— Sim, elle sempre será melhor.

Não mostrava muito empenho — sempre seria melhor... Mas os seus bellos olhos luziam já, como se estivessem vendo alli bem perto, ao alcance da mão, os enormes brincos, de um lavor complicado, com florinhas em relevo, e sua pedra de cor viva, a dar-lhes graça.

O pae desejava, porém, informações miudas e precisas; não fosse elle, na sua ignorancia, comprar coisa fóra dos termos.

— Pintalgadas, hein, que te parece?

Parecia-lhe que sim. Uns “não me esqueças” pequeninos em toda a volta, ficariam a calhar. E numa palavra — o senhor pae que visse bem se lh’as podia arranjar eguaes ás da Thereza. Lembra-se?

Sim, tinha uma lembrança, não havia duvida.

— Pois, está dito, como as da Thereza: grandes, bem trabalhadas e com florzinhas. Dito.

E festejando-lhe a bonita cara com a mão callosa e larga, deu as boas noites.

Caminho do quarto, fez ideia da impaciencia em que o esperaria a filha no dia seguinte, das vezes sem conta que ella iria á janella a ver quando o lobrigava na volta da estrada, ao longe, entre os dois grandes pinheiros mansos.

— Presumpçosas, presumpçosas! — dizi a baixo

— Que elle tambem se a presumpção fosse tinha...

E pegou a despir-se para se metter na cama.

Mas a voz da filha ouviu-se fora.

— Senhor pae, olhe...

— O que é rapariga?

— Se me comprasse tambem uma caixinha p’r’ás arrecadas...

— Compra-se a caixinha, fica descansada.

— Olhe.

— Hein.

— Se eu fosse comsigo?...

— Hom’essa! E quem ha de tratar da obrigação?

— Fallava a alguem.

— Tens medo que me roubem no caminho?

E largou a rir.

— Cá de mim, não. Mas...

— Nada, fica, fica. Aquillo não é romaria; não ha lá danças. Negocios, tudo negocios. Mulheres não andam p’las feiras.

Ella suspirou, tinha grande vontade de ir. Mas, enfim...

— Boa noite, disse desconsolada.

— Boa noite.

Mal o dia rompeu, logo o Neto desceu á côrte, a aparelhar os novilhos. Passou-lhes a sogá nos chifres, tirou-lhes com cuidado a poeira do pello; e depois de ir buscar atraz da porta a aguilhada de marmelleiro, passou os dedos no ferrão a ver se estava agudo, bofou a jaqueta ao hombro e partiu, acenando aos novilhos que o seguiram aos saltos.

A feira ficava longe, num soito largo, onde castanheiros velhos e enramalhados punham na relva fresca enormes manchas de sombra.

Havia um grande chocalhar de campainhas: os vendedores passeavam os animaes, encarecendo-os e gabando-lhes a boa andadura, o ensino apurado, a submissão e a valentia. Discutiam-se defeitos, falava-se com sciencia em nevoas dos olhos, nodoas nos dentes, peito aguado, má bocca ou máo trabalho.

Sobre pedras, alguns vendedores tilintavam uma a uma, punhados de libras, cuidadosamente, verificando se eram das boas. Morgados e ricaços, de esporas e chibata, botas altas de montar, passavam devagar, cumprimentando popularmente em grandes mãosadas, apreçando os bois, com grande ar de entendidos. Um abbade — troquilha, de chapéu largo, jaquetão comprido e cigarro na bocca, tentava manhosamente, num contracto rethorico, impingir aos freguezes uma egua escanzelada e velha.

Palrava-se muito: em grupos havia mesmo ralhos, palavras feias, principios de bordoadá grossa. Junto ás pipas, decilitrava-se, em saudes, por grandes malgas vidradas.

O Neto chegou tarde; mas em volta dos novilhos armou-se logo uma roda de compradores. Alguns arrebitavam-lhes o beicho para ver a idade, miravam-lhes bem as patas, commentando a perfeição dos cascos. O que allí estava á vista de todos (o Neto o affirmava) era trigo sem joio: animaes de uma canna só.

— Quanto quer p'los bichos, ó tio?

Dez moedas; era o preço.

— Puchadote, hein? puchadote.

E remiravam ainda, separadamente e miudamente o corpo de cada animal, passando-lhe a mão por todo o comprimento do lombo, ameiçando-o com pancadinhas doces. A junta despertava interesse.

— Diga lá a ultima palavra, a ultima.

O Neto declarou que a ultima palavra era — dez moedas. Nem mais nem hontem. Nunca fôra homem de regatear; nada, isso era bom para ciganos.

— Nove moedas, tomá lá dá cá; escusa de ir mais adiante...

E faziam já menção de rapar do bolso as nove moedas, e contar-lh'as ali num prompto.

— Por menos de dez ninguem n'os leva. E' excusado.

— Nove e meia.

— Nada.

Mas pessoas, em volta, mettiam-se no contracto. Verdade, verdade, seu Neto. Nove moedas e meia era um bom preço; não senhor, era um bonito preço.

Altercou-se; alguns iam-n'o agarrar, arrastavam-n'o fora do grupo, fallavam-lhe devagarinho ao ouvido. Que diabo, homem, a offerta não era de desprezar. Visse bem que eram nove moedas e meia — dez libras e seis tostões! Era um alto negocio, um negociarrão!

Outros segredavam-lhe amigavelmente nue não cedesse; o outro chegaria ás dez. Estava encantado com os animaes.

Mas um velhote chegou. Pediram-lhe o parecer.

— Dez moedas é de máis, você que diz? perguntou o comprador. — Eu até ás nove e meia ainda dou.

O velhote adquiriu maneiras de juiz, prestes a julgar uma causa celebre. Pediu fogo a um delles, accendeu pachorrentamente o cigarro.

— Então você quer dez moedas?

O Neto acenou com a cabeça.

— Você (para outro) dá as nove e meia?

— Saltadinhas.

— Pois ahi vae o meu conselho; vende-se os bois p'las dez menos um quarto, e o outro quarto vae-se beber de vinho, em sucia.

— Approvado.

— Dito.

Contou-se allí o dinheiro, e foi-se beber o quarto em sucia.

Depois o Neto partiu; tinha umas coisas a fazer; tinha que tratar dos negocios, deixou ainda os amigos discutindo de malga na mão, em volta de uma pipa.

Abalou para o lado dos ourives; correu-os todos, de cabo a rabo, analysando bem os brincos pendurados em cartões verdes á volta das barrancas, ou mettidos em caixinhas, por cima dos mostradores.

Custava-lhe o decidir-se; por fim, um tanto namorado por dois ricos argolões, fortes e caprichosamente floreados, perguntou a medo o preço.

Veiu avial-o a mulher do ourives, uma senhora alta, gorda e loira, de mãos finas e brancas, bonitos modos, fallas muito doces; a sua voz tinha

um tom estrangeiro, carregava muito nos rr.

— Os lindos brrincos custam ao sinhorre treze mil réis.

— Não faz um abatimentosinho? aventou o Neto, vagamente.

— Não sinhorre, não pode serre menos.

E convencia-o com argumentos brandos.

— Eu pode venderre outrros mais barratos; mas estes são bons. Muito na moda; muito bons.

Então, tirou da algibeira a bolsa e poz-se a contar o dinheiro; queria tambem uma caixinha, daria mais a mais alguma coisa se preciso fosse.

Ella arranhou-lhe uma caixa preta de forma triangular, metteu-lhe dentro as arrecadadas, cobriu-as preciosamente com frouxel branco.

— Prompto.

E com um gesto gracioso apresentou-lhe amavelmente a caixinha; elle pagou sorrindo. Pediu ainda um papel para embrulhar, e sepultou com cuidado os brincos na algibeira de dentro.

Cahiam as trindades quando largou da feira. Ia-se gente embora, puxando os bois á sóga; apenas alguns feirantes meio bebados palravam ainda ao redor das pipas.

Estrada fora o Neto de novo pensou na filha. Que alegrão! Botava as mãos ao peito, palpava a saliencia da caixa. Era verdade, levava ali a prenda tão cubiçada, ha tanto tempo promettida. . . E advinhava-a na janella. espiando a estrada, apesar da escuridão da noite, julgando a todo passo vê-lo chegar, subir a escada, atirar-lhe ao regaço as bellas arrecadas d'oiro. A moça por certo ficava doida. Que alegrão, que alegrão!

E alargava o passo.

A noite era negra e silenciosa: raras estrellas tremiam apenas escassamente no azul ennevoadado do céu; a espaços o piar melancólico dum moço varava o ar; o vento soprava surdo por dentro dos pinheiros.

O Neto, de mãos nos bolsos da jaleca, varapau debaixo do braço, caminhava.

Perto havia uma encruzilhada de má fama. Diabo! Um presentimento lugubre, quasi o fez parar; mas tentou recuperar sangue frio. Ora bolas, que creança medrosa! Pois não queriam vê' o homem com receio de passar a encruzilhada? Tinha graça!

E estugou mais o passo, ancioso e offegante.

Mesmo no sitio em que as estradas se cruzavam, tres homenzarrões, de cacete erguido, num prompto o rodearam.

— O' amigo, poise o que leva!

Ficou sem pinta de sangue. Logo tres, Senhor, logo tres! Quiz fingir-se um pobre diabo, sem dinheiro para lhes poisar, que o deixassem seguir o seu caminho, que o deixassem.

— Vá de cantiga, berram-lhe, pois o que leva! Pois elle havia de entregar assim, imbecilmente, passivamente, o preço dos seu bois, as arrecadas da sua filhinha? . . .

— Eu cá de mim não levo nada commigo. . .

— Isso é que vamos ver.

E um dos salteadores adiantou-se, ia deitar-lhe soffregamente a mão ás algibeiras. O Neto recuou dum salto e despediu-lhe rija pancada á nuca; mas um companheiro aparou o golpe com destreza, e então os tres deram de malhar no pobre homem, brutalmente, em cacetadas que o mediam de ilharga a ilharga, desvairados, furiosos, até que mais certo golpe, apanhando-o pela cabeça, deu com elle em terra, exangue, sem sentidos. . .

Foi um carreiro do logar, vindo de Coimbra nessa noite, quem o achou na valeta, immovel, mudo, numa poça de sangue, sem dar côr de si. Carregou-o geitosamente até ao carro; ali o depoz sobre a palha, que havia crescido da ração dos bois.

Eram altas horas quando chegaram ao logar; a Adelaide estava n'uma afflicção, com tal demora. E apenas lhe disseram do occorrido, largou a gritar, desfazendo-se toda em lagrimas, juntando as mãos num desespero, soluçante, doída de dôr.

— Bem me adivinhava o coração, bem m'ó adivinhava. Ai meu rico paesinho, que m'ó mataram.

Galgou as escadas, e ella mesma, com a ajuda do carreiro, trouxe o Neto pelo corredor, fóra, até a cama.

Vieram visinhos, numa balburdia, sollicitos, offerecendo o seu prestimo, todos empenhados em dar o seu auxilio naquella desgraça. Um delles foi chamar o medico.

Afinal, o homem estava apenas desmaiado. Tinha a cabeça ferida em duas partes, nodoas negras em todo o corpo, a cara toda ensanguentada; mas havia de salvar-se. E applicaram só de prompto mésinhas.

A Adelaide ficou a rezar fervorosamente á beira do leito, com os olhos no pae. Pela volta da madrugada é que elle se voltou debaixo da roupa.

— Ai, és tú, cachopa?

— Senhor pae! E beijou-lhe as mãos.

— Moeram-me de pancada. . . Por pouco me não mataram. . . Roubaram-me. . .

Teve um suspiro fundo, que o abalou todo e fez torcer de dôr, fincando os dentes nos beiços.

— Lá se foi o dinheiro dos novillos. . .

E como reparasse que ella soluçava muito:

— Não chores, não; p'ra que? Perderam-se os novillos? As vaccas tornam a parir. . .

Suspirou outra vez. E depois, mais dolorosamente:

— O peor foi roubarem-me as arrecadas!

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

**LUIZ DELPHINO**

A 25 de agosto de 1834, em Santa Catharina, nasceu Luiz Delphino: Foi um extraordinario poeta. Fecundissimo, só se lhe comparam aquelles poetas hespanhoes, que, como Lope de Vega, contavam aos milhões os seus versos. Do velho comediographo se disse que, calculada a sua producção proporcionalmente á sua vida, não perdeu uma hora de existencia sem um verso ao menos. Luiz Delphino foi de igual facundia. Si nunca publicou livro, tinha em casa, em autographos, mais de 80 volumes, mais de cem poemas e perto de 5.000 sonetos.

Começou a escrever aos 8 annos. Ainda no collegio, versava. Ao entrar para a Faculdade era já um grande poeta. Aos 25 annos, formado medico, casado e com filhos, deixou a lyra e foi clinicar... Durou 30 annos o eclipse do poeta. Em compensação, brilhou o medico, um dos melhores de seu tempo.

Já então produzira o bastante e o melhor para, figurando entre os nossos maiores poetas, merecer a critica demolidora de Sylvio Romero, que lhe não perdoou o crime de não ser nordestino e a leviandade de interromper a sua carreira poetica... De facto, na «Historia da Literatura», o grande critico profiga-lhe o pouco amor á arte e a insinceridade, reveladas pela sua deserção das letras. Ora, caso de natureza antes moral que literaria, pouco importa desde que o merito do auctor é sempre notavel em qualquer das phases. E Luiz Delphino dos primeiros tempos como dos ultimos, romantico ou parnasiano ou, ao mesmo tempo um e outro, por fim, é uma das mais

raras envergaduras de poetas que temos tido.

Nelle é tudo imaginação e eloquencia — disseram. Nunca se viu mais imaginoso poeta. E' a encarnação do Verbo. Não seria difficil, entretanto, citar delle algumas paginas do mais intenso e acendrado sentimento, como poucas se escreveram em vernaculo.

Com tudo isso, é auctor inedito. Seus versos correm mundo, imperciveis, em anthologias, albuns, revistas e jornaes. Não fez parte da Academia de Letras. Morreu velho, com cerca de oitenta annos, como um prodigo das Musas, um perdulario de bellezas.

E, para produzir tanto, como escrevia Luiz Delphino? Nunca teve methodo. Nem sequer uma mesa certa, preparada e especial, teve que, com conforto e requintes de prazer, acolhesse no papel as producções do creador. Escrevia em qualquer parte e em qualquer papel. Preferia, emtanto, a ponta da mesa de jantar e escrevia, sobretudo, depois do almoço em meio ao vai-vem e o ruido da sala, alheio a tudo em redor. Muitas vezes, o jantar encontrava-o no seu posto. Não trabalhava á noite. Jogava então a bisca, com as filhas e netos. Mas se entre duas cartadas lhe vinha a inspiração, lá ia para um canto a escrever. Aborrecia a solidão. Não o viam isolado em casa, reconcentrado, a meditar, mas sempre cercado dos seus. Muitas vezes, se escrevia no primeiro andar e havia ruido em baixo, descia e vinha para o «barulho».

Uma unica vez, a Casa Laemert pediu-lhe um livro. Entregou, pois, ao editor as «Immortalidades» — quinhentos sonetos, novos todos, escriptos quasi de um folego e todos magnificos. Escreveu ainda, sobre o mesmo assumpto, mais quinhentos sonetos, prodigio nunca alcançado por poeta algum do mundo.

Promptos, cinzelados, bruidos; um incendio destruiu a typographia e os primeiros quinhentos sonetos.

Era caso para enlouquecer. Quando se lhe falava nisso, Luiz Delphino dizia apenas:

— Foi o diabo aquillo!

Para elle, meio milhar de sonetos não eram, nada.



## Victima da critica

A 23 de fevereiro de 1821, morria em Roma um joven inglez de 25 annos, muito obscuro e que era, entretanto, um dos maiores poetas do seculo XIX, só mais tarde reconhecido. Era John Keats, auctor de *Endymion*, de *Hyperion* e da *Ode sobre uma urna grega*. Dez annos depois de sua morte, Fanny Brawne, a noiva que o amara perdidamente, dizia delle em carta a um amigo: «O acto mais caridoso seria deixal-o repousar para sempre na obscuridade a que o haviam condemnado as circumstancias». O proprio Byron, levado por questões de escola, o havia desconhecido; refere-se, em uma estrophe de *Don Juan*, em magnifica homenagem, ao titanico *Hyperion*, «sublime como Eschylo».

A animosidade de Byron devia ter-lhe sido ainda mais penosa que a dos censores da *Quarterly Review* e do *Blackwood's Magazine*, uma das quaes desafiava os leitores a achar um sentido qualquer nos seus versos e a outra o aconselhava a se fazer boticario, mostrando-se, porém, mais cuidadoso com o soporifero de suas poções do que com o de suas poesias. O nobre e grande Shelley foi o primeiro, sem duvida, que lhe fez justiça. No mesmo anno da morte de

Keats, dedicava-lhe o poema *Adonais*, com um prefacio em que proclamava o *Hyperion* não inferior a nada do que fôra produzido a esse tempo. Segundo Shelley, Keats foi uma victima da critica, no sentido tragico da palavra; foi o pezar causado pelos artigos dos seus detractores que teria apressado o seu fim. Mas a *Blackwood's* e a *Quarterly* floresceram em 1818 e o poeta só morreu tres annos depois, de tuberculose.

Depois de morto, sua gloria não cessou de se engrandecer. Figura ao lado de Byron e Shelley. Distingue-se como puro artista, exclusivamente namorado do bello e indifferente a tudo o mais, enquanto os seus dois gloriosos emulos se interessavam por todos os assumptos, mesmo politicos. Keats é um dos mais eminentes representantes da theoria da arte pela arte, da arte considerada como um fim em si.

*A thing of beauty is a joy for ever*

Este primeiro verso de seu *Endymion*, tantas vezes citado, resume a sua doutrina, de que nunca se desviou. Na *Ode sobre uma urna grega*, muito antes de Teophile Gautier, mostra que o marmore sobrevive á cidade, que só o bello conserva um valor immutavel atravez das edades, que só elle é eternamente verdadeiro: «Belleza é Verdade. Verdade é Belleza. Eis tudo o que sabeis na terra e tudo o que é preciso saber». Como tantos outros poetas inglezes e francezes depois d'elle, foi um pagão absoluto, um fervente adorador do hellenismo.

Fanny Brawne não se surprehenderia de que elle a amasse por sua belleza? Suas cartas provam que a amava com o mais tocante, o mais sublime amor... Em Roma dorme elle no pequeno cemiterio situado em meio de antiguidades, perto da pyramide de Cestins e da via Appia. «Ao pensar que se vae ser amortalhado em tão doce lugar, poder-se-ia amar a morte» — disse Shelley.

P. S.



### A actividade editorial de São Paulo.

Procedendo a um inquerito sobre a industria livreira em São Paulo, chegámos a interessantes conclusões, que foram publicadas pelo «Estado de S. Paulo» e pela «Gazeta de Noticias».

Em resumo, foi o seguinte o movimento editorial desta capital, em 1920:

Existem em São Paulo cerca de 20 casas editoras, com um capital de 3.500 contos.

As obras editadas por 15 desses estabelecimentos foram em numero de 203, attingindo a sua tiragem o total de 901.000 exemplares, assim discriminados:

	Exem- plares	Obr. 8
A. O. Rodrigues . . . . .	25.900	8
Antonio F. de Moraes . . . . .	32.000	8
Augusto Siqueira & Cia. . . . .	156.000	26
C. Teixeira & Cia. . . . .	23.500	10
Casa Editora «O Livro» . . . . .	7.000	5
Companhia Melhoramen- tos . . . . .	144.700	35
D. Silva . . . . .	60.000	11
Empresa Editora Brasi- leira . . . . .	35.100	9
Empresa Editora «Cha- caras e Quintaes» . . . . .	80.000	8
Livraria Magalhães . . . . .	100.000	13
Lyceu do Coração de Jesus . . . . .	24.000	9
Monteiro Lobato & Cia. . . . .	56.000	15

Paulo de Azevedo & Cia.	113.000	32
Saraiva & Comp. . . . .	3.000	3
Sociedade Editora Ole- gario Kibeiro . . . . .	41.700	12
Total . . . . .	901.000	203

Calculado pelo preço de venda o valor das obras produzidas, attingiu a cerca de 2.500 contos.

Pouco mais de dois terços da tiragem total cabe aos livros didacticos. Do terço restante, cerca de 100.000 exemplares representam as edições de livros de literatura, isto é, livros de boa literatura; os demais comprehendem as edições de livros de direito, medicina, commercio, conhecimentos uteis, literatura de cordel, etc.

A tiragem dos livros didacticos oscilla entre 5.000 a 50.000 exemplares por edição; as dos livros de direito, medicina e commercio, entre 1.000 a 2.000 exemplares; as dos livros de boa literatura, entre 1.000 a 4.000 exemplares, sendo excepcional a tiragem de 8.000 alcançada pelo «Urupês», de Monteiro Lobato, e representando duas edições a da «Alma Cabocla» de Paulo Setubal. Os livros de pequeno tomo, como «A Pulseira de Ferro» de Amadeu Amaral, chegam a alcançar tiragens maiores. De obras de agricultura tiram-se de 1.000 até 10.000 exemplares e de livros de literatura de cordel, de 3.000 até 15.000 exemplares.

Se nem todos esses algarismos são lisonjeiros, alguns pelo menos merecem ser registrados com prazer.

Em todos esses numeros não estão contados os pequenos editores, nem as pequenas obras editadas pelos proprios auctores, nem tão pouco as edições feitas em Santos, Campinas e até em cidades menores, como Ribeirão Preto, S. Carlos, Piracicaba, Jahu, Sorocaba, etc. Em Campinas, por exemplo, a livraria Genoud tem foito dezenas de edições de livros infantis, escolares e outros.



### Um soneto de CARLOS DE LAËT

Quem o diria poeta, o velho esgrimista da palavra?

Carlos de Laët, ninguém o desconhece no Brasil. E' o estylo feito homem, o sarcasmo feito jornalista, a ironia armada em critico, a analyse desfeita em chronista ligeiro mas ferino, alaere porém maldozo, explosivo, incontrastavel. Ha mais de cincoenta annos, vibra a sua penna em uma só vergastada, sempre suspensa no ar, attenta a todos os ridiculos, a todo bom senso improvisado e facil, coihendo-os a uns e outros com a bravida impiedade dos fortes. A irreverencia, a sua feição primacial. Dahi tudo decorre: — a analyse, a ironia, o sarcasmo, o estylo. Mas — traço notavel — nunca o baldão se lhe insinuou na prova tersa, o insulto não a pejou, o doesto e a injuria, a plebéia rale da linguagem, lhe quebraram a linha aristocratica do pensamento. As rajadas mais violentas de sua critica, ainda que desaçaimadas e pessoas,

respiram sempre um ambiente de espirito. Discipulos tem-nos muitos, porém, quão raros os que não resvalaram para a lama em que se modelam Pasquinos e Aretinos! . . .

Laët, assim organizado, é o principe da prosa, o grande heroe da polemica, consagrado por um sem conto de refregas. Prosador é polemista, pareceria a absoluta negação da poesia e do verso. Mas, o estylista é por natureza poeta. A poesia não é mais que o estylo metrificado e, ás vezes, rimado.

Quem, no emtanto, conhece versos do illustre maioral de nossas letras, o presidente da Academia Brasileira?

Conhecemol-os nós, como rara e inestimavel preciosidade, que como tal offerecemos aos leitores. E' um soneto que não daeta de hoje, quando já se conhecem d'elle os versos com que sandou a memoria de D. Pedro II, por occasião da chegada de seus despojos ao Brasil. Eil-o:

## TRISTE PHILOSOPHIA

Ia Rosa vestir-se e do vestido  
 Uma voz se desprende e assim murmura:  
 — « Muitos morremos de uma sorte escura,  
 Por que te envolva sérico tecido ! »

Ia tocar-se e escuta-se um gemido  
 Do marfim que as madeixas lhe segura:  
 — « Por dar-te o affeito desta minha alvura,  
 Jaz na selva meu corpo succumbido ! »

Põe um collar; é a perola mais fina:  
 — « Para pescar-me quantos párias, quantos !  
 Padeceram no mar lugubres sortes ! »

E Rosa chora: — « Oh! desditosa sina !  
 Todo sorriso é feito de mil prantos !  
 Toda vida se tece de mil mortes ! »

E' o mesmo estylo com laivos de classicismo, seja no bem coordenado e symetrico das ideias, seja na linguagem perfeita, elegante e solida, cheia de arte e de surpresa.

De seda veste-se Rosa e a seda chora a metamorphose das nymphas e a morte das borboletas. Só com o sacrificio de umas e outras, pôde-se desfazer o casulo para o « sérico tecido » que ampara o pudor da menina para estadear a vaidade da mulher.

Touca-se. E o marfim, saudoso das florestas e areas da Africa, lembra a millennaria hecatombe das manadas, que vêm tornando possivel um luxo, com todas as suas exigencias.

Por fim, vem o collar e a perola chora os tristos pescadores que por ella morreram. Rosa, pois, chora tambem, com todo o seu triste luxo, toda a sua lugubre vaidade, inteirando-se do sentido profundamente tragicô da vida.



POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL—Oliveira Vianna — Ed. da «Revista do Brasil» —São Paulo—1920.

Entre os serviços prestados pela «Revista do Brasil» á litteratura nacional, destaca-se a publicação do «Populações meridionaes do Brasil», de Oliveira Vianna.

Paiz do pouca leitura, onde todas as difficuldades assoberbam os auctores, no Brasil não é façanha commum a edição de tomo tal e tal materia.

A casa editora, entretanto, tem fortes razões para a aventura, que já lhe sahiu como um dos seus mais bellos successos, quer de livraria, quer de oritica.

E' que Oliveira Vianna, espirito de escol, fez obra de extraordinario valor, estudando a nossa formação social, indicando os principais factores da nossa Historia e traçando os mais admiraveis e perfectos quadros da nossa evolução historica. Estudo profundo e esclarecido, «Populações meridionaes» apresenta, além disso, leitura facil e agradável em todas as paginas do alentado volume, as quaes se contam por algumas centenas.

Ha apenas que lamentar a escassez da tiragem: mil exemplares de uma obra que todos os brasileiros deviam lêr . . .

HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA — Viriato Corrêa — Ed. «Revista do Brasil» — São Paulo — 1920.

Ha varias maneiras de escrever-se a Historia. Em geral, relatam-se os acontecimentos na ordem chronologica, capitulo por capitulo. E' a forma de compendio escolar. Outras vezes reunindo-se os factos, approximando-os, comparando-os e commentando-os, facilita-se a comprehensão delles, fazendo-se a philosophia da Historia.

Existe, porém, mais uma modalidade da historiographia e essa, de todas, a mais intelligente para o effeito de vulgarisação e o de despertar o sentimento civico: — é a historia contada pelas suas notas vivas, pessoais, bem marcadas com um traço de vida e do character profundamente humano. E' a historia pittoresca e anecdotica, irmã gêmea da chronica e da legenda.

Assim procedeu Viriato Corrêa, conhecido escriptor brasileiro, ao compor «Historias da nossa Historia», um dos livros mais interessantes que ultimamente se têm publicado no paiz. Edição da «Revista do Brasil», a confecção apresenta-se bem acabada.

MONTEIRO LOBATO

# Os Negros

Novella cine-romantica, com pios de coruja, noites tempestuosas, mortes tragicas e outros ingredientes de tomo; leitura perigosa ás meninas hystericas e aos velhos cardiacos que crêm em almas do outro mundo.

Um bello volume, com lindas illustrações de Ruy Ferreira 1\$000  
 Pelo correio, registrado . . . . . 1\$300

PEDIDOS Á

*Sociedade Editora Olegario Ribeiro* SÃO PAULO

RUA DR. ABRANCHES 43—TELEPHONE, 5441—CIDADE

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcòs  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

## SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece aproximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, auctor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amaden Amal (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**.

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNÓ FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apreçada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: polo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas o as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destaóará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periódicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reolame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositório de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito do tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos o acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados o estreatos, eomtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathetic.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará — além disso nma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver pouto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumos para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 23 de Maio de 1921

NUMERO 4

O HOMEM QUE SABIA  
JAVANEZ — Lima  
Barreto.

A ESCOLHA — Coelho  
Netto.

SACRIFICIO — Carlos da  
Fonseca.

ETERNIDADE do SONHO

## SUMMARIO

— Octavio Silveira.  
G. C. P. A. — Gastão  
Cruls.

SUPPLEMENTO — A vida  
anecdótica e pittoresca  
dos grandes escriptores

Euclydes da Cunha.

Vida literaria - Um novel-  
lista brasileiro do seculo  
XVIII.

Os nossos poetas - O pri-  
meiro soneto de Bilac.

# O HOMEM QUE SABIA JAVANEZ

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado ás convicções e ás respeitabilidades para poder viver.

Houve mesmo, uma dada occasião quando estive em Manaos, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que affluíam ao meu escriptorio de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquelle meu Gil-Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos observou a esmo:

— Tens levado uma vida bem engraçada, Castello!

— Só assim se pode viver... Isto de uma occupação unica: sahir de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá no consulado!

— Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenha corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocratico.

— Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar bellas paginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanez!

— Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

— Não; antes. E, por signal, fui nomeado consul por isso.

— Conta lá como foi isso. Bebes mais cerveja?  
— Bebo.

Mandámos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

— Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miseria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Commercio* o annuncio seguinte:

«Precisa-se de um professor de lingua javaneza. Cartas, etc.»

Ora, disse cá commigo, está ahi uma collocação que não terá muitos concorrentes; se eu capisasse quatro palavras, ia apresentar-me. Sai do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanez, ganhando dinheiro, andando de bond e sem encontros desagradaveis com os *cadaveres*. Insensivelmente dirigi-me á Bibliotheca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapeo ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopedica*, letra J., afim de consultar o artigo relativo a Java e á lingua javaneza. Dito e feito. Fiquei sabendo ao fim de alguns minutos que Java era uma grande ilha do archipelago de Sonda, colonia hollandeza, e o javanez, lingua agglutinante do grupo maléo-polynésico, possuía uma literatura digna de nota e escripta em caracteres derivados do velho alphabeto hindú.

A *Encyclopedie* dava-me indicação de trabalhos sobre a tal lingua malaia e não tive duvidas em consultar um delles. Copiei o alphabeto, a sua pronunçiação figurada e sai. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

Na minha cabeça dançavam hieroglyphos; de quando em quando consultava as minhas notas; entrava nos jardins e escrevia estes calungas na areia para guardal-os bem na memoria e habituar a mão a eserevel-os.

À noite, quando pude entrar em casa sem ser visto, para evitar indiscretas perguntas ao encarregado, ainda continuei no quarto a engulir o meu *a b c* malaio, e, com tanto afinco levei o proposito que, de manhã, o sabia perfeitamente.

Convenci-me que aquella era a lingua mais facil do mundo e sai, mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos alugueis dos commodos: «Sr. Castello, quando salda a sua conta?»

Respondi-lhe então eu, com a mais encantadora esperanza: «Breve... Espere um pouco... Tenha paciencia... Vou ser nomeado professor de javanez e...» Por ahi o homem interrompeu-me:

«Que diabo vem a ser isso, Sr. Castello?» Gostei da diversão e ataquei o patriotismo do homem: «E' uma lingua que se fala lá pelas bandas do Timôr. Sabe onde é?»

Oh! alma ingenua! O homem esqueceu-se da minha divida e disse-me com aquelle falar forte dos portuguezes: «Eu cá por mim, não sei bem: mas ouvi dizer que são umas terras que temos lá para os lados de Macáo. E o senhor sabe isso, Sr. Castello?»

Animado com esta sahida feliz que me deu o javanez, voltei a procurar o annuncio. Lá estava elle. Resolvi animosamente propôr-me ao professorado do idioma oceanico. Redigi a resposta, passei pelo *Jornal* e lá deixei a carta. Em seguida voltei á bibliotheca e continuei os meus estudos de javanez. Não fiz grandes progressos nesse dia, não sei se por julgar o alphabeto javanez o unico saber necessario a um professor de lingua malaia ou se por ter me empenhado mais na bibliographia e historia literaria do idioma que ia ensinar.

Ao cabo de dois dias, recebia eu uma carta para ir falar ao Dr. Manoel Feliciano Soares Albernaz, barão de Jacuecanga, á rua Conde de Bomfim, não me recordo bem que numero. E' preciso não te esqueceres que entrementes continuei estudando o meu malaio, isto é, o tal javanez. Alem do alphabeto, fiquei sabendo o nome de alguns autores, tambem perguntar e responder — *como*

*esté o senhor?* — e duas ou tres regras de grammatica, lastrado esse saber com vinte palavras do lexico.

Não imaginas as grandes difficuldades com que lutei, para arranjar os quatrocentos reis da viagem! E' mais facil — podes ficar certo — aprender o javanez... Fui a pé. Cheguei suadissimo; e, com maternal carinho, as annosas mangueiras, que se perfilavam em alameda diante da casa do titular, me-receberam, me acolheram e me reconfortaram. Em toda a minha vida, foi o unico momento em que cheguei a sentir a *sympathia* da natureza...

Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava mal tratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse máo tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza. Devia haver annos que não era pintada. As paredes descascavam e os beirões do telhado, daquellas telhas vidradas de outros tempos, estavam desguarnecidos aqui e ali, como dentaduras decadentes ou mal cuidadas.

Olhei um pouco o jardim e vi a pujança vingativa com que a tiririca e o carrapicho tinham expulsado os tinhorões e as begonias. Os crotons continuavam, porém, a viver com a sua folhagem de cores morticças. Bati. Custaram-me a abrir. Veiu, por fim, um antigo preto africano, cujas barbas e cabelo de algodão davam á sua phisionomia uma aguda impressão de velhice, doçura e soffrimento.

Na sala, havia uma galeria de retratos; arrogantes senhores de barba em collar se perfilavam enquadrados em immensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, em bandós, com grandes leques, pareciam querer subir aos ares, enfiadas pelos redondos vestidos á balão; mas, daquellas velhas coisas, sobre as quaes a poeira punha mais antiguidade e respeito, a que gostei mais de ver foi um bello jarrão de porcellana da China ou da India, como se diz. Aquella pureza de louça, a sua fragilidade, a ingenuidade do desenho e aquelle seu fosco brilho de luar, diziam-me a mim que aquelle objecto tinha sido feito por mãos de criança, a sonhar, para encanto dos olhos fatigados dos velhos desilludidos...

Esperei um instante o dono da casa. Tardou um pouco. Um tanto tropego, com o lenço de alcobaça na mão, tomando veneravelmente o simonte de antanho, foi cheio de respeito que o vi chegar. Tive vontade de ir-me embora. Mesmo se não fosse elle o discipulo, era sempre um crime mystificar aquelle ancião, cuja velhice trazia á tona

do meu pensamento alguma coisa de augusto, de sagrado. Hesitei, mas fiquei.

— Eu sou, avancei, o professor de javanez, que o senhor disse precisar.

— Sente-se, respondeu-me o velho. O senhor é daqui, do Rio ?

— Não, sou de Cannavieiras.

— Como ? fez elle. Fale um pouco alto, que sou surdo.

— Sou de Cannavieiras, na Bahia, insisti eu.

— Onde fez os seus estudos ?

— Em S. Salvador.

— E onde aprendeu javanez ? — indagou elle, com aquella teimosia peculiar aos velhos.

Não contava com essa pergunta, mas immediatamente architectei uma mentira. Contei-lhe que meu pae era javanez. Tripulante de um navio mercanté viera ter á Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Cannavieiras como pescador, casára, prosperára e fôra com elle que aprendi javanez.

— E elle acreditou ? E o physico ? perguntou meu amigo, que até então me ouvira calado.

— Não sou, objectei, lá muito differente de um javanez. Estes meus cabellos corridos, duros e grossos e a minha pelle *basané* pódem dar-me muito bem o aspecto de um mestiço de malaio... Tu sabes bem que, entre nós, ha de tudo : indios, malaios, taitianos, malgaches, guanches, até godos. E' uma comparsaria de raças e typos de fazer inveja ao mundo inteiro.

— Bem, fez o meu amigo, continúa.

— O velho, emendei eu, ouviu-me attentamente, considerou demoradamente o meu physico, pareceu que me julgava de facto filho de malaio e perguntou-me com doçura :

— Então está disposto a ensinar-me javanez ?

A resposta saiu-me sem querer :

— Pois não.

— O senhor ha de ficar admirado, adduziu o barão de Jacuecanga, que eu nesta idade, ainda queira aprender qualquer coisa, mas...

— Não tenho que admirar. Têm-se visto exemplos e exemplos muito fecundos...

— O que eu quero, meu caro senhor... ?

— Castello, adiantei eu.

— O que eu quero, meu caro Sr. Castello, é cumprir um juramento de familia. Não sei se o senhor sabe que sou neto do conselheiro Albernaz, aquelle que acompanhou Pedro I, quando abdicou. Voltando de Londres, trouxe para aqui um livro, em lingua exquisita, a que tinha grande estimação. Fôra um hindú ou siamez que lh'o

dera, em Londres, em agradecimento a não sei que serviço prestado por meu avô. Ao morrer, meu avô chamou meu pae e lhe disse : «Filho, tenho este livro aqui, escripto em javanez. Disse-me quem m'o deu que elle evita desgraças e traz felicidades para quem o tem. Eu não sei nada ao certo. Em todo o caso, guarda-o ; mas se queres que o fado que me deitou o sabio oriental se cumpra, faze com que teu filho o entenda, para que sempre a nossa raça seja feliz.»

Meu pai, continuou o velho barão, não acreditou muito na historia ; comtudo, guardou o livro. Ás portas da morte, elle m'o deu e disse-me o que promettera ao Pai. Em começo, pouco caso fiz da historia do livro. Deitei-o a um canto e fabriquei minha vida. Cheguei até a esquecer-me delle : mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talisman da familia.

Tenho que o ler, que o comprehender, senão quero que os meus ultimos dias annunciem o desastre da minha posteridade ; e, para entendel-o, é claro, que preciso entender o javanez. Eis ahí.

Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, sobrinhos, só lhe réstando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, debil de corpo e de saude fragil e oscilante.

Veiu o livro. Era um velho calhamaço, um quarto antigo, encadernado em couro, impresso em grandes letras, em um papel amarellado e grosso. Faltava a folha do rosto e por isso não se podia ler a data da impressão. Tinha ainda umas paginas de prefacio, escriptas em inglez, onde li que se tratava das historias do principe Kurlanga, escriptor javanez de muito merito.

Logo informei disso o velho barão que não percebendo que eu tinha chegado ahí pelo inglez, ficou tendo em alta consideração o meu saber malaio. Estive ainda folheando o cartápacio, á laia de quem sabe magistralmente aquella especie de vasconço, até que afinal contratámos as condições de preço e de hora, compromettendo-me a fazer com que elle lesse o tal alfarrabio antes de um anno.

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Emfim, com metade do

alfabeto levámos um mez e o sr. Barão de Já-cuecanga não ficou lá muito senhor da materia ; aprendia e desaprendia.

A filha e o genro (penso que até ahí nada sabiam da historia do livro) vieram a ter noticias do estudo do velho ; não se incomodaram. Acharam graça e julgaram a coisa boa para distrair-o.

Mas com que tu vaes ficar assombrado, meu caro Castro, é com a admiração que o genro ficou tendo pelo professor de javanez. Que coisa unica ! Elle não se cansava de repetir : «E' um assombro ! Tão moço ! Se eu soubesse isso, ah ! onde estava ! »

O marido de D. Maria da Gloria (assim se chamava a filha do barão), era desembargador, homem relacionado e poderoso ; mas não se pejava em mostrar diante de todo o mundo a sua admiração pelo meu javanez. Por outro lado, o barão estava contentissimo. Ao fim de dois mezes, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendel-o, disse-me elle ; nada se oppunha que outrem o traduzisse e elle ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo.

Sabes bem que até hoje nada sei de javanez, mas compuz umas historias bem tolas e impingias ao velhote como sendo do chronicon. Como elle ouvia aquellas bobagens ! . . .

Ficava estatico como se estivesse a ouvir palavras de um anjo. E eu crescia aos seus olhos !

Fez-me morar em sua casa, enchia-me de presentes, augmentava-me o ordenado. Passava, emfim, uma vida regalada.

Contribui muito para isso o facto de vir elle a receber uma herança de um seu parente esquecido que vivia em Portugal. O bom velho attribuiu a cousa ao meu javanez ; e eu estive quasi a crel-o também.

Fui perdendo os remorsos, mas, em todo o caso, sempre tive medo que me apparecesse pela frente alguém que soubesse o tal patuá malaio. E esse meu temor foi grande quando o doce barão me mandou com uma carta ao visconde de Carurú, para que me fizesse entrar na diplomacia. Fiz-lhe todas as objecções : a minha fealdade, a falta de elegancia, o meu aspecto tagalo. «Qual ! retrucava elle. Vá, menino ; V. sabe javanez ! » Fui. Mandou-me o visconde para a Secretaria dos Extranjeiros com diversas recommendações. Foi um successo.

O director chamou os chefes de secção : «Vejam só, um homem que sabe javanez — que portento ! »

Os chefes de secção levaram-me aos officiaes e amanuenses e houve um destes que me olhou mais com odio do que com inveja e admiração. E todos diziam : «Então sabe javanez ? E' difficil ? Não ha quem o saiba aqui ! »

O tal amanuense, que me olhou com odio, acudiu então : «E' verdade, mas eu sei canaque. O Sr. sabe ? » Disse-lhe que não e fui á presença do ministro.

A alta autoridade levantou-se, poz as mãos ás cadeiras, concertou o pincenez no nariz e perguntou : «Então sabe javanez ? » Respondi-lhe que sim ; e á sua pergunta onde o tinha aprendido, contei-lhe a historia do tal pae javanez. «Bem, disse-me o ministro, o Sr. não deve ir para a diplomacia ; o seu physico não se presta . . . O bom seria um consulado na Asia ou Oceania. Por ora não ha vaga, mas vou fazer uma reforma e o sr. entrará. De hoje em diante, porém, fica addido ao meu ministerio e quero que, para o anno, parta para Bale, onde vae representar o Brasil no Congresso de Linguistica. Estude, leia o Hovelacque, o Max Muller, e outros ! »

Imagina tu que eu até ahí nada sabia de javanez mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sabios.

O velho barão veio a morrer, passou o livro ao genro para que o fizesse chegar ao neto, quando tivesse a idade conveniente e fez-me uma deixa no testamento.

Puz-me com afan no estudo das linguas maléo-polynesicas ; mas não havia meio !

Bem jantado, bem vestido, bem dormido, não tinha energia necessaria para fazer entrar na cachola aquellas coisas exquisitas. Comprei livros, assignei revistas : *Revue Anthropologique et Linguistique*, *Proceedings of the English, Oceanic Association*, *Archivi Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada ! E a minha fama crescia. Na rua ós informados apontavam-me, dizendo aos outros : «Lá vae o sujeito que sabe javanez». Nas livrarias os grammaticos consultavam-me sobre a collocação dos pronomes no tal jargão das ilhas de Sonda. Recebia cartas dos eruditos do interior, os jornaes citavam o meu saber e recusei aceitar uma turma de alumnos sequiosos de entenderem o tal javanez. A convite da redacção, escrevi, no *Jornal do Commercio*, um artigo de quatro columnas sobre a literatura javaneza antiga e moderna . . .

— Como, se tu nada sabias ? interrompeu-me o attento Castro.

— Muito simplesmente: primeiramente, descrevi a ilha de Java, com o auxilio de dictionarios e

umas poucas de geographias, e depois citei a mais não poder.

— E nunca duvidaram ? perguntou-me ainda o meu amigo.

— Nunca. Isto é, uma vez quasi fico perdido. A policia prendeu um sujeito, um marujo, um typo bronzeado que só falava uma lingua exquisita. Chamaram diversos interpretes, ninguem o entendia. Fui tambem chamado, com todos os respeitos que a minha sabedoria merecia, naturalmente. Demorei-me em ir, mas fui afinal. O homem já estava solto, graças á intervenção do consul hollandez, a quem elle se fez comprehender com meia duzia de palavras hollandezas. E o tal marujo era javanez — uff !

Chegou, enfim, a epoca do Congresso, e lá fui para a Europa. Que delicia ! Assisti á inauguração e ás sessões preparatorias. Inscreveram-me na secção de tupy-guarany e eu abalei para Paris. Antes, porém, fiz publicar no *Mensageiro de Bale* o meu retrato, notas biographicas e bibliographicas. Quando voltei, o presidente pediu-me desculpas por me ter dado aquella secção ; não conhecia os meus trabalhos e julgára que, por ser eu americano brasileiro, me estava naturalmente indicada a secção do tupy-guarany. Aceitei as explicações e até hoje não pude escrever as minhas obras sobre o javanez, para lhe mandar conforme prometti.

Acabado o Congresso, fiz publicar extractos do artigo do *Mensageiro de Bale*, em Berlim, em Turim e Paris, onde os leitores das minhas obras me offereceram um banquete, presidido pelo senador Gorôt. Custou-me toda essa brincadeira, inclusivé o banquete que me foi offerecido, cerca de dez mil francos, quasi toda a herança do credulo e bom barão de Jacuecanga.

Não perdi meu tempo nem meu dinheiro. Passei a ser uma gloria nacional e, ao saltar no cães Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociaes e o presidente da Republica, dias depois, convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis mezes fui despachado consul em Havana, onde estive seis annos e para onde voltarei, afim de aperfeiçoar os meus estudos das linguas da Malaia, Melanesia e Polynesia.

— É fantastico, observou Castro, agarrando o copo de cerveja.

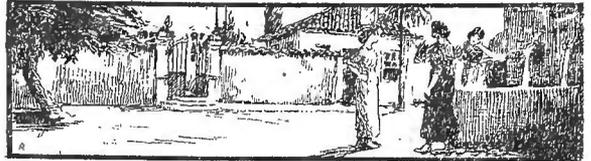
— Olha : se não fosse estar contente, sabes que ia ser ?

— Que ?

— Bacteriologista eminente. Vamos ?

— Vamos.

LIMA BARRETO



## A ESCOLHA

A PAULO BARRETO

Todas as tardes, de uma d'aquellas cabanas, com um alto lamento que chegava ao ceu, sempre azul e dóirado, sahia um corpo para o eterno repouso, entre altos sycomoros de basta folhagem e finos cyprestes altos que, ao livido clarão do luar, tomavam o aspecto lugubré de enormes pegureiros, com os agudos capuzes sobre a cabeça, immoveis, guardando os sepulcros brancos, que alvejavam como um quieto rebanho espalhado entre flores.

Debalde os altares rusticos cobriam-se de offrendas que o fogo lento dos sacrificios consumia ; debalde os homens santos, que viviam nas cavernas, clamavam prostrados, com a rude face na terra morna, os deuses barbaros e o Deus meigo dos eremitas pareciam desattentos ás vozes que subiam da terra em grita lamentosa, aos canticos, ás murmuradas preces. A morte continuava a ferir sem pena a pobre gente.

Dizia-se que um anjo negro, armado de gladio, tendo escolhido a sua victima, arremessava-se d'alto sobre ella, como um abutre sobre a presa, feria e remontava ás nuvens, desapparecendo até á tarde seguinte quando, de novo, pairava, adejava e precipitava-se violento.

Ora, em uma d'aquellas cabanas, vivia Ayiché, pobre mulher, cujo esposo partira, com um carregamento de balsamo, para os lados do mar deixando-a a cuidar do campo, que era farto e de dois filhinhos, que eram lindos.

Ayiché, na sua pobreza, quando, á sombra de uma das grandes figueiras, em torno das quaes enxameavam abelhas, dava o peito ao pequenito vendo correr, a rir, o mais velho, considerava-se tão venturosa que não trocaria a sua vida de porfiado trabalho pela da princeza mais rica.

Ayiché fôra bella, ainda os seus grandes olhos negros conservavam o esplendor do tempo em que, entre as donzellas da aldeia, uma amphora ao hombro, a tunica fluctuando, descia á fonte ou, graciosamente coroada de flores, com os braços enrodilhados em braceletes de prata, um veu airoso desfraldado ao vento, leve, languida sorrindo, volteava nas danças como uma fina libellula esvoaçando á flor das aguas limpidas.

Virtuosa, desde que o seu esposo partira, nunca mais homem algum cruzára o solar da sua porta, nem mesmo os marabutos santos que abençoam os lares; e, todas as tardes, á hora em que o sol morre, com o pequenito nos braços e o mais velho agarrado aos seus vestidos, ficava, um momento, a olhar saudosamente o horizonte, para as bandas do oceano, á espera de ver surgir a caravana em que devia chegar alegre, com o ginete a reluzir de suor e a bolsa pesada de ouro, o seu esposo esbelto, senhor da sua alma e do seu corpo.

Uma tarde, justamente ella alongava os olhos pelo vasto deserto, sempre com os dois filhos — um ao collo, outro pela mão — quando uma sombra fria escureceu gelidamente a cabana e uma voz sinistra falou:

«Ayiché, mulher de Abdul, filha de Ahmed, caçador de leões, amanhã á hora em que a lua subir no ceu e as aves escuras da noite soltarem-se no espaço, a Morte passará pela tua cabana em busca do seu tributo. Tens dois filhos — escolhe um d'elles e deixa-o ficar sob a figueira da tua porta.»

E clareou de novo, e de novo aqueceu.

Ayiché ficou como petrificada e, tanto apertou ao collo o pequenito, que a creança abriu num pranto e o outro, de medo poz-se tambem a chorar. Ayiché recolheu-se, sempre a ouvir as roucas palavras de sentença cruel, accendeu a candeia, adormeceu os filhos e, ajoelhada entre os dois berços, d'olhos muito abertos, ficou-se immovel, fazendo a escolha.

Olhava o mais velho. Coma era lindo a dormir! Os cachos dos seu cabellos negros rolavam-lhe pelo rosto moreno como as ramas floridas pelo frontão de um templo.

O pequenito rechonchudo sonhava e sorria, com duas covinhas nas faces.

A misera sentia a noite correr... Nunca as horas lhe pareceram tão ligeiras. Já os passaros cantavam nas arvores e os rebanhos saudavam a alvorada nos campos... e Ayiché ouvia sempre as palavras fataes.

Não teve animo de ir á lavoura, não se desprendeou dos filhos, olhando-os, ora um, ora outro.

«Que vá o pequenito... Ainda não anda, ainda não fala...» Mas o pequenito, como se advinhasse o seu pensamento, estendeu-lhe os bracinhos gordos, sorrindo e tartareando e a infeliz, em soluços, tomou-o ao collo, deu-lhe o peito cheio e, enquanto elle mamava, sob o seu olhar lacrimoso, ella exclamou desesperada:

“Este não! Este é mais agarrado a mim. O outro anda lá fóra... Passa minutos longe de meus olhos...”

A voz do mais velho chamou-a:

“Mamãe!”

O coração de Ayiché esbarrou contra o peito, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos e, estranguladamente, desesperadamente a coitada bradou entre os dois amores:

“Meu Deus! Que vos fiz eu para que assim me castigueis com tamanho rigor! Como quereis que eu escolha onde não ha que escolher? Como quereis que eu divida o coração, Senhor Deus?! E’ a mim que propondes tal supplicio, a mim que nunca vos esqueci, que sempre vos venerarei?”

Porque não fizestes em silencio o vosso mister, anjo da Morte? Eu choraria sobre o cadaver, cobri-o-ia de flores, abriria o seu tumulo entre rosaes, mas não soffreria tanto como soffro. Que vos fiz eu, senhor Deus!?”

Os pequenitos brincavam á sombra cheirosa das arvores e o dia escoava-se.

A’ tarde Ayiché sahiu a olliar o horizonte: deserto, nem sombra de caravana. Se elle, ao menos, chegasse...!

Mas as cigarras cantavam, o sol transpunha o ceu, rente das areias longinquas, abrazando as dunas e os palmares.

Silvavam rispídos os trissos dos morcegos, os chacaes uivavam e a primeira estrella luziu.

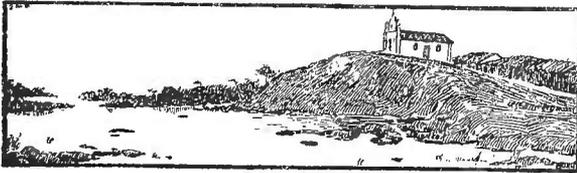
Era a hora em que as creanças costumavam dormir.

O mais velho abraçou-a, beijou-a e subiu para o seu berço de palha, o mais novo estendeu-lhe os bracinhos e, tanto que ella o tomou, logo, avidamente, collou a boquinha ao peito e adormeceu. Deitou-o e, ajoelhada entre os berços, quedou-se contemplando os filhos.

Um raio de lua entrou pela cabana escura e quieta — era a hora.

Ergueu-se allucinada — curvou-se, estendeu os braços a um berço, a outro. As estryges chirriavam.

Vacillou; mas, rapida, cobrindo-se com o manto, ainda beijou os filhos, ainda os molhou de lagrimas e, lenta, em passos arrastados, voltando-se de quando em quando, sahiu, desceu o degrau de pedra e, tremendo, bastendo os dentes, arrepiada de medo, os olhos voltados para a cabana, sentou-se sob a figueira.



# SACRIFICIO

Passo de um manuscrito achado

## I

Por uma série de factos imprevisos e ensartados, por um concurso de circumstancias especiais, eu, derreado pela anemia, com os nervos impertinentes, aceitando tudo como o melhor possível, á força de ver tudo mau e de aborrecer a todos, me fui encontrar professor público do logarejo.

Algumas dezenas de casas disseminadas, onde algumas suportáveis; pequena igreja de paredes sem reboco e húmidas, com o seu sino, o único e petulante que o preto Vicente, na função de *puxador da reza*, vinha badalar, com a convicção e o empenho que nascem do fanatismo; algumas lojas; o casarão grotesco e baroco que abrigava um batalhão de aparatosa e inútil guarda á fronteira, com as suas rötulas uniformes e equídistantes; uma dúzia de burguezes aperaltados, com pretensões a "podres de chique"; acrescentem-se alguns *capanemas*, giria local, bons cavaleiros, guapos e ginetes, ostentando arreios com profusão de prata, e tei-se-há uma idea do ambiente, onde o guante irónico e feroz do meu destino me alibambara.

Recentemente chegára; de pouco abrira mão da vida contemplativa e errante que levava naquella serra que ora meus olhos, amarados pela saudade, buscavam longe, esfumados no horizonte e onde me corriam os dias dispartidos a carregar troncos para levantar a trincheira da roça, ao lado do arrife ou a marombar, em lances de acrobata, sobre a coivara para colher milho.

Não se pode imaginar um viver mais charramente burguez: despertar ás cinco; banho frio, se mo permitia a lassidão morbida que acompanhava o anémico; café; aula de duas horas a meninos que já tinham o curso integro da mandriice; sueto ao meio dia; lição das duas ás quatro e jantar ás seis.

A' noite, após uma palestra frivola e insípida ao pé de algum balcão, vinha para casa, acendia a vela e estirava-me na rêde a ler jornais serodios, inçadós de mofinas, de aggressões pessoas

e directas, verdadeiros abminários, a reçumar epitetos de bordel, a cujo lado subornado, venal, peculatório e que taes seriam honrosos. Com vagar beatificamente, o somno subtil acercava-se e chumbava-me as pálpebras. Isto nem sempre: havia occasiões em que esse "bálsamo dos espiritos", como lhe chamou Musset, dava tempo a que me salteasse uma recordação triste que desfechava em uma lágrima importuna. Díficil sciência é essa que, adargando-nos para a vida objectiva, nos faz *homens de nosso tempo!*

Ai de mim! Para a indiscrição, transeunte ficava-me apenas um frágil paládio: a consciência do meu desvalor e, — singular! — um orgulho indómito dela resultante.

Alimentava-me desse orgulho e dele háuria forças.

Para diante, um quê, interessante, a contrastar com a insulsez dessa vida monócrosma, veio postar-se na senda por onde eu me arrastava cobardemente, como entregue a uma destruição de mim mesmo, abdicando de minhas preferencias e naturais pendores, desenganado, acolhendo tudo como o melhor possível, a dizer, num travoso sorriso de piedosa indulgência:

— Podia ser peor...

Para ir da escola ao alojamento, pouco menos que pobre, onde, entre quadro paredes, eu me desforrava dos dissabores e do tédio que tragava lá fora, passava pela frente de certa casa, cujas portas e janellas via de hábito fechadas. Uma só janela aberta abria também, para mim, uma generosa excepção. Nella residiu por algum tempo o objecto de uma preocupação que nutri, piegas, tolamente vulgar, trazendo comtudo o pico do vário e da novidade.

Se eu saía, fechava a porta e corria o ferrolho com uma estouvice acinte, com estrondo adrede provocado; e, assim me via na rua, levava os olhos á janella, que já por esse tempo encaixilhava um determinado busto. Bonito? Talvez... Louro; suporte de uma coma farta, ondada, de um fulvo tostado, coroando um rosto de feições simpáticas: branco amarinado, servido por um jogo de olhos sombrios, esquivos, quasi tempestuosos.

Passava, sem lhe dispensar mais que o olhar momentaneo que acompanha o cumprimento que é uma das injunções de urbanidade em terras pequenas. Na primeira esquina voltava-me, num furtivo relance, e verificava en vaidado que a dona dos olhos celebrados continuava impassivel na sua

moldura, mandando depós mim o olhar, fito porém frio, olhar que nada prometia.

Lá se me occasionou aberta para falar aos vizinhos: pediram-me que entrasse para que me recomendassem um menino da casa que ia ser mandado á matricula. Vimo-nos então, soubemos reciprocamente de nossos nomes, entretivemos uma pontazinha de ligeira palestra e a vir dai... amámo-nos? não sei. Esse *amor*, coisa que se me afigura abstruso hoje, amanhã metafísico, depois impenetravel, não tenta a minha análise.

Demais, lembra-me que — “não vá o sapateiro...”, etc. Que nos gostámos, sim, assevero-o. Gosto com veras do verbo gostar. Tolerem-me e perdoem-me o enxabido equívoco.

Sem que nos entendessemos por palavras fomos nos deixando levar ao léo de acaso, comodamente, sem protestos, para esse “rio claro das delicias”. Encontros casuaes e frequentes em casalejos de sociedade diminuta; esboços de sorrisos sublinhavam o dantes seco e circumspecto cumprimento; casualidades entraram em franca conjura: ora ia eu perguntar pelo novo discipulo que, doente, não fôra á escola; ora portava em procura de um amigo, de visita na casa.

De uma occasião veio ela própria, “a dos olhos”, receber-me. Na sala parecia arder uma caçoila: rosas de forte viço e intenso aroma pendiam das bordas de um vaso. Afavel, sorrindo, tomou-me o chapéu e para a irmãzinha:

— Vai dizer á Mamã que F... está aqui.

Um frémito de agradável surpresa vibrou-me os nervos. Não contava que as cousas assim se precipitassem tão imprevisas.

Conformei-me, com um amplo sorriso de incondicional aprovação, e puz nos olhos a expressão de um subito penhor pela concessão magnânima.

Dei as boas vindas ao tu, como já as dera aos olhares e sorrisos. Permitti-me o pensar em objectos mais suaves e seductores que esses de que se apascia a minha imaginação.

Mas... como ficou dito em começo, eu era mestre-escola, por uma centena de mil réis que o poder publico me mandava, mediante formalidades interminas e abates iniquos. Que! eu que estaria talvez áquella hora vergado á enxada, arancando á leiva o necessario para viver com parcimonia, passar a perceber honorários prefixados por lei, a gosar da consideração imanente a esse cargo? Venhamos na bizzarria dos que podem...

Era mestre-escola sério, acadimado ao trabalho, cangueiro nos deveres, ensinando com honesto empenho o *a-b-c*, não obstante a mocidade, o mau sestro da literatura e a fantasia mui, muita.

Na casa vizinha dignaram-se tomar informações sobre mim, respeito o meu procedimento. Colheram-nas cabaes, pelo menos indulgentes: eu era bom, ridiculamente bom. Convidaram-me, portanto, a dar lições particulares... a quem? A' quella mesma que, dias antes, me fizera a tácita e generosa proposta de nos atuarmos; áquella para quem eu, ameigando e compondo as maneiras canhestras denunciadoras de acanho e timidez, criara uma excepção aos meus habitos de semicurso.

Doloroso arrepio transiu-me; esbatia-se a minha ideal e rósea nuvem; esvanecia-se o meu oasis e se me antolhava outra vez o areal que mata a esperança. Essa confiança tolhia-me: era um grilhão.

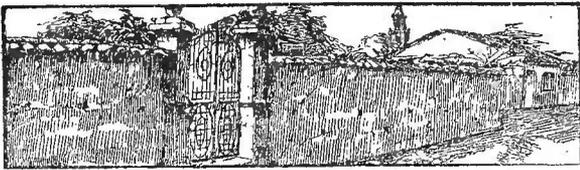
Estava a ouvir:

— Porta-te curialmente! Afivela a máscara da frieza! Podia, como num caso mais que trivial, tomar a ocasião como ela se me oferecia e simular que extinguiu a pyra alimentando-a sobcapa; porém não: quis ser original. Quão cara me ia custar a originalide!

Demais, eu precisava e mais alguns sobejos me eram atirados... Trabalho, poleá: repara as distancias e esquece-te de que tens coração. Fui iniciar as lições. Recepção requintadamente cavalheiresca: a dona da casa, senhora de princípios rígidos e austeros, com a gravidade de uma castelã medieva, assistiu á lição reclinada em velha poltrona. Para me retirar estendi á discipula a mão que me tremia e toquei uns dedos que se abandonavam gelados entre os meus.

Os olhos? fitavam o soalho, para onde tambem os meus se obstinavam em ir; o sorriso? sumira-se-nos; o *tu*? esqueçemol-o... Ali apenas estavam discipula modelar e professor compenetrado de que o era. Pela primeira vez não voltei á esquina. A meus ouvidos uma voz dolente, acúsmata remotissima, cantava em língua maviosa, essencialmente musical, estes versos:

.....  
 “Contempleró taciendo,  
 “Taciendo t'ameró”



## ETERNIDADE DO SONHO

Na populosa Pekin vivia Yu-Thsin, o mais desprezado filho do Celeste Imperio.

Puxava carreta, carregava fardos, tudo fazia para merecer o appetecivel prato de arroz. Fazia mais: alimentava um vicio, o vicio de todo bom chinez, a opiomania.

De dia, arrastava o corpo magro pelas ruas de Pekin, fazendo esvoaçar o seu rabicho esguio, tendo apenas momentos de folga para, com dois pausinhos, agilmente, saborear o seu arroz feito em pelotas. A' noite sorrateiramente, como um criminoso, penetrava numa baiuca sordida, pedia um cachimbo d'opio, refestelava-se num canto e fumava. O sonho começava a esboçar-se... A cabeça ia ficando pesada, até que, completamente embriagado, cahia no lagedo frio. Então a visã do sonho apparecia-lhe nitida.

O tecto pobre transformava-se num delicioso pedaço de céu, onde Yu-Thsin, rodeado das mais bellas patricios, era abanado com leques enormes, deliciado com musica acariciadora... Seguia-se um bailado envolta delle... Depois mudava-se o scenario.

Yu-Thsin tomava uma carruagem, como um mandarim feliz, e ia visitar os seus dominios. Passava por vastos campos de cultura de arroz e chá.

Verdes amoreiras indicavam criações dos operosos bichos da seda.

Tudo pertencia ao feliz sonhador.

De manhã, oh decepção! o pobre opiomaniaco era acordado a pontapé pelo amavel dono da baiuca. Yu-Thsin despertava em sobresalto. Erguia a mão ao céu, estremunhado, como quem apanha alguma cousa fugitiva. Pagava e, tropego, lá se ia cambaleando tomar conta dos seus dominios, isto é atrelar-se ao carrinho como alimaria réles.

Bello despertar!

Assim vivia Yu-Thsin, assim continuaria a viver, si Budha não se compadecesse delle. Foi um acaso.

Na rua, Yu-Thsin, com um sangue frio de verdadeiro heróe salvára um homem que ia ser victima dum atropello de carruagem. Era o Dr.

Sung-ti, o mais afamado sabio de todo o Imperio. O Dr. Sung-ti, reconhecido, conduz para a casa o seu salvador. Faz mais: promette a fé do valor de toda a sua sciencia que havia de realizar um desejo de Yu-Thsin.

O já feliz Yu, ao ser consultado, cæe aos pés do sabio, beija as suas veneraveis plantas e faz o seu pedido. Queria elle que o primeiro sabio da Flôr do Meio lhe preparasse um sonho... eterno.

Disse que da vida nada desejava.

Como bom budhista desprezava o mundo, anhelava pelo *Nirvana*.

Mas como gostava do opio, do opio que faz sonhar, Yu-Thsin pedia com os seus humidos olli-nhos obliquos que o grande sabio desse-lhe tanto opio quanto fosse preciso para elle, morto, viajar para o paiz do Nada, sonhando!

O Dr. Sung-ti, que o ouvia attento, coçou o nariz com gravidade, signal evidente de grande preocupação. Achava o problema originalissimo. E considerando o esfarrapado Yu deu razão ao asserto dum philosopho: — todo sabio tem o que aprender com a ignorante gente do povo.

Depois, num largo gesto, fez levantar o submisso Yu, dizendo:

“Descança Yu-Thsin, teu desejo será cumprido. E's moço. Espera dez annos e poderás sonhar eternamente.”

Cumpriria a palavra o sabio?

Seria crível que um processo de embalsamento *sui generis* conservasse o cerebro perfeito para sonhar? Oh! que maravilha, fechar a vida num sonho bom, não conhecer dôres, não ter noção do tempo, encerrada a gente num caixão d'aço e sonhar, sonhar, onde quer que seja, na terra, como no fundo do mar.

O Dr. Sung-ti era um sabio ás direitas. Não perdeu tempo: encerrou-se nos seus vastos laboratorios e ninguem mais soube de sua vida. A visinhança do sabio assustava-se de que, uma vez por outra, entrasse, escoltado, um criminoso chinez. Que iria fazer alli o triste condemnado? Explicava-se.

O illustre sabio, na qualidade de medico de S. M. o Imperador, gosava das graças imperiaes e, em beneficio da sciencia, rogava um ou outro condemnado ao supplicio, para as suas famosas experiencias.

Passaram-se annos. O sabio envelhecia. Yu-Thsin já estava cansado de esperar quando, um dia, foi chamado. Foi pulando e saccudindo freneticamente o rabicho.

O sabio tinha descoberto o segredo da con-

servação do cerebro valendo-se de velhos manuscritos da sciencia hindú. O felicissimo Yu entregára-se de corpo e alma. Soffreu a preciosa injeção de opio. Concentrou os seus melhores sonhos. Passou por innumerous processos de embalsamamento. Ia mirrando, mirrando, até tornar-se uma perfeita mumia. E mumia de nossa especie, mumia que sonhava.

Como? Quem poderia affiançal-o?

O Dr. Sung-ti não se deixava caminhar ás apalpadelas. Para verificar tão grande descoberta valeu-se de sua especialidade. Tinha profundos conhecimentos do magnetismo. As suas sessões de magnetisação assombravam. Assim, quando ia fazendo a arriscada operação, o sabio communicava-se com o operado por intermedio dum paciente em estado de somnambulismo. Nada mais natural.

A mumia sonhava, estava alli para comproval-o o secretario do sabio — o narrador do sonho de Yu-Tsin!

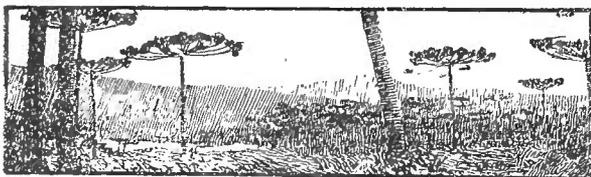
Era completo o triumpho do afamado glorioso sabio chinez.

Mas o velho Dr. Sung-ti não sobreviveu por muito tempo á sua descoberta. Agraciado pelo Imperador, cumulado de commendas de todas as ordens, num sorriso seraphico, fechou os olhos, prelibando as delicias inegalaveis do descanso eterno do Nada, sem sonhos. . .

Guardára egoisticamente o seu segredo.

E lá no Imperio da Flôr do Meio, depositado numa ermida, onde é venerado como um santo, Yu-Tsin, mirrado, ennegrecido, feio — continúa a sonhar o seductor sonho do opio e sonhará, sonhará, enquanto durar a ermida dos Crentes de Budha, enquanto durar a terra!

OCTAVIO SILVEIRA



G . C . P . A .

Science, sans conscience, est la ruine de l'ame.

RABELAIS

A gente não se cura, mas fica bem informada de que morreu.

AFRANIO PEIXOTO

Ás terças e sextas o professor deixava a cabeceira dos doentes, e apageado por um alvo sequito de assistentes e internos, vinha para um

pequeno amphitheatro fazer lições mais cuidadas sobre os casos occorridos no Serviço. O mestre reservava para essas prelecções os individuos portadores de molestias raras ou mal definidas, sobre os quaes lhe fosse facil basofiar erudição, calcando diagnosticos rebuscados á symptomatologia falla e controversa. Hypotheses mirabolantes e ousadas desforravam-n'o das ignorancias da sciencia, eternamente emperrada ante os caprichos da natureza sempre mysteriosa.

Attentos, alguns de lapis em punho, nos bancos dispostos em semicirculo se acotovellavam os discipulos, frementes por ouvir a palavra autorizada do mestre sobre a causa do implacavel mal que prendera no leito, ia para mais de um mez, a figura tão popular entre elles do Sylvino, o proprio enfermeiro da Clinica.

De olhos vivos e miudinhos a rebrilharem irrequietos sob os oculos de largos vidros enfumacados, o professor Rodrigues, empavonado uo seu luzente avental de linho branco, atinha-se junto ao carro leito, anediando preguiçosamente a barba em ponta, já prestes a branquear, enquanto um dos internos, alvo de todos os olhares, typo franzino e cuspinhento de cabellos empastados sobre a testa, lia com voz aspera e nasalada a observação minuciosa do caso.

Immovel entre as almofadas que lhe chumaçavam o corpo ossoso, uma baetilha enrodilhada ás pernas, Sylvino, de sua maca, igualmente não o desfitava, enleado na descripção das varias phases do mal que tão traiçoeiramente o acommettera. E diante do seu rosto baço e encovado, em que os olhos garços e suaves entravam a desluzir orlados de roxo, bem poucos reconheceriam o Sylvino de outros tempos, de face sempre aberta, o olhar fulgente, um riso á flor dos labios.

Afeito ao trabalho, diligente nos seus multiplos encargos, o doente que alli estava illustrando a lição, era o mesmo enfermeiro que ainda pouco tempo antes, quando por manhãzinha chegavam ao hospital os primeiros internos, já se achiava de tarefa concluida, disposto a auxiliar-os, cheio de deleite e ufania, nas mais delicadas pesquisas de laboratorio. E tal o garbo de seu porte e maneira irrepreensivel de trazer o avental, que, se não fôra a emblematica cruz bordada a um dos cantos do peito, bem poucos o separariam dentre a estudandada quando em commum passavam a manipular reactivos e corantes. De igual modo, doente que lhe fosse confiado teria a mais abnegada e vigilante das assistencias, recebendo á hora exacta a sua colher de medicamento, e as mat-

chas do pulso e da temperatura ficando consignadas na papeleta. E assim, quer porque a sua intelligencia em tudo encontrasse campo á dís-tracção, quer porque os seus predicados lhe grangeassem junto dos estudantes um atmosphera de intimidade e sympathia — elle a pouco e pouco se foi avezando ás agruras daquella profissão, já não experimentando mais a repugnancia da vida entre os doentes, que tão mal o impressionara em começo.

Sentindo-se agora motivo de tanta curiosidade, o seu corpo transformado em material de estudo como o de muitos outros que elle mesmo, indifferentemente, para ali conduzira, Sylvino tinha o peito oppresso, num temor vago e affligente; e o arrependimento de não haver obedecido ao seu primeiro impeto, abandonando o hospital logo no inicio da doença, voltava a preoccupal-o. A illimitada confiança na bondade dos mestres, de que elle só então começava a duvidar, e o receio de novamente aggravar a vida difficultuosa e attribulada de um cunhado, que já tão generoso agasalho lhe dera desde a sua chegada da roça até o instante em que se vira collocado, fizeram Sylvino sopitar o primeiro impulso, convencendo-o do quanto seria insensato deixar o hospital no momento em que delle mais carecia, e quando os estranhos e necessitados lhe vinham bater ás portas.

Tambem o mal fora tão proditorio, tão de manso e sorrateiramente se installara . . . Ao começo, e durante muitos dias, uma simples sensação de fadiga, mal estar indefinivel, acompanhado de dores vagas e erraticas pelo dorso e membros. Qualquer cousa demulcia-lhe os musculos, outr'ora rijos, quebrantando-lhe as forças. Dir-se-hiam a molleza e o entorpecimento que se sentem em seguida a uma longa caminhada. Mas ainda assim, tudo isso era muito vago, só se accentuando para a tarde, o que fazia crer num natural cansaço após as suas laboriosas matinadas junto aos doentes, embora até então, por muita robustez e juventude, jamais experimentasse provas de esmoecimento. Por fim, já em vespuras de acamar, supplicia-va-o uma sonnolencia irrefreavel; a cabeça ôca e torvelinhante exigia-lhe socego a cada passo e, se acaso repousava nalgum canto, era para logo cahir acarrado em profunda modôrra. Elle mesmo chegara a se espantar das manifestações extranhas e, por vezes, palestrando com companheiros em ar de troça, zombeteara da lombeira que agora o perseguia, derrengando-o ao menor esforço.

Como, porém, longe de esmaecer, mais e mais

se exarcebasse o mal, dores agudas e frequentes acutilando-lhe as ilhargas, maior ainda a debilitação, e elle já amanhecesse esfadigado, sem animo para nada, as pernas tropegas e bambeantes como se lhes pesassem algemas — Sylvino resolveu falar a um dos assistentes, vexado ainda por confessar fraquezas que tudo iam ferir o seu animo de rapaz até então forte e disposto.

— Que não ligasse áquillo e fosse usando de um tonico ás refeições dissera-lhe o assistente, de vistas já voltadas para um novo entrado, que gemicava arfando numa cama proxima, e pelos modos parecia ser um caso interessante e digno de estudo.

Terminada a leitura da observação, o professor Rodrigues, seguido de dous discipulos, passou a um rapido exame do doente, percutindo-lhe e auscultando-lhe o thorax. Sylvino, já desembaraçado da camisa e soffrendo a respiração, submettia-se impassivel a mais aquellas provas, os braços encruzados sobre o peito magro e avellado em que as clavículas espipavam, ameaçando perfurar a pelle.

— Quasi nada nos revelará este exame — disse o professor Rodrigues, descolando-lhe o ouvido do thorax, e dirigindo-se para a assistencia, que o acompanhava das archibandadas — a nossa attenção já tendo sido solicitada para a região renal, ponto em que o doente localisa, com muita precisão, as terebrantes crises que tanto o martirizam. Não bastassem essas dores e já um outro symptoma — essencial no quadro morbido — nos forçaria o interesse para a mesma região. Quero referir-me á profunda asthenia de que se queixa o paciente, e que, installando-se gradativamente, veio do cansaço inicial e quasi imperceptivel, tão bem descripto pelo interno Castro na observação que vos acaba de ser lida, até o estado de fadiga extrema e lassidão profunda em que o encontramos hoje. Como sabeis, este symptoma é pathognomonic da insufficiencia das capsulas supra-renaes e faz parte, ao lado de outros que passaremos a assignalar, e existentes tambem no nosso caso, de um conjuncto clinico tão admiravelmente descripto por um autor inglez, que até hoje lhe conserva o nome: a syndrome de Addison.

Esmiuçando o quadro clinico, o professor Rodrigues, depois de apontar outros symptomas de menor relevancia, salientou, com pormenores descriptivos, as manchas que matizavam, sob tonalidades varias, certos pontos do tegumento do doente, encontrando ahi ensanchas para muitas considerações sobre as desordens da pigmentação cuta-

nea. Em seguida, ordenando a Sylvino que abrisse a bocca, e repuxando-lhe fortemente os labios, elle fez ver que a dyschromia se estendia tambem ás mucosas, em pequenas maculas de côr fuliginosa, perfeitamente iguaes ás que se encontram na cavidade buccal dos cães heraldicos e lhes servem de garantia á filiação.

Depois de se referir com brevidade a algumas perturbações para o lado dosapparelhos circulatorio e nervoso, sobre as quaes elle se não deteria, pois que o interno Castro já as havia analysado convenientemente ao relatar a observação que lhe iria enriquecer a these, o professor passou á tarefa mais curiosa e delicada de senhorear a causa da affecção, mal encobrendo sob o brilho flammejante do olhar e os repetidos ticos que agitavam a sua face esquerda, a grande satisfação que lhe traziam as difficuldades daquelle caso, tão propicio ás suas exhibições de preparo scientifico.

Ennumerando então as affecções que, pelo acommetimento das supra-renaes, podem originar a syndrome de Addison, elle passou a contrastear cautelosamente as symptomatologias, buscando entre todas a que melhor se accomodasse ás perturbações apresentadas pelo doente. E porque durante a elucidação do diagnostico o instante lhe fosse favoravel, o mestre com gatimanhos alaembicados, o braço constantemente erguido, a mão em concha rasgando o ar num gesto convulsivo e muito seu, passou a divagar pela pathologia, embrechando as mais simples citações com arrevezados nomes de autores estrangeiros.

Sylvino, o olhar consultivo e ancioso, encolhido entre as cobertas do carro-leito, não perdia uma só daquellas palavras asperas e sentenciosas que em meio á linguagem obscura e inescrutavel, lhe ditavam condemnação. E' que o mestre se esquecia, nos surtos de seu entusiasmo, de que o tirocinio hospitalar dera azo ao pobre enfermo para se familiarizar com a terminologia medica

Voltando a discutir a violencia das crises dolorosas e o estado de cachexia rapida em que cahia o doente—rapaz até então forte e nada ha achadiço, o que não era para desprezar — o professor Rodrigues afastou as hypotheses da syphilis e da tuberculose, para assentar suas preferencias sobre uma neoplasia.

De facto, a concomitancia e marcha daquelles symptommas impelliam-n'o para a supposição muito convinavel de um tumor das supra-renaes, embora a percussão da região, como muitas vezes succedia nesses casos, nada revelasse até então. E

se quizesse levar mais adiante o seu diagnostico, investigando a natureza do tumor, elle estava quasi certo de não errar se pendesse as suas symptomathias para um sarcoma, esse terrivel neoplasma que se locupleta sobre os organismos moços. A fallencia da therapeutica, já que medicamento nenhum se mostrava capaz de tonificar os musculos do enfermo, era ainda um outro factor, de alta estima, em auxilio das suas ultimas asserções.

Desejoso de dar maior realce á lição, o professor Rodrigues passou a exhibir diante dos alumnos, algumas peças do seu laboratorio anatomopathologico. Para tal fim, bem proximo d'elle, sobre uma pequena mesa de tampo esmaltado, quatro ou cinco frascos de vidro grosso conservavam, mergulliados num liquido turvo e sanioso, órgãos e visceras de outros doentes que por ali já haviam passado, deixando bocados de si em pabulo á sciencia, Intromettendo o punho arremangado por um desses largos boccaes, o professor expoz ao olhar perspicuo dos presentes, uma das peças mais curiosas da sua collecção. Era a mão de um desgraçado que se finára por uma sarcomatose generalisada, e que tinha a sua palma esburgada até os ossos pelo mal roaz e proliferante. Cortada cerce pelo punho, a pobre mão parecia ainda reter, entre os dedos grossos e nodosos a se engripharem ameaçadoramente, todo o exaspero e dôr do ultimo estorcegão que a immobilizara.

Fugindo á horrida visão, Sylvino, já mal contendo as lagrimas que lhe vidravam os olhos, ladeou a face para uma janella aberta sobre a area ajardinada, e foi espaiencer a vista no azul do ceu longinquo, tecido naquella manhã numa musselina traslucida e inconsutil, pronunciativa do dia de gloria e belleza que andava a cantar lá por fora. Embebidas de sol, as ramas de um manacá em flor vaporavam na sala um perfume morno e elanguescente; e, a despeito do ar molesto, uma ou outra roseira mais teimosa estadeava o brilho das suas corollas entre a vegetação mofina dos canteiros.

Ao deparar aquella amostra de paisagem, Sylvino entrelembrou-se, numa rapida e saudosa visão interior, de alguns quadros de sua vida de outrora, quando, despreoccupado e feliz, gastava os dias na labuta da terra, em uma distante fazenda de Minas. Era tambem por um céu assim, quando o sol claro e dourado começava a esgarçar a nevoa que se condensara sobre as varzeas adormecidas, que elle partia todas as manhãs, enxada ao hombro e balaio ás costas, para o tra-

balho da lavoura, onde os seus dias decorriam celeres na capina das roças, replanta do café ou colheita de milho enlourecido. A' sua passagem por trilhos ermos e estreitos, mal rasgados no verde das pastagens ainda borrifadas de orvalho, bandos assustadiços de anús, num vôo lento e descompassado, partiam das toijas proximas para pousar no arvoredado mais distante; ou emão, de sobre a pedra em que se aquietára, fugia rapido para a sua lóca, por entre um reboiço de folhas seccas, o lagarto que se aquecia á luz. É nas horas do meio dia soalheiro, quando sob a atmosphera rutilante o calor ia mais forte, e os seus musculos já se enrijavam ao esforço da labutação exhaustiva. Compendando-lhe o monotono resoar da enxada sobre a terra dura e aspera, a copa vermelhaça dos mulungús em flor entrava a gorgear revestida de guaches em algaravia infrene; e da matta distante lhe vinham os echos da orchestração de jaós e inhambús, que no seu recesso humido e umbroso se revezavam num concerto ininterrupto. E tudo o que lhe era então motivo de tedio e insoffrido desejo de conhecer os multiplos encantamentos de uma grande cidade, desenhava-se agora no fundo da sua retina com os contornos avivados pala palheta magica da saudade.

Tiraram-n'o desse devanteio beatifico e doloroso as ultimas palavras do professor, fazendo o prognostico da sua molestia e advertindo os discipulos de que seria muito breve, pois que já eatava á passar da hora.

A molestia de Addison tinha geralmente uma marcha lenta e progressiva, durando de um a tres annos, e sendo a sua cura excepcionalissima. Embora sem grande frequencia, já se haviam observado alguns casos de desfechos subitos e rapidos, sem symptoma algum apparente, por um envenenamento super-agudo do organismo. O seu longo tirocinio clinico, com um bom acervo de observações, permittia-lhe dizer jamais ter visto caso algum de cura.

A morte quasi sempre se verificava pelo pro-

gressivo evoluir da cachexia addisoniana. Este prognostico, já de si tão sombrio, mais se adensava ainda, por maior brevidade na molestia, nos casos em que a syndrome corria por conta de uma neoplasia das supra-renaes, como naquelle sobre o qual versava a licção.

— Como vêdes, meus caros discipulos — disse o professor Rodrigues para terminar — caso mais bello e completo da molestia de Addison, difficilmente se teria encontrado do que este que apresenta o nosso doente, e eu estou bem certo de que, se cada um de vós o examinar demorada e pacientemente guardareis uma indelevel lembrança do que seja essa curiosissima syndrome.

Uma clangorosa salva de palmas estrondeou nas archibancadas, apagando as ultimas palavras do mestre, enquanto começava entre os estudantes um fallario de entusiasticos commentarios á magistral licção que acabavam de ouvir.

De volta á enfermaria, dois padioleiros, com gestos rapidos e precisos, de quem os executa muitas vezes, baldearam o corpo leve de Sylvino para a cama, a mesma cama que já lhe começava a desgastar os quadrís, abrindo-os em feridas. Sylvino vinha ainda mais derreado e succumbido, depois daquella aula em que nem uma palavra acariciativa ou tranquillizadora lhe fôra dirigida, o professor, ao contrario, não escondendo as mais brutas verdades sobre o seu estado. E na lembrança de tudo o que ouvira, presentindo a morte proxima, uma sensação de vacuidade e estonteamento aturdiu-lhe o cerebro, e no seu coração pequeno e descompassado, esfervilhava a inquietação presagiosa.

Alheios da sua dôr, ainda no rosto a alegria que lhes dera a bella lição, assistentes e discipulos regressavam tambem ao serviço, repartindo-se por entre os leitos numa ultima olhadella aos doentes, seguida de recommendações ao enfermeiro novato:

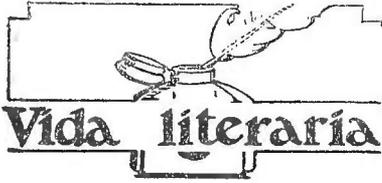
— Não se esquecesse de guardar os escarros do n. 7; tomassé de quatro em quatro horas e temperatura do 18...

GASTON CRULS.

(Conclue no proximo numero).



# SUPPLEMENTO



## Um novellista brasileiro do século XVIII.

Nos zómeços da éra quinhentista, Gil Vicente fundára o theatro em Portugal, fundando-o tambem na Europa. Mas a semente que não germinou no paiz, produziu fóra a mais bella floração. Lope de Vega e Calderon se inspiram nos autos vicentinos e, por sua vez, passam a inspirar Molière. Só em Portugal não tem continuadores o grande mestre, que precedeu a hespanhoes, francezes e inglezes.

Decorridos quasi dois seculos, porém, apparece Antonio José da Silva. As suas peças, então chamadas «operas», se representam com grande successo. «As Guerras do Alecrim e da Mangerona», o «Amphytrião», «Eso-paida», «D. Quixote», têm qualidades raras a par de não raros defeitos.

Quem foi Antonio José?

Antonio José, o Judeu, nasceu no Rio de Janeiro, filho de paes hebreus emigrados para o Brasil. Cresceu em Portugal, onde estudou e obteve os mais ruidosos triumphos. Conheceu as auras da popularidade e soffreu as agruras da perseguição, e do carcere e, por fim, o supplicio e a morte. Em 1739 foi queimado nas fogueiras da Inquisição.

Escreveu para o povo. Como Aristophanes e o proprio Gil Vicente, não escolhe termos, nem recua ante situações. A linguagem é por vezes desbragada, mas, sob o artificioso da forma theatral, tem a virtude da espontaneidade, da viveza e da graça.

Ao notavel theatrista que foi Antonio José attribue-se tambem a auctoria de uma novella:

«Obras do diabinho da mão furada para espelho de seus enganos e desenganos de seus arbitrios, palestra moral e profana, donde o curioso aprende para a doutrina dictames e para o passatempo recreios».

A auctoria da novella tem sido muito discutida. Araujo Porto Alegre, Sacramento Blake, João Ribeiro, Machado de Assis estudaram a questão e, mais recentemente, no *Jornal*, do Rio, Fidelino de Figueiredo, parecendo certa a auctoria do Judeu.

Em resumo, a narrativa é a seguinte:

«Um pobre soldado da milicia de Flandres, no tempo de Felippe II, abandonando a incerteza da guerra se dirigia a Lisboa, «patria commum de estrangeiros, madrasta de naturaes e protectora de venturosos». No termo de Evora, depara-se-lhe o diabinho da mão furada, assim chamado por ser grande dispensador de beneficios aos seus adeptos. Após um espirituoso dialogo, o diabinho institue-se espontaneamente em seu amigo e protector, e juntos seguem viagem, o diabolico guia forcejando por tentar com enganosos deleites ao pobre soldado, este defendendo-se com firmeza.»

No segundo «folego» apparece o Inferno com suas visões dantescas.

No terceiro «folego» defende-se de uma «illustre fregona» que o tenta.

Em um dos episodios o sol-

dado, que se chama André Peralta, entra no palacio da Cobiza, onde pompeiam a Mentira, a Soberba e a Ignorancia e, enclausurada, nua e desacreditada, vive a Verdade.

André Peralta, segundo o regimen infernal, não deveria sair mais desse palacio, mas despertando para sair o proprio Diabinho da mão furada o auxilia a infringir a vontade da soberana moradora, porque, «seu officio era só tentar e persuadir aos vicios»; mas que não podia forçar o livre alvedrio para elles; que o soberano Autor da natureza o não permittia, e que assim não podia Lucifer por isso castigar-o, porque fazia rectamente justiça a seus direitos vassallos.

Porfim, Peralta consegue libertar-se do diabinho amigo, entrando para o convento de S. Francisco de Xabregas «com grande edificação, gosto e alegria».

São só «Diabinho da mão furada» os seguintes interessantissimos versos:

Acuda vossa Diabrura,  
 Poderoso Lucifer,  
 Que se levanta o mundo  
 Com a jurdição que tem.  
 Todos nelle são Diabos  
 Tão exhorbitantes que  
 Podemos nós outros delles  
 Diabruras aprender.  
 O odio que aos homens temos  
 Extranhavel e cruel  
 Iguala, se não excede,  
 O que uns aos outros têm.

MONTEIRO LOBATO

Os Negros

N. 2 DA NOVELLA NACIONAL

PEDIDOS Á

Preço 1\$000

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

# A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

## EUCLYDES da CUNHA

(Exceptos de um discurso)

Euclides da Cunha chegara, havia pouco, do Rio de Janeiro, sahido das fileiras do Exercito, quando o conheci em S. Paulo. Casara-se e tinha vindo fazer vida nova, laborioso, na terra dos Andradas. Uma vulgarissima transacção imposta pela necessidade de se elle installar, nos aproximou.

Foi isto ali por 1892, se bem me recorde; mas Euclides, nomeado engenheiro das obras publicas do Estado, na sua fama de construir pontes e estradas e a viajar pelo interior, raro então me apparecia.

De volta dos seus trabalhos de campo, trazia um ar de tedio a trahir-lhe uma repugnancia invencivel. Não que a vida activa de engenheiro lhe pesasse; mas porque não encontrava na função, como exercida, a superior elevação, capaz de o libertar da pasmaiceira de uma technica que lhe parecia duvidosa.

Maior ainda era o seu nójo pelas cousas publicas, consideradas no terreno da politica indigena. Não as queria commentadas por mais em fôco que se lhe deparassem ellas na tela da vida nacional. A republica, que elle sonhara e pela qual até sacrificios fizera, não a reconhecia elle nesse arremêdo de instituição politica, que então era o governo do Brasil, tão ao avêso dos seus ideaes de mocidade ardorosa, intransigente. Abaixava então a vista para não ver a miseria a que chegara a ruina dos seus ideaes desvanecidos.

O seu positivismo ou materialismo, já um tanto esmaecido, não collidia com o meu espiritualismo, por elle polidamente respeitado. Havia tanta cousa em que conversar que não fosse politica ou philosophia em que militavamos em campos oppostos! Tratavamos então dos livros novos, dos que faziam epoca e logravam interessar-nos, a ambos. Euclides lia, porem, com muito particular attenção a Herculano e a Camillo Castello Branco nas suas obras de polemica litteraria. Vi-o muitas vezes a folhear os escriptos de ambos, mas principalmente os escriptos de combate, onde a paixão não raro arrebatava, e a critica, posto que sincera, chega a ser cruel e terrivel. O vocabulario, ali mais espontaneo e energico, seduzia sobremaneira ao escriptor « in fieri » dada a sua predilecção accentuada pelo phrasear energico, expressivo, quente, mais de accordo com a sua maneira de sentir.

Mas o Euclides, na sua vida de engenheiro errante pelas regiões do Oeste paulista, me desaparecia por longo tempo. Era uma raridade quando me surgia de improviso em casa a contar-me a sua odyssea e a maldizer o seu tedio que já se prolongava por muito tempo.

Uma vez tornou-me mais de pressa do interior, e vinha mais animado. Era outro e tinha como que um vago presentimento de que o seu destino

ia mudar. Aquella pasmaiceira de tantos annos ia ter o seu fim.

Foi quando se ateou a guerra de Canudos no intimo dos sertões bahianos, em 1896, após o insuccesso de duas successivas expedições mandadas contra os jagunços fanatizados de Antonio Conselheiro.

Crescera no paiz a fama dos atrevidos sertanejos, forçando a retirada de forças regulares federaes ao mando do Coronel Febronio de Brito, ha pouco fallecido.

A fama tinha dado proporções exageradas ao successo; mas subira de ponto a estupefacção popular quando se espalhou por todo o paiz a noticia do desastre completo da expedição Moreira Cezar, a terceira que a jagunçada tinha repellido e esta agora com a perda de vida do proprio chefe da expedição e de boa parte de sua officialidade.

Grandissimo foi o abalo na opinião publica nacional. Os republicanos julgavam-se mais uma vez trahidos pelo adhesismo monarchico, victimas elles da sua boa fé e de sua moderação para com os adeptos do decahido regimen. Era o « sebastianismo » impenitente, diziam, que armava essa trahição de Canudos, onde, se suppunha, estavam refugiados ex-marinheiros dos da revolta do Almirante Custodio José de Mello, capitaneados por habéis officiaes europeus contratados. Era a monarchia que levantava o collo no sertão, apunhalando traiçoeiramente, pelas costas, a republica.

O Visconde de Ouro Preto, si então escapou com vida á furia da multidão ignara e incontenta, viu entretanto tombar ao seu lado, victima de scelerados emergimentos, o seu amigo, o coronel Gentil de Castro, apontado como dos principaes responsaveis pela revolta sertaneja.

Castro tombara innocente, como innocente estava o monarchismo accusado. Mas a turba dos exaltados queria culpados em que cevar o seu desejo de sangue, e o « sebastianismo » impenitente, só elle, é que lh'o podia fornecer.

Canudos, diziam, é por certo uma machinação de monarchistas; é a restauração que faz volta pelas catingas e cae agora de improviso sobre a republica.

Euclides chegou um instante a acreditar nisto e ainda nutria duvidas muito serias quando me veio annunciar que partia e trazer-me as suas despedidas. E partiu como correspondente do "O Estado de S. Paulo", a seguir de perto a columna expedicionaria do comando do General Arthur Oscar.

Levou-me algumas notas das que eu lhe offeroci sobre as terras do sertão que eu viajara antes delle, em 1878. Pediu-me copia de um meu mappa ainda inedito, na parte referente a Canudos e valle superior do Vasa Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lh'a forueci como forneci ao governo de S. Paulo que della tirou mais de um exemplar, remettido para o Rio, ao Ministerio da Guerra.

Quando, porém, por entre fogo e sangue aquelle lugubre episodio terminou; vencida, mas não rendida, a pertinacia do jagunço fanatizado, e Euclides, convencido e tambem desiludido, tornou ao seio da familia, a alma do patriota agora é que se re-

voltava, coração confrangido, o animo a explodir contra a vilania de quem não soube vencer sem manchar, contra a miopia d'aquelles que não souberam ver, para além do jagunço fanatico, a alma do brasileiro do sertão capaz dos mais sublimes rasgos de heroismo.

Euclides resolveu então escrever as suas impressões daquella tragedia lugubre; era um como que protesto intimo contra aquelle criminoso exterminio que nem a mulheres e crianças tinha poupado. O « Sertões » que elle então escreveu, teve esse fundamento de protesto do seu espirito de patriota revoltado.

Contava-nos contristado os episodios horribéis da catinga conflagrada. Repugnava-lhe aquella reacção da legalidade que não lhe pareceu na altura da nossa força militar, como não agiu consoante á cultura que, como um povo civilisado e christão, representavamos. Não accusava a individuos; reprovava, porém, a acção descabida, erronea, incontenta dos responsaveis. Não escreveu para accusar, mas para reprovar. Dahi o seu emudecer diante das miserias de que foi testemunha; dahi o não carregar as cores, antes até esse esmaecer de tintas no quadro da realidade amarga, onde se lhe percebe, entre o silencio por compostura e o estrugir num protesto de indignação, a tortura de sua alma de patriota.

Foi nesse estado d'alma que escreveu os « Sertões ». O escriptor masculino, que se ia elle revelar, vinha plenas das mais desencontradas impressões. As scenas daquellas terras, devastadas pelas secas periodicas e pela colera insana dos homeus, revelavam-se-lhe, de um imprevisito inimaginavel e elle como que se sentia com forças para fixar-as na tela de uma obra imperecivel. Parecia-lhe isso uma reparação, uma divida a pagar á memoria daquella gente obscura que soube morrer por um ideal, fosse embora um ideal obscuro tambem, mas gente mascula que á rendição humilhante preferiu a morte, ainda que fosse a morte n'um brasileiro ao fundo de um fosso, com tão maior heroismo quanto o não fora outr'ora o dos defensores da abrasada Sagunto.

Euclides começou a escrever.

A principio trazia-me aos domingos os primeiros capitulos, os referentes á natureza physica dos sertões, geologia, aspecto, relevo, e m'os lia naquella sua calligraphia minuscula que era como a minha tambem. A leitura fazia-se pausada a meu pedido, porque tinha eu a sensação de com ella estar a trilhar vereda nova, cheia de novidades. Não havia, porém, no novel escriptor o abuso da adjectivação, tão commum aos novos. A phrase sabia-lhe perfeita, moldando-lhe com exactidão e nitidez as ideas. Uma propensão comtudo se lhe notava e era a do emprego de termos desusados a que eu, a gracejar, chamava « calhaus » no meio de uma corrente harmoniosa — que de resto era a sua boa linguagem.

— Por velho ou esquecido, contestava-me, não perdeu para mim a força de expressão que eu procuro no vocabulo. Que me importa, a mim, que o leitor esteja na leitura correto, si a impressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nitida, e, em verdade, a unica que eu lhe queiria dar?!

A nitidez da expressãa era o seu cunho, o seu empenho maior. Cataba termos expressivos até na gíria popular; saboreava o phrasear do sertanejo, por achal-o mais espontaneo e verdadeiro; avido colhia-os todos, como a diamantes na cata o garimpeiro.

Conversamos uma vez a proposito do estouro da boiada e dos costumes do vaqueiro da catinga, quando me occorreu citar-lhe um bilhete de sertanejo cujo theor, como se vae ver, me deram por authentico de um vaqueiro dos Inhamuns:

"Illustrissimo Senhor men amo.

"Participo-lhe que a sua boiada metten-se em despotismo. Um boi no deixar o curral entregou o couro ás varas. O resto . . . o resto trovejou naquelle mundão."

— Falar assim é que é falar com a natureza, atalhou-me enoantado o Euclides. Não conheço de veras povo, como o nosso do sertão, que por palavras dê mais realce ao seu sentir, tenha mais energia no dizer.

Uma boiada que "se mettetu em despotismo", commentavamos então, é em verdade a revolta, a convulsão da bovina caterva, mugindo, arremettendo, arrombando porteiras e levando tudo adiante de si. "Metter-se em despotismo" quer dizer tudo isso n'uma phrase synthetica muito verdadeira ao sabor da gente simples do sertão. "Um boi que entrega o couro ás varas" é a victima do incontinido tropel sobre cujo cadaver passou a avalanche da manada e de que o provido boiadeiro tirou o couro, espichando-o por meio de varas a secar no oitão da casa da fazenda. "Trovejou naquelle mundão . . ." exprime de modo incomparavel o que é o horizonte da catinga quando, como um furacão, o sacóde o arranco da boiada por entre nuvens de pó. O chão treme. O ruido da ramalhada partida e levada a peitos estruge como um trovão ao longe, numa tempestade em que aos Euros se substituem bisões furibundos como que tangidos por demonios invisiveis.

Euclides repetia essas phrases como que a pezar-lhes as imagens, a aurilhes na onomatopéa significativa a sensação real que lhe produziam.

Outro homem na peuna que não na ordinaria conversação era o Euclides. Raro na palestra se animava. Não era verboso, nem alacre, nem causticante no discretear ordinario. Preferia pensar, refletir, ouvir antes que dizer, o que trahia natural propensão mais para colher do que para dispartir as joias do seu espirito.

A' meza o Euclides era um tortu-

redo a quem as ignarias faziam mais mêdo do que as carabinas da jagunçada revolta na oatinga. Comer fosse o que fosse era-lhe um tormento, por mais innocente que lhe parecesse a ignaria e isso notei-lhe sempre, antes como depois da sua visita a Canudos.

Não tinha prazer á meza onde se assentava, de ordinario, conviva taciturno e desconfiado e neste estado de espirito tudo lhe servia de excusa aos obsequios e offerecimentos.

— Que é que se ha de offerecer ao Euclides? Era a pergunta da dona da casa toda vez que se aguardava a visita do auctor dos «Sertões». E o

Euclides, a bem dizer, só se considerava tranquillo á mesa, quando nada via de especial a se lhe offerecer.

Mordicava, não oomia, e ainda assim se enchia de receios. Não sei se mais tarde essa inapetencia nervosa se lhe dissipou. O que posso dizer é que o auctor dos «Sertões», do «A' margem da Historia», do «Fervur sus Bolivia», de tantos outros escriptos fulgurantes que o sagraram o mais potente dos escriptores, interpretes da natureza brasileira, era um doente, talvez imaginario, mas de facto um doente.

THEODORO SAMPAIO

## Os nossos poetas

### O primeiro soneto de BILAC.

Qual teria sido o primeiro soneto de Bilac?

Não ha quem, conhecendo «Ouvir estrelas» e toda a constellação maravilhosa da «Via lactea», não haja perguntado a si mesmo qual fóra a estreia do Poeta. Para chegar á sublimidade de tantas obras-primas, de que altura levantaria vôo?

Podemos dar aqui aos leitores, com todo o sabor das primicias, que apazar dos tempos não perdeu, o primeiro soneto publicado com a assignatura de Olavo Bilac. Não é um primor, digno de figurar ao lado de sua obra

definitiva, mas respira sentimento e poesia, uas suas grandes phrases rondadas e sonoras, prenunciando o exoelso vate, que, logo, apparecia.

MANHÃ DE MAIO foi publicado a 19 de Setembro de 1883, na «Gazeta Academica», quando Bilac, residente no Rio, em casa de seus paes, no Engenho Novo, frequentava as aulas, que abandonou depois, da Faculdade de Medicina.

No anno seguinte, já triumphava o Poeta.

#### MANHÃ DE MAIO

Já fóra a natureza alegre e verdejante  
Expande-se ao calor do sol da primavera . . .  
Gorgeia a patativa um canto inebriante  
E como que sorri, contente, o azul da esphera.

Parece que a campina esplendida e brilhante,  
Em vestir-se de rosa e de jasmim se esméra  
Como a noiva gentil que, tremula e hesitante,  
Com cuidado se veste e o lindo noivo ospera.

E emquanto em frente a mim duas pombinhas mansas,  
Mais brancas do que a alma ingenua das orianças,  
Conversam sobre amor, beijando-se em delirio,

Eu penso em ti, compondo esta canção florida  
Que quizera enviar-te, ó minha flor querida,  
Escripta a tinta azul, nas petalas de um lyrio . . .

ACABA DE APPARECER

# FIGURÕES

VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

POR SIMÃO DE MANTUA

Preço 4\$000

MONTEIRO LOBATO & C. EDITORES - RUA BOA VISTA, 52 - S. PAULO

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000

Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de:

**Coelho Netto,**

**Afranio Peixoto,**

**Waldomiro Silveira**

**Cornelio Pires e outros.**

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

**Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro**

Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

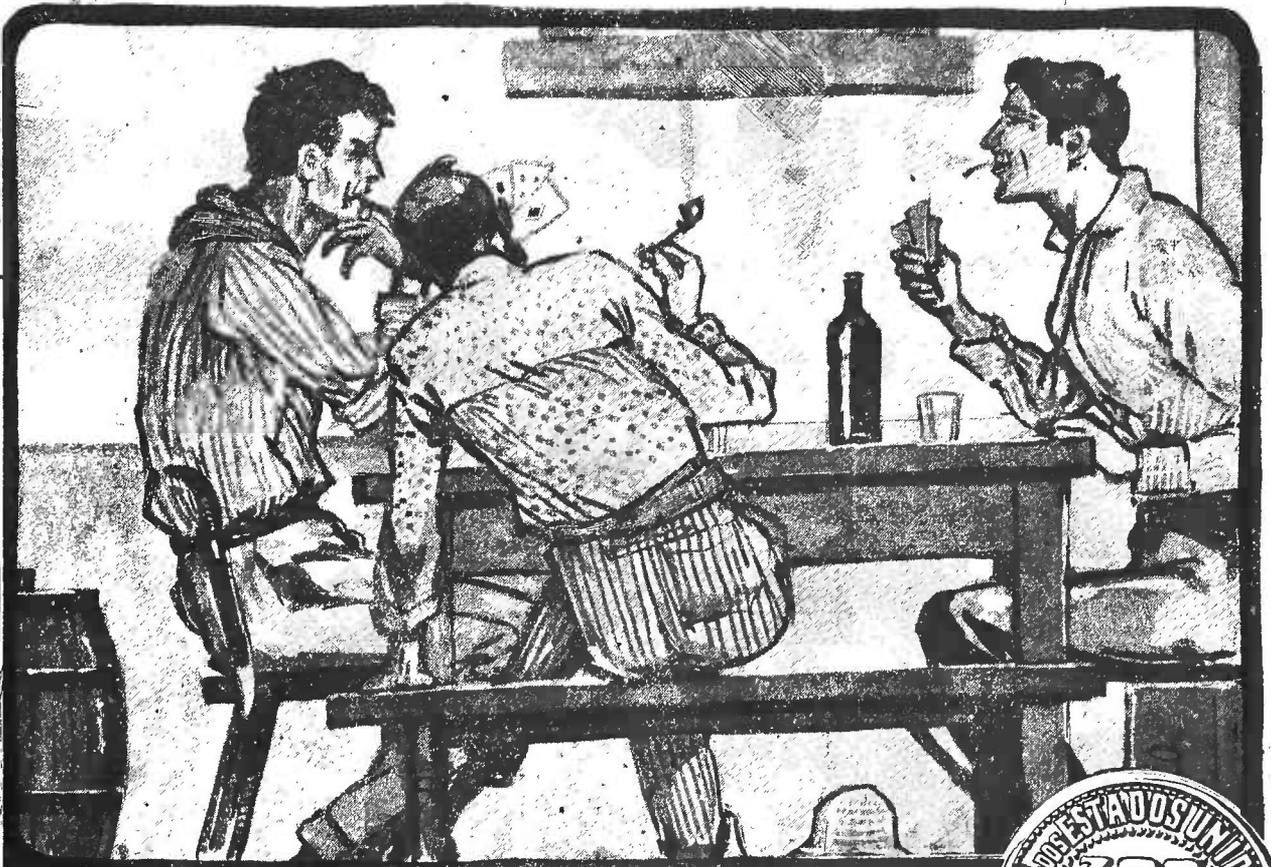
OS NEGROS

21



— Lá, foges, aconselhou-me um etc.

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente: mas não será util e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurarã nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas o as sepultadas em colleções de jornaes e revistas — preciosidades que repositam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extração no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa litoratura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento à edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a ellos, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta litoraria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca à disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada à Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará allem disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL, ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada à venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livreria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 28 de Maio de 1921

NUMERO 5

O LUNDUM — José Ve-  
ríssimo.

A FEITICEIRA — Inglez  
de Souza.

Uma Santa Brasileira —  
SANTA DIANA — Li-  
ma Campos.

## SUMMARIO

G. C. P. A. — Gastão  
Cruls.

SUPPLEMENTO — A vida  
literaria - Psychologia

do theatro.

Curiosidades literarias — «A  
Comedia».

Os mossos poetas — Uma sa-  
tyra de Hilarió Tacito.

# O L U N D U M

A moldura é uma casa de sitio.

Paredes de barro, esteios amarrados com cipó,  
tecto de palha.

Na frente da casa um mastro, coberto de fo-  
lhas, ornado com fructos: ananazes, bananas e  
outros.

No topo do mastro uma bandeira.

Na bandeira, pintada por um Pedro Americo  
campestre, uma pomba.

É o Espirito-Santo.

\* \* \*

É dia de festa.

A festa do Divino ou do Senhor Divino Espi-  
rito-Santo, como chamam.

É uma festa muito popular na Amazonia.

Durante muitos dias andam as canôas, cheias  
de devotos, a fírar esmolas pelos sitios.

Estes pedintes aceitam tudo. Fructas, doces, vi-  
nhos, cachaça, carneiros, vitellas, tudo lhes serve.

Preferem dinheiro.

O dia da festa chega.

Então, ao menos em apparencia, o Senhor Di-  
vino Espirito-Santo é substituído por Baccho.

\* \* \*

Na sala da casa estão reunidos todos.

Ha redes atadas aos cantos.

O resto da mobilia compõe-se de bahús de ma-

upá pintados de verde, um ou dois bancos e  
peitos de jacaré.

Em uma das redes o dono da casa fuma tran-  
quillamente no seu cachimbo.

É um velho tapuyo de cara alegre e cabellos  
grisalhos. Veste a sua melhor calça de panno a-  
mericano riscado e camisa branca.

Em uma rede a dona da casa, sentada de um  
lado, conversa com uma comadre que senta-se no  
outro. Na cabeça de ambas dois formidaveis pen-  
tes erguem-se como os montes do Almeirim.

Em outra, tres moças — que eu chamaria as  
tres Graças, não fosse tão sedicã a comparação —  
duas de um lado e outra do outro, reclinando-se  
a meio, deixando ostensivamente ver os pés nús  
meio calçados em chinellas encarnadas, e um  
trecho das pernas bem feitas, aos namorados que  
olham-nas cubiçosos, sentados nos bahús ou nos  
bancos.

Nos outros assentos amontoavam-se homens e  
mulheres, moços, velhos e crianças.

Vestidos encarnados, camisas de rendas, gran-  
des brincos de ouro velho, cabeças cheias de flo-  
res, labios cneios de risos, seios cheios de dese-  
jos, olhos cheios de amor — tudo la ahi.

Os moços fumam o perfumado tabaco do Rio  
Preto em seus longos cigarros de taquari, e os  
velhos nos cachimbos de barro, por longos e en-  
feitados taquarys.

Em uma mesa, coberta com uma colcha de chita, está a corôa do Divino Espirito-Santo, cheia de fitas e flores.

Dos lados da mesa ficam encostadas á parede as bandeiras.

Em dois castiões de prata de forma antiga — pedidos para esse fim ao vizinho rico — ardem duas velas de cera.

Aos pés da corôa amontoam-se maços de velas, dadas de esmola ou em cumprimento de promessas.

Ha poucos momentos distribuiu-se o caxiri.

A alegria reina.

\* \* \*

Ha uma orchestra.

Uma flauta e uma viola.

A flauta toca, a viola acompanha.

De vez em quando a viola briga com a flauta.

Ha então um desconcerto.

Mas os "dilettanti" são nimiamente condescendentes. Não havia pateada. De ora em quando davam palmas.

Era' quando a viola e a flauta tocavam os limites do sublime.

Isso não era raro.

Os musicos são cantores, acompanham-se.

Têm o defeito de não serem originaes. Cantam o "Não te esqueças meu anjo, de mim" — musica e letra velhas, que tornavam novas com uns requiebros langorosos de olhos para as eleitas de seu coração, que faziam ás vezes, um máo modo e diziam :

— Axi!...

Este — axi!... era um chumbo. Cortava as azas ao sabiá que errava a ultima nota e caía estatelado no chão da sua desdita.

Os ouvidos dos circumstantes lucravam.

\* \* \*

Lembraram-se de aproveitar a musica para dançar.

Dançaram.

Eram polkas, quadrilhas, valsas, lanceiros — todo o cortejo das insipidas danças civilizadas.

Depois pararam. Um então gritou :

— O lundum, venha o lundum!...

A viola e a flauta puzeram-se de accordo e tocaram o lundum.

Napoles tem a tarantela; o Aragão tem a jota; a França tem o can-can; a Hespanha tem o bolero; Portugal tem o fado; Montevidéo tem o fandango; o Brasil tem o lundum.

O lundum, creio, nos veio pela Bahia. Tem o seu tanto de africano. Depois espalhou-se no Bra-

sil. O "catêretê", a "chula" e outras danças são suas filhas.

O lundum é uma dança que admite todas as outras.

As castanholas da jota, a morbidez da tarantela, os passos seductores do bolero, os passos insipidos da quadrilha, as voltas rapidas da valsa, o sapateado do catêretê, o requebro lascivo do fandango, a arrogancia do fado.

E a flauta e a viola tocaram um lundum. E dançaram o lundum.

A flauta e a viola gritaram.

— Ninguem mais vem!...

Passaram-se alguns minutos.

Alguem appareceu na arena.

\* \* \*

Fêz-se profundo silencio.

Todos os olhos se fitaram "nella".

"Ella" deu os primeiros passos e as primeiras voltas.

Um cheiro activo de periperioca espalhou-se na sala, de mistura com o perfume do jasmim e do molongó.

"Ella" começou por passinhos curtos: um pé para diante, outro para traz. Os dedos afilados batiam com preguiça as castanholas. Nos labios de um vermelho arroxado brincava um sorriso provocador.

Deu assim tres voltas: ninguem lhe saiu ao encontro.

Temiam todos.

Então dos labios purpurinos, no meio de um frouxo de riso zombeteiro, saiu-lhe esta admiração e esta pergunta.

— Já!!... Ninguem?...

Os homens, principalmente os rapazes, entreolharam-se e abaixaram os olhos envergonhados.

Passaram-se alguns momentos.

"Ella" esperava no meio da sala com um sorriso de mófa nos labios.

Alguem saltou.

\* \* \*

Era um rapaz desse bello typo mameluco, alto, esbelto, vaqueiro, de calça branca, camisa branca bordada, botões de moedas de ouro nos punhos e no peito, lenço beira de chita no pescoço cobrindo o collarinho. Apesar de todo o seu garbo, via-se-lhe receio no semblante.

A musica começou.

Elle deu principio á dança.

O corpo esbelto requebrou-se e torceu-se, os pés giraram no chão.

“Ella” comprehendeu que elle era digno de si. Começou.

Os pésinhos, a meio mettidos nas chinellas encarnadas, correram ligeiros no chão, os dedos bateram as castanholas com força.

A luta principiou.

“Ella” deixava-o aproximar-se e fugia rapida quando ia tocal-a, ou então procurava-o e quando elle pensava que ella ia render-se-lhe, enganava-o fugindo.

Depois, nas mil voltas que davam, elle procurando-a, “ella” esquivando-se, quando elle estendia os braços, “ella” passava-lhes por baixo soltando uma grande gargalhada.

O rapaz suava, “ella” estava calma.

Corriam, gritavam, fugiam, iam, vinham, tornavam, chegavam quasi a abraçar-se e estavam apartados, dir-se-ia que iam beijar-se e afastavam-se.

“Ella” mostrava-lhe os labios rubros, apertando-os para não rir, elle lançava-lhe olhares amorosos no meio de sorrisos.

Elle procurava-a, “ella” fugia; elle supplicava, “ella” ria-se.

A dança era um duello.

\* \* \*

As outras mulheres estavam arrufadas, ninguem mais as olhava, seus namorados mesmo tinham os olhos fixos “nella”.

Si pudessem teriam gritado: — fóra!...

Os homens, esses, estavam contentes. O mais corajoso de entre elles ia ser vencido. Não gritavam — Bravo! porque a commoção embargava-lhes a voz.

Contradição logica.

O velho, pai d’“ella”, sentou-se melhor na rede, deitou de manso o cachimbo no chão, fincou os cotovellos nos joelhos, encostou as faces nas mãos e olhou-a muito attento.

Por seus labios passou um sorriso de ufania.

A mãe deixou a conversa da comadre, que não gostou nada, pois via uma sua filha ficar para o canto, e poz-se a miral-as.

A comadre disse suspirando:

— Ah! meu tempo...

O marido da comadre olhou-a com ironia.

Esse olhar era um desmentido formal áquella lembrança do seu tempo.

O lundum continuava.

A viola e a flauta comprehenderam agora a sua elevada missão e, de mãos dadas, redobraram de esforços e de notas desafinadas.

De subito “ella” parou.

A alegria reapareceu no campo feminino.

Foi um momento.

Quando um sorriso de triumpho assomou sos labios do vaqueiro — “ella” recommçou.

O que se passou então eu não posso pintar.

Os pés correram mais velozes, os dedos bateram as castanholas com mais força, os requebros foram mais gentis, nos olhos mortos pelo cansaço houve mais langor, no sorriso mais zombaria, os seios tremeram mais fortes, o coração bateu mais precipite.

Ora dauçava com uma rapidez vertiginosa, ora os pés corriam lentos.

Depois dava ao corpo, flexivel como o junco, mil geitos cheios dessa coisa que os italianos chamam “morbidez” e dessa outra coisa que nós chamamos “denguice”.

Em uma das voltas os seus cabellos desprenderam-se e caíram longos, espreguiçando-se sobre as espaduas e impregnando o ar com o aroma rescendente da baunilha.

As flores que estavam enlaçadas nelles caíram; “ella” pisou-as.

Só uma rosa ficou. O vaqueiro foi apanhal-a; como a veada das campinas “ella” abaixou-se e levantou-a.

Elle ficou de joelhos, palpitante, supplicando, com as lagrimas quasi nos olhos, um pedido quasi na bocca.

“Ella” girava.

Parou, estendeu-lhe os braços, o vaqueiro apoiou-se-lhe nas suas lindas mãos e ergueu-se.

“Ella” retirou as mãos e a dança continuou.

Os negros cabellos voavam-lhe nos ares, tremiam-lhe as narinas, o collo arfava, os seios tumidos pulavam sob a fina cambraia do vestido, o peito offegava, o coração parecia querer saltar-lhe.

Nos olhos negros havia um mar de volupia, nos labios roxos ondas de desejos.

Os cabellos soltos volitavam-lhe ao redor da cabeça e hombros, enroscavam-se-lhe no collo airoso, introduzindo-se-lhe no seio.

A bocca semi-aberta, humida, mostrava os dentes brancos e afiados, que pareciam querer morder.

As faces estavam vermelhas como a tinta do urutú.

E “ella” girava.

O furor da dança se apossára d’“ella”,

Não podia parar.

\* \* \*

Na sala, alem da musica, só se ouvia o sapatado de suas chinellas encarnadas.

\* \* \*

A viola e a flauta cansaram.

Cansar é uma fatalidade.

A cara dos tocadores mettia dó.

Rubros, suados, com os cabellos espetados humidos, olhos e boccas abertas, estavam grotescos.

Pararam.

Ultimo som e nota, como diz o poeta.

O lundum cessou.

Houve uma chuva de bravos.

Os homens á mulher, as mulheres ao homem.

\* \* \*

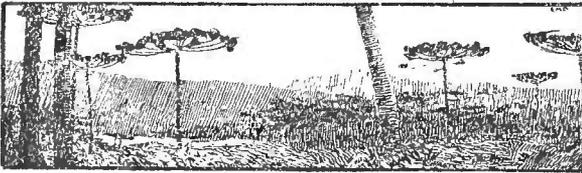
“Ella” foi cahir exhausta em uma das redes.

\* \*

Dizem que foi aquelle o seu ultimo lundum.

Depois de mulher do vaqueiro, teve de cuidar dos filhos e ninguem mais a viu nas festas do Divino.

JOSÉ VERISSIMO



## A FEITICEIRA

Chegou a vez do velho Estevam, que falou assim:

— O tenente Antonio de Souza era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais serias e riem dos santos e dos milagres. Costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que só os tolos temem a lobishomens e feiticeiras. Jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemiterio, e até de passear ás dez horas pela frente da casa do judeu, em sexta feira maior.

Eu não lhe podia ouvir taes leviandades em cousas medonhas e graves sem que o meu coração se apertasse, e um calefrio me corresse a cspinha. Quando a gente se habitua a venerar os decretos da Providencia, sob qualquer forma que se manifestem; quando a gente chega á idade avançada em que a lição da experiencia demonstra a verdade do que os avós viram e contaram;

custa a ouvir com paciencia os sarcasmos com que os moços tentam ridiculisar as mais respeitaveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem *espiritos fortes*, como dizia o Dr. Rebello. Peço sempre a Deus que me livre de semelhante tentação. Acredito no que vejo e no que me contam pessoas fidedignas, por mais extraordinario que pareça. Sei que o poder do Creador é infinito e a arte do inimigo vária.

Mas o tenente Souza pensava de modo contrario!

Apontava á lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um coropira, um lobishomen ou uma feiticeira. Ficava impassivel vendo cahir uma estrella e achava graça ao canto agoureiro do acauan, que tantas desgraças occasiona. Emfim, ao encontrar um agouro sorria, e passava tranquillamente sem tirar da bocca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar.

— Quereis saber uma cousa? Filho meu não frequentaria esses collegios e academias onde só se aprende o desrespeito da religião. Em Belem parece que todas as crenças velhas vão pela agua abaixo. A tal civilização tem acabado com tudo que tinhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos principios que os paes lhe inculcaram no berço, lisongeando-se d’uma falsa sciencia que nada explica, e a que, mais acertadamente se chamaria charlatanismo. Os maos livros, os livros novos, cheios de mentiras, são devorados avidamente. As cousas sagradas, os mysterios são cobertos de motejos, e em uma palavra a mocidade de hoje, como o tenente Souza, proclama alto que não crê no diabo, (salvo seja, que lá me escapou a palavra!) nem nos agouros, nem nas feiticeiras, nem nos milagres. E’ de se levantarem as mãos para os ceos pedindo a Deus que não nos confunda com taes impios!

O infeliz Antonio de Souza, transviado por esses propagadores do mal, foi victima de sua leviandade ainda não ha muito tempo.

Tendo por falta de meios abandonado o estudo da medicina, veio Antonio de Souza para a provincia em 1871 e conseguiu entrar como official do corpo de policia. No anno seguinte era promovido ao posto de tenente, e nomeado delegado de Obidos, onde antes nunca tivera vindo.

O seu genio folgazão, a sua urbanidade e delicadeza para com todos, o seu respeito pela lei

e pelo direito do cidadão faziam delle uma autoridade como poucas temos tido. Seria um moço estimavel a todos os respeitos se não fôra a desgraçada mania de duvidar de tudo, que adquirira nas rodas de estudantes e de gazeteiros do Rio de Janeiro e do Pará.

Desde que lhe descobri esse lastimavel defeito, previ que não acabaria bem. Ides ver como se realisaram as minhas previsões.

Em principio de fevereiro de 1873, por occasião do assassinato de João Torres, no Paranamiry de cima, Antonio de Souza para alli partiu, em diligencia policial. Realisada a prisão do criminoso, a convite do Ribeiro, que é o maior fazendeiro de Paranamiry, resolveu o tenente delegado lá passar alguns dias, afim de conhecer, disse elle, a vida intima do lavrador da beira do rio.

Não vos descreverei o sitio do tenente Ribeiro, porque ninguem ha em Obidos que o não conheça, principalmente d'aquella grande demanda que elle venceu contra Miguel Faria por causa das terras do Uricurisal.

Basta lembrar que todos os cacauaes do Paranamiry communicam entre si por uma vereda mal determinada, e que é facil percorrer uma grande extensão do caminho, vindo de sitio em sitio até á costa fronteira á cidade.

Antonio de Souza passava o tempo a visitar os sitios de cacau, conversando com os moradores, a quem ouvia casos extraordinarios, alli succedidos e zombando das crenças do povo. Como lhe falassem muitas vezes da Maria Mucoim, afamada feiticeira d'aquelles arredores, mostrava grande curiosidade de a conhecer. Um dia em que caçava papagaios, com Ribeiro, contou o desejo que tinha de ver aquella celebre mulher, cujo nome causa o maior terror em todo o districto.

O Ribeiro olhou para elle, admirado e depois d'uma pausa disse :

— Como? Não conhece a Maria Mucoim? Pois olhe, alli a tem.

E apontou para uma velha que, a pequena distancia d'elles, apanhava galhos seccos.

O tenente Souza viu na Maria Mucoim uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a bocca negra, que, quando se abria n'um sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só! comprido e escuro. A cara côr de cobre, os cabellos amarellados presos ao alto da cabeça por um *tropa-moleque* de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. A

feiticeria trazia ao pescoço um cordão sujo, d'onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar ao proximo, para occultar a sua verdadeira natureza.

Quem não reconhece á primeira vista essas creaturas malditas que fazem pacto com o inimigo, e vivem de suas sortes más, permittidas por Deus para castigo dos nossos peccados?

A Maria Mucoim, segundo dizem más linguas (que eu nada affirmo nem quero affirmar, pois só desejo dizer a verdade para o bem estar da minha alma), fôra outr'ora caseira do defuncto padre João, vigario do Obidos. Depois que o reverendo foi dar contas a Deus do que fizera cá no mundo (e severas deviam ser, segundo se dizia), a tapuya retirou-se para o Paranamiry, onde, em vez de cogitar em purgar os seus grandes peccados, começou a exercer o hediondo officio que sabeis, naturalmente pela certeza de já estar condemnada em vida.

Quem nada pode esperar do céo, pede auxilio ás profundas do inferno. E se isto digo, não por levandade o menciono. Pessoas respeitaveis affirmaram-me ter visto a tapuya transformada em pata, quando é indubitavel que a Mucoim jamais creou aves dessa especie.

Mas o Antonio de Souza é que não acreditava nessas toleimas. Por isso atreveu-se a caçoar da feiticeira :

— Então, tia velha, é certo que você tem pacto com o diabo?

(Lá me escapou a palavra maldita, mas foi para referir o caso tal como se passou. Deus me perdõe).

A tapuya não respondeu, mas poz-se a olhar para elle com aquelles olhos sem luz, que intimidam aos mais corajosos pescadores da beira do rio.

O rapaz insistiu, admirando o silencio da velha:

— E' certo que você é feiticeira?

O demonio da mulher continuou calada e levantando um feixe de lenha, poz-se a caminhar com passos tropegos.

O Souza impacientou-se :

— Fallas ou não fallas, mulher do...?

Como moço de agora, o tenente gastava muito o nome do inimigo do genero humano.

Os labios da velha arregaçaram-se, deixando ver o unico dente. Ella lançou ao rapaz um olhar longo, longo que parecia querer traspassar-lhe o coração. Olhar diabolico, olhar terrivel de que Nossa Senhora nos defenda a mim e a todos os bons christãos.

O riso murchou na bocca de Antonio de Souza. A gargalhada proxima a arrebentar ficou-lhe presa na garganta, e elle sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias. O seu olhar sarcastico e curioso submetteu-se á influencia dos olhos da feiticeira. Quiçá pela primeira vez na vida soubesse então o que era medo.

Mas não se mostrou vencido, que de rija tempera de incredulidade era elle. Começou a dirigir motejos de toda especie á velha, que se retirava lentamente, curvada e tropega, parando de vez em quando e voltando para o moço o olhar amortecido. Este, conseguido afinal soltar o riso, dava gargalhadas nervosas que assustavam aos japiins e afugentavam as rolas das moitas do cacau. Louca e imprudente mocidade!

Quando a Maria Mucoim desapareceu por detrás dos cacaueiros, o Ribeiro tomou o braço do hospede, e obrigou-o a voltar para a casa. No caminho ainda deram alguns tiros, mas de caça nem signal, pois se em algum animal acertou o chumbo foi num dos melhores cães do Ribeiro, que ficou muito penalizado e viu logo que aquillo era agouro. O Ribeiro, apesar das ladroeiras que todos lhe attribuem, é homem crente e de bastante siso.

Quando chegaram á casa da vivenda, seriam seis horas da tarde. Ribeiro exprobou com brandura ao amigo o que fizera á feiticeira, mas o desgraçado rapaz riu-se, dizendo que iria no dia seguinte visitar a tapuya. Debalde o dono do sitio tentou dissuadir-o de tão louco projecto, não o conseguiu.

Era de mais a mais esse dia uma sexta-feira.

Antonio de Souza, depois de ter passado toda a manhã muito agitado, armou-se d'um terçado americano e abalou para o cacau.

A tarde estava feia. Nuvens côr de chumbo cobriam quasi todo o céu. Um vento muito forte soprava do lado de cima, e o rio corria com velocidade, arrastando velhos troncos de cedro e periantans enormes onde as jaçanans soltavam pios de afflicção. As aningas esguias curvavam-se sobre as ribanceiras. Os galhos seccos estalavam, e uma multidão de folhas despegava-se das arvores, para voar ao sabor do vento. Os carneiros approximavam-se do abrigo, o gado mugia no curral, bandos de periquitos e de papagaios cruzavam-se nos ares, em grande algazarra. De vez em quando, dentre os tremulos aningaes sahia a voz solemne do unicornio. Procurando aninhar-se, as fetidas ciganas augmentavam com o grasnar corvino a grande agitação do rio, do campo e da

floresta. Adiantavam os sapos dos atoleiros e as rans dos capinzaes o seu concerto nocturno, alternando o canto desenxabido.

Tudo isso viu e ouviu o tenente Souza do meio do terreiro, logo que transpoz a soleira da porta, mas convencerá a um espirito forte a precisão dos agouros que nos fornece a maternal e franca natureza?

Antonio de Souza internou-se resolutamente no cacau. Passou sem parar nos sitios que lhe ficavam no caminho, e os cães de guarda, sahindo-lhe ao encontro, não o conseguiram arrancar á profunda meditação em que cahira.

Eram seis horas quando chegou á casa da Maria Mucoim, situada entre terras incultas nos confins dos cacauaes da margem esquerda. E' segundo dizem, um sitio horrendo e bem proprio de quem o habita.

Numa palhoça miseravel, na narrativa de pessoas dignas de toda a consideração, se passavam as scenas extranhas que firmaram a reputação da antiga caseira do vigario. Já houve quem visse, ao clarão de um grande incendio que illuminava a tapéra, a Maria Mucoim dansando sobre a cunieira danças diabolicas, abraçada a um bode negro, coberto com chapéo de tres bicos, tal qual como ultimamente usava o defuncto padre. Alguem, ao passar por alli a deshoras, ouviu o triste piar do murucututú, ao passo que o suffocava um forte cheiro a enxofre. Alguns homens respeitaveis que por acaso se acharam nos arredores da habitação maldita, depois de noite fechada, sentiram tremer a terra sob os seus pés, e ouviram a feiticeira berrar como uma cabra.

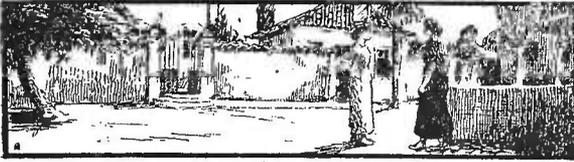
A casa, pequena e negra, compõe-se de duas peças separadas por uma meia parede, servindo de porta interior uma abertura redonda, tapada com um topé velho. A porta exterior é de japá, o tecto de pindoba, gasta pelo tempo, os esteios e caibros estão cheios de casas de cupim e de cabas.

Souza encontrou a velha sentada á soleira da porta, com o queixo mettido nas mãos, os cotovellos apoiados nas coxas, com o olhar fito num bemtevi que cantava numa embaubeira. Sob a influencia de olhar da velha, o passarinho começou a agitar-se e a dar gritinhos afflictivos. A feiticeira não parecia dar pela presença do moço, que lhe bateu familiarmente no hombro:

— Sou eu, disse. Lembra-se de hontem?

A velha não respondeu. Antonio de Souza continuou depois de pequena pausa:

— Venho disposto a tirar a limpo as suas fei-



## G. C. P. A.

(Continuação e fim)

Obedecendo aos conselhos do mestre, um magote de futuros mortícolas mais ciosos de sciencia, veio abeirar-se do leito de Sylvino, no desejo de perquirir signaes e symptomas apontados durante a prelecção. Num torpôr espasmico, já incapaz de reacção, Sylvino deixou que mais uma vez examinassem as suas miserias; e sob os dedos ágeis que percutiam e apalpavam o seu corpo, elle tinha o sangue regelado, numa prematura sensação de guzanos que lhe mordiscassem sequiosamente as carnes. Satisfeita a curiosidade, entre risos e commentarios ao caso em estudo, o bando jovial não tardou em partir, hospital afóra, para novas aulas e trabalhos praticos.

Foi então que o interno Castro, sempre um dos retardatarios no serviço, se approximou tambem do seu leito. Já ahi a enfermaria estava quasi deserta. Apenas a uma das portas da ante-sala esperava-o o professor Rodrigues, que pouco antes lhe bichanara qualquer cousa ao ouvido. O chefe da clinica, embora desembaraçado do gôrro e do avental, conservava sob o fraque de sarja azul ferrete a solemnidade costumeira, um dos seus predicados de grande exito junto á crendice da vasta clientela.

Sylvino muito de affeiçãoára ao interno Castro que, desde o inicio de sua molestia o acompanhava com a maxima solitudine, examinando-o repetidas vezes e interpellando-o todos os dias sobre a marcha do mal, desejoso de que o minimo pormenor lhe não escapasse. Depois de assignalar rapidamente qualquer cousa no boletim clinico appenso á cabeceira do doente, o estudante perguntou-lhe se a ida ao amphitheatro não o havia fatigado em demasia, e advertiu-o de que, talvez, no dia seguinte, o tivesse ainda de submeter a novos exames. Em seguida elle partiu ao encontro do mestre, que já o esperava no corredor, de livro em punho e chapéu na cabeça, apressurado em attender a numerosos doentes.

Relançando de esconso a vista pela papeleta pouco antes annotada, Sylvino sentou-se dum impeto, mãos travadas nos cabellos que se arrepel-

lavam, um algôr electrizante coando-se-lhe pela nuca abaixo. É que a lapis vermelho, em um dos cantos de papeleta, lá estava a abreviatura sinistra, a almenara da morte: *G. C. P. A.*

O laconismo destas quatro iniciaes, que por tanto tempo lhe aguçaram a curiosidade, e de cuja significação só apos um longo noviciado na enfermaria elle tivera finalmente a chave, condensava sobre o seu destino a mais terrivel das ameaças: elle tambem seria espostejado sobre a mesa de autopsias.

No receio de que a piedade e o carinho de parentes e amigos viessem reclamar os despojos dos seus pobres mortos, antes que a vaidade dos mestres e a voracidade da sciencia tivessem tempo de cevar seus appetites, a mão zelosa de um assistente ou interno se apressava em advertir a administração do hospital de que este ou aquelle cadaver não deveria sahir sem a conveniente autopsia. E assim, prevenindo possiveis enganos e decepções inconsolaveis, mal um doentê engravecia, desde que o seu caso fosse raro ou de diagnostico obscuro, logo se affixava na papeleta, synthetizada nas quatro letras, a ordem fatidica e decretoria: *Guarda o cadaver para autopsia.*

Mais de revolta, pela sua muita ingenuidade, do que mesmo de pavor, foi o gesto de Sylvino ao deparar o aviso deshumano. Quanta decepção se lhe reservára para aquelle dia! É que nunca lhe bacorejara no peito tão desgraçado fim, e só agora a venda impenetravel cahia definitivamente dos seus olhos, convencendo-o de que a molestia o nivelava aos outros enfermos do hospital. Tudo o que se lhe afigurara até então, carinhos e attentções especiaes dedicados á sua pessoa, quando assistentes e internos o examinavam repetidamente, preocupando-se com a sua saude, não passava de um zelo pharizaico de mortícolas escondendo curiosidades scientificas deante de um caso raro e concupiscivel. Não fosse digna de estudo a sua molestia e, certamente num corvejar agoureiro, elles não se revezariam com tanta presteza junto do seu leito. Até o interno Castro, a quem tão confiantemente elle se entregara, não fugia tambem ao bando atroz, e se o acompanhava com desvêlo e abnegação especiaes era por que — conforme o professor dissera em aula aos discipulos — a sua observação lhe iria enriquecer a these, versando sobre a molestia de Addison. A prova, se ainda alguma fosse necessaria, ahi estava na presteza com que o doutorando vinha salvaguardar os interesses da sciencia, premeditando-lhe a carneada.

Ah! mas elle não levaria a termo o seu martyrio. Os seus restos não iriam ter ao esfoladouro! O mestre dera-o como perdido, futurando-lhe d'alli por diante peioras rapidas até a morte que já não andava longe. Pois perdido por perdido, elle mesmo daria fim ás suas desgraças, comtanto que os seus despojos se vissem poupados á sanha dos histuris perscrutadores.

E na escuridade da sua desesperação, como uma scintilla salvadora, veloz atravessou-lhe o cerebro a ideia de uma fuga desnorçada, fosse para onde fosse, desde que se visse fóra do hospital. Como, porem, levar avante o insoffrido desejo, se os seus membros desnervados e bambos já mal se moviam? Sobrar-lhe-iam as forças para alcançar a rua, palmilhando a enfiada interminavel de corredores?

Torturado por essa e outras duvidas, cada qual mais anciosa e angustiante, assim passou Sylvino as horas do meio dia, em que a enfermaria após o almoço, adormece numa relativa calma, só entrecortada aqui e ali pelo palavreado desconnexo de algum delirante, ou pelos gemidos e estertores dos que soffrem sem treguas.

Era preciso partir ao lusco-fusco, antes que aldrabassem o grande portão, e a irmã de guarda, com o móllho de chaves a tilintar na cintura, entrasse a percorrer maciamente os corredores, as mãos enclavinadas sobre o peito, aluz brunindo-lhe o perfil num recorte amarfinado.

Por vezes, durante o lento desfiar das horas, o seu cerebro já esfaldado pelo continuo esmoer dos mesmos planos e cogitações, forçava-o a breves instantes de modorra, de que elle despertava rapido e ainda mais sobresaltado, no receio de perder o momento propicio á sua libertação. Mas para que o seu designio não tergiversasse diante das difficuldades a vencer, prefigurando o fim tragico que o esperaria se permanecesse no hospital, acudiam-lhe á memoria, com uma precisão terrificante de particularidades, algumas das au-

topsias a que elle assistira e mesmo auxiliára.

Uma das mais recentes, e que tanto o impressionára, fóra a de um rapaz de compleição leonina, peito largo e polpudo, que já entrara para o serviço de olhos vidrados, o corpo tetanicamente convulsionado nas crises de uma meningite super-aguda, morrendo ao fim de tres dias. A sua autopsia tinha sido das mais longas e minuciosas. Para a retirada do systema nervoso abriram-lhe o craneo ao meio e esnocaram vertebra por vertebra. Ao cabo de duas horas de porfiante tarefa, em que serras e escopros se succediam nas mãos dos internos, a medulla surgiu numa tripa languinhenta e acinzentada, cheia de ramificações lateraes, á semelhança de um myriapode de proporções desmesuradas. Durante todas essas manobras, o morto, deborcado sobre o marmore, tinha a cabeça a balouçar de um cepo, e a bocca entreaberta deixava escorrer uma baba esverdoadada e pestilencial.

De outra feita fora um impaludado, cuja infecção, contraida no Amazonas, aqui de novo se accendera, para abatel-o em poucos dias. Como se tratasse de uma malária de forma mixta e rara, com o parasito ainda mal conhecido, o seu martyrio foi delongado, retardando-se-lhe a medicação necessaria e urgente, até que boas e copiosas laminas de seu sangue fossem retiradas e se lhe estudassem as curvas do accesso febril, de typo extremamente bizarro. Ao mesmo tempo a noticia do caso raro espalhava-se pelo hospital, e das outras clinicas, numa romaria incessante, chegavam novos estudantes para morcegar-lhe o sangue. Esse fóra tambem escalpellizado com cuidado: e o seu baço enorme e congesto, a espirrar sangue por todos os lados, mettido num largo bocal, até hoje se conservava no laboratorio, para deleite e admiração dos necrophilos.

Sylvino lembrava-se ainda do doente do leito 16, uma das ultimas autopsias a que ele assistira, antes de se acamar definitivamente. Era um bri-

ACABA DE APPARECER

# FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

POR SIMÃO DE MANTUA

Preço 4\$000

MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES R. BOA VISTA, 52 - S. PAULO

ghitico. O seu corpo anasarcado da cabeça aos pés, tinha uma cor cardea e transparente. Á medida que lhe abriam o ventre e a barrigada ia sendo avidamente examinada entre os dedos ageis do operador, da pelle grossa e infiltrada escorria uma serosidade visquenta, e postas de um sangue negro se agrumelavam sobre a mesa.

E Sylvino sentia ainda maior a sua desesperação, o remorso afistulando-lhe a alma, quando se recordava de que, conchivado com o pessoal da enfermaria, tambem cumplicia em todas aquellas ignominias. Era elle quem limpava e afiava o instrumental destinado ás carnificinas, e os doentes escolhidos para taes scenas de barbaria ficavam sob a sua immediata fiscalização, de maneira que não fosse possivel o extravio de seus cadaveres — vitualha opima para o banquete dos morticolos.

Á luz hesitante do crepusculo, quando se infiltravam na enfermaria as primeiras sombras da noite e, no altar, a chamma vacillante de uma lamparina convulsivava sobre o madeiro, em transe de dor, o corpo exangue de um Christo, Sylvino saltou apressadamente do leito, esgueirando-se pela primeira porta que se abria para o corredor. A sua blusa de enfermeiro facilitar-lhe-ia a passagem no caso de um possivel encontro com alguma freira ou algum servente do hospital.

Guinando de uma parede para outra, as pernas infirmes e pesadas genuflectindo a cada instante, ora agachado no desvão de uma janella, com o coração aos pulos mal presentia qualquer ruido, ora já mais resolutivo, avançava mais alguns passos. Sylvino chegou ao fim do interminavel e lugubre primeiro corredor, que apenas o olho baço de uma pequena lampada electrica alumia. A ancia de liberdade e a superexcitação cerebral enseivavam-lhe os musculos. Ainda um esforço igual, entre sustos e recuosos, e elle vencio o silencio do segundo corredor. Já no adro, quando o seu coração ia mais desafogado e a partida poderia considerar-se ganha, um vulto, só presentido a breve distancia, fel-o coser-se sumidamente á parede, empedrado e quedo, sentindo-se aluir pelos joelhos. Era uma irmã de caridade que se encaminhava para a capella, desfiando as contas de um rosario. Toda absorta na prece, os olhos demissos a reflectirem doçura, ella não se apercebeu do fugitivo.

Chegado á porta e sorvendo a largos e insatisfeitos haustos o bafejo da viração maritima, que fazia sussurrar a ramaria alta das figueiras, Sylvino sentiu nm renovado alento. Estava final-

mente livre! Os morticolos já não se banqueteariam mais sobre as suas carnes. A these do interno Castro ficaria sem o seu melhor capitulo.

E saboreando os efeitos da vingança que elle mesmo não gosaria, Sylvino dirigiu-se resolutamente para o mar, emboscando-se na alea dos oitys. O vôo rufiante de alguns pombos, em busca de um beiral proximo, trouxe-lhe uma perradeira reminiscencia do lar distante e querido, por onde todos os dias, já ao escurecer, os trocazes passavam aos pares, procurando uma sóca de bambús farfalheiros.

No caes, recostado á murada, Sylvino quedou-se algum tempo, os olhos errantes pela belleza da tarde que se finava. Havia no ar uma infinita doçura, e a paisagem parecia toda feita uma pellucia macia. No poente cambiante e afogueado, entre o recorte verde-negro das montanhas, o sol esmorecia, ainda franjando de ouro um bando de nuvens altas, que se aquietavam sobre o anilado terno do ceu. Gaivotas retardatarias, num giro leveiro, librando cadenciadamente as azas, esvoaçavam sobre a superficie immota e espelhante das aguas. Uma nevoa lilaz e transparente envolvia a serrania longinqua, engrinaldando-a de roxo e esfumando-lhe a projecção no roseo pallido do horizonte. Sobre o debrum negro de Nictheroy plosphoreavam as primeiras luzes, que o mar debuxava numa esteira em tremulina de ouro...

Uma dor inoportavel e dilacerante, como se garra adunca e invisivel lhe estorcegasse os rins, despertou Sylvino daquela contemplação inebriante, que o chamava á vida. Era preciso não hesitar mais, se elle estava irremediavelmente perdido... E o seu corpo resvalou na escorrença algosa e verdoenga das pernas do quebradouro, sumindo-se no crespo das ondas.

Mas tres dias depois, já de calcanhares poidos, o ventre bojante e marbreado, as orbitas vazias, com a mesma indifferença com que o havia tragado, o mar devolveu-o á praia; e o futuro morticola, feliz na inconsciencia do seu crime, farejando a presa com volupias de carnifice, lá foi desvisceral-o sobre a mesa de autopsias, na ancia de encontrar a absconsa lesão que lhe desse á hese o cunho de interesse e originalidade.

GASTÃO CRULS



# SUPPLEMENTO



## Psychologia do theatro

Em um rectangulo illuminado, personagens imitam os meneios humanos. Uma luz forte, egual e doirada, que sae de baixo, do alto e de todos os pontos do universo que elles habitam, torna-os uniformemente brilhantes e coloridos. Como Pedro Schlemihl, perderam sua sombra. O espaço invariavel em que se movem alterna-se em quarto de dormir e salão. São esses os dois commodos da casa. Sala de jantar não existe. Para as refeições trazem os creados a mesa.

Outrora, a decoração da comedia era a da rua: mas esse costume passou. Os actores não sahem mais de casa. São raras as peças modernas que não se passam num apartamento ou quando muito, no terraço ou no jardim.

A unica occupação das personagens é amarem-se. Prima entre elles, a respeito, a maior cortezia. Quando, em seu meio, dois experimentam inclinação e necessidade de se approximarem, vão-se todos os outros e os deixam sós. A propria luz diminue e um raio de luar vem pousar sobre os amantes. E' tamanha essa discreção que os personagens em scena gritam os seus segredos sem medo de que os surpreendam e se abraçam sem cuidar das portas, que poderiam abrir-se, mas que, de facto, só terminada a scena se abrem. Apesar dessa tranquillidade, são tumultuosos os amores. São apenas suspiros e soluços. Quando as coisas estão muito más, a actriz toma os cabellos com as duas mãos e descobre a fronte. E' o signal das peiores catastrophes. Olha fixamente diante de si, deixa cahirem os dedos ao longo das faces: é o desespero.

Os personagens têm de agradável a circumstancia de trazerem na cara o seu caracter e de lhes ver desde logo o que são. Um trahidor tem o nariz de trahidor, uma gravata de trahidor e calçados de trahidor. E' o que se chama a composição. Não ha exemplo de que elle tenha o ar de bom rapaz, o que é uma differença feliz para com a vida. A namoradeira só tem que apparecer e logo a reconhecemos. E' um typo que só existe no theatro, impossivel na realidade, pois, consiste em seduzir toda a gente com um mixto de pretenção e perfidia. A ingenua se revela, por sua vez, por um arzinho idiota e uma voz esgançada. Não existe, tambem, sinão no theatro. Produz-se difficilmente numa especie de gallinheiro que se chama Conservatorio.

Todos esses seres são estreitamente especializados. Os amantes recusam-se ás peças em que não são amados. E ha moças, commummente um pouco fortes, cujo emprego é rir, mais rir de certa maneira, a maneira da scena, ora em *i*, ora em *o*, ora em *e*. São especies de amadores, como o caçador de pratos e o tocador de xylophone. No theatro nunca se ri quando se é magro.

Durante tres horas, essa pequena população contende com o destino ou entre si. Espectadores amontoados, mudos e immoveis, seguem, entretanto, essa lucta, mastigando confeitos. De tudo o que se diz em scena, nenhuma palavra é verdadeira. As aventuras são imaginarias, as garrafas são vasiaes e as pistolas, carregadas a polvora secca. Mas essas dores fugidas provocam uma dor verdadeira nos espectadores. E essa dor é ao mesmo tempo um prazer. As lagrimas correm; são lagrimas deliciosas.

Qual o segredo de tão extranho prazer?

Compreender-se-ia mal o theatro, si não se dissesse que esses milhares de espectadores, immo-

veis na sombra, a olhar obstinadamente um quadro de fogo, não estão inteiramente em estado de vigilia, mas em estado comparavel ao do sonho. As semelhanças entre o sonho e o espectáculo são numerosas e surprehenderes. Assim como no sonho ora somos espectadores ora actores e passamos, subito, de um a outro papel, tambem no theatro ora nos oppomos ao actor, ora nos identificamos com elle. E' assim que o côro grego, esse espectador ideal, ora apparece como testemunha, ora como personagem.

No sonho, tudo o que é concebido como possivel é tido immediatamente como real, sem cuidado das difficuldades da realisação: egualmente, em scena, o que uma vez se annuncia que vae acontecer é acceito quando acontece, qualquer que seja a inverosimilhança; é o segredo das preparações.

As famosas leis do theatro, que se procura sem poder formulal-as, não são talvez sinão as leis que no sonho dirigem a serie das imagens. A principal é a do movimento ininterrupto. Uma peça de theatro, como um sonho, não póde immobilisar-se. Prohibem-se a uma como a outra as regressões, os movimentos circulares. Em um e outro caso, as imagens nascem umas das outras. Ellas agradam unicamente por sua desfilada. Queremos, apenas, que se desfaçam docemente a nos dizerem adeus, antes que nos acordem: eis porque nos é agradável que os heróes morram. Ao contrario, uma peça sem desenlace nos dá a sensação desagradavel de um brusco despertar, sendo o panno que cae, como um desses creados do hotel que brutalmente nos fazem sentir que é tempo de nos levantarmos.

Ora, a fusão momentanea entre o espectador e o personagem tem como consequencia a justificação pela scena moderna de uma velha theoria de Aristoteles. Pode-se conceber assim o

papel do Theatro: nós todos nascemos com os germens de todas as paixões, os quaes desenvolvendo-se mais ou menos, nos dão uma certa necessidade de homicídio, de perjúrio e de ambição. Mas, da mesma forma que, inoculando-se-lhe uma doença attenuada, se immunisa o paciente, que não poderá mais soffrer a mesma molestia em estado agudo, também dando-se ás paixões dos espectadores a satisfação illusoria do theatro, impedem-se esses mesmos espectadores de as sentir ao natural.

Um burguez, bom pae e bom esposo, vae ao theatro. Entra o primeiro personagem. Não duvidais que é elle mesmo. Tudo o que se diz em scena, o espectador ouve com o coração. E' elle mesmo quem deseja, quem teme, quem é amado. Faz uma declaração pela voz do actor, affronta o marido em pessoa e morre por procuração. Tendo tido uma pequena febre de inoculação, está immunisado e volta em paz para casa. Bastou-lhe a noitada. Foi assassino e adúltero. Segundo Aristoteles, purgou as suas paixões. E' no que o theatro é salutar e moral. A unica difficuldade da theoria consiste em que, levada ao extremo, concluir-se-ia que o theatro é tanto mais moral, quanto mais criminal, mais romanesco e mais lubrico.

(De um estudo de HENRY BIDOU)



## “A Comedia,,

«A Comedia» foi um jornal diário academico (diário!) temerariamente fundado em 1881 por Valentim Magalhães e Silva Jardim, que então estudavam Direito de S. Paulo.

Durou de 2 de março a 22 de maio de 1881, sendo assiduamente collaborada pelos então academicos Raul Pompéia, Raymundo Corrêa, Eduardo Prado, Affonso Celso, Assis Brasil, Fontoura Xavier e muitos outros, sem contar Machado de Assis e Filinto de Almeida, que também mandavam, do Rio, a sua collaboração. Pouco antes de expirar «A Comedia» foi Silva Jardim substituído na redacção por Eduardo Prado.

Do que foi essa interessante folha — orgam de uma robusta geração, que inaugurou na Academia uma

grande época de glória — daremos uma idéa, transcrevendo alguma coisa do primeiro e do ultimo numero.

Eis o artigo de apresentação:  
« Todos nós temos lido os bons romances burguezes, em que o enredo é a vida, a alma da historia.

Não gostamos então que venha o visinho impertinente, alardeando erudição de Ponson e de Dumas, dizer-nos se o cavalleiro Armando deu ou não a estocada prometida no donzel Y, ou se raptou D. Leonora Sanches.

Assim acontece com «A Comedia». Está aberta a scena: as luzes esclarecem o salão, e quer talvez o leitor apreciar-a, apalpa-a, estudal-a e — pretensão de auctor! — admiral-a.

Contar-lhe a historia futura, o programma, o itinerario, o enredo, é vulgarizar-a, achatal-a, diminuir-a. Nunca!

Não temos programma, temos actores: o publico e nós. O mundo de todos é o nosso mundo. Como toda comedia acaba em casamento, espéramos que pela lei dos absurdos inevitaveis, uesta não se dê o contrario, antes começemos, nós e o publico, amando-nos, gostando-nos, a 40 reis por entrevista, o enlacemos-nos numa união productiva, financeira, monetaria.

Subiu o panno; venha da platéa o applauso ou a pateada: nunca o publico o faça, porém, á moda dos chins, isto é: nunca nos volte as costas.»

Agora a apresentação em verso:

Anciosa, alegre, cheia  
A platéa,  
Ao apito soberano  
Sobe o panno!

E a comedia da Alegria  
Principia,  
Deslumbrando de repente  
Toda a gente.

Sois vós mesmos os actores,  
Meus senhores,  
E é palco enorme, profundo,  
Este mundo.

A morte, ingenua caíada,  
A embrulhada  
Desenreda e, á luz da rampa,  
Abre a campá.

A' scena, burguez ricaço  
De cachaço!  
Airosa, gentil morena  
Eia á scena!

Dansem; sob e sobre flôres  
Os amores!  
D. Quixote, Sancho Pansa  
Sus! á danza!

Vem, ó Musa abençoada  
Da Risada!  
Canta, canta; canta, canta  
Pinta a manta!

Vem, consciencia dos edis,  
Vem e diz  
Se não merece piedade  
A oidade!

Vinde todos, vinde todos,  
Como doudos  
Dar bons dias á COMEDIA  
Fresca e nédia!

Tem sorrisos, tem pilheirias  
Muito serias!  
Apenas não tem bastantes  
Assignantes...

O ultimo numero appareceu largamente tarjado de negro, vindo o artigo de fundo precedido de um emblema funebre: uma eça oom tocheiros, sendo os artigos espaçados por lagrimas... de tinta preta.

Esse numero, esoadalosamente mortuario, foi collaborado por Fontoura Xavier, Raul Pompéia, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima e Luiz Murat, além de Eduardo Prado e Valentim Magalhães, proprietarios, inconsolaveis.

Foi escripto por aquelle o seguinte artigo de fundo:

« Nós hoje fallecemos.

Ao darmos esta noticia aos nossos leitores pedimos-lhes desculpas por esta falta involuntaria.

Não dizemos que o paiz se cobre de lucto, nem tão pouco que nas fileiras da imprensa abre-se um claro que difficilmente será preenchido.

Nada djssio. Morremos sem mais cerimonia! Já na outra vida traçamos este artigo de fundo, que é mesmo do fundo da sepultura. Faltariam porém á mais comesinha delicadeza para com a memoria dos illustres finados, se não lhes traçassemos um sentido necrologio.

Uhm! Uhm!

Nós nos curvamos compungidos em frente do nosso tumulto, e, si não estivessemos mettidos dentro delle, deporiamos um osculo sobre a lapide fria que cobre os nossos restos.

Nós vivemos, escrevemos e morromos.

Viver! escrever! morrer! talvez seja tolo!

Um de nós foi poeta; o outro, cousa nenhuma. Immensa superioridade!

A sorte porém igualou-nos dotando ambos com um myopia digna de menção.

Quem é myope vê pouco. Foi por isso que não vimos a minima necessidade de dizer adeus aos nossos leitores.

Abstemo-nos deste adeus porque, de sentimento, seriamos capazes de morrer outra vez, contrariando o principio de «Nos bis in idem».

Depois o leitor devo estar numa posição difficil e incommoda, no terreno das supposições e da curiosidade.

Um pé aqui, outro acolá, um para cá e outro mais longe.

Mas é inutil a gymnastia de seu espirito de leitor para descobrir a causa da nossa morte.

Esta causa é a seguinte: — Falta de vida.

Que diz, senhor leitor?

Confesse que sósinho não atinava...»

Não foi somente neste artigo que o publico paulistano foi chamado tolo. Seguia-se-lhe outro, dedicado «Ao Respeitavel Publico», no qual «A Comedia» deolarava que, estando á beira do tumulto e não precisando mais de leitores, ia dizer-lhe francoamente, para desafogo de sua consciencia, quanto o achava ridiculo e digno de pena. Imaginem os leitores o resto do artigo.

Na impossibilidade de o transcrever bem como aos muitos outros escriptos «funebres», em que era chorado o preuatuero passamento «d'A Comedia» rematamos esta noticia reproduzindo abaixo as duas lindissimas poesias que se seguem. A primeira é de Raymundo Corrêa e a segunda de Valentim Magalhães. Eil-as:

Morres porque não pagam-te (que espiga)  
Os que de riso tu morrer fizeste!  
Mas olha, amiga: si a sorrir nasceste.  
Morre a sorrir como nasceste, amiga!

Se ninguem na agonia te socorre,  
Morre como Aretino: ás gargalhadas!  
Morre pandega, calma, alegre! Morre  
Rindo, rindo, ás bandeiras despregadas!

Morre soltando uma risada immeusa  
Entre a vida e o morrer, jornal jocundo!  
De menos um jornal que importa a Imprensa?  
«Que haya um cadaver más que importa al mundo?»

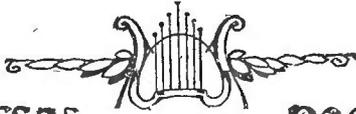
Agora o soneto de Valentim Magalhães, o «pae» inconsolavel d'«A Comedia»:

Morres, filha, e ao dèscer à terra ingrata e fria,  
Causas um grande abalo à pansa dos burguezes.  
Diz um, irado: «E eu que assignei por seis mezes!»  
Ontro diz: «Eu pensei que a COMEDIA rendia...»

Que assignou sem pagar o burguez esquece!  
E hoje que o mundo vil retira-se da scena,  
E a dourada alegria em teu labio emudece,  
E' que elle diz: «Tão bella e tão boa! Que pena!»

Foste travessa, alegre e rispida tambem;  
Mas foste sempre justa, independente e honrada:  
Como quem sonha e ri, mas não deve a ninguem!

Morres como a bohemia aos clarões da alvorada:  
Guitarra ao peito, a fronte enfeitada de flores,  
Rindo à Morte, ao Destino, ao Throno, aos devedores!



**Os nossos**

**poetas**

## Uma satyra de HILARIO TACITO

Hilario Tacito, bastante conhecido como escriptor desde o seu grande successo com a «Madame Pommeroy», é tambem excellente poeta. Entre os nossos satyricos cabe-lhe um logar na primeira plana, como se prova com os versos abaixo, escriptos há annos por occasião da visita da Embaixada Uruguaya a São Paulo e só agora por nós publicados:

I

Mnsa, tu, que meus éstros accendendo,  
Inspirado me tens, me inspira agora  
Uns versos de salão com que pretendo  
A historia divulgar por mundo afóra  
De um baile diplomatico estupendo  
— Cujá fama farei correr sonora —  
A' nruquaya embaixada offerecido  
Com brilho que jamais será excedido.

II

Confesso, aborrecido, ao mundo inteiro  
(E por modestia não, pois que appetite  
De vel-o sempre tive, prazenteiro)  
Que ao baile, só por falta de convite,  
Não assisti. Porém o meu barbeiro  
— Amigo (embora alguém não me acredite)  
Do consul que nos deu a Guatemala —  
Lá esteve, só por isso, e por mim fala.

XV

Em sendo já bem grande o movimento  
Do povo que lá dentro se encontrava  
(De todos distraído o pensamento  
Nas pompas que este baile apresentava)  
— A' porta eis que se forma, num momento,  
Um grande reboliço, em furia brava,  
Que todos a correr, de prompto, obriga  
Para o sitio em que andava accessa a briga.

XVI

A musica cessara, estarrecida,  
Que, inda ha pouco, se ouvia em cada sala;  
De mais de uma donzella commovida  
Se conta que perdeu de susto a fala.  
Num bôlo, junto à porta de salida,  
Estava a multidão de grande gala  
— Com os olhos cada qual buscando o centro  
Por melhor observar o que ia dentro —

XVII

Um velho, feio, alto, alli se via.  
Mettido em vil casaca amarrotada,  
Puxando pelas mãos, por companhia,  
Em roupa domingueira, a filharada:  
— Seis meninas (si a conta não varia)  
Com seus lenços de chita desbotada,  
Nos quaes depois levassem, com dextreza,  
Os doces da bemdita sobrezeza.

XVIII

« Não pode! Não! » — Com voz firme, sonora,  
O Cyro assim lhe diz, postado à frente —  
« A Etiqueta Official que aqui vigora  
« O ingresso das meninas não consente.  
« E' preciso, portanto, e sem demora  
« — São ordens que me vêm do Presidente  
« E dellas eu, porisso, não me aparto —  
« Fecharmos as creanças n'algum quarto. »

XIX

« N'algum quarto! Mas isso não tem geito! »  
— Responde em pasmo o triste Pica-Fumo,  
Que nunca na sua vida tinha feito,  
Nem na Camara, assim com tal aprumo,  
Discurso mais solenne, mais perfeito,  
Do que este que eu a custo aqui resumo —  
« Então . . . pretende Vossa Senhoria  
« Trancar-me as innocentes . . . na enxovia!

XX

« E' a lei! Num regimen democratico  
« A todos por igual obriga e manda. »  
— Ao velho, que escutava, sorumbatico,  
Junto à prole, encolhida d'uma banda,  
Prompto replica o moço aristocratico  
Ao qual sua desventura não abranda;  
Ordenando lhe cumpram, sem detença,  
Tres lacaios a asperrima sentença.

XXI

Quem poderá jamais, pela linguagem  
(Contanto que não seja Homero ou Danto)  
O pasmo descrever, a triste imagem,  
Do Ancião, quando viu, naquelle instante,  
Presa nas rudes mãos da criadagem,  
A prole, que na escada e já distante,  
Chorava, com tamanho destempero,  
Que ao triste Pae dobrava o desespero.

XXII

Na Torre de Gualandi celebrada  
Ugolino não foi mais lastimoso,  
Quando viu perecer a prole amada  
Da fome no supplicio pavoroso,  
Do que o foi, por amor da filharada,  
O bravo Pica-Fumo; o qual, raivoso,  
Planeava, para a ceia, mil vinganças,  
Que doces lhe valessem ás creanças.

XXIII

Entanto a multidão, irreverente,  
O largo sem consolo e sem piedade,  
Echoando pelo paço incontinente,  
Espessa, contagiosa hilaridade;  
— Quando o triste vislumbra, derrepente,  
Entrando, sem nenhuma novidade,  
O Candido Batata e a prole inteira  
Que arruma na Etiqueta... uma rasteira.

EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

\* GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.<sup>o</sup> milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000

Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis intra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato orréa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMÍAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>o rnelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possivel. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

10

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú.

Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS

27



# A NOVELLA SEMANAL



J. Prado —

## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleccão com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço lufimo, será apregoada uas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira serie de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inaccessivel. Das obras ainda em extração no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sojam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo do ler os livros que, sem esse reclamo, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das uossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia soiva. Teremos a nossa collaboração especial, do um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreates, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento à edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a olles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria do pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca à disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir o dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada à Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada a venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interesados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

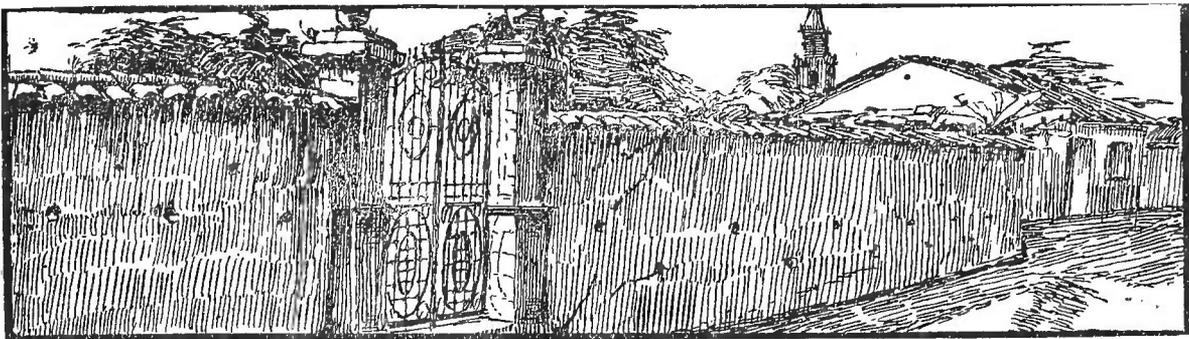
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL

São Paulo, 4 de Junho de 1921

NUMERO 6

PREÇO DE SANGUE —

Jorge Falleiros.

OS VICIOS DELLES . . . —

Julia Lopes de Almeida.

CLARINHA DAS RENDAS

— Mario Sette.

## SUMMARIO

ECONOMIA DOMESTICA

— Euclýdes Andrade.

SUPPLEMENTO — A vida  
anecdótica e pittoresca  
dos grandes escriptoresSimões Pinto — Louren-  
ço Filho.Vida literaria — O parado-  
xo da cultura. — A. M.Curiosidades literarias —  
Versos. — João Ribeiro.

# P R E Ç O D E S A N G U E

A antiga fazenda do Domingos Nunes agacha-se num descampado, esparrimada nos flancos de um declive que verte para um riacho.

Tem o aspecto senil duma tapera. As paredes denegridas, o madeiramento pesado, o telhado ennegrecido e escabroso dão áquella decrepitude architectonica os ares torvos dalguma cousa morta.

Para os fundos se mostra o quintal, no verde fosco das laranjeiras a enfeitar debalde sua veliçice com as flores de noivado que todas se desprendem á mais fagueira viração da tarde. Na frente, o curral de aroeira fincada e o chão duro do terreiro. Junto da porta, um montão de pedras á guiza de escadaria. A porta, muito grossa e pêrra nos seus gonzos ferrugentos, dá accesso a uma sala desguarnecida e vasia. Apenas allí se notam uma grosseira mesa de cerne, dois bancos duros de taboa e uns arreios de couro, amontoados a um canto.

A uma janella lateral, um velho magro, Domingos Nunes, estava olhando para os lados do paiol. Um pouco além, subsistiam ainda uns destroços de senzala.

A tarde declinava. Domingos Nunes, como se o invadissem uma tristeza immensa, á vista do paiol arruinado, arrancou-se dalli e, arrastando os passos pelo assoalho de grossas pranchas de peroba, enveredou para o salão, onde outr'ora as africanas laboriosas trabalhavam nos interminos

dias de calor. Encostado duma banda, permanecia inerte o tear. Rocas dismanteladas jaziam para os cantos. No meio dos trastes abandonados, em desordem, como os destroços dum naufragio, sobrenadava uma argola de ferro com duas hastes como chifres, trazendo guizos nas pontas. Ao modo de canga chinesa, ia ao pescoço das fujonas que costumavam varar matto. Á parca luz, que entrava pela unica janella aberta e tambem encanada pelo corredor que ia ter á cosinha, dava a tudo uns ares de sombra e de mysterio. O vasto compartimento offerencia sahida a outros aposentos, cujas portas, fechadas desde muitos annos, enclausuravam almas penadas e morcegos que atordoavam a casa, pela noite a dentro, com uma algazarra infernal. Junto da escada de madeira, lisa pelo uso constante, arrumada á parede, Domingos Nunes parou meditabundo, como atando a idéa da escada ás outras que tivéra á janella, em frente do paiol. Allí estava ainda no mesmo logar a maldicta escada, aquelle instrumento de supplicios para as pobres captivas; ligadas debruços a ella, dos pés á cabeça, como numa cruz, supportavam entre gemidos a brutalidade da pancadaria. Junto do moirão, aquém da senzala, ainda se achava a sepultura anonyma daquella mestiça que succumbira aos golpes do azorrague. Domingos Nunes chamou para dentro, na sua voz asthmatica:

— Escrava!

Outra voz também asthmatica respondeu:

— Sinhô...

E á bocca do corredor assomou uma anrosa creoula, meio coxa:

— Veva!

— Sinhô...

— Ainda resta lenha para o lume?

— Sim, sinhô...

— Leva também esta escada para queimar.

— Sim, sinhô...

Sahindo difficultosamente com o traste, Geneveva murmurava entre dentes, benzendo-se:

— Crédo! Sinhô parece *capeta*! Raias de sangue nos olhos! Sinhô não tarda morrer!...

Veva estava livre, mas em Domingos Nunes era tão entranhado o sentimento daquella propriedade que não a tratava como tal. Depois, ella mesma tinha, por instincto e habito, indole por demais servil; no dia 13 de Maio de 1888, rejeitára a liberdade. Prezava-a menos do que a honra e esta lhe fôra extorquida por aquelle homem cruel. Pouco se lhe dava agora passar o resto da vida sob o seu jugo. Por orgulho e por despeito renegára áquella liberdade tardia. Os filhos que nasceram da sua deshonra e das suas dores, ella os vira partir, um a um, nos balaios, em cargueiros, vendidos como vis animaes. A sede de fortuna fizéra do seu senlior um deshumano. E não fôra só ella a victima; todas as suas companheiras de escravidão foram também socias do mesmo infortunio. Por tudo isso, por toda aquella deshonra e por toda aquella revolta que sentia dentro d'alma, Veva sardonicamente preferira ficar junto do despota, alimentando a esperança de se vingar um dia. Vingar-se terrivelmente, povoando de phantasmas e assombrações o fim da vida do velho fazendeiro. Ainda na execução do seu plano sinistro lá estava ella carcomida pelos annos, emperrada pela dor do rheumatismo que lhe torturava os ossos. Sentia dentro em si a morte.

Tambem o velho parece que a percebia, a negra parca, enganchada nos seus hombros. Naquella tarde vieram-lhe certos caprichos de quem vae morrer. Havendo escutado o gemido cavo do monjolo, a mourejar, pilando arroz, fel-o parar. Tendo visto pendurado na varanda o sino que em outros tempos servira para reunir, em determinadas horas, o seu harem negro, despreendeu-o d'alli a muito custo e o depositou a um canto. Aquelle sino, ás vezes, alta noite começava a badalar tristemente. Nessas horas, Domingos Nunes

ficava tranzido de agonia. Todo barulho extranho o congelava de susto. Já era noite fechada quando elle se recolheu ao quarto junto da sala. Accendeu a candeia, abriu a janella e derreou-se no parapeito. Soffria de insommia. Antes de conciliar o somno não arredava d'alli, á olhar os astros como um cão de guarda. Naquella noite estava preocupado com recordações dolorosas. Depois de ficar assim uma hora esquecida, a absorver a aragem e o silencio, começou a sentir um tremor exquisito nas carnes. Subito pareceu-lhe ouvir uma voz semelhante á sua dizer-lhe ao ouvido o seu nome:

— Domingos Nunes!

Todo tremulo e reprimindo a respiração, despregou-se da janella e se recostou á parede como temendo que uma alma do outro mundo o assaltasse pelas costas. É que, na pressão do medo que sentira, não viu que fôra elle mesmo quem pronuncíara o proprio nome. Mas, como reinasse depois um silencio de pedra, começou a recuperar a tranquillidade, imaginando:

— Foi o vento...

Teve então uma idéa que já o salvara em eguaes conjunturas, para dissipar as sombras do espirito: — abrir o seu bahú — porquanto nada o distrahia mais do que mirar e remirar, contar e recontar o diniteiro que rendera a venda dos seus filhos. Foi á canastra, tirou o bahú, approximou a candeia, espalhou sobre a cama os pacotes embolorados de papel-moeda. E contou mentalmente:

— Onze maços de cinco contos de reis!

E accrescentou depois dunia demora:

— Tudo preço de sangue!...

Nesse mesmo momento explodiu lá dentro a sarabanda das almas perdidas. Gemidos, vozerio, pancadaria, ranger de ferros. Domingos Nunes, pallido de espanto, poz-se a rezar. O alarido cessou por um instante. Foi quando elle ouviu no fundo do grande compartimento das escravas um arrastar vagaroso de chinellas. E aquelles passos caminhavam para elle, trazendo atravez da casa uma voz horrivel a engrolar uma lingua estapafurdia que elle não entendia. Pareceu-lhe conhecer a voz, que era de mulher, mas a linguagem como era extranha! devia vir do inferno... Tendo atravessado o vasto salão, parou á sua porta, monologando muito tempo naquella monotonia desconcertada do sotaque africano. Se entrasse! Mas não entrou. Calou-se e voltou sobre os passos, ao arrastar socegado dos chinellos. Houve um silencio. Domingos Nunes tremia.

Tomado de sobresalto arrebanhou a dinheirama no bahú e metteu tudo no esconderijo. Depois, agarrando a candeia, sahiu do quarto. Viu ainda na escuridão um vulto, como sombra envolta na sombra, emboccando pelo corredor. Não gritou pela escrava: teria medo da sua propria voz. Apegou-se mais á claridade que tinha nas mãos, como se aquella luz mesquinha desmanchasse todos os espectros. Cobrou animo e avançou. Temendo sempre pelas costas, sondava, com os olhos esbugalhados, as trevas em redor. Chegando ao quarto de Veva, fez um esforço e chamou:

— Veva!

— Sinhô...

— Vem para o meu quarto... traz a tua cama. A negra, temerosa, agarrou o colchão de palha e seguiu o seu senhor. Em chegando, estendeu a enxerga no assoalho e deitou-se.

— Veva!

— Sinhô...

— Eu vou morrer?

— Não morre, não, sinhô...

Domingos Nunes estirou o corpo sobre o leito, ao estalar dos ossos, como um cadaver. Reinou a solidão. Fóra a agua da bica querelava sem descontinuar, despejando-se no poço do monjolo. A noite já ia muito adiantada quando um chamado roufeno interrompeu o silencio:

— Veva!

Ella dormia. Chamado mais forte:

— Escrava... Escrava...

— Sinhô...

— Vae áquella canastra, no canto.

Ella cumpriu a ordem, levantando-se devagar e receiosa.

— Arranca fóra o bahú... Traz a candeia.

A negra se aproximou com o bahú e a candeia.

— Abre!

Escancarou o bahú, apalermada ao ver tanta riqueza de papel pardacento...

— Põe no chão e ateia fogo!

E elle accrescentou como uma idéa fixa:

— Tudo preço de sangue...

A velha africana começou a chorar. Lembrou-se dos filhos, lembrou-se de tudo... E soluçava:

— Não queime, não, sinhô, não queime, não...

— Obedece!

A esse mando imperioso, Genoveva dobrou a cerviz. Numa longa obediencia e numa longa servidão habituára-se a servir e obedecer. Fez

um esforço supremo e achegou o lume aos pacotes embolorados e sujos.

Um clarão sangrento illuminou o quarto.

Domingos Nunes, inteiriçado no seu catre, extendendo os braços ao estalar dos ossos, os olhos arregalados para o tecto, resmungava numa ancia desesperada:

— Preço de sangue...

S. Paulo, 1921.

JORGE FALLEIROS



## OS VICIOS DELLES...

Quatro horas da tarde. Izidora acaba de servir chá com bolos ás suas amigas Magdalena, Luciana e Martha. O gato preto Nhônho persegue no chão as sombras movediças da trepadeira da janella, de folhas chatas como borboletas. As senhoras palestram.

*Izidora* — Qual é o vicio que as mulheres perdoam com mais facilidade aos seus maridos?

*Luciana* — O do fumo.

*Martha* — Dizes isso porque és casada com meu irmão, fumante tão incorrigivel que nem para dormir tira o charuto da bocca. Tambem por isso está ficando com o bigode manchado, crestado, e com os dentes amarellos, como as telas de um piano martelado por muitas gerações. Se soffresses do figado, como eu ou não o beijarias nunca na bocca, ou já terias morrido. O tabaco é um veneno, de uso grosseiro e consequencias terriveis; basta lembrar que o cancro na lingua é quasi sempre produzido por elle. De mais a mais dispendioso, porque o havana é um luxo caro, que arruina a bolsa e o organismo, de uma assentada. Não era atôa que Alfonse Karr affirmava:

*“Fumer est un des plaisirs les plus bêtes et le plus couteux.”*

Não sei si é dos mais estupidos, mas é o mais constante de todos os vicios, porque é de todas as horas, e o que mais rouba a energia e a independencia dos homens. Um fumante sem tabaco é um homem inutil. Roubem-lhe a cigareira e roubar-lhe-ão as idéias e a disposição do trabalho. O fumo é um vicio que escravisa, que nullifica, que toma para si todas as faculdades

productivas dos individuos. Senão, vocês reparem: tal ou tal mathematico, e isto para citar homens afeitos a abstracções, sente-se positivamente incapaz de resolver problemas, que em outras circumstancias lhe pareceriam faceis, se, ao metter a mão no bolso á cata do cigarrinho, verificar que o deixou em casa, a uns tantos kilometros de distancia. A essa catastrophe o cerebro nega-se a qualquer trabalho digno. O despotismo do cigarro é mil vezes maior que o do czar de todas as Russias, porque elle escravisa e submete á inacção mais desesperadora o proprio pensamento!

Ha escriptores que só produzem, ao sabor e ao atordoamento de cigarros consecutivos; o cigarro entra assim a fazer parte integrante do seu ser moral. Ah! ao cigarro é que eu não perdôo nada. Elle é a expressão reles, malcriada, de vicio barato, uma coisa infima, que entrou para as rodas superiores, como certas criadas de servir entram para a aristocracia — levadas pelo capricho de alguns homens de gostos depravados.

Não conheço nada mais petulante do que um cigarro, e quanto mais ordinario é, mais se accentua nelle essa qualidade aggressiva. Vocês talvez não acreditem, mas a verdade é que cada vez que eu encontro um collegial meninote de cigarrinho na bocca, sinto vontade de cuspir; e notem que eu não faço tal coisa senão por enjôo ou por doença. Esse acto é, portanto, determinado em mim por uma impressão de repugnancia e de vexame, que não sei reprimir. E é talvez porque de todos os vicios esse é o mais generalizado e de que se abusa com mais desfaçatez, que eu tanto o abomino. Felizmente, meu marido não fuma. Quando o beijo é como se beijasse uma criança.

*Luciana* — Deus me livre. Que horror!

*Martha* — Eu não lhe perdoaria a bocca amarga, os pellos do bigode queimados, o halito estragado, as unhas côr de ambar...

*Magdalena* — Pois eu gosto do cheiro do tabaco, e para mim um homem que não fuma parece-me incompleto... Mas eu sempre quereria que me explicassem por que, sendo nós mais fracas, segundo a affirmacção universal, não nos deixamos dominar pelos vicios, como os homens fortes; porque mesmo o teu, Martha, se não fumajoga...

*Martha* — Infelizmente... Mas vejam como são as mulheres: como alludi ao vicio do marido della, ella não quiz deixar na sombra o do meu...

*Magdalena* — Sabe que isso não é segredo para nós... Mas ahi está: de todos os vicios, o do jogo é o unico intellectual; e, como é sujeito a perigos de repouso, favorece o espirito para reacções.

*Luciana* — Qual reacções! Nos intervallos de descanso o jogador não pensa senão em recommençar o jogo; vive assim numa perenne anciedade, devorado por ambições, gasto por noitadas consecutivas e toda a especie de desordens physicas e moraes.

O jogador é quasi sempre fraco de character, supersticioso, desconfiado, casmurro... Para elle, gloria, familia, trabalho, amor, tudo se dilue nas duas cores dos quatro naipes de um baralho e na rapidez dos minutos na roleta do azar... Felizmente, o marido aqui de Martha é apenas um *dilettanti*, não é um profissional; entretanto, supponho que ella se deva aborrecer, porque necessariamente elle preferirá ir jogar o *poker* no seu club a leva-la aos espectaculos, ás recepções das amigas ou a lêr alto para ella ouvir, em casa, os romances do Eça ou do Machado de Assis...

A mulher de um jogador aferrado é uma victima ignorada no silencio das noites, curtindo saudades do passado e sustos pelo porvir, sempre com medo de vêr entrar o marido em casa arruinado ou louco, quando não volte cadaver, nos braços de parceiros mais felizes...

Se o fumo estraga a saude em picadellas lentas de alfinetes, que transformam o figado e o baço em colchões velhos e informes, o jogo mutila-a de pressa a machadadas fundas e bem vibradas.

E' uma paixão com sopro de vendaval, que tudo leva diante de si, essa do jogo e a que mais alheia o homem da sua familia e dos seus deveres... Ante a tentação de um tapete verde — a honra é um espectro de papelão e o amor uma phantasia de crianças... De sério e de interessante no mundo só ha os dados do azar...

Seria esse o vicio que eu menos perdoasse a um homem, se ainda não houvesse outro peor...

*Izidora* — As mulheres?

*Luciana* — Não! O vinho.

*Martha* — Esse é torpe.

*Magdalena* — E' bestial. A inconsciencia da bebedeira dá á physionomia do homem mais intelligente e mais fino uma mascara de porco immundo. Haverá amor de mulher que resista a tão rude prova?

Acreditará alguém que a esposa de um alcoolico possa ter por elle alguma especie de consideração, sem a qual não existe a felicidade na familia?

Eu não. E custa-me até imaginar que um homem culto se entregue ao vicio da embriaguez. O vinho é um vicio de taberna, de ruas escusas um vicio execravel, de ignorantes e de brutos...

*Izidora* — Entretanto...

*Magdalena* — Entretanto, bem o sei, ha muitos homens educados, responsaveis muitas vezes por um nome de familia bem considerado na sociedade, que não resistem a ir tomar com frequenciã os seus copinhos de *wisky*, quando não de paraty, á beira dos balcões, esquecendo-se, no convívio das garrafas, da propria dignidade, dizendo asneiras, chorando como um dia de chuva, rindo como palhaços ou clamando como possessos. A falta de compostura dos bebedos offende até as paredes. Não ha nada mais ridiculo nem mais repugnante. Felizmente, o meu marido não bebe senão á comida: mas então, ai de todo o pessoal da casa se lhe não puzerem junto do prato a sua garrafa de Bordeaux!

*Martha* — O meu tambem; e igualmente não dispensa o seu calice de cognac ao café. Mesmo que chova a cantaros, não havendo cognac em casa tenho de o mandar buscar... E' uma maçada!

*Luciana* — O meu de vinho gosta pouco; mas não passa sem cerveja, pelo menos tres garrafas por dia...

*Martha* — Oh!

*Magdalena* — Oh!

*Luciana* — Uma ao almoço, outra ao jantar e outra á noite.

*Magdalena* — Não debes consentir nesse abuso, elle assim ficará obeso!

*Luciana* — Oh! minha querida, que mulher terá prestigio bastante para impedir ao marido a satisfação dos seus desejos. E tu, Izidora, que nós dizes de teu marido? elle não bebe?

*Izidora* — Não; meu marido não bebe senão agua...

*Martha* — Faz elle muito bem. Parece-me que tambem nunca o vi fumar...

*Izidora* — Não; meu marido não fuma.

*Luciana* — Joga?

*Izidora* — De longe em longe, uma ou outra paciencia, commigo...

*Magdalena* — Mas nesse caso teu marido é um poço de virtudes? E' um monstro!

*Izidora* — Vais vêr: como parece forçoso que todo o homem se submetta á humilhante contingencia de um vicio, meu marido não pôde resistir ao do amor.

As mulheres fascinam-o, como os jacarés ás crianças. Elle vive sempre alheiado de mim, no deleite das suas paixões de aluguel ou de emprestimo, e, o que lhes posso afiançar, é que isso me occasiona as mais dolorosas revoltas de amor proprio, e me dá a certeza de que, embora o vicio das mulheres seja entre todos os vicios o de mais curta duracão na vida de um homem. é tam-

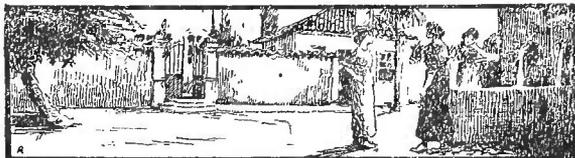
bem aquelle que uma esposã, embora diga o contrario, menos perdõa...

*Martha* — Pois olha, filha, para mim, de todos os vicios, esse é o unico comprehensivel...

*Luciana* — Eu ainda digo mais: é o unico desculpavel.

*Magdalena* — Sim, nos maridos das outras...

JULIA LOPES DE ALMEIDA



## CLARINHA DAS RENDAS

(NOVELLA SERTANEJA)

I

No oitão de taipa do casebre — todo em rebôco, com o tecto de telhas vermelhas — riscavam-se, trifurcando-se, veredas abertas entre arbustos das catingas, duas em aclave demandando a estrada de rodagem, e a outra, em descida, buscando a margem esquerda do rio que corria grosso, barrento, invernososo, a arrastar os florões verdes das "baronezas" catadupando mais á jusante, em lenções d'agua, no parapeito da represa recamado de limo.

Na encruzilhada dos atalhos, para onde dava a sahida, ao fim da tarde, Maria Clara,—Clarinha das rendas—vinha sentar-se perto da porta, na soleira de páo, pondo-se a desenhar no risco da almofada a alva e linda renda do seu casamento, traçando entre os dedos habeis os bilros tóscos de madeira.

Era a costumada tarefa quando já a roupa tinha sido colhida dos coradouros e a criação agasalhara-se nos poleiros, com o sol no occaso.

Mais tarde, quando escurecia, o pae, o tio Zéca, estafado da labuta, vinha tambem descansar ali, estirando-se na relva, ficando no sólo o cotovello para apoiar numa das mãos, aberta, a cabeça meio encanecida velada pelo estiapado chapéo de carnauba.

A candeia de kerozene accessa no casebre, pendente de um caibro, inflectindo uma restea de luz avermelhada pelo rectangulo da porta, dava ainda claridade aos olhos garços de Maria Clara para accrescer o seu delicado labor de rendeira.

Quando as estrellas vinham fazer a sua ronda nos céos, Raphael, no passo balanceado de sertanejo moço, chegava, no verdor alacre dos seus dezenove annos quasi feitos, na alvorotante fe-

licidade da promettida que o acolhia, com a singela affeição dos rusticos, mostrando-lhe, antes de tudo, o avanço feito na renda pelo dorso de papelão da almofada labyrintada de alfinetes em riste-renda que era como que o laço a avisinhalos dia a dia das nupcias visionadas.

Raphael, de estatura meã, grosso, thorax largo a medir os hombros abertos, era bem moreno a realçar os olhos azulados, uns olhos sempre a reflectirem um espirito que parecia encarcerado naquella formosa paysagem de sertão. O trabalho, porém, o não apavorava: os seus dias elle os vencia a guiar de aguilhão em punho, um carro de lenha, do brejo para as povoações servidas pela via ferrêa, estradas afóra, fustigando as juntas de bois encangadas, embalado pelo ranger monotono dos eixos apertados...

Em chegando acorava-se ao pé da rapariga, e os tres iam discorrendo do que fôra feito, naquelle dia, cujo poente se amortalhava numa franja roxa, por traz dos montes empardecidos, lá longe, realçando a côr de sangue dos côrtes abertos nos flancos das serras por onde, num relampago, corria o trem, entre torvelinhos de fumaça.

Os dois haviam se promettido ha um punhado de mezes; casar-se-iam pelo S. João. Bem perto vinha, pois ia entrar, cinco dias mais, o mez de Maria. Continuariam a morar juntos, ali, conjugando parques haveres, num gesto prudente de solidariedade domestica e economica.

Raphael tinha assegurado o seu ganho de semana; o tio Zéca cuidava das suas rôças de milho, feijão, mandioca, trabalhando tambem em um engenhoso tórno na feitura de pequenos pilões, vasos para pó de arroz, artefactos curiosos em madeira tenra e alva, indo aos sabbados e ás quartas vender na feira, um quarto de legua adiante, os seus productos e as suas colheitas. Maria Clara cuidava do amanho da casa, descia ao rio lavar as roupas, fazendo ainda as rendas da terra que eram a cubiça, o encanto das familias veraneando na cidade e que iam ao povoado em passeios longos sob o sol forte para criar sangue novo. Da mãe, Maria Clara nunca vira o rosto.

Naquella noute o tio Zéca estava numa das suas veias de expansão, não raras, Deus louvado. Elle as chamava, rindo, de "momentos de taramella". Essa loquacidade girava sempre em redor de cousas do passado, saudades de ancião, façanhas de moço, reflexo de saude d'alma, de contenteza de plantador que via promissora a apanha e farta a invernia.

— Dos dias da minha vida neste mundo — escutem lá — o melhor pedaço foi a ida que eu

fiz á capital. Andava por ahi nos meus vinte dois annos bem tirados no matto. Nesse tempo o vapor nem inda chegava cá por perto. A gente ia nos lombos dos cavallos, serra para baixo, dormindo nos ranchos ou nas catingas até topar com os trilhos do "vapor". Tres dias bem puxados num bandão de leguas. Quando meus olhos cahiram em riba do Recife, estava assombrado. Imaginem lá vocês o que aquillo é de boniteza, com um rio largo, com umas pontes grandes cheias de luzinhas, com umas casas ricas de gente apesoadada. E o mar!... Só para ver aquelle mundo d'agua que nem tem fim, vale a fadiga do caminho... Aquillo ronca, espuma, fica de todas as côres que só onça acuada. Um punhado de velinhas anda por ali que até parecem estar no chão: são as barcaças, como elles chamam. Nas praias as ondas se arrebetam muito brancas como a roupa enxuga ao sol de Nosso Senhor. Lá no fundo, onde o mar encontra o céu, passam os bichões, uns brutos de vapores, com umas varas altas cheias de bandeiras, com as funaças compridas, a perder de vista. Que bom ha de ser a gente ir por ali vêr os outros mundos!...

Raphael e a noiva escutavam attentos a voz cadenciada do velho. Ella, curiosa, porém sem maiores impulsos de vontade em deixar o seu rincão de terra, contente de sua sorte, sem largas aspirações. O rapaz ficara a repassar na memoria as phrases do tio Zéca, cahindo numa sensação de desejo mesclada a um véo de melancholia, mal ouvira falar do mar, esse gigante furtacôres, estrada sem termo a conduzir os homens ás terras mais distantes e fascinadoras, mar de que falavam embasbacados todos os sertanejos vindos do littoral.

Elle crescera na choupana de uns tios porque os paes haviam morrido das bexigas deixando-o bem pequeno. O tio vivera por annos na costa; embarcara em barcaças, fizera longas rotas pelo norte, a negocio, e dessa vida marinha ficara-lhe a necessaria dose de recordações para só cuidar de falar della nos serões do matto, na roda dos matutos, serões que o sobrinho, ainda nos seus oito annos, ouvia curioso e sacudido de invejas. Quando se tornara rapazinho, a luta pela bocca, o trabalho concorreram para esquecer um pouco os sonhos da infancia agora desbertos, estimulados pelo sangue ardente da puberdade, escutando o tio Zéca, o pae da sua enamorada. O mar, para elle, era a ribalta magestosa de todos os gozos, de todas as phantasticas maravilhas do mundo: a felicidade se lhe afigurava pertencer a quem se fosse oceano afóra, no dorso das vagas..

Quantos menos rudes pensam assim também!

No correr da noite poucas palavras mais balbuciou: as bastantes para acudir ás interrogações da noiva. Mais cedo que sempre ergueu-se, reparou o tempo na marcha das estrellas, deu os "boas noites" e foi-se atalho acima, gingando, a principio com rumo á casa, depois enveredando pelas catingas a passeio, enquanto Maria Clara, não de todo calma, reentrava no casebre carregando a almofada, deixando o pae a cochilar a costumada meia hora antes de se agalhar nas dobrás da rêde sustida pelos punhos nos caibros da sala de janta.

## II

O outro dia, um sabbado, escuro ainda, perto do amanhecer, despertado pelo hymno dos poleiros, tio Zéca ao peso das suas provisões de feijão e farinha, puzera-se em caninho para a feira, afim de lá chegar com o raiar do dia, ganhando tempo para se installar e estender o tóldo da sua barraca.

Mal clareara, Maria Clara sahiu para o quintal espalhando ás mancheias os grãos louros de milho para as gallinhas que a enrodilhavam cocoricando, sacudindo ainda as azas, beliscando o chão, chamando as longas ninhadas, os lindos e vivos pintinhos de plumagem ambarina, saltitantes, piando, piando muito... Todo o terreiro avorotava-se com a madrugada, uma friorenta e branca madrugada de Abril, com o céo claro azul, os serros esfumados de nevoa, as arvores espanejando-se voluptuosamente, e o sol morno a espreitar nos cabeços verdes das montanhas do levante.

Depois de cuidar da criação, a rapariga abraçada a uma trouxa de roupa, desceu o atalho ainda rociado de orvalho, por entre os arbustos viçosos, cheirando a velame, emparelhando-se com outras mulheres que iam de rumo igual, cruzando tropeiros a pé e a cavallo, em demanda da feira, dando-lhes bons dias, até chegar á orla do rio avolumado e barrento.

Nas margens muitas lavadeiras já installadas zurziam as roupas ensaboadas de encontro aos batedoiros de pedra negra e lisa: umas tendo trazido os filhos pequeninos que dormiam seminus, sobre o capim, com as barrigas dilatadas, para o ar. Dos banheiros de palha de dende-seiros vinha o ruido dos banhistas a chapinharem n'agua, quando por vezes o olhar malicioso e indiscreto não via, nadando fóra, um dorso feminino nu ou o roliço de uma perna amorenada a debater-se gostosamente, no frio do banho.

Abaixo e acima, pelos caminhos, outras mu-

lheres vinham buscar ou levavam agua em potes de barro equilibrados nas cabeças. Perto da ponte o gado descia para se desalterar de fociinho baixado e avido.

Maria Clara tinha o seu canto predilecto, um pouco afastada de certas companheiras tagarellas ou doidivanas, porque ali as havia de toda a casta, desde as bem vividas com seus maridos ou "amigos" ás levianas, as que se gabavam de perturbar o socego dos casaes, com as seducções nos sambas, nos "bois", na promiscuidade das catingas a horas mortas... Bem deixara de falar com a Carlota, uma mulatinha, amaneirada sem recato, cujo pae morrera do "ar"—de uma congestão—por encontral-a certa noite em peccaminoso colloquio com o marido da Amelia, um bebedo habitual, conhecido por espancar a mulher que era tysica.

Na beira do rio, Maria Clara arregaçou as mangas do casaco, desnudando os braços até os hombros, prendeu entre as coxas a saia de chita azul, erguendo-a ao meio das pernas, e de corcoras, começou a ensaboar uma velha camiseta de morim.

A filha do tio Zéca na pujança sertaneja dos dezeseis estios, acabocçada, de olhos garços, madeixas escorridas e retintas, na elegancia desprestenciosa das naturaes do sertão, menos bonita que sympathica, que o era devéras, tivera do pae a educação rudemente austera, o revestimento moral, a coragem espiritual dos velhos lares. Em menina chegara a aprender a ler com uma senhora da cidade, casada com o collector, onde estivera a servir na arrumação. D'ahi uma certa ascendencia sobre os demais moradores do povoado, a quem lia cartas recebidas ou escrevia missivas encommendadas.

Em meio da tarefa, alvas peças de roupas estendidas no coradoiro do capim, esquentando ao sol, Raphael surgiu de uma azinhaga approximando-se da rapariga que o acolheu admirada pondo-se de pé, levando as mãos á cintura:

— V. por aquí a esta hora? Está doente? Não foi trabalhar?

— Não. Nem preguei olho... Passei a noite rondando fóra...

— E por modo o que? Que tem V. na cabeça, homem? Botaram feitiço em cima? Desde hontem que eu reparei o seu geito exquisito... Que tem V. no coração?

— Nem sei; não ando bom...

— Isso é rabo de saia, Raphael. V. já não me quer bem. Está mudado...

— Lá está V. com choramingas, mulher. En-

xugue esses olhos. Eu não sinto nada. Ouça lá: eu preciso é fazer uma ida na praça. Uns negocios...

— Que negocios, Raphael! V. está assanhado com as conversas de hontem de meu pae. Eu bem maldei isto.

— Pois é isto mesmo. Eu vou é ver o mar. Esse mundão d'agua que chega perto do céu, feito os urubus, bole cá commigo. Si eu não fôr ver eu morro...

— Santo Deus! Que foi fallar meu pae! V. no Recife homem! E si V. não volta? Que ha de ser de mim! Tanta cousa bonita por aquellas terras!... Quem se lembra mais dos que ficam na tristeza destes mattos! V. não vá, Raphael...

Maria Clara prenden-lhe as mãos num assomo de irmã mais velha, aconselhadora. O rapaz olhava-a commovido, vacillante, mas scintillando nos olhos o desejo de infancia renascido, indomavel, forte, o seu desejo de descer a serra como os outros, ver o mundo, ver o mar...

— Escuta, Clarinha. É uma semana que eu fico na praça. Eu lhe juro. Volto sem dança. Trago umas cousas lindas para o seu enxoval... O tempo corre como os veados: quando V. me sonhar por lá, eu já venho na ladeira de casa...

A rapariga traduziu a decisão do noivo, aquella aspiração que elle realisaria tarde ou cedo, e si havia de ser depois, casado, antes fosse agora, em tudo e por tudo.

— Si é tanto do seu gosto, eu não me importo. Fico é morrendo de saudade. Vá com a companhia de Nossa Senhora e volte logo. E para quando essa viagem?

— Para hoje mesmo. Eu vim conversar com V. por isto. O trem chega na estação perto do meio dia; vou mais o Antonio das Neves. O Joãozinho fica no carro fazendo o meu trabalho.

Ambos silenciaram uns minutos. Raphael apañhara do chão uns gravetos e quebrava-os nervosamente entre os dedos; Maria Clara entrouxára a roupa apertando o nó; desceu as mangas do casaco, soltou a saia, poz a trouxa á cabeça.

Puzeram-se a caminho, cabisbaixos, galgando a rampa do rio, retomando o atalho de casa.

No oitão estacaram.

Ella pousou a mão direita no hombro do rapaz, fitou-o seria e disse:

— Raphael, vá com Deus, e se lembre de mim. Si V. ficar por lá é muito ruim... Está ouvindo?

Naquelle tom rustico e franco da sertaneja, mixto de carinho e rallo, silhuetava-se a alma sincera da rapariga, a nitida expressão do seu sentir e do seu affecto.

— Até a volta, Clarinha; reze por mim enquanto estiver longe.

Deram-sc as mãos. Nem mais uma palavra, nem um gesto, nem um beijo.

Raphael desprendeuse, olhou-a com ternura, subiu a vereda tufada de flores silvestres, lentamente, volvendo o rosto tres ou quatro vezes até sumir-se na fronde larga de um umbuzeiro.

Maria Clara, calcando a pena, seguiu-o com a vista, amparada na porta, numa attitude de pungente tristeza.

Quando reentrou em casa, angustiada, encruizou os braços na parede, enterrou o rosto entre elles e desatou a chorar...

### III

Raphael já se fôra ha bem sessenta sóes. O mez de Maria passava e a cada tarde Maria Clara ia, na graça natural do seu vestido branco, á nave enflorada da matriz, na cidade, entoar com as raparigas da terra as dôces litánias, os enternecidos canticos mysticos de agrado á Mãe Virgem, toda linda, toda vistosa no seu véo recamado de pequeninas estrellas côr de ouro, aureolada de luz tremula de velinhas coloridas e de flores cheias de viço.

Como sabia ler, era quem, nos degrãos atapetados do altar, tirava no breviario a toada e os versos.

Na piedade de suas orações ia sempre envolto imaginariamente o desejo, que os labios timidos nem enunciavam, da volta do noivo, a todo instante lembrado, perdido lá no Recife, essa terra linda, fascinadora aos olhos dos matutos.

O pae, nas suas noutes de taramella, contava-lhe tanta cousa bonita!

E ha tanta gente ruim para virar a cabeça dos bons! Bem lhe segredava o coração na hora da despedida, fitando o seu Raphael a dobrar a curva da catinga, perto do umbuzeiro grande. Era para nunca mais... No entanto a esperanza esvoaçava-lhe de novo na cabeça. Talvez tornasse. Quem sabe? Logo que chegara do Recife, oito dias depois da partida, o Antonio das Neves trouxera-lhe um recado do noivo: ficava bom e contente; estava encantado pelo mar, pela fita sinuosa e loura das praias, pela vida agitada dos cáes, olhando os barcos veleiros a acostarem ou os bellos transatlanticos a se sumirem no horizonte remoto. Mandara-lhe, entre outros mimos singelos, uma caixinha atulhada de mariscos e buzios cheirando á maresia, ainda cheios de areia fina e setinosa que é a almofada onde as vagas tecem as suas rendas. Voltaria naquella semana: era a sua promessa.

Depois, nem mais um recado, nem mais uma notícia. O Antonio das Neves, em viagens subsequentes, não vira o rapaz na capital.

Vezes havia em que a rapariga tinha fremitos de tomar luto pelo prometido, pois ao seu coração lealdoso só com a morte se podia justificar o esquecimento da jura feita.

Assim desfilavam os dias amáros e triste. Maria Clara ia-os vencendo na faina da lavagem, ao pé do rio, arredia de todos, melancholica. A noute, por força de habito ou por inspiração da esperança, botava a almofada na porta e retomava a tarefa de rendeira, trocando os bilros, ficando alfinetes, a desenhar com os fios alvos da linha a formosa renda do seu noivado. Estava linda e crescida! Iniciara a vigesima vara e enquanto trabalhava, os seus sonhos de ventura se iam dispersando como as nuvens nos céos...

Quando o tio Zeca vinha também repousar na grama, sentindo remorsos de haver despertado o desejo do rapaz em descer a serra, punha-se a consolá-la, animando-a, simulando motivos para desculpar o retardo d'elle.

— Nas terras grandes ha muito o que a gente ver, menina, e em que labutar... Quem sabe si o Raphael não está a fazer umas patacas?

— Mas, meu pae, se é assim, que custava a elle botar no correio um recado para nós? Acaso não sabe que eu estou a morrer de saudades?

— Ainda não é tempo para afflicção nem choro, rapariga. Muito defunto já tem tornado vivo do cemiterio... Tem confiança na Virgem. O rapaz d'aqui a pouco está por aqui. O coração me diz...

— Deus lhe ouça, meu pae...

Maria Clara começava a chorar e o velho, coçando os cabellos meio embranquecidos, calava-se, roído de pena, matutando.

Uma vez, de repente, foi ao Recife. Já na estação mandou avisar a filha. Correram dez dias: quando regressou vinha num desalento terrível. Nada soubera e nem uma pegada do noivo da rapariga. Redobram-se os soffrimentos de ambos.

E assim Junho entrou, chegando a noute ruidosa de S. João.

Pelos caminhos, fronteiros ás palhoças, os grossos tóros de madeira, entrecruzados, alteiavam-se para arderem mais tarde, e de quando em vez, embora cedo, uma ronqueira espoucava ao longe.

Nos lares, sobre os fogareiros, mechia-se a cangica ou assavam-se as espigas de milho verde, muito tenras, doces, ha pouco desnudadas das tunicas verde-brancas que jaziam pelo chão de massapé ou tijolo de envolta ás cabelleiras alou-

radas. Alguns mocambos se toucavam de bandeiras ou de balõesinhos em fieiras, multicores, vistosos.

Anoutecendo de todo as fogueiras crepitavam, esbrazeadas, espiralando chammas, estalidando, mandando aos céos muito limpos e estrellados, mensagens de fumo pardo, em rólos escuros como bandos de corvos a subirem.

Todos os atalhos regorgitavam: ia e vinha a gente do sertão de roupa aceiada e cara alegre, abaixo e acima; uns no calcante á procura de um casebre amigo onde se lhes promettia um samba; outros nos dorsos das montadas demandando, alguns quartos de leguas adiante, a fazenda de um compadre meio abastado de nome do santo festejado.

Os tiros das ronqueiras simultaneos já se faziam frequentes e nas ruas os busca-pés numa serpe de fogo garatujavam luminosamente o espaço, zigzagueando, rodopiando no chão, correndo num rastro avermelhado para por fim estourar com força de encontro a uma soleira ou ao pé de uma arvore, quando não enfiavam, entre gritos e susto dos moradores, por uma porta aberta.

Creanças, á solta, cercavam as fogueiras, dando-se as mãos, cirandando a entoar cantigas infantis, populares.

Maria Clara, na tristeza de sempre, depois do pae haver ateado a sua fogueira, foi vagarosamente subindo a vereda do oitão até chegar ao alto, na estrada, de onde os olhos alcançavam a cidade, em baixo fumaçando.

Era o Alto da Balança. A rapariga encostou-se no nmbuzeiro onde se encobriu, no dia da partida, o seu noivo.

A cidade era toda um facho de chammas. As arterias delineavam-se pelos renques luminosos das fogueiras, desde a rua da feira, rectilinea, larga faixa, até os caminhos riscados nas vertentes dos montes, trepando as serras ou procurando os brejos. As limalhas caricaturavam no alto bizarras geometricas. A luz das candeias tremia em todas as janellas e portas dos mocambos e das casas ricas, illuminando-se a matriz na penha de sua pequena collina. Até o rio reflectia arabescos igneos das fogueiras ateadas nas margens povoadas.

Sertanejos, passando, saudavam á Maria Clara com um "Deus nosso Senhor vos dê o desejado" e as moçoilas, em branco, tafues, com os cabellos atados em fitas berrantes, diziam-lhe phrases de carinho e esperança, porque todos, legua em derredor, sabiam de desdita da "Clarinha das rendas".

Apoiada no tronco do umbuzeiro, á meia sombra do crescente, ella, angustiadamente, espiando a ventura alheia que passava nos pares de namorados, a cochicharem, felizes, quedou ali até bem tarde, com medo de volver á casa naquella noute, a rever o canto onde, ainda no outro anno, na mesma data, Raphael, na sua fatiota nova de brim riscado, trincando uns grãos de milho assado, num gesto de timidez vencida, indagara-lhe de brusco: Você quer ser minha mulher, Clarinha?

Na sua alma casta de matuta não vibrava o desespero do homem que se fôra, o ciume da posse furtada, a ideia sensual de que o noivo andasse aos galanteios com outras mulheres, não. O que a deprimia, a estiolava, era a dor de ser esquecida, a ingratidão de um ente a quem amara depois do pae, a surpresa da finga á fé jurada, intraduzível ao seu espirito que tinha uma promessa como um pacto para toda a vida.

Era sómente o seu espirito a penar:—á femea sobravam o trabalho e o sentimento para refrear o instincto. Demais creada na natureza, sem arrebiques de maldade, via a maternidade dos animaes, conhecia-lhes os amplexos fecundos para comprehender, sem jaça de impureza, o seu dever de mulher.

Emmagrecia; as côres desmaiavam com as suas esperanças. Os labios iam esquecendo o "ríctus" gracioso do riso, o riso lindo de quem ri sem ironia, sem fel. Raphael era a ideia fixa, um Raphael cheio de brumas, por cujo bem ella fremia, por quem nutria tantos cuidados quantos eram os seus votos de que voltasse. Embora olvidada, talvez fosse feliz si lhe dissessem com segurança que elle estava bom e contente naquella noute ardente de S. João, em outras plagas, em outros lares...

Só desceu quando o pae, intranquillo, a foi buscar na estrada, reprehendendo-a com ternura rude de sertanejo, pelo sereno apanhado, pela frieza da hora, ella andando sempre a tossir e espirrando.

Os estrondos das ronqueiras alternavam com a toada monotona dos sambas. Da cidade balões alteiavam-se, claros, tangidos pelo vento.

Tio Zéca, em casa, sentou-se á porta, fumando cachimbo, mirando, abstracto, as estrellas perto do horizonte.

Maria Clara, num tamborete, ao pé da nua mesa de pinho, rezava num terço de contas azues...

#### 1V

Foi-se o inverno e veio o verão cruel, adusto, queimando as vegetações, seccando o rio, comburindo tudo.

Fevereiro corria sem a promessa de um agna-ceiro. A feira era escassa, as verduras raras, os fructos pouco vistos e caros.

O sol rutilo, flammiejante, ardia, esmaltando os serros, resequindo as catingas, e as noutes eram abafadas, mornas.

Tio Zéca, preocupado, via a sua colheita perdida, os dias vindouros amargos, enquanto a filha numa crescente penuria moral, enfraquecida, tossindo, embora assim agarrada ao trabalho.

De noute, no serão do costume, pouco conversavam. De tempos para cá o Joãozinho, que substituíra o Raphael no carro vinha também tagarellar um pouco ali, posto que nem sempre lhe respondessem, tão pensativos andavam pae e filha.

Era um rapazote de dezete annos, muito rustico, feio porém unguido de uma bondade extrema: uma alma boa. A' força de vir por ali, á força de ver penar a rapariga, foi-lhe querendo bem, sentindo até que já lhe queria bem de mais. Talvez tivesse impetos de dizer-lh'o; retinha-o a imagem leal do companheiro partido e também a sua timidez innata.

Uma vez afoitara-se a balbuciar, encontrando Maria Clara a sós:

— E Você não se casa mais, Clarinha?

A rapariga olhou-o pasmada, viu-lhe a expressão e só então entendeu o que ia pelo coração do rapaz, sem poder dar remedio.

— Enquanto V. me avistar a fazer esta renda, Joãozinho, ninguem tem direito de me falar nisto... Esta renda me amarra a Raphael. Ouviu?

Nunca mais se falaram a respeito. A renda crescia. Maria Clara não a queria vender: afigurava-se-lhe que o fazendo partia o ultimo élo da esperança mantida na volta do noivo, de quem nem uma nova se soubera até então. Decerto embarcara e por lá, em climas estranhos, morrerá. A's vezes pensava assim, para em seguida ter maior fé num regresso.

A sêcca ia queimando.

Numa tarde, tarde de agonia e canicula, ao recolher do sol entre nuvens adamasgadas, ensanguentando os flancos das montanhas crestadas pela estiagem, Maria Clara, num desalento incoercível, num crise nostalgica, tão de sua feição de tempos para cá, viera continuar a sua tarefa de rendeira, á porta de casa, enquanto o pae andava ainda pela feira.

A's suas attribuições de abandonada, ás suas saudades viera juntar-se maior cuidado ao ver o tio Zéca cheio de receios pelo futuro, com as plantações queimadas, as feiras fracas. a gente do

Recifê fugindo á cidade, um cortejo de miserias. Sentia a previsão da fome. Em breve faltaria tudo. A sêcca ardia, os céos eram limpos e claros, as catingas esqueletos, galhos sem roupa-gem. Só os jatobás davam sombra. Do alto sertão já se contava dos mortos que tombavam nos caminhos e do gado a succumbir nos paroxismos da sede, a gemer, a mugir, na ancia extrema, focinhando a terra gretada, resequida, esteril...

Maria Clara tinha a visão nitida de todo o infortunio sertanejo, periódico, torturante, cuja narrativa já ouvia do pae quando creança. Trabalhava a pensar. Perto, chocalhando, uma vacca, solta, de pello amarelo, remoia as fibras das palmatorias do matto, unico alimento daquelle dia quente.

E a pensar, Maria Clara baixou os olhos para a renda, a sua renda de enxoval. Vendel-a-ia, estava decidido. Eram bem umas trinta varas; dariam alguns mil réis para o sustento. Dias atraz um casal passara ali, a passeio; viera vel-a attrahido pela sua fama de rendeira.

A "Clarinha das rendas"? indagou o par. Recem-casados; elle muito elegante e caricioso a desmanchar-se de cuidados; ella, pallida, loura, cançando ao marchar, inclinada, denunciando a maternidade. Viram a renda e cubiçaram-na para uma blusa, talvez, ou para uma veste de creança. Chegaram a offerecer tres mil réis á vara.

A nada accedeu a rapariga: — era a sua esperança, não venderia.

Agora, porém, estava resolvida; era justo que auxiliasse o pae naquelle transe. No dia seguinte iria á cidade, procuraria o casal ou quem lhe desse algum dinheiro pelo seu trabalho. Depois faria outros, em linha, em filó.

Ah! si as costas lhe não doessem tanto! os seus serões iriam até o amanhecer. Segura era a sua resolução: cortou com uma tesourinha a renda da almofada, mediu-a nos braços abertos, do rosto para a ponta dos dedos. Trinta e duas varas, uma lindeza. Lembrou-se do seu vestido de nupcias assim enfeitado, brilhando á luz do altar da Virgem, na matriz...

As lagrimas afloraram; enxugou-as com a manga do casaco. Ia dobrando a renda quando Joãozinho vinha chegando.

Estiveram em silencio uns segundos. Depois o rapaz, mirando-a espantado, sentou-se-lhe ao pé, no chão.

— Clarinha, você uma vez me disse que só se casaria outra vez quando cortasse essa renda. Era verdade?

Ella estremeceu: não se recordara do que havia dito áquelle rapaz. Tambem não desejava con-

fessar o seu gesto filial para não desmerecer-o na bocca de todo mundo.

— Para que V. me quer, Joãozinho? Eu não tenho mais coração. De que serve uma mulher em casa quando ella não nos pode querer bem, direito? Magra, doente, triste, eu serei um trambolho para V. que é moço e pode ter outra sorte. Não pense nisto, homem.

Joãosinho não teve tempo de replicar. Ao alto da estrada um grupó surgiu, approximando-se. Um velho cavallo, esqualido, tropego, puxado por um sertanejo magro, maltrapilho, chapéo de couro sujo, calçado de velhas alpercatas denunciando a exaustão de longa caminhada e duras privações, marchando ao seu lado uma rapariga amarellada, vacillante, seguida de um meninote de doze annos, rachítico, com tronco nu'. No animal penduravam-se dois caçuás: um contendo cacaréos, outro servindo de berço para uma creancinha enfeixada nos retalhos de uma coberta vermelha. Fechava o prestido macabro um canito branco de costellas desenhadas na pelle.

Era a primeira léva de retirantes a passar por ali, naquella sêcca. Em frente á casa, pararam. A mulher tirou do caçuá o filhinho, sentou-se numa pedra, pôz de fora um peito mirrado e achegou-o á boquinha sequiôsa do petiz que chorava por não achar seiva.

Maria Clara, penalizada, foi buscar um pouco dagua com assucar.

— Deus abençoe a Você, minha moça. Ha dois dias que penso ficar pelo caminho. Nem um pingo nos peitos! O pobresinho só faz chorar...

— Para onde vão? — interrogou Joãozinho.

— Para baixo, para a praça. Hoje cuidamos de pedir um rancho na cidade para descançar a noute, Amanhã é de serra abaixo, querendo Nosso Senhor. Pobresinho! Ainda si a gente podesse arranjar um leitinho para elle! Perdemos tudo, seu moço. O sol queimou...

Maria Clara esteve a olhar aquelle quadro de miseria, maior que a sua. Depois, num gesto brusco, rapido, entregou a renda, já dobrada, á inditosa mãe:

— Tome para você. Na cidade darão por ella algum dinheiro. E' para comprar leite para o pequeno e uma camisa para o rapazinho.

A mulher esgazeou os olhos, extatica, surpresa, mastigando bençãos e agradecimentos que morriam na gorja.

De novo o grupo se moveu e ia partir. A cidade era perto mas o crepusculo cahia. O homem e o meninote deram «boas noutes» e andaram para a frente. A mulher, com o filho nos

braços, a choramingar, seguiu também a de-sejar :

— «Nosso Senhor lhe dê um noivo bem bonito».

Maria Clara sentara-se de novo em frente da almofada nua. Fincou os cotovellos no papelão do risco, apoiando nas mãos espaldas o rosto doentamente gracioso, dolorosamente sympathico, rodando os olhos garços na paizagem, a sua linda paizagem sertaneja tão mudada também.

A tosse renitente, rouca, vibrava-a de quando em vez; sentia o corpo quente e o coração batendo forte. Na vespera parecera-lhe na bocca um travo de sangue. Talvez do dente.

Naquelle momento tudo se lhe clareava: era o fim. Estava doente, bem doente. A Mariasinha começara assim, a tossir, a doer-lhe as costas e fôra um dia para a terra de Deus. Não tinha medo de morrer; tinha era pena da velhice do pae, sósinho no mundo. Raphael? Só pedia á Virgem é que, si estivesse vivo, fosse feliz. Era o fim. Para que alimentar mais uma esperança mofina como se rega uma planta que não pode medrar!... O unico fio era a renda, a sua linda renda que partira também nas mãos esqualidas daquelle mãe dolorosa, — branca, muito branca como si já fosse o leite que ella, virgem, dera aos labios famintos daquelle petiz, ajudando-o a crescer, a ser homem para, mais tarde, talvez, fazer soffrer as raparigas de amor e de febre. No ferrotear das suas maguas, sentia um bem estar, uma volupia casta pela caridade que fizera.

Donzella como ia morrer, ao menos fora mãe também, naquelle gesto. A saudade vencia-a; os soluços garroteando-a explodiram. A cabeça descahiu sobre as mãos mornas e os braços dobraram-se na almofada, num accesso de tosse, com estremecimentos nervosos, enquanto as lagrimas desciam do céu dos olhos.

Quando Maria Clara alteiou de novo o rosto, o morim da almofada mostrava rosetas de sangue, sangue golphado da bocca premida no tecido alvo.

Joãosinho puzera-se de pé e chegou-se para acudir-a, assustado.

— Você está vendo, Joãosinho? É sangue. Já não valho para nada. É a molestia da Mariasinha. Para que você foi querer seu bem a uma mulher como eu que tem uma doença que péga? Esqueça isto. Procure outra que lh'ó mereça e esteja mais perto da vida do que eu...

O rapaz revolvea o chapéu de carnauba entre as mãos, sentindo os olhos humidos. Maria Cla-

ra enterrara de novo a cabeça entre os braços, a chorar e a tossir.

A noute estava calma e o céu era um crivo de estrellas: — perto, os chocalhos do gado a remoer, tangiam; bezerros apartados das vacas berravam; chegava de um casebre, o mais vizinho, uma toada de mulher; longe, trazido no vento, a plangencia de um carro de bois, tardo, monotono, a reentrar na porteira do curral.

Tio Zêca vinha descendo o atalho, apressado, alegre, embora a feira tivesse sido escassa: — trazia no bolso da calça uma carta de Raphael, achada no borreio, chegada na vespera do Acre, de onde, entre os seringas, após ter estado a morrer de febres, o rapaz mandava dizer que estava a juntar uns contos de reis para fazer a sua Clarinha, a Clarinha das rendas, bem feliz, bem bonita...

MARIO SETTE



## ECONOMIA DOMESTICA

Na residencia de um casal "modern-style", ás 10 da manhan.

Renato Silveira e Mme. Silveira acabam de tomar o seu café com leite.

*Elle* — (levantando-se e atirando o guardanapo para cima da mesa). Bem, meu amor, cá me vou á vida; até logo.

*Ella* — (cobrindo de manteiga uma côdea de pão). Até logô, bemsinho. Olha... Tu vens almoçar hoje á casa?

*Elle* — Não posso. Hoje é dia de mala para a Europa e tenho muito que fazer no escriptorio. Almoçarei na cidade. Virei jantar ás 7 da noite.

*Ella* — Nesse caso, vou sahir depois do almoço, sim?...

*Elle* — Aonde vaes?

*Ella* — A' cidade, fazer umas compras... A proposito: tens ali dinheiro?

*Elle* — Tenho. De quanto precisas?

*Ella* — De pouco, para umas comprinhas insignificantes: uma peça de entre-meio, que a costureira mandou me pedir; uma carta de alfinetes, um maço de grampos... (Pausa) Duzentos mil réis dar-me-hão p'ra tudo...

*Elle* — Vê lá... Para comprares um maço de

grampos, uma peça de entremeio e uma carta de alfinetes talvez os duzentos mil réis não sejam sufficientes... Pede mais, queridinha. A ordem é rica e os frades são poucos...

*Ella* — Achas muito? Se soubesses como a crise na Europa repercutio no Brasil!... Está hoje tudo pela hora da morte...

*Elle* — E'... Tens razão. A crise... é pavorosa. Então, ficas satisfeita com 200\$000?

*Ella* — Fico. Mas, olha lá, bemsinho: se achas muito, dá-me apenas 100\$000 e eu... quando chegar á cidade, passarei pelo escriptorio para que me dê os outros cem.

*Elle* — (ironico) Não é preciso. Para que has de fazer economias, meu amor? Temos apenas oito filhos e elles, quando crescerem que se arranjem...

*Ella* — Como tu és mau, Renato! Então pretendes deixar as crianças sem nada, quando moreres?!

*Elle* — (cada vez mais ironico) — Creio que sim. Se continuarmos pelo caminho em que vamos...

*Ella* — (admirada) — Que dizes, Renato?! Achas então que estamos gastando muito?

*Elle* — Quak... Eu disse isso?!

*Ella* — Não, mas, pelas tuas palavras, tirei essa conclusão. Mas olha: se achas necessario que economisemos, o melhor é tirarmos os pequenos do collegio — elles já sabem o sufficiente para ganharem a vida quando forem homens — tu venderás a tua "voiturette"...

*Elle* — E, tu, a tua "limousine"...

*Ella* — A minha "limousine"?! E, depois, como farei, quando tiver de ir á cidade, ás minhas compras?

*Elle* — (com paciencia evangelica) — Irás de bonde, como toda a gente.

*Ella* — Estás doido, filho?! Queres que as Mendonças se riam de nós? Era só o que faltava!... Se ellas, agora, já dizem que, neste andar, terminaremos implorando a caridade publica, á porta de uma egreja, que não diriam, como não se haveriam de rir, quando soubessem que vendi a minha "limousine"?! Não, Renato, não, meu amor. Noblesse oblige...

*Elle* — Bem, são horas de ir para o trabalho. De quanto precisas, então, para os teus alfinetes?

*Ella* — (distrahidamente, olhos perdidos no espaço) — De quinhentos mil réis...

*Elle* — Será possivel que neste pequeno lapso de tempo que levamos a palestrar, tenham os alfinetes subido de preço?!

*Ella* — (rindo) — Quem sabe?... A crise na Europa... (Pausa) Mas fallemos a sério, Renato. Achas muito quinhentos mil réis?

*Elle* — Não acho. De que me vale achar muito? Precisas, não é assim?

*Ella* — E'... Preciso... Tenho que comprar uma peça de entre-meio...

*Elle* — Já sei!... Uma peça de entre-meio, uma carta de alfinetes e um maço de grampos...

*Ella* — Estás zangadinho commigo, Renato? Olha: se é para ficares aborrecido, não é preciso que me dê os 500\$00. Dá-me apenas 450\$000.

*Elle* — Qual aborrecido!... Mas, vamos a saber: vaes apenas á loja comprar os alfinetes ou tens que fazer algumas visitas?

*Ella* — Não faço visitas, hoje. Irei primeiro á casa Ferreira comprar os alfinetes, depois irei á joalheria... — oh! descança; é só para ver as novidades — á costureira, ao "five-o-clock-tea" no Alhambra e voltarei para casa, passando de caminho pelo Municipal, afim de avisar que ficas com a assignatura para o Lyrico.

*Elle* — Quer dizer que só ás 7 estarás em casa?

*Ella* — Achas muito tarde? Se achas, sê franco, que eu virei ás seis e tres quartos. E, sabes de uma cousa? Para não andares sempre a ralar commigo, voltarei de bonde para fazer economias. Tens razão, Renato, é preciso que façamos economias...

*Elle* — Qual!... Eu estava a brincar contigo.

*Ella* — Não, senhor. E' preciso que sejamos economicos. Do principio do mez em diante vou dizer ao pequeno dos jornaes que não precisa mais trazer-me a folha. Assim economisaremos 3\$000 por mez, não é? E' preciso economisar, Renato, economisar muito...

*Elle* — Bem. Até logo.

*Ella* — Até logo, meu amor. Economia, ouviste, muita economia!... Olha, Renato!

*Elle* — Que queres!

*Ella* — E' que tu te ias esquecendo de me dares os 500\$000 para comprar os alfinetes...

EUCLIDES ANDRADE



# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores**

**SIMÕES PINTO**

Dentre as figuras que a gripe apagou, rudemente, no tormentoso fim do anno de 1918, está a de Arnaldo Simões Pinto, o suave poeta da "Cármina" e do "Livro de Don'Alda".

Poucos se lembram já deste nome. Simões foi um perdulario da intelligencia e do coração, e nunca cuidou de fixar num livro definitivo os primores da sua inspiração e as excellencias de seu éstro. Mas a individualidade que foi não pode ficar assim olvidada: não só porque fosse a de um bello artista, na inteireza do epitheto, como também pelo papel de construcção social-literaria que ella desempenhou.

Simões assumiu em 1916 a chefia da "Vida Moderna", a que deu uma phase aurea. Pois com tal revista auxiliou, incentivou, guiou e fez apparecer muitos dos bellos nomes que hoje florescem a geração intellectual de S. Paulo.

Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Léo Vaz, Sud Mennucci, Brenno Ferraz, Lindolpho Esteves, Thales Andrade, para não citar outros, todos receberam da revista de Simões Pinto um grande espirito de estimulo e de dedicação ás letras.

Monteiro Lobato, si bem que ao tempo em que começasse a publicar os seus contos na «Vida Moderna» fosse já um estylista vigoroso e perfeito, todavia só perdeu a sua timidez e se lançou resolutamente á publicidade, depois de privar com o poeta da «Carmina». Foi ainda por instantancias suas que Lobato publicou os «Urupês», cujo successo literario e de livraria havia predicto com segurança.

O desprendimento de si era o traço dominante do caracter de Simões Pinto. Tendo convivido com elle nas revistas que dirigiu, e, mais tarde, no *Jornal do Commercio*, bem pudemos apreciar a bondade profunda daquella alma, em quem a harmonia era uma expressão natural de vigorosa saude e equilibrio. Espirito *frondeur*, estava sempre disposto a rir e a zombar, mas sempre disposto também a corrigir e a animar.

Foi por isso, mais que tudo, na sua vida de trabalho intenso, em que se fez por si, uma solícita e maneirosa agulha, que conduziu e poz em relevo muita linha que hoje por ahi apparece e brilha.

E como agulha, coube-lhe a sorte de depressa ser recolhido á sombra, donde só o evoca, em intensa saudade, a lembrança dos amigos.

LOURENÇO FILHO



**Vida literaria**

## O paradoxo da cultura

Para a maioria dos individuos o termo «cultura» significa conjunto de conhecimentos. A realisação da cultura estaria então superiormente encarnada em um professor universitario, de espessa erudição, congestionado de noções e capaz de expor, com abuso de tecnologia — a meu ver illegitima sob o ponto de vista etymologico e portanto falta de clareza e propicia a confusões — theorias mais ou menos abstrusas. Não obstante, a erudição pode e costuma ser precisamente o contrario da verdadeira cultura. Com effeito, esta não consiste tanto em amontoar na mente noticias acerca da sciencia, da moral e da arte,

como em despojal-a, antes de tudo, dos obstaculos que a impedem de adoptar uma attitude comprehensiva e de dirigir um olhar penetrante sobre o campo da arte, da moral ou da sciencia. Antes do que em um processo de accumulacão, estribase, pois, a obra cultural em um previo processo de desintegracão dos elementos que a torpeza e a insinceridade do ambiente social vão depositando sobre o espirito, á maneira de uma crosta que obstrue a clara visão das coisas. Só depois desta operacão poderá o espirito directamente adquirir noções relativamente verdadeiras e formar conceitos mais ou menos exactos acerca do mundo exterior, do «não eu». Neste sentido a cultura não importa num atavio, senão, ao contrario, num retorno franco e saudavel para a nudez ingenua. O importante, o primordial consiste em dar ao pensamento a capacidade para julgar rectamente, apreciando o valor ethico ou esthetico das coisas e extrahindo dos phenomenos circumdantes ideias proprias e virgens de todo preconceito.

O processo da educação, como se sabe, implica a passagem das noções do consciente para o subconsciente. As ideias bem assimiladas se trasladam para a esphera do affectivo: convertem-se em sentimentos, regido pelos quaes o individuo então exerce os seus actos, já espontaneamente. Reage de modo determinado ante as coisas, de accordo com a maneira de sentir que formou com uma opportuna e continua infiltração de ideias, pois, como disse Fouillée «a ideia é inherente a todo sentimento que se distingue da pura sensação informe». Dahi o valor de uma verdadeira educação e os perigos de uma educação falsa.

Se a vestimenta espiritual, isto é, a summa das ideias adquiridas e dos conhecimentos accumulados que foram mode-

lando a psyche do sujeito, pudesse, em momento dado, ostentar-se aos nossos olhos, como a indumentaria corporal, veriamos cobertos com as mais desharmonicas e absurdas vestias. Aquelles que nos parecem mais sabios seriam provavelmente os que nos deixariam estupefactos com o incompativel e discorde de sua roupagem ideologica. Appareceriam nella prendas anachronicas e irreductiveis a todo syncretismo, amontoadas sobre o espirito, em virtude de uma serie de superposições inexplicaveis. Junto a uns calções remendados de «sans culotte,» mostrariam alguns uma casaca de corteção e á cabeça, adornada de melenas romanticas, se alçaria uma ridicula cartola contemporanea. Fructo de uma cultura heterogenea, desharmonica, falsa, este homem juntaria a um fundo jacobino, moderado e como que oppresso por preocupações respeitosas acerca da hierarchia social e da auctoridade uma disposição sonhadora, contrariada por sua vez pela disciplina utilitaria e pratica da vida actual. Esse conjunto variegado e heteroclitico não seria senão a resultante de uma deploravel educação intellectual e moral, de uma pseudo-cultura.

«Il vaut mieux forger l'esprit que le meubler,» dizia Montaigne, falando da educação com seu bom senso insuperavel. Forjar o espirito: fazer delle um instrumento de comprehensão, de discernimento, de juizo, em vez de convertel-o em uma despesa intellectual... Tal é o verdadeiro sentido da cultura.

Individuos ha, opulentos de noções adquiridas de segunda mão, que se veriam perplexos para emittir um juizo claro e simples sobre qualquer phenomeno natural algo complexo. Estão mais longe da cultura que o homem «ignorante» na acceção corrente, mas que disciplinou o seu entendimento na observação directa e no estudo experimental. Toda a sua erudição livresca não serve áquelle mais que para falsear-lhe a visão das coisas, que de outra maneira seria mais lucida e precisa.

Quando Socrates queria infundir alguma noção em um dos seus

discipulos, começava por trazel-o ao ponto de partida mais elemental. a um estado por assim dizer de virgindade intellectual. Logo, mediante o seu systema de interrogações successivas e coordenadas, o ia levando, como que pela mão, até a ideia que desejava inculcar-lhe e fazia que o proprio discipulo a surprehe-desse, naturalmente, em virtude daquelle encadeiamento logico perfeito. A ideia, alcançada de tal modo pelo sujeito, mercê do exercicio da sua propria faculdade de raciocinio e de livre exame, se incorporava definitivamente, como um thesouro, á sua bagagem intellectual. E' o contrario da educação dogmatica e essencialmente memorial, em que alguns fazem repousar erroneamente a cultura. Para obter-a, na realidade, é mister, quando se chega á idade em que é possivel libertar-nos do «magister dixit,» proceder a uma especie de revisão das ideias fundamentaes adquiridas antes, desnudar-se tranquillamente das noções emprestadas e tornar a adquirir-as paulatinamente, sobretudo com um criterio organico, de modo que o conjunto constitua uma visão harmoniosa e ampla da vida, que influa na harmonia correlativa da conducta. Só isto pode significar uma verdadeira cultura. O conceito habitual da mesma não é senão um paradoxo falaz e pernicioso, que tanto mais nos alheia da posse della quanto mais simula approximar-nos della...

A. M.



## Curiosidades literárias

### Versos.

O verso portuguez por excellencia é o da «redondilha». Não é que se não possa praticar outras especies e nem se pede o exterminio da variedade infinita dos versos. Mas basta dizer que aquelle é o verso da «poesia popular»: isto é, o rythmo ingenho e espontaneo da nossa alma, quando tocada por qualquer agitação emotiva.

E não só o da poesia, mas o da prosa apaixonada. E' o molde das nossas expressões mais idiomáticas e profundas. Todas as nossas invocações e interjectivas, se acaso excedem o grito animal, logo se fundem no septisyllabo.

Vae para quatro annos, fazendo algumas lições acerca do «Folklore», na Bibliotheca Nacional, chamei a attenção dos meus raros mas impavidos ouvintes para o frequente habitualismo com que menelamos aquelle metro popular.

Citief exemplos vulgarissimos da linguagem commum.

O povo só adopta epithetos, invocações, formulas, quando septisyllabicas. As dimensões do molde exigem, como um leito de Procrustes, aquellas proporções exactas.

Os santos que se invocam apparecem singelos ou acompanhados, mas sempre segundo a formula:

- Nossa Senhora da Lapa!
- Jesus! Maria! José!
- Santa Barb'ra, São Jeronymo.
- Mãe de Deus da Conceição.

E nunca por exemplo — Nossa Senhora da Conceição ou «Nossa Senhora da Candelaria» — pessoas eguaes, mas inadeguadas ao metro idiomático.

Uma besta pode ser reverenda e um patife pôde ser grande: mas as formulas metricas exigem que se diga:

- Reverendissima besta.
- Granddissimo patife.

Não se pôde dizer «grande» nem sequer «grandissimo». Seria um verso quebrado, e, entretanto ao dizel-o ninguem pensa tratar de versos.

Ha uma multidão de phrases que só existem, por serem aperfeiçoadas e acepillhadas pelo metro fundamental, ainda mesmo quando não encerram grande sentimento. Mas assim é.

Aqui vão alguns «logares communs» do linguaajar do povo.

- Tenha santa paciencia.
- Tenha dó deste seu negro.
- Tire o cavallo da chuva.
- Você não é dos peões.
- Faça lá o que quizer.
- Deu dois pinotes e meio.
- Misericordia, meu Deus.
- Por Deus e a Virgem Maria.

Basta fazer a simples experiencia de mudar algumas dessas palavras e logo se evidencia a impropriedade que adquirem. — «Mariquinhas, meu coração!» é phrase indigna de um apaixonado: este dirá:

- Mariquinhas, meu amor!
- Maria, meu coração!

Ou, acaso, poderá escolher uma duplicação que é ajuda ternura:

- Mariquinhas! Mariquinhas!

E' claro, se não estou a tresvariar, que — «Maria! Maria!» — não passa de expressão gelida, apathica e inerte. E' o que sinto, mas posso estar em erro. Tenho por um sujeito secco, flegmatico, aquelle que diz a seu inferior:

— Tire o chapéo!

E tenho por um homem nervoso, elegante e poeta, o que diz:

— Tire o chapéo da cabeça!

Já vae longa a impertuencia dessas frioleiras phraseologicas.

Se estou com a verdade nesses despropositos que venho de referir, não é destempero grave, vir sempre lembrando a justeza do metro idiomático e a difficuldade (a «difficuldade», attemtem nisso) de vencer o habitualismo das nossas legitimas dicções.

Todos os que estudam a philologia e a linguistica, sabem que temos uma lingua dupla: a popular e a erudita, nas palavras e na phraseologia.

A medida de uma é a redondilha, e o genio da outra é talvez de-casyllabico.

Não é grande erro nem disparate dizer que escrevemos ou «falamos Camões» substituindo á lingua o genio formader, mais poderoso que ella teve. Esse será sempre o molde erudito, o modelo literario e culto que aos poucos se vae entranhando na alma popular. E' o modelo «heroico».

Assim a «redondilha» e o verso «heroico» são os dois typos vernaculos tyranicos e incoerciveis como as nossas lagrimas, o nosso folego, e todas as expressividades em que se crystallizam as nossas paixões.

Não temos outra geometria nem outro numero. Tiral-as dahi é enforcal-as.

Não quer isto dizer que nos sejam vedados os outros caminhos de artificio, féra daquelle trivio e quatrivio da lingua e do pensamento portuguez; e nom foram os portuguezes que os inventaram.

A poetica abrange numerosas especies, já compendiadas pelos technicos e didaetas.

Ao poeta é licito percorrer toda a escala de valores e de rythmos.

O alexandrino appareceu em Portugal pelos fins do seculo XVIII, entre duas epochas mediocres da poesia, a gongorica e a arcadica. Um dos primeiros que usaram o alexandrino foi um escriptor de comedias, Manoel de Figueiredo, auctor da «Gritaria», poema dramatico de versos estopares e nauseantes.

Este Manoel de Figueiredo buscou afrancezar o theatro (então de operas, burlas e farças). A sua obra, salva a intenção, era achamboada, tosca e malfeita, e valia ainda menos que

as comedias do famoso Nicolau Lu

Seus alexandrinos, da especie a que chamei de «alexandrões», dizem assim:

A minha filha é honrada, é virtuosa,

[é boa,

Mas já que você tonto casou com ei-

[la á toa,

Tratando o grande adagio, de coco

[dos rapazes,

Que diz, antes que cases repara no

[que fazes,

.....

E' incrível de estupidez.

Emfim, veiu Bocage. E veiu Castilho que poz tudo nos eixos de mais acurada imitação. E' aquelle um verso amplo, sonoro e magestoso; mas não é pura quem o quer e muito menos para estreates inhabeis ou pouco affeitos aos segredos da technica.

Todos os que vorsejam, entre nós, querem principiar por aquella adaptação, balbuciam e gargarejam suas primeiras vozes naquelle metro de importação recente; e, para falar segundo a doutrina que expuz ha pouco, saltam do «sentimento» para o «artificio», e, abafando a redondilha quasi immanente e hereditaria no seu estro, vão ás camisas de onze varas da moda.

JOÃO RIBEIRO

# ACABAM DE APPARECER

SIMÃO DE MANTUA

## FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

Preço 4\$000  
Pelo correio mais 500 réis

AMANDO CAIUBY

## SAPEZAES E TIGUERAS

CONTOS

Preço 4\$000  
Pelo correio mais 500 réis

PEDIDOS AOS EDITORES:

**MONTEIRO LOBATO & C.**

RUA BOA VISTA N. 52  
Caixa, 2-B — S. PAULO

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No preço

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No preço

A. DE SAMPAÍO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante . . . . . 8\$000

Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber (10.º milheiro) . . . . . 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

## SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 48 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



— Lá, foges, aconselhou-me um, etc.

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fanearia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o país, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço ínfimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homeus e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didaeticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muito provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer recommenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreaantes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offererem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL, publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hoteis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examiar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 11 de Junho de 1921

NUMERO 7

BRIGA DE GALLOS — Ju-  
lio Scheibel.LAGRYMA PERDIDA —  
Lucio de Mendonça.O CORDÃO — Thales An-  
drade.

## SUMMARIO

O ARREPIO — Oscar  
Lopes.SUPPLEMENTO — Vida  
Literaria — Critica —Melian Lafinur.  
Paginas Celebres — Da "Ar-  
te de Furtar,"  
Leituras — O Nome Brasil  
— Questões de Portuguez  
— Reliquias da Memoria.  
Os nossos poetas — Uma  
bella imagem.

# BRIGA DE GALLOS

O coronel José Fulgencio era durante os seis dias uteis da semana, uma figura respeitavel, no restricto, ankylosado meio provinciano, em que vivia a sua vida, pouco menos que vegetativa, tal a sua monotona uniformidade.

Representando, na collectoria federal, uma das incontaveis radículas da arvore do fisco, já cincoentão e tendo ás costas o fardo da familia, numerosa como ellás sóem ser por esse interior, onde quasi nada existe a se fazer, tudo se conjugava para compellir-o a ser um homem ajusado e serio, pacato nos seus habitos e solido palanque da ordem de coisas vigente, á phalange de cujas ventosas de succção desfructava a subida honra de pertencer.

Assim era, de facto; mas ao cabo dos seis dias, entrava-lhe o demonio naquelle lerdo corpanzil adiposo, de burocrata da roça, tão fundamente característico da classé.

O demonio era a briga de gallos.

Mastigado e deglutido o almoço, saboreado demoradamente o café e, mais demoradamente, o seu complemento indefectivel — o cigarro de palha — o coronel desandava para o quintal, tendo aos calcanhares a sua ordenança e consultor tecnico — o moleque Salustiano, que lhe fazia as compras, os recados e lhe carregava os gallos.

Nas duas estiradas fileiras de caixões gradea-

dos, que ladeavam o passeador, começava a escolha das victimas do dia.

— Solte o Cedro, Salustiano. Quero ver si elle não está sentido da escorva.

Aberta a porta do caixote, salta para a liça — perdão! — salta para o chão batido um bellissimo indio vermelho-queimado.

Estirando-se, como quem se espreguiça, palmeou azas e, soltando-o aos echos dos muros divisorios, o indio expelliu da garganta aquelle mesmo, gallinaceo brado, que foi o motivo maximo das atrapalhações do claviculario do céo.

— Está na conta e vai, fez, satisfeito. Vamos ver agora si o Prata tambem serve.

Soberbo na sua plumagem branca, aqui e além mesclada de pennas pretas, pula um novo Chanteclér.

Tacteação de pescoço, exame anatomico dos musculos das coxas e todo o resto da ladainha, disposições combativas inclusive.

— Não, o Prata não serve, Salustiano.

Corridos todos os passos daquela via sacra, moleque atraz e coronel adeante, em faina seleccionadora, estava eleita a cohorte dos mais aptos a representarem a pujança da sua creação nesse genero de sport, com que, si a archeologia não é uma peta, já se deliciavam os ruivos e guedelhudos antepassados do sr. Lloyd George, ao tempo em que descobriram na sua patria insular as primeiras minas de estanho.

A rinha era lá para os cafundós de um bairro, no quintal de um preto velho e velhaco, que della e de outras artes ainda meños limpas mungia o latex sustentador da sua regalada existencia de malandro.

O coronel á frente, o Salustiano atraz, sobraçando um par de gallos, que sobrára da correição matinal, sulcavam a poeira da rua, rumando para o polo magnetico, onde a ralé mais reles se congregava, conclamada pelos berros dos gallos e, mais ainda, pela esperança de topar com um pato, cujas pennas, estampadas e de curso obrigatorio, não fossem muito duras de arrancar...

Das escorias, a mais infima alli se reunia. Eram negros esfarrapados e trescalando cachaça, caboclos de pés no chão, uns poucos de bodes pernosticos e avalentoados, em summa, a borra da materia prima de que se fez a raça brasileira.

Circo de cavallinhos em ponto pequeno; bancadas mais empinadas; picadeiro de tres metros; tres palmos de altura no rodeio; gaiolas de gallos, um começo de poço — o reboleto — e, pelas bancadas, uma colleção de trombas, onde Lombroso teria um pouquinho a aprender.

— O coronel vem hoje, nhô Nito?

— Elle não faia, é pinhão cosido, nhô Bié.

— Hoje é o dia delle tomá um banho. Voceis não de vê.

E, pelos cantos escusos, era um nunca acabar de cochichos, de conciliabulos mysteriosos, em que os typos mais representativos daquella sucia de vadios preparavam manhosamente todas as etapas do tombo reservado ao coronel.

As brigas, nesse interim, se iam arrastando frias, desanimada a jogatina e mais inda os jogadores. Faltava, evidentemente, o prato de resistencia...

Por fim, despontou o coronel no portão, de chapéu atirado para a nuca e um ar de animação, que vincadamente contrastava com o seu sorumbatico todo costumeiro.

Era a praga da gallomania, o demonio do vicio incoercivel que lhe reinava nas tripas. Vinha sonhando despiques de amor proprio ferido e estrondosas desforras dos pesados rimbos pecuniarios idos.

— Hoje, ruminava lá com os seus botões, esta cambada vai pagar-me o novo e o velho. Não de conhecer. Ontras brigas pode ser que perca, mas a do Cedro é minha, nem que chovam canivetes.

Coisa extraordinaria: duas briguinhas atôa, de

vinte mil reis, para encher tempo, foram rapidamente ganhas pelos gallos do coronel, que se entufava, como um Perú, com o chapéu cada vez mais para a nuca, falando de papo e, no sordido botequim appenso á rinha, onde caboclos e negros emborcavam martellos de canninha, regando fartamente a cerveja cada uma das victorias.

— Solte o Cedro, Salustiano, tonitrouou. E, vocês, fiquem sabendo agora que este é sem reserva e não briga por menos de quinhentos.

O gallo, como si entendesse o dono, todo se pavoneava, altivo e fanfarrão, flammante na sua plumagem acobreada.

Dois ou tres dos velhacos presentes confabularam aparte, longa, demoradamente, contaram umas notas sujas, tiradas de uns lenços sujissimos e, alfim, sacaram de uma das gaiolas-caixas um gallo feio, mal empennado, chambão, uma coisa sem geito, afinal de contas.

— Nois pomo este no seu, si dé lambuge, seu coronel, disse o Nito.

— Para brigar com esse defuncto, dou, oh! si dou, dou, gargalhou em gyrandola de grossas gargalhadas o coronel, saudando o apparecimento do lamentavel adversario. Quanto querem vocês?

— Cincoenta.

— Feito. Soltem os bichos.

Depois dos primeiros choques, dos esbarros preliminares, em que o lindo gallo do coronel atirava longe, aos trambulhões, o seu mal ajambrado contrario, trançaram, como se diz na gyria dos freguezes dessas espeluncas.

Erecto e lepido, o gallo vermelho, gyrando ve-loz, não poupava as pancadas rapidas e firmes, do passo que o outro, acaçapado e sorna, apenas buscava esconder-se-lhe sob as azas, ou escapar á saraivada de golpes com curtas, desgeitosas carreirinhas.

— Dou dobrado contra singelo, bufou o coronel, impando de entusiasmo.

Silencio.

— Cinco para um e é para o que quizerem, urrou de novo.

Troca rapida de olhadellas furtivas, mas ninguem ergueu a luva. A briga pròseguiu nos seus tramites, favoravel ao gallo do coronel.

A uma pancada mais violenta, de nuca, que fez o outro gallo estrebuchar, elle, já incapaz de se conter, explodiu:

— Dou dez, dou até vinte por um!

— Si vancê sustenta a palavra, eu pego, retrucou nhô Bié, caboclo velhusco, matreiro e sonso.

O coronel viu malignamente fitos em si os

olhos, entre attentos e escarnecedores, de toda aquella cafila.

Subiu-lhe o sangue á cabeça.

— Sustento, sim. Quando foi que eu não sustentei o que disse?

— Pois então, eu jogo quinhento, mais ha de sê casado.

Passou-lhe ante os olhos o dinheiro que havia no cofre da collectoria. Era só ir busca-lo, dar uma licção de mestre áquella corja, que vivia de explorações e tornar a levar-o.

— Mas, preciso ir buscar o dinheiro.

— Si seu coroné quizé, tem ali um trolynho, interveiu, officioso e todo salamaleques, o dono da rinha.

Um instante o coronel ainda hesitou. Mas foi um instante só. Virou mais dois copos de cerveja, separaram-se os gallos, poz o moleque de sentinella e trepou para a carriola, chicoteando o escanzellado rossim.

Antes de meia hora estava de retorno e exhibia os pacotes de dinheiro do governo, que se foram misturar com as notas do batoteiro.

Proseguiu a briga.

Contra tudo que se podia prever, contra as probabilidades todas, o que o coronel qualificára de defuncto patenteava numa tenacidade, uma resistencia incriveis. Não só seguia apanhando a pé firme, como já reagia, a intervallos progressivamente mais curtos, com golpes cada vez mais fortes e certos.

Por fim...

Por fim, uma pancada violentissima na cabeça, na nuca, fez com que Cedro, o bello gallo vermelho-queimado, deitasse a fugir, gritando lamentosamente...

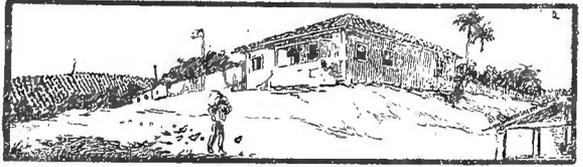
O coronel viu uma nuvem deante dos olhos; depois, andaram-lhe á roda bancadas, rinha e toda aquella grey.

Zunindo-lhe os ouvidos, andando titubeante, inconsciente, automaticamente, sahiu.

No cerebro congestionado a demissão do cargo, a penhora da casa, que era a fiança e a cadeia misturavam-se, baralhavam-se numa sara-banda hedionda.

Piracicaba, Maio de 1921.

JULIO SCHEIBEL



## LAGRYMA PERDIDA

(A URBANO DUARTE)

I

Sómente quem nunca esteve na villa fluminense onde se deu o extraordinario caso póde ignorar a historia do Raphael ourives. Tambem, a historia do coitado resúme-se no facto que lhes vou contar: o mais de sua vida obscura apenas tornou-se conhecido e fallado depois que se illuminou com este acontecimento notavel.

A modestia do meu pobre heróe começa já pelo nome: chamava-se unicamente Raphael, sem nenhum appellido de familia; ourives, acrescentavam alguns, sem cuidar que assim lhe estavam declarando um bello titulo de nobreza, conferido pelo seu trabalho, pela sua profissão, que, tão bem exercida, se tornára de simples officio verdadeira arte. Raphael ourives era, de feito, um artista: rimava o ouro com o diamante como Gautier lapidava a estrophe; compunha braceletes que fechavam bem como sonetos de Petrarcha; ha um broche delle tão rico e scintillante que é vêr uma pagina das *Orientaes*.

E era ourives mascate; levava, triste rhapsoda, de povoado em povoado os seus poemetos de ouro e pedraria.

Quiz a má fortuna que aquelle coração peregrino se agrilhoasse no captivo de um amor forte; enamorou-se o rapaz de uma creaturinha anemica e desengraçada, primeiro e futil pretexto que a sua imaginação de artista por desgraça encontrou para incarnar o formoso ideal que o enamorava.

A menina — chame-se Laura, que é nome romantico — tinha por pae um portuguez cheio de senso pratico e de calculos exactos; comprehendia muito poucas coisas, mas de tudo o que menos comprehendia era genro pobre. Ora cumpre dizer que Raphael não teve tempo de informar-se das opiniões do burguez antes de achar encantadores os olhos da filha; mais culpada foi ella, que, deyendo conhecer o bom do pae que tinha, alimentou com fartura de olhares e sorrisos o infeliz amor ainda implume que, com isso, creou azas. Azas tão atrevidas que Raphael, em poucos dias, foi ter com o pae da moça e pediu-lh'a em



casamento. Ali é que foi uma scena triste para o namorado; o homem respondeu-lhe, com um risinho brejeiro que era muito seu:

— Meu caro sr. Raphael, eu sou homem de negocios francos: a menina já me foi pedida por um moço do commercio, bem encarreirado, que tem de seu uns dez contos e ha de vir a ter mais um par delles por morte da mãe, a qual, se Deus fôr servido, não pôde tardar muito. O senhor desculpe a sinceridade... eu sei que a menina lhe quer mais que ao outro... mas na minha posição de pae e homem que conhece a vida, bem vê que não posso deixar de perguntar-lhe... de quanto dispõe o senhor?

Raphael empallideceu de indignação e perguntou-lhe, mal contendo a ira que o engasgava:

— E a sra. d. Laura pensará como o senhor?

— Nesses negocios penso eu por ella, meu caro amigo!

— Acha então que é apenas um negocio?!

— Mais importante que alguns outros, é só a differença.

— Está claro, o senhor é sectario da doutrina do casamento em concurso; por outra, é pae leiloeiro; entregará a filha a quem mais der.

— Pois, senhor, não conte commigo, que sou mau licitante.

E voltou as costas ao riso amarello com que o outro o escutava. Quem pudesse ouvir o doloroso monologo que elle ia revolvendo no espirito perceberia, pouco mais ou menos, isto:

— Dez contos de réis e mais a herança materna! não tenho tanto dinheiro! E o mais? — a minha vida, cheia de privações, mas sem uma unica vergonha, o meu talento, a minha arte?... que me vale tudo isto? o que elle quer, o que elle conhece, é o dinheiro. — E a sra. d. Laura pensará como o senhor?" perguntei-lhe; devo tambem perguntar-lh'o, a ella. Antes disso, nem a posso julgar com justiça, nem decidir com prudencia o que hei de fazer de mim.

Mas, depois do que ouvira e dissera ao pae de Laura, não podia voltar á casa delle; não queria, tão pouco, escrever á moça: nunca lhe tinha escripto, nem sabia escrever que prestasse; demais entendia que era mal feito dirigir-lhe carta: — esperou que ella fosse a uma casa do seu conhecimento, onde poderiam conversar francamente. Só oito dias depois, foi Laura uma tarde, á tal casa.

Raphael entrou pouco depois della. Conversava-se na sala de visitas; a filha do burguez, como se tractasse de costuras, dizia como e porque ia

casar, dahi a dois mezes, com o sr. Luizinho do armazem:

— Meu pae quer, e eu acceito, acabava de dizer, quando Raphael entrou, depois de estar parado á porta algum tempo, ouvindo as phrases banaes com que a menina sem coração ingenuamente o apunhalava.

Laura, quando viu o namorado, assustou-se como uma criança apanhada em flagrante travessura, e corou vivamente.

— Peço desculpa, balbuciou Raphael, não pensei que viesse surpreender uma conversa intima... Mas d. Laura não tem de que ficar assim envergonhada... é tão natural casar, na sua idade.

Cumprimentou com um modo digno e triste, e sentou-se; conversou pouco, — a conversa geral esfriára com a sua entrada, — e, ao despedir-se, declarou que se despedia para uma viagem de muitos annos, talvez para sempre.

— Para onde vae? perguntou-lhe a dona da casa.

— Por esse mundo fóra, respondeu, e sahio, todo enleado.

Quando chegou á estalagem onde estava hospedado, encontrou um moço que o esperava. Era o sr. Luizinho do armazem.

— Eu vinha encommendar ao sr. Raphael que me fizesse uma joia bem bonita; pode ser... Não tem pressa; basta que fique prompta nestes dois mezes: é para dar de presente a minha noiva, no dia do casamento... Quero coisa ali para cento e cincoenta, até duzentos mil réis, quando muito...

— Não senhor, atallou Raphael, não posso fazer viagem amanhã e não volto.

— Mas a Laura queria mesmo que a joia fosse feita pelo senhor...

— Já disse que não faço, que não posso, que não quero. E passe bem; tenho mais que fazer.

Deixou o sr. Luizinho pasmado na sala e entrou para o seu quarto.

## II

Estava, enfim, só. Sentia uma constricção na garganta; tinha vontade de chorar, de blasphemar. A sorte opprimia-o, indignamente. Dizia-lhe a consciencia que era um rapaz honesto, laborioso, cheio de boas intenções; dizia-lhe o coração — dizia-lh'o em tumultos desesperados — que amava immensamente, e não o amavam nem comprehendiam. Outro, bom rapaz, talvez, honrado e trabalhador tambem, mas estúpido e feliz, ia receber, sem exaltação nenhuma, com uma naturalidade idiota, a ventura transcendente, que a elle o

endoideceria de jubilo! E ella tambem, que alma pequenina! com que facilidade o sacrificava! Só se lembrára d'elle para desejar que lhe fizesse uma joia para o dia do casamento; suggestão de vaidade, não de amor. Afinal, mostrava que merecia bem o marido que lhe impunham.

Instinctivamente olhou-se a um espelho que pendia da parede, defronte; assustou-se do seu proprio olliario, tão sombrio era. Que cara de reprobo! e a angustia, a febre e o ciume dos ultimos dias escaveiraram-lhe o aspecto, já de si pouco formoso; emmagrecera como um naufrago num rochedo isolado; o rosto todo anguloso, estava devastado; os olhos, que tinha azues e esplendidos de vivacidade, luziam sinistramente, encovados; queimava-lhe os labios um sorriso ironico e mau. Não estava, com certeza, menos feio que o Gilliat depois da salvamento da *Durande*, maltrapilho, flagellado dos ventos, sugado pelas pustulas vivas da *pieuvre*, coberto de chagas irritadas pelos beijos da onda acérba.

Meditando da tristeza do seu destino, que se antolhava ermo e desconsolado, lembrou-lhe, de improviso, que desde criança guardava, com inviolado segredo, uma dadiva mysteriosa, que sua mãe lhe entregára, com a mão já fria, no leito de morte. Era um cofresinho quadrado, envolto em papel branco, lacrado, com esta inscripção em caracteres miudos: *Lembrança de tua mãe, para só abrires um mez antes do teu casamento.* Respeitara até allí, fielmente, a recommendação materna; muitas vezes soffrera necessidades de dinheiro, estreitas necessidades, e imaginára que aquillo podia ser algum objecto precioso; mas nunca se resolvera a rasgar-lhe o involucro: fôra uma antecipação, que se lhe afigurava sacrilega. Demais, pensando bem, que valor podia ter em moeda a dadiva de sua mãe, que morrera tão pobre?! E' certo que o pae, garimpeiro feliz da provincia de Minas, fôra em outro tempo, senhor de bons haveres; mas dissipára em jogo desenfreado todos os bens da fortuna aventureosa, e um dia, achando-se roubado na ultima importante parcella de sua riqueza, um fabuloso diamante, que até então conservava bem guardado, suicidára-se covardemente, deixando ao desamparo a viuva e o filho ainda infante. Mas naquella tristissima noite, desenganado para sempre, vendo fechado em trevas todo o futuro, assentou Raphael desvendar o segredo de tantos annos, depois de haver assim raciocinado consigo.

— Ou abro agora a caixinha ou nunca mais, porque eu, decididamente, já não caso:

Avivou a luz do lampeão que ardia no quarto, e tirando de uma canastrinha de viagem o mysterioso guardado, rompeu commovido, o envoltorio de papel amarellecido pelo tempo; achou uma caixinha de velludo roxo, abriu-a... Teve um deslumbramento! era um thesouro esplendido, um diamante enorme, fascinante, incrível, o maior que já encontrára, elle que muitos e riquissimos tinha visto! Tomou-o na mão tremula, mirou-o á luz: cegava; era uma pedra magnifica, sem fallha, sem jaça, rutilante maravilha!

— Estou rico! exclamou attonito. Era este o diamante que tantas vezes ouvi dizer que foi roubado a meu pae, e cuja perda lhe custou a vida! E accrescentou, chorando no intimo da alma: — Deus té perdõe, minha mãe, a tua santa culpa! bem caro paga hoje teu filho o desvario de teu amor: é inutil este thesouro: eu já nada ambiciono do mundo: conheço-o; é para os estupidos e maus; é para o sr. Luizinho; é para Laura... Esses hão de casar e ser felizes... Felizes?! e porque não? E eu que amo ainda tanto! tanto! misero de mim!

Escondeu a face nas mãos e rompeu em soluços convulsivos.

### III

Tres dias correram sem que Raphael sahisse do quarto, onde esteve fechado, noite e dia; na terceira noite, ordenou ao criado que lhe foi levar o chá:

— Diga a seu amo que preciso falar-lhe sem demora.

Dahi a nada entrava o estalajadeiro, e o ou-rives lhe dizia:

— Parto amanhã de madrugada; faça o favor de vêr a minha conta.

— Amanhã!... Mas o sr. Raphael a modo que está doente...

— E' o que lhe parece; não tenho nada. Veja sem demora quanto lhe devo; ainda tenho muito que fazer hoje.

O homem sahiu com a morosidade que entendia ser de boa delicadeza quando lhe pediam a conta, e pouco depois voltava com o quarto de papel garatujado e o apresentava ao freguez. Este leu a somma, pagou sem observação, e disse, fitando em face o negociante:

— Agora, por despedida, quero pedir-lhe um favor.

-- Dois ou tres, sr. Raphael.

— Esta caixinha é uma pequena encommenda do sr. Luizinho do armazem; já está paga; queira

entregar-lh'a em mão, amanhã mesmo, com esta carta. E boa noite!

— As suas ordens hão de ser cumpridas pontualmente. E agora até quando?

— Até breve; talvez para a semana... Boa noite!

— Pois boa noite, e boa viagem!

#### IV

No outro dia, estava o sr. Luizinho no armazem, que lhe dava a alcunha, quando o estalajadeiro veio ter com elle.

— Ora viva o sr. Luizinho!

— Bom dia... Sente-se, que estou muito occupado agora; ando ás voltas com os taes papeis do casamento... Olhe que é uma campanha!

— E quando é isso?

— Sabbado... se não chover.

— Pois o que aqui me traz não tem demora: o Raphael ourives...

— Sim!... Que sumiço levou esse malcriado? Olhe que outro dia estive para lhe dizer boas...

— Fez viagem esta madrugada; ficou de voltar p'r'a semana. Venho mesmo a mandado d'elle.

— Ahn!

— Deixou commigo, para lhe entregar, a sua encomenda, com uma carta.

— Eu não fiz encomenda nenhuma; estava-a fazendo... e até o desabrimento d'elle causou-me bem bom transtorno... Mas emfim, deixe ver isso.

Deu-lhe o estalajadeiro a encomenda e a misiva. Luiz abriu curioso a carta, relanceou por ella os olhos e metteu-a no bolso, fazendo-se circumspecto:

— Nunca pensei que o homem tomasse a serio a minha encomenda: foi uma loucura, das de noivo, sabe? mas, agora que está feita, é tratar de ser bom cavalheiro. Olhe só o presente de casamento que vou dar a minha noiva. Já viu algum dia joia mais rica, hein?

O estalajadeiro ficou boquiaberto deante da maravilha que, sem saber, trouxera ao outro.

Obra-prima de ourivesaria e prodigalidade como um principe poderia ter! era um alfinete de peito original e preciosissimo: uma grossa lagrima de brilhante gottejando de um punhalzinho de ouro.

— E' rico, sim senhor; mas é exquisito, homem! assim á primeira vista parece um punhal com uma lagryma;... e é que é mesmo, é...

— E' uma lagryma, não tem duvida, mas olhe que vale mais que todas as da senhora Magdalena arrependida, mais que todas as lagrimas do mun-

do! Nem calcula o dinheirão que isto me custa... contos de réis, homem!

— O Raphael disse-me que já estava pago. O sr. Luizinho metteu-se então em funduras...

— Homem, não: isto era uma divida perdida; o sujeito pagou-me com este brilhante. Podia ser peor.

— Isso agora é outro cantar. E quem lhe diz que o brilhante não é falso?

— Bem pode ser, não digo que não; mas como eu já não contava com a tal divida, tudo serve.

Despediu-se o estalajadeiro e sahiu. O sr. Luizinho leu segunda e terceira vez a carta; não entendia nada! dizia assim:

«Sr. Luiz. — Lembrei-me da encomenda que me fez e na occasião não acceitei e envio-lhe este alfinete de peito. Qualquer ourives daria por elle cincoenta contos de réis; mas não deixe de o dar, em seu nome, á sua noiva. E estime-a e respeite-a, faça-a feliz: é este o preço por que lhe vendo a joia. Pode dizer a sua mulher que o trabalho foi meu, como ella queria; mas exijo que não diga nunca, nem a ella, nem a ninguem, como obtive isto. Queime esta carta. — *Raphael.*»

— Seja como fôr, acceito muito calado, que não sou tolo, resolveu o sr. Luizinho. E faço um *figurão*. Mas pelo menos, devo convidar para o casamento o maluco do rapaz que se mostra tão interessado (cincoenta contos de réis!) em que a Laura seja feliz... Ha de se cuidar disso, meu caro, póde ficar descançado.

Dissera-lhe o estalajadeiro que a ausencia do ourives era por uma semana; adiou o casamento á espera d'elle; chegou a lembrar-se de o convidar para sua testemunha; mas passou-se a semana, passou-se um mez e Raphael não veio: celebrou-se sem elle o acto.

Na occasião de irem para a igreja, o sr. Luizinho offereceu a joia a Laura, dizendo-lhe que fôra, segundo o seu desejo, encomendada ao Raphael; a moça, fascinada de tanto esplendor, abraçou com effusão o noivo:

— Oh! agradeço-lhe muito! muito! nunca vi brilhante tamanho nem tão bonito!... A ideia do punhal e da lagryma é que foi infeliz e impropria... Só mesmo daquella cabeça...

Durante toda a festa, a joia foi objecto de geral admiração e manifesta inveja; as más linguas da terra chegaram a rosnar coisas feias a proposito de tão rico presente dado por quem não possuia muito; mas foi voto unanime que era um esplendor o alfinete da noiva, e o nome do artista andou de bocca em bocca. O mais mara-

vilhado foi o pae de Laura; mas, suspeitando algum mysterio criminoso, achou prudente nem se pôr com grandes admirações.

Correram annos e annos; o casal teve muitos filhos; e Raphael ourives nunca mais voltou, nem nunca mais se soube delle.

Rio Bonito, Dezembro, 1877.

LUCIO DE MENDONÇA



## O C O R D Ã O

(A MONTEIRO LOBATO)

«Macuco», o sitio de Mariano José Bento, estava sendo preparado ha muitos dias, para uma festança rara.

Os caminhos foram capinados, a casa levou duas mãos de cal, a prateleira, ha tanto esquecida, foi lembrada, ganhando uma duzia de chircas com florzinhas roxas.

No chiqueiro, duas leitôas, gorditas, andavam em ponto de levar faca.

No cercado diversos frangos, escolhidos, passavam regaladamente...

Ao fundo da dispensa, um bahu antigo e morgado, cheirando a roupas velhas, ficou até a bocca, abarrotado de cousas assucaradas: doces de aboboras, de cascas de laranja, de cidra, de batata e brevidades, cocadas, broinhas...

— Não ha duvida, dizia o Mariano puxando a barba, a casa vae ser estreita para conter o povoão que vem assistir o casamento da minha Luiza Maria. Pois até o Manéco Honório, com a familia completa, prometteu não faltar! E olhe que elle tem de subir a serra! Agora que se dirá dos outros?

Mas socegava ao lembrar-se que o terreiro era grande...

Luiza Maria cuidava do enxoval.

Antonio Pinto, noivo e primo della, inda andava pela freguezia do Rio Claro, *pechinchando*, com uns e com outros, na compra do que fosse indispensavel para a montagem da casa.

Fôra previdente. Dois annos consumira numa sovinnice damnada, juntando dinheiro. Mas as cousas andavam «p'ra hora da morte» e elle só poude adquirir o principal, desistindo a contra-

gosto, de muita coisinha posta na *lista*. Um carro de bois, estrada a fóra, cantando, baldeou para o «Itaquiry» as compras do noivo.

«Itaquiry» ficava perto do «Mactico». Era um bom sitio e só lhe encontravam como defeito sério, o pertencer ao João Mandinga, que lh'o arrendava por bom dinheiro.

\* \* \*

Chegou o dia do casamento.

De manhã, o Mariano chamou a filha e disse-lhe: — Olhe, Luiza Maria, como você sabe de sobejo, eu faço muito gosto nessa união. O meu sobrinho é um homem ás direitas! Você tambem tem dois braços que valem uma fortuna, não tem medo de serviço. E'. Vão formar um casalzinho que pode alcançar muita cousa no mundo. Mas...

— Que é meu pae? perguntou-lhe a filha assustada...

— É que não tenho grande cousa para lhe oferecer de dote.

— Ora, meu pae...

— A canastra de couro é pouco, é muito pouco.

— Mas...

— Quer saber de uma cousa? Vou dar-lhe a única joia que resta do meu tempo de fartura. Vou dar-lhe o cordão...

— P'ra mim?!

— P'ra você mesmo.

— Deus lhe pague, meu pae... E o senhor deixa que eu leve tambem o «Crô-Cró»?

— *Ora essa!* Pois o «Crô-Cró» desde patinho é seu mesmo...

\* \* \*

Chegou a hora do casamento.

Quando a noiva sahiu do quarto, toda a gente encompridou a vista, de espanto, vendo-a com um enorme e lindo cordão de ouro, brilhando-lhe no pesçoço.

O João Mandinga, presente, não se conteve. Poz-se a estalar os dedos no bolso. Depois com o bom pretexto de dar parabens e de pedir um botõesinho da grinalda, chegou rente da noiva, para melhor *avaliar* a joia.

\* \* \*

Já fazia um anno que Luiza Maria estava casada.

No «Itaquiry», as cousas não corriam pelo melhor. Antonio Pinto cuidava pouco daquellas terras que não lhe pertenciam. Tinha como tolice rematada fazer bemfeitorias em terreno alheio.

E por causa disso viviam sem conforto. A ca-

sa pedia urgentes reformas, as cercas já não seguravam os animaes, o pasto praguejava...

— Quando os ipés florescerem, finda-se o arrendamento, disse um dia Antonio Pinto; ahi...

— Ahi o quê? perguntou-lhe a mulher.

— Ahi tomarei uma decisão que preste. Isso de viver «sem eira nem beira» não é commigo. Hei de comprar um sitio, seja onde fôr, á vista ou a praso, custe o que custar...

— E porque você não compra o «Itaquiry»?

— Ora, Luiza Maria...

— E porque não?

— Comprar o «Itaquiry»... É, seria mesmo «um pão e um pedaço», mas não sei o que tem o Mandinga, desde o nosso casamento. De cada vez que nos vemos, principia a gabar o «Itaquiry», arrematando sempre a dizer elle vale ouro.

— Isso é tactica. Decerto o Mandinga anda com tenção de subir o preço do arrendamento e se põe a gabar-o desse geito.

— Que cousa! exclamou Antonio Pinto olhando para fóra. Bem diz o dictado que «falar no mau é apromptar o pau».

— Porque?

— Pois o «homem vem vindo.

— Não diga!

Já no terreiro o João Mandinga berrava um «ó de casa!» com toda a força dos pulmões.

— Vá se chegando, seu João; vá se chegando e apeie, respondeu-lhe Antonio Pinto, solícito.

— *Bastarde, Antónho.*

— Bôa tarde. Entre e sente-se.

— Como vão *mecêis*, de calô, por aqui?

— Assim... assim, seu João. E que bons ventos «lhe» trouxeram em visita á gente?

— Não é visita, meu amigo. É *p'ra môr* de outra *coisa*. Vô usá de franqueza. *Nein* quero *fazê arrodeios*. Vim prepô um negocio da china, *p'ra mecêis*.

— Que negocio é?

— *Oie, inté* agora andei de nó na lingua. Mas o nó vae se *desatá*.

— Pois fale, seu João.

— É simpres. Fiquei com *enguiço* por aquelle cordão de nhá Luiza Maria. Como *sô hôme* que se *apincha* numa tranzação, acho que devem *aporveitá* a febre. *Dô* o «Itaquiry» em troca do cordão e sem *vorta*.

— .....

— Que me *arresponde*? Veja que é uma barganha de se *acceitá c'as duas mãos*.

— Por mim *acceitava*, até já. Mas o snr. sabe: elle é da *patrôa*... Vou ver si ella quer.

— *Puis vae.*

E Antonio Pinto foi consultar a esposa, encontrando-a a debulhar lagrimas. Ouvira a proposta e não queria...

— Que pranto mais desperdiçado Luiza Maria! Não chore. Uma vez que não é de seu gosto, está tudo acabado. Mais vale a nossa harmonia do que todos os «Itaquiry» da terra!

Deixou a mulher enxugando os olhos e voltou á sala. Disse ao Mandinga que lhe desculpasse o recusar-lhe o negocio. Era uma grande massada e sentia demais, porém, o cordão era dessas cousas que não têm preço.

João Mandinga não insistiu. Não insistiu, mas tambem nem o café quiz esperar. Montou a cavallo e disse: — «*Não fais má. Vanceis* hão de se *arrepêdê*. Hão do *torcê* as *oreia*, mas sangue não ha de *sahi*».

E lá se foi, desconsolado, rilhando os dentes, disposto a não renovar o arrendamento do «Itaquiry» quando os ipés florescessem.

Como era natural, a proposta do Mandinga ficou sendo no «Itaquiry» o assumpto predilecto e obrigatorio de todos os dias. E isso acontecia sem a interferencia de Antonio Pinto. Elle não procurava geito algum para influir a mulher a que cedesse o cordão. Não! Embora curtisse esse desejo, intimamente, tinha escrupulos de demonstrar-lh'o.

Assim conseguira reprimir-se, de cada vez que Luiza Maria se punha a discutir o caso.

Certo dia o ceu se mostrou carfancudo.

Não tardou, porém, que a artilharia dos trovões ribombasse e as nuvens, após as vergastadas do vento, se despejassem num aguaceiro tão pesado como não havia em memoria daquella boa gente.

Foi uma derrama! Parecc que o mundo se acabava!

No «Itaquiry» os estragos calaram fundo. Cercas, porteiras, paiol e arvores derrubadas. Parte da casa descoberta... Um horror!

— Como é? dizia Luiza Maria, depois da tempestade, a espiar as ruinas. Como é?

— É como já lhe disse, cubró a casa...

— E o resto?

— O resto fica assim mesmo. Não mudo uma «palha». Vou é pegar a minha «matadeira» de formigas, que tanta sorte já me deu e saio por esse mundo a fóra, amontoando «cobre». A meio

cruzado cada «olheiro», garanto que já terei ajuntado com que comprar um sitiosinho, antes que appareçam as içás.

— E eu?

— Você fica na casa de meu sogro.

— Ora, Antonio Pinto... Não haverá por acaso, um geito d'eu ir também?

— Não ha geito nenhum.

— Isso é o que havemos de ver...

E ficaram pensativos.

No dia seguinte, Antonio Pinto, logo depois do café, pegou a tal «matadeira» de formigas, machina de madeira, toda cheia de folles e canudos, inventada por elle mesmo, e levando-a ao terreiro, poz-se a limpal-a cuidadosamente.

Luiza Maria, vendo-o assim tão disposto a cumprir o promettido, reflectiu algum tempo e depois, disse ao marido não querer que elle a deixasse em casa do pae, sósinha, para sahir pelas estradas, feito mascate...

— Você não quer? Pensa que vou fazer isso para meu regalo. Pois está muito enganada. Mas também não estou disposto a continuar, como até agora, «um pé rapado». A minha quéda é pela roça. Preciso ser dono de uns bons alqueires de chão.

— Pois isso é a cousa mais facil. É só ficar no «Itaquiry».

— De quê geito, Luiza Maria? Por acaso eu fizei a sorte grande?

— Não tirou a sorte grande, mas tem o cordão.

— Você fala a serio, ou está brincando?

— Falo a serio.

— Ué! que revira-volta é essa agora?

— É que tenho imaginado tanta cousa, Antonio Pinto. Olhe: o cordão é presente de papae, isso é verdade; mas é um artigo de luxo, que vive ahi na canastra, á tôa; sim, porque botalo no pescoco, mesmo em dia de festa, não tenho coragem. O que haviam de dizer? Nem «um logar p'ra cahir morto» essa gente tem? Tudo isso eu pensei. Ora, o Mandinga dá o «Itaquiry» a troco do cordão. Porque hei de me fazer de rogada? P'ra que? Seria tontura refinada! O «Itaquiry» é bom sitio, fica perto de papae, não é longe da parentada; arranjadinho por você, virava um paraizo! Inda mais que o mundo para mim está nesta redondeza!

Antonio Pinto escutava, encantado.

— Vamos, continuou ella. Hoje mesmo, sem falta, damos uma chégada ao «Macuco». Contarei tudo ao papae, «tim-tim por tim-tim» e ga-

ranto em como elle não desaprova o negocio. Ahi você corre ao sitio do Mandinga, agrada o homem, pede-lhe desculpas, realiza a barganha e o «Itaquiry» fica sendo nosso. Não acha bom?

— Acho bom demais, Luiza Maria. A felicidade entrou nesta casa, hoje. Aquella coruja que tanto agoirou, na figueira secca, perdeu o tempo. O meu sonho, o sonho ruim que tive na noite *retrazada* não foi aviso.

— Que sonho ruim foi esse, agora?

— Pois sonhei que iam roubar o cordão! Sonhei que... nem sei direito o que sonhei. Foi uma atrapalhada dos «quintos».

— Como você está ficando exquisito... Não contou nada para mim!

— Eu? Contar o sonho p'ra você? Eu, não! Você podia dizer que era um geito arranjado para influir...

— Está bom, Antonio Pinto. O melhor é deixarmos disso. O que já foi, foi. Vamos é pegar o cordão e fazer o que eu disse, o quanto antes. Estou afflicta. Póde succeder que o Mandinga já não queira, ou morra...

Instinctivamente o casal se dirigiu ao quarto.

Luiza Maria abriu a canastra e, mesmo sem olhar, poz a mão no cãntinho onde devia estar o precioso cordão. Sim, devia estar porque já não estava.

— Você buliu aqui, Antonio Pinto?

— Eu? Ora e essa!...

Ella apalpou todo o fundo da canastra, mas não encontrou o objecto procurado. Já nervosa, tirou, ás braçadas, tudo o que estava dentro e... só lhe viu o fundo, limpo! Então, pegou as roupas, peça por peça, vasculhando-lhes as algibeiras, todas,meticulosamente. Mas nem signal!

— Meu pae do ceu! Aonde está o meu cordão?

E Luiza Maria, com as mãos na cabeça, desandou num choro de creança batida.

Antonio Pinto, ajoelhado, rente da canastra, não queria acreditar. Também remexeu tudo e também nada encontrou.

Num desespero horrivel, procuraram pela casa toda. Revolveram até a cinza do fogão! Nada!

Promessas, rezas, exclamações e blasphemias não conseguiram pôr o cordão á mostra. Elle se *derretera*!

— É castigo! dizia Luiza Maria, inconsolavel e sem arrumação. Parece obra do sacy ou do «tinhoso».

Antonio Pinto emmudecera. Com a cara fechada, pensava em João Mandinga.

Si aquelle pobre casal de roceiros morasse em Londres, em Pariz ou em New-York, naturalmente não se conformaria com o succedido e, sem demora, pressuroso, recorreria á «infallibilidade» de um policia amator. Assim, um bigodudo Nick Winter ou um Scherlok qualquer, após a cachimbada costumeira, por-se-ia logo em campo e em «tres tempos» descobriria as pégadas fresquinhas do...

Mas nós bem sabemos que o Itaquiry fica no Brasil, no Estado de São Paulo, alli no municipio de Rio Claro. Depois, note-se que o Estado de São Paulo inda não tinha a policia de carreira e em Rio Claro não estava aquartelada uma secção de metralhadoras. Depois, naquelle tempo do «Imperador» quem é que sonhava com o cinema? Nem Julio Verne... Quem é que comprava espalhafatosos romances policiaes a trezentos reis o fasciculo?

Itaquiry era apenas um sertão bravo, onde onças miavam em noites de luar...

O pobre casal não teve outro remedio, sinão o de se conformar com o mysterioso acontecimento. Era incrível, mas não achavam uma explicação rasoavel, para tudo aquillo.

A canastra ardava, á beira da cama, fechada a chave. Largar a casa sósinha, foi cousa que elles não fizeram. Hospedes elles não tiveram...

— É assombroso, disse o Mariano, ouvindo a triste narração. É para pôr uma pessoa sem juizo! Depois de um largo tempo de cogitações, continuou: — «Mas o João Mandinga não foi. Tenho tanta certeza disso que sou capaz de jurar sobre a innocencia delle. Conheço-o desde criança. É incapaz de roubar.

Antonio Pinto ouvindo aquella solemne afirmação na bocca do sogro, velho respeitado e serio, profundo conhecedor dos homens, tirou um peso do coração e suspirou, como que alliviado de uma idéa tragica.

— Vou dar-lhes um conselho, meus filhos, continuou o Mariano. Acho bom que vocês não pensem mais nisso. Não comecem a esquentar a cabeça á tôa. É bobagem. Tratem agora é de trabalhar com afinco. Vão fazendo as suas economias, devagarinho. Mais dia menos dia comprem o «Itaquiry». Contem commigo. Ajudal-os-ei com o que estiver nas minhas forças.

O casal resolveu seguir os conselhos do Mariano.

Antonio Pinto começou, pois, a pôr em ordem todas as cousas do sitio. Ia fazer de conta que aquillo era delle. Fez planos. O «Itaquiry» havia de ter horta, pomar, roças, bôa casa, pastagens bem cercadas, monjolos e até um jardinsinho havia de ter.

Depois de outros arranjos, resolveu, um dia, dar uns retoques na habitação, tão avariada pela tempestade. Começaria do alto.

Em cima da casa, montado num barrote de coqueiro, assobiando arranjava o sapé da coberta, quando, por accaso, ao olhar p'ra baixo, viu o «Crô-Cró», que como sabemos era o pato de estimação de Luiza Maria, viu-o dentro da canastra, deitado nas roupas.

De subito uma suspeita surgiu-lhe na imaginação e cresceu. Tinha sido o «Crô-Cró». Pato é de uma voracidade inconcebivel! Engole tudo. E «Crô-Cró» morava dentro da casa, vivia por toda a parte. Quem sabe si encontrara a canastra aberta, como naquella hora, aboletara-se dentro, descobrira o cordão e... engulira-o!

la matar o «Crô-Cró».

Desceu da casa e foi contar tudo á mulher.

— Matar o meu querido «Crô-Cró»? disse ella, protestando. Não quero Antonio Pinto. Não foi elle. Não ha perigo. Um cordão daquelle tamanho! Depois si fosse elle, havia de estar doente...

E Luiza Maria defendeu o «Crô-Cró» da melhor forma que ponde.

E Antonio Pinto não matou o «Crô-Cró». Não o matou aquella hora, como determinara.

Mas no dia seguinte, amollava uma enxada, sentado na soleira da porta, quando viu a mulher sair com uma lata e encaminhar-se para o correjo em busca de agua.

Não resistiu mais.

— Ah! seu «grandississimo» tratante, disse elle pegando o pato. Com que então já não chega o milho, nem os restos de comida, nem bolachinhas? Agora é avançar em tudo. Papas finas: cordões de ouro...

E de repente, para não dar tempo ao arrependimento, torceu-lhe o pescoço. O pobre pato, que até alli, todo contentão, esperava por alguma guloseima, esperneou, os olhos vidraram-se-lhe, estava *prompto*.

Foi então agarrado novamente e aberto á ponta de faca.

— Eu não disse! gritou Antonio Pinto, como doido, olhando para dentro do papo do «Crô-Cró» onde avistara umas fagulhas rebrilhantes. Eu não

disse? continuou elle, correndo, sujo de sangue, ao encontro da esposa. Veja! Veja, Luiza Maria! E mostrava-lhe o papo aberto do palmipede.

Luiza Maria largou da lata d'agua.

— Você matou o meu «Crô-Cró»? Você... Eu já sabia que o fim delle era este mesmo. Toda vida você não gostou delle. Era cada ponta-pé.

— Não se zangue, minha Luiza Maria. Seja razoavel. Olhe que era preciso tirar as duvidas. Agora estou mais descaçado. Matei o «Crô-Cró». Mas você nem deve ter dó delle. Fez o papel daquella vibora que sendo salva pelo calor dum homem, quiz mordel-o. «Crô-Cró» não era pato.

— Então o que elle era?

— Era uma vibora, Luiza Maria. Era uma vibora damnada! Hei de comel-o com arroz!

\* \* \*

E assim, parece que a historia se acabou, terminando naquella noite, com uma ceia de pato e arroz.

Mas não se acabou ainda. Falta mais um pedacinho. Contemol-o:

O tempo, que é tambem distancia, deixou lá longe, em ponto pequenino, quasi esquecida, a historia do cordão.

Os conselhos do Máriano fructificaram.

O «Itaquiry» estava outro. Quando os ipés florescia já se não falava em arrendamento. João Mandinga, sabedor que foi do sumiço do cordão, ficou mudado, virou uma «seda». Sem ninguem pedir, offereceu o «Itaquiry» a praso, a praso bem largo.

Antonio Pinto acceitou o offerecimento. Acceitou-o e depois não teve descaço. Si por um lado amortisava a divida, muito de vagar, por outro, melhorava o sitio. Construiu boa casa, fez pomar e horta, conseguiu pastagens bem cercadas, assentou o monjolo e o jardinzinho sahiu.

Luiza Maria tinha filhos. Um delles, o José Miguel, ou Zé Miguel como era tratado, já andava nos 6 annos. Era o queridinho, mas trabalhava, como trabalhavam todos naquella casa.

O mais velho ralava mandioca, para fazer polvilho; o do meio fazia um pouco de cada cousa, e elle, por ser o menor, ficava ajudando nos arranjos de casa.

Pois bem. Certa manhã, Zé Miguel pegou na vassoura de guanxuma e foi varrer o quarto. Como soffresse da mania dos arranjos, verrumava-lhe a *cachola* o desejo de dar uma nova disposição aos moveis do quarto de seus paes.

Sem dizer palavra á mãe, tratou de executar o plano concebido.

Principiaria mudando a canastra.

— Mudar a canastra! Ha quantos annos dormiria ella naquelle canto?

Fez alavanca com o cabo da vassoura e começou a empurrar a canastra, mas... os seus olhos o deslumbraram. Dentre as taboas e o couro, em baixo, num logar furado, surgira a ponta de um cordão de ouro.

Ora, Zé Miguel que sabia a historia, de cór e salteada, foi pulando e gritando, chamar a mãe.

Pouco depois estavam todos no quarto, estupefactos.

Antonio Pinto abaixou-se e puxou a ponta que apparecia.

O cordão, o *derretido*, o chorado cordão, sahiu... inteirinho.

— Ah! que cousa exquisita, meu Deus! exclamou Antonio Pinto, batendo na testa. Que cousa extraordinaria! Na minha vida garanto que não chegarei a ver outra igual. Façam idéa... Tanto quebra-cabeça, tanta choradeira, tanto mau juizo e... o cordão tão bem guardadinho ahi. Guardadinho por estas minhas mãos!

— Como é Antonio Pinto? Como é que você disse?

— É, Luiza Maria. Só agora, por esta casualidade, dez annos depois do succedido, é que me lembro como foi. E quem havia de dizer? Pois foi durante aquelle sonho ruim. Sonhei que iam roubar o cordão e sonhei tambem que o escondi aqui. Até parece que estou vendo como foi.

— E não ha de ver que podia ser mesmo? Mas... e as faiscas de ouro no papo do «Crô-Cró»?

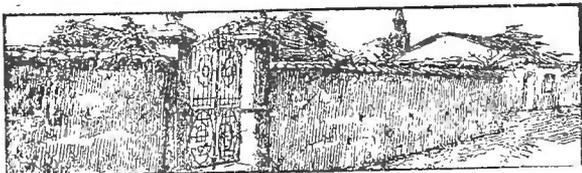
— Aquellas faiscas que brilhavam? De certo nem eram de ouro, Luiza Maria. De certo eram pedacinhos de qualquer metal amarello.

— No emtanto, continuou Luiza Maria, no emtanto *o pobre pato é que pagou o...*

\* \* \*

Emquanto o facto corria ligeiro, contado por toda a gente daquellas redondezas, o cordão *deu hora*. João Mandinga acceitou-o pelo resto da divida, que ainda era bem grande.

Para festejarem a escriptura de quitação, passada semanas depois, na freguezia de São João Baptista de Rio Claro, Antonio Pinto e Luiza Maria fizeram muita cousa no «Itaquiry»: jantar, reza, ceia, baile, desafios e um animado *racha-pés*.



## O ARREPIO

A caminhada fôra longa, embora feita lentamente, porque não tínhamos pressa nem destino. Não será a melhor maneira de repousar idéas, de adormecer preocupações, de preparar o espirito para um jantar appetecido e para uma noite reparadora, andar a tôa, uns vinte minutos, meia hora, a pé, em companhia de alguém com quem se esteja em intimidade absoluta, assim pelos crepusculos de verão, nas tardes ventiladas, quando já desapareceu o calor afogueante dos ultimos raios do sol, quasi horizontaes?

Se não estavamos, na verdade, cançados, punham já os nossos musculos uma certa indolencia na marcha e uma lassidão agradável se insinuava nas pernas, nos braços em abandono e chegava mesmo ás nossas espaduas. Assim o convite mado mas persuasivo, daquelle banco sob a aparada fronte do city, perto dos massiços em flôr, sendo opportuno, foi aceito com agrado por nós ambos.

— Um cigarro!

— Se não for muito forte...

Era de fumo fraco. O meu amigo aceitou-o e entrámos a fumar com preguiça, os olhos perdidos no mar immovel da enseada, nos claros palacios da Praia Vermelha, até o céo, do outro lado das pedras. Carros passavam, de volta de um enterro, seis, oito em fila, apressados, empoeirados, conduzindo sujeitos vestidos de preto, as faces a reluzir das fricções violentas dos lenços enxugando o suor. Em sentido contrario passou um elegante double-phaeton de 40 cavallos, rapido, e um instante brilharam vestidos frescos de verão e véos e gazes de côr, *echarpes* que fluctuaram nervosamente para fóra da *carrosserie*...

— Quem é?

— Não sei, não pude ver.

E a poeira implacavel que se levantava na estrada e subia até nossos olhos, bocas e narinas, fez-nos voltar com desgosto a face para o outro lado. Ao mesmo tempo o meu amigo estremeceu dos pés á cabeça.

— Que foi isso?

— Foi o arrepio, respondeu-me a rir, apontando com o dedo o mirante de um dos mais

altos predios da cintura de construcções. Era um predio novo, dos mais bellos da nossa epoca, producto dessa especie de renascimento architectonico que se manifestou quando a bem amada cidade do Rio de Janeiro resolveu finalmente reagir contra a tyrannia inesthetica dos mestres de obras, classe execravel de utilitaristas sem inaginação, sem idéas, sem gosto e sem responsabilidade profissional. Era uma casa alta, de linhas graciosas, ao sabor flamengo, com um dos lados se projectando em torre até grande altura. Não estava concluida, mas não se via senão um andaime, exactamente no mirante, dando-lhe a volta toda e sem pontos de apoio do lado exterior. Não passava de uma platibanda feita de taboas ligadas umas ás outras, conjugadas provisoriamente, todo o apparelho preso pela parte interna da casa. Não tinha mais que tres palmos de largura e sobre o estreito passadiço estava um homem agachado, provavelmente o operario que reunia os seus utensilios, acabada a tarefa.

— Tiveste receio que o homem viesse abaixo, perguntei, quando o operario se retirou.

— Não...

— Soffres da vertigem das alturas?

— Também não. E se soffresse, não havia risco porque eu estava em baixo. Queres a explicação do meu arrepio?

— Está claro que sim.

— O arrepio vem todas as vezes que vejo alguém trabalhando numa torre ou mesmo em qualquer andar mais elevado, em equilibrio sobre uma taboa que se projecta fóra das fachadas.

Hoje foi a vez daquelle pobre homem.

Vem-me o arrepio porque me lembro de certo factó, já muito remoto, que me causou uma terrivel sensação, sem, entretanto, no momento, fazer-me estremeecer.

Eu cursava o primeiro anno de direito, numa Faculdade de provincia.

Tinha uma boa roda de amigos na turma. E nessa roda havia de tudo: o estírdante modelo, vivendo apenas para o compendio — classe de moços que até a terminação do curso fecham todas as portas deslumbrantes da vida e se contentam com a miseravel janela do exacto e acanhado cumprimento dos seus mesquinhos deveres academicos; o alumno brilhante que se não vê estudar e presta excellente exame; o repente eterno, que sempre tem a sorte de encontrar um professor sem entranhas, reprovador desalmado, poço de odios pessoases; outro que, para não per-

der uma hora estudando um ponto, compreendendo-o, gasta duas aparelhando o material de fraude para as provas, com muito engenho mas sem a assimilação de uma só idéa; e até mesmo o que sem estudar durante o anno, sem o menor cabedal armazenado, consegue por um prodigio de presença de espirito, dizer coisas certas em banca. Moravamos oito na *republica*. Tínhamos a casa toda, uma casa térrea, situada na praça, em frente á Cathedral.

Certa ocasião — a epoca de exames vinha perto — eu estava abancado na sala da frente, devorando os pontos de Direito Romano, quando subitamente no interior estalou uma algazarra, uma alteração. Mal reconheço a voz de dois collegas em disputa, eil-os atravessam a sala como um pé de vento, um perseguindo o outro, e, saltando a janela baixa, caem no passeio, ganham a praça que um alvo lençol de areia cobria e por ella continuam a desabalada carreira. Eu deixara o livro, interessado na aventura, acompanhando as peripécias daquelle sport improvisado.

A praça não era muito grande, de sorte que eu podia seguir todos os movimentos dos companheiros. O perseguido conseguia manter o outro a distancia de seis a oito metros. Varias vezes fizeram a volta á praça e de cada vez que passavam em frente á janela mais afoguerdos vinham, mais excitados e cada qual menos disposto á rendição. Inda lires soltei um grito: — Malucos! Ambos viraram os rostos rubros e risonhos para o meu lado e continuaram a correr talvez mais animados.

Um era magro, outro era gordo. Parece que o gordo, com o meu grito, ganhara certa vantagem. O magro, o perseguido, logo viu isso e enfiou pela porta aberta da igreja, defronte. E o gordo passou atraz delle. Eu repeti para mim mesmo: Malucos! e ia abandonar a janela, voltando ao livro.

A manhã estava fresca e alegre. O sol nascendo no oitão de nossa casinha, batia em cheio nos predios fronteiros. A Cathedral, toda branca, mais branca estava do sol. A brisa que corria rente ás casas do lado ensombrado era uma caricia boa. Creadas regressavam do mercado, os cestos abarrotados de legumes. Creanças brincavam de roda e cantavam, á sombra de um castanheiro. Mas, uma pancada de sino, uma pancada secca, falha, de resonancia aspera, veio tirar-me da contemplação em que estava mergulhado. Levantei, instinctivamente, os olhos para as torres alvas da Sé e, de repente, na torre do

lado esquerdo, vi surgir da mais alta janela, da ultima ogiva, a figura do magro. Deteve-se um instante. Avançou o pé, experimentando a platibanda. Passou para fóra, deitando logo a correr. Não tinha ainda desaparecido do lado de lá da torre e o gordo já transpunha tambem a ogiva, ganhando a platibanda e disparando empós do outro.

Essa plataforma não chegava a medir tres palmos de largura — na tarde desse mesmo dia fui verificar — distava do sólo, meu caro, apenas quarenta e cinco metros. Não tinha corremão ou balaustrada, nada que se parecesse com um vago ponto de apoio. Pois, foi por ahí mesmo que, durante uns tres infinitos minutos, vi em voltas successivas, o magro passar perseguido pelo gordo o gordo perseguindo encarniçadamente o magro. Eu tinha o coração pequeno, apertado, e creio que a minha emoção ainda era maior quando algum dos dois, ou, ás vezes os dois ficavam occultos pela torre. Eu acompanhava, suspenso, a pavorosa carreira: o magro... o gordo... o magro... o gordo... o magro... o gordo... De repente — e nunca mais tive sentimento de alivio tão grande — o magro desapareceu pela ogiva. O gordo seguiu-o. Respirei. Estavam salvos.

Na dia seguinte, voltados á razão os contenedores, fizemos a nossa mudança para longe da Cathedral. E ali tens a historia do calefrio...

OSCAR LOPES

MONTEIRO LOBATO

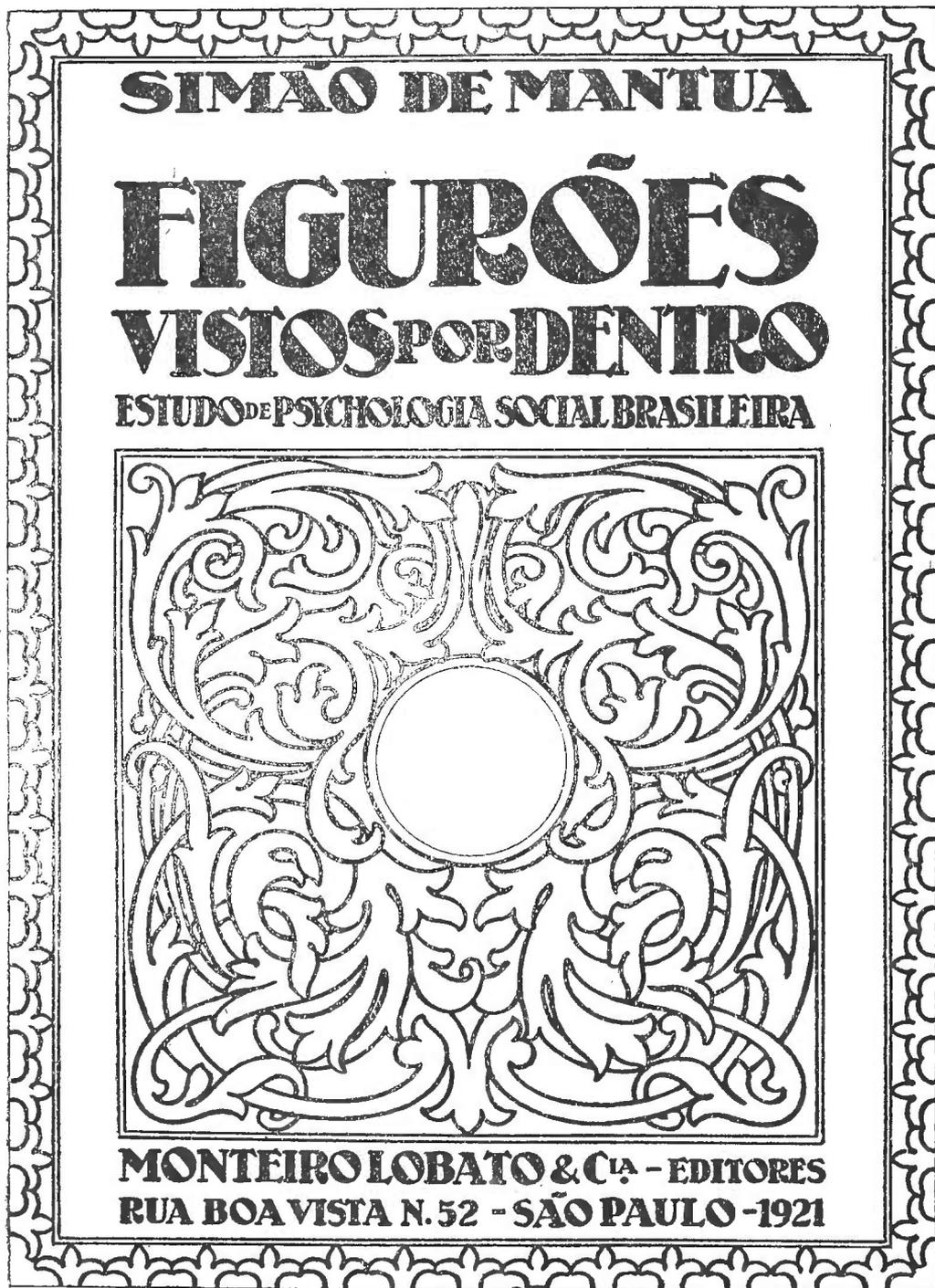
## OS NEGROS

N. 2 DA NOVELLA NACIONAL

*Preço 1\$000*

PEDIDOS Á  
SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO  
RUA ABRANCHES, 43 - CAIXA, 1172 - S. PAULO

**Acaba de aparecer:**



**Preço 4\$000**

# SUPPLEMENTO



## CRITICA

“Juntamente descobridora e creadora de belleza, guia solícita e amavel entre o intrincado labyrintho que é o contradictorio mundo das ideias actuaes, clarividente perceptora de todos os matizes e aspectos da obra de arte e do espirito que a produz, a critica moderna é o genero prestigioso e attrahente que, abraçando todos os outros generos, mais voga adquire todos os dias na literatura universal. Não a imagineis, de accordo com a preocupação vulgar, como uma senhora sisuda e rigida, que esquadrinha as faltas para condemnal-as com rigor, como pôde ser nos tempos de Boileau, Despreaux e ainda posteriormente. É, antes, uma musa alada e graciosa, enamorada e agil, cujas virtudes são a curiosidade de todo conhecimento, a sympathia, a comprehensão e a tolerancia e que, percorrendo airoosamente os jardins da arte, da sciencia e da vida, vae assignalando com sua varinha magica cada flor aberta á sua passagem, emquanto a sua palavra inquieta, variada e pittoresca, tece, sobre taes motivos, commentarios mais bellos e profundos ás vezes que o proprio objecto que os suggerere. Assim a conceberam e realisaram esses mestres sabios e elegantes que se chamam Renan, Taine, Sainte Beuve, Macaulay, Saint-Victor, Matew Arnold, De Sanctis ou D. Juan Valera.

«Um excellent critico — disse Voltaire — seria um artista que possuísse muita sciencia e gosto e que estivesse isento de prejuizos e de inveja.» Eis aqui uma definição excellent que

assignala as condições fundamentaes e difficeis de reunir que tão alta actividade intellectual exige, ou sejam a intuição artistica, que logra penetrar na propria alma das coisas, o saber e o bom gosto indispensaveis á comparação, á reflexão e analyse, a imparcialidade e inteireza moral, que outorgam sinceridade ao juizo e permittem reconhecer, sem obstaculos, a summa de verdade, de bondade e de belleza que possa caber sem toda espécie de ideias e em toda forma de arte.

Affirmemos uma vez mais que a critica, bem entendida, não é sómente obra de analyse mas tambem obra de grande e fecunda criação. Porisso os ensaios de critica scientifica ou *estopsychologia* como a chama Hennequin, só podem adquirir valor indiscutivel sempre que, ao seu methodo analytico insuperavel, juntem a capacidade de synthese e a belleza de expressão de um espirito artistico. A grandeza do trabalho critico de Taine está tanto em suas systematicas construcções sociologicas, buscadas no estudo de obras literarias, como na côr, no movimento e na riqueza do seu estylo, sem o qual aquellas viriam a ser pallidos esquemas incapazes de suscitar um fundo interesse e de suggerir profundas ideações.

MELIAN LAFINUR



## DA “ARTE de FURTAR,,

Vieira ou alguem por elle, na «Arte de furtar», affim de nos mostrar como devem os governos bem remunerar os seus servidores, para que por suas proprias mãos não se paguem estes em dobro, figura-nos interessante parabola, uma das mais bellas e expressivas que se conhecem e que tanta eloquencia tem, quanta graça resumbra.

«Tenham todos por certo, que, se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos e remunerações dos serviços que lhes fazem . . . — conclue o incognito pamphletario.

Mas não nos dilatemos de antemão nas conclusões, quando ainda o feito não referimos.

Precavenha-se o leitor contra as rebarbas de dons ou tres aichismos de maior tomo, uma ou outra expressão vernacula esquecida e leia a bella pagina, capitulo VI, paragrapho 16 :

### «COMO NÃO ESCAPA DE LADRÃO, QUEM SE PAGA POR SUA MÃO

A um cego, desses que pedem por portas, deram em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, e que se pode pizar, tractou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava: e para isso concertou com elle, que o comessem bago e bago alternadamente; e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar si o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo que seu amo falhava no contracto, calou-se e deu-lhe os cábes a ternos: não lhe esperou muito o cego; e ao teroeiro invite descarregou-lhe com o bordão na cabeça. Gritou o rapaz: porque me daes? Respondeu o amo: porque contratando nós que comessemos igualmente estas uvas bago a bago, tu comes a tres e a quatro. Perguntou-lhe então o moço: e quem vos disse a vós que fiz eu tal aleivosa? Isso está claro, respondeu o cego; porque faltando-te eu primeiro no contracto, comendo a pares, tu te calaste sem me requereres tua justiça, e não eras tu tão santo que me levasses em conta, nem em silencio a minha sem-razão, senão pagando-te em dobro pela calada.»

Leram? Comprehenderam?

A um cego, que de porta em porta mendigava, em certo lugar deram de esmola um cacho de uvas. Ora, alforge de pobres resguarda-se mal, tanto porque, pela fome de seus do-

nos, nelle nada sóe permanecer guardado, como porque, cevadeira inconsistente, de tecido, nelle só se guarda mal aquillo que se pode amassar e esmigalhar. O cego, pois, tratou de garantir-se as uvas, antes que se pizassem, combinando com o seu guia o comerem-nas irmanmente, bago a bago. E depois de quatro idas e vindas ao cacho, não podendo com os olhos assegurar-se da lealdade do servo, imaginou o cego faltar ao promettido, comendo aos pares os bagos e pondo assim à prova o contracto com o outro. Não protestou, calou-se o moço e «den-lhe os cábes a ternos», que é como se dissessemos — «passou-lhe a perna», comendo a tres e tres... Não se fez esperar alarmado o velho e, ao terceiro golpe assim multiplicado, desancou-o a bordoadas de legitimo bordão.

(Que mais apreciar ali?)

A belleza do estylo, caracterisado pela boa regencia prepositiva, pela ordem inversa sempre que o pronome sujeito apparece, pela força dos verbos e expressividade dos termos, caracteristicos de uma epoca? Ou o amplo e dilatado da verdade moral, applicavel universalmente a tantos casos da diuturna pragmatica?



O NOME BRASIL — F. ASSIS CINTRA — Monteiro-Lohato & Cia. — São Paulo.

Depois do apparecimento de meia dúzia de obras notaveis, estamos em São Paulo em pleno florescimento da mediocridade. Dos nossos ultimos livros salva-se apenas a intenção, a louvavel intenção de trabalhar e produzir.

A tudo, porém, sobrepaira consoladora constatação: a industria editora se firma e consolida. E' para o que valem os maus livros — dão a medida de resistencia do meio... e attestam a elasticidade do commercio livreiro. Assim, o progresso do negocio editorial anda hoje na proporção inversa da qualidade da materia-prima intellectual e artistica. Pois, si quanto mais molins as obras, mais prospera a industria...

Não está bem nestes moldes o livro do prof. Assis Cintra (Assis com S). O seu — O nome Brasil — representa um trabalho valioso de investigação e methodo, trabalho completo, exhaustivo, de analyse e documentação. Estudando todas as hypothèses, pró ou contra uma ou outra graphia da palavra Brasil, inclusive as mais absurdas, o auctor se revelou um crítico de admiravel sangue-frio, que, não contente de refutar as opiniões respeitaveis, refutara-as todas, uma por uma, com grandes gastos de erudição.

Em meio desta florada rachitica, fez obra consistente.

QUESTÕES DE PORTUGUES — F. ASSIS CINTRA — Weiszflog & Irmãos — São Paulo.

Não se dirá o mesmo do livro «Questões de portuguezs», em que o mesmo professor se compraz em resolver

questionoulas de grammatica puramente formal. E' um amontoado de observações estreitas, sem ordem nem methodo, sem espirito nem folego.

Imaginavamos que no Brasil já passáramos o periodo da grammaticque pelo prazer da propria grammaticque e que, já ha muito, haviamos entrado em uma phase nova de estudos methodicos, elevados e largos, altamente inspirados num pensamento superior, preoccupados com entender e explicar os phenomenos da linguagem. Era já tempo, parece, de dar alma a essa coisa terrifica — a grammatica. Pois ainda não somos capazes de fazer algo como a philosophia da linguagem?

Talvez, não. Se agora, depois que Mario Barreto nos deu uma serie de estudos «liberaes» de portuguez, os quaes são um encanto o uma delicia de vistas largas, de espirito e de elevação, descahimos nesta estreiteza de «magister-dixit» é que ainda não sahimos daquello periodo.

Lamentavel. Decididamente, porém, já não cabem grammaticques no indice de nossa cultura.

Pelo que o prof. Cintra está na obrigação de arejar e aclarar um pouco a sua pesada, nevoenta erudição...

RELIQUIAS DA MEMORIA — CANTO E MELLO — E. Typ. Ed. d'O Pensamento — São Paulo.

Ha uma dezena de annos, proxima-mente, havia no interior de São Paulo um jornal de grande circulação, que, nas linhas da Paulista e adjacencias, entrava em todas as estações, penetrava em todas as casas, devorado por leitores de todas as camadas sociaes. Era um expoente, um grande expoente social. Não tinha, nunca teve cor politica. Era, porém, vermelho por duas feições. Imprimia-se em cor de rosa e, carregando no mesmo matiz, só imprimia o rubro: — crimes, assassinatos, assaltos na estrada, dramas de amor e de adulterio, tragedias, toda a craveira do tragico, do horrivel e do funebre. Jornal vermelho, o menos lugubre de suas rosadas paginas eram os fallecimentos da gente da terra, unicas locas admittidas no seu abundante noticiario... Pois, por cumulo, pacaissima era a cidadoesinha em que se publicava.

Que preciosidade não seriam as colleções dessa folha! Os nossos romancistas, abeberados nellas, suppririam todas as deficiencias da imaginação e da preguiça mental, com o apreciavel proveito de se manterem à altura do publico.

Reliquias da memoria nos faz pensar no antigo organ-expoente do Oeste. Começa, logo de entrada, com «ferimentos graves» e «cicatrices». Desde logo, uma epidemia de cholera, a resurreição de um morto e o desvario, eufurecimento e morte de uma rapariga... Duas paginas além da epidemia, antes de recobrada a serenidade dos nervos, eis... Eis o que, leitor amigo? Nada menos que um supplicio que escapara à inventiva chinezesa; a morte de um homem estaqueado entre quatro mourões, como as diagonaes de um rectangulo... E a serie dantesca prosegue: marcação de gado, a ferro em brasa, morte de um touro a cabecadas de carneiro, assassinio de um guitarrista. Depois, uma scena homérica: dois, quatro, seis meninos se atraçam, num só bojo, num unico pugilato, de que ainda participam dois cães, uma vacca e...

um porco. E o romance continua, a-travez de visões macabras, sonhos, pesadellos, horrores, até romatar em nova epidemia de cholera. E' o digno epilogo de tamanho prologo.

Como se vê, o romance acompanha a theoria do jornal. O jornal teve exito. O romance tel-o-á tambem.

A psychologia ambiente não se altera...



## Uma bella imagem.

Escrever é jogar com ideias. Uma pagina sem ideias é menos que um manequim, ainda que irreprehensivelmente vestido. E' uma roupa enfundada no cabide...

Mas não bastam ideias. São ellas apenas materia bruta, que cumpré forjar, modelar, polir. Só vale a imagem. A vulgaridade de uma ideia contém os elementos da belleza de uma imagem, como a bruteza da silica os brilhos do crystal o a opacidade da pedra as scintillações do brilhante.

Assim, a ideia de uma voz que echoa é a simples representação mental de um phenomeno physico de observação quotidiana: a repercussão. Faltam-lhe caracteres de precisão e forma artistica. Precisemola, pois: gritos do dor ecoam pelas muralhas de um mosteiro. Ainda é o facto em sua singeleza. Onde a poesia? Onde a arte?

Seriam, porém, multipias as suas expressões poeticas. Eis uma: «... meus gritos de profundas dores não de perder-se desoladamente na mudez cavernosa das muralhas.»

Quasi se não reconhece, à falta do termo — «echo», cuja significação, aliás, paira sobre os versos, residido principalmente no verbo «perder-se», e no qualificativo «cavernosa».

Esplendida expressão! Na verdade, que é o echo? E' o silencio que se cava em galerias sonoras, a-travez de todos os anteparos. São cavernas de som, abertas na solidão e quietude dos paramos.

São esses versos das «Urzes», livro de estreia de Amadeu Amaral, publicado em 1899. São do soneto inicial, todo elle um longo echo, como a afirmação de um temperamento de auditivo:

Quem me conheça, muitas vezes ha de ver que na Dor, como hoje, me en-  
[clausuro  
—monge vagando em corredor escuro,  
alheio aos echos da commuidade.

Mudo e grave e alquebrado, como um  
[frade  
que sonha um sonho religioso e puro,  
olho, ás janellas ogivas do muro,  
o roxo pôr-de-sol da mocidade.

Sinto que a noite vem, cheia de hor-  
[rores  
coller-me neste claustro, onde ômon-  
[te  
resoum pelo chão, minbas sandalias;  
e que meus gritos de profundas dores  
hão de perder-se desoladamente  
na mudez cavernosa das muralhas;

EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciantes . . . . . 8\$000

Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciantes precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por Lima Barreto . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira . . . . .	4\$000	—
			PEDIDOS PARA O INTERIOR, MAIS 10 o/o PARA O PORTE		

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amáral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras; contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

16

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornalo acessivel a todos, sem descurar de o fazer ao mesmo tempo o mais attrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil o de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, omfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desoconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reolame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta do pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreates, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a fiação d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hoteis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL

São Paulo, 18 de Junho de 1921

NUMERO 8

## SUMMARIO

ROGERIO, O RUDE — Raul Pompeia.

UM PROBLEMA DE PSYCHOLOGIA — Léo Vaz.

A FUGA — Affonso Arinos.

NOITE DE SÃO JOÃO — Luis Carlos.

“MÃE., MARIA — Olavo Bilac.

JESUS — Thomaz Lopes.

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes éscriptores

— Euclides da Cunha — Viriato Corrêa.

Vida Literaria — A «Atlantida».

Os nossos poetas — Paulo Eiró — Amadeu Amaral.

Paginas Celebres — De Anacreonte.

# ROGERIO, O RUDE

E um velho appareceu. Muito velho; os cabellos brancos, encacheada coma, desciam-lhe aos hombros, tão brancos, tão realmente prata, que todo o ouro do dia nascente não conseguia dourar. Perdia-se sobre aquelle inverno; todo o esforço de um sol pujante de primavera.

— Vens, talvez, ao meu appello? Ninguem me póde valer. Queixo-me do passado irrevogavel que me preparou esta vida de amarguras. Não ha remedio.

— Nada desejo, entretanto, para mim; meu filho é a minha aspiração e o infeliz, tão moço, é já um, condemnado. Eu o quizera illuminado e a escola o repelliu. Crescem-lhe pellos á beira da testa, como orelhas de onagro, e eu lhe quizera um perfil de medalha. Indico-lhe a cidade, o caminho largo do successo, e o selvagem reclama o campo, o campo. Quizera vel-o calcando aos pés o galanteio das princezas, tapete de corações!... e vou sorprendel-o a desabotoar as virtudes camponias cheirando a estrume e a feno...

— Tranquillisa-te. Teu filho será grande. Mas é preciso que me ouças. Deixa cahir a fouce; o trabalho é a escravidão. Miseros, aquelles que se escravizam á gleba. O pedreiro accumula a alvenaria, sobrepondo custosamente as lascas de rocha: edifica o fundamento e o esqueleto da muralha. Veio o pintor e encobre a valia de todo aquelle trabalho com a ligeira camada de tintas. E o ar-

chitecto vem e debuxa a linha aristocratica do arabesco, que é como uma inscripção em que se recommenda ao futuro a gloria. E o estatuario sobre o monumento do pintor e do architecto apoia uma grande estatuá, azas de bronze abertas para o ceu, como um anjo insolente de genio, presto a escapar-se para a apothese. Quem vae lembrar-se, deante d'esta grandeza, do obscuro operario da muralha? O pedreiro trabalha; é o servo; os outros triumpham. Triumphar é fabricar apparencias. O melhor pedestal da nossa victoria é o despeito da concorrência. A evidencia fére o despeito com um deslumbramento. Fabrica a evidencia e verás.

Nada me pergunes. Bem sei do que digo. Sou muito velho. Chamam-me zombando a *Experiencia*, e eu me chamo Seculo. Sou filho do Tempo e vou... meu destino é ir. Os dias são os meus irmãos; passam por mim, conheço-lhes o sorriso. Toma. Este é o cofre dos meus recursos. Retira a mão, cheia quanto precisares. O condão mysterioso da carta guarda expedientes contados pelos teus desejos. Tudo terá teu filho. Será grande, illuminado, poderoso. Vencerá distancias sociaes e altitudes de prestigio. Fidalgo? E' pouco. Principe? Pouco. Monarcha? Ainda pouco. Elle será Papa! Chamar-se-á — Leão."

E o velho extinguiu-se numa evasão de sonho, desfeito em nevoa, em nada, como uma fórmula de

vapores no espaço, deixando apenas por momentos a impressão lucida, das alvas barbas, como a lembrança de um meteoro.

\* \* \*

— Fabrica a evidencia e verás, disséra o velho, fabrica a evidencia. Mas é incrível! A alma latente do mundo não revela assim... mas este cofre é real, é positivo. Uma illusão palpavel? Abramol-o e ensaiemos.”

Aberto o cofre, foi como um derramamento de Paraizo. Expandiu-se no ambiente uma sensação de ventura, que chegou até ás flores. Os penduclos dobraram-se vencidos, ternos da morbidez langue do ar.

— Que meu filho appareça!

E mal fôra este desejo enunciado, eis que surgiu em pessoa, Rogerio, o rude, olhos obliquos de selvagem, pellos fartos á beira da testa, como orelhas de onagro.

— Que me quereis, pae?

— Que sejas nutrido.

E allí mesmo, a olhos vistos Rogerio inchou como um balão, arredondou-se de plastica; exhibiu-se ás ambições paternas, bochechando como um sopro de Eolo, alteadas as protuberancias da carne em polpas de adipe, avançando o ostensivo umbigo, em prospero ventre de Sileno joven.

“Que sejas bello.”

E no mesmo instante, sobre a gorda prosperidade, abriram-se as rosas da formosura. Esvahiram-se os pellos, de onagro, o olhar obliquo de selvagem endireitou-se em franca perpendicular, temperada de atrevimento. Fossem lá reconhecê-lo dentro d'aquella frescura macia de côres, e de carnes, esgaravatar-lhe a minguidissima parcella de boçalidade agreste que lhe servia de alma, nos intersticios da ironia d'aquelle perenne sorriso da bailarina petulante!

“Que detestes convictamente o campo e todas as suas tentações.”

E no coração de Rogerio nasceu, de subito, estranho mal estar, a febre dos predestinados; especie de saudade absurda de cousas desconhecidas, grandes ruas, vastas praças, tumulto e movimento durante o dia, luz e festas durante a noite; sêde de viagens e fome de aventuras, avidéz intensa por grandes tentativas e maiores exitos. Apagou-se a memoria dos primeiros annos, a memince de poldro solto, a adolescencia de bode farto. Fugiu-lhe de vez o aferradissimo apego aos idyllios do estrume e dos feños.

“Parte, meu filho, e vae pelo mundo. Grande has de ser, illuminado e poderoso. Fidalgo? E’

pouco. Príncipe? Pouco. Monarcha? Ainda pouco. Tú serás Papa! Chamar-te-ás Leão. Parte!”

E tantas vezes abriu-se o cofre dos recursos, que Rogerio, o rude, subiu ao throno pontifical.

Mordei-vos despeitados! Invejosos, imitadores e plagiarios, basbaques das honrarias, que levaes a vida olhando para o alto, impotentes de todas as categorias, e de todas as ambições, mordei-vos! Elle triumphou. Enthronizou-se no superlativo da pose. Tudo que se ama na terra, de brocardo e ouro, tudo elle foi; hoje, é Papa e chama-se Leão. Dobrai o joelho; beijae-lhe as pegadas, que cada prego de seu calçado gráva no chão um sello de santidade. O favor de um só de seus olhares exalta-nos e nos enche com a munificencia de Ashaverus. Que se ha de fazer ao homem a quem el-rei quer honrar? Elle olha e basta. Aquelle olhar veste-nos de linho real, e, sobre opulentos jaezes de um corcél altivo, passeia-nos através de uma capital em delirio.

Roma é o scenario de seu triumpho, a herdeira universal do esplendor artistico das edades, do apparatus ostentoso da humana vaidade nío passado, metropole arrogante de todas as emphases do catholicismo, orgulhosa das glorias dymnasticas das proprias tradições.

Lá está.

Deante rojam-se os cardeaes, fazendo agitar-se em mar de sangue a multidão dos hombros, em cabeções vermelhos. Mais baixo, no escuro, a massa miseravel de uma população prostrada. D'essa humilhação e d'essa sombra, eleva-se apenas, medroso ainda assim de se elevar, um murmurio de prece. Ao redor do throno, sob o docel, vistosa homenagem de Arte, imagens que passam com expressão celestial dos rostos de Fra-Angelico, visões da capella Sixtina, academias funambulescas que se contorcem, acrobatas do terror, que se despenham de toda a altura do ceu e da Fé — povoando o espaço de aspectos contradictorios, em grandiosa desordem, emquanto vibra e avulta, solemne na cupula enorme, a musica dos extases de Santa Cecilia.

E elle no centro, Rogerio, hoje Leão, nutrido e bello, em seda branca da côr das transfigurações, sob a thiára de ouro, pasmado de se ver tão grande, mal avistando ao longe, na multidão, o pae que o adora de baixo, acaçapado e satisfeito!

\* \* \*

Até que um dia, notando-se-lhe espantosa immobilidade, como se pela magia transformadora das grandezas, acabasse por se consubstanciar o

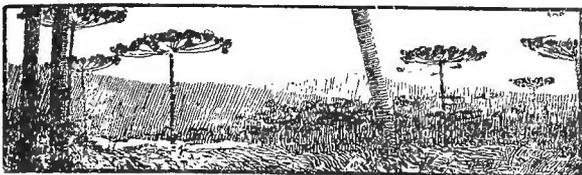
enthronizado com o throno, alguém, ousado, subiu até a eminencia a verificar.

Levantaram-lhe a thiára como uma tampa, e viram maravilha! e viram nõ fundo, secco, mirrado e reduzido...

Rogério, o rude, morrera havia muito, dentro d'aquella armadura de esplendor e de apparencia, da nostalgia de seus campos, represalia terrivel da boçalidade ludibriada.

Rio, 1887.

RAUL POMPEIA



## UM PROBLEMA DE PSYCHOLOGIA

Que haveria?

Eu sempre conhecera o Joaquim alegre e disposto, rindo á larga ao meu primeiro ameaço de piada, sempre prompto para as troças e garotadas estudantinas, risonho como uma creança sadia em dia de festa, dizendo-me quotidianamente alguma anedota, em que a sua perenne jovialidade descobria farto manancial para gargalhadas intermináveis que fundamente me confortavam.

Porque estaria assim mudado, ao começo daquelle anno, sem motivo visivel e apesar mesmo dum benevolo augmento da mezada? Que diabo teria elle? Que dramas profundos e terriveis teriam fechado aquelle espirito, outrora sempre aberto em mudas confidencias? Estaria doente? Apaixonado? Dar-se-ia ao jogo?

Em vão formulava eu, mentalmente, estas interrogações, a que os factos respondiam logo pela negativa. Em vão interpellava-o directamente:

— Que diabo, Joaquim, estás mudado!...

— Porque? redarguiu elle, de manso; é engano teu; não estou tal. Talvez o mudado sejas tu, e...

Era inconsciente o pobre rapaz. Não tinha o vicio das miradas introspectivas. Para elle, estava intacto; e só poderia descobrir-lhe variações quem o examinasse com olhos diferentes.

Então resolvi pesquisar por conta propria. A solução daquelle caso ia-se-me tornando uma ideia fixa e, naquelle tempo, todas as minhas ideias se tornavam fixas em pouco tempo, porque eu era

psychologõ. E psychologo com todas as consoantes é vogaes pronunciaveis, *psicologo* articulado integralmente, como *piscina*, e não esse outro vil psychologo barato e vulgar, dos que lhe emprestam a prosodia de *psalmo*.

Todo o mundo sabe como a psycholomania é uma molestia insidiosa.

E eu soffria-lhe, successivamente, todos os effeitos, um dos quaes foi a obsessão do caso Joaquim. Dera-me na telha que havia de descobrir a causa primaria da misanthropia do meu bom amigo e eu punha nisso o ponto de honra de toda minha psychologuice.

Assim, quando vi baldadamente exgottados todos os recursos da pesquisa directa sobre o moral do Joaquim, resolvi procurar no meio ambiente o que me não dera o primeiro methodo.

Este meio ambiente era, ao tempo, summamente consideravel para nós, os psychologistas, e de toda a minha psychologia esvahida ao depois, com a idade, o que mais sinto é ter perdido a noção exacta de tal meio, cujo auxilio, no caso, me foi dos mais proficuos.

Do que me recórdo, o meio ambiente de Joaquim era o seu quarto, pois foi ali que concentrei as minhas indagações.

Remexi com indiscreção propria de psychologo as gavetas de sua mesa de estudos, vasculhei sob o colchão possiveis cartas lyricas, afastei a oleographia dum Othelo de parede, forcei a caixa da roupa, farejei, apalpei, escutei por todos os intersticios dissimulados e dissimuladores... Puz no avesso velhos bolsos de colletes vetustos, sacudi umas chinellas veneraveis que jaziam aposentadas num canto. Nada! Joaquim parecia tão ligado ao seu meio ambiente como ás manchas do sol...

Eu estava já naquelle estado de espirito bem conhecido de quem já foi psychologo, quando, distrahidamente, os meus olhos pousaram sobre uma folhinha de desfolhar, viuva já do chromo, fixada por um prego, á cabeceira da cama. Lembrei-me de que inda não inquirira aquella testemunha dos secretos pesares do meu camarada e, embora convencido da inanidade daquelle esforço, como honesto psychologo que era, dispuz-me a mais uma tentativa.

Bemdicta honestidade! Se acaso a tivessem egual todos os psychologos passados e presentes, certo a psychologia estaria hoje num outro pé...

Mas voltemos ao caso. Tomei o *block*, arripiei-lhe as folhas e descobri a verdade. Estava alli, perfeitissimamente alli, nas minhas mãos, a chave do mysterio. Naquelle pobre folhinha!... Foi

quando eu aprendi a admirar bem profundamente esse capricho da Natureza que só revela os seus segredos aos distraídos como eu, Newton, Archimedes e alguns outros. Foi também quando, tomado de uma universal benevolência, eu perdoei aos sábios a escassez das suas descobertas. A Natureza tem coisas... \

Mas é assim: eu descobrira a causa da metamorphose do meu amigo. Aquellas folhinhas, como todas as folhinhas, traziam, no verso, alguma cousa impressa, destinada á leitura matutina dos que costumam trazer o seu tempo bem contado. Mas, fugindo ao geral, que lhes reservou sempre, para aquelle effeito, as aneddotas, ditos agudos e facecias, a folhinha de Joaquim, em vez, trazia umas rígidas maximas moralistas, dignas do mais austero Marquez.

Lembro-me d'algumas, que podem dar bem amostra da forma e do fundo:

“As mocidades ruidosas, velhices saudosas”.

“Quem não olha para a frente dá com a cara no batente”.

“Os ultimos serão os primeiros a encontrar a porta fechada”.

“Respeite os mortos: elles nos deixam logares vãos”.

“Não remendes o teu paño: elle se rómperia noutro ponto”.

“O pudor é a valorisação da nudez”.

“Quanto mais se sobe mais caçado se fica”.

“Quem dá aos pobres prolonga a miseria”.

“Vintem poupado, gosto perdido”.

“Depois de viver, todos outros desvarios são admissíveis”.

“Quem cospe para o ceu nunca viu uma escarradeira”.

“Em casa onde não ha pão, alguém vae á padaria”.

“Dae de comer a quem tem dente”.

E outros igualmente profundos.

Pois estava allí a fonte dos pezares do Joaquim. Elle tinha o habito de ler invariavelmente, methodicamente, as suas folhinhas. Noutro tempo, quando ellas traziam as pilherias tradicionaes, eram para o seu espirito como um banho lustral quotidiano, desopilante, que lhe dava aquella indole risonha que me encantava.

Agora, nesse anno nefasto, os pezados brocados infundiam-lhe, sem que o meu pobre amigo o suspeitasse, aquella grave sizudez, aquella ar recatado e sombrio de pae de familia desempregado, que me assustava e intrigava.

Lisongeados nos reconditos do meu entranhado

psychologismo, resolvi salvar o amigo periclitante. Corri ao meu quarto e após demorada busca descobri um outro *block* para quem o tempo se havia crystalisado no terceiro dia do anno.

Era dos antigos. Tinha as facecias. Pul-o em dia e sobre a cabeceira do Joaquim. O outro, o moralista, precipitei-o na valla commum que existia sobre um velho armario de roupa, o valle de Josaphat de todas as nossas intimidades.

Foi um milagre. Ao outro dia Joaquim, ainda não de todo restabelecido, era já bem outro.

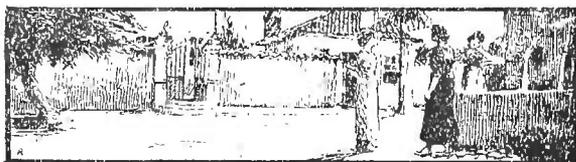
Reciteu-me a primeira aneddota e em uma semana, ninguem suspeitaria do immenso drama que perpassara no intimo daquela alma.

E gracejando, perguntava-me muitas vezes, trocista e ironico:

— Então, Léo, ainda me achas muito modificado?

E me encabulava terrivelmente, o Joaquim.

LÉO VAZ



## A FUGA

Pelas estradas barrentas, no meio dos rugidos do temporal desfeito, quando a ventania disparava pelos campos em arranco de boiada, e, topando o capão além, constringia-o na medonha luta, ouvia-se, ao esmorecer das vozes do trovão, um tilintar de correntes, cadenciado, rythmico, acompanhando o estrupido de passos fortes.

O viandante tresmalhado, ou o vaqueiro que se recolhia a deshoras, ébrio, das delicias do batuque, fugiria apavorado, julgando ver no som das correntes arrastadas a penitencia de alguma alma penada, — quem sabe se a do pobre Tristãozinho, espancado ha tempos, brutalmente, ali mesmo, á beira do rio, quando de volta da casa de Paquinha, procurava desamarar a canôa para a travessia?

O tilintar das correntes, cadenciado, rythmico, fugia, a pouco e pouco, pela estrada afóra, abafado a espaços pelo glú-glú das enxurradas, que, sopitadas nos caldeirões do caminho, estancavam, reunindo forças para se derramarem depois, impetuosas, assoberbantes, pelos sulcos de carros de bois até ao longe, no grande rio.

Dous condemnados da Extracção, escravos reúnos, confiscados a seus donos pela Real Fazenda, aproveitando-se da tempestade, fugiam da rancharia junto de uma gupiara á beira do correjo, onde eram obrigados a trabalhar para El-Rei, como galés, no serviço da mineração de diamantes.

Percebida a fuga, foi dado o alarme, pouco depois, ao som rouco de corneas buzinas, e a força de dragões avançou confusamente, dando descargas para aqui, para acolá; mas recuou logo, pela improficuidade da perseguição nessa noite tormentosa.

Os dous fugitivos porfiavam por metter aos sabujos grande espaço em meio.

— Não aguento mais, Isidoro!

— Agarra-te a meu hombro e vamo-nos embora. Olha que os fulares não tardam.

— Valha-me, Senhora da Abbadia!

— Não esmoreças, Bento. Estou-te desconhecendo. Não pareces o mesno cabra que aquelle dia tirou a scisma do macho ruão, no terreiro da Cacimba.

— Dóe-me tanto o peito, que me responde cá nas costas. E que descarga damnada! Os judeus me metteram uns dous balaios aqui no braço e na perna. Foi Deus que não os deixou acertar em logar mortal.

Por cima de tudo, a pontada, esse demónio de pontada perto da maminha, desta banda...

A marcha dos fugitivos enfraquecia. Já não era o mesmo pisar forte, seguido do ranger dos grillhões.

Abeiravam, então, o Jequitinhonha, cuja presença era indicada pelo estalar das aguas em plena cheia. Ouviam já o som cavernoso do rio, rolando formidavelmente, no meio dos ribombos causados pelas grandes arvores, arrancadas a custo pela furia da corrente, precipitando-se no abysmo das aguas com gritos despedaçados dos ramos e raizes.

Dentro do camoão, denunciando aos tredos caminhanes por um grau mais intenso de sombra, tomaram folego, pavidos, baixando instinctivamente a cabeça com a sensação da grande massa negra, informe, que lhes pairava em cima. No pandemonio de sons e movimentos que se advinhavam no bojo da atra escuridade, presentiam lutas supremas de troncos contra os estirões da borrasca, inundações de ninhos, dramas tragicos de animaes silvestres mortos pela queda dos galhos e outros arrastados pelas enxurradas; uivos entrecortados de onças abrigadas nas lapas al-

cançadas pelas aguas, junto aos filhos ainda aquecidos pelo calor materno; berros de sucurys despertando do somno costumeiro com as notas vibrantes e sonoras da tempestade.

Isidoro carregava já seu companheiro, arcando ao peso, roncando de esforço a cada passo, incerto, titubeante, no meio da estrada.

O vaqueano sentiu perto o rio e, norтеando-se ao clarear dos relampagos, entrou á esquerda, por uma trilha de anta, que conduzia a uma grande rocha á beira d'agua, seu pesqueiro habitual em outros tempos.

Acocorou-se ahí com o pobre do companheiro, que nem falava mais. Suspirando longamente, quedou-se, resignado, á espera da madrugada.

\*\*\*

Serenou a tormenta.

E, já na meia claridade da ante-manhã, uma sensação subita de frio principiou de invadir os miseros. Era a grande massa d'agua, farrusca, ameaçadora, que grimipava a pedra, traiçoeiramente, como um jacaré que se arrasta, subtil e feroz, na algidez repellente de sua pelle escamosa, querendo pilhar a presa durante o somno. Espessa camada de neblina cobria toda a superficie do rio, montando, da flor das aguas, pelas barranceiras acima, aos ramos mais altos do matto froudejante. O tope de arvoredo rasgava no alto o denso véo cinzento, que se esfarrapava, prendendo nas pontas da galhada longas flammulas brancas, arfando serenamente ás auras matutinas.

Os tons róxos do ceu iam cedendo a uma coloração de ouro tenuissima, que se accumulava ao longe, na barra do horizonte, onde o rio num prestíto triumphal de pequenas ondas muralhosas, parecia perder-se no espaço illimitado.

Longas fitas de ouro e purpura cairelavam o céu na commissura do rio, sobrepondo-se parallelamente, até se afogarem no pélogo de nimbus que refluia de onde se arqueava o firmamento.

— Eh lá! companheiro! Esperta e vamos embora, batendo matto pela beira do rio. Olha que enchente! Vigia: se nós cochilamos mais um boccadinho, a agua nos papava.

E, meio estarrecido da longa quietação e do frio, Bento estremunhou distendendo os braços com gritos de dor das feridas.

— Assim, com esse inferno de corrente pesada, eu quasi não me posso mexer — disse Bento, batendo o queixo, apertando no corpo o timão de baeta já meio enxuto.

Isidoro lembrou-se, então, da lima finissima que lhe déra, ha tempos, o Chico Julio e de que se

não pudera servir na precipitação da fuga. Começou a cerrar vigorosamente o anel de aço que rôxeara o tornozelo do seu pobre companheiro. Depois, prendendo num gancho de ferro pendente do cinturão de sola toda a corrente, que lhe subiu do pé pela perna acima, exclamou:

— “Vamos ganhar a estrada!” E, suspendendo o companheiro por baixo dos braços:

— Corpo duro! Nós já desnortamos os fulares, que andaram bestando pelo matto. A chuva apagou os rastros, mas elles podem andar farejando por ali; eu deixo para limar minha corrente na venda do Chico Julio.”

lam começar a marcha, quando estacaram de chófre, estremecendo, com o estrepito de um corpo que cahia pesadamente na agua. Assumptaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruido igual e, não longe duas ou tres capivaras que se precipitavam no rio, assustadas com a presença de taes franduleiros nos seus dominios.

Tranquilizados, partiram, numa farfalhada de folhas molhadas e de taquaras que se quebravam, assustando as jaós, fazendo os nhambús occultar as cabecinhas no meio das folhas, levantando para o ar o uropygio coberto de frouxeis.

Queriam atravessar o rio a nado, fóra de porto frequentado, onde pudessem ser vistos, mas a fraqueza de Bento, fel-os hesitar diante da impetuosidade da corrente.

Encontrado, alfim, um espraiado, onde a enchente, sem a constricção de barrancos, podia pavonear suas forças, avassalando pacificamente, sem tropeço, os descampados, os fugitivos derribaram algumas piteiras, já meio seccas, cujas hastes se erguiam, ainda rectas e altaneiras, das touças em redor, e, jungindo-as fortemente com cipós em grossos travessões de taquarussú, improvisaram uma jangada.

Isidoro encontrou, arrancada pela ventania da vespera, uma folha de coqueiro, cujo tallo lhe serviu de remo.

— Encommenda a alma a Deus e vamos embora. Tu não tens alguma oração contra enchente? Esta jangada é muito leve e nos aguenta, mas não por muito tempo, porque a pita encharcando afunda sob o peso. Segura bem, rapaz!

Cavalgaram a jangada e fizeram-se ao largo, demandando um portosinho na outra margem, muito em baixo.

Bento acurvou o busto, azindo fortemente a estiva.

Ao ganharem o fio da corrente, a jangada foi fortemente impellida para baixo e Isidoro come-

çou a lutar a grandes remadas, para approximar-se da margem opposta. Então jangada e tripulantes se confundiram, se unificaram, semelhando, no movimento que se lhes percebia, o dorso mosqueado de um suruby retouçando ao sabor da correnteza.

Quasi não se lhe notava a marcha, mas sentia-se que um esforço vivo e intelligente, terrível e heroico, lutava contra a força esmagadora da natureza omnipotente.

Conseguiram vingar o portosinho, que era antes um bebedouro de animaes.

Sahindo d'agua, tiraram os chapéus de couro e puzeram as mãos, levantando os olhos ao céu, em profundo reconhecimento pela salvação; já não temiam os fulares, nem os tiros de réunas.

A jangada que tinham abandonado lá foi, boiando sempre, topar uma grande arvore esgalhada, fluctuando tambem. Outros ramos se lhe foram juntar e mais uns réstos de macégas e garranchadas, que formaram um batel selvagem, todo franjado de espumas pardas, no qual pousava ás vezes um martim-pescador, soltando gritos estridentes, numa alacridade de victoria e de fartura.

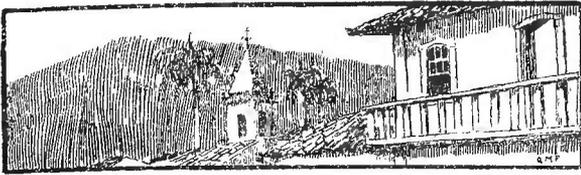
O sol illuminou, ainda baixo e frio, o campo de batalha da vespera; beijou, reverente, numa caricia de vassallo humilde, a face do rio, que pompeava seu poderio, ostentando os despojos da liça com os bosques marginaes e rolando sempre, no meio de um como “ave! triumphator!” da natureza.

Do outro lado, lobrigavam-se ainda, pequeninas, amesquinhas, as figuras dos fugitivos.

Esses primeiros raios do sol no levante, esbaltando suas cabeças, aquecendo seus corpos meio entorpecidos e alquebrados de soffrimento e de fadiga, pareciam ter uma caricia de amor e piedade para os miserandos, um resplendor de victoria para os lutadores.

AFFONSO ARINOS





## NOITE DE SÃO JOÃO

— Porque estás amuado, meu amiguinho? Quem te fez mal? Levanta-te dahi da soleira e vem dar-me um abraço. Porque has de ficar ao relento?

— A *vósinha* bem o sabe. Sou creança como as outras; preciso brincar. Veja... lá vae um foguete comprido riscando a noite; acolá um balão de tres côres subindo; além, um pistolão arrotando fogo... Todos os meus amigos estão rindo, pulando, dando vivas a Santo Antonio... e eu aqui abandonado, sem um companheiro! A *vósinha* é que é a culpada. Porque não me quiz dar uns vintens para eu comprar rodinhas? A *vósinha* tem tantos, dentro daquelle lenço amarrado a dois nós!

Todo o arraial era, naquella noite, uma diffusa phosphorescencia multicôr. Balões polychromos pontuavam phantasticamente a treva. Retalhavam-n'a em largos rasgões os estoirazes foguetes.

— Olhe, *vósinha*, veja só si eu não tenho razão. Todos se divertem; todos festejam o santo padroeiro. Só eu aqui! Só eu, em casa, preso como nos dias de licença! Santo Antonio! Santo Antonio! Tanto prometti ao Juquinha ir hoje comprar-lhe, na barraquinha, bombas e buscapés. Mas, a *vósinha* já não parece a mesma. Nem um vintem! Santo Antonio até pôde pôr castigo aqui!

— Ora, ahi está. Tu és ainda muito creança para avaliar as cousas. Não te dou dinheiro porque não te quero vêr na cama. Bem sabes que não estás hoje de bôa saude. Não convêm, portanto, que apanhes o ar da noite. Santo Antonio é muito bom; não pôde aqui castigo algum. O oratorio está acceso. Tambem lhe accendemos fogo a elle. A vela está lá. Vem dahi. O frio entra cortante. Espera por S. João. Havemos de o festejar.

O louro e franzino Lili ergueu-se; distendeu os membros num molle espreguicamento; fitou uma ultima vez os olhos lacrimosos nos balões esparsos no ar e entrou.

A tropega velhinha abraçou-o; pegou-lhe do descarnado ante-braço e afagando-lhe com a ou-

tra-mão a dourada cabeça, levou-o para o quarto. Deitou-o.

Lili beijou-a com resignação e fingiu dormir. Entrou-lhe o cerebro de conceber, para logo, poeticamente, a perspectiva exterior da noite de Santo Antonio. Cruzavam-n'ô como lucidas idéas, as imagens dos multiplos balões, que deviam estar constellando maravilhosamente, lá fóra, o céu negro da noite.

A enfezada creança suffocava, a medo, soluços e lagrimas.

Emquanto isso, d. Constança, a velha *vósinha*, rezava constrictamente as ultimas Ave-Marias do terço consagrado a Santo Antonio.

De vez em quando, o estrondo retumbante de uma bomba sacudia o velho casebre em que placidamente transcorria a existencia silenciosa daquelles dois extremos da vida.

Depois, vinha uma pausa. A breve trecho, o remoto estoirar de uma gyrandola, num echo surdo, perdia-se frouxamente nos longes da noite.

Veiu, enfim, o ultimo silencio e o arraial socegou numa larga expressão de somno.

No dia seguinte d. Constança, ao dar o beijo da benção matinal, na testa do netinho, sentiu-a furtivamente morna. Inquietou-se; levou as costas da mão ao ventre do menino; teve um gesto de simulação; mas não logrando modificar o effeito de terror panico, que a tomava, mandou chamar o boticario Mauricio.

— A *vósinha* não quiz que eu atirasse fogos a Santo Antonio. Ahi está. Fiquei doente. A culpa é sua.

— Não digas tolices, meu amiguinho. Tu já estavas doente e si eu consentisse que fosses ás fogueiras é que seria então, um Deus nos acuda.

O boticario Mauricio, dentro de pouco, se apresentou minucioso e solícito.

Não era nada; uma pouca da febre decorrente, quiçá de um resfriamento; figado volumoso; ventre tympanico, mas estado geral bom. Lili estaria de pé com mais dois dias de cama.

O rosto encarquilhado da velhinha rejuvenesceu momentaneamente, num sorriso fugaz.

Era mister, agora, a administração criteriosa dos remedios receitados.

O pequenino enfermo offerencia tenaz resistencia á ingestão dos medicamentos.

Mas... as *vósinhas* sabem sempre suggestionar triumphalmente a ordem, quando se lhes antolham as rebelliões infantis.

Como recompensa ao sacrificio de ingerir as drogas do *seu* Mauricio, Lili celebrára com D.

Constança, um pacto solenne, em virtude do qual devêra ganhar um immenso balão de muitas côres, da altura da casa, para a noite de S. João.

A' tarde desse mesmo dia, foram á casa da velhinha, em visita ao doentinho, *seu* Geraldo, vendedor da esquina, e o Juquinha, seu filho, festejado proprietario da barraquinha de fogos.

O pequenino enfermo ouviu maguadamente a narrativa movimentada e alegre da festa de Santo Antonio, feita, ao vivo, no quarto, pelo minusculo negociante dos fogos.

De quando em quando, procurava disfarçar, num sorriso triste, o effeito de uma lagrima, que irresistivelmente lhe deslisava pela face. Oh! injustiça das cousas! Porque havia de ser elle no arraial o unico menino privado daquelle goso?! E, no curso destas desalentadas considerações mudas, eis que lhe acode á lembrança a promessa da *vósinha*. Reanima-se de repente; solevanta-se no leito e, agitando no ar a mãosinha num raptó de entusiasmo, dirige-se ao Juquinha:

— Pois, olhe, havemos de passar um S. João melhor. A *vósinha* prometteu-me um balão enorme, de muitas cores, da altura da casa. Olhe os vidros dos remedios: estão quasi vasios. Amanhã já estarei bõem.

\* \* \*

*Seu* Mauricio voltou diversas vezes ao casebre de D. Constança.

As melhoras do pequenino enfermo accentuavam-se.

O curandeiro exaltava os effeitos da sua therapeutica e o enfezado Lili, no abstracto deslumbramento do seu sonho, antegosava o dia de São João, palpando imaginariamente os gommos do balão promettido, cada vez que, por acção do vento, a saia da *vósinha*, avolumando-se, lhe passava ao alcance da mão.

\* \* \*

Chegára a vespera de S. João. A noite ia pelo espaço, desenleando a eterna meada de estrellas...

O Juquinha exhibia a barraca toda ornamentada e cheia de fogos.

Nesse dia, Lili acordára peor: faces cavadas; tosse offegante; febre...

Ao tombar da noite, agrava-se-lhe a molestia.

*Seu* Mauricio é chamado urgentemente.

A sóbria illustração do boticario lucha gigantemente com a insufficiencia economica do organismo da creança.

A noite passava entre os esguios e luminosos pontos de admiração que lhe insculpiam na treva os foguetes.

O silencio voltou. A madrugada transpareceu e a estrella d'Alva, em pouco desmaiou, voluptuosamente, ao contacto sensual do labio rubro do sol.

Raiára o dia de S. João.

Lili, esqueletico, amanhece escancellando os labios, na ancia de saciar aos pulmões a cêga sêde de ar, que os resequia: As nariças dilatam-se-lhe; os punhos crispam-se-lhe nos lençóes; os olhos nublam-se-lhe frouxamente velados por uma sombra etherea. O cerebro estala-lhe, na vibrante exaltação do delirio:

— O balão da altura da casa... o balão...

A velha *vósinha*, ao lado, enleia ao rosario que tem nas mãos, outro rosario de lagrimas...

Na transfiguração sinistra do susto, *seu* Mauricio estagna o olhar dilatado sobre o rosto livido do pequenino moribundo.

Os foguetes, entretanto, começam de assobiar pelo espaço. Toda a lèpida infancia do arraial chilrêa, em regosijo, pelas ruas...

Sem attentar, sequer um momento, no estado de saude do amiguinho, o Juquinha faz uma fêria farta, entre risadas e vivas a S. João.

E o Lili, cada vez mais livido, mais indefenso, esvaia-se abandonado, entre a *vósinha* e o *seu* Mauricio apenas, como se evola, no abandono selvagem de um campo o perfume subtil de uma açucena...

\* \* \*

O arraial allumiára-se, ao flammivomo clarão das primeiras fogueiras... Enchia sempre o ar a aguda algaravia da infancia aloucada e livre.

A noite de S. João estendeu-se fria...

As estrellas entraram de tremeluzir timidamente pela vastidão suspensa, como si todo o Céu fosse um vibratil calafrio luminoso...

Emquanto isso, no humido recesso do casebre de d. Constança — mãos cruzadas ao peito, entre quatro vélas frouxas, que bruxoleavam com crepitação, desgastando-se em compridas lagrimas — já dormia, muito alvo e muito tranquillo, o pequenino corpo do Lili.

A velha *vósinha* e o boticario recostados, então, silenciosamente ao parapeito da janella, entreolhavam-se, a espaços, numa intima impressão de angustia rebellada, em face da vibração de felicidade, que arastava o arraial...

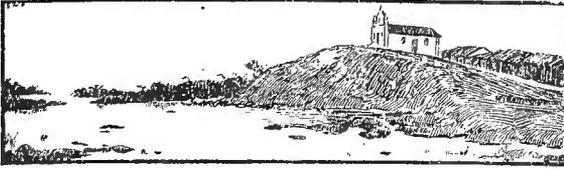
Dealbava o levante um immenso clarão desmaiado, que ia aos poucos, desvelando as cousas...

E, assim, surdiu da treva o vulto irrequieto do Juquinha que, apontando alegremente aos companheiros a apparição do oriente, sobrelevou á

algaravia infantil, numa voz sibilante, que repercutiu pelas quebradas:

— Olha, gente, parece que lá vai subindo o balão do Lili. E a lua cheia assomou phantasticamente na cumeada da serra.

LUIS CARLOS.



## “MÃE” MARIA

— É ainda esta, — disse-nos Amancio — no fim de minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, a recordação mais funda que guardo dentro da alma.

Fechados os olhos para mais claramente evocar o memoria dos dias de minha infancia, vejo logo nitidamente desenhada pela minha saudade, a doce figura da velha Mãe Maria. Tão velha!... Quando nasci já o seu cabello encarapinhado embranquecia. Ainda viveu commigo uns treze annos. E nunca ninguem me soube dizer onde morreu, nem onde foi dormir o ultimo somno o seu corpo de velha escrava, alquebrado por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

Comprar e vender escravos era, naquelle tempo, uma cousa natural. Ninguem perguntava a um negro comprado o seu passado, como ninguem procurava saber de onde vinha a carne de que se alimentava ou a fazenda com que se vestia. De onde vinha a velha Maria, quando, logo depois do seu nascimento, meu pae a comprou? Sei apenas que era africana; e tinha talvez um passado terrivel: porque, quando a interrogavam a esse respeito, um grande terror lhe dilatava os olhos, e as suas negras mãos reluzentes e callejadas eram saccudidas de um tremor convulsivo.

Comnosco, a sua vida foi quasi feliz. Na cidade o captiveiro era infinitamente mais brando do que na roça. Aqui, si havia o trabalho sem tregoa, não havia ao menos o chicote do feitor. Lá fôra sim! lá fôra, era a labuta esfalfante do *café*, os dias terriveis sob o sol implacavel, a comida pouca e o castigo muito. Maria, quando eu ás vezes lhe perguntava o que era na roça, ficava calada, olhando o chão, como se estivesse revendo o horror dessa vida antiga. Um dia despiu a meio a camisa de algodão grosso, e mostrou-me as costas e o peito. A pelle preta es-

tava de espaço a espaço cortada de largos ver-gões, cicatrizes, signaes de queimadura. Eu, com os meus innocentes olhos de seis annos, olhava aquillo sem comprehender. «Como foi isso, Mãe Maria?» Maldades dos homens, sinhôsinho, maldades dos homens...» Certa noite, como ella me contasse unia historia em que se falava de creanças roubadas aos paes, perguntei: «Você nunca teve filho, Mãe Maria?». A pobre negra limpou uma lagrima e não respondeu: mudou de conversa, e continuou, com a sua meia lingua atralhada a contar a historia—uma dessas compridas historias da roça, em que ha sacyperêres e capóras, almas de outro mundo e anjos do céu. E eu olhava-a, com uma secreta magoa... Não que comprehendesse bem aquillo: mas a minha intelligencia de creança já advinhava uma parte daquella vida dolorosa de captiva.

Como ainda me lembro dessas noites!... Era na sala de jantar que tinha uma grande varanda, deitando para o quintal. Estou ainda vendo o velho sofá de madeira negra em que meu pae dormia a sesta, a longa taboa de engommar em que as mucamas passavam a ferro a roupa branca, e perto da mesa em que ardia o grande lampeão de azeite, minha mãe immovel e pallida, na sua feia e enorme cadeira de paralytica.

Moça ainda, ficára ella assim, logo depois de ter eu vindo ao mundo. Como a perdi muito cedo, não me lembro bem dellá: lembra-me apenas que era bonita e não falava nunca. Olhava para mim, para meu pae, para as escravas, com um olhar apagado de louca resignada e mansa.

Assim, a velha Maria foi a minha verdadeira mãe. Havia ainda em casa uma senhora edosa, prima de meu pae, que era quem dirigia tudo. Essa, porém, apenas tinha tempo para governar as escravas, fazer doces, e cuidar das costuras e das roupas engommadas. Boa Mãe Maria! era quem me lavava, quem me vestia, quem me aturava... Quando eu não queria obedecer, procurava fingir-se zangada, e ameaçava-me: «Nhô Amancio! Nhô Amancio!». E acalmava-me, por fim, promettendo-me uma nova historia. Sentava-se no chão, cruzava as pernas e começava. Ouvia-se apenas na sala o resomnar de meu pae que dormia a sesta, o pigarro da velha prima que cozia, o ruido que faziam os ferros de engommar sobre as taboas, e a voz arrastada de Mãe Maria, falando de sacyperêres, de capóras, de almas do outro mundo e anjos do Senhor.

Todo aquelle enredo fantastico, em que passavam bruxas cavalgando cabos de vassouras, prin-

cipes que roubavam princezas, archanjos que desciam do céu para curar as feridas dos escravos no *tronco*, negras aleijadas, que invocavam o diabo, á meia noite, no meio do matto, e eram afinal arrebatadas por elle numa nuvem de fogo e enxofre, — tudo aquillo se atropellava na minha cabeça, caçando-me, dando-me arrepios e vertigens de medo.

D'ahi a meia hora, pesavam-me as palpebras. Aos meus ouvidos, a voz da Maria chegava cada vez maia fraca até que, quasi sumida de todo, parecia vir de longe, de muito longe, vaga e indistincta como um echo. Eu deixava cahir a cabeça sobre o seu collo, e dormia. E era ella quem, carinhosamente me levava para a cama, era ella quem me despia, e, obrigando-me a ficar de joelhos, tonto de somno, me fazia repetir o *Padre Nosso*, estropiado pela sua lingua de africana.

Quando tive de ir para o collegio, — um internato severo, de onde só sahiam uma vez por anno, — chorei muito tempo, abraçando *Mãe Maria*, agarrado á sua grosseira saia de riscado azul. Ella chorava tambem, chamando-me *seu filho*, beijando-me, consolando-me:

— Vae, Nhô Amancio! vae, meu filho! vae p'ra ser homem! vae, Nhô Amancio! a sua negra fica rezando a Nosso Senhor! A velha fica rezando...

Pela mão de meu pae, fui pela rua soluçando, soluçando...

Oh! os primeiros dias de internato! Que casa! As salas, muito altas e muito claras, tinham um silencio que dava medo. Entre as bancas de estudo, o padre Francisco passeava batendo com força os tacões dos sapatos, fungando pitadas de rapé. Eu, com a morte na alma, lembrava-me da casa, lembrava-me da varanda que dava para o quintal, de minha mãe immovel na sua enorme e feia cadeira de paralytica, da velha prima que costurava, e de *Mãe Maria*... de *Mãe Maria*! e das suas mãos callejadas e reluzentes! e de seu cabello encarapinhado! e de sua voz! e das suas historias! E as letras do livro iam-se confundindo e dançando, vistas atravez das lagrimas que me embaciavam os olhos.

Mas, passou a primeira semana; passou o primeiro mez, passou o primeiro trimestre. Criei amizade aos companheiros. E a minha saudade foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Quando o primeiro semestre findou, já *Mãe Maria*, e sua face, e a sua carapinha, e as suas

mãos, e a sua voz, e as suas historias, me appareciam indistinctamente, como ao fundo de um passado remoto. A' noite, quando me deitava, depois do exercicio violento da *cabra-cega* e da *barra*, o somno já não me deixava pensar n'aquella que ficára rezando a Nosso Senhor por Nhô Amancio. Nhô Amancio só se lembrou de *Mãe Maria* quando as ferias chegaram...

— Ah! Nhô Amancio! — dizia a preta chorando de joelhos, beijando-me as mãos — como Nhô Amancio está crescido e bonito!

Um anno de collegio bastára para me transformar. E, agora, eu apparecia á velha amassecas como um novo sinhô-moço, — um sinhô-moço que tinha 11 annos, que já sabia lêr e escrever, que já se julgava um homem, e que ás historias atrapalhadas e tolas de *Mãe Maria* preferia a malha e a gymnastica.

A vida da casa era a mesma. Apenas *Mãe Maria*, não tendo agora sinhô-moço para criar passára a tratar da lavagem da roupa.

E era no quintal que estava agora quasi sempre, de saia levantada, patinhando na agua da barrela, indo de coradouro a coradouro, um pouco mais velha, um pouco mais tropega, mas ainda robusta.

Foi durante essas ferias que se deu o caso, cuja recordação ainda hoje, no fim da minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, é a mais viva das que guardo dentro d'alma.

\* \* \*

Uma tarde *Mãe Maria* lavava roupa no quintal. Desci. Ao fundo ficavam os cercados das gallinhas. Comecei a atirar-lhes pedras. *Mãe Maria* protestou logo: «Nhô Amancio: Nhô Amancio! que maldade, menino! deixa os bichos, Nhô Amancio!». Eu ria e continuava.

Entre mim e os cercados do gallinheiro ficavam os coradouros. As pedras passavam sobre a cabeça da velha.

— Nhô Amancio! Nhô Amancio! Deus castiga, Nhô Amancio! repetia a preta, mas sem gritar, temendo que meu pae a ouvisse. E eu ria. E as pedras passavam por ella, rentes algumas, na direcção dos cercados.

Não sei como foi... Via-a cambalear e cahir, levando as mãos á cabeça, de onde o sangue corria aos borbotões. Senti no coração uma pancada secca, dolorosa. Uma nuvem de pranto me cresceu nos olhos. Corri para a velha, com a garganta suffocada de soluços.

Uma pedra lhe quebrára a cabeça, e o sangue ensopava a sua carapinha dura, já quasi toda branca. Principiei a gritar allucinadamente. E ella, tremula, desfallecida, apertando a ferida com a mão manchada de vermelho murmurava:

— Não grita, Nhô Amancio, não grita! não foi nada! não grita, que sinhô ouvi!

Mas eu gritava. Todo o antigo affecto esquecido renascia ali diante da minha velha Mãe Maria, toda banhada em sangue, ferida por mim. Toda a casa acudira aos meus gritos. Vi junto de nós meu pae, a prima, as escravas. Então tive medo do castigo...

Mas a velha negra já tinha um sorriso nos labios. E olhando meu pae, que indagava a causa d'aquillo, dizia:

— Não foi nada, Sinhô, não foi nada! A negra velha escorregou no sabão, e quebrou a cabeça nas pedras. Mas Nhô Amancio, acudiu logo. Não foi nada, Sinhô, não foi nada!

Quando, pensada a ferida, eu, a sós, com ella, a vi salva e repousada,—cahi nos seus braços pedindo-lhe perdão, cobrindo de beijos aquella face que me parecia tão bella, tão clara, tão illuminada como a face de um daquelles anjos do Senhor, de que ella me falava nas suas compridas historias da roça. E ella chorando tambem:

— Que é isso, Nhô Amancio? que foi que Mãe Maria fez?... tinha que ver que Nhô Amancio fosse apanhar uma sóva por causa do cangalho de uma negra velha!...

\*\*\*

D'ahi a um anno, quando de novo voltei do collegio, ainda abracei Mãe Maria. Via-a, abracei-a ainda, pelo Natal, dois annos seguidos. Depois... morto meu pae, morta minha mãe, vendidos todos os escravos da casa—nunca tive quem me dissesse onde foi dormir o seu ultimo somno a minha velha Mãe Maria, alquebrada por quasi um seculo de captiveiro e de trabalho.

OLAVO BILAC.

# ACABAM DE APPARECER

SIMÃO DE MANTUA

## FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

ESTUDO DE PSYCHOLOGIA SOCIAL BRASILEIRA

Preço 4\$000  
Pelo correio mais 500 réis

AMANDO CAIUBY

## SAPEZAES E TIGUERAS

CONTOS

Preço 4\$000  
Pelo correio mais 500 réis

PEDIDOS AOS EDITORES:

**MONTEIRO LOBATO & C.**

RUA BOA VISTA N. 52  
Caixa, 2-B — S. PAULO



## J E S U S

«Il faut se rappeler, d'ailleurs, que toute idée perde quelque chose de se putréfié dès qu'elle aspire à se réaliser».

(ERNEST RENAN — Vie de Jésus).

«Assim que agora nenhuma condenação ha para os que estão em Christo-Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espirito».

(SÃO PAULO — Epistola aos Romanos).

Depois de acalmar a irada tempestade das agoas, Jesus voltou novamente de rumo á Galiléa que deixára para ir á terra dos Gadarenos. Mas agora as agoas eram tranquillias, quietas como a pureza macia do céu azul, refulgentes e meigas como as pupillas do Nazarethno.

Pela região se sabia que na outra banda, logo ao pisar terra firme, Christo fizerá milagres, porque afugentára os mãos espiritos de um louco, prisioneiro de sepulturas onde o recolhiam algemado e agrilhado; mas o doido partia as correntes, subia aos montes, descia ás covas onde nas duras e pontudas pedras rasgava a fragilidade de sua carne. Christo o curára; em sujos porcos prendera os immundos espiritos, que com a manada se afogaram nas agoas inquietas; e o louco levou a fama do Mestre a sua terra em Decapolis. Todas as multidões perguntavam quem era aquelle homem que com tanta mansidão acalmava as procellas, dava vista aos cegos, curava corpo e espirito, dizia tão eloquentes parabolias, — e atravez de todos esses milagres era o Mestre-Perfeito? A sua gloriosa fama chegou até Jairo, Principe da Synagoga. E logo sabendo este do regresso de Jesus, foi ao seu encontro, e assim lhe falou:

— Oh! Mestre, ouve a minha palavra porque a minha bocca é um sepulcro de dor. Ha doze annos pela graça do céu, de minha mulher nasceu uma filha a quem amo e estremeço pelos encantos da sua pessoa e pela affectiva bondade do seu coração. E' minha filha; si tu a visses certamente a amarias! Quando ella sahia aos campos, vinham as ovelhas e os cordeiros comer aservas á palma de sua mão, — fresca como um lyrio dos montes, rosada como a aurora em Beth-

lém; e as andorinhas revoavam em torno de sua cabecinha loira, e as abelhas esvoaçavam ao redor de sua bocca vermelha, — doce como uma colmeia em que se fabricam favos de beijos. Pairava sobre ella a graça do Senhor, e tinham descido sobre ella todas as benções do céu. Posses a coitadinha da repente a definhar; mais fragil do que a onda que se quebra na praia a saída de minha filha foi fanando. Flor que ella era ainda hoje o é, mas tão emmurchecida que só de vel-a os olhos se enchem de lagrymas como neblina de inverno. Seus bracinhos estão agora como hastes supportando o doce peso de duas rosas brancas. Oh! Mestre, tu que és infinitamente misericordioso e bom; tu que geras milagres com a mesma facilidade com que o céu se recobre de estrellas; tu que esconjuras os demonios; ah! tu bem podes salvar um anjinho do Senhor!

Jesus, erguendo o braço de dentro da ampla manga da tunica, pousou de leve a mão no hombro de Jairo, que todo se recobriu de uma refulgente luz; e descerrando os labios, disse em palavras mais doces do que beijos:

— Um homem opulentamente rico, que todas as coisas da terra podia com dinheiro comprar, cultivava com apurado esmero um jardim; tinha elle terra fecunda e boa, e descia de uma fonte a agoa maviosa e tranquillia; sem falar na agoa do céu que era muita. Mas nem a chuva benefica, nem o orvalho da noite poderam fazer que no jardim surgisse mais de uma roseira; e a roseira só deu uma rosa. E o rico homem que ao principio ficou triste, consolou-se pensando que a planta vicejava e que a flor era sempre purpurina e cheirosa. Uma vez a roseira começou a definhar, e a rosa começou a emmurchecer; o homem tudo fez para salvá-as, e todos os conselhos ouviu. E estes eram muitos: uns achavam que eram espinhos; outros achavam que só das lagartas vinha o mal. Enquanto isso, roseira e rosa morriam. Foi então que appareceu um jardineiro, e deu-lhes outra vez a virtude que de Deus trouxera. Tu talvez sejas o homem rico; a rosa é a tua filha; a roseira é a vida; mas eu sou o jardineiro de Deus. Vae, e tem fé! Salvarei a tua filha.

Jairo partiu cheio de esperanza e de fé, — porque, á sua vista, uma mulher doente que se roçou no manto de Jesus logo sarou da enfermidade. Em verdade, em verdade! Que homem prodigioso era aquelle?

Passaram-se algumas horas, e viu o Principe da Synagoga que o Mestre-Perfeito não chega-

va: foi outra vez em sua busca, com marcha vacillante e palavras que hesitavam:

— Mestre! Si tardas em ir, bem receio que só encontres em minha casa um cadaver! Minha filhinha bate ás portas da Morte; já os homens de saber affirmam que é tarde e ella se não salvará. Tem pena de mim! Vae salvar a minha filha!

Jesus moveu para o pae afflicto a refulgencia luminosa dos seus olhos tranquillos:

— Não temas, homem! Eu te disse que tua filha se salvará; guarda mais a confiança e acrescenta a tua fé! Por mais que te digam de perigos insensatos; por mais que te afflijam a esperanza, por mais que te deitem veneno no soffrimento; — lembra-te da minha promessa, e crê na salvação de tua filha! Antes que desesperes terceira vez, eu lá irei e a curarei.

De novo partiu Jairo, e ao voltar-se uma vez viu Jesus em pé e sereno, com a face angelica voltada para o céu azul. Mas ai! de Jairo, que ao chegar á casa teve tempo apenas de beijar a filha que parecia morta. Voltou acompanhado de muitos dos seus á procura de Christo que em caminho encontrou.

— Mestre, vem depressa! Tarde chegarás para salvar a minha filha! E como Jesus se apressasse disseram em torno:

— Oh! Jairo, porque atormentas o Mestre, si tua filha já está morta?...

Mas Jesus, estendendo a branca mão sobre o Principe da Synagoga:

— Não temas! Crê na minha palavra que é a palavra de Deus!

Então, todos aquelles incréos, em alvoroço do milagre promettido, quizeram acompanhar Jesus e Jairo; mas por ordem do Mestre, foram apenas Pedro, Jacobo e João, irmão de Jacobo.

A tarde ia alta, e começava a cahir o crepusculo...

Quando os cinco homens entraram, mais descontraído ia alvoroço em casa de Jairo. Elevavam-se préces como vôos de azas, pedindo misericórdia ao Senhor; depois as promessas cessaram e eram apenas surdas lamentações sobre o corpinho da creança morta. Jesus, á porta, perguntou:

— Porque vos alvoroçaes? Porque tanto gemido e tanto pranto? Serenae os vossos corações, guardae as vossas lagrymas, que a menina não está morta, e apenas dorme...

Isso ouvindo todos riram como ás insensatas palavras de um visionario; e o Mestre, deante da falta de fé d'aquella gente, expulsou a todos dizendo:

— Aqui só permanecerão os que têm fé e amor — porque a misericórdia não é feita nem de pedras nem de cardos.

Depois, acompanhado dos que com elle tinham vindo, e mais tambem da esposa de Jairo, entrou no quarto da menina.

Branca e immovel a formosa creança jazia com os olhos cerrados, a fronte muito pallida, envolta na aureola dos seus cabellos loiros. Jesus achou que os olhos fechados eram como um céu azul dentro das nuvens negras de uma tempestade. A mãe afflicta — que, apenas no quarto, se debruçara chorando sobre o leito da filha morta — ergueu-se de repente, grande, tragica, dolorosa, indo cahir ajoelhada aos pés do Rabbi, que tinham o pó das estradas:

— Jesus de Nazareth, olha para a minha dor e salva esta criança, unica filha das minhas entranhas!

Rabbi Jesckoua sorriu, e disse n'um outro sorriso:

— Tem fé, mulher!

Houve um longo silencio; n'esse minuto d'espanto, Jesus dirigiu-se para o leito. Todas aquellas pessoas eram como estatuas petrificadas: a mãe do anjinho ainda ajoelhada, os cabellos soltos como a coléra do oceano, com os olhos em extase fitava Jesus e a menina; Jairo pallido e immovel segurava a cabeça entre as mãos. Pedro, Jacobo e João, a um canto da sala, ajoelhados rezavam. Jesus sorriu outra vez, — e tomando a mão da menina, murmurou como uma caricia:

— Vem, minha filhinha, levanta-te!

E logo a menina, como si as palavras divinas lhe dessem azas, levantou-se sorrindo, e foi cahir nos braços paternos...

Depois abraçou Jesus que a estreitou ao peito longamente, amorosamente, cobrindo-a de beijos, deante da derramada alegria de Jairo e de sua esposa, deante do assombrado espanto dos companheiros.

Mas aos paes do anjinho parecia, vendo Jesus abraçar e beijar a filha resuscitada, que um milagre tambem n'elle se operara, — e que aquelle Deus pela primeira vez era um Homem...

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores**

## Euclides da Cunha

E' alli, em Copacabana, ao rumor das ondas, numa casa batida pelo vento do mar e de janellas abertas para o azul do oceano, que Euclides da Cunha vive a sua existencia extraordinaria, do mais completo e do mais artista historiador brasileiro.

Uma tarde, em que, á rua do Ouvidor, fallavamos de livros e de arte, elle me bateu amigavelmente nos ombros —

— Vai um domingo lá em casa, que diabo! Conversamos, almoçamos e depois sahiremos descalços a passear na praia.

Desde as primeiras paginas dos «Sertões» que eu comecei a ter pelo historiador de Canudos a mais cega e commovida admiração. Não era admiração apenas, era mais — adoração — adoração por aquelle escriptor, que imprevisivelmente surgia omnipotente e supremo, para o espanto de uma lingua e de uma raça, por aquelle narrador de guerra que de tão alto se punha para historiar todos os problemas da luta, pelo artista ruidoso e formidavel, que abria uns novos paineis de arte robusta e essencialmente nossa, pelo paizagista incomparavel, evocado, como nenhum outro, gigantesco, replandescente, como ninguém.

Foi num domingo que lá estive. Era sol e era azul. A casa estava com as janellas abertas para o vento do mar rumorejante da alegria das ondas proximas, que, na areia, se esfarellavam, toda lavada do sol d'aquelle domingo alacre.

Euclides é um simples como nunca vi assim. Quem o encontra na rua, magro, o rosto carregado, numa profunda concentração, não acredita o que pode haver de alegre, carinhoso e desprendido, naquella alma. Quem devora as paginas rutilantes dos «Sertões» imagina que alli está um escriptor de socego e methodo e que a obra foi feita com o maior dos methodos e o mais regular dos socegos.

Nada d'isso. Nem uma cousa nem outra. Euclides nunca se «assentou». A sua vida tem sido uma vida errante, ora aqui, ora alli, numa commissão, noutra, as malas sempre promptas, os livros dentro das malas. Ora em Minas, em S. Paulo, no Amazonas, no Acre, em Canudos; de lapis na mão, enchendo de algarismos os livrinhos de notas, como engenheiro.

Ao que elle conta, desde estudante que o seu sonho é pousar; ter uma vida pacata, a sua casa, tudo em ordem, os seus livros arrumadinhos, a hora certa de começar o trabalho, a hora certa de terminal-o, e hora certa

de acordar e dormir. E nunca teve. A sua existencia tem sido revolta sem assento em logar nenhum, irregular, imprevisita, incerta, nomado, uma hora aqui, outra onde o diabo perdeu as botas, sempre carregado de trabalho, trabalhando por noites além, um dia no costado de um cavallo, percorrendo sertões, outro medindo terras, outro suando, entre o fragor dos martellos, numa ponte que elle constróe. Um horror!

— Continúo a ser o estudante que era. Tudo se revela.

Ao entrar-se em casa de Euclides, a gente fica á vontade. Não parece que se está em frente de um dos maximos prosadores de uma lingua, mas sim de um rapaz amigo, de um velho camarada com quem se viveu larga quadra, de um companheiro que nos falla do suas cousas como se fossem nossas, uma d'essas creaturas que vão logo á primeira vista, espavorindo a cetimonia, e a quem a gente se sente mal de dar até o tratamento de «senhor».

E o que é curioso, o que mais resalta e o que mais commove, é a profunda modestia de Euclides. Isso d'elle ser o mais completo dos nossos historiadores, o artista extraordinario, o escriptor surpreendente, o paizagista formidavel, isso, somos nós aqui fora que o dizemos. Elle, elle é que não está convencido d'isso. A sua modestia é organica. O «Sertões» para elle nada tem de extraordinario. E' um livro como outro qualquer.

Aquellas paginas assombrosas, eheias d'aquelle fragor e d'aquelle commoventia de phrase, d'aquelles paineis faustosos, que nos fazem vibrar e arder de enthusiasmo e de orgulho, para elle são paginas rasteiras, cobertas de defeitos. De defeitos!

— De defeitos, sim! confirma Euclides, muito espantado de ninguém ter dado por isso. Aqui estão elles.

Na nova edição dos «Sertões» fiz seis mil emendas. Não se diga que sejam erros de revisão, são defeitos meus, só meus. E mostrou-nos o livro, onde em cada pagina apparecem pelo menos tres remendos.

— Hei de concertar isto por toda a vida. Até já nem abro os «Sertões» porque fico sempre adormitado, a encontrar imperfeições a cada passo.

E' ao almoço, numa sala aberta para o mar enquanto o vento da praia agita os guardanapos, que Euclides me conta como escreveu os «Sertões».

Estava por esse tempo em S. José do Rio Pardo, reconstruindo uma ponte. Era um trabalhar sem conta, noite e dia, elle alli a dirigir as obras, sempre á frente, no tumulto dos operarios.

A ponte construida por outros engenheiros havia uma noite desabado desastrosamente e o governo de São Paulo convidara-o a reconstruila.

A obra era da mais alta responsabilidade, principalmente depois do desastre. Euclides, por amor proprio, em respeito á sua carta de engenheiro, estava sempre á testa de tudo. Morava numa casinha a dois passos

das obras e passava os dias em calculos, a lutar com os «x» da mathematica. Foi ali que lhe veio a idéa de escrever os «Sertões».

Um livro d'aquelle peso toda gente tem a impressão de que o seu autor escreveu-o cercado de volumes para consultar. Não foi assim. Euclides não tinha um livro comsigo, nem uma historia do Brazil, nem um volume de geologia. Nada.

Mas assim mesmo atirou-se. A todo o momento tinha que levantar-se, para vir vêr a marcha do trabalho da ponte, que se ia erguendo; quando estava num trecho d'esses com que os escriptores se torturam e dão um pedaço de vida para acabar-o, eis que um operario vinha chamal-o para solver uma difficuldade. Apesar d'isso os «Sertões» iam oaminhando. A tarde o juiz de direito, o presidente da Camara Municipal, mais duas ou tres pessoas do Rio Pardo, reuniam-se á casinha de Euclides, para ouvir o «follhetim».

Elle lia então as tiras que havia escripto durante o dia. D'entre as pessoas que vinham ouvi-lo, havia um paulista conhecedor dos sertões; um d'esses talentos fulgurantes, estupendos que nunca são conta alguma porque nunca entraram numa escola. Esse homem tinha coegas de escriptor. Tinha lá os seus versos, as suas tiras de papel cheias de rascunhos litterarios. Euclides da Cunha fallou que ia descrever o «estouro da boiada», um dos quadros mais epicos e mais sinistros dos campos e mattas brasileiras.

Nunca havia visto o «estouro»; sabia-o apenas por informação, por ouvir contar. O paulista virá diversos, estava «cansado de vêr» dizia elle.

— E se «seu» doutor quizer, «seu» doutor escreve, eu escrevo tambem e vamos ver quem é que faz mais perfeito.

Euclides teve, deveras, medo d'aquella proposta. Atirou-se á descripção, receioso de ser derrotado. No outro dia, á tarde, o matuto apresentou-se corajosamente, com as suas tiras de papel.

O juiz de direito, o presidente da Camara, as duas ou tres pessoas do Rio Pardo, esperavam o duello.

— Leia!

— Leia o doutor primeiro!

Euclides leu. Leu aquella descripção incomparavel, assombrosa, que nós todos conhecemos nos «Sertões». E ao terminar voltou-se para o homem.

— Leia!

— Qual nada «seu» doutor. Olhe alli. No chão, as tiras do pobre homem estavam aos pedacinhos, esfrangalhadas.

— Eu vou então ler alguma coisa depois d'isso?! Não é possível, não é possível, que o senhor não tenha visto pelo menos cem «estouros de boiadas».

E no meio da barulhada infernal dos martellos, das traves de ferro, dos foles, os «Sertões» caminhavam.

Quando a ponte ficou concluida, o livro estava concluido tambem.

Ninguém sabia nesse tempo que Eu-

clide s'era escriptor. Elle apenas se havia mostrado no «Estado de São Paulo», numas chronicas ligeiras, com as iniciaes. Tinha medo da publicidade. Mas resolveu-se a publical-o. O juiz de direito, o presidente da Camara do Rio Pardo, o matuto do «estouro», haviam lhe dito que o livro era bom. Foi a S. Paulo e levou-o ao «Estado», para publical-o em folhetins.

O maço de tiras era enorme. Isso parece que espantou. Seis mezes depois, ao voltar a S. Paulo e ao subir à redacção do «Estado», lá encontrou, num canto o seu embrulho de tiras, empoeirado. Pol-o debaixo do braço, e veio a ao Rio de Janeiro. Não conhecia aqui nenhum escriptor a não ser Lucio de Mendonça. Lucio de Mendonça procurou-lhe editar. O escriptor era desconhecido e o volume de tiras assustava. Os editores torciam o nariz.

O «Jornal do Commercio» não quiz a obra para folhetins.

Afinal o velho Masson da casa Laemert, depois de muito pensar e de muito vacillar, disse que ficava com o rôlo de tiras.

Entra o livro no prelo. Mezes depois Euclides, que por essa feita estava em Lorena, é chamado para vir ver a sua obra. Vem; ao chegar à Companhia Typographica, à rua dos Inválidos, abrindo ao acaso um volume lá encontra um «a» com uma crase intrusa, adiante uma virgula de mais, etc. etc. Elle estava nesse tempo atacado de uma neurasthenia profunda. Aquella crase, aquella virgula, aquelles outros erros, pareceram-lhe grandes blocos de pedra, que vinham atacar o seu nome. Que horror! E a ponta de canivete (parece mentira, mas é verdade) a ponta de canivete, em dous mil volumes, Euclides raspu oitenta erros. Foram cento e essenta mil emendas!

Levou dias e dias nessa trabalhadeira gigantesca.

Os operarios da typographia estavam assombrados com aquillo. Elle passava os dias, as noites, curvado sobre os volumes, a raspar com a pontinha do canivete.

Só acabou na vespera da ohegada do barão do Rio Branco, em dezembro de 1902. O livro ia ser posto à venda no dia seguinte.

Um extranho pavor se apoderou de Euclides. Tiuha certeza de que a obra ia ser um desastre. E pediu ao editor que retardasse a venda para d'ahi a trez ou quatro dias. E tocou-se para Lorena.

O seu pavor tinha crescido estupidamente, tanto que, chegando a Lorena à meia noite, às trez da manhã estava de viagem. Para onde? Sabia lá! O que elle queria era fugir, esconder-se no no fim do mundo, não ver mais ninguém, rasgar o livro, não ter noticias do «desastre». E andou oito dias a cavallo pelo interior de S. Paulo, sem destino. O que lhe passava pelo espirito era curioso: via-se inteiramente achatado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas chronicas dos jornaes.

— Para que me fui metter eu nisso, senhores!

Ao chegar aos pousos do sertão, onde os sertanejos vinham receber-o ao terreiro, para hospedal-o, as reflexões que lhe acudiam eram interessantes.

— Ora veja, dizia, estes homeis me tinham em tão boa conta!

Ao fim de oito dias sentiu saudade da familia. Do livro não tinha a mais vaga noticia. Mas via-se servindo de troca nas rodas litterarias da rua do Ouvidor, o editor desesperado com a «buxa», a mandal-o para o inferno. Chegou a Taubaté, de volta, empoeirado, à tarde. Depois da chegada do trem do Rio, seguia um expresso para Lorena. Enquanto esperava o expresso foi comer alguma cousa, no «restaurant» da estação.

Chega o trem do Rio. Uma multidão de passageiros salta e corre para o «restaurant». Entre elles um homem alto, barbado, de guarda-pó e um livro debaixo do braço. Euclides tem um sacolejão. Se não se enganava tinha visto os «Sertões» sob o braço do homem. Parece que foi alguma mola que o fez levantar-se. Chegou-se ao typo, sacudido de emoção.

— O senhor pode deixar-me ver esse livro?

O homem fitou-o, mediu-o e serio, desconfiado, de má vontade, estendeu-lhe mudamente o livro, sem largal-o.

Era mesmo o «Sertões».

— Obrigado.

O seu desejo foi atirar-se ao sujeito e abraçal-o. Mas voltou para a sua mesa. E poz-se a pensar e repensar. O livro estaria fazendo successo? Teria sido bem succedido? Os jornaes o que estariam dizendo? E a figura do passageiro de guarda-pó surgia-lhe à imaginação. Aquelle sujeito não tinha cara de gostar de ler. Se estava lendo seu livro é porque estava gostando. E estaria mesmo? Quem sabia se aquillo não era apenas ostentação, vaidade de mostrar-se aos outros passageiros do trem como leitor de um livro grosso! Podia ser! Mas como foi que elle comprou o livro? O volume custava dez mil réis.

Só se dão dez mil réis por um livro, quando se sabe, ou se ouve dizer, que esse livro é bom.

Se aquelle homem comprou, é porque ouviu dizer, ou por um amigo ou pelos jornaes. Mas podia ser que aquillo fosse um presente. Podia. E o sujeito estaria gostando? Se elle não estivesse, ao saltar do trem para tomar um refresco na estação, deixaria o volume no seu banco. Se o trouxe debaixo do braço era porque o livro lhe era precioso. Mas tambem podia ser que fizesse aquillo para que lh'o não roubassem. Mas um livro mau, ninguém se importa que carreguem com elle.

Enesse torturar de espirito, Euclides chegou a Lorena. Esperavam-lhe jornaes e cartas. Cartas do editor. Do editor havia duas. Abriu uma ao acaso, por felicidade. Por felicidade era a segunda! Nessa carta, o editor dizia que estava assombrado com a venda do livro e que em oito dias estava quasi esgotado um milheiro; contava-lhe do successo, das criticas dos jornaes, do barulho que a obra estava fazendo.

A outra carta, a primeira, era esmagadora. O editor confessava-se-lhe redondamente arrependido de tel-o editado, dizia que não havia vendido um unico volume e mais: que sendo oada volume pelo preço de dez mil réis, mandára offerecer aos «sebos»

da rua S. José, por cinco e nem um só aceitara.

— Se eu tivesse lido essa carta em primeiro logar, parece que morreria, conclue Euclides, sorrindo.

E' essa a historia ingenua da obra maxima da nossa litteratura.

A profunda modestia de Euclides é organica.

Com a publicação dos «Sertões», quem mais se espantou foi elle.

Nós nos espantamos de ver que a nossa raça já tinha um escriptor, que attingira ao mais alto grau de perfeição.

Elle se espantou ao saber que esse escriptor era elle.

Rio, 1909.

VIRIATO CORREIA.



## A «Atlantida»,

O romance de Pierre Benoit — «Atlantida» — apparecido depois da guerra assignala bem as modernas tendencias da literatara.

Eis o seu entrecho:

Dois officiaes francezes, o tenente Ferrières e o capitao Saint-Avit se preparam para partir para o Sahara em exploração. Murmura-se que alguns annos antes, em exploração analogo, o capitão Saint-Avit assassinára o seu companheiro, capitão Morhange, crime que, certa noite, o proprio Saint-Avit confessa a Ferrières. Como e porque — é o romance:

A certa distancia do macisso de Hoggar, uma tempestade apanhou Saint-Avit e Morhange, que então puderam salvar um Thouareg que se aflugava numa torrente subitamente formada pelas aguas da chuva intensa. Ao mesmo tempo, Morhange descobre na gruta, onde se tinham abrigado, uma inscripção que lhe faz crer que a Atlantida de Platão ainda existe. O thouareg, de nome Chegheir ben Cheik diz conhecer o caminho e promete conduzil-os.

Entrando em suas funcões, o guia começa por embebedal-os com hash-chich. A primeira impressão é a de que atravessam um corredor, penetrando num palacio extranho, ao centro de uma região cercada por uma triplice cadeia de montanhas e de mares extinctos. Sobrevivem ahi os derradeiros Atlantas, com seus escravos negros e alliados aos Targui (os Thouaregs, como nós dizemos). Sua rainha descende ao mesmo tempo de Cleopatra e dos reis atlantas, a menos que não seja de uma pequena e impura celebridade do Segundo Imperio. Apreciando muito os europens, ella manda capturar aquelles que se aventuram até os arredores da Atlantida, fazendo-os seus amantes, pois ninguém resiste à sua belleza. Quando se farta delles, fal-os matar e, depois, em vez de embalsamar-os, transforma-os em bronze, por meio do um processo de galvanoplastia. Dos recém-chegados, ella prefere Morhange. Mas, especie de monge soldado, Mo-

rhange repelle-a. Portanto, morrerá. E por um refinamento de perversidade feminina, quem o inmolará ha de ser o tenente Saint-Avit, que, de facto, o assassina depois de embriagado por ella com sobrehumana voluptia. Em seguida, Saint-Avit acha meio de fugir, graças á pequena escrava Tanit Zerga e a Chegheir ben Cheik, que lhe diz: -- Tu me salvaste da agua; devo-te alguma coisa: aliás, em primeiro lugar, como mataste teu camarada, estou certo que não dirás donde vens e em segundo lugar, sei que não terás mais que um desejo, voltar.

Effectivamente, Saint-Avit e Ferrieres partem com Chegheir para a Atlántida e pode-se suppor que tudo vaie recommençar...



## Paulo Eiró

AMEL-TE

Amel-te! do poeta a alma incendiada  
Precisava adorar, fosse um momento,  
Formosa estatua sobre altar de argento.  
No molde de seu peito derrizada.

Estatua foste, sim! nem commovida  
Tornar-te pôde meu aroz tormento.  
Essa chamanna infeliz que, sem sus-  
tento,

Me devorava pouco a pouco a vida.

Das o culto fanático abalado

Está por teu rigor, por esse zelo  
Com que, paga de amor, me dás  
[agrado.

Amante posso ser, deixar de sel-o...

Mulher, o coração é limitado:  
No fundo dos vulões também ha gelo.

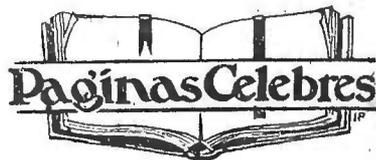
A proposito do mallogrado poeta paulista, do quem damos acima um soneto, escreveu Amadeu Amaral em abril de 1918, na «Vida Moderna», a seguinte chronica:

Passou ha poucos dias, — e passou, naturalmente, sem que o publico desse por isso, — o anniversario da morte de Paulo Emilio de Sullés. Um nome desconhecido, um talento ignorado, uma vida rapida e angustiada, sepulta sob a poeira de quatro para cinco decenios... Não importa. Sob a caudal dos successos da hora presente, com todos os seus ruinosos, o chronista não pôde esquivar-se á melancolica sedução dessa interessante figura, que, do fundo do tempo, esbatida na penumbra do olvido, parece

fitar-nos os seus olhos parados, fulgentes da claridade morta dos sonhos que se extinguiram com elle. Paulo Emilio de Sullés nasceu em Santo Amaro, ali por 1836. Se S. Paulo, em 1836, era uma aldeia grande, pôde imaginar-se o que seria, na sua extenção e na sua vida, esse ainda hoje pequeno e modorrento villarejo á margem do Jurubatuba e ao sopé do Morumbý. Foi nesse acanhado scenario, mais isolado do mundo que as localidades sertanejas de agora, que o pequeno Paulo Emilio se fez menino e moço, conheceu os homens e as coisas, e despertou para os exercicios austeros do espirito. Mas o aguilucho, onde quer que tenha visto a luz, seja no alto da escarpa, seja no fundo de uma grotta, é sempre uma aguia pequena. O rapazelho santamarense, no meio de uma população rarefeita e ignara de sitiantes, de tropeiros, de mercadores e de caipiras, surgiu com o sello divino e tragicodagenialidade. Nasceu com azas. Tentou-as. Sentiu o deslumbramento e a tortura, o orgulho, a curiosidade, a tenção, o receio, a vertigem da visão alta, para além do horizonte commum, muito para além de onde chegavam as vistas mais agudas da terreola. Viu esplendores que em redor delle ninguem suspeitava, e, ai, do pobre rapaz! tambem viu os abyssos da miseria e da dor humana, por cujo estrel jamais esvoaçaram as almas felizes, sem mais aza que a sufficiente para uns vóos cansados, á flor do terreiro natal. Reconcentrou-se, ensombrou-se, tornou-se uma figura extravagante, caprichosa e incomprehensivel. — um «poeta». Esse poeta chamou-se Paulo Eiró, appellido obsoleto de um ascendente qualquer, que lhe ajustava melhor á personalidade original e lhe falava mais á esthesia. Durante algum tempo — apenas o tempo de uma juventude — o preta passeou entre Sauto Amaro e S. Paulo, sem muita publicidade e quasi sem confidentes, arisco e incompreendido, os seus sonhos e as suas illusões, os seus ideaes e os seus anhelos, as suas maguas e os seus desconsoles. Até que um dia a cabeça ensanguentada dos embates do mundo, combalida pelos tormentos do coração e da intelligencia, emperrou, desarticulou-se e poz-se a trabalhar aos estremeções e ás guinadas, com ruidos arhythmicos de machina em ruina. Levaram-no para o hospicio. Da profunda noite em que esteve mergulhado por mais de dez annos, não saí senão para essa outra noite maior, sem estrellas nem lua, de cuja treva ainda ninguem tornou. Os dez annos, ou pouco mais, que elle viveu entre a meninice e a loucura, foram-lhe, entretanto, sufficientes para compôr tres livros de versos, um drama e

um numero de pequenos trabalhos avulsos. Nos livros de versos, para só dellas falar, o talento irradia em todo o fulgor da evidencia. Sentese ali o desabrochar de uma alma profunda e grave, sénsivel, apaixonada e pensativa, sedenta de comprehensão e de belleza, de amplitude e de força... Paulo Eiró foi, chronologicamente, o primeiro poeta verdadeiro de que S. Paulo se pôde orgulhar, — de que S. Paulo se poderá orgulhar quando o conhecer, como é preciso, como é indispensavel que o conheça. Esperemos que alguém se incumba da apresentação, nos moldes amplos que o valor do desventurado moço tanto merece, isto é, através de uma edição conveniente dos mais perfectos dos seus versos.

AMADEU AMARAL



## De Anacreonte

A filha de Tantalos foi transformada em rochedo sobre as ribanceiras da Phrygia; a filha de Pandion voo sob a forma de uma andorinha. Por mim, queria tornar-me espelho, para que me olhasses sem cessar; tunica, para que me tragas sempre contigo. Queria ser, ó minha amiga, a agua em que banhas teu corpo; a essencia de que te perfumas; a faixa que sustem os teus seios, a perola que orna o teu pescoço; queria ser sandalia; pelo menos tu me calcarias aos pés.

Os cavallos têm nas ancas a marca impressa a ferro em brasa; reconhecem-se os Parthas pela sua thiará; eu, por mim, sei distinguir logo os amantes. no fundo da alma, têm elles uma matea leve.

Como és feliz, cigarra, quando no alto das arvores, bebida uma gotta de orvalho, dormes como rainha. Tudo o que te cerca é teu teu — o que vés na planicie e o que produz a floresta. És amada dos camponios, a quem não causas nenhum mal; és honrada pelos mortaes que sandam em tí a amavel mensageira do estio. As massas te querem e o proprio Apollo, que te deu uma voz harmoniosa. A velhice não pode atingir-te; filha da terra, tu que não amas senão o canto, tu que não enheões o soffrimento, tu que não tens nem sangue, nem carne, tu és quasi semelhante aos deuses.

ACABA DE APARECER

# ALLEMANHA SAQUEADA

POR MARIO PINTO SERVA

Preço 3\$000

MONTEIRO LOBATO & C. - EDITORES R. BOA VISTA, 52 - S. PAULO

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL		F. T. DE SOUZA REIS	
A Pulseira de Ferro (novella) . . . . .	1\$000	A Divida do Brasil (estudo historico) . . . . .	4\$000
Um soneto de Bilac (critica) . . . . .	2\$000	WALDEMAR FERREIRA	
MONTEIRO LOBATO		Manual do Commerciante . . . . .	8\$000
Os Negros (novella) . . . . .	1\$000	Estudos de Direito Commercial . . . . .	10\$000
LÉO VAZ		A Hypotheca Naval no Brasil . . . . .	3\$000
Ritinha (novella) . . . . .	No prélo	AUCTORES DIVERSOS	
GUSTAVO BARROSO		O que todo o commerciante precisa saber (10.º milheiro) . . . . .	2\$000
Mula sem cabeça (novella) . . . . .	No prélo	Almanach Commercial Brasileiro de 1918 . . . . .	6\$000
A. DE SAMPAIO DORIA		NICOLAU ATHANASSOF	
O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) . . . . .	3\$000	Os Suínos, manual do criador de porcos (2.a edição, 8.º milheiro) . . . . .	

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romancé por Lima Barreto . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAÍZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: oferecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Aparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 1/2 x 12 1/2 centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

10

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de frente a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas á menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apreçada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos loitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, com tanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja sorvir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remittido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

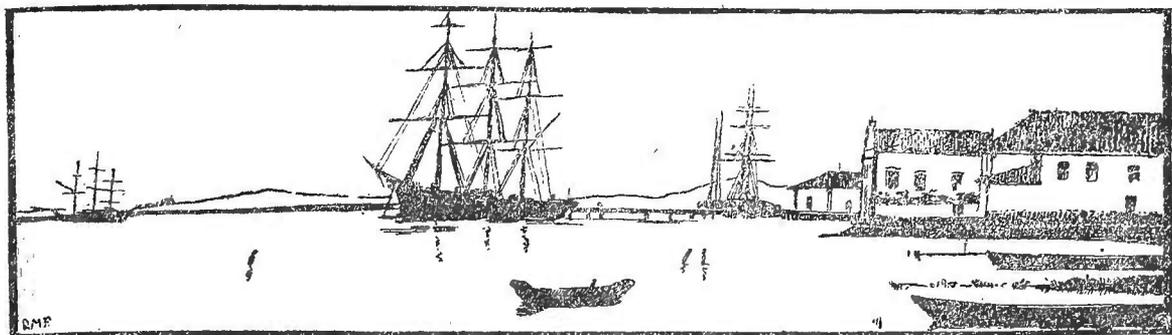
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL São Paulo, 25 de Junho de 1921

NUMERO 9

## SUMMARIO

ANECDOTA PECUNIARIA — Machado de Assis.  
A LAVADEIRA — José Verissimo.  
NATAL NO LOURENÇAO — Waldomiro Silveira.  
A VENDA SECCA — Oliveira e Souza.

O VELHO ESCRINIO — F. Silveira.  
O TONICO — João do Norte.  
SUPPLEMENTO — A vida

anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores Coelho Netto.

Os nossos poetas — «Inania

verba», de Bilac — B. F.  
Curiosidades literarias — A «Atlantida» de Platão — H. DE RAUVILLE.  
Leituras — Vultos e Livros — Figurões vistos por dentro — Piraquaras.

# ANECDOTA PECUNIARIA

Chama-se Falcão o meu homem. N'aquelle dia — quatorze de Abril de 1870 — quem lhe entrasse em casa, ás dez horas da noite, vel-o-hia passear na sala, em mangas de camisa, calça preta e gravata branca, resmungando, gesticulando, suspirando evidentemente afflicto. Ás vezes sentava-se; outras, encostava-se á janella, olhando para a praia, que era a da Gambôa. Mas, em qualquer logar ou attitude, demorava-se pouco tempo.

— Fiz mal, dizia elle, muito mal. Tão minha amiga que ella era! tão amorosa! Ia chorando, coitadinha! Fiz mal, muito mal... Ao menos que seja feliz!

Se eu disser que este homem vendeu uma sobrinha, não me hão de creer; se descer a definir o preço, dez contos de réis, voltar-me-hão as costas com desprezo e indignação. Entretanto, basta ver este olhar felino, estes dois beiços, mestres de calculo, que ainda fechados, parecem estar contando alguma cousa, para advinhar logo que a feição capital do nosso homem é a voracidade do lucro. Entendamo-nos: elle faz arte pela arte, não ama o dinheiro pelo que elle pode dar, mas pelo que é em si mesmo! Ninguem lhe vá fallar dos regalos da vida. Não tem cama fofa, nem mesa fina, nem carruagem, nem commenda. Não se ganha dinheiro para esbanjar-o, dizia elle. Vive de migallias; tudo o que amontoa é para a

contemplação. Vai muitas vezes á burra, que está na alcova de dormir, com o unico fim de fartar os olhos nos rolos de ouro e maços de titulos. Outras vezes, por um requinte de erotismo pecuniario, contempla-os só de memoria. N'este particular, tudo o que eu pudesse dizer, ficaria abaixo de uma palavra d'elle mesmo, em 1.857.

Já então millionario, ou quasi, encontrou na rua dois meninos, seus conhecidos, que lhe perguntaram se uma nota de cinco mil réis, que lhes dera o tio, era verdadeira. Corriam algumas notas falsas, e os pequenos lembraram-se disso em caminho. Falcão ia com um amigo. Pegou tremulo na nota, examinou-a bem, virou-a, revirou-a...

— E' falsa? perguntou com impaciencia um dos meninos.

— Não; é verdadeira.

— Dê cá, disseram ambos.

Falcão dobrou a nota vagarosamente, sem tirar-lhe os olhos de cima; depois, restituiu-a aos pequenos, e, voltando-se para o amigo, que esperava por elle, disse-lhe com a maior candura do mundo:

— Dinheiro, mesmo quando não é da gente, faz gosto vêr.

Era assim que elle amava o dinheiro, até á contemplação desinteressada. Que outro motivo podia levar-o a parar, diante das vitrinas dos cambistas, cinco, dez, quinze minutos, lambendo com

os olhos os montes de libras e francos, tão arrumadinhos e amarellos? O mesmo sobresalto com que pegou na nota de cinco mil réis, era um rasgo subtil, era o terror da nota falsa. Nada aborrecia tanto, como os moedeiros falsos, não por serem criminosos, mas prejudiciaes, por demoralisarem o dinheiro bom.

A linguagem do Falcão valia um estudo. Assim é que um dia, em 1.864, voltando do enterro de um amigo, referiu o esplendor do prestito, exclamando com enthusiasmo: — « Pegavam no caixão tres mil contos! » E, como um dos ouvintes não o entendesse logo, concluiu do espanto, que duvidava d'elle, e discriminou a affirmação: — « Fulano quatrocentos, Sicrano seiscentos... Sim, senhor, seiscentos; ha dois annos, quando desfez a sociedade com o sogro, ia em mais de quinhentos; mas supponhamos quinhentos... » E foi por diante, demonstrando, sommando e concluindo: — « Justamente, tres mil contos! »

Não era casado. Casar era botar dinheiro fóra. Mas os annos passaram, e aos quarenta e cinco entrou a sentir uma certa necessidade moral, que não comprehendeu logo, e era a saudade paterna. Não mulher, não parentes, mas um filho ou uma filha, se elle o tivesse, era como receber um patacão de ouro. Infelizmente, esse outro capital devia ter sido accumulado em tempo; não podia começal-o a ganhar tão tarde. Restava a loteria; a loteria deu-lhe o premio grande.

Morreu-lhe o irmão e tres mezes depois a cunhada, deixando uma filha de onze annos. Elle gostava muito desta e de outra sobrinha, filha de uma irmã viúva; dava-lhes beijos, quando as visitava; chegava mesmo ao delirio de levar-lhes, uma ou outra vez, biscoitos. Hesitou um pouco, mas, enfim, recolheu a orphã; era a filha cobiçada. Não cabia em si de contente; durante as primeiras semanas, quasi não sahia de casa, ao pé d'ella, ouvindo-lhe historias e tolices.

Chamava-se Jacintha, e não era bonita; mas tinha a voz melodiosa e os modos fagueiros. Sabia ler e escrever; começava a aprender musica. Trouxe o piano comsigo, o methodo e alguns exercicios; não pôde trazer o professor, porque o tio entendeu que era melhor ir praticando o que aprendera, e um dia... mais tarde... Onze annos, doze annos, treze annos, cada anno que passava era mais um vinculo que atava o velho solteirão á filha adoptiva, e vice-versa. Aos treze Jacintha mandava na casa; aos dezeseite era verdadeira dona. Não abusou do dominio; era naturalmente modesta, frugal, poupada.

— Um anjo! dizia o Falcão ao Chico Borges.

Este Chico Borges tinha quarenta annos, e era dono de um trapiche. Ia jogar com o Falcão á noite. Jacintha assistia ás partidas. Tinha então dezoito annos; não era mais bonita, mas diziam todos « que estava enfeitando muito. » Era pequenina, e o trapicheiro adorava as mulheres pequeninas. Corresponderam-se, o namoro fez-se paixão.

— Vamos a ellas, dizia o Chico Borges ao entrar, pouco depois de ave-maria.

As cartas eram o chapéu de sol dos dous namorados. Não jogavam a dinheiro; mas o Falcão tinha tal sêde ao lucro, que contemplava os proprios tentos, sem valor, e contava-os de dez em dez minutos, para ver si ganhava ou perdia. Quando perdia, cahia-lhe o rosto n'um desalento incuravel, e elle recolhia-se pouco a pouco ao silencio: Se a sorte teimava em perseguil-o, acabava o jogo, e levantava-se tão melancolico e cego, que a sobrinha e o parceiro podiam apertar a mão, uma, duas, tres vezes, sem que elle visse cousa nenhuma.

Era isto em 1869. No principio de 1.870 Falcão propoz ao outro uma venda de açções. Não as tinha; mas farejou uma grande baixa; e contava ganhar de um só lance trinta a quarenta contos ao Chico Borges. Este respondeu-lhe finamente que andava pensando em offerecer-lhe a mesma cousa. Uma vez que ambos queriam vender e nenhum comiprar, podiam juntar-se e propor a venda a um terceiro. Acharam o terceiro, e fecharam o contracto a sessenta dias. Falcão estava tão contente, ao voltar do negocio, que o socio abriu-lhe o coração e pediu-lhe a mão da Jacintha. Foi o mesmo que, se de repente, começasse a fallar turco. Falcão parou, embasbacado, sem entender. Que lhe desse a sobrinha? Mas então...

— Sim; confesso a vossê que estimaria muito casar com ella, e ella... penso que tambem estimaria casar commigo.

— Qual nada! interrompeu o Falcão. Não senhor; está muito criança, não consinto.

— Mas reflecta...

— Não reflecto, não quero.

Chegou á casa irritado e aterrado. A sobrinha afagou-o tanto para saber o que era, que elle acabou contando tudo, e chamando-lhe esquecida e ingrata. Jacintha empallideceu; amava os dous e via-os tão dados, que não imaginou nunca esse contraste de affeições. No quarto chorou á larga, depois escreveu uma carta ao Chico Borges pe-

dindo-lhe pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo que não fizesse barulho nem brigasse com o tio; dizia-lhe que esperasse e jurava-lhe um amor eterno.

Não brigaram os dois parceiros; mas as visitas foram naturalmente mais escassas e frias. Jacintha não vinha á sala ou retirava-se logo. O terror do Falcão era enorme. Elle amava a sobrinha com um amor de cão, que persegue e morde aos extranhos. Queria-a para si, não como homem, mas como pai. A paternidade natural dá forças para o sacrificio da separação; a paternidade d'elle era de emprestimo, e, talvez, por isso mesmo, mais egoista. Nunca pensara em perdê-la; agora, porém, eram trinta mil cuidados, janellas fechadas, advertencias á preta, uma vigilancia perpetua, um espiar os gestos e os ditos, uma campanha de D. Bartholo.

Entretanto, o sol, modelo de funcionarios, continuou a servir pontualmente os dias, um a um, até chegar aos dois mezes do prazo marcado para a entrega das açções. Estas deviam baixar segundo a previsão dos dois; mas as açções como as loterias e as batalhas, zombam dos calculos humanos. N'aquelle caso, além de zombaria, houve crueldade, porque nem baixaram, nem ficaram ao par; subiram até converter o esperado lucro de quarenta contos n'uma perda de vinte.

Foi aqui que o Chico Borges teve uma inspiração de genio. Na vespera, quando o Falcão, abatido e mudo, passeava na sala o seu desapontamento, propoz elle custear todo o *deficit*, se lhe desse a sobrinha. Falcão teve um deslumbramento.

— Que eu...

— Isso mesmo, interrompeu o outro, rindo.

— Não, não...

Não quiz; recusou tres e quatro vezes. A primeira impressão fôra de alegria, eiam os dez contos na algibeira. Mas a idéa de separar-se de Jacintha era insupportavel, e recusou. Dormiu mal. De manhã, encarou a situação, pesou as cousas, considerou que, entregando Jacintha ao outro, não a perdia inteiramente, ao passo que os dez contos iam-se embora. E depois, se ella gostava d'elle e elle d'ella, porque razão separalos? Todas as filhas casam-se, e os pais contentam-se de as vêr felizes. Correu á casa do Chico Borges, e chegaram a accordo.

— Fiz mal, muito mal, bradara elle na noite do casamento. Tão minha amiga que ella era! Tão amorosa! Ia chorando, coitadinha... Fiz mal muito mal.

Cessára o terror dos dez contos; começara o fastio da solidão. Na manhã seguinte, foi visitar os noivos. Jacintha não se limitou a regalal-o com um bom almoço, encheu-o de mimos e affagos; mas nem estes, nem o almoço lhe restituiram a alegria. Ao contrario, a felicidade dos noivos entristeceu-o mais. Ao voltar para casa não achou a carinha meiga de Jacintha. Nunca mais lhe ouviria as cantigas de menina e moça; não seria ella quem lhe faria o chá, quem lhe traria, á noite, quando elle quizesse ler, o velho tomo ensebado da *Saint-Clair das Ilhas*, dadiwa de 1.850.

— Fiz mal, muito mal...

Para remediar o mal feito, transferiu as cartas para a casa da sobrinha, e ia lá jogar, á noute, com o Chico Borges. Mas a fortuna, quando flagella um homem, corta-lhe todas as vazas. Quatro mezes depois, os recém-casados foram para a Europa; a solidão alargou-se de toda a extensão do mar. Falcão contava então cincoenta e quatro annos. Já estava mais consolado do casamento de Jacintha; tinha mesmo o plano de ir morar com elles, ou de graça, ou mediante uma pequena retribuição que calculou ser muito mais economico do que a despeza de viver só. Tudo se esboroou; eil-o outra vez na situação de oito annos antes, com a differença que a sorte arrancára-lhe a taça entre dous goles.

Vai senão quando cai-lhe outra sobrinha em casa. Era a filha da irmã viuva, que morreu e lhe pediu a esmola de tomar conta d'ella. Falcão não prometteu nada, por que um certo instincto o levava a não prometter cousa nenhuma a ninguém, mas a verdade é que recolheu a sobrinha, tão depressa a irmã fechou os olhos. Não teve constrangimento; ao contrario, abriu-lhe as portas de casa, com um alvoroço de namorado, e quasi abençoou a morte da irmã. Era outra vez a filha perdida.

— Esta ha de fechar-me os olhos, dizia elle comsigo.

Não era facil. Virginia tinha dezoito annos, feições lindas e originaes; era grande e vistosa. Para evitar que lh'a levassem, Falcão começou por onde acabara da primeira vez: — janellas cerradas, advertencias á preta, raros passeios, só com elle e de olhos baixos. Virginia não se mostrou enfadada. — Nunca fui janelleira, dizia ella, e acho muito feio que uma moça viva com o sentido na rua. Outra cautella do Falcão foi não trazer para casa senão parceiros de cincoenta annos para cima ou casados. Emfim, não cuidou mais da baixa das açções. E tudo soe ra isdesne-

cessario, porque a sobrinha não cuidava realmente senão d'elle e da casa. A's vezes, como a vista do tio começava a diminuir muito, lia-lhe ella mesma alguma pagina do *Saint-Clair das Ilhas*. Para supprir os parceiros, quando elles faltavam, aprendeu a jogar cartas, e, entendendo que o tio gostava de ganhar, deixava-se sempre perder. Ia mais longe: quando perdia muito, fingia-se zangada ou triste, com o unico fim de dar ao tio um accrescimento de prazer. Elle ria então á larga, mo-fava d'ella, achava-lhe o nariz comprido, pedia um lenço para enxugar-lhe as lagrimas; mas não deixava de contar os seus tentos de dez em dez minutos, e se algum cahia no chão (eram grãos de milho) descia a vela para apanhal-o.

No fim de tres mezes, Falcão adoeceu. A molestia não foi grave nem longa; mas o terror da morte apoderou-se-lhe do espirito, e foi então que se pôde vêr toda a affeição que elle tinha á moça. Cada visita que se lhe chegava, era recebida com rispidez, ou pelo menos com sequidão. Os maís intimos padeciam maís, porque elle dizia-lhes brutalmente que ainda não era cadaver, que a carniça ainda estava viva, que os urubús enganavam-se de cheiro, etc. Mas nunca Virginia achou n'elle um só instante de máu humor. Falcão obedecia-lhe em tudo, com uma passividade de creança, e quando ria, é porque ella o fazia rir.

— Vamos, tome o remedio, deixe-se disso, vosmecê agora é meu filho...

Falcão sorria e bebia a droga. Ella sentava-se ao pé da cama, contando-lhe historias, espiava o relógio para dar-lhe o caldo ou a gallinha, lia-lhe o sempiterno *Saint-Clair*. Veiu a convalescência. Falcão sahiu a alguns passeios, acompanhado de Virginia. A prudencia com que estava, dando-lhe o braço, ia mirando as pedras da rua, com medo de encarar os olhos de algum homem, encantavam o Falcão.

— Esta ha de fechar-me os olhos, repetia elle comsigo mesmo. Um dia, chegou a pensal-o em voz alta: — Não é verdade que você me ha de fechar os olhos?

— Não diga tolices!

Comquanto estivesse na rua, elle parou, apertou-lhe muito as mãos, agradecido, não achando que dizer. Se tivesse a facultade de chorar, ficaria provavelmente com os olhos humidos. Chegando á casa, Virginia correu ao quarto para reler uma carta que lhe entregára na vespera uma D. Bernarda, amiga de sua mãe. Era datada de

New-York, e trazia por unica assignatura este nome: Reginaldo. Um dos trechos dizia assim: «Vou d'aquí no paquete de 25. Espera-me sem falta. Não sei ainda se irei ver-te logo ou não. Teu tio deve lembrar-se de mim; viu-me em casa de meu tio Chico Borges, no dia do casamento de tua prima...»

Quarenta dias depois, desembarcava este Reginaldo, vindo de New-York, com trinta annos feitos e trezentos mil dollars ganhos. Vinte e quatro horas depois visitou o Falcão, que o recebeu apenas com polidez. Mas o Reginaldo era fino e pratico; atinou com a principal corda de homem e vibrou-a. Contou-lhe prodigios de negocio nos Estados-Unidos, as hordas de moedas que corriam de um a outro dos oceanos. Falcão ouvia deslumbrado, e pedia mais. Então o outro fez-lhe uma extensa computação das companhias, e bancos, acções, saldos de orçamento publico, riquezas particulares, receita municipal de New-York; descreveu-lhe os grandes palacios do commercio...

— Realmente, é um grande paiz, dizia o Falcão, de quando em quando. E depois de tres minutos de reflexão: — Mas pelo que o senhor conta, só ha ouro?

— Ouro só, mão; ha muita prata e papel; mas alli papel e ouro é a mesma cousa. E moedas de outras nações? Hei de mostrar-lhe uma colleção que trago. Olhe; para vêr o que é aquillo basta por os olhos em mim. Fui lá pobre, com vinte e tres annos; no fim de sete annos, trago seiscentos contos.

Falcão estremeceu: — Eu, com a sua idade, confessou elle, mal chegaria a cem.

Estava encantado. Reginaldo disse-lhe que precisava de duas ou tres semanas, para lhe contar os milagres do dollar.

— Como é que o senhor lhe chama?

— Dollar.

— Talvez não acredite que nunca vi essa moeda.

Reginaldo tirou do bolso de collete um dollar e mostrou-lh'o. Falcão, antes de lhe pôr a mão, agarrou-o com os olhos. Como estava um pouco escuro, levantou-se e foi até á janella, para examinal-o bem — de ambos os lados; depois restituiu-o, gabando muito o desenho e a cunhagem e accrescentando que os nossos antigos patações eram bem bonitos.

As visitas repetiram-se. Reginaldo assentou de pedir a moça. Esta, porém, disse-lhe que era preciso ganhar primeiro as boas graças do tio; não

casaria contra a vontade d'elle. Reginaldo não desanimou. Tratou de redobrar as finezas; abarrotou o tio de dividendos fabulosos.

— A proposito, o senhor nunca me mostrou a sua collecção de moedas, disse-lhe um dia o Falcão.

— Vá amanhã á minha casa.

Falcão foi. Reginaldo mostrou-lhe a collecção mettida n'um movel envidraçado por todos os lados. A surpresa de Falcão foi extraordinaria; esperava uma caixinha com um exemplar de cada moeda, e achou montes de ouro, de prata, de bronze e de cobre. Falcão mirou-as primeiro de um olhar universal e collectivo; depois, começou a fixal-as especificadamente. Só conheceu as libras, os dollars e os francos, mas o Reginaldo nomeou-as todas: florins, corôas, rublos, drachmas, piastras, pesos, rupias, toda a numismatica do trabalho, concluiu elle poeticamente.

— Mas que paciencia a sua para ajuntar tudo isto! disse elle.

— Não fui eu que ajuntei, replicou o Reginaldo; a collecção pertencia ao espolio de um sujeito de Philadelphia. Custou-me uma bagatella: — cinco mil dollars.

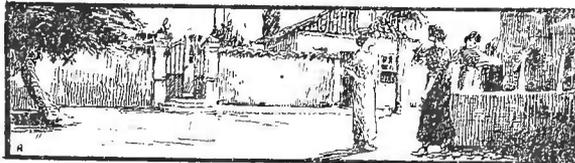
Na verdade, valia mais. Falcão sahio d'alli com a collecção na alma; fallou d'ella á sobrinha, e, imaginariamente, desarrumou e tornou a arrumar as moedas, como um amante desgrenha a amante para toucal-a outra vez. De noite sonhou que era um florim, que um jogador o deitava á mesa do *lansquenét*, e que elle trazia comsigo para a algibeira do jogador mais de duzentos florins. De manhã para consolar-se, foi contemplar as proprias moedas que tinha na burra; mas não se consolou nada. O melhor dos bens é o que se não possue.

D'alli a dias, estando em casa, na sala, pareceu-lhe ver uma moeda no chão. Inclinou-se a apanhal-a; não era moeda, era uma simples carta. Abriu a carta distrahidamente e leu-a espantado: era de Reginaldo a Virginia...

— Basta! interrompe-me o leitor; adivinho o resto. Virginia casou com o Reginaldo, as moedas passaram a mãos do Falcão e eram falsas...

Não, senhor, eram verdadeiras. Era mais moral que, para castigo do nosso homem, fossem falsas, mas, ai de mim! eu não sou Seneca, não passo de um Suetonio que contaria dez vezes a morte de Cezar, se elle resuscitasse dez vezes, pois não tornaria á vida, se não para tornar ao imperio.

MACHADO DE ASSIS



## A LAVADEIRA

Era a flor das lavadeiras de \*\*\*

Chamava-se Raymunda da Outra-banda.

Outra banda do rio — pois lá nascera.

Conhecia-a assim.

Um dia levantei-me cedo.

Abri a janella do meu quarto e olhei para a terra e para o céu.

O dia estava bellissimo. O céu azul e rosa, a terra alegre. Os passarinhos trinavam nas arvores e o vento agitava de leve as franças das palmeiras.

Respirei ávido os perfumes da floresta que traziam as brisas da manhã.

Por debaixo da minha janella passaram duas mulheres, pareciam mãe e filha.

A mãe não me attraiu a attenção: era uma velha vulgar.

A filha era mais bonita que a manhan.

\*\*\*

Era de estatura mean, tinha a fronte breve como a de Venus pagan, cabellos pretos, olhos também negros, gordinha, cara alegre, o nariz pequeno e um tanto achatado na ponta.

Trazia na cabeça um balaio cheio de roupa, o que fazia-a corada.

Tinha atraz da orelha um pequeno ramalhete de jasmíns, isso tornava-a seductora.

Vestia uma saía amarella com floresinhas azues sobre a camisa branca como a penna da garça, debruada por uma renda larga que deixava ver-lhe o soberbo collo.

Tirei os olhos della e olhei para o dia, a manhan era bellissima.

Olhei para a lavadeira, ella era mais bella que a manhan.

Depois ella voltou uma esquina e desapareceu. As auras trouxeram-me ainda em seu regaço um aroma dos jasmíns dos seus cabellos.

Quanto tempo levei a respirar esse aroma, não sei.

Entrando de novo no meu quarto, vi a minha espingarda a um canto.

Machinalmente vesti-me, tomei os preparos de caça, puz a espingarda ao ombro e saí.

Nunca havia acertado um tiro, essa espingarda era um luxo campestre, um pretexto para gosar dos encantos das florestas.

Parti.

Segui o caminho que levava a lavadeira. Havia nella ainda o perfume dos jasmims dos seus cabellos negros.

Segui-o distrahido.

A sussuarana — a rainha da matta virgem — podia atravessar-se-me no caminho, sem que eu me lembrasse que trazia uma espingarda.

\* \* \*

Leitor, si algum dia fores a \*\*\* e te disserem que existe ahi um lago, não crê. E' uma mystificação.

Houve, é verdade, em outras eras, um lago aberto, grande, franco e bello, a acariciar com suas pequenas ondas a fina e branca areia das suas margens.

Hoje a aninga, as nymphéas, e outras plantas aquaticas, como o mururé e o capim, cobrem totalmente a sua superficie.

Sómente aqui e ali se forma uma bacia de que se aproveitam os banhistas e lavadeiras... para lavarem a roupa e o corpo.

Mas, apesar disso, convidado-te, leitor, caso fôres a \*\*\* não deixes de ir visitar o lago ou antes as diversas bacias que elle forma; ha ahi paizagens de uma perfeição acabada.

Esse caminho levava ao lago.

Segui-o.

Foram primeiro infructiferas as minhas pesquisas.

Com a cabeça pendida, voltava — sonhando mil sonhos da mocidade — quando um delicioso cheiro de jasmim e uma risada argentina me fizeram, como a um cão de caça, levantar a cabeça e dilatar as narinas.

Procurei por todos os lados. Por entre a folhagem vi como um lençol prateado e nelle alguma coisa que se movia.

Approximei-me e olhei.

\* \* \*

Ella estava alli.

As aguas do lago formavam nesse logar uma bacia.

O fundo era de areia alva como a petala do bogarim.

As bordas eram formadas pelas magnificas esmeraldas das folhas do muraré, corada por suas garbosas flores.

Junto á margem, com as aguas a lambe-lhe o tronco, espalhando sua sombra nas aguas de cristal da bacia, elevava-se airosa uma palmeira mirity.

Em uma das palmas do mirity um ] caraclué cantava.

Mais longe erguia-se uma grande arvore de cujos ramos pendiam os ninhos aboboriformes dos japiins, que saltavam de galho em galho, soltando aos ares os seus alegres cantares.

O japiin é o garoto dos passaros; o seu canto é ironico, galhofeiro, e, ás vezes, insolente.

O sabiá cantava no mirity e um canto semelhante partia do meio dos japiins.

O sabiá exasperava-se, sacudia frenetico as azas e arrancava da garganta as suas mais bellas notas.

Dir-se-ia que no bando de japiins havia um sabiá, porque um canto identico, de notas tão bellas, respondia ao cantor pousado na rama do mirity.

E assim continuavam esse mimoso duello á face da natureza.

\* \* \*

A roupa havia sido lavada e estendia-se agora sobre a macia relva que bordava a praia.

A lavadeira estava no banho.

Viam-se no chão seus vestidos.

A sáia amarella com raminhos azues devera ter sido solta de uma só vez da cintura e calira, formando um circulo, aos pés de sua dona. Com elle e por baixo della caiu tambem a anagua. A camisa essa estava atirada á beira da praia, bem perto d'agua, onde, com medo de molhar-se — a ingrata — teria abandonado aquella cujo corpo cobria.

Sobre a sáia repousava — e sentia-se que ali fora posto com todo o amor — o ramo de jasmims.

Do regaço liquido das aguas surgiu um corpo trigueiro e esbelto.

O que se via primeiro era uma cabeça emmolurada por uns cabellos negros e lustrosos como as azas da arana, a espelharem-se humidos sobre o collo e hombros.

Em seguida o pescoço roliço e bello como da garça, entroncando-se no collo soberbo, moreno e avelludado.

Depois os seios esphericos, tumidos, de uma admiravel pureza de linhas, terminando em ponta aguda, desafiando desejos e pedindo beijos.

Dois braços torneados e bem feitos, acabando

por umas mãosinhas microscópicas, que cobriam o seio com pudico recato de mulher bonita.

Tudo isto, todas estas bellezas, envoltas no manto liquido formado pelas aguas, cobertas de pingos d'agua onde o sol irradiava fingindo diamantes, fazia-me pensar na *ygara* da lenda indigena e a mim mesmo perguntava si não era eu o mancebo da lenda, a quem a mãe d'agua apparecia com todos os seus encantos para o seduzir.

\* \* \*

«Foi na taba dos Manãos.

Um dia um moço tapuyo, filho do *tuxáua*, seguia em uma *ygara* o igarapé que banha a ponta do Taruman.

Era o mais valente, o mais forte e o mais bello da tribú.

Na ponta de sua flexa pairava certa a morte.

O seu tacape era o terror da onça e do mundurucú.

E um dia, em uma *ygara*, o moço seguia o igarapé que banha a ponta de Taruman.

A tarde ia linda, e o sol, mergulhando por detrás da collina, onde se erguia a floresta, dourava as aguas do rio Negro.

E a *ygara*, impellida pelo braço robusto do moço manãos, cortava ligeira, como a setta do seu arco, as aguas do riacho.

De noite, alta noite, o moço voltou.

Estava triste e não dormiu.

A mãe d'elle chorou por ver a tristeza do filho e quiz conhecer o motivo de suas maguas.

O moço falou assim :

— Ouve, mãe, ouve, porque só a ti posso contar a dôr que me vae n'alma.

Era uma moça linda... como nunca vi nem entre as filhas dos Manãos, nem dos Mundurucús. Quando a *ygara* vogava, ouvi um canto longinquo mais doce do que o do carachué, mais terno que o arrullo da jurity. Era della. Estava sentada á margem do rio. Tinha los cabellos cor de pedra amarella e nelle enlaçadas flores do mururé e cantava como jámais ouvi cantar. Depois seus olhos, verdes como a pedra das *icamiabas*, fitaram-se em mim.

Um momento olhou-me e em seguida estendeu-me os braços, e... o seu corpo esbelto como o assahyseiro, mergulhou nas aguas do igarapé, que resvalaram-lhe pelo dorso branco como as pennas da garça.

E o moço calou-se.

A velha ouviu, chorou e disse :

— Não voltes, filho, não voltes ao igarapé de

Turuman. Essa virgem é a *ygara*, a mãe d'agua. Seu sorriso mata como a flexa do guerreiro e a sua voz é traidora como a pépéua que se occulta nas folhas. Filho, por Tupan, não voltes ao igarapé do Taruman.

A cabeça do moço inclinou-se sobre o peito e elle ficou mudo.

E no dia seguinte, quando o sol se punha, a *ygara* cortava ligeira as aguas do Turuman.

O moço manãos nella ia e não voltou mais á taba de seus paes.

Não souberam mais d'elle.

Ousados pescadores contavam á noite, junto ao fogo da *óca*, que ao passarem de volta de suas pescarias pelo igarapé de Taruman, quando a noite vae alta, viam ao longe o vulto de uma mulher que cantava, e junto della o de um guerreiro moço.

E si alguem mais atrevido se aproximava, as aguas do rio abriam-se e os vultos desappareciam nellas».

\* \* \*

Esta poetica lenda dos filhos dos Manãos estava-me na memoria.

E ao ver banhando-se a linda lavadeira de \*\*\* lembrei-me da *ygara*.

\* \* \*

Apezar de sosinha, a gentil lavadeira não estava socegada.

Ora seu corpo cortava airoso como o da irerê as aguas claras da bacia sobre as quaes boiavam seus negros cabellos, quando não repousavam humidos no dorso lustroso. Ora fazia de uma folha, que a sua mãozinha travessa ia buscar aqui ou ali, uma canõinha, que punha-se a impellir como o sopro da sua bocca mimosa até ella ir ao fundo. E quando se dava o naufragio, como si elle a divertisse muito, seus labios arroxados abriam-se em um riso alegre e ruidoso, deixando ver duas ordens de dentes pequenos, apontados e alvos como os jasmims que usava em seus cabellos.

E o brinquedo continuava.

Brincava e ria sosinha como as aves suas companheiras que cantam na solidão.

\* \* \*

Como era bella assim !

E o sabiá cantava e ella escutava-o.

O passaro notou essa attenção e estimulado soltou uma escala nitida, estridente, argentina, clara.

Depois começou uma aria, melodiosa, sublime, em que a sua voz alcançava todos os tons com

uma clareza e perfeição dignas de reparo, sobre os motivos talvez de alguma *Lucia* dos bosques.

Às vezes o canto tomava uns accents classicos, que recordavam Haendel ou Mozart, outras havia nelle uma melodia terna que lembrava Verdi.

Os japiins escolheram o seu melhor cantor para zombar da ave rei das mattas. Elle fez fiasco. Não conseguíu arremedá-lo. O chifro do passaro passava do lyrico ao epico, do epico ao bucolico. Ora era pastoril, terno apaixonado. Ora era altivo, arrogante, heroico. Havia algumas notas que pareciam uma risada. Tinham seu que de chacota. Offenbach misturava-se com Rossini.

Os japiins estavam mudos, corridos de vergonha.

E a gentil lavadeira parara de folgar e escutava, com a bella cabeça erguida, o canto do carachué.

\* \* \*

Eu tambem escutava-o e olhava-a.

De repente estremecei.

Por detraz da linda lavadeira apareceu, primeiro uma cabeça, e depois um corpo, redondo, negro, luzidio, asqueroso.

Era a sicurijú.

Tinha a bocca aberta e deslisava branda e cautelosa sobre as folhas verdes do maruré.

E aproximou-se.

Alongou o pescoço, esmagou com a repugnante cabeça uma flor, escancarou as fauces e...

E a horrivel cobra ia morder no collo airoso da Raymunda da Outra-banda.

Levantei a espingarda e, rapido, tremulo, precipitado, atirei.

O reptil estorceu-se, girou sobre si mesmo e caiu com a cabeça esmigalhada sobre o mururé.

A lavadeira deu um grito, correu para a margem, envolveu-se instinctivamente nas roupas e fitou os olhos pasmos na serpente, com as mãos amparando o seio offegante, como si o coração lhe quizesse saltar fora.

Foi esse o primeiro tiro que acertei.

O povo de minha terra crê que ninguem erra tiro em cobra.

\* \* \*

Voltei á cidade.

Perguntei pela lavadeira.

Disseram-me seu nome e contaram-me quem era.

Era casta e pura como a Mani da lenda indigena.

\* \* \*

Passaram-se dois annos.

Eu voltei a \*\*\*.

Uma tarde estava sentado no parapeito do alpendre da linda capellinha do Bom Jesus, edificada em uma risonha collina.

Do sol apenas uns raios vinham bater nas paredes brancas da capella.

Era Ave Maria.

As lavadeiras, com seus balaios na cabeça voltavam do lago e passavam em minha frente no lado opposto da praça.

Lembrei-me então da gentil lavadeira que vira outrora banhando-se nas aguas do lago.

Meu amigo A... estava commigo.

Perguntei-lhe pela Raymunda da Outra-banda.

Respondeu-me: Morreu.

Eu estremecei e, com esse acento de quem não quer crêr uma verdade dolorosa, tornei-lhe:

— Morreu!?... Como?

— Vive hoje com um regatão, commerciando nos lagos de Faro.

Disse e calou-se.

\* \* \*

Alguma coisa opprimiu-me o coração.

Era o toque plangente de Ave Maria no sino da capella.

JOSÉ VERISSIMO.



## NATAL NO LOURENÇÃO

Foi debaixo de uma chuvinha persistente e mangueira que o Neca Alves voltou do capoeirão, ao fechar da tarde, carregado de palmas de guaricanga e de folhas de samambaia das miúdas. Um ameaço de sol doirara o fundo do poente, que logo, entretanto, se acinzentou de novo, até que a barra da noite, menos escura, talvez, que as nuvens do alto do céu, se foi alastrando pela costaria verde-negra das montanhas. Urrou, pelas sofraldas, e voz melancolica e pausada das vacas errantes: e de longe lhe respondeu, vingando o morro todo tremulo das touceiras de jaguara, o bramido aspero de um touro costa d'África.

O Neca era um mestre dos nataes d'aquelles centros. Em tres leguas em volta ninguem sabia pôr a mão num presepio nem puxar uma reza como elle. Catava quanta barba-de-velho pendia das arvores heradas, pelos campos-cobertos; quanta folhagem exquisita nascia á beira dos

corregos: e até — coisa que fazia piedade! — os ninhos que podia topar, dos sabiás, João-de-barro e dos tico-ticos indiscretos. Fazia o giráu a um canto do alpendre, armava um empalizado junto d'este, compunha e concertava os musgos e as flores a todo o arranjar, lançava ao fundo a mangedoura, e tinha um geito todo seu de collocar os classicos animaes que viram, logo ao nascer, a linda creancinha de Belém, que foi Nosso Senhor Jesus Christo.

Assim, pendentos sobre a palha secca e aos lados da cumieira, com os rostos muitos risonhos voltados para o berço rustico, os anjos pareciam mandar ao gallo que cantasse, ao boi que mugisse e ao carneiro que balasse brandamente, por não estorvarem o somno placido do filho de Maria Nazarena. E via-se bem que o carneiro e o boi e o gallo não tinham vozes agudas, porque mais se occupavam em olhar para o doce vulto infantil que tinham diante, cercado de flores agrestes, de mangas, de cajubys, de pingos-d'agua e de marmellinhos.

Era um verdadeiro mutirão, o preparo do presepio: cada qual dos convidados trazia uma novidade ou uma surpresa, como rosas raras naquelles ermos, jaboticabas atrazadas, galhos vermelhos de café-murta em pencas. A Risoleta, o pancadão do bairro, alva e engraçada como um lyrio de ribeirão, trouxera agora um braçado de tabúas e ramalhetes de bariricó ladeados de maravilhas. O Neca, vendo-a entrar assim, admirou-se:

— Tabúá, aqui, siá dona? Eu cuidei que isto só dava na minha terra, p'r'as esteiras que a gente vende nas festas e nestê rincão só tinha o piry, que p'ra mim é uma planta cansada!

Ella corou ligeiramente; não tanto como as maravilhas que trazia nas mãos, mas decerto muito mais que o namorado, quando lhe disse taes coisas: que o Neca Alves, um tostado de Serra Acima, era quebra e decidido para pensar e dizer... Começou a ajudal-o, então: e Nosso Senhor, si pudesse ver, acordando de repente e com olhos que entendem, toda flor e toda fructa que lhe foi posta ao lado, teria de estranhar que na terra de sua natureza pudesse haver uvaías e araçás, officiaes-da-sala e sumbaré.

Num certo momento, encontraram-se as mãos de ambos. Era natural, na continuação do trabalho: e, comtudo, a della tremeu de leve, a maneira de uma juruty que a aragem toca, e elle pediu-lhe desculpas, serenamente, como quem sabe que vai ser logo desculpado. Nada mais

que isto: e, apesar de ser tão pouco, a Risoleta já não foi mais, de então por diante, o alvo lyrio do ribeirão, porque inteirinha se fez rosada como a flor do pecegueiro. Foram chegando os visinhos: a mangedoura mais ficou sendo um jardim e um mercado de fructas, que mangedoura, onde havia cordas e trapezios em que brincavam creanças, umas viradas para o menino Jesus, outras sungando a outras.

O dono da casa appareceu afinal, rengo e pezado, arrastando pelo chão soccado a sua erysipela doida e barullienta. Quem o viu, triste e entregue no meio de toda a alegria espalhada no alpendre, ficou logo tambem triste. Mas houve quem procurasse combater a impressão de magua que se ia entranhando no povo:

— Ué, seu Caetano, você 'tá que nem moça da roça, c'uma perna fina e outra grossa?

Elle voltou-se para o caipira alegre, e seus olhos tiveram um grande olhar de commovida renuncia. O caçoista ficou sério, aproximou-se, poz-se a examinar o pé inchado do doente, e concluiu, solemne como numa conferencia:

— E não é que o home 'stá mesmo c'a erzipa das brabas? Mas porém isso não vale nada: atuche-lhe uma banharada de arve-de-lagarto, uns pannos molhados em cozimento de herva-lanceta que numa volta de mão 'tá prompto p'ra outra. Exp'rimente só!

Fazia-se estridente a gritaria dos grillos e dos gafanhotos, fóra. Viam-se brilhar no céu, muito nitidas como pregadas num velludo já gasto, as maiores estrellas: que as outras, fraquinhas ou desconsoladas, não se animavam a apparecer na profundidade d'aquella noite de festa. Levantou-se o tempo, mas a horas que os gallos principiavam a bater as azas e a cantar, espaçadamente ainda. E como o Neca se puzesse em frente ao presepio, e ajoelhasse, todos ajoelharam tambem, numa grande agitação de bancos e prucas arrastados, num forte rugir de saias e de calças cheias de gomma.

Começou a reza. O Neca era afiado para aquillo, sabiam-n'ó todos: mas, fosse lá como fosse, não tinha a voz tão segura como sempre, distrahia-se ás vezes, estava um capellão de meia pataca. Engrolou a maior parte da ladainha, resmungou outra parte, liquidou a obrigação tão depressa como poude, e sentiu no peito um doce allivio, quando, chegando aos ultimos versos da cantoria necessaria, ouviu no terreiro o estrondar dos tiros de garrucha e de rouqueira. Ergueu-se,

avisinhou-se das Tres Pessoas, fez uma reverencia ao Menino Deus, beijou-o: e saiu.

Já trilavam as violas, roncavam os violões, e uma animosa sanfona fazia ouvir, da cosinha, o seu repertorio fanhoso e curto, quando os convidados se chegaram ao presepio e foram deixando esmolos e retirando fructas e flores: que ellas são sempre capazes de fazer feliz a quem quer que seja, nas virações da vida... Como fosse augmentando o movimento nas cercanias do presepio, e crescesse tambem o rumor, surgiu da noite um macho crioulo, pinhão, muito inhato e tabicó, de piques nas orelhas, e pegou a trocal-as ao pé da porta, contemplando extasiadamente o povo, cheio de bichos e de anjos nos negros olhos pasmos.

Pouco durou, porém, aquella contemplação: os guapécas que andavam cercado a mesa, onde já se viam lourejar os quartos de leitão e os franguinhos assados, saltaram ao pobre do burro, si não quando, e elle de novo entrou na noite, a trote secco, zonzo e meio cadeira. Muito tempo ainda se ouviu, de mistura com os primeiros cantados, o ladrar bravio dos cachorros e a tropeada fugitiva: e tudo se afastou, afinal, até se confundir com a barulheira do corrego do Lourenção, que as chuvas recentes tinham engrossado.

Quem tirou o primeiro coreto foi o Caetano, embora estivesse increenco e pesadão desde já muitos dias atraz:

Aos amigos  
um brinde é feito:  
reina a alegria  
em nosso peito.

E a rapaziada cantava deliciosamente o conhecido estribilho:

Grato licor,  
Alegre e jocundo,  
Que todo este mundo  
Desafia a amor.

Uma velha, rodeada de creanças, contava a historia do nascimento de Christo:

— O gallo, antão, cantou por este geito: «Jesus Christo nasceu!» E a vacca perguntou-lhe: «Adonde?» E o carneiro arrespondeu: «Em Belém».

Mas a festa não ia boa: faltava-lhe o Neca Alves, que era todo enlevos e mimos com a Risoleta. Já lhe chamavam puxa-puxa, coisa com que elle dava um cavacão sem altura; já diziam que tijolo e azeite d'aquelle feitio, era desaforo de mais: e houve um senhor muito saido, que, ás

escondidas delle e della, os prendêra um ao outro a poder de alfinete de fralda.

E a conversa dos dois era esta, por fim:

— Quando eu lhe vi, nhá Risoleta, est'ro dia, na casa do Carmo, de vestido côr de rosa e cravo branco no cabello, e tive que vir-me embóra, já voltei mais seu do que meu: fiquei logo latejando si havia de lhe pedir por minha bocca ou mandar soletrar uma carta, si a carta devêra de ser p'ra você ou p'r'o seu pae.

— Tanto faz, seu Neca: a gente querendo, já vê que ninguem pôde contra. Eu queria, não é? Já tava meio caminho andado...

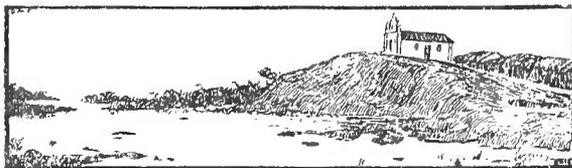
— E adonde foi que você me disse que queria, ou ao menos, me deu a entender essa vontade?

— Quem quer bem adivinha pensamento; era da sua intenção que eu saísse annunciando que lhe tinha amor, ver esses piás que carrega taboleta de circo de cavallinhos?

Apontava a manhã fresca e rubra. O sol mostrou-se com pouco. Houve tremuras de orvalho na grama-seda do piquete, porque ventava rijo. E o macho pinhão, ao longe, encostado á cerca de cangiquinha, dirigia para a casa de morada um olhar muito repassado de tristeza e saudade. Toda prata da grama foi sumindo, envergonhada, porque todo o ouro do sol deu de roda e pelo chão.

— ...E que casamento bonito, não é nhá Risoleta? Bonito e singelo... feito o Menino Jesus...

VALDOMIRO SILVEIRA.



## A VENDA SECCA

*Beira-corgo* tambem sabe suas lendas. Ouvi uma de um piraquara anguloso, certa vez, pescando á sombra de uma ceboleira, entre porcos que fossavam o tijuco e sapos coaxantes no brejo. Contou-m'a a proposito da «venda secca», entre-meando as palavras nasaladas de benzimentos mofinos e devotissimos.

Num alto de espigão, entre cafeeiros «largados», carurús, rubins e cupins, amontoam-se ruinas de uma tapera. Como toda tapera, fora mal-assombrada e, ainda hoje continuam seus restos mettendo arrepios de pavor em pleno dia, com suas

lesmãs, moreegos, rans, cobras, aranhas peludas que se arrastam e caem no velho poço, corujas dorminhocas que durante a noite viram defuntos e se dependuram em cruces, lá ficando, a brilhar macabramente ao clarão do luar sinistro, gelando a espinha, já de longe, a viandantes noctivagos extraviados.

— 'tá 'hi «venda secca» ! Garra o santo, moço...

E o tabareu passa de largo, encolhido no lombo.

Noutros tempos aquillo fôra uma venda. Não se sabe quem foi o maluco constructor da casa. O certo é que, pela sua situação, a agua ahí era difficilissima. Sómente de raro em raro, quando chovia, é que ella marulhava, transitoria como um sonho fugacissimo em mente arida de esperanças, escorrendo, feita enxurros, pelas gretas do terreno resequido. O lugar era mesmo fatidico. Não se sabe por que artes do Demo, mas o facto é que quanto mais aprofundado, o poço mais escondia o liquido precioso. O vendeiro era o que hoje se chama um urso ou exquisitão. Lá vivia atraz do balcão, a soltar baforadas sem fim, cantolando :

«Biroca morreu, tchim, tchim» ...

Naturalmente algum desilludido que, não aspirando a mais nada na vida, para lá transportara seus tarecos e botara venda.

Certo dia, aquecendo as mãos ao fogo, disse uma beatona que confabulara a noite toda com o padre, entre mucamas escarrapachadas em torno á panella de pipocas :

— Seu vigario diz que o dono da venda-secca é um bruxo. Vive sem agua o coisa, como o coisa-ruim ...

Alastroy-se a suspeita, áquellas palavras da rezadeira, nascida facil na alma supersticiosa dos tabareus. A venda secca foi isolada. Excommungaram-n'a, e ninguem mais ousou por lá os pés. Um dia os corvos começaram de baixar, sinistramente, sobre a casa maldicta ... E ella lá ficou, tapera, lembrando aos posteros melancholias ou esplendores extinctos de uma vida extincta.

Mas, porque o poço não dava agua ?

E' aqui que começa o mysterio e, portanto, vem a lenda do *beira-corgo*. Lendas... quanto as adoro ! As de nossa terra, de mistura com as tradições de nosso povo, tão meigas, tão tristes, tocadas de suavissima nostalgia, narradas em noites apprehensivas, de geada, em redor do fogo ! Sente-se uma como revivescencia do passado, tem a gente a impressão dulcissima de que o espirito sempre vivo das gerações, passadas nos fala á alma,

sussurra-nos conselhos, transmite-nos maravilhas tão proximas de nós, mas que não conhecemos !

Em cada uma dellas se vislumbra um acto de tragedia horripilante, uma scena de drama pungente, uma batalha vencida na asperissima lucta da colonização, da formação da Patria por extranhos aventureiros penetrando o mysterio apavorante da terra virgem. Galopam-nos pela visão sonhadora mil procissões phantasticas de caravellas, frotas, povoações, reductos, missões, frechamentos, cohortes de devastadores e cathechizadores, entradas, bandeiras — toda a estupenda obra, emfim, do arrebatamento de uma terra fecundissima, á selvaticidade dos gentios, das fêras, dos reptis. E recitamos baixinho :

«Ah ! quem te vira assim, no alvorecer da vida,  
Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida...

Mas vamos á lenda :

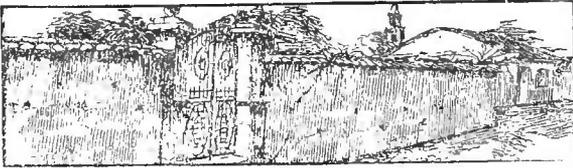
Tempos idos. Só Tapuyas, naquellas regiões de cerradissima floresta virgem. Reinava Gulamby— um cacique potente, com sua tribu antropophaga. Chegaram os brancos, com maldades inauditas. Houve guerras, massacres sangrentos, captiveiro penosissimo, e os indios que escaparam á sanha invasora refugiaram-se, com seu chefe, pelas furnas das cercanias. No meio dos invasores, porém, estavam os capuchinhos, bons, piedosos, que protegiam os bugres. Os indios eram seus amigos.

Ora, um dia, por lá apparecera um capuchinho isolado, talvez maluco, de longes terras, olhos ardentes em extase, sonhando um mundo. Viera do Oeste, do paiz do *sombrero*, onde estavam as doces *chalias* palmeiras de saia rubra. Havia phantasiado grandezas, em seu cerebro melodioso como a voz de suas bellas patricias, e sahira, louco, só, a realizar seus castellos. Jornadeara longamente, atravessara mattos sem conta, passara pela região dos largos rios atoladiços, dos xarayes, chegara á terra roxa, aos dominios da esfarrapada tribu de Gulamby. Subira a uma eminencia do terreno, onde só havia vegetação rasteira. Erara a vista em torno, deslumbrado. Vira o auroreecer, e se não contivera ante tanta belleza. Exclamara : «Eldorado !» Depois, seu coração parece que se derreteu como mel. Era a nostalgia, o *spleen* da selva, a saudade dos que amava. Procurou agua. A seus pés, no alto do morro, cantava o crystal de uma lympha encantada. Tupan prohibira que se bebesse della. O capuchinho bebeu e morreu. Gulamby encontrou-o. Reconheceu a vestimenta. Era amigo. Era dos que protejiã os selvagens, ensinavam as creanças e

brandamente aconselhavam os adolescentes. Reuniu a tribu. Houve ritos tristes, funebres, e Tupan, compadecido, fez seccar a fonte malefica, dizendo que em tal lugar vida humana não seria mais possivel, porque a agua não surgiria mais. E muito mansamente deixaram o capuchinho dormindo seu somno eterno, e aquella paragem que- dou no mais absoluto repouso.

Nesse lugar, mais tarde, surgiu a venda secca...

OLIVEIRA E SOUSA



## O VELHO ESCRINIO

Quando entrei na sala, chamou-me a attenção a insistencia daquelle olhar que me fitava, que me penetrava, que me illuminava todo. Nunca eu a vira em minha vida; conversava intelligentemente com um meu amigo, mas, os seus olhos faiscavam de continuo sobre mim.

Que haveria de ser? alguma extravagancia na minha veste? alguma nódoa no rosto? alguma tristeza incoadunavel com a minha mocidade? Nada. Eu falava descuidadamente e o riso estilhaçava-se nos meus labios.

Na semana seguinte, repetiu-se tudo com mais um acrescimo de curiosidade: pediu ao amigo que me apresentasse. Seus olhos flammejaram ainda mais quando os fixei e senti na mão que apertava a minha uma energia que eu não julgava existisse naquelle corpo envelhecido.

— O senhor me fez muito mal quando o vi pela primeira vez...

— Como assim?

— ... a recordação de uma juventude quasi divina é o maior tormento de um coração que envelheceu! é uma saudade que nos leva ao desespero, o pensar no que somos e no que nunca mais tornaremos a ser!

Havia eloquencia nas palavras da ancian e o seu toucado negro tremia aos gestos da sua cabeça branca.

— Não vos comprehendo; que recordação angústiosa poderia evocar-vos neste meu traje escuro?

— Não falo do seu traje, falo do seu rosto; elle evoca-me uma visão passada ha cincoenta annos na luz dos meus olhos; nunca mais a esqueci e hoje, meio seculo depois, esse rosto ainda me olha e com que olhar! com um olhar que é

á hora da saudade, com o ultimo raio de sol apagou-se a luz derradeira do seu ultimo olhar e piedade e censura, que é reprehensão e dó. O seu é copia delle. Oh! que mal e que bem me fez quando eu o vi.

E a sua mão de seda affagava-me a cabeça num gesto de bençam. Perguntei-lhe o nome desse primeiro e inesquecido amor; num riso triste, espalmando a destra sobre o peito e, apontando o céu com o indicador que tremia, exclamou transfigurada:

«Ah! moço, talvez esse nome tambem seja o seu! jurei nunca mais pronuncial-o depois que o li gravado na alliança de outra mulher.

Sabel-o-á um dia, quando eu morrer».

As visitas repetiram-se, o affecto estreitou-se e para mim, aquelle vulto sombrio de ancian entristecida, sombra que em si guardava uma recordação luminosa, fez-se parte do meu ser, enchendo de paz e saudade o meu coração vasio. Vel-a discorrer com tanta paixão sobre o passado, evocal-o traço a traço na contemplação religiosa do meu rosto, era para mim um encanto. Era sempre de tarde, á hora da saudade que ella apparecia, quasi nunca da noite, a conversar commigo na janella do seu quarto, velha ogiva gothica, olhando longe, um horizonte infinito. A sua mão se extendia, reerguendo na distancia, á luz môrta do erepusculo, os fulgentes saráus da sua mocidade galante. E, no meio das sedas, ao brilho dos crystaes, ao retinir das cópas em curvas elegantissimas de brindes, ao esfusiar dos minuets e madrigaes, sempre *elle, elle* sempre surgia donairoso e esbelto, olhando-a com aquelle olhar que era censura e dó, reprehensão e piedade. E a oradora arrematava infallivelmente o seu discurso, por achar um meneio qualquer do meu corpo que reflectisse um qualquer ademane do seu fallecido amor.

Um telegramma, um dia, chamou-me para a cabeceira da ancian; quando entrei, illuminou-a ainda um sorriso e a mão emagrecida que eu apertava, senti um tremor longinquo de commoção. Falava comprehensivelmente: «Asente-se aqui; quero-o para meu companheiro nesta ultima hora. Olhe-me sempre; em toda a minha vida, em toda a minha velhice um só consolo eu tive — foi o seu olhar. Olhe-me ainda quando os meus olhos não o virem mais!» Depois, apontando-me com a cabeça um escriptorio sobre um movel: «E' seu. Abra-o quando eu for morta; dentro estará o nome que me perguntou um dia e que lhe neguei revelar». Definhou por quasi um mez ainda e no fim duma tarde quente,

em minhas mãos senti o gelo do seu extremo adeus.

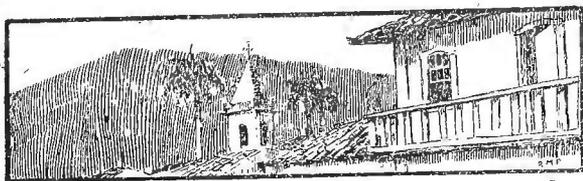
Momentos apos, abria o escritorio. Dentro, no brilho de algumas joias raras, um maço de velhas cartas que um pedaço de trança loura amarrava. Folhas seccas de malvas exhalavam ainda um perfume que fazia sonhar e encher-se a alma de uma saudade profunda. Minha mão tremeu ao violar o segredo daquelle amor e foi de joelhos que abri as velhas cartas e aspirei o morto arôma daquellas flôres mortas.

Que enigma ! que mysterio ! No fim de toda a carta, naquelle mesmo talhe tão meu conhecido, tão meu familiar ; com aquella sua calligraphia caprichada e artistica, o nome do meu pae — A. de Noronha e Castro !

Elle fôra o primeiro e inesquecido amor da minha inesquecida ancian. E eu fiquei de joelhos diante das reliquias daquelle amor que era tambem um pouco meu.

No dia seguinte lia-se na fita mais rôxa da côrôa maior — «Eternas saudades de A. N. C.» ; era eu que, em nome desse outro morto cujo rosto vivia no meu, saudava no dia do enterro della, a essa que fôra minha adoradora por que não pudera ser minha mãe.

F. SILVEIRA



## O T O N I C O

O Tónico, que muito conheci, gostava de pregar suas petas com aquella voz de falsête, hesitante e humilde ao mesmo tempo, que era o seu melhor caracteristico.

Essas historias sêmpre versavam sobre caçadas, passaros de estimação e cães de caça ; invariavelmente tinham um heroe ou heroína : — uma raposa de manhas inacreditaveis, surgindo a uivar pelas encruzilhadas em êrmas horas, tetricamente, o ventre pregado ao espinhaço, esfaimada, olhos phosphorescentes ; um pintasilgo de canto harmonioso e arrebatador, attrahindo a poisar no peitoril da janella os canarios bravios, côr de oiro ; ou um lebrêu de fôlego terrível e faro nunca visto, costumeiro a pegar pelo gasnete os guaxinins rai-vosos e a pendurar-se ao nariz dos asperos novilhos.

Um dia pregou-me esta :

— *Seu* compadre, eu andava de viagem pelo sertão, montado numa *bestinha* ruça e estradaeira que *foi* do *finado* *Misael*, do *Saco* da *Velha*.

Já o sol ia alto quando passei por uma *crôa* fechada, onde havia, abeirando a verêda, uma porção de *paus-brancos* seccos.

Lá em cima de um dos *paus* havia um buraco, um *ôco*, e dentro remexia uma coisa. Calculei que fosse um ninho de papagaios. Apeei-me, deixei a *bestinha* sôlta e marinhaei pelo *pau* arriba. Era, com effeito, um ninho ; e dentro estavam dois papagainhos ainda pelladinhos da silva, — um machinho e uma fêminha.

Peguei o machinho, desci e pul-o no chão, bem perto da minha eguinha, que estava pastando. Quando subia de novo pelo *pau*, para buscar fêminha, ouvi uma vozinha fanhosa e fraca dizer por aqui assim :

— Meu sinhôzinho, tire a *bestinha* daqui, sinão ella me piza !

Olhei admirado. Era o papagainho quem estava falando.

A fêminha morreu logo, mas o machinho durou muito e ficou um papagaio bom, falador de fama. Sabia toda a ladainha de Nossa Senhora e o responso de Santo Antonio, de côr. Era meus pés e minhas mãos no arranjo da casa. Servia tambem de *chama*.

Attrahia, gritando e chamando, os bandos de papagaios que passavam — rumo do sertão, no inverno, — buscando as praias, no verão.

Botava-o sempre nas arvores do quintal. Quando o bando de papagaios sentava-se chamado por elle, *zaz ! traz !* papocava fôgo : tres, quatro comiam terra. Escolhia os mais gordos. Eram a *janta* ou a *ceia*.

Uma vez ia passando um bando : botei o bichinho no cajueiro. Elle chamou e os outros, meio desconfiados, poisavam muito chegadinhos a elle de modo que eu quasi não podia atirar, temendo feril-o. Estava hesitante, arma em punho, procurando um geito, um modo melhor, quando elle gritou-me, o meu bichinho :

— Atira, Tónico, sinão elles vão embora ! Grande custo homem !

Não tive duvida, mandei chumbo num casal de papagaios gordos, mais distanciadados. Ambos cahiram ; mas... coitadinho !... (As lagrimas reben-tavam-lhes dos olhos) um caroço de chumbo *variado* pegou no meu papagainho, que cahiu tambem... Corri para o meu bichinho, agonizante no chão : e, quando me abaixei para pegal-o, elle botou a mãozinha no peito cheio de sangue ; com os olhinhos rasos d'agua me disse :

— Mataste-me, Tónico, sem querer... mas eu te perdôo a minha morte...

E o Tónico soluçava.

JOÃO DO NORTE

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

## COELHO NETTO

A 21 de fevereiro de 1920, completando Coelho Netto 55 annos de idade, «A Folha» de Medeiros e Albuquerque, mandou entrevistá-lo a respeito de sua carreira literaria. As respostas do grande escriptor são interessantes :

— «A minha primeira publicação data de 1880 a 1881, si não me falha a memoria... Era um soneto «No Egypto», que publiquei nos «A pedido», do «Journal do Commercio»... Em seguida mandei para a «Gazetinha», sob a direção de Favilho Nunes, dois contos, um dos quaes se intitulava «Marocas»... Arthur Azevedo, que fazia então o «Correio» desse jornal, passou-me uma descomponendazinha. Disse lá que o autor de tal «Marocas» deverá procurar outro officio. Aquilo doeu-me no intimo. Fiquei tristissimo, mas não dezanimei. No meu isolamento comecei a trabalhar num poema épico «Guanabara», de que não sei por onde andam os originaes. Ao mesmo tempo, escrevia tambem uma peça para theatro, uma opereta «A propheta»... Tudo, porém, ficou sem publicação. Em 1883 fui para São Paulo e lá encontrei Raul Pompeia, meu companheiro literario, com quem comecei a escrever. Entrando na Academia de Direito, lá fui companheiro de Raymundo Correia, Valentim Magalhães e Augusto de Lima, naquela vida boemia de então, sob a impressão ainda dos versos de Alvares de Azevedo... Varios jornais academicos saiam mensalmente, combatendo pelas ideias abolicionistas. Em «A Onda» colaborei ao lado de Rivadávia Correia, Muniz Barreto, Gomes Cardim e Nelson Tobias. Depois fundei «O Meridiano» de

que saíram quatro numeros apenas. As ideias combativas do tempo levavam-nos à tribuna, que ocupei por varias vezes, em discursos incendiarios pró abolicionismo...

Em outubro desse anno embarquei para Recife, onde fui prestar exame do meu primeiro anno de direito. Na luminosa capital nortista colaborei em «A Folha do Norte», de Martins Junior... Pairava sobre todos nós a figura inolvidavel de Tobias, de quem fui intimo... Nas minhas horas de isolamento completo vejo o grande mestre na minha retina: os labios grossos, os olhos empapuçados de longo estudo, o cabelo puxado na testa, a explodir a sua gigantesca admiração pela Alemanha...

Sigamos. Voltei a S. Paulo em 84 onde, com fervor, tentei os primeiros contos, os artigos de polemica, e senti as primeiras manifestações exercidas no meu espirito por Maupassant. Foi para mim o periodo mais fecundo de leitura ao lado de Pompeia, que era um devorador de livros classicos...

Só em 85 vim para o Rio, onde, a convite de Patrocínio, me fixei, entrando a fundo na campanha abolicionista, com prejuizo da minha carta de bacharel. Aqui, morando com Aluizio de Azevedo, comecei as minhas primeiras tentativas de romance, trabalhando ativamente na «Gazeta da Tarde», em obra jornalística... Na «Vida Moderna», de Luiz Murat e A. Azevedo, comecei a colaborar, publicando os «Contos», com o pseudonimo de Charles Rouget. Diriji «O Dia» e o «Diario Illustrado». Trabalhei no «Novidades», com Alcindo Guanabara; na «Gazeta de Noticias», no «O Paiz», no «Diario de Noticias», com Ruy Barboza. Rediji «O Meio», com Pardal Mallet e Paula Ney. Mais tarde, colaborei na «A Noticia», como folhetinista, no «Correio do Povo» e como correspondente de varios jornais do

norte e do sul do paiz; na «Cidade do Rio», com Patrocínio, sendo secretario da «A Folha», quando veiu a abolição. Ainda fui folhetinista do «Correio da Manhã», publicando um conto aos domingos...

Eis ai minha obra de jornal...

O primeiro volume publiquei depois do meu casamento, em 1890, «Rhapsodia». Tendo feito um contrato com Domingos de Magalhães, obriguei-me a dar mediante a quantia de 400\$ mensais de dois em dois mezes, originaes para um volume, nunca inferior a 200 paginas.

Esse editor publicou oito volumes perdendo os originaes de sete obras, consideradas. São elas: «Paineis», «Georgicas», «Mozaicos», «Fagulhas», «Maravilhas» e «Vida Nomade». Tambem desapareceu o volume «Fim de Seculo», negociado em 1901 com João Mofreita, de São Paulo.

Tenho tambem entregues e não publicados, á Livraria Alves, desde 1900, o original de uma obra intitulada «Viajem de uma familia ao Norte do Brazil» e um sainete, intitulado «Agua de Caxambú», escrito por encomenda da empreza das referidas aguas...

Tenho, portanto, publicados, até hoje, 62 volumes.

Entregues e em vespas de sair, tenho quatro, sendo um ao editor Romualdo dos Santos, da Baia; outro, a minha campanha politica no Maranhão, que eu mesmo editarei com o titulo «Reacção Civica» e mais dois em mãos de Lello, Irmãos do Porto. Esses editores estão reeditando, em edições revistas, e algumas inteiramente refundidas, toda a minha obra... Nessa estatistica, não incluo os folhetos e opusculos que são em numero de sete... Além disto, tenho vertidos para linguas estrangeiras, trez volumes em alemão, annunciando os editores em «Wilduis», o aparecimento de mais dois outros: «Urwald» (Floresta) e «Schwartz Koenig»

(Rei Negro), livros esses que ficaram encaixados por motivo da guerra.

Uma caza franceza anuncia a traducção de «Rei Negro», sob o titulo de «Macambirá».

Além disso, outras cazas, uma franceza e outra sueca, pedem para traduzir contos para uma anthologia de escritores ibericos...

Acham-se em minhas mãos para enviar aos meus editores portuguezes seis volumes e mais um á Livraria Alves, sendo trez romances, dois volumes de contos, de ficção; um volume de contos sociais e um livro em que escrevo as minhas conferencias na Escola Dramatica... Eis o que você queria. Estão á a minha obra e a minha vida.»



## «Inania verba», de Bilac

O verso, obra de arte do pensamento, opera como obra de arte: pela simples presença. A primeira leitura, empolga como a tela ou o marmore á primeira vista. Esfazer o verso, pois, rarefazendo-lhe as bellezas em mal coada prosa, desarticulando-o, desmembrando-o, parece muito o mister do iconoclasta: pura profanação.

Comtudo, jamais nada suggeriu tanto como a propria arte, essa que age á primeira vista, como á primeira leitura, pela simples presença. E' do seu natural o suggerir. E, si o é, porque não supportará ella a expressão disso mesmo que lhe é proprio?

Não. Só não tolera analyse obra inconsistente de arte pécca. A outra, a grande Arte, resiste mesmo á impericia...

Nada tão falso como a analogia entre a disseccção anatomica e a anatomia do verso. O cotejo é forte. Violenta a imagem e, portanto, falsa. A belleza humana, que se desfaz a golpes de ferro, desfeita, clama em nós por todos os sentimentos e instinetos: emociona pelo horrivel. Não se inspira o anatomista na arte ou na poesia, senão na sciência...

Ora, diversa é a operação critica, que na belleza procura mais bellezas, outras bellezas, novas bellezas, ou a ausencia dellas, o que ainda é uma homenagem a ellas mesmas, na especie. Salve-se, pois, ao menos pela intenção, que é toda e apenas artistica.

Ademais, a composição poetica, expressão de sentimentos reduzidos a ideias, não é assim — como nenhuma,

aliás — arte que desde logo se penetra em sua plenitude. Expressar pensamentos é alguma coisa difficil, com raias pelo torturante. Compreendê-os, pois, em todas as suas minudencias! e nuances, tanto na profun-

deza quanto na superficie, não é obra para uma simples vista de olhos.

Que custa essa arte ao artista? Apenas, a ancia, o desespero, a revolta que Bilac exprimiu em «Inania verba»:

Ah! quem ha de exprimir, alma impotente e escrava,  
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?  
— Ardes, sangras, pregada á tua cruz, e, em breve,  
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava.  
A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve.  
E a Palavra pesada abafa a Ideia leve,  
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo?  
Ai! quem ha de dizer as ancias infinitas  
Do sonho? e o céu que foge á mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?  
E as palavras de fé que nunca foram ditas?  
E as confissões de amor que morrem na garganta?!

E', decerto, tão velha como o homem a insufficiencia da linguagem. Nasceu com elle e'com elle progrediu. Que, quanto mais se aperfeiçoa o espirito, menos a lingua lhe corresponde ás exigencias. E, si ella tambem se aperfeiçoa, vão os dois aperfeiçoamentos em desigual carreira, longe este de alcançar aquelle:

E' que as palavras são limitadas. Na propria limitação têm a sua força. E o pensamento, livre, só tem limites onde se acaba a razão e, com ella, as suas ultimas apparencias. Eis todo o trabalho: definir o indefinido, conter o infinito no finito. Por outro motivo não é que, no fundo, toda discussão é um' caso grammatical a resolver... A philosophia transcende, mas, attingidas as ultimas circumvoluções, fecha o seu círculo regressando á grammatica. Palavras, palavras e só palavras...

A grande indignação de Nietzsche era a insufficiencia das palavras, desgastadas pelo uso, desvirtuadas pelo abuso, alargadas e empallidecidas na sua significação. E ellas são naturalmente, assim convencionaes. Nada, em essencia, as prende ao objecto por ellas significado. As proprias onomatopéas, mais eloquentes, mais proximas do seu sentido essencial, são méras expressões auditivas, adstrictas a sensações de um só dos cinco sentidos humanos. Não ha onomatopéas possiveis para a vista, o gosto, o tacto, o olfacto, nem para as ideias geraes. As palavras são notações symbolicas e, quanto mais o sejam, mais transcendentas. A insufficiencia é, pois, innata.

Dahi nasceram as aspirações symbolistas. Mas do nascedouro levaram o germen do mal. Bilac, depois de «Inania verba», poderia ter iniciado a escola. A profissão de fé estava feita. Não quiz, porém, o poeta e, felizmente, passar da verificação do facto, agravando-o com procurar-lhe remedio.

Ah! quem ha de exprimir, alma impotente e escrava,  
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?  
— Ardes, sangras, pregada á tua cruz,  
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra...

A nossa alma, impotente, é escrava: não age, não diz nem escreve,

quando muito tem para exprimir. Pregada á cruz desse supplicio, arde e sangra, buscando a expressão. E, se acaso uma ideia a deslumbra, é para em breve, ao fixar-se, se desfazer em lodo.

«Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbra...»

Como pode «o que te deslumbra», uma ideia, desfazer-se em «lodo»? A ideia, unidade espiritual, nunca se desfaz em «lodo» nem em pó...

Entretanto, continuemos a leitura. O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:

A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...

E a Palavra pesada abafa a Ideia leve, Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Na alma que arde e sangra, o pensamento é um turbilhão de lava, emquanto a forma é um sepulcro de neve. E' pesada e abafa a ideia, que voava e refulgia, num deslumbramento. O pensamento, pois, é a lava informe, turbilhonante, ardente, que, em contacto com a atmospherá, se solidifica e se conforma. Resfriada, congela-se num sepulcro de neve.

Assim é que a ideia se transforma em lodo. Lava, substancia incandescente, affeição-se aos moldes que lhe damos. A's vezes, porém, não acha moldes... e eis o lodo.

Pois, «Quem o molde achará para a expressão de tudo?»

Ha inexprimeis. Sentimentos e sensações nem sempre se exprimem com palavras. As proprias formas não se reproduzem. As palavras exprimem ideias e imagens ideaes. A ira muda, o asco mudo, o desespero mudo pertencem á mimica, á linguagem dos gestos e das attitudes. Assim tambem, a fé intensa e o amor intenso, que requerem, mais que palavras, factos. São paixões: tendem a realisar-se, mais que a exprimir-se.

«Inania verba» é um soneto philosophico. E' um caso singular nas «Poesias». Mas, não quiz Bilac uma pedra solta no seu monumento. E integrou-a na sua obra, rematando-a com aquelle fecho de ouro, profundamente bilacqueano:

«E as confissões de amor que morrem na garganta?!»

## Curiosidades literárias

### A "Atlantida" de Platão

A proposito do romance — «Atlantida», de Pierre Benoit, — de que demos o resumo em nosso ultimo numero — entrou para a ordem do dia o problema do antigo continente que teria ligado a Europa á America até que o submergiu bruscamente um cataclisma geologico. Em todos os tempos, curiosos têm procurado averiguar os fundamentos da creação platonica. Sobre os Atlantes, os guerreiros que, em edades remotas conquistaram a Grecia e sobre o seu paiz de origem, a Atlantida, dá Platão descrições tão precisas que é difficil acreditar as inventadas. Segundo elle, os Atlantes habitavam uma ilha immensa, situada além das columnas de Hercules, mas tão perto dellas que facilmente podiam passar á Europa. Durante uma de suas guerras contra os gregos primitivos, quando sitiavam Athenas, desapareceu sob as ondas a sua terra natal. Tirando-lhes a catastrophe todas as possibilidades de auxilio, levantaram o cerco e sustentaram as operações. Embarcados nos seus bates, encaminharam-se para o oriente do Mediterraneo, afastando-se o mais possivel do lugar em que se sobrára a sua Patria.

Muitos geologos estão hoje convencidos de que realmente existiu a Atlantida e que Platão se fez echo de lendas antiquissimas, que repousavam sobre um facto real. Sobretudo, estudaram a questão sob o ponto de vista geologico e zoologico. O sr. Terrier, da Academia das Sciencias de Paris, mostrou que a actividade vulcanica do oceano Atlantico não está extincta e que numerosos navegadores têm verificado os seus effectos até na superficie, sob a forma de fervilhamento do mar ou de desprendimento de vapores e gazes através das aguas. As sondagens effectuadas pelo principe de Monaco deram a physionomia exacta do solo sub-marino desse oceano: uma immensa crista em forma de S alongado occupa a sua parte mediana, attestando uma fractura gigantesca, que, partindo das immediações do polo norte, passa o Equador. Os seus pontos emergentes são a Islandia, as ilhas Feroé, as Açores, as Canarias, a Ascensão, Tristan da Cunha, etc. As explorações oceanicas do principe de Monaco permitiram tambem trazer á superficie, de uma profundidade de 3.000 metros, certas categorias de lavas que não poderiam ter-se formado senão ao ar livre.

Emfim, o sr. Germain, assistente do curso de zoologia do Instituto Oceanographico de Paris, revelou as apreciaveis similitudes entre a flora e a fauna das Ilhas do Cabo Verde, da Madeira e das Canarias com as das Antilhas ao passo que em nada se assemelham com as da Africa visinha.

Ha ainda um ponto de vista que parece não ter sido aproveitado até hoje e que, entretanto, parece de importancia capital para apoiar a these

da existencia da Atlantida: falamos dos indicios ethnologicos.

Quem visita o museu Guinnet ou as salas egypcias do Louvre se impressiona com o seguinte facto: sobre os frescos, fielmente reproduzidos, dos tumulos do antigo Egypto e das Pyramides, todos os objectos têm a cor natural que se conhece: as messes são verdes ou amarellas, conforme a estação, os bois são brancos ou ruivos, os asnos são pardos, etc. — o homem é vermelho, a mulher é amarella! — Não é, pois, desarrazoado deduzir que o egypcio era vermelho e a egypcia, amarella.

Vêde agora o indio da America do Norte, principalmente o Araucario e o Patagão, os especimens mais puros da raça: é o mesmo typo facial, a mesma cor de tijollo, nos homens e nas mulheres, a mesma carnção amarellada. Ha mais: os indios mexicanos mumificavam os mortos como os egypcios, usando os mesmos processos. No museu do Trocadero se encontram mumias mexicanas, maravilhosamente conservadas. Emfim, nuns e noutros, são as mesmas as doutrinas religiosas que motivavam a mumificação dos mortos, isto é, a necessidade de conservar o corpo para deixar viver a alma, que tambem morreria no caso de desaparecer o seu antigo envolvero de carne.

A hypothese mais verosimel é que os indigenas da America e os antigos egypcios descendem da mesma raça que povoava a Atlantida. Tendo sido mais completa a submersão a leste, só permittiu a sobrevivencia dos Atlantes em guerra na Grecia, os quaes desembarcaram no Egypto e ali lançaram raizes, enquanto a maior parte da população escapada ao cataclisma ficava na outra margem.

E' tambem digno de nota que a aresta da cordilheira dos Andes segue symmetricamente a aresta submarina da Atlantida, acima assignalada e que os contornos da Africa e os da America têm uma configuração symmetrica, como si, aproximando-os, viessem a encaixar uns nos outros.

H. DE RAUVILLE.



## LEITURAS

VULTOS E LIVROS — Arthur Motta — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Tratando dos livros do prof. Assis Cintra e do romance do sr. Canto e Mello, dissemos que a literatura em São Paulo baixara muito a craveira do seu valor. É de facto. De Monteiro Lobato, Léo Vaz, Hilario Tacito e Godofredo Rangel, estórias que foram estupendas revelações, para os ultimos nomes que vêm firmando o brinhas moftinas de vario genero, vai uma distancia, que só não percebe quem não enxerga.

Assim, eis aqui um livro novo: «Vultos e livros», do sr. dr. Arthur Motta. É um livro de critica? De estudo? De ensaios? Não é. Nem critica, nem estudo, nem ensaio. Tomando cada um dos quarenta immortaes, seus patronos e predecessores nas respectivas cadeiras, o autor emprehendeu fazer-lhes a bio-biographia. E fez. Dá-nos a biographia de cada um e a lista das suas obras. Um excellent catalogo, revelador de um magnifico temperamento de antiquario. Esse valor ninguem lhe pode negar: é um perfeito repositorio de informações. O proprio auctor, certo, não pretende mais.

O que não se pode é confundir tal trabalho com literatura. Não é sequer historia da literatura. São elementos para essa historia.

Todo o livro não tem uma ideia, não apresenta a menor marca de espirito e intellectualidade.

### FIGURÕES VISTOS POR DENTRO

— SIMÃO DE MANUUA — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Está nesses moldes o volume «Figurões vistos por dentro». Tambem nem sombra de ideia, nem vestigio de espirito, nem simulacro de arte. Como si nos fosse revelar inauditas coisas, segredos insuspeitados, altos escandalos, o auctor se fecha hermeticamente dentro de um pseudonymo para nos contar aneddotas semsaboradas de Pinheiro Machado, Dias Fortes, Costa Senna e outros.

Escreve mal. Desconhece a syntaxe. Estylo noticioso e ás vezes vascoso. Acompanha a mania chamada «nacionalista», de fazer «gruças», reproduzindo o falar caipira, simplesmente...

PURAQUARAS — OLIVEIRA e SOUSA — Ed. Casa Editora «O Livro» — São Paulo — 1921.

O sr. Oliveira e Sousa apresenta-se com um livro de contos. É uma cretela auspiciosa. O auctor não é ainda o perfeito senhor de si mesmo. Tem o estylo anguloso, irregular, extranho dos que começam. Essas defeitos, porém, perfazem a massa de que sahem os escriptores. De resto, Oliveira e Sousa tem qualidades que o farão excellent contista, quando se desvencilhar de influencias e se assenhorear do seu mister.

É o que esperamos para breve.

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suínos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

## SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por Lima Barreto . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO

## Curiosidades literárias

### A "Atlantida" de Platão

A propósito do romance — «Atlantida», de Pierre Benoit, — de que demos o resumo em nosso ultimo numero — entrou para a ordem do dia o problema do antigo continente que teria ligado a Europa à America até que o submergiu bruscamente um cataclisma geologico. Em todos os tempos, curiosos têm procurado averiguar os fundamentos da criação platónica. Sobre os Atlantes, os guerreiros que, em edades remotas conquistaram a Grecia e sobre o seu paiz de origem, a Atlantida, dá Platão descrições tão precisas que é difficil acreditar as inventadas. Segundo elle, os Atlantes habitavam uma ilha immensa, situada além das columnas de Hercules, mas tão perto dellas que facilmente podiam passar à Europa. Durante uma de suas guerras contra os gregos primitivos, quando sitiavam Athenas, desapareceu sob as ondas a sua terra natal. Tirando-lhes a catastro, he todas as possibilidades de auxilio, levantaram o cerco e sustentaram as operações. Embarcados nos seus bates, encaminharam-se para o oriente do Mediterraneo, afastando-se o mais possível do lugar em que sobrara a sua Patria.

Muitos geologos estão hoje convencidos de que realmente existiu a Atlantida e que Platão se fez echo de lendas antiquissimas, que reponsavam sobre um facto real. Sobre tudo, estudaram a questão sob o ponto de vista geologico e zoologico. O sr. Ternier, da Academia das Sciencias de Paris, mostrou que a actividade vulcanica do oceano Atlantico não está extincta e que numerosos navegadores têm verificado os seus effeitos até na superficie, sob a forma de fervilhamento do mar ou de desprendimento de vapores e gazes através das aguas. As sondagens effectuadas pelo principe de Monaco deram a physionomia exacta do solo sub-marino desse oceano: uma immensa crista em forma de S alongado occupa a sua parte mediana, attestando uma fractura gigantesca, que, partindo das immedições do polo norte, passa o Equador. Os seus pontos emergentes são a Islandia, as ilhas Feroë, os Açores, as Canarias, a Ascensão, Tristan da Cunha, etc. As explorações oceanicas do principe de Monaco permitiram tambem trazer à superficie, de uma profundidade de 3.000 metros, certas categorias de lavas que não poderiam ter-se formado senão ao ar livre.

Emfim, o sr. Germain, assistente do curso de zoologia do Instituto Oceanographico de Paris, revelou as apreciaveis similitudes entre a flora e a fauna das Ilhas do Cabo Verde, da Madeira e das Canarias com as das Antilhas, ao passo que em uada se assemelham com as da America visinha.

Ha ainda um ponto de vista que parece não ter sido aproveitado até hoje e que, entretanto, parece de importancia capital para apoiar a these

da existencia da Atlantida: falamos dos indicios ethnologicos.

Quem visita o museu Guinnet ou as salas egypcias do Louvre se impressiona com o seguinte facto: sobre os frescos, fielmente reproduzidos, dos tumulos do antigo Egypto e das Pyramides, todos os objectos têm a cor natural que se conhece: as messes são verdes ou amarellas, conforme a estação, os bois são brancos ou ruivos, os asnos são pardos, etc. — o homem é vermelho, a mulher é amarella! — Não é, pois, desarrazoado deduzir que o egypcio era vermelho e a egypcia, amarella.

Vêde agora o indio da America do Norte, principalmente o Araucario e o Patagão, os especimens mais puros da raça: é o mesmo typo facial, a mesma cor de tijollo, nos homens e nas mulheres, a mesma carnção amarellada. Ha mais: os indios mexicanos mumificavam os mortos como os egypcios, usando os mesmos processos. No museu do Trocadero se encontram mumias mexicanas, maravilhosamente conservadas. Emfim, nuns e noutros, são as mesmas as doutrinas religiosas que motivavam a mumificação dos mortos, isto é, a necessidade de conservar o corpo para deixar viver a alma, que tambem morreria no caso de desaparecer o seu antigo envolvero de carne.

A hypothese mais verosimel é que os indigenas da America e os antigos egypcios descendem da mesma raça que povoava a Atlantida. Tendo sido mais completa a submersão a leste, só permitiu a sobrevivencia dos Atlantes em guerra na Grecia, os quaes desembarcaram no Egypto e ali lançaram raizes, enquanto a maior parte da população escapada ao cataclisma ficava na outra margem.

E' tambem digno de nota que a aresta da cordilheira dos Andes segue symmetricamente a aresta submarina da Atlantida, acima assigunlada e que os contornos da Africa e os da America têm uma configuração symetrica, como si, approximando-os, viessem a encaixar uns nos outros.

H. DE RAUVILLE.



VULTOS E LIVROS — ARTHUR Motta — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Tratando dos livros do prof. Assis Cintra e do romance do sr. Canto e Mello, dissemos que a literatura em São Paulo baixara muito a craveira do seu valor. E de facto. De Monteiro Lobato, Léo Vaz, Hilario Paiva e Godofredo Rangel, estreitas que foram estupendas revelações, para os ultimos nomes que vêm firmando o brinhas moftinas de vario genero, vas uma distancia, que só não percebe quem não enxerga.

Assim, eis aqui um livro novo: «Vultos e livros», do sr. dr. Arthur Motta. É um livro de critica? De estudo? De ensaios? Não é. Nem critica, nem estudo, nem ensaio. Tomando cada um dos quarenta immortaes, seus patronos e predecessores nas respectivas cadeiras, o autor emprehendeu fazer-lhes a bio-biographia. E fez. Dá-nos a biographia de cada um e a lista das suas obras. Um excellente catalogo, revelador de um magnifico temperamento de antiquario. Esse valor uinguem lhe pode negar é um perfeito repositório de informações. O proprio auctor, certo, não pretende mais.

O que não se pode é confundir tal trabalho com literatura. Não é sequer historia da literatura. São elementos para essa historia.

Todo o livro não tom uma ideia, não apresenta a menor marca de espirito e intellectualidade.

FIGURÕES VISTOS POR DENTRO — SIMÃO DE MANUA — Ed. Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo — 1921.

Está nesses moldes o volume «Figurões vistos por dentro». Tambem nem sombra de ideia, nem vestigio de espirito, nem simulacro de arte. Como si nos fosse revelar inauditas coisas, segredos insuspeitados, altos escandalos, o auctor se fecha hermeticamente dentro de um pseudonymo para nos contar anedotas semsaboras de Pinheiro Machado, Bias Fortes, Costa Senna e outros.

Escreve mal. Desconhece a syntaxe. Estylo noticioso e ás vezes vascoso. Acompauha a mania chamada «nacionalista», de fazer «grace», reproduzindo o falar caipira, simplesmente...

PIRAQUARAS — OLIVEIRA e SOUSA — Ed. Casa Editora «O Livro» — São Paulo — 1921.

O sr. Oliveira e Sousa apresenta-se com um livro de contos. É uma cretia auspiciosa. O auctor não é ainda o perfeito senhor de si mesmo. Tem o estylo anguloso, irregular, extranho dos que começam. Esses defeitos, porém, perfazem a massa de que sahem os escriptores. De resto, Oliveira e Sousa tem qualidades que o farão excellentista, quando se desvençillar de influencias e se assenhorear do seu mister.

E' o que esperamos para breve.

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

**AMADEU AMARAL**

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

**MONTEIRO LOBATO**

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

**LÉO VAZ**

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

**GUSTAVO BARROSO**

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

**A. DE SAMPAIO DORIA**

O que o cidadão deve saber (10.<sup>o</sup> milheiro) 3\$000

**F. T. DE SOUZA REIS**

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

**WALDEMAR FERREIRA**

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

**AUCTORES DIVERSOS**

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

**NICOLAU ATHANASSOF**

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Aparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prêlo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

40

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



21

# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collcção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abrançhes, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ali dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa litteratura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella. Como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca litteraria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população leitora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro litterario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do aucter, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, \*muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositório de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa litteratura, deuto das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa colaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreautes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumos por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta litteraria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptamos com prazer toda colaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua colaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

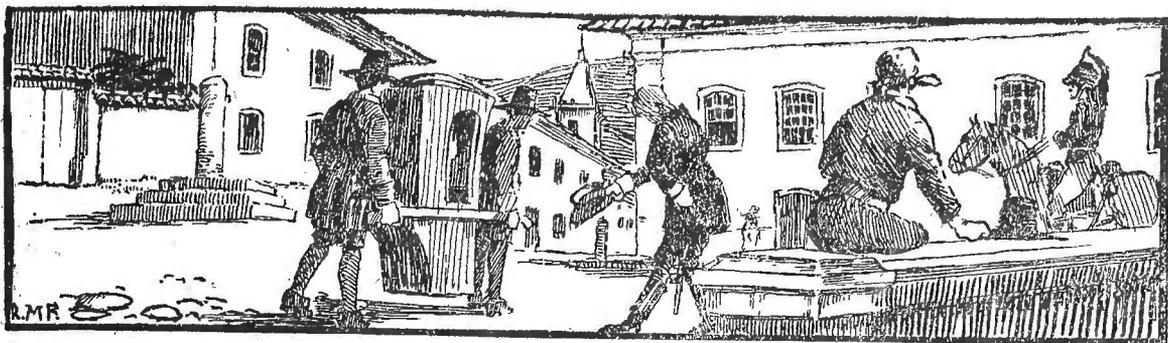
Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO - R. Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal, 1172 - Teleph.: Cidade, 5441 - S. PAULO



A FAÇANHA DO IMPE-  
RADOR — Theodoro  
Magalhães.

QUERER BEM — Afranio  
Peixoto.

ULTIMO LANCE — Alui-  
zio Azevedo.

## SUMMARIO

SÃO JOSÉ — (A. R. B.)—  
Thomaz Lopes.

SUPPLEMENTO — A vida  
anecdótica e pittoresca  
dos grandes escriptores  
— Olavo Bilac — MARIO

DE ALENCAR.

Vida literaria — Capiteas li-  
terarias - No Brasil e na  
Italia — Tradição e novi-  
dade em poesia.

Curiosidades literarias —  
Helena, « a dos braços  
brancos ». - Helena, « a  
das bellas faces ».

# A FAÇANHA DO IMPERADOR

(CHRONICA DO 1.º REINADO)

Tocava trindades e d. Pedro, recostado num canapé antigo, entre duas almofadas de bordado azul, vio entrar, inesperadamente, nos seus aposentos, o lacaio privado, teso e rijo, comprimido na desbotada librê de pano verde.

O principe, naquele dia, não saira do palacio. Repousara o corpo dolorido pela queda que soffera, na vespera, tentando escalar a janela de um sobradinho do caminho do Vallongo para espreitar uma mulher. Precisava de descanso.

Inquietou-se á chegada do págem a quem dera ordens terminantes de não chamar. Os negocios da corôa não exigiam, a toda a hora, a sua presença em conselhos de ministros, deliberando sobre as medidas que fosse mister adotar no escôpo de soffrear a luta de raça entre portuguezes e brasileiros. Depois, si algo de monta surgisse, José Bonifacio podia resolvê-lo.

Vendo o criado aparecer apressado e quebrar as determinações expressas, dispostas, pela manhã, na sala dos despachos, levantou-se coxeando a perna esquerda e interpellou em tom contrariado:

— Que ha ?  
— Uma carta urgente para Vossa Magestade.  
— Quem a trouxe ?  
— Desconhecido emissario, que apeiou ao portão da Quinta, entregou a missiva ao reposteiro de V. M. e desapareceu sem proferir uma só palavra.

D. Pedro deixou transparecer-lhe nos labios um ligeiro sorriso de contentamento e rosneou comsigo : — « Alguma entrevista para amanhã. » E, pausadamente, rompeu o lacre que fechava a correspondencia. Leu-a e empalideceu. Um cursivo fino e miudo lhe narrava, em meia pagina, factos de alta gravidade. Mordeu os beiços amarfanhando o papel, olhou distraidamente o retrato de seu irmão d. Miguel que pendia da parede e indagou :

— Veio alguém hoje procurar-me ao paço ?

— Os ministros de V. M. Ha pouco se retirou s. exa. o sr. Carneiro de Campos e, no salão, conversa com S. M. a Imperatriz o sr. José Bonifacio.

— José Bonifacio ! — repetio o imperador, arregalando o sobr'olho — lnda bem. Dize-lhe que me espere e não saia sem primeiro falar-me.

O pagem ia a transpor a porta, quando o principe o deteve, ordenando-lhe :

— Previna, depois, ao commandante Pardal que me deve aguardar, dentro de quarto de hora no roseiral, preparado como na excursão de quinta feira.

— V. M. adoentado vai sair ? objectou o fâmullo. É uma imprudencia, meu senhor !

— Cala-te e avia-te.

Sem articular mais uma só frase, o domestico particular do imperador do Brasil escoou-se pelo umbral da porta, dobrando a fronte em reverencia cerimoniosa. D. Pedro abriu o armario de páo santo que seu pai trouxera de Cintra, apaihou a capa larga de pano felpudo, o chapéo vareiro que costumava usar nas suas aventuras nocturnas, meteu na cava do casaco o punhal de cabo lavrado e se dirigiu pelo corredor que dava acesso aos fundos do palacio. Atravessou-o vagarosamente; não havia ninguém. Desceu uma escada de pedra e ganhou a alameda de bambús. Chiavam ratos nas moitas e, sobre a terra em socego, caía pesada a sombra espessa de uma noite estrelada. Serena tranquillidade se espalhava por todo o parque envolto em densa escuridão. D. Pedro deu alguns passos e por traz das ramagens fitou á distancia a sala illuminada, distinguio junto ao peitoril da janela uma cabelleira branca anelada que circumdava luzidia calva. Méneou a cabeça: acabava de certificar-se de que José Bonifacio ainda esperava por êle.

\* \* \*

Uma equipagem corria veloz pela estrada de S. Cristovão, á calada da noite. Ia silenciosa, rumo da cidade. Montados em cavalgadas desferradas, homens embuçados bamboleando sobre as sellas, aconchegavam-se ao lombo das alimarias, aquietadas, afim de não despertarem suspeitas ou evitarem descobrisse alguém as suas fisionomias durante aquela jornada nocturna. Caminhavam cautamente. Naquele bando se encontrava d. Pedro, o imperador do Brasil, cujo poder andava jogado nas conjurações de uma loja maçónica. O principe era precavido mas intimorato e, sempre que queria vaguear a desoras ou se meter n'alguma empresa amorosa, difficil e recatada, procedia por aquela forma, organizando a sua comitiva, com lacaios, soldados e officiaes de sua privança. Pretendia, á densa escuridão, envolver-se numa arremetida arriscada; avisara o commandante que, recebendo o recado do soberano, compreendeu a natureza da tarefa que lhe era recomendada.

D. Pedro, sombrio, preocupado e mudo, florindo robusta mocidade, atingiu as imediações de Mata-cavalos, quando o capitão Pardal, engançado numa mula alazã, estacou e pulou num salto. Todos pararam tambem e o principe, embrullhado no seu manto negro, deu com a redea na cavalgada, acerçou-se do militar e perguntou-lhe:

— De que receias?

— Preciso apertar as estribeiras. Vamos cortar o atoleiro e não confio no animal.

— Não te afflijas. Os caminhos estão bons, atravesssei-os ante-hontem, de volta dos Barbonos a toda a brida sem nenhum incidente.

Mal acabava de falar, D. Pedro divisou ao longe uma malta que, á lumieira de intensos archotes, quebrava a placidez daqueles sitios com as passadas fortes e cadenciadas no solo empedernido.

O monarca travou do braço do commandante Pardal, apressado, inquieto, e atirou-o para cima da sela murmurando:

— Toca a montar, sem demora, podemos nos comprometer. Rapido sumio-se á volta da azinhaga de Mata-cavalos a caravana real. Fugia receiosa de um rancho que, ao clarão dos fogachos, vinha resar o terço junto á peanha de pedra do canto da rua do Conde da Cunha.

A torre dos capuchos do Castelo badalava oito horas e D. Pedro chegava com sua gente ao paredão do mosteiro d'Ajuda. Apeou-se, deixou uma ordenança guardando os animaes e andou a pé, com o seu séquito, direito á Guarda Velha. Pisaram sem fazer rumor até ao portal do antigo quartel [do commando das armas. Na rua era imenso o socego e só se escutava o marulhar pacifico das ondas quebrando nas anfractuosidades do boqueirão de Santa Luzia.

O principe mirou o edificio: não descobriu ninguém. Galgou uma janela e espreitou por uma fresta; notou luzes dentro; pôs o ouvido alerta e verificou que falavam á surdina. Desceu e, segurando o cunhal da arma que ocultava, nervoso, cheio de raiva, rosnando pragas, fincou um murro na porta: os homens da sua companhia, embaraçados e decididos, aperraram as pistolas. Bruscamente, de fóra ouviu-se um barulho estranho: — arrastado de cadeiras, mover de mesas, correrias rapidas transformaram toda a tranquillidade que existia no interior daquela casa. Teve um impulso o principe: abater a golpes fortes a porta e entrar sem detença. Reflectio. Voltou-se para o capitão e disse-lhe, apenas:

— Mandé guardar o outro lado por dois homens de coragem.

A gente do imperador fitava-o admirada, sem perceber-lhe os intuitos. Tambem, nenhum d'aquelles officiaes, obedientes vassallos, se atrevera a fazer-lhe a mais leve inquirição. Compreendiam que qualquer coisa de impetuoso, de apaixonado, de energico, agitava o animo do monarca habi-

tuado ás emoções, caloroso, afoito, insubmisso e brutal: não lhe decifravam os motivos da resolução intempestiva, trazendo-os de longa travessia até aquele logar onde lhes parecia prestes inevitável assalto de consequências temerosas.

Cessara a bulha escutada da rua, o vozear de pessoas em sobresalto subito se extinguiu e a casa voltou á quietude primitiva. Teriam escapado? — calculou comsigo d. Pedro. Torneou êle, então, o sitio, interrogou as suas vedetas e se convenceu de que ninguém havia saído. D. Pedro projectou, de sopetão, violar aquella casa; tinha auxiliares que não receariam em coadjuval-o: — cometeria uma imprudencia, sem exito para os seus fins? Bosquejou diferentes alvitres e todos ofereciam seus inconvenientes. Começou a impacientar-se: a porta continuava fechada e o silencio inalteravel. Ia a chamar um soldado, hesitou e mudou de proposito. Chamejou-lhe no cerebro uma idea perversa e hipócrita: — dobrando o indice, vagorosamente bateu tres vezes no umbral gritando:

— Democracia e independencia! Um irmão pede entrada no templo!

Do interior uma voz timbrada bradou «Guatimosim» e, em seguida, claro e ordenativo alguém disse: — «Dêem ingresso ao arconte-rei.»

Os ferrolhos correram na aldrava e a porta abriu-se. O imperador, com o seu acompanhamento, transpôs a soleira e descobrindo a cabeça para que bem o vissem com a fisionomia desafiadora, o olhar afrontoso e rispido, o gesto arrogante e provocador, aparecia, atrevida e audaciosamente, diante de numerosa assembléa. Tinha alcançado o recinto do Apostolado.

Na sala larga, mobiliada com cadeiras de espaldar, e uma pesada mesa quadrangular sobre um estrado tosco, reuniam-se naquela noite os mações que obedeciam ao partido de José Bonifacio e se tinham desligado do Grande Oriente.

A' aparição do monarca, todos se puzeram de pé, com os braços alçados e as mãos firmes segurando delgados floretes, em cujas laminas radiavam as chammas dos bugios das serpentinas. D. Pedro não estranhou aquella recepção singular; regulava o rito da sociedade secreta, por prudencia ou valentia, que os congregados esperassem, de armas em punho, os intrusos e retardatarios que interrompessem as deliberações da loja. Os officaes do imperador, ignorando tão exquisita liturgia, desembainharam as espadas e investiram para aquellos homens que, de aspecto

tenebroso, os rostos carrancudos, demoravam-se imoveis, quasi petrificados, parecendo estatuas guerreiras enfileiradas em postura de defensiva. O imperador, porém, ante a bruteza de seus soldados, enfrentou-os de braços abertos, colérico, as faces avermelhadas e gritou com retumbancia:

— Estupidos! Quem dá aqui ordens senão eu? Vá, canalha, para o vestibulo!

Rápido, aqueles homens se retiraram obedientes, submissos, cabisbaixos. A sala voltou á tranquillidade e o soberano andou em direitura á presidencia.

— Quem estava a dirigir a sessão? indagou d. Pedro intimativamente.

— Eu! — murmurou do fundo da sala um personagem que, encostado a uma colunata, altaneiro e intemorato, a mão na cava da casaca de briche, o braço caído no espaldar de uma cadeira de estofo, em sentinela ao pequeno cofre de ferro que encerrava documentos secretos, espreitava toda aquella scena, pronto, na hora decisiva, a derrubar os candelabros de prata e estabelecer a confusão dentro do recinto invadido.

A resposta monossilábica e expressiva que escutára sacolejou os nervos ao imperador. Voltou o monarca o rosto para o sitio donde lhe falavam, resolutos a cometer qualquer desforço contra o insolente que lhe falava atrevidamente. Recuou, porém, do proposito: fixo, inalteravel, apenas com um leve sorriso de escárneo, o imperador tinha diante de si o tipo arrojado de Antonio Carlos. Domina-se; poupa-se a um desatino e rosna fitando-o de soslaio:

— Tú, meu peralta! Levaste a taramelar, aqui, ha pouco, cousas contra mim. E teu irmão, esperando-me no paço. Onde anda Martim Francisco?

— Antes de satisfazer-lhe ás suas perguntas, cabe-me inquirir-lhe como ousou penetrar neste templo, acostado á sua baderna para quebrar o sigilo desta loja e afrontar-nos em hora de trabalho e cuidados.

— Irás já conhecer os intuitos do teu príncipe.

— Cá dentro, d. Pedro não é o imperador do Brasil, mas o irmão mação, iniciado, e sujeito ás disciplinas severas da ordem.

— Tens rasão! Sou o arconte-rei — fez-me bem lembrá-lo. No uso das minhas funções assumo a presidencia.

E sem dar tempo a Antonio Carlos se mover, intrepido, num salto, trepou ao alto do estrado. O irmão de José Bonifacio deteve-se, estupefacto daquelle gesto brusco; agitou-se porém e, segu-

rando a faca occulta, com um ronco de raiva a rumorejar-lhe na garganta, arrojou-se para cima da mesa onde se esquecera do escriptorio bronzeado que, costumadamente, guardava os compromissos solenes á execução de qualquer plano assentado na sociedade secreta. O imperador soltou um rugido estridente, apertando nos seus dedos possantes os fracos pulsos de Antonio Carlos; abateu-o, subjogou-o, atirou-o ao soalho, apoderando-se immediatamente do objecto da disputa; empoleirado na mesa, arfando de cansaço e furia, a fisionomia descomposta á palidez que a luta lhe causara, virou-se para os circumstantes que, acovardados, assistiam áquele incidente e determinou-lhes com os labios tremulos de fadiga:

— «Retirem-se, senhores; está dissolvido o Apostolado».

Antonio Carlos já afastado, irado, a face crescendo odio, o olhar tresvariado, numa convulsão indomavel, corajosamente, investio de novo para a mesa e arrebatou, no impulso raivoso de seu gesto, o maço de manuscritos onde d. Pedro espalmará a sua mão truculenta. Puxou-os, estrefegaram-se.

O Andrada baixou a frente e mirando, doloridamente, os fragmentos de papel que rolaram ao solo, gemeu, vencido, profundamente magoado.

— Destruí-me muitas horas de estudo!

O principe, lendo o sentimento de Antonio Carlos prostrado na sua attitude contemplativa e triste, interrogou-lhe respeitoso:

— Que era isto?

— Um projecto de constituição!

— Para prejudicar o soberano?

— Para garantir a Corôa.

Imediatamente d. Pedro afastou-se sem nada retrucar e, ganhando o vestibulo, pronunciou o nome de um dos seus officiaes.

A sala ficou vazia; no chão voavam á brisa que soprava do lado do mar folhas dilaceradas; ouviam-se fortes pancadas de um pendulo oscilando vagarosamente; Antonio Carlos, extenuado, deprimido, procurou encostar-se ao peitoril da janela; voltou para fora o rosto e lobrigou, á escuridão da noite, os vultos dos companheiros enfileirados sob a vigia da escolta do imperador. Saiu daquele sitio e foi se colocar proximo ao vão de uma porta escondida por trás do reposteiro de damasco.

Quando o principe regressou ao salão donde expulsara os seus antigos confrades da maçonaria, encontrou-o totalmente abandonado; calmo, notou-lhe a enorme desordem. Parecia que, ali,

a voragem de um tufão tudo revolvera: — moveis partidos, documentos esraçalhados no soalho empoeirado e, até, o seu chapeo braguense, tombado de um sofá desconjuntado denunciavam o desarranjo da officina do Apostolado. Observou, de relance, a força de sua audacia, a ascendencia da sua soberania: era rei, fôra-lhe gloriosa a façanha, desmanchando a assembléa, debandando o agrupamento onde ontr'ora confabulara á conquista do trono. Correu, então, o olhar por todos os lados á cata de Antonio Carlos, não o achou; foi á janela, não o vio; — percebeu através a cortina adamascada que pendia ao fundo da parede, a claridade de um aposento. Estendeu o braço, empurrou o reposteiro e entrou: havia lá dentro uma parede que dava accesso a uma escada escusa — chegou até ao patamar e ouviu em baixo o rumor de uma passada. D. Pedro teve nos labios insultuosa obscenidade: Antonio Carlos acabava de desaparecer por uma saída falsa.

\* \* \*

Galopando a toda a brida na mais fogosa alimaria de que dispunha áquella noite, D. Pedro entrava na quinta de S. Cristovão com a frente contraída pelo cansaço da carreira. Pulou da sela, atravessou o mangueiral copado, subio ao terraço e parou no terraço do palacio. Um murmuro de folhagens que a ventania balouçava percorreu o espaço; levantou os olhos para o céu, tinham desaparecido as estrellas e nuvens densas corriam prenunciando a tempestade. Consultou o relógio de ouro que pertencera a d. José 1.º e, sob a aureola de luz da candeia, vio que era tarde, pouco faltava para as onze horas. Pensou consigo: inda estará José Bonifacio á minha espera? Nisto, debruçado sobre a amurada de pedra, deparou-se-lhe em attitude submissa um negro que, de calça de ganga e chapéu sombreiro, mascava um rolo de fumo.

O monarcha abordou-o, interpellando:

— Que fazes aí?

— Trouxe uma carta para o sr. José Bonifacio.

— Para o sr. José Bonifacio? repetio D. Pedro abanando a cabeça em movimento de surpresa. Calou-se durante alguns segundos, de pé, baten-do com o chicote de montaria no acicate da botta de couro. Depois, tocou levemente no ombro do preto e disse-lhe, simulando conhecer a precedencia da missiva.

— Vens da casa do sr. Antonio Carlos?

Não teve resposta; insistio com afabilidade e ouviu o tímido mensageiro pronunciar afogadamente:

— Venho de mando do sr. Martim Francisco.

— Que ha pouco recebeu a visita do irmão — acrescentou o principe.

Titubeante, confuso, transluzindo no seu embaraço a confirmação da pergunta, o emissario do Andrada balbuciou timoratamente:

— Sim, meu senhor!

— A trindade vai confabular, rosnou consigo o bragança. E, galgando num ápice a escada, entrou no salão. José Bonifacio lia uma folha escripta em desordenada caligrafia, junto á serpentina de prata que guarnecia o alto aparador de marmore; despertou-o a aparição brusca do dinasta que, desafiavelando a capa, sentou-se ao sofá de carvalho, cruzou a perna, esticou o busto para traz e, agitando o rebenque, falou com zombaria.

— Apanhei o melro do teu irmão conspirando contra meu poder na sessão do Apostolado: fugio, receiando que eu o prenderia. Também, dissolvi aquele antro de desordem. Patifes! E soltou uma gargalhada forçada, estridente, ironica.

José Bonifacio, transido, mas numa dissimulação delicada, aproximou-se do rei e replicou:

— Soube já do acto de V. M. Não o comento porque me não merece classifica-lo. Agradeço-lhe a sua gentileza pouco fidalga, retendo-me em sua casa durante tres horas enquanto cometia, á traição, essa façanha grotesca e violenta, amparado de aguazis, garantindo-se de soldados mercenarios. V. M. tentou inutilizar amigos e maltratar servidores liais que sempre o respeitaram.

— Não devo admitir no meu imperio a infamia de associações secretas.

— Tem razão. Ellas respondem por grandes crimes; tramaram o *Fico*, conjuraram a Independencia e collocaram no trono do Brasil um principe aventureiro!

—Desaforo! rugio quasi alucinado D. Pedro, levantando-se livido, num impeto de desespero!

— Alto! retrucou José Bonifacio espalmado no ar sua mão já rugosa. Seu pai o disse e V. M. o confirmou quando, partindo para o Ipiranga, me perguntou confidencialmente si, retardada a independencia, os brasileiros proclamariam o governo republicano.

— Adulteras sempre os meus pensamentos, obtemperou o rei, vencido ante a eloquencia dos factos. Tens sobre mim a finura da astucia, aliada a inegavel cultura. Pensas acovardar-me. Absolutamente, meu caro...

« O préstimo da maçonaria está terminado; acabou-se o tempo das conspiratas e o Brasil não

pode estar á mercê dos caprichos dos Andradas — faiscou com malevolencia e aleve.

José Bonifacio magoou-se; picara-lhe o despeito; mas não se perturbou. Tirou do nariz adunco os suas lunetas d'ouro, encavalou-as na abertura do colete e, cruzando os braços, objectou ferino:

— Os Andradas só se teem esforçado á causa da Patria, da terra onde nasceram: V. M. não dirá o mesmo; rebelou-se contra Portugal e tirou-lhe a mais rica colonia, usurpando poderes. Não cabe a V. M. a culpa desse acto de que, talvez, esteja arrependido; toca a mim e a meus irmãos que auxiliavam V. M. em tão nefasta empreza, visando, embora, a liberdade do Brasil.

— Gralha com penas de pavão! A obra da Independencia não é tua exclusivamente. Pertence a outros tambem: Frei Sampaio, Ledo, José Clemente — bradou D. Pedro.

Atagantado no seu orgulho, escutando do monarca o elogio ao nome de Ledo, experimentou um estremeção de ira. Turvou-se-lhe a vista e deixou-se cair no estufo de uma cadeira de braços. Houve um grande silencio. D. Pedro teve um leve transporte de contentamento porque conheceu que enraivecera o seu valido; em seguida, decorridos alguns minutos, fingindo carinho, indagou?

— Que tens ó José? Alguma denuncia? José Bonifacio agitou-se num repelão subito e com sobrançeria explicou:

— Pensava numa resolução. Tomei-a. Nem Martim Francisco nem eu somos ministros de V. M.: reconhecemo-nos inuteis e prejudiciaes á Corôa.

— Aceito essa demissão com enorme prazer. É um serviço que prestam ao paiz, retirando-se do governo, porque o povo só se queixa das insolencias e perseguições dos Andradas. Dar-te-ei amanhã o substituto conveniente.

— O conego Januario! atalhou José Bonifacio, esperando o efeito de suas palavras.

D. Pedro não proseguiu. Baixou a cabeça fitando distraidamente o desenho da tapeçaria que ornava a sala do palacio; atordoára-o a insinuação do Andrada. Mas, de repente, tocou a campainha. Um pagem rubicundo appareceu, curvando-se numa mesura estudada.

— Vá chamar o intendente da policia.

O criado saio promptamente a executar a ordem, sem balbuciar uma só palavra, pisando nos bicos dos pés para que não rangessem os seus sapatos de sola grossa. José Bonifacio contemplou D. Pedro e, observando que ele estava contrariado, afoitou ironico:

— Para prender os Andradas?

— Para mandar abrir devassa nas casas de Ledo, José Clemente e Januario.

— De Januario! Não o deseja para ministro?

— Conheço-te bem, José Bonifacio. Queres no governo o orador do Grande Oriente, certo de que sofrerás, amanhã, a vindicta do teu adversario e passarás ao papel de victima diante da nação. Por isso, denuncio já ao proposito de proceder contra os teus confrades do Apostolado.

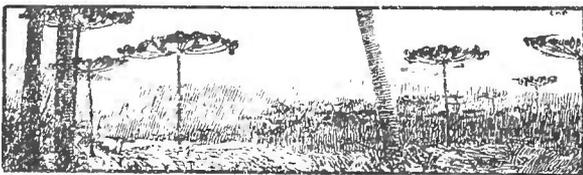
— Magestade! Sou amigo de Januario; apreciei-lhe, sempre, os artigos da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Depois pondero a V. M. que no Apostolado não se poem em peso os actos do soberano.

— Tens muita labia; mas não me engazopas — interrompeu, em tom canalha, o imperador.

José Bonifacio, amavel, despediu-se de D. Pedro. A aragem da noite balouçava o velario do gabinete real, enfunando entre os estofos e candelabros. O velho politico, através a abertura da cortina que o vento oscilava, divisou, na camara perto, cinzento de terra e de poeira, o commandante da guarda do imperador. Compreendeu que o principe providenciara na sua captura, mas a relaxara diante da perfidia assacada ou ante as represalias de um dialogo irritante.

Deixara de ser ministro, perdera o Apostolado, mas tinha intrigado, lograra a perseguição dos seus opositoristas. Aniquilara, em segundos, os intuitos desabridos do imperador. Voltaria ao poder; estava certo disso.

THEODORO MAGALHÃES



## QUERER BEM

Vindo de Constantinopla, desembarcara em Constanza, no Mar Negro, tomara o trem para Bucarest, onde amanhecera, ouvira missa na Metropole, percorrera a carro a cidade, e, só comigo, ia almoçar, num dos bellos restaurantes da "calea Victoriei", quando, na companhia, trago um jornal, que em francês era escripto, e só por isso preferido aos da lingua indigena. Enquanto me serviam, passava os olhos vagamente pelas noticias politicas e mundanas, que pouco interessavam: a proxima queda do ministerio Bratiano; uma nova obra de Carmen Silva; a generosidade

da princêsa Maria igual á sua formosura; uma poesia de Helena Vacaresco; recordação de que era romena, princêsa Brancovan, essa genial poetisa francêsa, a Condessa de Noailles... Caiu-me a vista, por fim, num *faits divers* que esse me prendeu mais que as vaidades dos poderosos.

Era um pequeno drama, que tinha intima significação. Nos arredores de Galatz, á beira do Danubio, uma formosa rapariga fora cortejada por dois belos e fortes rapazes, que ambos a mereciam e ambos, alternativamente, lhe inspiravam a mesma paixão. Os psicologos podem discutir a tese, que dá ao coração a propriedade de não ser occupado a um tempo por dois amores, como a extensão não permite a dois corpos tomarem o mesmo logar no espaço, mas a realidade era esta, ela amava os dois. Quando estava com um deles, era este o preferido e as razões da preferenciase impunham, tão persuasivas, que ficava resoluta, pedra e cal, que seria desse. Aparecia o outro, a pedra e cal amoleciam e lá se iam delidas, ao encanto novo que a tomava, a convencia, a vencia, só agora certa que este sim era o seu preferido, o eleito, o unico, o senhor do seu coração. Nessa perplexidade vivia, decidida a cada instante, indecisa entre elles, quando longe dos dois se lembrava deles ambos, para ver-se combatida e sem resolução, repuxada sempre em sentidos contrarios.

Um dia, os dois, que esta situação por igual desagradava, appareceram-lhe juntos e pediram-lhe, sem piedade, a rejeição de um, com soberbia, a exaltação do outro... Errou os olhos por ambos, lembrada disto e daquillo, cada vez mais perplexa e confessou toda a sua dolorosa e irremovivel indecisão. Só a sorte a livraria dessa duvida, pois que os santos a quem rezara não lhe deram recurso: a novena a Santo Anastacio, o orago da terra, fora inutil. Pois bem, exclamaram os rapazes, venha a sorte...

Ela reflectiu e o Danubio aos pés deu-lhe uma sugestão; a nado o atravessassem, fossem á outra banda e tornassem: o primeiro a chegar seria o escolhido... Mediram os rapazes a largura do rio, aí quasi maxima, porque já perto da foz... sentiram o frio da agua, agora no começo da primavera, quando a neve das nascentes se funde e augmenta a correnteza... mas era mais comprido e mais ardente o amor de moços. Despiram roupas superfluas, e puzeram peito á caudal.

Correu a voz no povoado e a multidão da aldeia, logo dividida em dois partidos, olhava com ansia, votos e aclamações os dois bravos contendores, que pareciam ter o mesmo folêgo. Foram

e tornaram quase sem distancia, braçadas eguaes, apesar da grandeza do esforço e do tempo demorado posto em o vingar. Mas, devia ser assim, um deles conseguiu a ultima braçada, junto á margem, antes do outro: era o vencedor! O rival chegara também segundos depois, é só chegava atrasado porque todo era agitado num calefrio intenso. Tomaram-no com piedade, deram-lhe estimulantes, enxugaram-no, aqueceram-no, mas nada lhe valeu porque, instantes depois, ardia em febre, o peito oppresso, a pontada do lado, numa pneumonia fulminante. Dois dias depois, era cadáver.

Quando tornou do cemiterio aonde levava o rival, procurou o vencedor uma folha de papel e escreveu á namorada:

«Ganhei a sua mão, mas, porque estou certo de não ter tido jámais o seu coração, lh'a venho restituir. Em nossa lingua amar é querer bem. Você não me podia, nem ao meu infeliz companheiro, amar, pois que nos sujeitou a um perigo, do qual podíamos morrer, como de facto morreu meu desgraçado rival. Podia ter sido eu. Empreguei portanto mal o meu amor, em quem não me queria bem. Perdô-me o erro, como eu lhe perdôo o risco que me fez correr... Basta-nos o remorso da vida que fizemos perder-se...»

Talvez o jornalista pusesse sal no estilo da carta, mas o facto era este. Amar não pode jámais ser querer mal. Como em português, no romeno, lingua irmã, também è querer bem. E bem longe, no extremo dos Balcans, numa sala de restaurante, em Bucarest, lembrou-me uma historia, que bem podia ser réplica desta outra.

Trabalhava eu no Serviço Medico-Legal do Rio, quando um dia, preparado para as autopses, que aí se faziam todas as manhãs, ás vezes numerosas, disse-me o escrivão que me tomava as notas para o laudo:

— Temos, hoje, apenas um caso... o de uma rapariga que se suicidou. Parou um instante e ajuntou: — Uma historia comovente... valia a pena ouvil-a antes de começar.

Embora apressado, e a emotividade romba de medico, que se embota mais que o gume dos canivetes, levantei a vista e pedi-lhe que m'a dissesse, sem delonga.

— Foi este o caso. Era uma rapariga geitosa, morena, cabelos pretos anelados, apenas de dezeses anos. Pode vê-la, sobre a mêsã, não terá mais disso: a morte ainda não lhe tirou o mimo. Só ela nos deixa agora ver todo ele: como era bonita! Pois bem, dois rapazes se engraçaram

dela e ambos puseram taes extremos em lhe agradar, que a rapariga, que não sabia ser ingrata, embora tivesse a sua preferencia, não soube ou não pôde manifestá-la claramente. Os dois porfiam e como não era pequena a paixão, sobreveiu o ciume e, depois, o odio. Os rivaes juram-se e se querem matar. A pobresinha vem a saber e pretende intervir. Eles o disseram, haviam de cumprir: um era demais sobre a terra. Exactamente o mais fraco ou mais delicado seria o preferido, e o outro era mais turbulento e desabrido... Procura-os, não os encontra. A rixa ia ter, a qualquer momento, o seu desfecho: só um, o vencedor, appareceria. Nessa tribulação, de homens que a amam e se vão matar por ela, nessa maior porventura de perder aquele a quem ama e vir a ser do outro a quem não quer bem, chega-lhe a resolução desesperada. Escreve-lhes uma carta e ingere uma dose de veneno. Na carta dizia que não lhe seria possivel ter paz na consciencia, com uma morte, por causa dela. Não poderia ser mulher do seu amado, se ele fosse assassino, menos ainda do outro, se dêsse a morte ao seu preferido. Só achava uma solução: desapareceria! Perdoassem-lhe, continuassem a querer-lhe, na saudade; ela queria tanto a um deles que para salvá-lo de ser morto, ou ser assassino, chegara a morrer...

Talvez empreste ênfase ao escrivão, ou á pobre rapariga: o facto era porém este. Na carta não declarava o preferido: ficava a possibilidade, a cada um, de o pretender, dentro de si... Eles se reconciliaram e agora estavam aí fora, para vê-la, para lhe prestarem os ultimos carinhos de afeição. Como eu duvidava da historia, que me parecia demasiado romântica, disse-me o escrivão:

— Elles aí estão na sala de espera, juntos, e não cessam de chorar...

Entrei a espia-los e vi-os, pobres diabos, um a consolar o outro, também em pranto: falavam dela, naturalmente. Penetrei então na sala de autopsie. Ela parecia dormir, hirta e fria, sobre a mêsã de dissecação, já sem resguardos de pudor. "A morte não lhe tirara o mimo...", não seria a minha impiedade de perito que o havia de fazer. Mandeí que a retirassem, piedosamente, e sem detença. Ao escrevente ditei um laudo de exame cadaverico: uma escara enegrecida no labio confirmava o toxico, que fóra o lisol.

A' tarde, seguia o humilde prestito funebre para S. Francisco Xavier. Alem dos parentes, de algumas amigas, iam os dois namorados, por quem morrerá, por bem querer. Num automovel os a-

companhou um desconhecido, que assistiu comovido á sèpultura que se abria para recebê-la... Nas flores que sobre o tumulo singelo lhe deixou, não se foi entretanto toda a sua comoção, pois que ainda agora revive, numa terra longinqua, entre gente diversa, mas que fala uma lingua irmã da nossa... Em romeno, como em provençal, como em português, irmãos mais moços da latinidade, amar é "querer bem". Das duas historias, só posso tirar uma conclusão, é que lá — na minha terra, se ama melhor; aqui, ás vezes, se mata por querer bem; lá, ás vezes, a gente morre por bem querer.

AFRANIO PEIXOTO



## ULTIMO LANCE

Dez luizes!...

Era tudo que lhe restava!... Eram as ultimas moedas da larga e velha herança que até a elle chegára, escorrendo sonoramente, de degrau em degrau, por uma nobre escadaria de avós. Dez luizes!...

E D. Philippe, depois de agitar na mão fidaiga, as derradeiras moedas de ouro, encaminhou-se lentamente para o logar que meia hora antes havia abandonado a banca da roleta.

De pé, apoiado ao espaldar da sua cadeira ainda vazia, deixou cahir sobre o taboleiro verde o seu frio olhar indifferente e altivo. Os numeros desapareciam afogados no ouro e na prata dos outros jogadores.

Permaneceu immovel por longo tempo, sem ver o que õhava. Seus sentidos estavam de todo occupados pelo pensamento que lhe trabalhava afflicto dentro do cerebro: — Era preciso refazer a fortuna esbanjada, ou parte d'ella... Mas com cem mil francos, apenas cem mil! poderia salvar-se, sem cahir no ridiculo aos olhos do meio em que se arruinára... Com cem mil francos correria, sem perda de tempo, a Pariz, solveria as dividas que ahí deixára garantidas sob palavra, e logo em seguida a pretexto de qualquer exigencia da saude, simularia uma viagem á Suissa e partiria para a America com o que lhe restasse em dinheiro. Na America engendravam-se rapi-

das riquezas; descobriam-se dotes fabulosos! Se fosse preciso trabalhar — trabalharia!

Não sabia em que, e como, iria trabalhar, mas a miragem do novo mundo surgia-lhe á imaginação num sonho de ouro, numa apothese de milagres de representação, em que a sua incompetencia para qualquer trabalho productivo encontraria logar entre os vencedores. Nenhum programma, nenhuma ideia acompanhava aquella esperança; confiava na America como confiára nas cartas e na roleta. Era ainda uma esperança de jogador. Era a cega confiança no acaso!

Não seria a America tambem um taboleiro verde, banhado pelo ouro da California?... Elle era a moeda jogada n'um ultimo lance pelo desespero! Iria!

E depois?... Como seria bello volver á Europa, muitas vezes millionario, com um resto de mocidade, para continuar a gosar os vicios interrompidos?..

E, enquanto castellavam seus doídos pensamentos, succediam-se os golpes da roleta, e o ouro e a prata dos jogadores perpassavam em rio por defronte dos seus olhos distrahidos.

— Mas, e se eu perder?... interrogou elle á propria consciencia.

E o fidalgo não teve animo de entestar com a solução que esta pergunta exigia, como se temesse abrir de prompto, ali mesmo, um duro e violento compromisso com a sua honra.

Todavia, se perdesse aquelle miseravel punhado de moedas, que lhe restava alem do... suicidio?... Que lhe restava no mundo, que não fosse ridiculo e humilhante?...

E viu-se sem vinteni, esgueirando-se como uma sombra pelas ruas escuras, com as mãos escondidas nas algibeiras do sobretudo, fugindo de todos, desconfiado de que a sua irremediavel miseria fosse de longe presentida como uma molestia infecta. Teve um calafrio de terror.

As fallazes hypotheses de salvação, que covardemente se lhe apresentavam ao espirito, lembrando amigos ricos e recursos inconfessaveis, eram amargamente repellidos pelo seu orgulho, ainda não vencido.

— *Faites vous jeus, messieurs!* exclamou o banqueiro.

E D. Philippe sorriu resignado e triste, como respondendo affirmativamente para dentro de si mesmo á voz que appellava para seus brios, e, depois de sacudir inda uma vez as dez moedas, espalmou sua linda mão inutil e, com um ar mais do que nunca indifferente e sobranceiro, despe-

jou-as na secção do Vermelho que á mesa lhe ficava em frente.

— *Rien ne va plus!*

Uma vertigem toldou-lhe a fingida calma.

A pequena esfera de marfim girava já no quadrante da roleta. Fez-se em toda a sala um silencio que doia de frio.

Se naquelle golpe, em vez de um numero vermelho, viesse um numero preto, pensou o desgraçado, qualquer mendigo das ruas seria mais rico do que elle!...

E a bola girava já com menos força, prestes a tombar no numero vencedor.

O fidalgo deixou-se cahir assentado na cadeira, ficando os cotovellos na mesa e escondendo o rosto nas suas duas mãos abertas.

A bola tombou no numero. Vermelho!

Os dez luizes de D. Filippe transformaram-se em vinte. E o fidalgo não teve um gesto; esperou novo golpe, aparentemente imperturbavel.

O taboleiro esvasiou-se e de novo se encheu de reluzentes paradas. O banqueiro fechou o jogo; a bola girou, cahiu.

Veiu outra vez vermelho.

D. Filippe continuou immovel, sem tirar as mãos do rosto. Sobre os seus vinte luizes deramaram-se outros vinte.

E o jogo continuou, silenciosamente.

E, no meio do surdo anciar dos que jogavam, um terceiro numero vermelho dobrou a parada de D. Filippe, que conservava a sua immobilidade de pedra.

Tão forte porém era o arfar do seu peito, que todo o corpo lhe acompanhava as pulsações do coração.

Vermelho!

E oitenta luizes despejaram-se sobre os oitenta luizes do jogador immovel.

Vermelho!

E o ouro começou a avultar defronte d'elle.

Vermelho ainda!

E as moedas iam formando já um comoro de ouro defronte daquella figura extática, da qual só se viam as duas mãos, muito brancas, ligeiramente veidas de azul puro.

Ainda vermelho!

E a figura imperturbavel parecia agora de todo petrificada. E as duas mãos brancas pareciam fitar escarninhamente os outros jogadores, rindo por entre os dedos fixos.

A immobilidade e a fortuna do singular parceiro começavam a impressionar a todos.

Vermelho!

E já os olhares dos homens e das mulheres não se podiam despregar d'aquelle mysterioso companheiro de vicio, cuja physionomia nenhum d'elles conhecia ainda, absorvida como até então estivera cada qual no proprio jogo.

Vermelho! Vermelho!

E o monte de ouro ia crescendo, defronte d'aquellas duas mãos que pareciam cada vez mais brancas, mais escarninhas, e mais ferradas ao rosto do jogador immovel.

Vermelho! Vermelho Vermelho!

E as moedas alargavam a zona inteira escorrendo por entre os cotovellos do jogador de pedra, e cahiam-lhe pelas pernas inalteraveis, e rolavam tinindo pelo chão.

Vermelho! E os jogadores esqueciam-se do proprio jogo para só attentar no jogo do singular conviva; á espera todos que aquellas duas mãos de marmore se affastassem; que aquella escarninha mascara cahisse, revelando alguem.

E a cada golpe uma nova riqueza vinha dobrar a riqueza accumulada defronte do sinistro mascarado de marmore. Em vão, ao lado d'elle, uma formosa creatura, com arês de rainha e olhos de *soubrette*, aquecia-lhe havia meia hora a perna esquerda com a sua perna direita; em vão, por detraz da sua cadeira, formára-se um palpitante grupo de mulheres, que riam forte e lhe discutiam a fortuna, apostando, a cada novo golpe da sorte, se o original jogador sustentaria ou não o lance por inteiro.

E já quando o vermelho era ainda uma vez annunciado pelo tremulo banqueiro, partia de toda a sala uma explosiva exclamação de pasmo.

Era preciso tocar a cada instante o tympano, pedindo attenção e silencio.

Mas os commentarios reproduziam-se, fervendo em torno da estatua feliz. Uns protestavam contra a loucura d'aquella pertinacia, pedindo para seu castigo um numero negro; outros se enthusiasmaram com ella e soltavam bravos de applausos; outros ainda calculavam o ouro accumulado, sommando os lances.

E o banqueiro, cada vez mais pallido, tomava com a mão tremula a bola fatidica, e, a tremer fazia-a girar na gamella dos numeros, e a tremer, annunciava o numero vencedor, que era sempre vermelho.

Cada numero vibrava acompanhado de um côro de pragas e gargalhadas.

Até que, n'um desalento de capitão vencido, o banqueiro, dando ainda o ultimo vermelho, annunciou com uma voz de naufrago sem esperanças:

— Banca... á gloria!

Mas, nem assim, o imperturbavel jogador mysterioso fizera o menor gesto; ao passo que em redor d'elle se acotovelavam os viciosos de ambos os sexos e de todas as nações, foimando uma numerosa e irrequieta muralha, anciosa de curiosidade.

Chamaram-n'o de todos os lados, em todas as linguas e em todos os tons.

Elle se não moveu.

Tocaram-lhe no hombro; tocaram-lhe na cabeça.

Nada!

Saccudiram-lhe o corpo.

A estatua continuou immovel.

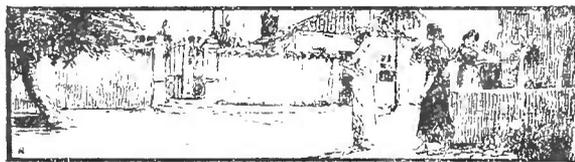
Então, dois homens, tomando cada um uma das mãos do fidalgo, arrancaram-lh'as do rosto, emquanto um terceiro lhe levantava a cabeça.

E um só grito de horror partiu d'entre toda aquella gente.

Quem á gloria levára a banca e ali estava immovel a jogar com elles durante a noite, provocado pelas mulheres e invejado pelos homens, era um cadaver frio, de olhos escancarados, a bocca semi-aberta, e com duas lagrimas compridas escorrendo pela algidez das faces contrahidas.

Largaram-n'o espavoridos; e o morto tambem com a cabeça sobre a mesa, collando o rosto e as mãos de marmore sobre o seu ouro, como se o quizesse defender da cobiça dos outros jogadores sobreviventes, que já discutiam aos gritos a legitimidade daquella posse.

ALUIZIO AZEVEDO



## S ã O J O S É

(LENDAS CHRISTAN)

(A. R. B.)

I

O velho cura morava na aldeia, e só muito raramente, com mais sacrificio do que esforço, arrasava a sua velhice pachorrenta e a sua discreta virtude até o borborinho da grande cidade tão cheia de fortuna e de miseria, eternamente escabujando no volutábrego do vicio. Chamava-se Bernardin, e era um homem de altura mean, quasi gordo, com um ar sadio de campo, olhos pequeninos e claros, cabellos brancos e faces ainda de punicea côr, onde começava a silcar o valle das rugas.

A sua casa no campo era o certo abrigo dos pobres, porque nunca lamento ou supplica, somno, tristeza ou fome tinham ficado esquecidos á soleira como cães sem dono e sem destino. A amigo ou estranho, era sempre de bom rosto que o velho dava pouso. Era uma singela casa no meio de um tosco jardim onde chorava a múmura e sonóra queixa de um regato; e esse regato era de certo a unica lamentação que repetidamente, passava á sua porta. Na primavéra as flores perfumavam toda a casa; brancas santas e alvos santos de gêsso e de marmore surgiam do oratorio durante os tres mezes da suave estação, como flores nascendo de flores; no inverno, quando o céu era griz e os caminhos eram brancos, á bocca do seu calorifero vinham os pobres aquecer-se do rude frio.

O doce Bernardin, homem simples e bom, sem a enredada sabedoria dos magnos sacerdotes, sem largos vôos de imaginação, pouco se aprofundára em dogmas e conceitos; cumpria fielmente as leis de Jesus com a mesma facilidade innocente com que um fructo sáe de uma flor. Assini, não maldizia porque de ninguem se queixava; era esmolêr porque se condoia de quem era pobre e tinha fome; não mentia por ignorar que outra coisa além dos beijos é da verdade podesse poisar em humana bocca, — nem mesmo as abelhas que esvoaçavam em torno dos labios de Platão; não praguejava porque de nada serve a blasphemia; não odiava porque todos o amavam; era casto porque tinha bons pensamentos. Lera pouco durante a longa existência; sabia que no principio Deus creou o céu e a terra, depois separou a luz e a treva... Não conhecia historias de raças e de conquistas, nem chronicas de guerras religiosas, nem falsidades e manhas d'inimigos. A luctuosição com todos os supplicios e todas as victimas era uma especie de lenda para amedrontar os atheus, assim como o papão era uma fantasia para intimidar as creanças; o Papa era um padre muito santo e muito sabio que morava em Roma; Roma era uma cidade visinha de sua França. Com o latim do Seminario dizia missa, fazia citações ao amigo pharmaceutico, pregava ás vezes no pulpito e ensinava declinações e conjugações: *ancilla, ancillæ; fero, fers, tulli, latum, ferre...*

Gostava de passar bem porque dizia que não era santo; e quando sentado á mesa, com a porta aberta para quem tivesse fome e quizesse entrar, tendo dado esmola e distribuido pães (mais pão do que conselhos), orava e acalmava o estomago com o pão que é o corpo, com o vinho

que é o sangue de Jesus, muitas vezes pensava :  
— Coitadinho de São João que comia gafanhotos!...

Era tranquillo e mênigo; qualquer soffrimento lhe causava pena, para toda esturdia encontrava uma desculpa, e para os crimes tinha sempre um perdão.

Certa vez, numa tormentosa noite de inverno, quando lá fóra cahia o gelo e rugia a furia do sudoeste degladiando as arvores nuas, elle deitado, accomodado começava a dormir; de repente escancarou-se a porta e entrou pelo seu quarto um homem todo coberto de sangue e de medo.

— Meu Padre!

— Que é, filho?

E o assassino tremendo como si já estivesse deante da machina sinistra e fatal da guilhotina:

— Matei meu irmão!

O Padre Bernardin olhou-o, mal comprehendendo as suas palavras loucas.

— Teu irmão?

— Sim, meu irmão!

Com uma infinita calma e uma suave ternura, o velho sacerdote accrescentou:

— Que horrivel crime, meu filho! Deus te perdõe!

Persignou-se, — e como tinha somno continuou a dormir.

Toda a aldeia o estimava; havia moças que baptisára e casára; quando sahia, já se apoiando a um tremulo bordão, as mulheres vinham dos casaes á porta, á espera de sua benção, e elle passava sem se apressar e sem se admirar, como si estivesse em casa ou como si a aldeia fosse a continuação de sua casa. E quantas vezes, quando havia lua no céu, as creanças se reuniam á sua porta, e o Padre, ingenuo e bom começava com sua voz repousada e tranquilla:

— Era uma vez uma camponeza que se chamava Joanna...

## II

Foi nos primeiros dias de Fevereiro que uma vez, por uma tarde fria, quasi á hora da noite, um homem pobremente vestido de calça e blusa, com uma especie de gorro de operario, entrou em casa do Padre Bernardin. A classe terminára. Bernardin estava só no seu quarto, quando duas pancadas discretas resoaram á porta. Tão habituado estava o Padre a todas as visitas, que nem de leve se admirou, e calmamente disse:

— Entre!

O homem tão modestamente vestido de marceneiro penetrou no seu quarto.

— Meu Padre, eu sei que vae amanhan á cidade, e lhe venho pedir um favor.

Tanta doçura havia nas palavras do desconhecido, tanta certeza, tão amavel e boa era a sua physionomia, que o velho sacerdote teve a exquisita vontade de lhe beijar as mãos.

— Mas como soube que eu vou amanhan á cidade?

O carpinteiro tirou o gorro, passou a mão pelos cabellos e pela barba castanha, e falou com uma voz persuasiva:

— Não lhe posso dizer ao certo como tive noticia de sua visita amanhan a Paris; mas o que é verdade é que ha mais de quinze dias eu ando á sua busca para lhe pedir a graça a que vim. Sempre, infelizmente tem havido desencontro entre nós; aqui estou porém; e mesmo que o Padre quizesse adiar a viagem, é tão caridoso o que lhe vou pedir, que certamente accederá á obra de tanta misericordia e caridade!

— Fale, irmão!

— Depois de amanhan é o Carnaval; é a loucura da enbríaguez e da orgia. N'um dos centros mais populosos e vergonhosos do cidade móra uma pobre peccadora que ha seis mezes definha, vencida pelo mal terrivel da tuberculose. A casa em que habita é muito mais que suspeita; desde Janeiro até São Sylvestre estrebucha entre as quatro paredes uma horrenda bacchanal; é lá a reunião dos vadios, dos alcaiotes, dos companheiros do vicio, dos sodalicios da orgia. E' a villança da intelligencia e do caracter, a pandega pulha e ignobil de bordel e de taverna! A creatura de que falo muito me interessa; parece-me que no matto, descobri um remedio que si não é cura, é ao menos um allivio ao doloroso mal dos pulmões. Mas me diga, irmão: eu, um pobre carpinteiro posso entrar assim de blusa, sem chamar a attenção numa casa de tanto peccado e tanto luxo? O meu amigo é um sacerdote; e para que não desperte suspeita, quando levar o remedio ouvil-a-á em confissão, pois a creatura, enfermiça ha muito, anda ágora a morrer. Bastará que chegue á sua casa ás dez horas da noite, quando os rapazes e as mulheres sahirem em algazarra para o ruido do Carnaval. O seu quarto é no segundo andar, n'um corredor, terceira porta á esquerda. Vá, meu irmão, e fique certo de que faz uma grande obra de caridade. Vá, ella o espera!

E o marceneiro deu a rua e o numero da casa.

Com tanta firmeza elle falára que o Padre não pensou em pôr a menor objecção; apenas com um sorriso que a tristeza severisára indagou:

— E o remedio que lhe devo dar, onde o encontro?

Quedou-se alguns instantes pensativo com o sobrecenho carregado o desconhecido; parecia que uma grande magua lhe lancinava a alma; por fim, murmurou:

— Irmão, ella já está desenganada pelo medico!

— Sim, mas o seu remedio descoberto no matto?

O carpinteiro meneou a cabeça negativamente.

— E' inutil levar-lhe remedio! Vejo que é tarde! Leve-lhe a extrema-unção!

Bernardin curioso ainda perguntou si elle a vira ultimamente.

— Não, eu nunca a vi!

Até hora alta da noite os dois homens conversaram; um do outro se agradara na simplicidade que os fazia parecidos; e era tão sympathica a convivencia dos seus espiritos que nem um reparou na madrugada que vinha nascendo no céu...

### III

Paris estava no deslumbramento da festa louca. Explodiam por toda a parte orquestras de assovios, faiscavam illuminações, retumbavam clamores de orgia. Já passavam os grupos para os bailes numa ruidosa algazarra a que se sentia o vinho. Era o dominio do regabofe e da troça, da pandega desconjunctada, da pilheria, da chalaça, da chacota, da laracha, do insulto mascarado a que se chama geralmente espirito... Passavam *pierrots*, arlequins, *clowns*, dominós; todo mundo tinha uma physionomia mais ou menos mascarada; tilitavam guizos, sacodiam-se canções lascivas de bordel. Era o Carnaval. Era a intriga elegante para a gente fina, era a pilheria boçal para os rudes; eram os vinhos Champagne para os ricos e *clubmans*, era a agua-ardente para os pobres e g liardos. Para muitos era a verdade. Vinham os grupos e os carros de todas as ruas e penetravam ruidosos nos *boulevards* festivos. A grande, a gloriosa, a immortal cidade parecia toda entregue á momice e á graçola do estruendo. Onde estava o grande cerebro de Paris produzido por centenas de edições, em milhares de brochuras, a seiva fecunda do seu grande espirito pelas artes e pelas sciencias? Onde os cursos em que se aprendem todos os conhecimentos do saber humano, em que se prevêm todas as hypotheses, em que se investigam todas as causas, e se determinam todos os effeitos? Paris descançava; o Carnaval se estendia sobre a opulenta cidade como um grande polvo que abre tentaculos...

Cahia a neve; choviam polychromias de *con-*

*fetti*; e pairava no ar um cheiro de harém, e subia no espaço um perfume de absyntho...

A's dez horas da noite, de uma casa da rua des *Petits Correaux* sahiu um grupo alegre de mascarados e mascaradas; carruagens se aproximaram; houve uma grulhada de vozes, uns risos e uns gritinhos nervosos, um ar de coxixo e segredo que ha sempre entre mascaras para que toda gente saiba que elles se conhecem entre si; depois um ajuntamento de curiosos, e os carros partiram. Aquelle trecho da rua ficou por instante silencioso; nesse momento, um carro modesto parou; desceu o <sup>o</sup> Badre Bernardin acompanhado pelo acolyto, e os dois entraram na casa d'onde haviam partido os mascarados. Defronte, um homem de blusa de operario e que parecia um marceneiro, rondava.

### IV

O velho Bernardin sentiu-se contrafeito ao penetrar naquelle corredor, ao subir aquella escada onde pairava um ar de mysterio e de orgia, onde havia pouco roncavam deboches e bebedeiras, onde passaram homens sem fé e mulheres seminúas, e onde entrava agora com Jesus-Christo para dar a extrema-unção a uma moribunda. Mas lembrava-se das palavras do seu visitante: «Ella o espera!» Ella o esperava; mas onde? Todas as salas estavam vazias; por toda parte, em vez de remedios, jaziam garrafas esgottadas de vinhos. Seus pudicos olhos surprehendiam interiores desonestos de alcovas lascivas... O acolyto lembrou que era no segundo andar, terceira porta á esquerda. Subiram uma nova escada, chegaram ao corredor; mas pairava o mesmo silencio, descançava o mesmo abandono. O velho padre estava receioso; temia que entrasse alguém e o visse conduzindo o Salvador áquella casa de peccado e de vicio! E si voltassem de repente aquellas mulheres e aquelles homens? De certo o desrespeitariam, tontos pela loucura da bebida e do Carnaval. Foi com uma vaga esperanza de fugir áquella casa sem fé e sem Deus, que elle disse ao companheiro:

— Parece que nos enganamos! Não ha ninguém na casa!...

Mas este não respondeu: com a mão em concha sobre a orelha, parecia ouvir attentamente.

— Que é que fazes?

— Não está ouvindo um rumor que parece um gemido?

Effectivamente aos ouvidos do Padre chegavam agora uns dolorosos e abafados ais. Encaminha-

ram-se mais para porta, e bateram de leve; ninguém respondeu; outra vez, com os nós dos dedos, Bernardin de mansinho fel-a resoar; também não houve resposta, mas aos dois amigos pareceu que o sussurro cessára. Por fim o rapaz entreabriu a porta, e o Padre entrou sósinho.

## V

Longo tempo durou a confissão.

Quando o Padre abeirou-se do leito da enferma, quando ella o viu, não mostrou o menor espanto nem o mais ligeiro sobresalto; apenas nos seus grandes olhos muito fundos e soffredores, fulgiu rápida e fugace uma scintilha de alegria. O velho sacerdote olliou em volta de si. O quarto era pequeno, mas conservava um luxo atrevido e convencional de velludos e de setins; o leito largo, fôfo, sensual, era encimado por um baldaquino de seda vermelha como sangue; e á cabeceira, pregado á parede, um grande espelho reflectia o quadro triste de uma doente quasi na agonia. O Padre que vencêra facilmente a vergonha de entrar naquella casa suspeita, escrupulisou deante d'aquelle crystal de serralho, luzente e obsceno, e desviou os castos olhos. Perto da porta um divan ostentava a sua côr vermelha também; havia espalhadas duas ou tres cadeiras largas; o lavatorio estava cheio, transbordando de frascos seccos de essencias e caixas vasias de pó de arroz; ao lado um atril onde descansavam os tres volumes do *Chevalier de Faublas* e uns numeros velhos de «*Sans-Gêne*», «*L'Indiscret*», «*Culotte Rouge*», «*La Dame aux Camélias*», e uma historia de Napoleão I; perto da cama estava a mesinha; havia frascos de remedio, — e uma vela illuminava uma pequena e tosca imagem de S. José. Bernardin, com uma voz tranquillida deu as boas noites é rapariga, e indagou solícito:

— Sente-se melhor? Gemia tão baixinho que mal pude ouvir-a!

Ella fez um esforço cançado e murmurou com tristeza:

— Tinha medo de incommodar os que se divertiam! Já hontem quizeram mandar-me para o hospital! Diziam que eu ia estragar-lhes o entrudo... Não me queriam dar um confessor! Mas eu sempre tive a esperanza de não morrer com tanta culpa!

E olhou com um ar devoto para a imagem de S. José...

— Pois aqui estou, minha filha, para ouvir-a e perdoal-a!

A pobre creatura ficou com os olhos rasos de lagrymas felizes; e com a voz tremula indagou curiosa:

— Diga-me, meu Padre, conhece-me? Como soube que estava doente?

— Um homem que foi á minha casa e me falou do seu estado... Não o conheço; creio que é um carpinteiro.

— Talvez queira fazer o meu caixão...

— Talvez queira salvar-a, minha filha!

Ella contou-lhe a sua historia. Era a mesma de sempre, dolorosa e banal; era a seducção estúpida de um homem covarde; depois da posse vinha o gualdipério immediato; era a primeira quéda no lôdo e na lama do vicio, o espectro da fome apparecendo, e por fim a rendição completa, o aluguel do seu corpo, a prostituição da sua alma.

O Padre escutava-a em silencio, ancioso pela obra da graça e do perdão; ouviu-lhe ainda todos os feios peccados, e absolveu-a. N'esse momento a vela se apagou. Quando conseguiu de novo acendel-a, reparou com um vago tremor que a estatua de São José tinha cahido, e que a rapariga estava morta...

## VI

Muitas horas passára no quarto da moribunda; quando chegou á rua reparou que era hora alta da madrugada. Por todos os lados ainda estrugiam gritos alegres de carnaval.

O carro approximou-se; Bernardin deu um deradeiro olhar á triste casa onde ficára abandonado um cadaver, e entrou com o acolyto para a caruagem. Vinham pela rua carros alegres, illuminados a fogos de bengala; era o grupo de mascarados que regressava. Os animaes fustigados partiram, e elle pensou:

— Ahi voltam os doidos para o cemiterio!...

Para traz não tinham ainda ficado dez metros, quando ao aceno de um desconhecido, a caleça parou. Era o marceneiro; e assim disse:

— Muito obrigado, meu Padre, por ter vindo! Coitada, ella morreu!

Foi só; caminhou e desapareceu na sombra. Mas o Padre Bernardin, dando ordem para de novo partir, pensou que havia qualquer coisa de extranho n'aquelle homem tão pobrememente vestido de operario; pareceu-lhe que havia uma luz refulgente e tranquillida nos seus olhos; e suppoz um instante que em fim aquelle carpinteiro talvez fosse São José...

Rio — 1904.

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

**OLAVO BILAC.**

Em 1888, quando me achei ao grupo, com uma timidez que se me afigura hoje ousadia, Bilac era o mais recente dos habituados: Patrocínio, o maior da família bohemia; e os outros eram já para mim grandes nomes: Murat, Coelho Netto, Pompéa, Aloysio e Arthur de Azevedo, Pardal Mallet, Guimarães Passos, Paula Ney e Alcindo Guanabara. Só Arthur Azevedo tinha posição segura; dos outros, um Aloysio era exclusivamente escriptor de livro, Murat iniciava advocacia, os mais fluctuavam no jornalismo, collaboradores ou redactores, levados de esperanças ou de sonhos que não faziam sentir muito os apertos quotidianos. Entre todos, Bilac surgiu-me como uma alma escoteira, a carregar sobre si, physica e espiritualmente, tudo o que era seu.

Escrevia chronicas para «A Cidade do Rio», onde Patrocínio pagava então os collaboradores pontualmente com um farto almoço na propria casa do jornal e em promessas infinitas, que eventualmente reduzia a dinheiro em horas incertas de fortuna e prodigalidade. Bilac morava em casa de commodos, como um pobre, ou menos que um estudante, pois nem tinha livraria. Mas era dos mais lidos e cultos do grupo bohemio; as suas leituras eram feitas em livros de emprestimo, ou nos volumes pequeninos da «Bibliothèque Nationale», que se vendiam naquelle tempo a 300 réis e cabiam sem constrangimento num bolso do paletot. Lia-os em bonde ou em casa; e assim conheceu o que havia de maior e melhor na extensa bibliotheca

ca minuscula. Lembro-me bem do exemplar de «Romeu e Julieta», que o acompanhou alguns dias, e sobre o qual elle traduziu com apaixonada vida a scena do balcão. Lido e às vezes relido o volumezinho, perdia-se, e Bilac ia continuando escoteiro em seu caminho bohemio, leve, despreoccupado, mas levando consigo um cabedal literario que augmentava sem elle dar por isso e que podiam invejar outros pesadamente installados na vida e nas bibliothecas. Não pensava em alardear leitura, nem sabedoria, nem coisa nenhuma. Era sempre como uma ave contente de cantar ao sol e contente das outras. Por esse tempo, trabalhava Patrocínio num plano de levar á Europa, em vapor especial fretado, os seus amigos de letras, da «Cidade do Rio», e os que a frequentavam. Iriamos todos, mas ao cabo só poude elle mandar Bilac, em vapor commum, como correspondente da «Cidade do Rio», em Paris; e alli esteve enquanto durou a aura de caprichosa fortuna de Patrocínio. De volta da Europa, Bilac era a mesma criatura, despreoccupada, fluctuante, simples, a viver no seu mundo de sonho, de poesia e de espirito, alheio á revolução que se operava em torno d'elle, menos no que podia converter-se em materia de graço. Entretanto, as circumstancias fizeram d'elle victima absurda da politica rancorosa daquelles tempos. Collaborador literario d' «O Combate», soffreu a culpa de ser amigo de Pardal Mallet e pagou-a como imaginado cúmplice da conspiração numa prisão da fortaleza da Lage.

Atribuuiam-lhe uns versos, de que era autor Guimarães Passos, e que celebravam, com as mesmas rimas e fecho em todas as quadras, as attitudes do almirante Custodio de Mello. Dizia a primeira das quadras:

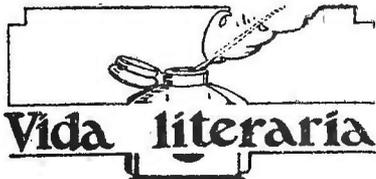
Typo serodio  
É amarello  
Quem é? Custodio  
José de Mello.

Bilac desforrou-se com bonhomia, chacoteando em palestras, depois de solto, o ridiculo dos fanfarrões do poder. A sua vingança não foi além do remoço e não assumiu a fórma de rancor. A simples extravagancia dessa prisão devia pol-o a salvo da suspeita na revolta de 1893; pois ainda ahi elle soffreu. No mesmo dia 6 de setembro, á tarde, encontrei-o em companhia de Guimarães Passos e de um moço, de nome creio que Freire, camarada recente dos dois. A nova da revolta surpreendia-nos a todos e fomos curiosamente observar o que se passava no largo do Paço. Assisti ao jantar dos tres no Hotel Globos e todos commentavamos com espanto e galhofa o novo levante. Dias depois tive a noticia de que, denunciados por aquelle Freire como partidarios de Custodio, Guimarães Passos fóra recrutado e Bilac fugira para Minas. Aquelle Freire foi depois o emissario que levou para Paraná a ordem de fuzilamento de Serro Azul e outros revolucionarios. Bilac permaneceu em Minas até passar a borrasca de delações e, chegando aqui tranquillamente, foi por maior precaução apresentar-se ao chefe de policia, que era seu conhecido. Não o recebeu o chefe e reteve-o preso dois dias. Fui vel-o e passei algumas horas ouvindo-o rir da sua propria ingenuidade e da estupidez medrosa do poder publico. Supponho que entretanto a policia revolvio o seu archivo, á cata do libello de culpa de Bilac, ou porventura machinava na retenção do poeta um motivo de notoriedade do seu zelo pela salvação do Brasil. Bilac sorria surpreso da attribuição perigosa que davam á sua presença. Era como se a uma cigarra, que só se alimenta de orvalho e de sol, attribuissem a acção rasteira e clandestina de uma saúva ou raivosa.

Mas enfim, passaram as revoltas, e effeito da idade ou da

dispersão dos companheiros, a cigarra aprendeu a ser também formiga. Inspector escolar, secretário da Prefeitura, secretário do Congresso Internacional, Bilac foi modelar em diligência, exactidão e methodo de trabalho. Trabalho administrativo, incumbencia que tomasse a seu cargo, particular ou publica, era desempenhada com a nitidez pontilhosa com que elle compunha os seu versos. O artista desdobrou-se também num paciente constructor de dicionario, e o orador academico surgiu um dia constructor de civismismo.

MARIO DE ALENCAR.



## CAPITAES LITERARIAS NO BRASIL E NA ITALIA.

O desenvolvimento da literatura em São Paulo fez pensar em possiveis rivalidades que nos incompatibilissem com o Rio e o resto do paiz. O incremento das nossas letras corava uma serie de progressos, na generalidade materiaes, que levavam mesmo ao temor dos erumes alheios. João Ribeiro lembrou, a proposito, o phenomeno da «capitalidade» boliviana, entre Sucre e La Paz, que se disputam a primazia entre os grandes «pueblos» do paiz limitrophe. Entre nós, porém, o caso não se complica. Somos, os paulistas, bastante frios para arrebatamentos taes. Frios e um pouco scepticos. Os nossos livros ahi o provam. Qualquer das obras capitaes, que representam a mentalidade paulista, se vasa num scepticismo bem pouco conducente ao que quer que não seja o proprio scepticismo.

Não ha, pois, «capitalidade» literaria em jogo entre São Paulo e Rio. Será extranhavel, surprehendente, talvez, mas não ha. Se despertamos para as letras, despertamos tão naturalmente, como de um longo somno sem entremeio de sonhos que se prolongassem pela realidade além. Para os nossos melhores escriptores e poetas o trabalho literario é uma funcção natural, incapaz de arroubos e transportes. O prazer de crear é nelles como um goso egoista, momentaneo e passageiro. Não tem repercussões nem encadeiamento de um para outro individualino. Ligam-se uns aos outros... pelo isolamento mental. São os melhores amigos do mundo, mas não são «confrades». Reunem-se? Conver-sam? Discutem? Decerto, sim. Fazem piadas e «blagues»... jogam o xadrez. O xadrez é o símbolo, a expressão collectiva, com todos os seus attrativos e maçadas. Que grande ins-

tuição! Escrever um livro é um problema de taboleiro. Editar um livro é um jogo com partido de rainha. Expol-o á venda é ordenar as pedras por brancas e pretas. Xadrez em toda a linha.

E' que somos visceralmente impassiveis? Ou somos o producto da epoca, estes quinze ou vinte annos de transições de toda ordem? Ou resultante do meio physico e social?

Tudo, certamente. O facto é que a «confraria», com muito de social e bem pouco de literaria, diverge de tudo o que se conhece no genero. Tão raro surge um «neophyto» caracterizado! Ora, pela iniciação se conhece a seita. E o não ha «confrades» por falta de confraria ou são, de feito muito especial.

O quanto alcança a observação, o mais que se pode enxergar nas rodas literarias de São Paulo é esta «pose»: não ter «pose». Os homens de letras são homens de tudo, mas não o querem ser de letras. Preferem sel-o de carne e osso, como toda a gente. Serão, com isso, os fortes? Talvez. Se se bastam a si mesmos...

Assim, não seria nesse meio, capaz de correr a gargalhada o primeiro inexperto entusiasta que surgisse, que teriamos o problema da «capitalidade» ou coisa semelhante.

E nisto parecemos mais amadurecidos que povos bem mais maduros que nós. Veja-se a Italia, literariamente dividida em dois campos — Milão e Roma. Auctores milanezes queixam-se de hostilidade em Roma e romanos em Milão. Dramaturgos applaudidos em Milão são pateados em Roma. De lado a lado, a boicotagem literaria e theatral e a conjura do silencio. Fala-se com desprezo em literatura «milaneza», com ironia em literatura «romana».

Entretanto, «a Casa Treves, que sempre foi a maior e a mais auctorisada da Italia não está agora em Milão e não estampa muitissimos livros serios, entre os quaes alguns de importancia nacional? Penseae. Panzini, Pirandello, Deledda... — Alto lá, esses são «romanos». — Estão em Roma mas não são romanos: e se por milanezes e romanos se querem entender os que editam nuna ou noutra cidade, esses devem ser considerados «milanezes»...

Milão é chamada a «capital moral» e milanez quer dizer pornographico, assim como romano quer dizer archaico e tedioso.

A verdade, porém, que nos conta Guido Tonelli, é que acima dessas contendas, as casas editoras de uma cidade e de outra editam obras de toda a parte da Italia. Assim tambem, ha a considerar no conjunto a notavel acção de Florença, posta á margem do conflicto. De outra parte, no erotismo de Milão ha a consequencia da guerra, de character geral e não local, tão grande lá como allures.

Florença, continua Tonelli, não pode ser esquecida. Embora decahida do seu predomínio literario de antes da guerra, o seu papel se impõe especialmente como introductora da literatura regional. Ora, é exactamente esse o character da literatura contemporanea em suas mais recentes manifestações. Os escriptores abando-

nam a literatura abstracta, critica, esthetica, politica internacional, para estudar a terra natal, a sua região.

O regionalismo, aliás, não é novidade na peninsula. De Manzoni a Verga, de D'Aunzio á Deledda, de Fagazzaro á Serão, de De Amicis a Giacova, no romance, no conto e no theatro, os mais famosos escriptores levaram inspirações da provincia.

E' mais ou menos o que acontece no Brasil. Os escriptores que se fazem no Rio são geralmente productos dos Estados. Já agora, Sylvio Romero talvez, acceusou a capital de estragar os nossos melhores talentos... Já hoje, porém, cessou esse perigo: Os paulistas se fazem em São Paulo e, uos outros Estados, ha o mesmo meio de affirmações regionaes.

Certo parallelismo existe, portanto, entre o phenomeno literario no Brasil e na Italia. A subdivisão do trabalho, de um para varios centros, é, pelo menos, commum, aos dois paizes.

## Tradição e novidade em poesia.

Por mais nova que pretenda ser, uma arte não passa de tradição. Musset o disse em desses alexandrinos que uos lembram que, quando se fala na esthetica do verso, Boileau nunca está longe: «C'est imiter quel'un que de planter des choux» — e mesmo quando as plantamos de raiz para o ar — accrescentemos nestes tempos de innovações e de alcebiadismo exasperado. Os gestos são quasi os mesmos que para plantal-os de raiz para baixo.

Não se encontrou ainda o meio de poetar sem palavras. Ora, falar, servir-se de palavras é imitar os mortos, é aceitar uma enorme tradição. Quando um «poeta» publica um poema, em que parece ter empregado trinta palavras tiradas por sorte do dicionario, o simples facto de empregar essas palavras importa na acceitação mais humilde do mais millenario passado. Elle é, com isso, infinitamente tradicionalista, pois lembra nesse momento o longinquo quadrumano, que, juntando o que lhe servia de labios em sua face ainda animal, creou a linguagem para pedir os seios maternos, balbuciando: «Ma... mã...»

A ultima escola, que pretende fazer taboa rasa de todo o passado e recomeçar tudo a partir do primitivismo absoluto, está mal denominada. Em vez de «dadaiismo» devia chamar-se «mamaismo». A primeira palavra de quasi todas as linguas é «mamá». «Dadá» já é uma alteração do grito primitivo; «dada» já é decadente.

O que é verdadeiro para as palavras é tambem para os rythmos. Não se pode exceder a tradição.

Ha trinta annos se repete que ha outros rythmos além dos habituaes. Decerto. Mas esses rythmos são tambem muito menos perceptíveis. Por isso mesmo são meuos usados.

Sejam empregados no verso livre e aproveitados no verso regular. Mas não se mata nem se matará o verso regular. Aliás, elle se defende muito bem, neste momento.

F. GREGH



## HELENA, "a dos braços brancos". HELENA, "a das bellas faces."

É uma rude mulherzinha. De que não triumpharam sua vida e sua memoria?

As guerras, os seculos, as revoluções, os conflictos mundiaes, as mais espantosas carnificinas, nada pôde alterar o seu bom humor, nem gelar o seu sorriso. Mulher que, viva, não resistiria a nenhum homem, resistiu depois a todos os acontecimentos. É um destino vantajoso, mas injusto.

Sei bem que Helena era de excelente familia. Filha de Zeus e de Lete, irmã dos Dioscuros, mais conhecidos no mundo mythologico sob o nome de Castor e Pollux, era, ainda, esposa legitima do rei Menelau, cujo infortunio não concorreu pouco para a sua gloria.

Mas se Helena muito deve ao esposo, devo ainda mais á Fatalidade, de que, pode-se dizer, foi a primeira grande atalaia. Nenhum destino se enfeitou do tantas graças como o seu. Amaram-na Ulysses, Ajax e Diomedes, o que prova que sua influencia abraçava os meios diplomaticos, militares e esportivos. Toda a chronica de sua existencia tão cheia poderia ter-nos sido transmittida de maneira mediocre e villã, talvez. Mas Helena conheceu a suprema ventura de ser

cedida pelos historiadores aos poetas, que lhe puzeram ao serviço mais mentiras do que ella teria tido tempo de engendrar no decurso de sua vida radiante de mulherzinha fatal.

Graças a elles e segundo a tradição, que nem sempre é tão bem educada, Helena passa por ter sido de incomparavel belleza. A sua oabelloira de um louro ardente, na radiosa obscuridade das noites hellenicis, juntava sua luz á das estrellas. Ella era Helena, «a das bellas faces», Helena «a dos braços brancos». O que ella tinha de mais acabado, parece, eram os supercilios, entre os quaes apontava uma pinta. A opereta negligenciou essa particularidade, que no entanto parecia pertencer-lhe.

Mas, além desses admiraveis dons physicos, Helena possuia outro, ainda mais irresistivel: tinha sorte. Seguiu docilmente a linha de má conducta que é o caminho mais curto de um deus a outro e de tal modo soube avir-se que os seculos se escandalisaram o menos possivel. A posteridade fez muitas coisas; colheu a lembrança de todas essas aventuras em narrativas seductoras e escabrosas para os homens, de todas reservando, para uso das familias, interpretações quasi edificantes. Assim é que, para certos commentadores de Homero, Páris não conseguiu vencer a resistencia de Helena senão tomando as feições de Menelau, de tal modo que esse rapto illustre não teria sido mais que o mais tocante exemplo de felicidade conjugal.

Moreceu Helena tão constante felicidade? Não se ousaria affirmar. Desencadeiou, com effeito, a mais temerosa e a mais longa das guerras da antiguidade, sem parecer de qualquer modo contrariada. Para sustar a carnificina, ter-lhe-ia bastado cobrir com

um véu tenue as espaldas divinamente nitas, ou cessar de sorrir um momento. Ella sabia, porém, que era «a dos braços brancos» e que sorria deliciosamente... Continuou. Não lhe desagradava que, para a conquista da sua pessoa, povos se entre-justassem e reocorresse a elles ás invenções mais mortíferas que os seculos seguintes se contentaram em aperfeiçoar. Se isso se pensa, não é o cavallo de Troia o primeiro «tank»?

Não obstante, a antiguidade toda concordou em absolver Helena. Os velhos amigos do mais velho Priamo não acharam em sua sabedoria razões bastantes para maldizel-a. Lougedisso. Escapou á mobilisação pelo numero de seus annos, reuniam-se de costume ás portas da cidade. Ahi trocavam impressões sobre o ultimo eomunicado. «Sua voz era igual a das oigarras, que na florista, sobre os ramos das arvores, fazem ouvir os seus doces accordes». Quando viram approximar-se Helena, dando breguas ás discussões estrategicas, endereçaram uns aos outros estas palavras aladas: — «É justo que Troyanos e Acheanos soffram por muito tempo males innumeros por tal mulher, porque ella tem o semblante de uma deusa immortal...» Eis, segundo Homero, o que de Helena pensavam os olhos da retaguarda. Não nos transmittin elle, ó vordade, o que della so dizia nas primeiras linhas. É muito provavel que ahi se exclamasse: «Por Jupiter! Temos a couraça cheia desta filha do cyano!» Tudo é uma supposição, Helena de nada soube. Nenhum murmuro descortez chegou aos seus ouvidos. E em meio ao estrondar dos exercitos em marcha, continuou a sorrir.

R. DE FLEIS

# ACABA DE APPARECER

## SAPEZAES E TIGUERAS

CONTOS POR AMANDO CAIUBY

**PREÇO 4\$000**

PELO CORREIO MAIS 500 RÉIS

PEDIDOS AOS EDITORES:

**MONTEIRO LOBATO & C.**

RUA BOA VISTA N. 52  
Caixa, 2-B — S. PAULO

EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.<sup>o</sup> milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.<sup>o</sup> milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por Monteiro Lobato . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo Visconde de Taunay . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por Monteiro Lobato, 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por Hilario Tacito . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por F. Assis Cintra . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por Monteiro Lobato, 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por Godofredo Rangel . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por Monteiro Lobato . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por Valdomiro Silveira . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSL, estudo de sociologia por F. J. Oliveira Vianna . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por Viriato Corrêa . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por Léo Vaz, 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de Francisca Julia . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por Lima Barreto . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de Cornelio Pires . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por Guilherme de Almeida . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, João do Norte . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de Paulo Setubal, 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, J. A. Nogueira . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS

21



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLEÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a colleção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão. Impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fanearia se tiram por ali dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas às menos letradas — eis ahi, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será lutil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quos se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população leidora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propagação das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahi, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inaccessible. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de graude e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informacões bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das uossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Toremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolleremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahi ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quos deseja servir e dos quos espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondência deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quos lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quos pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

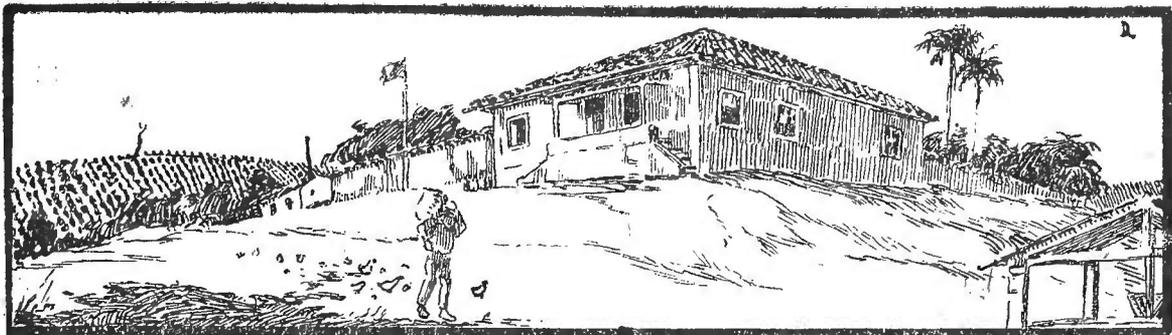
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offerceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 9 de Julho de 1921

NUMERO 11

## SUMMARIO

A RESALVA — João Luso

A VIRGEM DAS ESMERALDAS — Castro Menezes

O VELOCÍPEDE — J. Ramos

A ESMOLA — Mario Sette

TIA ELISA — Julio Schebel  
A CARTA DO SUICIDA — Sud Mennucci

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores

res — Amadeu Amaral — PAULO DUARTE

Curiosidades literarias — Pensamentos de RUY BARBOSA (collectanea de MARIO DE LIMA BARBOSA). Racine em Café-concerto. Leconte de Lisle — JEAN DORNIS

# A RESALVA

A D. Francisca Julia da Silva

Elle na rua, ella ao balcão, os namorados conversavam no silencio da noite, sob um céu crivado de estrellas.

— Tambem, diz a moça, ruins peccados hemos de nós ter p'ra tal castigo... Eu sei! pois Nossa Senhora não se porá de nossa banda?

— Emfim... Mas qual! Olha Joaquina, eu estou a ver o número, a vel-o como se já o tivesse nas mãos; além do 6 não vou. Emfim, Deus sobre tudo; mas esta maldita coisa que se metteu na cabeça...

— Ah agora, p'ra longe sementes agoiros.

Calaram-se pensando no dia seguinte. Apurado pelos medicos como um valente soldado, o Maia partiria de manhã cedo para Coimbra, a tirar as sortes e num bocadinho de papel, sahido duma urna, estaria a grande ventura ou a grande desgraça — voltar á terra, continuar vivendo nas doçuras daquelle amor purissimo e leal, ou ficar por lá um rebanho de annos, de fardeta e arma ás costas, a servir o rei, curtindo a amargura duma saudade immensa. E no espirito da rapariga já se estendia, minuciosa e nitida em seus detalhes, toda a dolorosa estrada a percorrer, se a fortuna lhe fosse avessa; lembrava-lhe já o transe despedaçador do ultimo adeus, mais tarde a falta de noticias de que outras se queixavam; a tor-

tura da duvida; a noticia duma doença no hospital; e já o coração se lhe apertava á lembrança de ver o João afastado da sua beira, talvez para nunca mais, esquecido ou morto no decorrer dos annos, que se arrastariam vagarosos, vagarosos até parecerem eternos. Um só raio de luz brilhava no seu triste scimar. Não estaria Nossa Senhora da banda delles naquella afflicção?

— Olha, ó quele.

O Maia, abysmado tambem a matutar no futuro, esburacava a terra com o ferrão do varapau. Ergueu a cabeça.

— Ahn.

— Não é possivel que tú vas p'ra soldado. Não vas!

— Hom'essa! Tú lá adivinhas, doida?

— Parece que tenho aqui o dedo mendinho a dizer-m'ô...

Apezar dos pezares, elle riu.

— Tinha que ver! Eu dava cabo de mim! Posso lá crer em semente desgraça? E bonito seria ver essas lambisgoias a rirem-se de mim, a chamarem-me «viuvinha» conforme uma já se atreveu... Ai, por pouco a não esgano! Eu bem as oiço, cá me chegam aos ouvidos certos ditinhos, tratani-me de presumçosa, de soberba. Que era muito bem feito tu tirares mão numero, p'ra

eu abater a prôa... Mas ha de o Senhor ser servido que lhe quebraremos os olhos.

A Joaquina começava a dar largas ao forte genio que lhe valia os remoques das companheiras; quasi esquecia o seu amor pelos seus odios...

Certamente iria mais longe a apostrophe, mas a voz do pae fez-se ouvir dentro de casa, chamando-a:

— Então, cachopa, isto vão sendo horas de acabar o paleio; façam lá as despedidas de uma vez!

— Bem, disse o Maia, adeus. Se lá eu ficar, até...

— Olha, João, eu vou pedir ao meu pae p'ra ir á cidade comtigo.

— Mas assim ainda te é mais custoso...

— Qual, tambem eu sei mais depressa a noticia. Até amanhã, sim? Vou rezar. O que Deus quizer, mas p'ra soldado não vaes.

Deram-se as boas noites; ella atirou uma flor do alegrete, que foi cahir nas mãos do Maia; elle em paga atirou-lhe um beijo, afastou-se. A cachopa entrou em casa.

No corredor ia pensando no meio, num meio por extraordinario e difficil que fosse, para livrar o seu conversado das correias militares.

Relampejou-lhe no cerebro uma ideia rapida e viva como a lingua dum relampago penetrando numa tóca. O' Mãe do Céu, e se... Correu ao quarto do pae, já deitado áquella hora.

— Senhor pae, dá licença?

— Entra.

— Eu queria pedir-lhe uma coisa...

— Venha de lá.

— Que me deixasse ir amanhã á cidade.

— Adeus minhas encommendas! Pois que vaes tu lá fazer, cachopa? Se o rapaz tiver sorte, muito bem, que volta; se não tiver...

— Ainda queria outra coisa.

— Mais alguma das tuas. Dize.

— O João não pode ir p'ra soldado.

O velho embasbacou.

— Hein, não pode? Pois se os medicos disseram que sim...

— Mas eu não quero!

— Hom'essa cá me fica! Pois tú não queres. Has de lhe ir agarrar c'um trapo quente!

— Não senhor, mas...

E, debruçando-se sobre o rosto do velho, tomou-lh'o nas mãos, falou-lhe ao ouvido, entre dois beijos.

— O' filha, que isso já é loucura! Não, senhora, não consinto.

— Mas eu não posso ver o João ir-se embora.

Não sei; eu sou capaz de me botar ao rio, eu endoideço, morro!

— Temos o caldo entornado, resmungou elle. E vendo-a chorar de rijo: — O caldo entornado, e musica p'ra toda a noite! Olha, Joaquina, o rapaz não vae p'ra força. São tres annos, passam depressa; depois elle volta, ha de haver foguetes, um pagode; e então casaes. E ainda pode ser que elle tire numero alto...

— Mas se não tirar? Deixa-me fazer aquillo que eu pedi, deixa?

— Pensa no que estás a pedir, cachopa de não sei que diga, e terás a resposta que te posso dar! E p'ra mais, isto são horas e mais que horas; vae-te deitar, anda; vae com Nossa Senhora e deixa-me em socego.

Ajoelhou a moça á beira da cama, tomou-lhe as mãos, cobriu-as de lagrimas. O coração do velho amolecia aos poucos; em boa verdade, á vista de tal espalhafato; nem mais sabia de que maneira negar.

— Deixa-me, cachopa, que me fazes doido!

E pensava entre si: Isto que é bonito; se me dá outro beijo, não tenho remedio senão...

Mas nem o pensamento acabou, que já um chuveiro de beijos lhe acariciava as barbas brancas.

— Senhor pae, senhor pae...

Cedeu; cedeu como um tyranno fracalhão, como um juiz que dá mais ouvidos á alma do que á consciencia; cedeu como um pae...

— Está bem, rapariga, está bem, disse, fingindo má vontade. Quebra lá a cabeça a teu gosto, asneia bastante. Depois se te arrependeres...

— Não senhor, não me hei de arrepender. A sua benção; nós vamos cedo num rancho.

E a Joaquina sahia do quarto, já alegre. Ai, agora estava descançada. Se o Maia tirasse má numero...

A Joaquina accordou no outro dia, ao primeiro cantar dos gallos; ergueu-se, fez as suas orações, abriu de par em par a janella. Nos campos e azinhagas a vida accordava tambem; já um carro de bois chiava ao longe o seu ramerrão monotonico e rangido, e já a cantiga dalgum almocreve madrugador subia ao ar de mistura aos sons das campainhas da recua; a manhã era fresca, tocada a tons primaveris; os olhos adelgaçados oscillavam sob o afago do nordeste, e a passarada ia ás folhas cheias de orvalho tomar regaladamente o seu café do almoço.

A Joaquina, aperaltando-se como para uma

feita, penteou devagar os cabellos fortes, cruzou no peito o mais bello lenço, grande, com florões vermelhos no fundo cor de ganga, enfiou sobre as outras a saia de lã com barra azul; e, para que nada faltasse, foi buscar ao fundo da arca o cordão d'ouro macisso — uma fortuna! — pol-o ao pescoço em quatro dobras folgadas, encostando o medalhão que tinha uma Nossa Senhora esculpida, a prumo sobre o seio alto.

— Joaquina?

Era o namorado na rua, a chamal-a.

— Hein, lá vou.

E já entre a porta do quarto, não podendo conter-se, voltou de novo ao pé da cama, para se mirar no espelho.

Gostou de si e teve um sorrisinho de presumpção — a tal que as vizinhas notavam; deu ainda um geito ao vestuario; poz um poquito mais á banda o chapelico de velludo, guiou para traz da orelha duas madeixas de cabello teimosas, que faziam empenho em tapar-lhe o rosto. Galgou a escada, foi dar a mão ao conversado.

— Ih, como tu vens...

— Como?

— Bonita!

Caminharam a par. No largo havia outras moças, outros rapazes que marchavam para a cidade a tirar o numero.

Irmãs, namoradas, rara á que disfarçava o temor dum caso infeliz, que «delle» privasse. Houve cumprimentos, festas á nova companheira, por quem ninguem esperava, e o rancho abalou finalmente, já dividido em pequenos grupos, já todo um, ora silencioso, ora gargalhando e patrando.

— A Joaquina parece que se vae casar de alegre que tem a cara, observou uma. — Não que até dá gosto a gente olhar p'ra ella.

— Ai vida, não que tristezas são seccuras! respondeu alegremente a moça. E lá para si: — Bem te conheço, meu pau de lorangeira...

— Pois olhem, eu, disse o Maia, levo o coração do tamanho dum grão de milho.

— Vale bem a pena!

E foi tal o desprendimento da Joaquina isto dizendo, que elle ficou de pé atraz, intrigado.

— Então não é coisa de grande monta se eu fôr p'ra soldado?

— Ora, tudo tem remedio; tudo tem remedio, só á morte não.

E como visse a companhia murcha, caminhando em silencio:

— O' cachopas!, gritou. — Isto assim mais pa-

rece um enterro do que outra coisa. Vá lá uma cantiga p'ra animar.

Elle mesmo começou; quasi todos cantaram; o Maia, calado, ia parafusando no 6.

Chegaram a Coimbra. A rapaziada, á vista do Civil, esmoreceu como um rebanho de bois, á vista do açougue. Bateram as dez horas, entrou tudo. O João quiz que a namorada ficasse fóra, poupando-se a um espectáculo que iria talvez magoal-a.

— Nada, eu vou tambem. Escuta, quando metteres a mão na urna olha p'ra mim. Talvez te dê sorte...

Em breve um continuo fez a chamada; os rapazes iam respondendo -- prompto! presente! — e por uma porta do fundo entravam auctoridades, officiaes do exercito, os regedores de cada freguezia. Procedeu-se ao sorteio.

Os tres primeiros foram felizes; a cada numero que um major gritava, havia cá fóra reboliço, muitos parabens.

— João da Maia!

O rapaz, muito pallido, adiantou-se; ao passar pela Joaquina, murmurou: — É o 6, aquelle raio do 6, como quem o está vendo! — Passou as grades, foi enfiar a mão tremula no interior da urna. E trouxe dois papelicos entre os dedos.

— Só um! berrou-lhe o major.

E João, mais atarantado, mergulhou de novo a mão na urna; arquejava, parecia suffocar; finalmente, caçou no canto uma sorte mais bem embrulhada e deu-a ao major, voltando a cara.

— 6!

O raio de 6! Bem lhe dizia o coração agoireiro; era aquelle maldito, aquelle excommungado numero, que se lhe não tirava da cabeça ha tres dias.

Saltaram as lagrimas dos olhos da Joaquina, tão fortes que lhe foram regando as faces. Enxugou-as depressa. Dirigiu-se logo ao continuo, querendo saber, se a pergunta não era atrevida, em quanto poderia andar uma resalva. O homem riu, indicou-lhe a administração.

Momentos depois, a Joaquina sem esperar o namorado, ganhava a rua, pediu a uma rapariga que a acompanhasse, levaram sumiço as duas. O Maia procurou-a por todos os recantos do Civil. Que é da Joaquina? Viran-na? Deram fé? Nada.

Quasi meia hora depois é que a viu voltar muito apressada, inquieta, numa agitação em que havia a febre temerosa de chegar tarde, como quem vai no calço duma ventura que foge.

— Que é isso, ó 'quella?

— Espera ahí, disse, quasi sem lhe dar attenção. — Espera um instantinho.

E subiu as escadas do Civil; outras raparigas curiosas seguiram-na, entraram atraz della na administração; e alli, pedindo a resalva de João da Maia, a Joaquina fez cantar um punhado de libras sobre a mesa do administrador, batendo-as uma atraz da outra, até á ultiima. Depois olhando as mãos:

— Nossa Senhora, se custa um pouco mais caro, estava perdida!

Um amanuense começou com indifferente pachorra a encher de rabiscos a pagina dum talão. Palpitante, a moça esperava, seguindo com o olhar as viagens do papelucho, que ia de mão em mão, para este assignar, para aquell'outro fazer o assento nos livros. Parecia-lhe que taes formalidades não tinham fim; a todo o passo estendia as mãos supplicantes.

— Tenha paciencia, creatura, gritavam-lhe.

Quando lhe entregaram a folha assignada, carimbada, coberta de garatujas, a Joaquina apertou-a ao peito, como receiosa de que outras (as taes que a tratavam de presumptuosa) lh'a arrebatassem.

Com que estouvada alegria ella atravessou os corredores do Civil! Tropeçando, cá e lá, com um grito a voar-lhe do peito, assim foi cair nos braços do seu João. Apertou-o muito, muito, num longo amplexo amoroso, a choiar e a rir.

— O' Joaquina, mas que é isto! Eu cá de mim...

— Toma a tua resalva! (E mettia-lhe nas mãos o papelucho). Toma-a. Tu não vaes p'ra soldado. Não. Eu o que dizia, hein?

O rapaz desvencillhou-se-lhe dos braços, recuou, poz-se a fital-a. E teve um brado ao notar-lhe o pescoso nú...

— O' doida, e o teu cordão, a tua Nossa Senhora d'oiro?

— Vae lá agora atraz do cordão á rua dos Ourives...

— Pois tu vendeste...

— Qual vender, troquei-o por ti!

O João, apalermado, benzia-se com as mãos ambas, mas ella segredou-lhe ao ouvido.

— Bem te jurei que havia de quebrar os olhos a estas seresmas.

Olhou o Civil, grande e branco, com os seus nichos onde os santos encafuados liam em grossos livros ou empunhavam evangelicamente enor-

mes palmas recurvas. As portas, mulheres choravam.

— Fica lá com quantos quizeres, cão damnado. O meu amor cá o levo! exclamou a Joaquina.

— Toca p'r'á aldeia.

E já fóra da cidade, como os passaros cantassem muito nos ramos que o sol doirava!

— O' João, olha os melros tocando á forma! Ande lá p'r'á frente, seu militar!

JOÃO LUSO.



## A VIRGEM DAS ESMERALDAS

Muito longe daqui, num paiz governado por um Rei avarento e orgulhoso, acontecen um dia um milagre: numa gruta, perto do mar, appareceu a uma camponeza Nossa Senhora, no seu manto de estrellas. Maravilhada, a camponeza correu pelos campos e chegou á cidade, espalhando pelas choupanas e palacios a noticia da apparição.

O povo alvorçado accorreu á gruta. Era verdade: a Santa lá estava, resplendente, envolta na sua tunica luminosa.

Era uma imagem de admiravel formosura que parecia sorrir, extendendo as mãos afiladas como num gesto de eterno perdão. Quem a collocara alli? Ninguem soube. Os traços do rosto sereno, a delicadeza infinita das mãos tão brancas e o rutilar dos astros que lhe constellavam o manto não podiam ser obra de homem, revelavam um artifice divino.

Não tardaram, para tornar famosa a doce Virgem, os milagres. Os cegos, beijando a pedra da gruta, recobravam a vista por encanto. Punham-se a andar os paralyticos, os entrevadinhos. As creanças pallidas saravam. Em torno da gruta, dentro em pouco, havia uma porção de muletas abandonadas. Offerendas de toda a sorte eram levadas á Santa pelas mãos agradecidas. Os pescadores diziam que em noites de tempestade, pelo mar alto, quando invocavam a Virgem, as ondas amainavam, rolando mansas como cordeiros em torno dos frageis barcos. Quando fez um anno, todos, ricos e pobres, camponios e fidalgos, af-

fluíram á gruta maravilhosa, para levar a Nossa Senhora açucenas e lírios, velas de cera e precioso incenso. Ao chegarem lá, depararam, attonitos, com o novo milagre: sob o tosco altar uma fonte de agua muito pura surgia. A lympha, crystallina e branca, rolava da lapa e, ao tocar o chão, espadanava transformada em esmeraldas.

Passado o momento de espanto, todos, deitando fóra as offerendas e as flores, numa grande confusão, lutando uns contra os outros, precipitaram-se, procurando cada qual apanhar maior quantidade de esmeraldas. Com as mãos cheias, os bolsos transbordantes, os chapéos repletos, loucos de alegria voltaram depois para suas casas, crendo-se ricos para sempre. Mas qual não foi o espanto dessas almas gananciosas quando, ao esvasiar nos lares as riquezas que haviam trazido, viram, em vez de esmeraldas, simples conchinhas sem valor algum!

Logo tornaram, de roldão, para deante da gruta, enfurecidos e ameaçadores. Mas a agua brotava ainda, cada vez mais pura e continuamente se mudava em esmeraldas. No altar, nimbado de esplendores, a bôa virgem já não sorria. Apparecia tristissima, dir-se-ia com os olhos rasos d'agua.

Cheios de cupidez, fizeram todos, num delírio, nova provisão de esmeraldas e, voltando para suas casas, passaram pela mesma decepção.

O velho Rei, sabendo disso, exclamou:

— A Santa fez muito bem. Os pobres não merecem pedrarias e os fidalgos dellas não precisam. As gemmas são para os thesouros reaes. Irei eu mesmo buscal-as, no meu manto de púrpura, de corôa e sceptro. Vendo um rei ajoelhar-se, a Santa não terá coragem para mudar-lhe nas mãos as lindas esmeraldas em conchas.

A' frente de um sequito numeroso, o monarcha, numa liteira de ouro, fez-se transportar á gruta.

Lá chegando, nem olhou para a imagem, tanto o deslumbraram as esmeraldas que borbotavam como lagrimas de luz.

Nervosamente, curvando-se, o soberano poz-se a apanhar-as, entregando-as, depois, aos famulos que lhe extendiam grandes salvas de prata. Repletas todas as salvas, eil-o que volta, com o seu sequito, na sua liteira, de ouro, para o palacio. Anciosas esperavam-n'o a Rainha e as princezas. Mas quando o Rei quiz mostrar-lhes o thesouro, nas salvas de prata havia apenas pequeninos mariscos.

Tomado de colera, o monarcha fez annunciar que mandaria cortar a cabeça de todos aquelles que tornassem á gruta. E a Santa lá ficou esque-

cida, sem flores, sem cirios votivos, perto do mar.

Correram assim muitos annos, até que certo dia, num paiz visinho, uma pobre menina, filha de um pescador, vendo a mãe doente e o velho pae já sem forças para guiar o barco, lembrou-se da Virgem das Esmaraldas, cuja lenda tantas vezes ouvira contar ao canto do lume.

Sosinha, cheia de fé, a bôa menina partiu de noite, a pé, ao clarão da lua. Atravessou compridas estradas, ermas veredas, florestas bravas cheias de feras. Voavam á sua frente, guiando-a, os vagalumes. Depois de uma longa jornada, chegou finalmente á gruta; lá estava, serena e linda, a imagem milagrosa. A agua borbotava sempre, transformando-se em esmeraldas. A filha do pescador, ajoelhando-se, ergueu para a Virgem as mãos postas e, numa prece fervente, rogou pela mãesinha enferma, pediu pelo pae velhinho. Finda a oração, apanhou uma esmeralda, uma só, das mais pequeninas, e, beijando o manto da imagem, tornou para a casa distante. Eil-a que entra a humilde cabana e corre para junto do leito onde sua bôa mãe jazia enferma, e a cuja cabeceira, apertando a cabeça entre as mãos, o velho pae chorava.

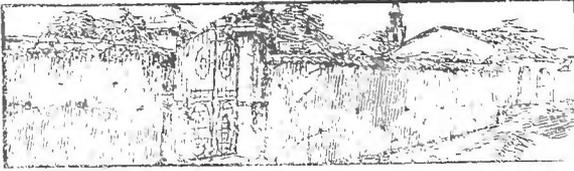
— Papae! Papae! não chores... Nossa Senhora deu-me uma esmeralda. Vamos vendel-a e comprar remedio para a mãesinha doente.

Dizendo isto, procurou no bolsinho do avental de chita a sua riqueza. E qual não foi a admiração de seus paes, vendo por sobre o leito não uma só mas innumeradas esmeraldas, grandes e brilhantes, de um immenso valor. Nossa Senhora multiplicara-as. A menina, pela bondade de seu coração angelico e por sua gratidão infantil, mereceu tão céleste recompensa.

Assim que no reino do velho avarento souberam de tamanho milagre, todos, novamente, correram para a gruta. Longe ainda, já iam de mãos postas, resando em côro, como nas procissões, com o monarcha á frente, sem côroa nem sceptro. Mas perderam seu tempo. A gruta estava vazia. A imagem desaparecera. A fonte maravilhosa seccara. Nossa Senhora voltara ao céu, cumprida a sua missão de misericordia e de graça.

CASTRO MENÉZES





## O VELOCIPEDE

Entre as minhas muitas ambições de creança a de possuir um velocipede foi, particularmente, a mais intensa e mais custosa de alcançar. Nunca desejei, como meus compaheiros, attingir postos de vulto, ser rei ou ser imperador de algum reino phantastico, ou mesmo um general; nem, como um visinho meu que era coroinha, ser Nosso Senhor Jesus Christo para padecer o supplicio da cruz entre dois ladrões, e que lá anda, agora elevado a sacristão, á espera de um Judas que não apparece.

As minhas ambições foram sempre moderadas e ao alcance das mãos, razão por que as vi satisfeitas todas, ou quasi todas. Hoje, volvidos muitos annos e com muitas illusões desfolhadas, continúo com o mesmo methodo, com o meu terra a terra dos tempos de creança.

Para possuir o velocipede eu vivia atormentando meu pae. Este adiava a compra a troco das minhas peraltices e vadiação e do trabalho que lhe dava. Meu pae não desgostava das peraltices que eu praticava e, só quando as queixas dos visinhos eram mais violentas, limitava-se a puxar-me as orelhas á vista delles, de envolta com os conselhos que eu já sabia de cór. Mas por dentro sorria e applaudia-me.

Applaudia-me, é verdade, mas o velocipede não vinha. Elle lá estava, com suas tres rodas de metal branco e o sellim de couro amarello, coberto de poeira e teias de aranha, pendurado no forro da loja triste do Esteves. Sempre que por lá passava eu o namorava com olhos cheios de cobiça, e o meu receio era não dar mais com elle, algum dia, no logar costumado entre uma duzia de vassouras e uma gaiola, onde um sabião cantava ás vezes desconsoladamente.

Ceguei a ter sonhos deliciosos com a appetida machina; uma noite, ao fazer uma curva mais rapida, rolei da cama abaixo, acordando com a cabeça contundida. Mas os meus sonhos contados de manhã com o fito de abrandar o coração paterno, nada conseguiam. A cada assalto que eu fazia para havel-o, meu pae meneava a cabeça e dizia-me, cofiando o bigode: — Emen-

da-te e depois falaremos. E dizia-o muito sério, encarando-me firme, com severidade quasi. Mas era difficil emendar-me, se não impossivel.

Quando o desejo me pungia com mais força, e era-o ás vezes a ponto das lagrimas encherem-me os olhos e amaldiçoar a soviuce paterna, contendo a custo a raiva que me ia por dentro, sentava-me a um canto na sala de jantar, folheava o livro ou enchia a lousa de caretas, olhando para a rêde em que meu pae cochilava entre as baforadas do cigarro; mas elle não dava pelos meus modos sérios, numa indifferença irritante.

Isso durava pouco. O tédio não demorava a invadir-me. O rabo de um papagaio entrevisto da janella ou o assobio de um garoto chamando os outros para os brinquedos, faziam-me esquecer a ambição, os propositos deliberados de emendar e as miserias triviaes da existencia; fechava o livro de mansinho, esgueirava-me pé ante pé até á porta e lá me ia pela rua afóra, alegre como um passaro.

Uma tarde, á sobremesa, quando a esperanza de possuir o velocipede já de todo se desvanecera, meu pae, a meio de descascar um pecego, ficou com a faca suspensa e disse-me pausadamente:

— Si não me engano, Antoninho, o teu comportamento tem mudado bastante. Pelo menos os visinhos não me têm incommodado com as queixas que provocas e o professor confessou-me que és outro. Terás o velocipede no dia de teus annos. Mas é preciso que até lá sejas em tudo um modelo, ouviste, maroto?

E, sorrindo, ameaçou-me com a ponta da faca, em ar de de gracejo.

Escancarei a bocca, entre espantado e jubiloso. O espanto era causado pelo sorriso e mais pelo gracejo, coisas que em meu pae raramente se manifestavam e que eu não me lembrava jamais de ter visto de mãos dadas. O jubilo, vencido pelo outro, encolheu as azas receioso e não chegou a expandir-se por inteiro; mas sempre me deu um impeto de saltar ao pescoço de meu pae. Ia fazel-o e é possivel que chegasse a levantar-me, si um olhar não me grudasse á cadeira, immobilizando-me. Meu pae gostava de rir e gracejar, mas interiormente sem dar trabalho aos musculos; por fóra era um homem casmurro, inimigo de expansões.

Nessa noite não fui á rua e passei estudando ou fingindo isso.

No dia de meu anniversario, que foi d'ahi a umas semanas, levantei-me com a aurora. Tinha-

me esmerado no comportamento que meu pae, exultante, classificava de impecavel. Como de costume sahi de casa ás dez horas e passei pela casa de Raul e de Zezé, filhos de um sapateiro, os alumnos mais quietos e palermas da escola.

Eu ia apprehensivo. A cartilha do Galhardo e a lousa pesavam-me como nunca sob o braço. E tinha motivos para isso; logo para aquelle dia o professor mandara decorar a taboada e a historia dos donatarios, com datas e nomes. E devia ser repetido sem piscar, como dizia elle.

Eu não tinha a menor quèda para a mathematica e era o primeiro a reconhecê-lo; minhas faculdades mnemonicas eram escassissimas e os donatarios davam-me calafrios na espinha. Tratasse-se de armar uma arapuca, de furtar fructas na quitanda da esquina, de esborrachar o nariz de alguém com um murro ou de amarrar latas á cauda dos gatos, com grande gaudío das creanças de calças compridas, estava eu prompto e poucos se sahiam com tanta perfeição dessas empresas. Mas encaixar no cerebro as combinações dos numeros e as lições de historia eram coisas para mim inatingiveis e que me pasmavam de ver alguém realizal-as.

O nosso professor não era mau de todo; era antes bondoso. Fechava os olhos a muita traquinagem e os ouvidos ás asneiras. Mas era homem, e como tal imperfeito; tinha o fraco de ser inflexivel na taboada e na historia patria, aos sabbados. Não perdoava. E menino vadio não havia que não tremesse deante d'elle, quando a vara se erguia ameaçadora para cahir no misero, assobiando no ar.

No caminho, um pedaciquito de ave que era só bico, sugava as flôres de uma goiabeira; quedou, suspenso numa vibração de azas, vendo-me de cabeça baixa a remoer quantas vezes a vara me lambria as costas e interpellou-me, sarcastico: — Bons dias, Antoninho, que tristeza é essa? Quantos foram os donatarios? Oito vezes seis? Noves fóra? Cuidado com a vara. Parei, apanhei uma pedra, mas elle voou, rindo-brejeiramente.

Continuei a andar, encurtando o passo, enquanto os meus dois companheiros mastigavam um pedaço de pão com afan. Nunca a escola me pareceu tão proxima. Implorei aos santos uma doença justificadora, fosse ella uma colica, que me apanhasse de repente e com a qual pudesse voltar para casa. Mas a colica não veio. Tive algumas depois, quando dellas não precisava e em occasões inoportunas.

Não veio nem indigestão, nem colica, mas um santo, compadecido do meu soffrer, enviou-me uma idéa santa. Santo bemdito: na bemaventurança em que repousas e que bem mereceste recebe agora os agradecimentos que então esqueci de dirigir-te. A idéa do santo era simples e linda. Porque não iria correr pelos campos atraz das borboletas, descobrir ninhos de passaros e tomar banho no rio, em vez de ir á escola?

Parei de novo e sorri.

— Vocês sabem a lição de hoje? perguntei aos outros. Eu cá não sei e por isso não vou á escola. Não estou para apanhar como burro de carga. Vamos passear?

Elles olharam-me estupidos e disseram que não, admirados da proposta. Tunda por tunda preferiam a vara do professor á correia paterna.

— Ora, não sejam tolos, quem saberá que fomos passear? Não de ver que dia soberbo passaremos no rio.

E fui por ahi, tentando-os, com palavras meigas e promessas seductoras. Os dois eram teimosos e então desci ás ameaças. Esse argumento decidiu-os.

Fomos. Quem nunca gazeou um dia de aula desconhece os encantos que se gozam longe da disciplina e da massada do estudo, pensando nos collegas que lá estão enfileirados nos bancos, dois a dois como bois na canga, a cabeça enterrada nos livros e cadernos, enquanto o professor passeia pela sala, de vara atraz das costas.

Quando o sol escaldava e já cansados de andar a esmo, dirigimo-nos para o rio. Despi-me num abrir e fechar d'olhos e atirei-me á agua com volupia. Os dois irmãos seguiram meus movimentos com alegria e a minha habilidade nos mergulhos arrebatava-os. Gritei ao Raul que guardasse a covardia para outra occasião e elle, depois de hesitar um instante, tirou as roupas e mettu-se n'agua, não sem antes benzer-se tres vezes. Iamos de uma margem á outra apostando quem primeiro chegaria, lutavamos onde a profundidade não era muita, quem mais tempo ficaria debaixo d'agua, deslembados do Zezé que continuava a roer a eterna codea de pão, inquieto, arrependido talvez de ter faltado á escola.

Occorreu-me então um pensamento mau, ao dar com elle assim. Cheguei-me a elle e convidei-o a nadar.

— Não, meu pae ficará zangado si o souber e eu não sei nadar.

— O que tem isso? E' muito facil e eu te ensinarei. Verás. Vamos, um pouco de coragem.

Turrou que não nadaria e foi precisa a ameaça de jogar-o ao rio mesmo vestido para que elle se decidisse a tirar a roupa, que dobrou e depoz na margem com cuidado. Enfiou os pés n'agua medrosamente e deixou-se estar allí perto, acocorado. Comecei a dirigir-lhe chufas, a zombar-lhe do medo, até que, num assomo heroico, de olhos fechados, como quem se precipita num abysmo e não quer vel-o, o Zezé lançou-se ao meio do rio. O rio era fundo e o Zezé não tinha a noção mais rudimentar da arte natatoria. Debatteu-se alguns momentos desesperadamente, gritou por soccorro, agitou as mãos e afundou. Vendo-o desaparecer, eu e o Raul puzemo-nos a berrar, quando seria mais conveniente fazer alguma tentativa de salvamento. Mas o assombro em que ficámos tolhia-nos os movimentos e desatava-nos a lingua.

Aos nossos berros afflictivos um homem — ha sempre um homem prompto para semelhantes scenas que surge não sabemos de onde, nas novelas e na vida real, e mais vezes naquellas — que ia passando veio lesto ver o que era; e, inteirado do desastre, não perdeu um segundo e arremessou-se ao rio, com tão desprendida coragem que não pude furtar-me á admiração. Mergulhou e appareceu alguns metros adiante trazendo o Zezé num dos braços.

Tudo isso fôra rapido, fulminante. Vestim-nos ás carreiras e o homem, depois de indagar da casa do Zezé, para lá fomos nós. O coração palpitava-me descompassadamente. Olhei para o Raul; tremia como um farrapo agitado pelo vento e uma pallidez immensa cobria-lhe o rosto. Eu tambem devia estar assim, tremulo e pallido.

Ao entrarmos na loja o sapateiro atirou a um canto a botina que estava a remendar, precipitou-se para o homem e soltou um tão grande urro que nos gelou a todos. Só então nos apercebemos que o Zezé estava morto. O homem enfiou pela casa a dentro e depositou o cadaver na primeira cama com que topou. Meu pae, que estava á janella, veio ver do que se tratava. Junto gente, a invasão foi completa. O generoso salvador, sem que ninguem lh'o pedisse, começou a dizer como fôra o caso, não sem fazer resaltar a magnanimidade do acto praticado. O Esteves que era apaixonado dos lances dramaticos, exclamou com tremura na voz:

— Nobre procedimento! Bella acção! Bellissima!

E foi d'ahi com o homem á loja.

O sapateiro, sahindo do torpor em que se abys-

mara e não ouvira syllaba da narração, agarrou o braço do filho e foi dizendo, entre soluços e lagrimas:

— Como aconteceu isso? Dize, como? Não deviam estar a estas horas na escola? Foste tu que o levaste ao rio? Fala!

E o Raul, de beiços lividos e olhares esgazeados, gaguejou:

— Não fui eu, pae... Juro... Foi o Antoninho... que não quiz que fossemos á escola... Foi elle que empurrou o Zezé n'agua... E' delle a culpa... Juro!...

O olhar de meu pae veio direito a mim e varrou-me de lado a lado. Era o meu anniversario; lembrei-me do velocipede e vio-o perdido. Era preciso mentir, mentir com energia, com força, desassombradamente.

Não trepidei: Avancei um passo e, entre indignado e colerico, as faces afogueadas, apostrophei meu camarada:

— Eu!? Tens a ousadia de dizer isso quando foste tu que me convidaste para nadar, por não saberes a taboada e a historia dos donatarios? Eu é que empurrei o Zezé? Grandissimo mentiroso!

Os circumstantes fitaram-me pasmados; vi gestos approvadores. O pobre Raul baixou a cabeça e o sapateiro abateu-se na cama, aos pés do morto, soluçando amargamente.

Meu pae, sensibilizado, tomou-me da mão e puxou-me para fóra:

— Com que então, não foste tu?

— Eu? Não! Juro por Nossa Senhora que me ouve!

E beijei os indicadores em cruz, para dar mais expressão ao juramento.

— Bem, vamos ver o velocipede. Hoje é o dia de teus annos. O promettido é devido.

D'ahi a pouco o Esteves, ainda commovido com a nobilissima acção, descia o abençoado e sujo velocipede. Tomei-o nas mãos com veneração como a uma reliquia e fui arrastando-o para a casa, jubiloso. Quiz estreal-o logo, mas meu pae não consentiu.

No dia seguinte, de manhã, levaram ao cemiterio o desastrado Zezé. Alguns meninos da escola, acompanhados do professor, seguiram o caixão azul, com ramalhetes de flôres. Eu, escaranchado no velocipede brilhante de muito o pulir, agitando galhardamente o boné, atroava a rua com meus gritos, sob o olhar baboso de meu pae...



# A E S M O L A

«Les belles mesdames, enfin, auront montrée leurs seins un peu partout, dans les salons ; tout le monde les aura vus, sauf leurs enfants».

BRIEUX.

Na saleta de costura, toda caiada e fresca, janella e porta abertas para o copiar, embora cinco horas soadas, querendo escurecer, Regina, curvada sobre o collo, costurava uma camisolas de creança. Ao pé, montada sobre gavetinhas de madeira clara, a machina de costura, na sua nickelagem bem cuidada, espelhante, mostrava sob a lançadeira um trabalho interrompido.

Do quintal vinha um perfume suave de rosas abertas ao tepido esmorecer da tarde, de envolta com o tropel de pequenitos a correrem, ora na calçada do terraço, ora na areia fôfa do jardim.

Emquanto o marido não chegava, ella se distrahia em fazer uns pontos mais, accrescentando a tarefa, porque «ôs meninos andam quasi sem roupa», dizia sempre, com extremos de carinho maternal. Escurecia.

— Maria! anda accender esta lampada...

A criada, uma rapariguinha aceiada, geitosa, trouxe uma cadeira de junco, trepou-se e deu luz á lampada:— um referver forte, um cheiro de sapoti maduro e logo depois o alcool gazeificado encheu o globo de uma claridade doce, leitosa.

A campainha do portão vibrou; passos se ouviram lá fóra.

— Deve ser o Raul...

Não era elle ainda. Margarida, companheira de infancia, entrava, a sorrir numa elegancia mundana com excessos de modas, cingida em tafetá e gaze, collo e braços diaphanamente nús, saía muito avançada dos artelhos para melhor mostrar as botinas caras, bizarras, de pellica inteiriça. As faces eram duas telas bem trabalhadas, os olhos realçados pelos supercilios bistrados, a cabelleira sob o chapéo de velludo, extranhamente basta para quem, em casa, tinha os cabellos tão ralos...

Numa olhadella furtiva, Regina notou todo o exagero da amiga.

— Um instante para te ver; não te interrom-

pas na costura. Vou depressa para casa; hoje, á noite, ainda vamos ao Parque. O «Conde de Luxemburgo» sabes? E tu, sempre caseira?!... Teu marido? — falou Margarida em catadupa.

— O Raul no trabalho. Não tarda. E' preciso ganhar a vida, o lar se povôa... Não temos tempo para cuidar da rua: — demais, ella pouco me interessa. Acho mais suavidade, maior encanto em cuidar dos meninos, no governo da casa... Sempre fui assim.

— E's uma exquisitona! Tambem, tenho um «menage», tambem tenho filhos, mas isto não importa na renuncia dos meus gozos. Para que servem as criadas? Temol-as, felizmente, uma para cada creança. Havia de ter graca que por ser mãe deixasse de ouvir hoje o duetto, dos beijos...

— Tens um genio antagonico ao meu, mas nem por isto deixamos de ser as mesmas amigas.

— Sim, porque cada uma age a seu modo. Quer me parecer que andas errada, desperdiçando a tua mocidade, a tua vida, numa clausura voluntaria. Nem vás ás lojas...

Regina sorriu-se com bondade, numa expressão calma de beatitude: A's lojas? Raul compra-me o que quero, e si é força minha presença, vamos juntos. Aliás, tu nem sempre sahes á rua por necessidade: — é o chic, é por ser moda, perdendo algumas horas abaixo e acima, nas calçadas da rua Nova, fazendo jús a uma menção na chronicas dos jornaes. Não gosto disso. Tenho outros deveres; alguns á hora fixa. Olha, ahi vem um...

A criada, de novo entrando, trazia nos braços, a choramingar, um petiz de alguns mezes, todo enfeixado numa camisolinha de rendas, garrida de fitas; Regina acolhe-o, amavel, mostra-o a Margarida que o amima com frieza, desabotôa o casaco, desaninha do talho da camisa o seio nú, redondo e chega-o á bocca morna do filho.

A amiga contempla-a com um risozinho de desdem:

— Olha, Regina. Dos deveres da mulher esse é o mais prosaico, o mais prescindivel... Rebaixanos a animaes. Nunca amamentei os meus. Acho desgracioso, incommodo, horrivel! Envelhece-nos cedo, rouba-nos a tumidez dos seios, a perfeição dos contornos. Num baile, decotada...

— Não sabes ainda é ser mãe! Preferes o luxo, as exigencias sociaes, os prazeres. Nunca provaste o sacrificio de um desejo, pelo bem da prole. Ainda não conheceste, — oh! Deus t'o preserve... — as agruras da vigilia na cabeceira

de um filhinho doente, a gemer... Ha dias li num jornal «a gente se sente tão feliz quando vê as crianças alegres!». E' uma verdade...

Margarida escutava, contrafeita, as phrases simples e sinceras da amiga. Por fim atalhou: — Paciencia, minha cara. Não sou tão má como pensas. Prefiro não saborear tudo isto que affirmas de bom, a viver aprisionada em casa, atrás de fraldas, desnudando as pommas a cada berreiro dos meninos...

Levanta-se da cadeira, retoma as luvas, uns embrulhinhos, a sombrinha: — Adensinho, Regina. Lembranças ao Raul. Aparece uma noite, avisa-me para não sahir... Vai á vontade; lá podes dar de mamar ao teu pimpolho...

Margarida sae, rindo-se... Regina leva-a ao portão. Em caminho os filhos, tres mais crescidos, se lhe enrodilham nas saias, acanhados da visita, muito limpinhos, corados, flores que dão maior viço aos rosaes, louros cysnes das piscinas dos olhos meigos da mãe devotada. E enquanto a amiga se afastava, ella deixou-se ficar no portão, entre as creanças, rindo com ellas, ralhando com doçura, á espera da marido que tardava.

## II.

Acordara cedo, como de costume; abri-a a casa, fôra soltar as gallinhas, dera-lhes milho aos punhados, andara pelo quintal apanhando uns cajás cahidos durante a noite, guardando-os para os meninos.

Quando, de toalha ao braço, ia ao banheiro, um mulato bateu no portão. Era uma carta, uma carta de d. Margarida — dissera o portador. Alli mesmo, abriu a enveloppe roxa, aromatizada e, num bizarro rectangulo de velino, leu, escriptas numa tremura evidente, as phrases nervosas da amiga: «Que noite de agonias, Regina! Ah! agora é que me sinto ser mãe... O meu pequenito, Oswaldo, está mal, muito mal. Encontrámol-o assim de volta do theatro. Estou louca de dor. O medico diz ser preciso alimental-o com leite humano. Os meus peitos já estão seccos. Lembrei-me de ti: — queres me fazer esta esmola?»

Regina chorava, lendo. Deu um recado ao homem e foi ter com o marido que, no quarto barbeava-se em frente do espelho.

— Olha Raul, recebi esta carta de Margarida. O filhinho della está mal. Lê...

O rapaz passou a vista na carta, contrahindo os sobrolhos:

— Você deve ir logo, minha filha. Esses ca-

sos assim são urgentes. Com certeza, intestinos, leites azedos, mamadeiras sujas...

Regina já entrouxava os cabellos, procurava nos gavetões roupa branca, despira o roupão, a trocar as vestes com pressa.

Na casa da amiga ia a lufa-lufa que precede as desgraças. A amiga pendurou-se-lhe ao pescoço, a chorar, a recriminar-se:

— Tinhas razão; não soube ser mãe. O meu Oswaldo! Tão bonitinho: não parecia ter dez mezes! Soffro tanto! Foi aquella desastrada da Josephina que se esqueceu de referver o leite. Fez mal. Anda vel-o.

Na cama de casal a criança tinha estrecimentos nervosos, soltava gritinhos espaçados. O aposento, meio escuro, cheirava a remedio: — o medico, vindo de novo, de pé, olhava a agitação do doentinho, pensativo, abstracto.

— Uma gastro-enterite, phenomenos convulsos... E' preciso já e já, outra alimentação...

— Dr... aqui está a minha amiga, de quem lhe falára esta noite. Vem me fazer a esmola de dar o seu leite ao menino.

O esculapio volven-se, saudou Regina:

— Muito bem. A senhora, melhor do que tudo, pode fazer pelo doente. Chegou agora? Descance um pouco e tente dai-lhe de mamar... Eu passarei aqui de tarde.

Regina acompanhando-o á porta, ouviu d'elle a sentença: Caso serio, muito difficil!... Ha phenomenos claros de meningite...

Tremula recompoz a face para rever a amiga, no quarto. A criancinha contorcía-se, gritava, estirava as pernas, cerrava os punhos, delirava. A febre intensa. Descançada, Regina sentou-se a uma poltrona e Margarida trouxe-lhe, embrulhado, o filho.

Do peito desnudo, apoiado, escorria um fio de seiva: — a criança, a principio, sugou uns golos, depois recusou, inteiriçou-se, reagiu. Deitaram-na de novo.

— Oh! meu Deus! Que castigo! Está tudo perdido! Elle já não quer mamar... Meu filhinho morre! Por culpa minha...

Atirava-se sobre o leito, beijava a testa quente do doentinho, chorava, torcia as mãos. O marido, Paulo, que viera da pharmacia, tentava acalmal-a. Regina, a um canto resava, fazia uma promessa, enxugava os olhos.

De tarde, o medico já não deu esperanças ao pae. E á noite, a meningite violenta dominara de todo. Depois da excitação dolorosa, viera a

côma, ligeiro estremecimento das perninhas, dos braços.

Pela madrugada, quando Margarida exausta, cochilava ao pé da cama, e o marido, em silencio, metterá-se numa espreguiçadeira, Regina conheceu os derradeiros anseios da criança.

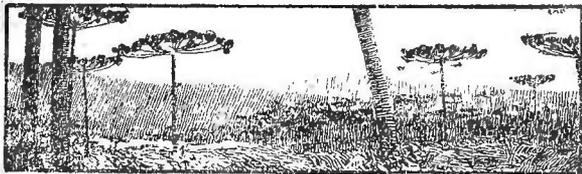
Uma vela tremebrilhou... Paulo veio de joelhos, beijar os pésinhos a esfriarem, chorando. Ao respaldo da cama a velha ama do casal, enterrara a cabeça entre os braços cruzados.

Gallos cocoricavam nos quintaes; um vento forte — o terral — farfalhava as arvores; um cão uivava longe, grillos trillavam por detraz de uma commoda no quarto visinho...

Margarida despertou, ergueu-se sobresaltada, olhou a scena, adivinhou. Quiz lançar-se sobre o corpo sem vida do filho, mas as forças fugiram, um grito hysterico resou e ella cahiu, de costas, no chão.

Regina apagou a vela, já inutil, e accorreu com um vidro de agua de Colonia. Abriu o casaco da amiga, repuxou a camisa, descobriu o cóllo para friccional-o: — os seios redondos, alvos, turgidos, alteiaram-se, roseolas dos bicos erectos — seios lindos de mulher, seios estereis de mãe...

MARIO SETTE.



## TIA ELISA

Em casa, todos nós adoravamos tia Elisa, sobrinhos e não sobrinhos.

E tia Elisa, realmente, era adoravel. E que adoraveis doces ella sabia fazer! E como, farta, prodigamente, os distribuia a nós todos, sobrinhos e não sobrinhos, que todos eramos sobrinhos della.

Tia Elisa era velha; tia Elisa era gorda; tinha os cabellos brancos e usava oculos; era surda e adorava o chá verde; acima do chá verde, só os romances sentimentaes, Lamartine á frente.

Além de tudo isso, que eram as más qualidades, tia Elisa tinha uma porção de qualidades boas: era terna, carinhosa, esmoler e de uma egualdade de genio que nem um terremoto alteraria, ainda quando esse terremoto fizesse mais barulho que os nossos Zé-Pereiras.

A gente grande debitava-lhe essa tolerancia na conta corrente da surdez.

Maldade, pura maldade. Apesar de Lamartine, do chá verde, da surdez, dos oculos, da gordura e da velhice, tia Elisa era um anjo.

Tia Elisa não se casára, nem se podia conceber que tia Elisa se houvesse casado algum dia. Só era conceptivel sob uma forma e em um estado — tia de nós todos, sobrinhos e não sobrinhos.

Mas, além de nós, tia Elisa tinha mais um sobrinho, que nos enciumava.

Era *seu* Antoninho, um pobre velhote todo branco, tolhido das pernas, para quem ella mandára fabricar uma carriola de tres rodas, entre poltrona e tricyclo, que, bem ou mal, lhe permittia locomover-se, transportar-se de um logar para outro.

Uma especie de *habeas-corpus* rodante contra as arbitrariedades do rheumatismo...

E *seu* Antoninho era o santo Antoninho de tia Elisa. Tocassem-lhe e tia Elisa...

Perdão! Nunca nenhum de nós lhe tocou; nem soube o que fazia tia Elisa. O que faziamos eram queixas.

— Que tia Elisa gostava mais de *seu* Antoninho que de nós; que tia Elisa tinha mandado fazer o carrinho para elle, que, de todos os doces que fazia, os melhores eram para *seu* Antoninho...

E a tudo respondia tia Elisa, com a sua voz macia, como si fosse de creme:

— Meninos, pois vocês não vêm que elle é um entrevadinho?

Um de nós — eu quiçá — um dia, num accesso de ciume, sapateando, gritou:

— Tia Elisa, por que é que a senhora não casa com *seu* Antoninho?

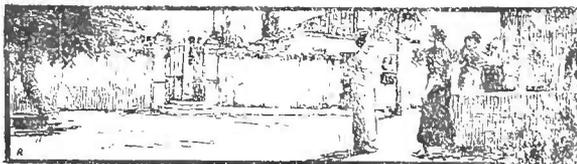
Tia Elisa não respondeu; entrou para o quarto e fechou-se. Mas, ao jantar, tinha, por detraz dos oculos, os olhos empapuçados e vermelhos.

Essa tarde, não leu Graziella, nem quiz saber do chá verde...

Um dia, tia Elisa amanheceu morta. Morrera docemente, suave, maciamente, como tinha vivido. Nós não acreditavamos que ella tivesse morrido: — parecia dormir, parecia ainda estar dormindo, quando a carriola do *seu* Antoninho entrou no pateo e elle desatou em pranto, pedindo, supplicando que o levassem, que o carregassem para ver a *sua* Elisa...

Elle e a *nossa* tia Elisa, trinta, quarenta annos antes, haviam sido namorados, noivos...

JULIO SCHEIBEL



## A CARTA DO SUICIDA

Carissimo Alfredo

Hoje, ás cinco horas da manhã, suicido-me. Has-de necessariamente querer saber das causas, dos horriveis motivos que me levam a esse acto de desespero e de revolta, acto que vem soffrendo a abominação dos seculos, previsto até pelo Código Penal.

Não baterás a cabeça á procura do enyigma. Basta-te ler o que vem abaixo :

Hoje, mais ou menos ás tres horas da madrugada, sahia eu, do *High-life*, depois de haver jogado e perdido toda a minha primeira mesada, o que implicava a perda de uma linda marselhesa, a quem vinha fazendo a corte ha uma boa porção de dias.

Como gosto extraordinariamente do mar, em especial desse «sonho inatingivel de poeta» que é a bahia de Guanabara, e como houvesse lua, fui andando pela praia do Flamengo em direcção á minha casa. Apoiando-me, por acaso, á amurada do caes para ver melhor uma incidencia de raios lunares sobre a agua viva e irrequieta do mar, que produzia uma extranha e deliciosa refulgencia, não sei porque, assaltou-me de improviso a idéa de dar hoje mesmo cabo da vida. Achei, a principio, o pensamento curioso e faceto, por não lhe achar ligação nenhuma com o espectáculo magnifico da bahia. E enquanto me punha a andar, já esquecido do mar, comecei a meditar sobre essa grande «cobardia»

Por uma natural associação de idéas, lembrei-me do suicidio de Henrique, aquelle nosso saudoso e bizarro amigo, tão amigo do paradoxo e do sofisma que, num dia de duvida sobre a existencia de Deus, poz termo á vida quasi heroicamente. Lembras-te do escandalo levantado em torno daquelle caso doloroso ? Pois, o espalhafato da imprensa pareceu-me digno remate de um espirito saturado de *snobismo* qual o meu e que bem me poderia elevar á altura do acontecimento maximo da semana. Considera, meu amigo :

Sou um rapaz elegante, demasiado conhecido pela alta sociedade do Rio, relacionado com todas as boas e illustres familias que marcam o tom,

nesta luminosa Sebastianopolis. Serei assim «o amigo inesquecivel que abre, com o seu prematuro passamento, uma lacuna imprehencivel em nosso meio culto». E' que o commentario compungido dos jornaes sobre os moços suicidas, com as suas phrases repassadas de um profundo sentimento de piedade e de *sympathia*, exerceram sempre sobre mim um irresistivel encanto.

Ajunta a isso a probabilidade ou antes a certeza de que a formosa franceza do *High-life* declarará tristemente que minha morte lhe peza sobre a consciencia, porque foi da sua repulsa aos meus desejos que brotou a idéa do meu suicidio, pensa nas lagrimas que derramará e no confrangimento de sua alma como responsavel moral de meu desaparecimento e terás mais um motivo bem forte de minha rematada loucura. Dirás que é um gozo posthumo. Não é, é apenas uma volupia prelibada.

Ha mais ainda, ha a consoladora certeza de que a elegante *mignonne* da rua São Christovão me contará como mais um sacrificado ao altar de sua fulgurante belleza. Tu conhecel-a bem melhor que eu para garantir a justeza de meu asserto. E' verdade que ainda ante-hontem, no cinema Avenida, o nosso flirt chamara a attenção dos bons burgueses que vão ás casas cinematographicas na mais santa e mais pura intenção de ver as fitas. Mas que lhe custará, hoje á tarde, apresentar-se á sua mais intima amiga e com as faces afogueadas de carmim, os cabellos desgrenhados num estudado *negligé*, declarar que a sua alma não encontra paz, ameaçar tambem suicidar-se, porque dirá — ella tambem me amava e si me repellia era apenas porque não tinha a plena convicção do meu amor. Quizera humillar-me e sahira-lhe cara a experiencia.

Ora, bem sabes, meu velho Alfredo, que da intima amiga ao grande publico leitor de novidades só ha uma questão de... minutos.

Depois minha familia far-me-á funeraes esplendidos, riquissimos. Deixo as minhas disposições para que haja luxo, muito luxo e com muitos actos religiosos, os que ferem a imaginação sensivel das mulheres e prolongam a duração de minha lembrança.

Depois virão as missas pomposas e solemnes, com catafalco e luzes, no setimo, no trigésimo dia e em todos os anniversarios de meu passamento. Depois o mausoléu custoso, encomendado especialmente na Europa e emfim de vez em quando, a recordação grata e necrológica de algum amigo. Conto para isso contigo...

Conheces-me ha muito tempo, Alfredo, para saber que isso que ahi fica é a mais pura expressão da verdade.

Suicido-me porque acho *chic* e de muito bom tom esse acto que todos, numa instinctiva solidariiedade de rebanho, classificam de loucura ou de covardia.

Desespero de minha parte não o há, não o pode haver. O perder a mesada era para mim um facto vulgarissimo. Meu pae que é rico e largo de mãos, mandava-me, ás vezes quatro e cinco mesadas. Vês dahi que a perda da francesinha era uma simples questão de dias...

O amor tambem não é a causa. Nunca me li-guei a mulher nenhuma, porque não achava nessas conjunções nada que as nobilitasse. Achava-as sujas.

Pelas moças de hoje, tambem não poderia apaixonar-me. Ha uma falta tamanha de aristocracia e de linha que, para mim, uma paixão por qual-quer das moças que conheci seria a amostra de amolecimento de meu cerebro e a prova da decadencia completa de minha faculdade de analyse. As minhas galanterias á mignonne da rua São Christovão nunca foram alem da amabilidade que me impunha o codigo de rapaz da moda. Porque o amor é, para mim, ainda neste momento, a ausencia dessa instinctiva superioridade da razão sobre a carne, que deve distinguir um homem de um bruto, superioridade que sempre quiz ter e pude manter em todos os actos da vida.

Seria então, desespero pelo desmoronar de alguma linda esperança?

Pelo que disse acima, nunca as tive, desde que o homem põe a volupia e mesmo a razão de ser da vida no amor.

Desespero da vida? Tampouco. Nunca fiz idéa nenhuma optimista ou pessimista e sempre procurei viver sem saber como nem porque. Diver-tia-me, achava-lhe sabor, graça e encanto, vivi. Agora acho graça em morrer. Vou com os demais.

Nunca tive religião nenhuma porque nunca um sentimento mau brotou em minha alma, como nella não brotaria nunca um sentimento bom. E isto pelo simples facto de que nunca pude fazer a abstracção necessaria e perceber qual a differença que havia entre uns e outros. Para mim vinham da mesma argilla.

Não ha covardia tambem em meu acto. Covarde porque? Um covarde não ri deante da morte,

não analysa com esta minha calma que é quasi cynica. Demais o covarde despreza e maldiz a vida. Eu não. Agradeço-lhe os momentos de ventura e de delicia — e foram tantos! — que me proporcionou.

E si o meu suicidio fosse para a redempção de um grande peccado ou para a redempção pos-thuma de toda a minha vida — que cousas en-graçadas sabe inventar a dialectica humana! — não seria com este meu ar jovial que me encaminharia para a grande treva. Os sacrificios reflectidos fazem-se de cenho carregado!

Suicido-me com uma pistola Browning, typo moderno, com o cabo de prata todo cinzelado. Numa das faces ha uma allegoria contradictoria: representa Hebe distribuindo o vinho aos Deuses no Olympo...

Escolhi a pistola por achal-a a mais digna arma com que eu me podia eliminar do mundo sem que a minha physionomia soffra alteração. Quero que me encontrem barbeado, penteado, empoado, os lineamentos calmos e firmes, deitado direito e placidamente no meu divan, sorridente como quem dorme um somno longo povoado de sonhos bellos.

Não quero que haja uma contracção, uma só, a quebrar a linha de fidalga distincção que me elevou tanto na vida.

No meio de tanta alegria, só levo uma pequena magua: é a de não poder ler os artigos dos jornaes sobre o meu «extranho suicidio», as noticias sobre o luxo do enterro, sobre a concorrencia das missas e os discursos funebres; não poder ver os faniquitos da mignonne nem as lagrimas copiosas da encantadora franceza... Seria meu ultimo gozo.

Até pelo reino dos mortos.

Do teu

*Sylvio*

\* \* \*

Quando Alfredo, meia hora mais tarde, chegou á casa do suicida, encontrou-o deitado, rigido e direito, e, como elle mesmo dissera, barbeado, penteado, empoado, os lineamentos calmos e firmes, e um fio de sangue vincando-lhe o tosto alvo, levemente azulado pela barba. Nos labios, levemente entreabertos, parecia bailar, mobil e inquieto, um sorriso indizível de satisfação, um sorriso diabólico de triumpho e sarcasmo...

SUD MENNUCCI

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores**

**AMADEU AMARAL**

Já lá vai um punhado de tempo que vi, pela primeira vez, o poeta das «Espumas».

Trabalhava eu então no «Jornal do Commercio» de S. Paulo até tres e meia ou quatro da manhã, hora essa em que se encerrava também o expediente do «O Estado de S. Paulo», que era secretariado por Amadeu Amaral.

Viamo-nos sempre no Café Académico», nesse tempo ponto obrigatorio de encontro de todo o pessoal da imprensa matutina de S. Paulo, por ser uma das pouquíssimas casas que se conservavam abertas durante toda a noite.

As duas salas do café que, á excepção dos sabbados, desde meia noite se conservavam quasi vazias, só com um ou outro noctambulo, a essa hora enchiam-se de animação com a chegada de redactores, revisores, emfim todo o pessoal dos jornaes que alli ia, após o trabalho, tomar sua «média com pão quente», ou o seu gozinhão de alcool.

Todos os dias, ou melhor, todas as madrugadas, conforme o nosso velho habito, depois de terminado o serviço, para lá eu me dirigia juntamente com Horacio de Andrade, meu inseparavel amigo, afim de, com café com «mistura», si havia fome, ou com uma farta dose de vinho do porto si fazia frio, ou com as duas cousas juntas, o que era mais commum, nos munirmos de coragem sufficiente para affrontar a gelida garça da madrugada, que nos lategava durante a diaria jornada pela rua da Consolação, em busca da ansioamente desejada chana dos nossos leitos, para cujo alcance faziamos todo o longo caminho a pé pela falta de bondes a essa hora.

Amideu, depois de haver tomado logar sempre na mesma mesinha, visamos, por uma das portas da rua Direita, entrar a figura calma e encapotada de Amadeu Amaral que geralmente só, bebia o seu café, sahia e tomava a direcção do Viaducto do Chá, sempre com aquelle geito muito seu, como si estivesse a fazer versos no proprio caminho, segundo a expressão de Roberto Moreira.

Quando, pela primeira vez, logo depois de entrar eu para a imprensa, vi entrar, pelo café a dentro, aquella figura alta que sobressaia do todas as outras, interoguei intrigado, mostrando-o com os olhos a Horacio de Andrade:

— Quem é?

— Não conhece? É Amadeu Amaral. Conhecia-o sim, e muito, mas só de

nome. Vê-lo, porém, era a primeira vez. Lancei então um prolongado e curioso olhar, analysando-o minuciosamente da cabeça aos pés. Era tambem a primeira vez que eu observava de perto um graude homem. E Amadeu já bom que o era: grande na figura e grande no talento.

Com a reincidencia dos nossos encontros, principiamo-nós a cumprimentar; mais tarde, depois da retirada do meu antigo companheiro de imprensa, ficamos, Amadeu Amaral e eu, companheiros de caminhada, porquanto o burilador da «Nevoa» tambem residia no alto da Consolação.

A primeira vez que fizemos a viagem juntos, foi, recordo-me bem, numa escura madrugada de intenso frio e rascante garça.

Achava-se no café, agoia só (Horacio de Andrade, o meu antigo companheiro e amigo, já havia deixado de ser o companheiro para continuar sendo unicamente o velho amigo), quando entrou o poeta, todo respingado de chuvisqueiro, o com o guarda-chuva tambem a escorrer, dependurado de um dos braços. E após beber, aos golinhos, meio calice de «cognac», mettetu-se novamente pela neblina a dentro, em direcção ao viaducto do Chá.

Dois minutos depois, sahia eu tambem pelo mesmo caminho e, ao tomar a rua Xavier de Toledo, avistei o vulto inconfundivel de Amadeu, que se sumia ao longe, na primeira curva da rua.

Estugnei o passo o, quando faltavam uns vinte metros para alcança-lo, devido ao ruido do meu pisar, pois eramos sós na rua, olle voltou-se, parou á minha espera, falando-me ao approximar-me:

— Aproveite o guarda-chuva, que o tempo está de mau humor!

Dahi por diante, faziamos a nossa jornada sempre juntos. Como eu sahisse mais cedo, esperava-o no café. No caminho conversavamos sobre assumptos differentes, salientando-se a literatura que tinha preferencia.

E começou a nossa amizade.

Tempos depois, contra a expectativa geral, devido unicamente á grande modestia de que é dono, veio a sua eleição para a Academia de Letras, na vaga de Olavo Bilac.

As nossas palestras então eram geralmente sobre o grande poeta e o seu discurso de posse, no qual estava trabalhando, e que veio constituir depois de acabado um dos mais perfectos estudos, sobre a personalidade do excelso cantor das estrellas.

Corria o mez de outubro. Uma noite, communicou-me Amadeu Amaral a sua proxima partida para o Rio, afim de ser empossado na cadeira de Bilac.

Effectivamente, passados dias, seguia elle para a capital da Republica.

Eu, por minha vez, resolvi tambem até lá ir, afim de assistir-lhe a posse.

Parti pouco tempo depois. Como

viasse pelo nocturno, cheguei ao Rio de maubã, seguindo directamente para o Hotel da Lapa, onde se achava hospedado o fino prosador das «Letras floridas».

O porteiro, que recebera do poeta, medroso da invasão dos jornalistas cariocas, ordens sovoras e terminantes de não deixar entrar quem quer que fosse sem previo aviso, barrou com o suado corpanzil, a porta do ascensor que devera levar-me ao quarto de Amadeu, dizendo não estar o meu amigo em casa áquelle momento.

Desconfiado das palavras do cêrbero hoteleiro, declarei que era um irmão do poeta, e porisso sentia muito não encontrá-lo.

— Ah! então é outra coisa! Se é da familia, pode subir que elle está em casa.

Encontrei-o ainda deitado, a ler os jornaes da manhã.

Palestramos alguns instantes, convidando-me elle depois para almoçar em sua companhia, «em outra parte que não o hotel» — acerescentou — pois queria fugir do bando de photographos e jornalistas que o agoniam havia já dois dias.

— Imagine você, — ajuntou — que já soffri o supplicio da photographia, uma centona de vezes!

No dia seguinte, 14 de novembro, pela manhã, no dia em que se realizava a recepção na Academia, ao procurá-lo de novo, encontrei no seu quarto, commodamente montado em uma cadeira, a palestrar, o escriptor Alberto de Faria, com o qual abnoçamos.

Á tarde, Amadeu convidou-me a acompanhá-lo ao barbeiro, onde ia por o rosto em condições de entrar para a Academia.

Ali pudemos então assistir á mais interessante descripção que se pode imaginar, de uma festa, relatada á um dos figaros por um freguez que se barbeava, escarrapachado n'outra cadeira.

Descrevia elle um convescote em que tomára parte, findo o qual escálara, juntamente com alguns companheiros, uma janella, para roubar um frango assado.

— Vocês não imaginam, rapazes, o que fizemos! dizia o orador em altas vozes: pulámos a janella, que era alta á «bessa», surripiámos o frango e, nisto vem entrando uma garota que nos pega com a bocca na botija! Foi uma corrida geral. Eu então, agarrei o frango assado que estava respingando e cheio de manteiga, e pullei assim! (e o homem, deixando a poltrona em que se barbeava, com a cara semi-ensaboada, trepou por uma cadeira do salão e, com as mãos abertas á parede, mostrava como descêra da alta janella, a segurar o frango roubado).

Quando sahimos da barbearia, disse o meu companheiro ainda a rir:

— A sessão da Academia será mais interessante que essa do barbeiro?



## Pensamentos de RUY BARBOSA

(Collectanea de Mario de Lima Barbosa)

Emquanto Deus nos dê um resto de alento, não ha que desesperar da sorte do bem. A injustiça pôde irritar-se, porque é precaria. A verdade, não se impacienta, porque é eterna. Quando praticamos uma acção boa não sabemos se é para hoje, ou para quando. O caso é que os seus fructos podem ser tardios, mas, são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aquelles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu paiz, para a felicidade dos seus descendentes, para o beneficio do genero humano.

(Contestação da Eleição Presidencial — 1910).

\*\*\*

Só o bem, neste mundo, é duravel, e o bem, politicamente, é todo justiça e liberdade, formulas soberanas da autoridade e do direito, da intelligencia e do progresso.

(Conf. Bahia, 24 de Maio, 1897).

\*\*\*

A grande obra dos bemfeitores predestinados está na illimitada sobrevivencia della aos seus autores, que do seu proprio trespassse revivem todos os dias nos fructos do bem, que plantaram, na corrente de benções, que deixaram aberta e borbotante. São fontes de bondade, em que se desentranha a vida ephemera dos mortaes immortalizados, para a continuarem, atravez de seculos e seculos, em caudae de benevolencia e caridade.

(Oswaldo Cruz).

\*\*\*

Só ha uma gloria verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom; e essa não conhece a soberba nem a fatuidade.

(Disc. Collegio Anchieta).

\*\*\*

O mal nunca venceu o bem, senão usurpando a este o necessario para o illudir, o arredar, a adormecer, o fraudar, o substituir, o vencer. Se a injustiça, a mentira, o egoismo, a cobiça, a rapacidade, a grosseria d'alma, a baixaza moral, a inveja, o rancor, a vingança, a traição, apparecessem nus e desnudos aos olhos do individuo, aos olhos do povo, aos olhos da sociedade, aos olhos do mundo, ninguém preferiria o mal ao bem e o bem não se veria jamais desterrado pelo mal.

\*\*\*

Autour du malheur et de la souffrance, qui ont une si grande part dans notre lot, il y a un rayonnement de joie, qui enveloppe les chesets et les ames, en nous donnant a savourer

le bonheur de vivre. On ne peut pas s'y soustraire, en voyant la magnificence de l'univers, en recontraant la bonté, en éprouvant l'amour, en se sentant caressé par la douceur ambiente des choses. C'est bon de vivre, quand on croit, quand on espere, quand on fait bien...

(Anatole France).

\*\*\*

Só as más causas dependerão do talento dos grandes pregadores. As boas vingar pela sua santidade, que basta apparecer, para ser reconhecida, como a deusa antiga, revelada na majestade silenciosa do seu andar. «Et vera incessesu patuit dea».

(Guerra Européa. Conf. Petropolis — 1917).

\*\*\*

Os pleitos que encheram Athenas e Roma com as orações de Demosthenes e Cicero demandavam, para sobreviver ao seu tempo, o genio daquelles monstros da palavra. O mandato que trouxe o Christo á terra, e o pregou na cruz, resplandece em qualquer boca, donde saia o Evangelho na pureza da sua humildade e na innocencia da sua doutrina. A tribuna humana só se abraza com as inspirações do genio. Mas o verbo de Deus arraa de luz o mais obscuro canto do mundo, onde se levante uma consciencia christã, apostolando a lei de Jesus contra a lei de Caím.

(Guerra Européa. Conf. Petropolis — 1917).

\*\*\*

Todos os sentimentos puros obedecem á lei da verdade. Onde começa a mentira, principia a infidelidade, se abre o caminho da traição.

(Conf. Juiz de Fóra — Fev. 1919).

\*\*\*

Nada expõe tanto uma nação a calamidades irreparaveis, como a inconsciencia das suas chagas e a presumpção da sua sufficiencia, devidas ao atabafamento systematico da verdade.

(Conf. Juiz de Fóra — 1910).

\*\*\*

As decepções em que accordam os povos enfatuados e cegos são inenarraveis.

(Conf. Juiz de Fóra — 1910).

\*\*\*

O principio dos principios é o respeito da consciencia, o amor da verdade.

(Conf. Juiz de Fóra — 1910).

\*\*\*

Os antigos enxergavam no mentiroso o mais vil dos tarados moraes. Depois de enumerar todas as misérias de um perdido, concluiam, quando cabia: «E até meute». Entre dous ladrões crucificaram os judeus a Jesus; porque não usaram exorcial-o entre dous baldões. O ladrão prostitue com o roubo, as suas mãos. O mentiroso com a mentira, a propria boca, a sua palavra e a sua consciencia. O ladrão offende o proximo nos bens da fortuna. O mentiroso, não é no patrimonio, é na honra.

Despedimo-nos no ponto dos bondes. Eu ia ao centro da cidade, havendo-lhe antes prometido passar na casa do academico João Ribeiro, com o fim de buscar um espadim que devêra servir para a cerimonia, á noite.

De facto, regressando ao hotel, fui ao Flamengo, na residencia do conhecido grammatico, onde recebi um finissimo espadim, pertencente, se me não engano, ao Corpo Diplomatico, motivo pelo qual se viam gravadas no manubrio as iniciaes C. D.

Como ignorasse o significado das duas letras já no hotel, interroguei Amadeu Amaral, indicando as mesmas:

— Que quererá dizer isto aqui? Este espadim não pertence á Academia?

O meu amigo que, á frente do espelho luctava para abotoar um renitente collarinho, voltou o rosto para o objecto, com os dedos firmes ao botão da camisa, mirou por alguns instantes o cabo do espadim e, com voz sumida, gemeu, voltando-se ao penoso trabalho de pôr o collarinho no respectivo lugar:

— Pois então? Cademia D'letras!...

Quando o poeta vestia a volumosa casaca da farda academica, ao verificar o peso e a grossura do uniforme, que devêra trazer durante grande parte da quentissima noite que fazia, suspirou desconsoladamente:

— Quantas provações para se passar a uma immortalidade interina!...

Ninguém ignora o brillantismo de que se revestiu a posse de Amadeu Amaral. Os jornaes do Rio e de São Paulo incumbiram-se de divulgá-lo, bem como os discursos do novo academico e de Magalhães Azeredo, o orador official da Academia.

Finalizada a seessão solemne, dirigimo-nos ao hotel, afirmo do poeta mudar de roupa, seguindo depois para o centro da cidade, para tomarmos, eu o primeiro alimento do dia, pois passava de meia noite, e Amadeu Amaral o primeiro, após a sua entrada na immortalidade.

Dirigimo-nos á «Brahma», onde ficámos em palestra por varias horas, em companhia de alguns amigos que chegaram depois, entre elles, Alberto de Faria, Goulart de Andrade, Julio de Mesquita Filho, Mauro Pacheco e outros.

Á saída, despedimo-nos dos companheiros, rumando, os dois, para o ponto do bonde, que levou uma eternidade a chegar. Como estivessemos fatigados de estar de pé, á espera do carro que nos conduzisse ao hotel, lamentei ao meu companheiro a falta de um banco alli pelos arredores, em que pudessemos descansar.

— Você quer saber de uma coisa? respondeu-me o poeta. Contentemo-nos com o que ha. E unindo a acção ás palavras, senton-se elle na calçada da rua, com os pés na sargeta.

— Mas um immortal? commentei a rir.

— Então você pensa que a immortalidade não cança? Cança, e muito. Descansemo-nos, portanto! Sentese aqui...

São Paulo, 6-921.

PAULO DUARTE

ra, na liberdade, na propria vida. Tanto vai do latrocinio á calumnia... (Conf. Assoc. Com. Rio de Janeiro. Março — 1919).

\*\*\*

A tolerancia constitue a mais preciosa das virtudes de educação, nas almas habituadas a estudar com philosophia as cousas humanas. (Diario Noticias — 7, Março, 1889).

\*\*\*

Toda a sciencia da administração é economia dos Estados é um vasto campo de debates e nma lição de transacções. (Diario Noticia — 7, Março, 1889).

\*\*\*

Politica e transacção, na melhor moral deste mundo, são termos equivalentes. Reformas duradouras são unioamente as que se operam transigindo. As proprias revoluções transigem, e na therapeutica humana, os mais sabios systemas de cura são transacções com o mal, cujos agenter a medicina utiliza para obter a saude pela doenca. (Disc. Th. Lyrico. Rio, Outubro — 1909).

## Racine em café-concerto.

Uma extranha aventura acontecen a Racine, ou á sua obra, ha pouco tempo, em Londres.

Na capital britannica existe um empresario emprehendedor. O que agrada ao publico — disse elle, lá com os seus botões — é o contraste e, sobretudo, o imprevisto. Feito isso, eis o que imaginou. Ao meio da representação de uma revista intitulada «Londres, Paris e Nova York», entre as scenas mais comicas, resolveu intercalar nada menos que o terceiro acto da «Andromaca», representado por dois dos melhores artistas francezes, especialmente contractados para esse fim...

Nelson Keys, celebre actor de café concerto, capaz de excitar hilaridade nos mais diversos papeis, representa um velho almirante numa praia da moda e, assim, ás gargalhadas sacode toda a platêa. Cae o pano, um instante, reergue-se logo e eis Hermiona, filha de Helena, com Orestes, filho de Agamemnon. De uma praia elegante salta-se para o palacio de Pyrrho, no Epiro, alguns tempos depois da guerra de Troya.

Os alexandrinos do grande poeta deviam ter soado extranhamente em tal scena. Não que se entendessem muito bem as tiradas de Hermiona, pois ella as recitava de costas para o publico. Demais, ella se encontra em terrivel estado de excitação.

Mas essa excitação não é nada perante a de Orestes. Eil-o com a physionomia transformada, cabellos em desordem, olhos fóra das orbitas. Quando escuta as furiosas recriminações de Hermiona, quando se lhe annuncia o seu suicidio, tomam-no a loucura e o delirio, a voz se lhe torna sibilante, oada vez mais rugidora e elle transborda em um accesso de colera.

Cae o pano. Segundos depois, Nelson Keys reaparece elegantemente bem posto como nm «gentleman» dos tempos modernos. Recomeça a hilaridade.

Que dizer de tão brusca mudança? Como ducha esossêza, impossivel encontrar melhor.

O publico, assegura-se, não se desconcertou em nada. Ainda que para a maioria os versos francezes sejam como se fosse o hebreu, os espectadores tinham o ar de quem se interessava por Orestes, quasi tanto como a Nelson Keys.

E' que as contorsões e os rugidos têm a vantagem de se entenderem perfeitamente em todas as linguas. Os espectadores acompanhavam a mimica, o jogo physionomico como se seguissem e mais emocionante dos «films».

## Leconte de Lisle.

... «O senhor Leconte de Lisle me agrada» — escrevia Gustave Flaubert, desde a estreia do autor de «Midi». «Amo as pessoas decididas e entusiastas. Nada se faz de grande sem fanatismo». Que importava, após isso, ao joven mestre, os brutos insultos que se levantaram em torno d'elle? Outra coisa não faziam senão saturar de desdem a profundeza tranquilla de sua indiferença. Alias, desde os seus quarenta annos, as homenagens de seu cenaculo parnasiano deviam dar-lhe occasião de constatar, duma maneira clara, a altura de sua gloria. Já então tinha elle para publicar seus versos e os dos seus companheiros, a «Revue du Parnasse Contemporain». Estava cercado por uma elite de poetas que o admiravam e que elle amava: «A amizade viril, dizia elle, não é outra coisa sinão um amor intellectual»; e elle cultivava esse amor como uma planta infinitamente preciosa.

A phalange que se unia ao chefe da escola parnasiana sentia bem que o que lhe faltava então era uma firme disciplina, uma linha de conducta plena e resoluta: «Certo, escrevia Catulle Mendés, historiador do «Parnasse», certo, o sentimento do Bello, o horror ás tolas sensibilidades que deshonravam por esse tempo a poesia franceza, nós os tínhamos! Mas era em desordem que nós nos atiravamos a essa campanha e que marchavamos á conquista do nosso ideal... Precisavamos de uma regra imposta do alto e que, deixando-nos a nossa independencia intellectual, fizesse convergir gravemente, dignamente, as nossas forças esparsas para a victoria entrevista. Essa regra, foi de Leconte de Lisle que nós a recebemos».

A realisa poetica, exercida pelo mestre do Parnaso sobre tantas gerações de poetas francezes, não se extinguiu ainda, nem se extinguirá.

Com effeito, mesmo no momento em que, ahí por 1890, triumphavam ruidosamente, sob o nome de decadentes e de symbolistas, de primitivistas e de naturistas, de intensistas e de unanimistas, de harmonistas, de «verso libristas» e de futuristas, uma nuvem de rimadores bolcheviks mais ou menos extrangeiros, todos independentes o cada um prompto a crear a sua prosodia, a fazer a sua metrica, a erigir em dogma «as decisões de seu bestunto» — mesmo nesse momento, os nossos poetas, os mais notoriamente nacionaes, repugnavam e se recusavam a aceitar a doutrina da poetica nova. Verlaine que, mau grado sua descendencia directa de Villon

e de La Fontaine, ahí se havia enfudado, não via sem viva inquietude, os excessos de seus condiscipulos. E' que, si consentia em alargar a disciplina do verso, não desejava vela de todo supprimida. Sabia que para que haja verso é preciso que haja rythmo o rima: «No presente, — affirmava elle — fazem-se versos de mil pés: isso não são versos». E' prosa e sobretudo, algumas vezes, não é francez. Chamam-uo de versos rhythmicos, mas nós ão somos nem Latinos, nem Gregos, nós somos Francezes... A poesia é um teclado, o poeta um artista. Elle pode, deixando a tradicional rotina, quebraudo os velhos moldes, tirar effeitos novos, inventando novos accordes; mas, si elle bate ao acaso ou do lado, o rythmo desaparece, o som não mais existe, a imaginação ultrapassa o fim a attingir e nós chafurdamos nos versos de dezete, de dezoito, de vinte e quatro pés...»

O publico francez concordou com Verlaine. A apothéose do «Cyrano» de Edmond Rostand foi, por sua vez, para os anarelistas da poesia, uma primeira advertencia de que iriam ficar sós em Aigues-Mortes, a cidade arenta, emquanto em redor delles a torrente da vida continuava a rolar as magias da arte viva. Já se tinha visto um Maurice Bouchor, um Henri de Régnier se evadir, a passo eada voz mais rapido, desse preconito do symbolismo que lhes havia dominado a primeira juventude. Jean Moreas, o mais perfeito coadjutor do symbolismo, foi o quo melhor contribuiu para sustar a sua evolução. Se elle fora um dos primeiros a se revoltar contra as tyrannias da poesia parnasiana, se seu «Pèlerin passionné» marcára a hora mais brilhante da escola symbolista, foi elle tambem o primeiro a fazer apparecer, no que concerne á lingua, preocupações que prepararam a evolução proxima. A maneira ruidosa pela qual rompeu então contra os symbolistas, provocou contra elle coleras terriveis. Heleno, vindo para o genio francez caminhando ao longo das fontes originaes, Jean Moreas não se incommodou: apartou-se de seus companheiros de luctas, desde que percebeu que eram, emfim, na maioria homens chegados das quatro cantos do horizonte e que pretendiam versificar em francez sem nenhum estudo preliminar e considerando como superioridade escrever — em francez pretendem elles — sem querer ou sem poder se conformar ás exigencias do genio francez.

Pode-se, pois, dizer que, após ter rejeitado as insufficiencias os caprichos mais ou menos nervosos do decadentismo, e até do symbolismo, nossos poetas os mais puramente francezes se tornaram no presente duma unanime admiração para com o Renovador, cuja morte não suspendeu o culto devido aos semi-deuses que trouxeram a seu paiz a flamma do genio, e cuja gloria faz parte da riqueza nacional.

Assim, é a alta figura do Leconte de Lisle que a esta hora nos apparece levantada ao meio desse templo da Santa Belleza elevado por suas mãos a Apollo delphico, mestre dos rythmos perfeitos segundo os quaes foram construidas a Acropole, as trêsmesde Salamina, e a Agora, onde falava Demosthenes.

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

**AMADEU AMARAL**

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

**MONTEIRO LOBATO**

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

**LÉO VAZ**

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

**GUSTAVO BARROSO**

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

**A. DE SAMPAIO DORIA**

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

**F. T. DE SOUZA REIS**

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

**WALDÊMAR FERREIRA**

Manual do Commerciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

**AUCTORES DIVERSOS**

O que todo o commerciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

**NICOLAU ATHANASSOF**

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,,

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

ra, na liberdade, na propria vida. Tanto vai do latrocínio á calúnia... (Conf. Assoc. Com. Rio de Janeiro. Março — 1919).

\*\*\*

A tolerancia constitue a mais preciosa das virtudes de educação, nas almas habituadas a estudar com philosophia as cousas humanas. (Diario Noticias — 7, Março, 1889).

\*\*\*

Toda a sciencia da administração e economia dos Estados é um vasto campo de debates e uma lição de transacções. (Diario Noticia — 7, Março, 1889).

\*\*\*

Politica e transacção, na melhor moral deste mundo, são termos equivalentes. Reformas duradouras são unicamente as que se operam transigindo. As proprias revoluções transigem, e na therapeutica humana, os mais sabios systemas de cura são transacções com o mal, cujos agenter a medicina utiliza para obter a saúde pela doença. (Disc. Th. Lyrico. Rio. Outubro — 1909).

## Racine em café-concerto.

Uma extranha aventura acontecen a Racine, ou á sua obra, ha pouco tempo, em Londres.

Na capital britannica existe um empresario emprendedor. O que agrada ao publico — disse elle, lá com os seus botões — é o contraste o, sobretudo, o imprevisito. Feito isso, eis o que imaginou. Ao meio da representação de uma revista intitulada «Londres, Paris e Nova York», entre as scenas mais comicas, resolveu intercalar nada menos que o terceiro acto da «Andromaca», representado por dois dos melhores artistas francezes, especialmente contractados para esse fim...

Nelson Keys, celebre actor de café concerto, capaz de excitar hilaridade nos mais diversos papeis, representa um velho almirante numa praia da moda e, assim, ás gargalhadas sacode toda a platéa. Cae o pano, um instante, reergue-se logo e eis Hermiona, filha de Helena, com Orestes, filho de Agamennou. De uma praia elegante salta-se para o palacio de Pyrrho, no Epiro, alguns tempos depois da guerra de Troia.

Os alexandrinos do grande poeta deviam ter soado extranhamente em tal scenca. Não que se entendessem muito bem as tiradas de Hermiona, pois ella as recitava de costas para o publico. Demais, ella se encontra em terrivel estado de excitação.

Mas essa excitação não é nada perante a de Orestes. Eilo com a physionomia transformada, cabellos em desordem, olhos fóra das orbitas. Quando escuta as furiosas recriminações de Hermiona, quando se lhe annuncia o seu suicidio, tomam-no a loucura e o delirio, a voz se lhe torna sibilante, cada vez mais rugidora e elle transborda em um accesso de colera.

Cae o pano. Segundos depois, Nelson Keys reaparece elegantemente bem posto como um «gentleman» dos tempos modernos. Recomeça a hilaridade.

Que dizer de tão brusca mudança? Como ducha escosséza, impossivel encontrar melhor.

O publico, assegura-se, não se desconcertou em nada. Ainda que para a maioria os versos francezes sejam como se fosse o hebreu, os espectadores tinham o ar de quem se interessava por Orestes, quasi tanto como a Nelson Keys.

E' que as contorsões e os rugidos têm a vantagem de se entenderem perfectamente em todas as linguas. Os espectadores acompanhavam a mimica, o jogo physionomico como se seguissem e mais emocionante dos «films».

## Leconte de Lisle.

... «O senhor Leconte de Lisle me agrada» — escrevia Gustave Flaubert, desde a estreia do autor de «Midi». «Amo as pessoas decididas o entusiastas. Nada se faz de grande sem fanatismo». Que importava, após isso, ao joven mestre, os brutos insultos que se levantaram em torno d'elle? Outra coisa não faziam senão saturar de desdem a profundeza tranquilla de sua indifferença. Alias, desde os seus quarenta annos, as homenagens de seu cenaculo parnasiano deviam dar-lhe occasião de constatar, duma maneira clara, a altura de sua gloria. Já então tinha elle para publicar seus versos e os dos seus companheiros, a «Revue du Parnasse Contemporain». Estava cercado por uma elite de poetas que o admiravam e que elle amava: «A amizade viril, dizia elle, não é outra coisa sinão um amor intellectual; e elle cultivava esse amor como uma planta infinitamente preciosa.

A phalange que se unia ao chefe da escola parnasiana sentia bem que o que lhe faltava então era uma firme disciplina, uma linha de conducta plena e resoluta: «Certo, escrevia Catulle Mendés, historiador do «Parnasse», certo, o sentimento do Bello, o horror ás tolhas sensibilibidades que deshonravam por esse tempo a poesia franceza, nós os tínhamos! Mas era em desordem que nós nos atiravamos a essa campanha e que marchavamos á conquista do nosso ideal... Precisavamos de uma regra imposta do alto e que, deixando-nos a nossa independencia intellectual, fizesse convergir gravemente, dignamente, as nossas forças esparsas para a victoria entrevista. Essa regra, foi de Leconte de Lisle que nós a recebemos».

A realca poetica, exercida pelo mestre do Parnaso sobre tantas gerações de poetas francezes, não se extinguiu ainda, nem se extinguirá.

Com effeito, mesmo no momento em que, ahí por 1890, triumphavam ruidosamente, sob o nome de decadentes e de symbolistas, de primitivistas e de naturalistas, de intensistas e de unanimistas, de harmonistas, de «verso libristas» e de futuristas, uma nuvem de rimadores bolcheviks mais ou menos estrangeiros, todos independentes e cada um prompto a crear a sua prosodia, a fazer a sua metrica, a erigir em dogma «as decisões de seu bestunto» — mesmo nesse momento, os nossos poetas, os mais notoriamente nacionaes, repugnavam e se recusavam a aceitar a doutrina da poetica nova. Verlaine que, mau grada de sua descendencia directa de Villon

e de La Fontaine, ahí se havia enfeudado, não via sem viva inquietude, os excessos de seus condiscipulos. E' que, si consentia em alargar a disciplina do verso, não desejava vella de todo supprimida. Sabia que para que haja verso é preciso que haja rythmo e rima: «No presente, — affirmava elle — fazem-se versos de mil pés: isso não são versos. E' prosa e sobretudo, algumas vezes, não é francez. Chamam-no de versos rhythmicos, mas nós não somos nem Latinos, nem Gregos, nós somos Francezes... A poesia é um teclado, o poeta um artista. Elle pode, deixando a tradicional rotina, quebraudo os velhos moldes, tirar effeitos novos, inventando novos accordes; mas, si elle bats se accaso ou de lado, o rythmo desaparece, o som não mais existe, a imaginação ultrapassa o fim a attingir e nós chafurdamos nos versos de dezete, de dezoito, de vinte e quatro pés...»

O publico francez concordou com Verlaine. A apothéose do «Cyrano» de Edmond Rostand foi, por sua vez, para os anarchistas da poesia, uma primeira advertencia de que iriam ficar sós em Aigues-Mortes, a cidade arelenta, enquanto em redor delles a torrente da vida continuava a rolar as magias da arte viva. Já se tinha visto um Maurice Bonchour, um Henri de Régnier se evadir, a passo cada vez mais rapido, desse preconceito do symbolismo que lhes havia dominado a primeira juventude. Jean Moreas, o mais perfeito coadjutor do symbolismo, foi o que melhor contribuiu para sustar a sua evolução. Se elle fora um dos primeiros a se revoltar contra as tyrannias da poesia parnasiana, se seu «Pélerin passioné» marcára a hora mais brilhante da escola symbolista, foi elle tambem o primeiro a fazer apparecer, no que concerne á lingua, preoccupações que prepararam a evolução proxima. A maneira ruidosa pela qual rompen então contra os symbolistas, provocou contra elle coleras terrivois. Heleno, vindo para o genio francez caminhando ao longo das fontes originaes, Jean Moreas não se incommodou: apartou-se de seus companheiros de luctas, desde que percebeu que eram, enfim, na maioria homens chegados das quatro cantos do horisonte e que pretendiam versificar em francez sem nenhum estudo preliminar e considerando como superioridade escrever — em francez pretendem elles — sem querer ou sem poder se conformar ás exigencias do genio francez.

Pode-se, pois, dizer que, após ter rejeitado as insufficiencias oscaprichos mais ou menos nervosos do decadentismo, o até do symbolismo, nossos poetas os mais puramente francezes se tornaram no presente duma unanime admiração para com o Renovador, cuja morte não suspendeu o culto devido aos semi-deuses que trouxeram a seu paiz a flamma do genio, e cuja gloria faz parte da riqueza nacional.

Assim, é a alta figura de Leconte de Lisle que a esta hora nos apparece levantada ao meio desse templo da Santa Beleza elevada por suas mãos a Apollo delphico, mestre dos rythmos perfectos segundo os quaes foram construidas a Acropole, as trirémes de Salamina, e a Agora, onde falava Demosthenes.

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

**AMADEU AMARAL**

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

**MONTEIRO LOBATO**

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

**LÉO VAZ**

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

**GUSTAVO BARROSO**

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

**A. DE SAMPAIO DORIA**

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

**F. T. DE SOUZA REIS**

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

**WALDEMAR FERREIRA**

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

**AUCTORES DIVERSOS**

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

**NICOLAU ATHANASSOF**

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Joca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

10

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

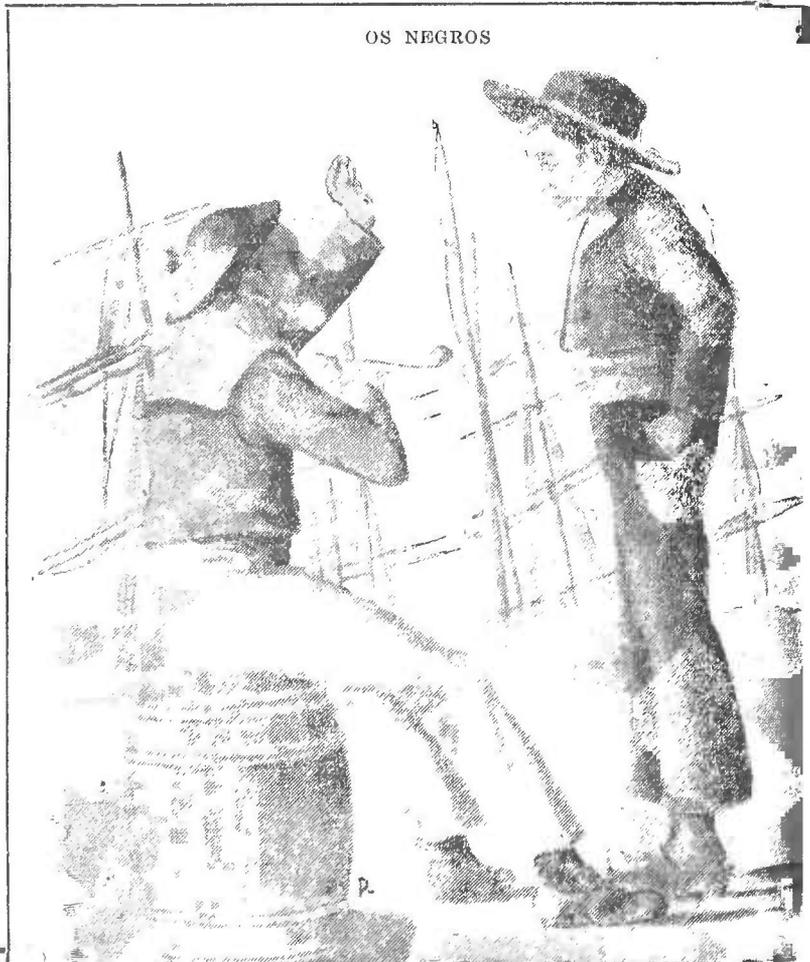
Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a colleccão com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

to

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publica- das obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a colleccão com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num círculo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem desanidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas as menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista. A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população leitora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as seppitadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destaeará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta do pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que taes obras tenham valor o sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes e por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu lugar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

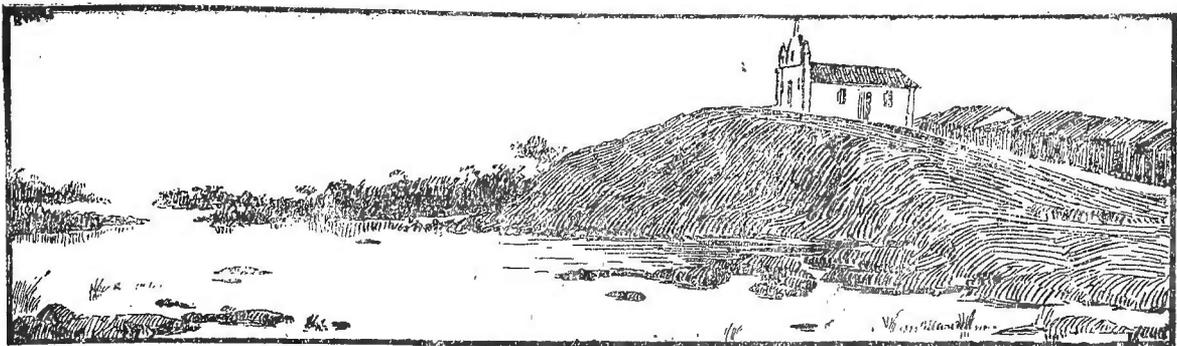
Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO - R. Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal, 1172 - Teleph.: Cidade, 5441 - S. PAULO



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL

São Paulo, 16 de Julho de 1921

NUMERO 12

## SUMMARIO

NA ESCOLA — José Size-  
nando.

CONTO DE FADAS—Raul  
Pompeia.

A CARA DO MEU VISI-  
NHO — Julia Lopes de  
Almeida.

AVINGANÇA DO TEIXEI-  
RINHA — Nicolau Pero.

CHRISTO — Sylvio Floreal.  
TRAPOS DA VIDA — Ma-  
noel Victor.

SUPPLEMENTO — Vida li-  
teraria — Visão geral  
da literatura brasileira -

MONTIPELO LOBATO — A  
aurora de Castro Alves  
RONALD DE CARVALHO

Curiosidades literarias — Li-  
teratura do outro mundo

# N A E S C O L A

Foi na minha propria cidade natal que aprendi as primeiras letras.

O meu professor era um homem intelligente, dos seus quarenta annos de idade, sisudo e respeitavel.

Devo-lhe o não ter ficado analphabeto, porque, a principio eu votava aos livros uma grande aversão, e um professor descuidado, que pouco se interessasse pelos alumnos, jamais teria conseguido que eu fosse além do A B C.

Graças, porém, á paciencia, ao zelo, á dedicacão do mestre e, principalmente, á ferula, que elle manejava a continuo e adextradamente, ao cabo de algum tempo tomei decidido gosto pelo estudo. E ao fim de tres annos de escola era eu o alumno mais distincto e mais adeantado de toda a aula.

Nessa época, lia o «Coração», o adoravel livro de Amicis, estudava grammatica e arithmetica e decorava lições de geographia.

Considerava-me, então, um verdadeiro sabio e esta minha presumpção tanto mais crescia quanto maior era a consideracão que o mestre me dispensava, elogiando-me á vista dos collegas, nomeando-me decorião da escola, o que despertava uma grande inveja aos outros estudantes.

Havia na aula tres classes differentes, em grão de adeantamento: a primeira, de que eu fazia parte compunha-se dos oito rapazes mais adean-

tados e de tres mocinhas, que, quasi sempre, á lição, saiam-se muito bem, chorando copiosamente á primeira difficuldade; a segunda, maior no numero que a primeira, constituída pelos «medios», que liam o «Terceiro livro» de Felisberto de Carvalho; e a terceira, maior que a segunda, composta de todos os principiantes, desde os que começavam a soletrar até os que liam o «Segundo livro», do barão de Macahubas.

O mestre, ás vezes, quando havia accumulo de serviço, mandava-me dar lição á terceira classe e, mais de uma vez fez o mesmo em relação á segunda.

Isso dava-me ares de grande importancia entre os meninos daquellas classes e mesmo entre os collegas da primeira eu gosava de uma certa reputação, como grammatico, mathematico e geographo...

Quando algum tinha qualquer duvida, uma regra de syntaxe pouco clara, um problema de mais difficil soluçãõ era a mim que recorria, na ausencia do professor, e eu me saia sempre bem das arguições.

A hora da lição da primeira classe, todos nós iam nos postar em pé, em frente ao mestre, que se conservava sentado junto á sua mesa de cedro, em cima da qual havia o tinteiro, pennas, livros e a palmatoria, com os seus cinco olhos redondos e fundos, que parecia assobiar quando era levantada no ar para os estudantes.

A lição, primeiro liamos um capitulo do «Coração», depois diziamos de cór o ponto de geographia e, finalmente, analysavamos um trecho de prosa e ouviamos a explicação do professor.

Nessas occasiões o silencio era absoluto na escola.

Todos ou outros estudantes que não eram daquella classe, ficavam mudos, a olhar admirados para os «grandes», invejosos do seu saber e adeantamento...

O mestre mesmo, por mais de uma vez, houvera dito que quem conversasse ou fizesse barulho áquella hora ficaria de castigo.

Um dia, estavam ouvindo a explicação do mestre, muito attentos, quando um pequeno da terceira classe, entrado ha poucos dias para a escola, poz-se a ler alto, lá no fundo da sala, a sua «Cartilha Nacional».

O mestre, activo, perspicaz, intelligente, nada perdia do que se passava em volta.

Com olhar astuto, ouvido attento, parecia ler, ouvir, e observar-nos a todos ao mesmo tempo.

No momento justamente em que terminávamos a analyse logica de um periodo, cujo sujeito, por signal, dera muito que fazer, para ser encontrado, por causa da ordem inversa do proposição, o mestre levantou os olhos do livro que tinha na mão e, voltando-se para a terceira classe, chamou:

— Venha aqui, senhor Octavio.

Toda a sala teve um estremecimento.

Octavio era o menino que lia alto, enquanto o professor explicava á primeira classe, e todos nós pensámos que fosse, por isso, castigado.

Um pequeno louro, olhos azues, cabellos compridos, levantou-se e veio até á mesa do mestre.

Este, austero, sem tirar os olhos da grammatica, disse ao menino:

— Ha pouço, lendo a sua lição, o senhor pronunciou uma palavra que desconheço. Quero que repita a leitura para eu ouvil-a de novo. Vamos, leia a sua lição...

O pequeno, com voz tremula, poz-se a ler e todos nós, suppondo que aquillo fosse a pena, ler alto na nossa frente, em pé, tivemos um sorriso de approvação ao acto do professor...

Num certo ponto, porém, quando o alumno pronunciou uma palavra, o mestre interrompeu-o:

— Como? Repita essa palavra.

O menino repetiu:

— Ximéra...

O mestre voltou-se para a ponta do banco da terceira classe e mandou:

— Senhor Raul, leia essa palavra.

O Raul soletrou e leu:

— Ximéra...

— Adente, disse o professor.

— Ximéra...

— Adeante...

— Ximéra...

— Adeante...

— Ximéra...

O mestre franziu o sobr'olho. Percorreu com o olhar toda a terceira classe a passou á segunda,

— Leia, senhor Jacintho...

O Jacintho tomou a «Cartilha» emprestada por um alumno da terceira classe, o que fizeram todos os seus collegas, e timido, surdamente, murmurou:

— Ximéra...

— Adeante...

— Não é ximéra, não senhor..

— Então, diga como é...

— Ximera...

— Adeante...

— Ximera...

— Adeante...

— Ximéra...

— Adeante.. e percorreu toda a segunda classe... Quando não era ximéra era ximera, quando não era ximera, era ximéra...

O mestre teve um sorriso exquisito, que nós não comprehendemos, e falou pausadamente:

— Nenhum alumno da terceira, nem da segunda classe, soube ler esta palavra, tão facil. Não ha remedio: passemos á primeira...

Todos nós deixámos as grammaticas e tomamos aos pequenos as suas «Cartilha», e pegámos a olhar na tal palavra...

— Senhor Julio, leia...

O Julio era um estudante intelligente, que se collocava sempre na extremidade esquerda da classe, enquanto eu ficava á extrema direita, uma pequena prova da nossa rivalidade que ia até ás pequenitas cousas... Mas, neste instante, tive uma enorme piedade por elle! Estava horriavelmente pallido, visivelmente commovido, seu labio superior tremia e, mais de uma vez, tentou falar, sem o conseguir...

O professor insistiu:

— Senhor Julio, vamos...

O Julio sorriu desenxabido e articulou a custo:

— E' ximéra...

— Adeante...

— Ximera...

— Adeante...

— Ximéra...

E toda a primeira classe, numa afflicção, poz-se a soletrar baixinho :

— C-h-i — xi — m-e — mé — r-a — ra — ximéra...

— Adeante...

— E' ximéra mesmo, senhor professor...

— E'... é, sim, senhores. O que é é uma vergonha. Moços que estudam grammatica, que lêem contos do «Coração», e os interpretam, não sabem ler uma palavra que vem na «Cartilha Nacional»... E' para desanimar. Adeante.

Silencio.

— Adeante, repetiu o mestre.

— Ximéra...

— Adeante...

— Ximéra...

— Adeante.

— Xi...

— Basta, interrompeu o professor.

Aquelle rapaz que apenas pronunciara o «xi...» estava unido a mim! Suei frio e tive como um enebriamento... Só eu faltava... Só a minha opinião não havia ainda sido pedida, nem dada...

Soletrei, li, reli o terrível vocabulo, que parecia já um ponto negro, deante da minha vista caçada, a dansar, a pular, nuns saltos macabros, que me entonteciam... C-h-i — xi — m-e — m-e — r-a — ra — ximéra ou ximera... E não podia sair dahi: ou ximéra ou ximera... Mas o mestre assim não queria. Vi perdida a minha ascendencia sobre os outros: senti periclitár o meu prestigio, ruir a minha fama.

Um suor frio corria-me pela testa; o coração parecia querer fugir-me do peito...

Soletrei ainda... De subito, um clarão estranho illuminou-me a vista... Tive uma idéa, uma lembrança, um deslumbramento... o quer que fosse que me fazia quasi enlouquecer de alegria...

Enxuguei o suor da testa, esfreguei os olhos, respirei forte, sorri victorioso!... Não era ximera, nem ximéra: era... Contive-me.

Li baixinho, medroso que me ouvissem, repeti a leitura e achei tão doce, tão sonoro o vocabulo, que até me pareceu nunca ter ouvido outro de tamanha suavidade...

Calculei o successo que eu ia alcançar!

Estava garantida e agora firmada a minha superioridade sobre todos os estudantes... Na minha opinião, só havia tres maneiras de ler aquella palavra: duas estavam excluidas, e a terceira, a certa, a correctá, só eu, no meio de todos os collegas, sabia qual era!...

Já me impacientava a demora do mestre em perguntar-me: temia que outro estudante ainda antes de mim, dissesse como era e, não podendo dominar-me, fiz signaes significativos ao professor, aos collegas; sorri desvanecido, dei passos para a frente, para traz; tossi, escarrei, limpei a garganta, assoei-me, fortemente, para chamar sobre mim a attenção geral.

O mestre, afinal, voltou-se para a classe e disse, num tom compungido:

— Entre quarenta e tres rapazes, alguns dos quaes eu suppunha adeantados, não houve um que soubesse ler essa palavra, tão facil, que está na livro primeiro... E' contristador! Não é porque eu deixe de ensinar e cuidar dos meus deveres, não é!... Esforço-me, canso-me, mato-me... Mas os senhores ligam mais apreço aos seus brinquedos que á palavra do mestre. Falta um unico alumno para ser interrogado e está claro que a elle não se estende a minha censura. Esse, posso affirmar, vae responder direito. Por que? Porque presta attenção ao que ensino; porque estuda. Por que não fazem os senhores o mesmo?

Tomem sentido no que elle vae dizer e aprendam com elle a ser bons estudantes, para que nunca mais lhes aconteça cousa semelhante a esta...

— Vamos, senhor decorião, ensine a seus collegas como é que se lê e se pronuncia essa palavra!

Atirei um longo olhar em torno: toda a escola, em extase, me contemplava, embevecida!

Nem sei como não morri de orgulho e de satisfação naquelle momento verdadeiramente feliz da minha vida.

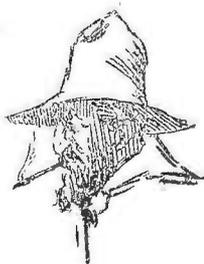
O mestre comprehendem a minha emoção, e, num tom carinhoso e de paternal affecto, repetiu...

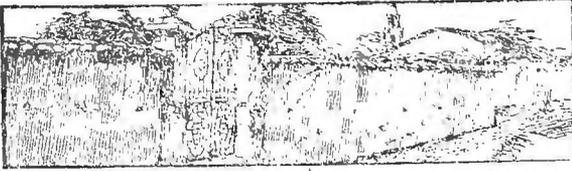
— Leia...

Dividindo bem as syllabas, vagarosamente, alto e com emphase, para que toda gente pudesse bem ouvir, pronuncie com ares de quem doutrina e sabe bem o que diz:

— Ximerá!.

JOSÉ SIZENANDO.





## CONTO DE FADAS

Contrasensos de atavismo. Algumas vezes nascem príncipes das poeiras humildes das ruas. Não da especie dos conspiradores felizes, que fazem da propria nullidade original arma de guerra e lutam e sobem, cobrejando através dos conhecimentos até campear triumphantes sob o dominio dos homens, não : verdadeiros príncipes, que o são ao nascer ; que tem a purpura do manto diluída em globulos de altivo sangue, absolutamente a salvo da embolia mortifera que a impureza do ambiente da sua miseria poderia occasionar ; príncipes nobilissimos, que têm a força do imblematico sceptro vertebrada em espinha dorsal, inflexivel ás humilhações da sorte, e no olhar firme, sem jaça, que lhes clareia a testa, a magestade dos diademas.

Podemos encontral-os, ao dobrar uma esquina, em andrajos, face cavada pela necessidade e pelo suor — lagrimas de fadiga.

Pesa-lhes mais que a ninguem a fatalidade architectonica do edificio social, que obriga a superposição dos andares e a inferioridade do baldrame.

São oriundos d'esta raça os peiores criminosos e os revolucionarios sublimes. Entre estes extremos ha, porém, o meio termo, mais commum, dos obscuros que succumbem, bloqueados na vaidade inflexivel da imaginaria realza.

\* \* \*

«Impossivel ! monologava Aristo. Com os diabos ! E' uma solução arreatada, que não me enthusiasma. Supprimir-me ! E' boa ! e o meu logar no refeitório da vida ? Então não ha um talher para cada um nesta mesa redonda, como não ha, no campo, um figo para cada passaro ? Quem me privou do figo nesta partilha ? Implorar . . . Mas haverá passaros mendigos ? Ha creancinhas que esmolam cantando ; nenhuma outra miseria conheço que cante, não ha lagrimas aladas ; a propria chuva, porque parece pranto, cahe na terra. Não será, pois, a vida como o espaço, e as aspirações como um vôo ? Ah ! mas reflectamos com justeza.

E o que pensarão os figos d'esta vida ? Que opinião a d'elles sobre os passaros e sobre as aspirações ? Tambem, pobresinhos, têm um coração que palpita insensivelmente. Abri um figo ; vereis ouriçada de pontas sangrentas . . . Como não ? os fructos sangram ! Têm todos os direitos da maternidade . . . Não respeitais a maternidade ? . . . inclusive o Santissimo direito da dôr ! Percebo, percebo. Ha homens — figos, ha homens — passaros. Sim ! mas eu, figo ! . . . uma figa ! E' preciso que um degrau se estenda em baixo, para que outro degrau se estenda em cima, e a escada suba ? . . .

Eu trabalhei o ferro. Como me comprehendia o masculo metal, parente da energia inflexivel de meu genio ! Não me valeu a força de operario : faltou-me a habilidade de mendigo. Trabalhei então o panno. Homens do dispendio, mantenedores da industria, não sabeis de que tecido se fazem as ricas vestes. Passaram fibras de coração pelos teares ; tingiram-se os padrões com as côres escuras da miseria. Conheceis os rebanhos humanos encurralados nas fabricas. O carneiro dá a lã. Toda essa lã purissima : sensibilidade, delicadeza, pudor, de que se faz a superioridade moral, se apara ao rebanho humano.

Este precioso estofo : vêdes esta rosa, entre folhas, labiada em petalas esplendidas sobre a trama da tecelagem ? E' a honra de uma operaria, a infamia feita tinturaria. Não quizeram que eu visse o que eu vi, nem prevendo-o sentisse.

Passei a ser compositor. Ia encontrar de frente o pensamento, como encontrára a industria. Maravillhou-me a infinidade de typos nos caixotins, palavras reduzidas a migalhas, ideias pulverisadas ! Criei amôr ao estanho dos typos. O estanho vale mais que o bronze, porque se de bronze se pôde fazer o glorioso escriptor, de estanho se faz o livro. Ao metal do gloriado prefiro o metal da gloria.

Deram-me a compor esta phrase de um poeta : *Philosophia do mar : os menores peixes, devoram-n'os os maiores. Assim os homens...*

E neste dia não compuz mais. E odiei o estanho ; voltei definitivamente ás velhas sympathias pelo ferro.

E Aristo anuciava na palma da mão o ferro de um punhal, com a alma varada pela meditação cruciante, sentindo rasgar-se-lhe aos pés a aberta por onde, mais dia menos dia, nos escapamos todos para a sombra.

-- Aristo, vem commigo ; disse-lhe alguém ao

ouvido, — uma pequena voz de mulher, aurea e musical.

Era uma visão de risos, trajando o vestido ethereo dos sonetos de Petrarca, maneando a haste leve de uma varinha de fadas.

— D'onde vens, desertora gentil dos contos da infancia, graciosa importuna do meu desespero?

— Anda commigo, Aristo. Partamos para a independencia feliz.

Céu vasto, de transparencia inexprimivel. As alvas nuvens, por uma superfluidade de aceio, iam, como esponjas, esfregando, uma a uma, as saphiras limpas do céu. Cobria-se a terra de pedraria, poeira scintillante de gemmas; erguíam-se taludes de facetado crystal. Estranha vegetação brotava. Perfeita floresta de ouriversaria. Troncos de ouro lavrado e folhagem soldada a fogo. Atravez dos ramos reluzentes, a viração ia e vinha, fria do contacto metalico da selva, sem que o mais debil galho tremesse, sem que a minima flôr vacillasse no hastil. A's vezes, a um sopro mais forte, soltava-se um ramusculo com um estalido secco de agulha partida; ou uma flôr desarmava-se, e as petalas cahiam, produzindo o barulho de moedinhas pelo chão. Nenhum outro rumor, nem um perfume, nem uma vida, em toda a paizagem, immovel e rutilante.

Desapparecera a fada com o rosto em risos e o vestido celeste, que descansavam a vista da crueza das scintillações.

Brilhava no ar, terrivelmente, a claridade verde dos reflexos combinados das saphiras do céu e do ouro da floresta.

Horas passadas, Aristo teve fome; exacerbou-lhe a séde a secura caustica do ambiente. Descobriu pomos no arvoredado, inchados de maturidade, e gottas de orvalho no calice das flôres. Mas, quando quiz trincar pomos, quebraram-se-lhe os dentes contra a rija resistencia da casca dourada, e bebendo orvalho, purissimos diamantes, aliás, foram-lhe as arestas da pedra, ensanguentando o esophago.

\* \* \*

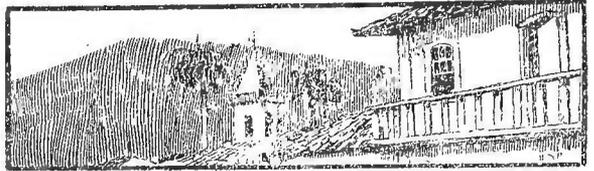
— Maldição! maldição! Que me trouxeram ao inferno da pureza e da inflexibilidade!

A fada apparecendo:

— Eu sou, pobre Aristo, a fada Ironia. Guieite á patria inexoravel do teu orgulho.

Rio — 1887.

RAUL POMPEIA



## A CARA DO MEU VISINHO

Fui hoje informado pelo meu criado Evaristo de que os ladrões entraram na casa do meu vizinho Nuno e lhe tiraram das gavetas todas as suas joias e todo o seu dinheiro.

Embora eu considere muito o meu vizinho e estime a sua prosperidade, essa noticia em nada prejudicou o sabor da vitella que eu mastigava a preceito. Em todo caso, fui perguntando:

— Então como foi isso?

— Os ladrões saltaram o portão do jardim, arrombaram a veneziana do quarto de banho e passaram dahi para a salinha de «toilette», a qual tem duas portas, uma para a alcova do sr. Nuno e outra para o escriptorio, onde esvaziaram os moveis principaes.

— E o Nuno?

— O sr. Nuno dormia.

— E os criados?

— Esses ficam fóra, no «chalet» do quintal!...

— E o guarda nocturno?

O Evaristo levantou os hombros e esboçou um desses sorrisos significativos, de cuja finura eu nunca suppuz que elle pudesse ter o segredo.

— E o cão?

— O cão, como late sempre, já ninguem faz caso do seu ladrido. Eu bem o ouvi pela volta das tres horas, mas suppuz que fosse para quem passava na rua.

— E vá a gente fiar-se em cães...

— Nem nelles, meu senhor, nem nelles!

— Naturalmente, deixaram o portão aberto e a tal janella mal fechada...

— Talvez. O sr. Nuno recolhe-se tarde e o pessoal que tem na casa é fraco e distrahido.

— Veja lá si nos vai acontecer e mesmo!

— Oh, não ha perigo. Enquanto eu estiver a seu serviço, aqui ninguem entra, a não ser pela porta e com licença.

E baixando a voz, a um tom confidencial: — aquillo foi gente que sabe os cantos da casa e onde se guarda o dinheiro. O cozinheiro do sr.

Nuno joga ainda mais do que uma canôa em alto mar...

Puz termo á tagarelice do criado, engoliando-me na leitura do jornal, onde encontrei um rasgado elogio ao novo chefe de policia, cuja administração energica e bem orientada já se fazia sentir por toda a cidade.

Ainda na vespera, ao recolher-me á noite do meu club, eu topára com varios homens estirados pela linha do cães, uns de encontro aos outros, dormindo nas pedras sem outra coberta que a do delgado nevoeiro que me humedecia a mim a lâ do sobretudo...

Talvez que a boa orientação do novo chefe de policia se fizesse sentir no nevoeiro!

Passou-me tambem pela memoria o risco em que eu estivera, horas antes, de ser esmagado por um automovel, que descia como um raio a Avenida de Ligação, quando eu a percerria como um simples mortal, que era a peor qualidade que eu podia ter no momento! E' verdade que o guarda civil da esquina me ajudou a erguer do trambolhão e sacudiu-me o pó das calças. Essas é que podem servir de testemunhas da energia que se faz sentir por toda a cidade...

Sou dos que avaliam a civilização de uma terra pela sua boa ordem policial. A minha não primou nunca por essa qualidade e mais do que nenhuma outra carece de quem lh'a imponha com o tal guante de ferro de que ainda falam os periodicos, em cuja prosa está todo o alimento mental da nossa época. A nossa epiderme fina gosta de caricias, mas nem sempre estas produzem o effeito benefico de certas massagens scientificas dadas nos pontos fracos de organismo. Que venha de verdade a mão corajosa desse lisonjeado reformador de costumes dar um pouco de elegancia e de cortezia ás nossas desmazeladas camadas populares e tranquillidade aos burguezes honestos, em cujo rôl estou eu!

\* \* \*

Quando sahi para a ruá, a primeira pessoa que eu vi logo ao pé do meu gradil foi o Nuno.

Não sei si por defeito da minha visão, ou por que effectivamente se tivesse dado um phenomeno exquisito, achei-lhe a cara muito mais comprida, como a querer virar-se do avesso para patentearem-me as suas decepções.

— Então já sabe?! perguntou-me elle pressurosamente.

— Sim. Disse-me o meu criado Evaristo que o senhor foi roubado...

— E' exacto.

— Mas como diabo puderam os ladrões entrar no seu quarto, sem que os sentisse?

— Isso é que eu não sei explicar. Narcotizaram-me...

— Achou-se mal ao acordar?

— Ao principio não. Levantei-me até bem disposto; mas quando percebi tudo, fiquei atordado!

— E' natural.

— Acredite que é uma impressão horrivel, esta de um homem saber que esteve á mercê de bandidos, que ao menor de seus movimentos o poderiam matar, sem que elle tivesse tempo de dar um grito síquer!

E ainda por cima disto e do prejuizo, o ridiculo; porque ninguem pôde negar que a situação de um homem roubado seja ridicula!

— Os ladrões naturalmente ficaram dentro de casa...

— E' possivel... talvez em baixo da cama!

— Quem sabe..

A esta hypothese, a cara do Nuno pareceu ainda alongar-se mais e mais se tornou macilenta.

— Mas ouvi falar em arrombamento de venezianas...

Nuno não respondeu e continuou:

— Pois eu sou um homem corajoso e durmo sempre com um revolver á cabeceira.

E, depois de uma pequena hesitação: — pois até mesmo esse revolver os demonios me levariam...

— Que audacia...

— Já dei queixa á policia apesar de que não espero que ella me faça voltar para casa nem as minhas joias nem o meu dinheiro. Nada menos de quatro contos...

— Porque não ha de ter esperanza? Nós agora temos um magnifico chefe de policia, homem de grande energia e muito character.

As cousas começam a ser tomadas a sério no nosso paiz, meu caro, e o senhor verá como o seu caso se liquida em poucos dias...

— Cantigas, meu amigo!

— Verdades... e adeuzinho. Desejo-lhe bom exito nas suas pesquisas.

Separei-me do Nuno, levando na mente a impressão extravagante de que o seu rosto tinha crescido alguns centimetros de um dia para o outro. E tanto isso me fez especie, que encontrando por acaso um physiologista meu amigo,

perguntei-lhe si a acção dos narcoticos usados pelos ladrões nocturnos exerce modificações visiveis nos rostos das suas victimas.

Apesar de muito intelligente, o physiologista não me entendeu á primeira abordagem. Tive de narrar-lhe o factó, ao que elle retrucou que não acreditasse eu em narcoticos ministrados a gente sã por bandidos na propria hora do assalto.

O cheiro violento dos anestheticos acordaria qualquer mortal que dormisse, antes de o adormecer artificialmente!

O meu vizinho não acordára, só porque tinha o somno pesado, tanto quanto os ladrões deviam ter sido cautelosos.

E a respeito do crescimento do seu rosto, disso não sabia dar explicação...

Era a primeira vez que este meu amigo tinha a coragem de manifestar a sua incompetencia para qualquer cousa, o que me tornou ainda mais curioso pelo que tinha succedido ao meu vizinho Nuno.

Quando cheguei a casa, disse-me o Evaristo que esse senhor mandára pôr trancas em todas as portas e janellas, campainhas de alarme até no telhado e fios electrizados no gradil do jardim... Tinha havido todo o dia grande azafama no chalet do lado — só a policia lá não puzera os pés.

— Tambem para que?! perguntei eu serenamente. Os ladrões já lá não estão...

Evaristo sorriu, subtilmente, superiormente, como um verdadeiro Sherlock Holmes de avental.

Percebi. Elle ainda continuava a desconfiar do pobre cozinheiro do Nuno.

\* \* \*

Depois de ter jogado e ganhado no meu club e de ter passado a horas mortas pelos mesmos homens que dormiam encolhidos e tiritantes sobre os lagedos do cães, entrei no meu quarto com muito tédio e algum somno.

A extravagante singularidade que reproduz na memoria já quasi inconsciente de quem adormece a figura do que mais nos occupou ou mais nos impressionou durante a vigilia fez com que já no limiar do sonho eu visse a cara pallida e longa do meu vizinho destacada no escuro como uma mascara.

E adormeci.

Talvez dormisse ainda si a voz retumbante do Evaristo não me tivesse despertado ás seis horas da madrugada com palavras que me sobresaltaram:

— Patrão, patrão, estamos roubados!

— Hein?

Elle repetiu a phrase, debruçando-se sobre o meu espanto. Pulei da cama e ao procurar a minha luneta sobre a mesa da cabeceira verifiquei que os ladrões a tinham levado. Um calafrio percorreu-me a espinha, á certeza de que os patifes tinham roçado pelos meus lençóes...

— Foi tal como na casa do sr. Nuno dizia o Evaristo muito enfiado: pularam a grade do jardim; arrombaram a veneziana da saleta, e esvaizaram as gavetas da secretária...

— E você que ainda hontem me dizia não haver perigo! bradei, furioso, voltando-me para o meu criado, cujo queixo se tinha repentinamente alongado como o do Nuno!

— Felizmente, elles não puderam abrir o cofre... murmurou elle como a desculpar-se, sem saber que o cofre estava vazio...

Vesti-me á pressa com um terno velho, porque os novos já deviam andar por longe, e sahi a queixar-me á policia, na ingenua candura de que ella ainda me pudesse acudir.

A dois passos de casa esbarrei com o meu vizinho, que, já informado de tudo, corria a pôr-se ao meu dispôr. Não pude deixar de olhar para elle com surpresa, tão differente o vi do que o vira no dia antecedente. O rosto estava sério como convém a quem lamenta um conhecido, de um accidente desagradavel; mas tinha voltado ás suas naturaes dimensões de lua cheia.

Pareceu-me perceber mesmo um certo contentamento através das suas pupillas pesarosas, e então, empurrando disfarçadamente o meu queixo para cima, disse-lhe rindo;

«Meu caro vizinho, fiz-me roubar para lhe ser agradavel, porque sei bem que não ha nada a que a gente menos se resigne do que a estar isolado na desgraça...».

JULIA LOPES DE ALMEIDA.





## A VINGANÇA DO TEIXEIRINHA

Tapioca era uma pequena povoação, contando, bem apuradas, umas trinta casas, inclusive as taperas.

Districto grande, mas em sua maioria composto de terras safaras e estragadas, nada promettia a este paiz «essencialmente agricola».

Viviam os seus habitantes do plantio annual da mandioca, já porque as terras não dessem de si outra coisa, já porque eram elles indolentes, preguiçosos, incapazes de uma resolução, de um acto de energia.

E como a industria do logar fosse a fabricação da farinha de mandioca, empregada no feitio do bolo de que todos se fartavam a valer, d'ahi o nome, Tapioca, embora alguém já por duas vezes aventasse a idéa de mudarem-no para o de Sampaipolis, em homenagem ao nome de seu illustre chefe...

Todas as tardes as pessoas da élite se reuniam em frente á botica do Mendonça, e ali versavam os assumptos transcendentaes e momentosos: a falta de trigo no mercado e a alta, em vista disso, da farinha de mandioca, para regalo do futuro districto: a guerra com a Allemanhá, a conferencia da paz...

Faziam parte da roda: o coronel Sampaio, chefe politico do novel districto, Teixeirainha, o mestre-escola, o padre Feitosa, vigario da parochia, e o dono da casa, o boticario Mendonça.

O coronel chefe era homem entendido, segundo se dizia, nas altas coisas da nossa politica; Mendonça era o feliz auctor de um preparado, ainda em experiencias, que curava tudo, e dizia cobras e lagartos das escolas de pharmacia «que proliferam em nosso meio como os cogumelos, formando verdadeiras nullidades que impam, solenes, sciencia e quejandas, mas que não sabem fazer uma pilula»...

O padre Feitosa era homem prudente e calmo; parco no falar, parecia ter especiaes cuidados com a economia do seu aparelho vocal, e limitava-se a sorrir, maliciosamente. Teixeirainha, ao revez, dava

trella á lingua: palrador incansavel, vivia a contar anedotas em todas as rodas em que se achasse; e como colleccionador paciente, que era, conseguira reter na memoria um rosario interminavel dellas, — algumas picantes, de sal grosso, — sem contar que ás vezes recorria á segunda edição, correcta e consideravelmente augmentada.

Além disso, Teixeirainha era o orador forçado e indispensavel de todas as festas de Tapioca, e correspondente do «Correio», semanario que se publicava na séde do municipio, ao qual enviava, com grande satisfação de todos, o movimento social do districto. Por esse motivo, não havia chorincas recém-nascido que fosse levado á pia baptismal, que a mãe não corresse, pressurosamente, a levar ao mestre-escola, para ser registrada em letras de fôrma, a noticia de tão auspicioso acontecimento.

Das suas peregrinações diarias pelo dictionario, Teixeirainha annotava algum termo que não fosse conhecido do vulgo, e, depois de o gravar bem na memoria, antegozando o effeito que ia produzir, atirava-o, com pasmosa prodigalidade, á circulação.

Mas, quem sorria sempre, com o seu eterno sorriso malicioso, que deixava Teixeirainha numa descocha, era o padre Feitosa. O mestre-escola, porém, não se dava por vencido, e reincidia: para elle o vigario era um tolo, que tinha até medo de falar...

Uma tarde em que o assumpto cahira sobre a conferencia da Paz, a Liga das Nações, o presidente Wilson e outras mil coisas, o coronel Sampaio, como homem entendido nas coisas da alta politica, — enquanto o padre sorria e Mendonça pensava no seu preparado, — dissertou longamente sobre a nossa posição na politica internacional, cooperando pela derrota da barbaria...

Teixeirainha, porém, que, como homem lido, era pela cultura, discordou, criticando a imperdoavel leviandade do paiz em se pôr ao lado da França, e rematou pausadamente, carregando no adjectivo encontrado na vespera e que ia empregar pela primeira vez:

— Falem os zoilos, mas a Allemanha ainda não está derrotada; ha de levantar-se, em breve, para a conquista do mundo! Digam o que quizerem, meus amigos, mas a Allemanha ainda é uma «ingente» nação...

E' que Teixeirainha, nas suas rebuscações da vespera, encontrara, no dictionario, «ingente» como synonymo de «grande».

Se os demais lhe não penetraram o significado

e ficaram boquiabertos, o vigário não pôde mais conter-se, e, ao envez de se limitar a sorrir, como fazia sempre, rompeu numa gargalhada sacolejante. E, como o riso é contagioso, os outros, sem saber ao certo porque, desmandibularam-se também a fartar...

Teixeirinha, cahido num serio, entrou-se de duvidas sobre o termo empregado, mas, ao cabo, considerando bem que elle lá estava, no dictionario, para quem o desejasse vêr, e que a sua memoria nunca o trahira, attribuiu a explosão do vigário á inveja, que o mordia, por ouvir alguem falar com tal pureza de linguagem.

Jurou de si para dentro que havia de se vingar; engatilhou o seu odio e esperou a occasião asada para desandar o tiro no pobre do vigário...

\* \* \*

E a occasião não se fez esperar.

No primeiro domingo, após a missa, o padre levava ao conhecimento dos seus parochianos que acabava de receber uma carta do secretario do bispado communicando-lhe que o sr. Bispo, que se achava em visita pastoral, resolvera chegar até Tapioca. Chamou a postos os seus parochianos, recommendando-lhes que envidassem todos os esforços possiveis para preparar a sua exa. revima. uma digna recepção, como merecia, maximé attendendo-se a que era a primeira vez que Tapioca ia ter tão subida honra.

A noticia, num abrir e fechar de olhos, alastrou-se por toda parte, repetida de bocca em bocca. Teixeira exultou de contentamento, esfregando as mãos...

D'ahi a uma semana, o povo todo de Tapioca, tendo á frente as suas mais altas auctoridades, ia á entrada da povoação receber o sr. Bispo e sua comitiva, não faltando, para realço da festa, o comparecimento de uma banda musical, vinda expressamente para tal fim, da séde do municipio.

A's tantas, assoinou na volta do caminho a comitiva, e os foguetes estrugiram no ar, com o bimbalar alegre dos sinos.

Depois das apresentações da pragmatica, a comitiva, acompanhada pela multidão, que, radiante, dava «vivas» ao illustre prelado e á religião, dirigiu-se immediatamente para a igreja, ao som da charanga, que atacara um «dobrado», com os seus respectivos pratos e bombo.

O padre Feitosa floria no rosto toda a alegria que lhe ia no interior: Tapioca, a exemplar Tapioca dera uma bella nota de si!

Ao chegarem, porém, em frente á igreja, o coronel Sampaio mandou fazer alto: cessou a mu-

sica, e, pasmados, viram todos que no coreto, lindamente embandeirado, estavam Iáyá e Melica, duas intelligentes alumnas de Teixeira, vestidas de branco e de fita azul nos cabellos e com um papel na mão. A cadeira que lá estava, indicava que ia haver falação.

O vigário não pôde encobrir uns resaios de despeito e contrariedade: não sabia daquillo, não estava no programma. Teixeira, porém, trabalhara na sombra, e para não apparecer, incumbiu o coronel Sampaio de dar as tintas...

Iáyá, que era a mais espevitada, trepou logo á cadeira, e leu, muito alto, o seu discurso, satirizando, com uma adjectivação estonteante, a mais alta auctoridade ecclesiastica da diocese. E palmas fragorosas resoaram ali após o entusiastico discurso da menina. A banda, como é do estylo, se fez ouvir em seguida, os sinos bendelengaram de novo e os foguetes de tres bombas subiram pelo ares.

Depois, Melica subiu á cadeira, e, mais acanhada, com voz sumiça, começou a recitar o seu discurso, emquanto Iáyá lhe ficava ali, ao lado.

Não tinha, porém, a menina chegado ao fim da primeira tira do papel, quando Iáyá, pasmada exclamou muito alto:

— Gente! esse discurso é o meu!.. Melica perturba-se, vira-se para o lado e revida com ares de choro:

— Seu, não senhora, *sua* lambida!

— Lambida é ella, ouviu?

— Eu, não senhora! — replicou Melica, e quiz continuar, mas Iáyá teimava, batendo com u'a mão fechada na outra:

— E' o meu, é o meu, é o meu 'ta' hi!

Murmurio, desaponto, hilaridade.

E' que Teixeira, o maroto, escrevera o mesmo discurso para as duas meninas, e recommendara-lhes que guardassem o mais absoluto segredo, — para causar uma grande surpresa, dissera elle. O sr. Bispo sorriu-se, mas o padre Feitosa, que comprehendera tudo, perturbou-se da cabeça aos pés; e, antes que a tempestade desencadeasse, livido como a morte, nervoso, com um signal imperativo, deu ordem á banda para tocar, e ao sacristão, para puxar com força o badalo.

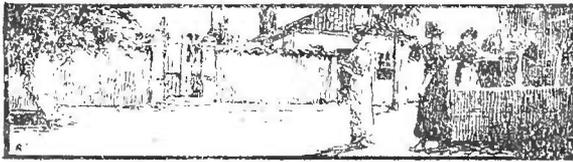
E a ordem foi executada: a banda tocou, es-poucaram os foguetes no ar e os sinos repicaram ensurdecedoramente, emquanto o prestito se movia para entrar na igreja.

E Teixeira, de longe, a rir, a rir a bandeiras despregadas, da peça que pregára ao padre. . .

Desse dia em deante, o vigario não se riu mais dos adjectivos de Teixeira, que usou e abusou delles a seu bel prazer, convencido de que o pã-dre não o molestaria mais com o seu sorriso zombeteiro.

Não deixou, no entretanto, de chegar aos seus ouvidos — as más linguas nunca faltam! — que o vigario, com o seu eterno sorriso malicioso, carregando no adjectivo, dizia a todos, que o ouviam boquiabertos, que elle, Teixeira, era, na verdade, — um «ingente» homem...

NICOLAU PERO



## CHRISTO

Luiz era filho de paes anonymos, filho da multidão, filho de ninguem!

Marieta, sua mãe, concebera-o por descuido, uma noite de aventura e galanteria, quando tinha approximadamente uns 20 annos.

Na idade em que todas as mocinhas flirtam e namoram innocentemente, ella, sosinha na vida, já tinha uma noção acabada da ferocidade dos homens, com todo o complemento das suas animalidades, manifestadas sob todos os vicios: e conhecia tambem o cynismo dos proxinetas e das inculcadeiras das casas de tolerancia.

Luiz entrou na vida a golpes de "forceps", graças á pericia de um gynecologista.

\*\*\*

Impossibilitada por diversos motivos, de seguir essa mesma vida que seguiu Maria Magdalena, antes de conhecer o Rabi, concentrou toda a sua attenção sobre o seu filho e procurou trabalho. Desnorteada na rotunda da vida e asediada por todas as difficuldades, ia á busca de occupaões, mas o seu aspecto de ex-rameira pouco a recommendava, embora ella appellasse por todos os disfarces possiveis. Atravez da sua modestia, analysando-a bem, gritava sempre a mulher que desdenhára a boa conducta: faltava-lhe o habito da honestidade.

Mas, á custa de bater em todas as portas, que se lhe fechavam, como a querer condemnal-a á

fome, abriu-se-lhe um dia a duma fabrica de tecidos, onde havia trabalhado quando menina.

Alugou um pequeno quarto no Belemzinho e durante o dia, o seu filho ficava em casa, entregue aos cuidados de uma velha napolitana, doente e hemiplegica, que fôra penteadeira, quando forte e menos usada pelo tempo e manuseada pelos homens, de Marieta e outras rascões, desabaladas que escondiam o nome de familia sob o manto de Zazás, Fifis e Frufús!

Luiz crescia á solta, por entre uma alluvião de outros guryrs peraltas e safadinhos. Era agil, arguto, vivo, como são todas essas crianças que vivem em liberdade, entregues aos seus proprios instinctos, nos meios populosos em que a ladinice e a malicia se respiram no ar...

Ausente do carinho materno, desabrochava robusto como um broto germinado no flanco de uma arvore plethorica de seiva. Confirmava-se nelle a sentença popular: filho de ninguem traz os germens de todas as qualidades!

Bem perto de onde morava, havia uma bella casa, de aspecto feliz, residencia de uma familia abastada, possuidora de muitos filhos.

Todos os dias, ali pelas 6 horas da tarde, o pae entrava, e ao chegar ao portão do jardim, era recebido pelos filhos que lhe saltavam ao redor, alegres e satisfeitos, chamando-o ternamente de papae: e Luiz assistia a este spectaculo de ternura e não sabia explicar porque é que todos os meninos tinham pae e elle não tinha! Começava a surgir no fundo de sua infantilidade, o primeiro vislumbre da razão. E ficava triste, com vontade de chorar...

A mãe, sempre mourejando na fabrica, parecia ter tomado a vida a sério, e trabalhava sem treguas, como se quizesse refazer e limpar, com um presente de sacrificios e extenuaões, todo um passado de ignominias e ociosidades. Assim que pilhava um tempinho fóra da fabrica, costurava vestidinhos do seu filho e dos filhos de outras mulheres suas visinhas e companheiras de serviço.

Approximavam-se as festas do Natal, e ella toda entregue á confecção de umas calcinhas para o seu pequeno, feitas dum vestido seu, que conservava no fundo da mala, de optima casemira, vestigios ainda da sua loucura.

Costurava e quando a roupa que cosia lhe evocava o passado, se levantava lentamente e ia beijar a cabeça de seu filho adormecido. Uma noite, faltando poucos dias para o Natal, o pequeno accorda sobresaltado e chorando, chama pela mãe e depois pelo pae instinctivamente. A mãe afflicta não sabia como consolar o filho. E acaricia-o ternamente: — papae? sim, elle vem... Dorme, meu filho, elle está viajando. Na noite de Natal virá com sapatinho branco cheio de doces. Dorme, meu coração! Dorme!...

Luiz adormece novamente. Ella, para espairecer um pouco, abre a janella que dava para um quintalorio cheio de latas e roupas estendidas no coradouro. Olhava para todos os lados; tudo em silencio.

Levantou a cabeça para o ceu e com os olhos humedecidos contemplava a lua solitaria que espalhava um brilho monotonico e suave, como se fosse o olho de "alguem" que estivesse espiando lá do alto esta dolorosa scena...

\* \* \*

No dia seguinte, o menino, quando brincava com os outros, ouvia de espaço a espaço contar que na noite de Natal nascia o Menino-Deus, e que por isso iam com papae e mamãe á missa do gallo ver o presepe.

Luiz, filho espurio, era a personificação desse phenomeno inexplicavel que põe os physiologistas que nutrem velleidades de nobreza e desmentem que ha no fundo genesico da plebe qualidades geniaes, em constante alarme.

Producto dessa força que plasma, no seio do anonymato, os typos excepcionaes e de eleição, o pequeno tinha todos os sentidos, para comprehender a vida, mais abertos e evoluidos que os outros de sua idade.

Além de não ter pae, arrastava a fatalidade da precocidade! E a idéa de ver o seu pae crescia em seu cerebro tenro com toda a força de sua innocencia, aggravada tenazmente, pela potencia maldita de ser um menino precoce!

\* \* \*

25 de dezembro. Ceu loucamente estrellado. Meia noite... Natal! Os sinos batem nas torres de todas as igrejas. Belemzinho em peso se movimenta para ir assistir á missa do gallo. Ha ruidos de malas que se abrem para tirar frescas camisas o vestidos engommados de mulher. Balburdia em todas as esquinas, onde magotes de

espadaídos rapagões, filhos de italianos quasi todos, estacionam para ver passar as Rosinhas, as Conchetas e as Pimpinellas que vão á igreja. Flirt não ha! A plebe não perde tempo com cousas innocentes e inuteis.

Grupos dispersos namoram muito agarradinhos, nessa distancia fatal em que os labios dizem palavras que são projectis atirados ao coração.

O babaréo cresce na proporção directa em que as ruas vão enchendo de povo. Luiz, que a essa hora dormia, accorda, e como a sua mãe lhe havia promettido que o seu pae viria na noite de Natal, interroga-a: — Mamãe, não estamos na noite de Natal?

— Sim, meu filho, daqui a pouco nasce o Menino-Jesus!

— E papae, porque é que não veiu?

— Papae ainda não chegou da viagem. Socega, qualquer dia elle apparece.

— E' muito longe lá onde foi papae?

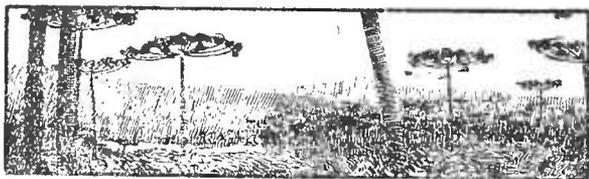
Enquanto Luiz pasava por um curto silencio a mãe procurou um pequeno retrato que tinha guardado, encaixilhado numa moldura ordinaria, esfrolada e pintalgada de manchas cinzentas. E levando-o aos labios da criança, diz fervorosamente: — beija-o, meu filho, é o retrato de seu pae!

Luiz afaga-o ternamente contra o peito e apoia a cabeça contra o travesseiro, balbuciando: — papae... papae... papae... e adormece religiosamente com o retrato de Christo sobre o peito.

A mãe soluça de joelhos aos pés da cama, murmurando: — Christo! pae de todas as crianças que não têm pae... sê na noite de Natal o pae de meu filho...

SYLVIO FLOREAL





## TRAPOS DA VIDA

(CONTO PHANTASTICO)

Era alta e esgrouviada como um canhão que, desageitado e reincidente, luctasse contra o vendaval do brejo, mantendo a sua linha. Tinha nos olhos duas fogueiras, duas lanternoas rebrihantes, que eram o unico adorno do corpo de miseria. No craneo, uma confusão immunda de cabellos brancos; sobre o ventre, sobre o dorso, umas falripas de trapos; nos pés, a carne nua.

A casa em que se acoitara, á maneira de bruxa que repelle pelo aspecto e pela attitude ascosa das maneiras, firmava no seu contorno exotico uma ruina de paredes, sustendo, numa heroicidade, o tecto que era a vida, os poucos madeirames que eram o balsamo da sombra contra a comburencia escaldante de um sol a pino.

Pleno Ceará. Modorra e mormação. Deserto tudo, na apparencia visivel de uma calamidade. Os ultimos habitantes da villa desertaram ha horas. Ninguem, nem um sussurro mais de voz humana. Fora-se com a ultima madrugada o ultimo gemido de faminto. Mornidão apathica engulindo actividades na ancia de crestar e de sorver.

E, naquelle abrigo, exposta á surpresa e á tortura de uma solidão avara, deixaram-na, por velha e gasta, com trez creanças que a mãe, na loucura da retirada, esquecera ou abandonara.

Sahiu, um momento, á soleira, tropega, sedenta, estirando o olhar ao léo, na ancia de implorar a gotta d'agua que continuasse a vida.

Dentro do casebre, os trez pequenos infelizes, no desespero que precede aos supremos estertores, unisonos num berreiro, choravam em convulsão.

Fóra, o sol se divertia. Arvores espaçavam, despidos, os galhos nus, os troncos hirtos. De quando em quando um grito de abutre seguia o espiralar de um vulto no espaço amplo. E a carniça humana alava-se em parcelas pelos bicos recurvos dos rapaces. No solo, como reticencias de ironia sobre a vida exuberante da terra que rachava de calor, desdobravam-se nas posições derreadeiras da tortura que os aniquilára — espectros da morte — esqueletos e esqueletos. Aqui, craneos recortados ainda das pellancas da carne espi-

caçada; acolá, em attitudes macabras, recurvos e entrelaçados, verticalmente afundados pela areia movediça, uma infinidade de ossos que foram braços resolutos, carcassas expostas á braza do sol, estruturas que tiveram vida na engrenagem gasta dos tendões apodrecidos.

A velha, na angustia de uma solidude que a collocava, unica, com trez creanças, dentro de uma natureza ingrata, agonizava no soffrimento atroz da indecisão. Não concebia o que fazer. A sêde corroia-lhe a garganta e para enganar a fome chupava a immundicie dos cabellos que o desalinho atufava em sua bocca. Faniinta, mais que os infelizes entes que eram o contrapeso da sua dôr, sahii á cata de um naco, um feliz encontro que lhe suavisasse a angustia. Vagou, vagou, triturando ao acaso, nos cacos da dentadura, pedrouços de terra que apanhava de quando em quando. A fome dava-lhe uma ancia de mastigar, que não continha. E batia os maxillares, lugubrememente.

O sol fazia já o termino da sua curvatura pelo espaço azul-roxo de um fim de tarde, quando chegou ao casebre. Nada encontrára. Á visão continuada das ossadas do caminho, tinha a impressão de sentir a morte agora, a bater a surdina da sua plaugencia funebre no seu peito. Tropeçava. A custo arrastou-se até os pequenos. Ouviu-lhes o choro abafado.

Quando entrou, de sob a caricia do tecto de sombra, e, acorada como uma hyena, procurou tactear, suas mãos descarnadas encontraram um corpo morto. Um delles estava frio e hirto. Os outros dois na ancia de continuar o choro, estertoravam.

A conjuncção da desgraça não lhe arrancou um soluço. Quiz clamar, quiz enlouquecer em gargalhadas, mas, como um maior castigo, a razão lhe ficava lucida, clara, para a percepção integral do soffrimento.

A noite chegára. Um somno passageiro envolveu as cousas todas e os quatro corpos.

Na manhã seguinte, ao despontar de novo a flammivoma fulgencia do sol de braza, sob a alegria horrivel da luz, havia mais um corpo frio. Era a fome que trabalhava em gradações. Pouco a pouco, a morte estendia mais, abarcava mais o seu dominio.

Semi-louca, como quem decide uma resolução que não retrograda, quiz fugir, furtar-se aquelle horror, mas faltaram-lhe as forças. Ha cinco dias que comera o ultimo resto na visinhança e ha uma dezena que os habitantes se alimentavam

dos cães e gatos do povoado. E, agora, nem mesmo um gesto de vigor, que lhe ajudasse a vencer a lethargia do seu corpo moribundo. De-finhava.

Ao seu lado, o ultimo vivente ganhava um fio de soluço. Morria tambem. E qualquer cousa gritava-lhe n'alma que o não deixasse morrer. Não era possivel, não devêra desaparecer na garra da fome, como ou outros. Urgia uma victoria ao menos, sobre a morte assoladora. Um pedaço de carne, qualquer cousa solida que lhe illudisse o estomago minusculo.

De repente, resolveu. Os dois outros corpinhos eram carne morta, de vez. Era horrivel, era, mas devia aproveitá-los. Atirou-se, decepoulhes com os dentes nacos brancos que a condição cadaverica enrijára, e, triturando-os quanto podia, deu-os a mastigar ao pequenino. Era a morte dando vida á vida!

E a creança resistia ainda, saciando-se, innocente antropóphago, desse modo incrível.

A infeliz provocadora dessas scenas extinguiu com o seu proprio appetite os ultimos restos.

Foram-se mais dois dias, e, no terceiro, aquella iguaria lhes faltou tambem. Medrosa, então, de se finir ali antes de uma salvação possivel, a ancia acertou solucionar a desgraça. Ergueu o corpo magro, tomou o pequeno, pô-o entre o élo

osseo dos horriveis braços despido onde a pelle se engelhava, e fugiu. Fugiu dali sem destino, andando quanto podia, quanto lhe dava ainda a vida, desafiando o folego que lhe faltava a espaços. Então parava. E assim, mais um dia se passou nessa jornada.

Como a creança se habituára a comer, chorando por novos bocados, viu-se, na coragem estonteante do desespero, constringida a usar, na falta de outra, a sua propria carne. E deu dentadas em si mesmo.

Pouco a pouco, porém, seu corpo seria uma chaga enorme. Não haveria, dali por deante, espaço em branco onde não se apresentassem em todo o seu horror, as manchas sangrentas das feridas abertas. E aquella carne, aquellos farrapos seccos de pelle, iriam faltar tambem.

De repente, não poudes mais. O sangue que perdia arrastava-lhe o ultimo alento. Tombou desfallecida. A creança rolou-lhe ventre acima.

Nesse momento, cahia suavemente a noite morna.

E quando o novo sol iniciou a sua faina de causticar e comburir, a creança inda vivia, debruçada sobre os bracinhos recurvos, mamando sangue dos peitos pellancudos da velha morta.

MANOEL VICTOR

Acaba de apparecer a 4.<sup>a</sup> edição do

# O PROFESSOR JEREMIAS

POR LÉO VAZ

PREÇO: 4\$000

PEDIDOS AOS EDITORES:

**MONTEIRO LOBATO & C.**

RUA BOA VISTA N. 52  
Caixa, 2-B — S. PAULO

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "É no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BÂNDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

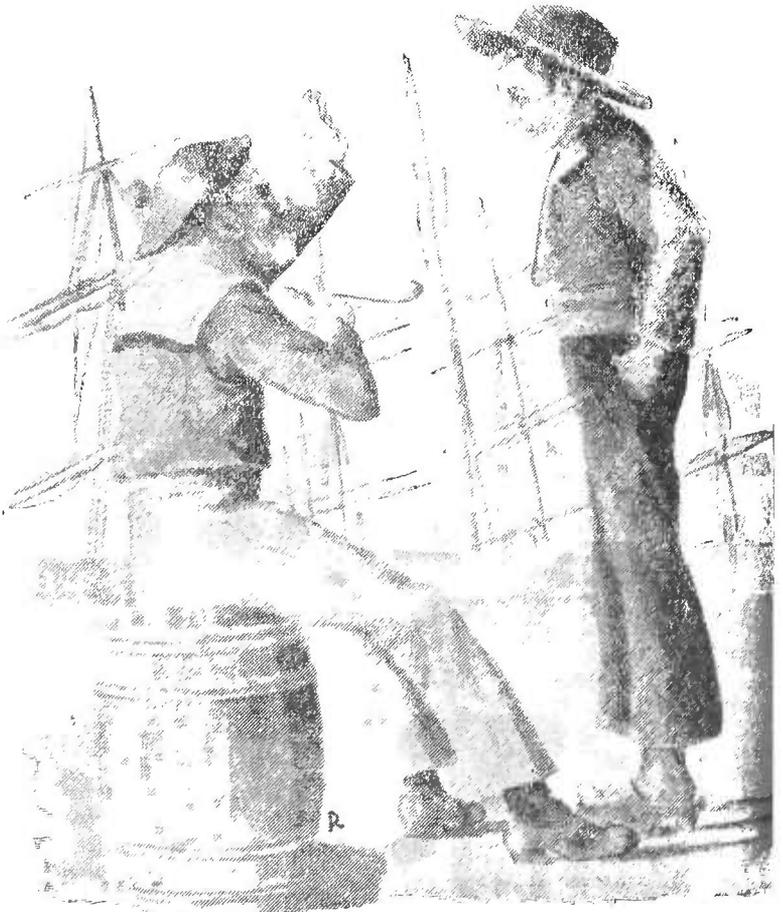
Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS

2



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECCÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.



Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo

# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ali dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o país, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahi, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadá nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realincute preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, proenrará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinuando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahi, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em colleções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios países, em authologias do grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nosa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreatos, contando que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a ellos, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahi ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a nao haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e nao seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, além de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

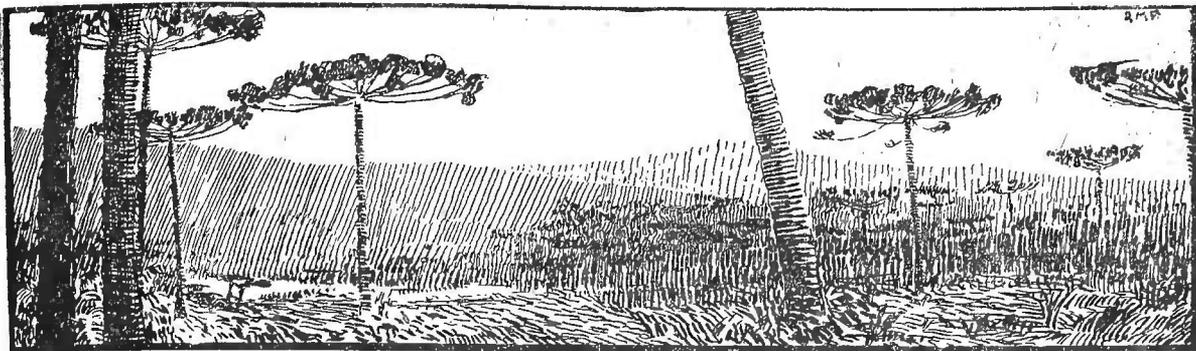
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, offerceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



## SUMMARIO

A VELHINHA — Affonso Arinos.

MA' SINA — Lucilo Varejão.

O NATAL DE VOLTAIRE — Eduardo Prado.

A ERMIDA — Rodrigo Octavio.

O PODER DE D. DOMITILLA — Viriato Correa.

O AVÔ — Godofredo Rangel.

O TIO DA ESCOCIA — Lucio de Mendonça.

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores — Uma carta inedita de Enclides.

Vida literaria — Géca Tatú na Argentina — MANOEL GALVEZ HIJO.

Curiosidades literarias —

Ponson du Terrail, poeta.

— O "tautilismo," - S.

— Um discurso proferido pelo grammophone.

Os nossos poetas — Simões Pinto.

# A VELHINHA

Quando, já não me lembra; mas foi em tempo que vai longe.

Passeiava uma tarde por uma rua solitaria de pequena cidade em ruina. Ao defrontar uma casinha de gelosias abertas, mergulhei o olhar indiscreto nas paredes interiores, onde me pareceu divisar télas antigas — magnificas talvez — esquecidas alli, ou melhor, poupadas á profanação de algum adélo pela providencia bemfazeja de uma lembrança querida queellas representassem.

Nesta nossa terra, onde as tradições tão depressa se apagam, tão cedo se esquecem as velhas usanças, — o encontro, muito raro de algum objecto antigo, tem sempre para mim alguma coisa de delicado e commovente. Moveis ou télas, papeis ou vestuarios — na sua physionomia esmaecida, no seu todo de dó — elles me falam ao sentimento como uma musica longinqua e maviosa onde se contam longas historias de amôr, ou se referem dramas pungentes de não sabidas lutas e miserias.

O espirito se compraz, então, no tecer uma trama de romance ou de tragedia, em que cada um dos velhos objectos vive na vida de mil personagens evocados; uma longa estrada, sinuosa e brancs, se rasga para o paiz do sonho, e a alma, seguindo-a, deixa embular-se como Leilah, ao som de guzlas, ou á plangente harmonia das balladas.

O certo é que, ao perscrutar, as paredes escu-

ras de uma pobre salinha, pela janella aberta sobre a rua, não só télas descoloridas, como um antigo cravo, primoroso na fabrica, incrustado de bronze e ornado de finos labores de talha na madeira negra prenderam de todo a attenção.

— Restos de uma grandeza extincta! que triste fadario vos impelliu ao casebre mesquinho de quem por certo, vos não conhece a historia nem o valor? Cravo centenário! que languida açafata ou melindrosa sinhá-moça esflorou o marfim de teu teclado, desfiando o rythm grave de uma dança solarenga ou, a furto, a denguiçe feiticeira de um fado villão?

Isto pensando, aderguei a uma pequena porta ao lado, cuja aldaba a mão ergue involuntariamente. Neste ponto, o sonho começado interrompeu-se e eu, desconcertado, verifiquei a indiscreção daquelle passo. Nova reflexão succedeu a esta: um pouco daquelle fatalismo a que o grande Loyola entregou a solução do primeiro problema de sua vida de peccador já redempto e de seareiro de Deus no grande agro do mundo. — Ora, se cá vierani ter meus passos, não será sem alguma funda causa ignota. Entremos.

Bati algum tempo e, não acudindo alguém de dentro, entrei sem mais cerimonia. Puz-me a examinar um quadro a oleo com uma velha moldura de madeira envernizada; representava dom João V quando infante, na posição e na idade.

Era uma criança loura de rosto vivo, vestida de camisola de seda branca com uma larga faixa azul; tinha na mão esquerda, a modo de menino Deus, um orbe, e na direita, um sceptro de marfim. A um lado, sobre uma grande almofada de velludo côr de granada, fulgia o escudo d'armas dos Braganças.

Passei ao cravo e admirei a perfeição do puro estylo Luiz XV, artificioso, arrebicado, mesureiro, revelando no bem acabado da minucia, no trabalhado do pormenor, as mil regras da etiqueta do tempo.

Na grande taboa inteiriça do fundo, sob o teclado, avultava um bello corpo de Baccho, coroadado de pampanos, trazendo nas costas, em fórma de manto regio, uma grande pelle de tigre. Aos cantos, anjinhos anafados, com cintos de rosas cahindo-lhes nos quadris roliços, abraçavam os fustes de columnasinhas e tocavam com os pollegares estendidos as folhas do acantho, como se esforçando por colhel-as.

Um leve ruído fez-me voltar o rosto e ver então, emmoldurada pelas hobreiras da porta, ao fundo, uma estranha figura de mulher, vestida de algodão muito branco, com o torso pendido à uma dôr intensa, sopitada a cinto, e a physionomia cançada, emmurchecida, repuxada de rúgas, onde mal se adivinhavam os olhos sem brilho, quasi inexpressivos, a não ser um «quê» muito fugaz de carinho, que nelles boiava ainda como uma flôr desprendida da haste e já quasi fenecida, fluctuando na superficie de um lago dormente.

Meio admirado, meio constrangido, por ter penetrado, sem mais nem menos, naquella casa desconhecida, dirigi-me para a mulher e balucei :

— Perdôo-me a confiança. Tinha andado muito pela cidade e estava com muita sêde... Bati; não vendo gente, entrei assim mesmo. Perdôe-me a confiança, não é ?

— Sente-se, nhonhô: vou búscar a agua — disse-me ella com voz trémula, e sahiu, querendo fazer-se pressurosa, arrastando pelo chão as chinnellas de couro.

Ao voltar sobre os passos para entrar no interior de casa, pareceu abafar um gemido... E lá foi, apoiando-se ás paredes do corredor, sempre curvada, premida sempre por uma dôr que seus labios não diziam, mas seu aspecto nos contava de modo a fazer pena.

Sentei-me num catre grosseiro, mesquinho, cujo assento era um tecido de couro crú, destoando do cravo, tão elegante, tão aristocratico, que até evo-

cava requintes de luxo e de galanteria numa côrte já morta.

A mulher demorou-se um pouco, polindo, talvez, o crystal de um velho copo hã longo tempo fóra do uso.

Quando voltou, corri ao seu encontro, por evitar-lhe alguns passos mais, e, enquanto bebia, demorei a vista sobre aquelles restos venerandos de uma — quem o sabe? — talvez extincta belleza.

— Agradou-lhe aquillo? perguntou-me apontando para o cravo. Foi da casa de meu sinhô.

— Mas que é dos filhos ou dos netos de seu sinhô? Elles não quizeram ficar com isso?

— Elle não deixou filhos — accrescentou a velha com voz sumida.

— Ah! não deixou filhos...

Ella abanou a cabeça e ficou alguns momentos de olhos abertos, vagos, vagos...

Eu, fingindo não perceber sua commoção, levantei a cabeça: deparou-se-me, então, dependurado num torno de madeira, um chapeo de homem.

— Mas a senhora tem um filho, não é? Seu filho faz-lhe companhia, não é assim, minha tia? Está trabalhando fóra com certeza.

Do tamborete de couro onde se tinha sentado, a velha surprehendeu-me a olhar; levantou os olhos tambem, mas baixou-os logo, escondendo o rosto nas mãos.

Esteve assim muito tempo... Depois, como que continuando um periodo já começado, disse:

— Coitado! assim desamparado... ninguem sabe!... Nem o consolo de um logar bento...

— Como!?

Ella fez-me um gesto, e por elle comprehendi que seu filho era louco. Depois, quasi por monosyllabos me fez comprehender que o desventurado, sua unica alegria, apesar de enfermo da mais triste das enfermidades, — desapparecera de casa havia mais de dez annos, sem que soubesse até então de seu destino. Era crença de todos que fóra arrastado pela corrente do rio ou tragado por algum boqueirão da serra. — «E acabou-se tudo» — accrescentou. — «Nem mais esperança, nem nada!» Depois, apañhou a barra da saia e nella tentou afogar o pranto.

— Que pagina sentida escrevestes, ó interpretes do coração humano, que dôa mais do que a só vista desse velho pergaminho mudo engelhado no rosto da velhinha! Essa dôr infinda e resignada, essa dôr desamparada e humilde naquelle despojo humano é mais dolorosa do que a do mytho immortal de Prometheu.

Tomei insensivelmente, uma das mãos da velhinha o beije-a como o de uma mãe venerada.

O cravo ancião e o quadro do rei infante, representando as passadas grandezas, diziam como através do seculos, vencendo-os, sobrepujando suas glorias, — alguma cousa innominavel, mas sempiterna, póde encontrar-se occulta na prece de um misero ou no coração de uma velhinha.

Cheguei a saber então qual a causa ignota que me guiara os passos inconscientes á pobre casa de gelosias abertas.

E — não me envergonho de contal-o — sahi daquella casa com os olhos marejados de lagrimas.

AFFONSO ARINOS.



## M A' S I N A

Junto a um combustor, Luiz Gonzaga parou ainda um instante a reler, de olhos incendidos, aquellas linhas que desde a vespera á tarde, quando as recebera, lhe estracinhavam a alma.

Não, não podia ser mentira. Havia muito já que elle notava na mulher esse aborrecimento e essa impaciencia que denunciavam a iminencia duma traição.

Ultimamente, então, tornara-se ella de tal forma intratavel que ás suas mais insignificantes perguntas respondia com reviretes, grosserias, ameaças.

Era pois verdade o que lhe dizia aquella carta. Escrevera-a sem dúvida algum amigo, um dos muitos que a sua bondade de alma creára no quartel.

E embrulhado sinistramente no seu capote de guarda-nocturno, Gonzaga plantou ainda uma vez diante dos olhos o papel amarrotado. Lá estava a delação cruel, escripta com uma sinceridade que não deixava duvida :

«Si quer saber quem é a mulher com quem cason, regresse um dia de madrugada, em vez de faze-lo pela manhã, como costuma.»

Ahi, uma onda de sangue escureceu a vista de Luiz Gonzaga: as pernas tremeram-lhe, as mãos crispavam-se-lhe; e na madrugada que enlivedescia, elle teve a noção exacta da desgraça a que o seu destino o arrastava. Pois que fosse. Se era destino, por mais que fizesse, não havia meio de evita-lo.

E depois não lhe ficavam bem, como homem, aquellas acedias de energia.

E caminhando, todo tropego, pelo passeio da rua erma, Gonzaga comprimia a coronha do revolver, com uma raiva surda a maltratar-lhe o cerebro — uma raiva de tudo, de todos, de si proprio. Sempre fôra desgraçado. Naquella profissão mesmo, que abraçara desde a mocidade, apesar de actioso e obediente, jamais conseguira uma fita. Os superiores queriam-lhe sempre mal. Já fôra preso até. E para completar a má sina que o perseguia, até o filho, unico e querido, déra de tal fórma em roubar que se vira na contingencia de expulsa-lo de casa.

Recordando então este incidente, Luiz Gonzaga reviveu toda a scena desse dia distante em que tivera, por suas proprias mãos, de atirar á porta o filho, e as lagrimas da mãe que tanto o queria e se não podia acostumar a viver sem elle.

Emmaranhado nessas recordações, levava por vezes a mão á gorja, como se quizesse afastar um hypotetico barão.

O casario decrépito da rua, tinha agora, aos seus olhos, saliencias sinistras; uma igreja, no fundo do scenario, parecia-lhe uma sombra macabra na luz roxa do amanhecer; e ás vezes, o apitar gorgolejado dos seus companheiros, que se entrecruzava á distancia, sobresaltava-o, acelerava-lhe o bater das arterias.

Então parava, levava por sua vez o apito á bocca, numa resposta raivosa. E continuava a caminhar, todo curvado, como si um pensamento horrente o atraísse para dentro de si mesmo.

De subito parou admirado. Sem saber como, tinha andado até á rua em que morava.

Já a manhã clareava; vagas carroças passavam rolando para o mercado; ouvia-se o campainhar dos primeiros electricos.

Luiz Gonzaga teve de se arrimar á parede, de sufocado; o coração batia-lhe tão desordenadamente que se diria querer saír-lhe pela bocca.

Esteve ainda um instante a olhar estupidamente uns restos de sombra que se arrastavam por baixo das arvores achaparradas dos passeios graniticos.

Agora era uma incerteza dolorosa que o indecisava. Si tudo aquillo representasse uma calumnia, uma vingança de alguém que fôra repellido por sua mulher.

Plantou-se-lhe no cerebro escandente a imagem della, tão santa e tão pura. Não acreditava, não podia acreditar naquella falsidade.

Era tão horrente, tão abjecta a suspeita, que chegou um momento a repelli-la como uma afronta.

Mas sentiu qualquer coisa na mão convulsa: era a carta.

Não, era preciso saber a verdade, toda a verdade — custasse o que custasse.

Deu dois passos incertos, continuou a caminhar, num cambaleio de ébrio.

Afinal galgou a porta da escada.

Mas então veio-lhe de novo a vergonha da propria acção. Quiz retroceder e sem saber por que seguiu. Uma lampada ardia no corredor. Luiz Gonzaga foi andando pé ante pé, até o corrimão da escada. Ahi, dissolvido na sombra, ficou, o coração aos trancos, as arterias a latejarem-lhe com violencia, a mão tremula sempre no cabo do revólver. Mas nada. Lá longe, na calma da cidade, um sino deu horas. Depois, lentamente, uma corneta tocou.

Luiz Gonzaga, impaciente, accendeu um cigarro, puxou o relógio: eram quatro horas.

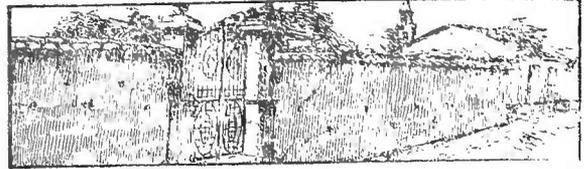
E voltando a considerar, convenceu-se de que fôra victima duma infamia. Passou-se meia hora. Passou-se uma hora. Nada. Luiz Gonzaga acabou por concluir que o haviam embaído. E dispunha-se a sair, já envergonhado, quando distinguiu o rumor quase apagado de passos cautelosos, que desciam. Aperrou o revolver. Esperou. Os passos, agora, eram mais nítidos. Um carroção passou rolando, fóra, no asphalto da rua.

E emfim Luiz Gonzaga pôde ver, á claridade incerta da lampada, um vulto que procurava a saída. Uma nuvem cegou-o. Puxou o gatilho da arma. A carga partiu. E um grito, que elle reconheceu de prompto, feriu-lhe o ouvido, enquanto a sombra cambaleante foi cahindo até ao passeio.

Luiz Gonzaga seguiu-o. Curvou-se sobre ella. Queria ver-lhe o rosto, já doido por uma suspeita tão grande que o fazia esquecer o proprio crime. E lá fóra, na luz azul da manhã, Luiz Gonzaga teve outro grito, maior, mais humano, mais doloroso. Era seu filho.

Recife — 921.

LUCILO VAREJÃO



## O NATAL DE VOLTAIRE

Ha cento e vinte annos, Paris inteiro, os poetas e os philosophos, os sabios e os financeiros, os duques e a princeza, faziam a Voltaire a mais estrondosa das ovações.

As memorias do tempo contam, com minucia que, por uma clara quinta-feira de abril, M. de Voltaire, pela primeira vez, desde a sua chegada a Paris, deixando os vagos e amplos roupões favoraveis ás exigencias da doença e da estatuaria, vestiu-se e fez o que se chamava *toilette* inteira — grande casaca vermelha, forrada de arminho, immensa cabelleira á Luiz XIV, negra, não empoadada, e tão basta que o rosto magro, amarello, enrugado, ficava n'ella tão enterrado, que só se lhe viam os dous olhos brilhantes como carbunculos; á mão, uma leve bengala, de recurvo castão de ouro, e, sobre a pyramide da cabelleira, no alto e coroando-a, um chapéo de velludo vermelho, quadrado e franjado, de plumas tambem vermelhas. E entrou na sua formosa carruagem, pintada de azul celeste, ponteadado de estrellas douradas, que era chamada — carro do Empyreo. N'ella foi á Academia Franceza, onde se cumpriram, em honra dáquelle espectro, todos os ritos da adoração academica. Ouviu o elogio de Bojleau, por D'Alembert e o abbade Defille leu fragmentos do seu poema, que ensinava «a arte de gosar, pintar e ornar a natureza».

Da Academia seguiu para a *Comedia Franceza*, onde, ao saltar da sua carruagem estrellada, foi acclamado pelos fidalgos e pelas damas que o esperavam. E, durante a representação, os applausos dados á tragedia, que era de Voltaire, retumbaram em explosões de adoração áquelle deus monstruoso, para quem sorriam, beatas, as mulheres mais formosas, como as Egypcias, resplendentes filhas de Pharaós, deante de um terrível Ambis cynocephalo. E o deus foi para casa levando, pousada sobre a crina encaracolada da negra cabelleira, a corôa de louros que lhe deitou o principe de Beauveau; e, de todo o deslunbramento, levou dentro da cabeça, dizem ainda as memorias do tempo, a resolução de comprar casa em Paris e de escrever tragedias, muitas tragedias! As tragedias não as escreveu e, mesmo, aquella últi-

ma casa que a todos aguarda, elle não a teve logo em Paris, porque o levaram, d'ahi a dias, para ser enterrado nas vizinhanças de Troyes. E, quanto ás tragedias, eram outras as que a fidalguia, dentro em breve, ia ella propria representar, contra a sua vontade, mas sempre com elegante arrogancia no tablado da morte.

Todas aquellas cabeças, e muitas, que a guilhotina aguardava, julgavam-se bem seguras sobre os hombros elegantes, ou não, bellos, ou não, mas sempre orgulhosos, que, si abaixavam deante do Rei do Espirito, erguiam-se, impacientes e desdenhosas, deante das superstições e das ignorancias do passado.

Os filhos daquelle seculo chamado sceptico eram na realidade, profundamente crentes e devotos; tinham a crença firme de que estava acabado o christianismo e só reverenciavam aquelle que lhes tinha ensinado a nada mais venerar. E Voltaire conservava a certeza, que lhe dava o seu inaudito triumpho parisiense, de que a sua philosophia estava definitivamente victoriosa. E os seus velhos ossos gastos, torcidos do tempo, estremeciam de jubilo dentro do amarrotado pergaminho flacido que lhes servia de pelle, quando os seus adoradores, carregando-o, em procissão, largaram-n-o sobre o throno celebre da sua realza, a lendaria poltrona que é, hoje, para o povo, alem do boulevard e caes chamado Voltaire, tudo quanto recorda aquelle nome que encheu a França e a Europa.

Cento e vinte annos depois, os netos e os bisnetos do voltairianismo não sabiam onde estavam os ossos desse vencedor de Deus. E, não a reverencia, mas a simples curiosidade daquelles descendentes, levou alguns delles a baixarem á crypta do Pantheon, precedidos de um carpinteiro, para despregar e arrancar as táboas, na busca do esquecido, ou extraviado esqueleto, que a Revolução para alli trouxera de Troyes, de certo para que aquelle auctor e amator de tragedias pudesse ver as que se preparavam em Paris. Voltaire, cortezão do Reis e amigo de Principes, nunca amou os carpinteiros e, de todos elles, aquelle a quem mais odio votou foi um certo que teve, ha vinte seculos, a sua tenda em Nazareth. Um carpinteiro pregou e martellou o seu caixão, no seculo passado, e outro era, agora, trazido aos subterraneos de Santa Genoveva, para despregar o que seu collega, de ha cem annos, tão solidamente pregara. Um e outro não foram amaveis para com Voltaire.

No pó e na escuridão da crypta, Voltaire nada

viu, nem ouviu, deste seculo que ora acaba e cuja aurora elle queria advinhar como o começo do seu dominio incontestado e perpetuo. Por algumas horas, esteve aberto o caixão, e o craneo que o principe de Beauveau laureara e que sonhara immorredoura aquella corôa, passou, de mão em mão, entre os assistentes, que o manusearam e voltaram e examinaram com curiosidade e desconfiança, como fazem os frequentadores do Hotel Drowot, marfim supposto antigo, e todo encardido, sempre suspeito de falso e de artificialmente amarellecido em fraudulento banho de agua de tabaco. Si viram alguma cousa as orbitas sem olhos, si alguma cousa ouviram os ouvidos sem orelhas, por certo muito se admiraram do que viram e do que ouviram.

Em vez das elegantes casacas á Luiz XV, sobre longos colletes bordados a matiz; em vez de sorrisos cortezes nas faces impecavelmente barbeadas, que eram as dos homens que deixara sobre a terra; em vez de expressivas cabeças empoadas; em vez de finas espadas pendentes, ao lado de calções de velludo; em vez de meias de seda e de altos sapatos afivellados d'ouro, — que viu Voltaire, na sombra humida daquelle adéga nacional, onde se guardam glorias?

Não havia entre aquelles inesperados visitantes uma só dama. Que era feito das parisienses? Nenhuma face gentil, avivada de emoção e de carmim, e com sua brancura realçada pelas *môscas* de seda preta; nenhuns olhos acesos pela curiosidade e pelo lapis negro buscavam comancia, enthusiasmo e devoção, vêr o antigo deus, que estava alli a desencaixotar-se tão sem cerimonia, á luz de uma lanterna, numa fria e nevoenta tarde de dezembro.

E a caveira que, outr'ora, tanto sorriu, em resposta a outros sorrisos femininos, teve um certo despeito, vendo que não ia ser acariciada por nenhuns dedos rosados, nem commovidamente sopesada por finas mãos perfumadas.

— Já não me admiram, pois, as mulheres! Que estarão ellas fazendo a estas horas? A' força das luzes da instrucção, ter-se-ão transformado em sabias, em mathematicas, como a minha querida e massadora amiga Madame du Châtelet? Estarão todas nas bibliothecas, nos laboratórios, ás voltas com os livros, com os compassos e os alambiques?

— E estes senhores... Quaes senhores!

Estes alarves de barba inculta, todos vestidos de preto, quadrados dentro destas largas tunicas tão fechadas, tão negras e grosseiras, e tendo to-

dos, nas cabeças, esses tubos pretos... Quem são elles?... E onde vi en esses desgraciosos cylindros luzidios? Ah! já me lembra. Vi-os em estampas que, da Russia, me mandou a minha amiga Catharina... Os padres (ó infames!), na Russia, usam desses tubos... Creio, porém, que os trazem sem ábas... Terá a Russia conquistado a França e estarei eu (oh massada!) enterrado num mosteiro orthodoxo? Mas... neste caso, o que aconteceria á monarchia que andou a consolidar o meu amigo Frederico? Os russos não podiam ter chegado até cá, sem passarem por cima della e dos seus pantanos pomeranios, que elle chamava Reino... Estimaria, só para ver a cara do tal Salomão sem mulheres!... Quem será este sujeito que me segura agora pela minha nuca desarticulada e que está a dizêr que me achia parecido com não sei que busto?

Os meus bustos foram feitos para se parecer commigo e não eu, que tenho de parecer com elles. Lá vou eu, ou, antes, lá vai a minha cabeça para as mãos calçadas de luvas sujas daquelle velho todo de preto, que tem ar de chim... Traz, porém, o botão vermelho de mandarim ao peito, o ignorante! em vez de o trazer no chapéo, como eu expliquei que é, e deve ser, no *Diccionario Philosophico*... Ai! cá estou. Muito mal educada é esta gente! E bem se vê que não são estrangeiros!... Muito mal falam; parecem todos de Marselha!... Quanta palavra que não entendo! Offerecem agora a minha cabeça ao exame deste outro...

— Merci, monsieur.

— Este, todo velhinho e tremulo!

Até se parece commigo!...

Quasi me deita ao chão!...

Tivesse eu a minha maxilla inferior, que aquella desazado deixou lá dentro do caixão, e mordialhe o dedo... com os dentes que não tenho!...

— Après vous, monsieur le directeur général des Beaux Arts...

— Porqué será que esta gente, tão feia, vem agora falar em bellas artes? Tão mal vestidos!...

— Avez-vous vu, tous, le crâne, messieurs?

— Uff! Até que, enfim me largam da cabeça!... Muito havia ella de doer n'outros tempos, si lhe dessem taes tratos!... Deixam-na, agora, sobre esta prateleira, enquanto estão a remexer naquelles ossos... Oh! Uma restea de luz!... Vejo por aquella pequena e estreita abertura, á altura desta prateleira, alguma cousa... E' a calçada de uma rua! Passa um carro muito grande, muito pesado, que tudo abala... puxado por uns

cavallos brancos, muito grandes, dos quaes só vejo as pernas...

— Que é aquillo? Passam rapidos uns pares de rodas, uma adeante da outra e de que vejo só a a metade inferior, e que apparecem, correm, desaparecem, sem que eu veja cavallo nem homem que as puxe... E' uma illusão da minha vista... Não ha mais milagres, e não será Voltaire quem acreditará que rodas possam andar assim, a rodar por Paris, sem o competente cavallo! Seria contra a razão e experiencia.

Escutemos, porém, este grupo de homens que estão aqui a cochichar, por baixo da minha prateleira:

— ... un chèque de 50.000 francs...

— Je suis pour les chrétiens, contre ces sales juifs!

— Que singular opinião! Mas que tanto estão a falar de judeus e de christãos!... São, de certo, sujeitos que se occupam da Historia e que discutem a Edade Média!...

Quem será este que pelo nome parece hungaro e de quem tanto falam?

— Um francez que escreve cartas insultando o exercito da sua patria, é um miseravel e um traidor!

— Isto, agora, é commigo!

Mais uma pequena canalhice daquelle pedante de Frederico, que, de certo, publicou uma carta toda particular e de amizade que lhe escrevi, fazendo troça dos soldadoes francezes que elle se regalou de bater em Rosbach!... Mas que tem isso?...

Na rua:

— Achetez... achetez... le numero de Noël...

— Noël?... E sempre as taes rodinhas a passarem... Lá vem uma carroça... Parece cheia de arvores, ou de ramos, como na Borgonha costuma vir enfeitado o carro que traz as ultimas cestas da vindima!... Mas não!... Parecem pinheiros... e tão verdes!... Parece uma pequena floresta andando!... Lembra aquella historia, tão ridicula, daquelle inglez barbaro e inintelligivel, que chegou até a ser representado (é incrivel!) mas que reduzi a nada... numa das suas chamadas tragedias, qual era o nome della? E como se chamava elle? Ah! já me lembro... Macbet!... E elle Shakespeare? E' isso! Pois, entre outras coisas comicas, fala elle de uma floresta que caminhava do alto do cabeço de um outeiro da Escossia para o acampamento do rei...

E pensar que cousas taes se representavam...

— Achetez! achetez! des arbres, de beaux arbres de Noël!

O craneo de Voltaire estremeceu e ia rolar da prateleira, quando um jornalista amparou-o. Pelo respiradouro do subterraneo, por onde Voltaire via aquellas arvores que caminhavam, entrou o grande som profundo e largo dos sinos da vizinha e antiquissima igreja de Saint-Etienne-au-Mont!

Vai-se encerrar o craneo de Voltaire!

— Andemos depressa! disse um membro da Academia Franceza. Não quero chegar tarde á igreja, para ouvir a conferencia do Advento, pelo abbé Frémont...

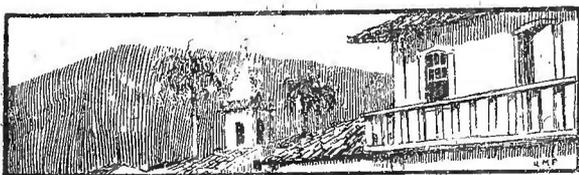
— Igreja! Advento!! Abbé!!!

O que restava do craneo de Voltaire estalou e os pedaços formaram um punhado de ossos esfarelados, que voltaram para a poeira pardacenta e para o mofô secular do caixão arrombado, que o carpinteiro (ainda o carpinteiro!) repregou a martelladas que resôaram na crypta.

Momentos depois, os exploradores de sepulcros desciam as escadarias do Pantheon e mergulhavam de novo dentro de Paris, através da bruma, ainda clara, da tarde de inverno. Calaram-se os sinos, e, dentro da igreja, o pregador começou a falar do eterno e proximo renascimento do outro Carpinteiro, daquelle proprio a quem Voltaire tinha matado, para sempre, em meados do seculo XVIII.

Janeiro — 1898.

EDUARDO PRADO



## A E R M I D A

Certa vez, em diligencia, na comarca de meu primeiro emprego judiciario, no interior de Minas, longe de arraiaes e povoados, em montanhosa região de lavra de ouro, viram meus olhos, na pesquisa curiosa em que se apraziam dos panoramas e perspectivas, as ruínas de uns velhos muros, na orla de um bosque, já dentro da espessa matta sombria.

Que as fosse ver de perto e as visitar não m'ò permittiram guias e companheiros, que, timoratos, nem mesmo um rapido e fugaz olhar lançavam sobre ellas.

Porque?

— O sitio era malassombrado, as ruínas tinham sua mysteriosa historia tragica. Ahi nada pude obter que me contassem; ao passo apressado das alimárias espertas, passámos de largo. Mais tarde inquiri, busquei saber, e eis quanto me disseram.

Que intenção piedosa, ou que mão arrojada plantaria alli os quatro muros da pequena igreja, era cousa que ninguem sabia ao certo.

Lendas, inverosimeis algumas, phantasiosas todas, envolviam as tristes ruínas.

O sitio era soturno. A' meia encosta de uma collina que, logo após, se erguia, quasi a prumo, em rocha, escalavrada e limosa, pela altura, além, o accesso do santuario era difficultado por grandes blocos erraticos que se lhe accumulavam em torno. Por um lado, a dous passos, o solo abria-se num grotão, em cujo fundo referviam aguas, vindas por ignotos, invisiveis rumos.

Hoje, a mattaria investiu o templo, assaltou-lhe os pateos, crescia do interior, onde ruiam os tectos; apenas se erguiam as quatro paredes abertas em fendas, olhando, desconsoladamente, sem ver, para os quatro lados da terra, pelos vãos das portas e janellas, escancarados como orbitas vasias...

Dizia-se que nesse tragico lugar, um noivo, em accesso de paixão, tresvairado, sacrificára a esposa, que acreditára impura; e que, mais tarde, nas ansias do remorso e da duvida, viéra, penitente e louco, plantar um templo á misericordiosa Mãe dos homiens.

Outros prendiam a criação da solitaria capella á dôra de um velho pae, que numá alegre excursão de amazonas e cavalleiros, vira de improviso, o vulto da filha estremeçada resvalar nas lages e desaparecer no abysmo...

Corriam ainda outras versões; o certo é que bizarra fôra a idéa de erigir-se, neste agreste recanto a pequena igreja, cuja ruína lugubre a floresta ora envolvia. Por muitos annos vivêra, entretanto, essa ermida de extranha e mysteriosa origem e que teve não menos extranho e mysterioso fim.

Dos arraiaes proximos vinham alli satisfazer promessas. A invocação da Senhora da Serra era, por toda a redondeza, respeitada e tida por miraculosa. Romeiros piedosos entretinham, preparado para as cerimoniaes do culto, esse lugar sagrado, duplamente sagrado, pelo sentimento religioso e pela superstição do mysterio. Conta-se que muita dor arrefeceu, muito martyrio moral aliviou.

O certo é que na calma de seu retiro, o pequeno templo nunca estava abandonado; a lampada do santuario jámais deixaram que se extinguísse e, não raro, lá dentro, por dias e noites, velas e cirios ardiam, votivamente, numa crepitação solitaria.

Contudo, não tinha a ermida um serventuario effectivo, nem mesmo um simples guarda; guardava-a e servia-a o respeito commum dos habitantes proximos.

E, do mesmo modo porque um dia a igrejinha apparecera, um dia perceberam os fieis que a ermida tinha seu cura. Um padre, ou alguem que um velho habito envergava, alli se havia installado.

Ao fundo, alguns passos distantes, sobre a rocha, construiu-se uma tosca, pequena casa, residencia do religioso.

E, sem que ninguem pensasse em inquirir quem era e de onde viéra, o improvizado vigario foi visto e acceito, num accordo tacito que o sentimento reciproco sellou.

Augmentou de tal geito o mysterio. Para templo, que não se sabia quem construira, chegara um cura, que se não sabia de onde vinha. E a fama da milagrosa ermida cresceu e dilatou-se. O ermitão não era velho, nem moço. Trazia n'alma, porém, a funda preocupação de uma dôr irreparavel, que de todo em todo, o prendia áquella religiosa empresa.

Não parecia creatura de nossos dias: depois que chegára, jámais o viram entregue a outro mistér senão o que o sacerdocio lhe impunha. Si bem que, de seu estado cousa alguma se soubesse, e já, de muito, houvessem desaparecido vestigios de tonsura, na exuberancia de uma cabelleira loira, que lhe sobrava na nuca e se confundia com a fina barba que lhe envolvia o rosto, geralmente o recebiam como confessor e celebrante.

A clientela dos fieis crescia: *ex-votos* cobriam as paredes internas da pequena igreja, cerimoniaes celebravam-se ameude, e, na sobriedade de seu viver, nada faltava ao cura para as necessidades materiaes da vida.

E desse modo, nesse entendimento entre fieis e pastor, foram passando annos, que crearam para o estranho ermitão a aureola de santidade, que a persistencia da vida austera e a dedicação exclusiva á obra espirital, de mais em mais accentuava.

As missas de domingo, sobretudo, attrahiam maior concurrencia, a despeito da hora matinal em que eram ditas.

E assim seguiram as cousas, sem historia, na continuidade serena e uniforme dos dias e dos meses.

Mas, tudo acaba; tudo o que existe no mundo está marcado para acabar.

Certa manhã, num domingo, rezava, na compunção habitual, o eremita, a missa matutina. Não notára a assistencia, no momento, mas depois a circumstancia foi assignalada e confirmada por muitas vozes, que o celebrante manifestava, nessa clara manhã, uma abstracção maior, um ar de maior desprendimento dos aspectos materiaes do mundo.

Por vezes, em meio das orações, braços erguidos, parava o officio, como n'um extase, alheio á vida, alheio aos fieis; depois proseguia, arrasadamente, entregue, de todo, á sujeição espirital do acto que celebrava. No momento da consagração, varios fieis commungaram, presos da emoção enorme que o aspecto sobrehumano do cura lhes transmittira na solemnidade do seu gesto e na dolorosa expressão de seu rosto.

Retirando-se, após, para o altar, preparou para si o corpo e o sangue de Christo; o pequeno acolyto, ao deitar no pobre calice o vinho, que o ritual prescreve, viu, surpreso, que, por sua vez o cura na mesmo despejou tambem o conteúdo de um pequeno frasco.

E a missa continuou. Feitas as orações, abençoado esse vinho, o cura tomou o calice e o absorveu de um trago. Não rezou mais: pousando o calice sobre o altar, ergueu os olhos para a imagem, na brancura de suas vestes e, alguns minutos após, levando a mão ao peito, prostrou-se e caiu pesadamente, ao chão.

Acercaram-no, atonitos, os fieis; olharam-lhe o rosto, apalpam-lhe o corpo: estava morto.

\* \* \*

Como um pousado bando de pombos, que a subita queda de um corpo, em meio delles, dispersa, fazendo-os vôar, celeres, por direcções diversas, tal os fieis, desordenadamente, em panico, abandonaram a ermida.

Ninguem ousou volver atrás um olhar curioso e, cada qual, foi em casa, na segurança do lar, no aconchego dos seus, que parou e respirou.

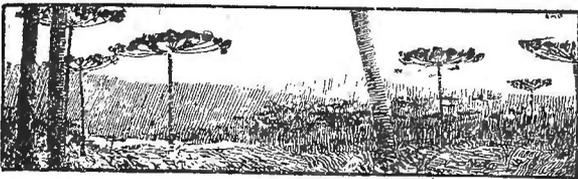
E dias correram e meses passaram e annos fluíram, sem que pessoa alguma se atrevesse a acercar-se da igreja mysteriosa. O corpo do cura sacrilego, alli encontrou o seu original mausoléu, onde, insepulto, esperou a acção fatal da decomposição. E esse novo mysterio envolveu, no vago de sua historia, a ermida mysteriosa.

Quando, passado algum tempo, chegou, de um longinquo logar, um bispo, cuja autoridade se desconhecia, decretando a interdição da solitaria e malassombhada capella, já sobre ella a superstição do povo havia feito pesar a sanção de um interdito mais efficaz e solenne.

O abandono dos homens estimulou a acção da natureza, entregue á sua expansão irrefreada.

O matto tomou os caminhos, envolveu as paredes, entredou em seu intrincado a pequena construcção, que, afinal, ruiu, sobrevivendo, apenas, na consistencia de uns muros e no mysterio, que no fundo das almas recalca, a ingenuidade primitiva da gente da serra.

RODRIGO OCTAVIO.



## O PODER DE D. DOMITILLA

Quando Pedro I appareceu na varanda florida do camarote imperial, a sala de espectaculos comprehendeu que elle não sabia ainda do escandalo.

Era no Theatrinho Constitucional de S. Pedro, em setembro de 1824. Naquelle época era ali a platéa "chic" do Rio. Não havia, por bem dizer, theatro na cidade. O São João, que Fernando José de Almeida erguera, fôra lambido pelas chamas, a 25 de março daquelle mesmo anno, na noite em que se festejava o juramento da Constituição. O Theatrinho Constitucional, construido no largo do Rocio, entre as ruas do Piohlo e do Cano, fôra feito por meio de subscrição entre a gente endinheirada. Só os subscriptores e os convidados da directoria podiam ali entrar em noite de espectáculo. Não se vendiam entradas; os convites andavam por empenhós.

Naquelle noite havia a recita quinzenal. E dez minutos antes do imperador chegar, estalara o escandalo que enchia toda a gente de oppressões.

Começavam as familias a entrar, quando á porta do theatrinho parou um carro. Era d. Domitilla de Castro, na sua desenvoltura de amante imperial. Correu pelo theatro um rumor de desagrado. D. Domitilla estava na phase culminante da antipathia popular. Havia mais de um anno

que o seu nome andava atassalhado na lingua da cidade. O concubinato de d. Pedro escandalizava a vida pacata e sisuda do Rio. O imperador caminhava no periodo mais intenso de sua paixão pela marquezia. Ao que se dizia, a imperatriz era ella: só ella governava, só se fazia o que ordenava a sua vontade. O pae, os irmãos e parentes da paulista, todos os dias subiam de postos e arranjavam gratificações que o Thesouro pagava religiosamente.

A cegueira de d. Pedro tinha ido a ponto de installar a amante a dois passos da Quinta da Boa Vista, quasi que deante dos olhos da imperatriz. Murmuravam-se as coisas mais chocantes. Contava-se que até o marido da marquezia se aproveitára da situação da mulher para atranjar a administração da feitoria de Periperi. Havia, quem garantisse que a boa paz já não reinava na Boa Vista: d. Pedro não tinha mais recato para com a esposa: a qualquer hora do dia ou da noite ia metter-se em casa da concubina, sem se doer das lagrimas de d. Leopoldina. Commentava-se ainda o caso que no anno anterior assanhou as linguas maledicentes da cidade: d. Domitilla tivera o desplante de ir metter-se na Quinta, no quarto do imperador, quando este quebrára as costellas naquella celebre quédia que a chronica mexeriqueira até hoje affirma ter sido uma "sóva".

Tudo e tudo daquelles amores arranhava as sensibilidades da população carioca: a falta de recato nas visitas que d. Pedro fazia á amante, a demissão de José Bonifacio, que se cochichava ter sido obra da marquezia, as festas pelo nascimento de Isabel Maria, a futura duqueza de Goyaz, que se diziam terem sido assistidas, em pessoa, pelo imperador; a condescendencia desembaraçada e lucrativa do pae de d. Domitilla, o processo de divorcio desta começado naquelle anno, a affronta que ella fazia á sociedade, apparecendo nas festas da fidalguia escrupulosa.

A cidade inteira odiava-a. As familias traziam-na atravessada á garganta, repellindo-a como se repelle uma mulher á tôa.

Para a sociedade do Theatrinho Constitucional a presença da marquezia era um insulto. Se ella chegasse a entrar na sala de espectaculos, quasi toda a gente se retiraria.

A directoria teve um gesto de alta coragem. Despediu d. Domitilla á porta do theatro. A desculpa foi secca e summaria: só ali se entrava por meio de convites e nenhum cartão lhe tinha sido distribuido. A marquezia mettu-se novamente no carro, tranzida de vergonha.

A sala do theatrinho fervia em commentarios, quando a figura altiva de d. Pedro surgiu na varanda engalanada do camarote imperial.

— Não sabe ainda.

— E se sabe conforma-se, murmurou-se aqui e ali.

Mas ao lado de sua majestade appareceu o "Chalça". D. Pedro voltou-se para falar ao valido.

Aquillo foi tudo muito rapido. A's primeiras palavras do "Chalça", a physionomia do imperador mudou de risonha a aspera. Um arrepio passou-lhe pelo corpo, todo elle se empinou nervosamente, batendo com os pés no taboado.

— Mas por que não me preveniram isso á entrada?

O "Chalça" continuou a contar. Parecia estar descrevendo a scena que humilhára a marquezia.

Os espectadores não despregavam os olhos da figura de d. Pedro. Agora sua majestade gesticulava como num accesso de raiva, saiu do camarote, foi até o corredor, tornou a voltar, a physionomia perturbada, gesticulando sempre. Parecia ter perdido as estribeiras. A um gesto seu o "Chalça" entregou-lhe o chapéo e, sem olhar o publico que o devorava com os olhos, d. Pedro sae numa tempestade acompanhado do valido.

Os directores, ao vel-o seguir para a porta, querem-lhe ir ao encontro. E' impossivel. Já estava elle na rua e alcançava o carro que rodou apressadamente em rumo da Bôa Vista.

Na sala houve ao começo um estatelamento, mas, aos poucos, aquillo se foi mexendo como um formigueiro que se assanhasse. As damas não tinham socego. Com a chispa do escandalo nos olhos, erguiam-se a falar umas ás outras, cruzando-se entre as cadeiras enfileiradas. Grupos formavam-se e desmanchavam-se num momento.

A directoria, reunida em grupo no corredor, tentava deliberar. Toda a gente sabia do genio impulsivo do imperador. Moço, na embriaguez da paixão que o empolgava, era capaz de uma estralada violenta e de uma vingança infernal. Seria conveniente ir-se no dia seguinte á Bôa Vista dar-lhe uma satisfação qualquer. Uma mentira que fosse: poder-se-ia dizer que os directores, por um engano lamentavel, não tinham reconhecido a preferida imperial.

Na sala de espectaculos continuava o borboreio das saias. Havia um zumbido de cochichos. O nome da marquezia andava aos trapos, tézou-rado de grupo em grupo.

Em que ia acabar aquillo? D. Domitilla, poderosa como era, certamente não suportaria resignada uma humilhação daquella ordem. O impe-

rador, apaixonado como vivia, não ia deixar a amante exposta ás risotas publicas.

A coisa seria no dia seguinte...

Nesse momento a campainha retiniu. Ia começar o espectáculo. Os grupos desmancharam-se, toda gente correu para as cadeiras. A orchestra lançou os compassos de uma valsa da moda.

Todo o mundo espéra o panno erguer-se. Passam-se dois minutos, trez, cinco, dez. Um sopro de inquietação agita todas as cabeças. A sala entretolha-se com uma interrogação suspensa. Que e? Que não é?

Torna a campainha a retinir lá dentro.

O panno sóbe. No palco está a figura contrariada de um dos directores. Desce até ao proscenio e fala:

— A directoria manda pedir desculpas ao publico. Não póde haver espectáculo por prohibição do intendente geral de policia.

No dia seguinte o Theatrinho Constitucional de S. Pedro era fechado por ordem do governo. Em menos de uma semana o predio foi comprado e os moveis atirados ostensivamente á rua.

VIRIATO CORREA



## O A V Ô

Parecia-se com todos os vovôs. Seu maior prazer era brincar com os netinhos, principalmente com os bem pequeninos que ainda não aprenderam a rir-se delle e a desprezar-o.

Quando elle chegava arcadinho, auxiliando os passos tropegos com o bengalão de cabeça de cachorro esculpida no cabo, a miuçalla alvorçava-se e recebia-o com um só grito:

— O vovôzinho!

Precipitavam-se, soffregos, arrebatando-lhe a mão para a beijar.

Interesseirozinhos! não o faziam por affeição apenas; é que sabiam ser essa uma cerimonia preliminar indispensavel e procuravam libertar-se della o mais depressa possivel.

O essencial era o que vinha depois, isto é, a repartição das balas.

Isso era infallivel e mysteriosamente inexplicavel.

Como caberem tantas balas num só bolso?

E havia-as sempre, nunca os netinhos viram esgotada a provisão.

Como queriam bem áquelle velhinho, cuja imagem se lhes associava no espirito á idéa de boas guloseimas!

Além disso, vovô não era como todos os homens; era mais «complicado», carregando comsigo maior numero de coisas que lhes serviam de brincos: a boceta de rapé, o bengalão, o relógio, os oculos...

Os netinhos amavam-no e elle os adorava

Era de ver o gosto com que tomava nos joelhos um delles!

Fosse embora a mais disforme das criaturas elle o contemplava absorvido em extase, exclamando:

— Como é galantezinho!

— Tão bondoso o vovô! e tão esquecido!

Ao sahir deixava sempre qualquer coisa e essa qualquer coisa eram quasi sempre os oculos.

Áo afastar-se, gritava um dos petizes:

— Vovôzinho! os oculos!

E enquanto a criançada abria um côro de risos, elle os tomava com mão tremula murmurando:

— Esta minha cabeça! Tudo me esquece.

Um dia não houve repartição de balas.

E' que o vovôzinho morrerá.

Tão fragéis essas criaturas amadas, cujos cabellos o inverno da vida embranqueceu! Um sopro as leva, e, preenchendo o espaço da casa onde havia uma creatura animada, resta sómente uma recordação melancolica.

Foi a primeira vez que não houve repartição de guloseimas.

Levaram os netinhos o vel-o.

Quanta coisa a estranhar naquellê dia!

O vovô que nunca acordava, estirado na marquiza da sala da visitas; pessoas que choravam, outras que entravam e sahiram, pisando de mansinho.

A Dusica, netinha de tres annos, arregalava os olhos candidos, sem comprehender.

Sua só impressão nitida era a inveja que lhe causava o canivetê novo do Mello, unico meio encontrado de consolal-o da magua inconsolavel que lhe causava aquella desgraça.

No mais, em sua cabecita de anjo, tudo era confusão.

Por qué mettiã o bom avô num longo caixão negro? E depois, por qué o levavam?

Muitos homens descobertos sahiram da casa, carregando-o comsigo.

Dusica, sorprendida, vagueava em torno o olhar cándido.

Viu então sobre a mesa um objecto esquecido; e como de costume, correu á porta gritando:

— Vovôzinho! os oculos!

GODOFREDO RANGEL.



## O TIO DA ESCOCIA

(A meu irmão Candido Drummond)

Eu — sem modestia e sem pezar o declaro — bem sei que não possuo o que propriamente se chama um nome literario, posto que tenha frequentado os prelos com uma assiduidade de que, sem duvida, se hão de lembrar, em tempo, os meus biographos.

Não é que também não conte as minhas glórias; conto. Uma tarde, na roça, ouvi uns versos meus recitados por um bando de moças a passeio por uma alameda. Se bem me lembro, já tenho uma ou duas descomposturas do “Apostolo” e de outra folha catholica. Enfim, com algum esforço, e revolvendo bem o passado, podia ainda enramar outros louros. Pois bem: valesse muito mais o meu nome que eu sem pena o trocára, como hoje.

A explicação deste acto encontra-se numa noticia ha mezes divulgada pela imprensa: — na Madeira, naquella ilha com que todos sympathizamos pela sua exportação engarrafada, estavam-se habilitando herdeiros de uma fortuna colossal, deixada por João Drummond, um fidalgo de sangue real, um emigrado politico da Escocia.

Ora, este homem illustre era, nem mais, nem menos, tio deste que se tinha por obscuro plebeu. Eu já sabia, por tradições de familia, que me girava nas veias o heroico sangue estocezo. A verdade Erin! já, muito antes da herança, eu estremeia de orgulho filial imaginando que ainda provinha d'aquella raça de bardos montanhezes; e, como bom descendente de Ossian, tinha um fraco pelos nevóeiros. Hoje não! vejam os senhores bardos se têm outro descendente! olha quem! uns miseraveis, que talvez fossem até salteadores! Nós descendemos dos Drummond, senhores de Stogbal na Escocia. Puro sangue real! Se não fossem certas prevenções, que nos ficaram dos nossos tempos de plebeu e republicano, escreviamos ao imperador chamando-lhe primo. E isto mesmo com certa generosidade: o nosso sangue é muito mais azul: da casa de Bragança dizem umas coisas, que nunca se atreveram a murmurar da nossa, de que Walter Scott fala tantas vezes.

Mais do que nós, porém, que ficámos olhando o vulgo muito de cima, aproveitou com a noticia um parente nosso, cuja historia ahi vae, para maior gloria da familia.

É um rapaz gordo e forte, e chama-se Marcello. A' noite, parece ter trinta annos; á luz do sol, quarenta. Passou por todas as academias da capital, mas nunca passou disso; ultimamente era revisor de provas num jornal e, nas horas vagas, collaborador de varias confeitarias, secção balas de estalo. Vestia-se invariavelmente de preto, e era modesto como um prologo.

Este rapaz sempre teve a previsão da riqueza. Lia todos os testamentos no "Jornal"; só se apaixonava de herdeiras; e, sentindo uma preguiça superabundante, dizia á mãe: — Veja bem, que eu com certeza tenho sangue nobre.

Pelos fins do anno passado, a paixão de Marcello era pela filha de um titular da capital. O pae, cujo apêgo ás apolices não ha quem não conheça, nem desconfiava de que lhe cantavam os melros, todas as tardes num caramanchão do jardim.

Diga-se, para esclarecimento dos factos, que Marcello era um rapagão, e a namorada uma corujinha, que, se não fossem as apolices paternas, havia de se resignar aos sobrinhos.

Corriam assim as coisas quando, uma clara manhã, leu Marcello na "Gazeta" a noticia da vertiginosa herança do tio escocez. Logo depois do almoço foi visitar a avó, de quem obteve em conversa a genealogia da familia; mas não se falava do ascendente mais glorioso.

— Diga-me, atallhou Marcello, não tivemos parentes na Madeira?

— Tivemos, sim, e ainda temos. Hoje, os Tristões...

— Sim?! a senhora affiança-me isso? E nunca ouviu falar num parente nosso que veio da Escocia?...

— Pois não! isso mesmo! um emigrado...

Marcello saltou na cadeira e saltou ao pescoço da velha:

— Estamos ricos!

Leu-lhe a "Gazeta"; conversou-se ainda muito a respeito do grande homem; elogiou-se a honestidade da lei ingleza, que deixa fazer por tantos annos uma herança; e, quando sahiu, levou Marcello cartas e papeis velhos de familia, por onde se provava, pouco mais ou menos, o seu direito aos brazões e ás libras esterlinas do emigrado.

Essa noite, no colloquio do caramanchão, perguntou á menina das apolices:

— Que dirias tu, se te propuzessem um noivo de sangue real?

Ella fez-se modesta; isso não era para ella; e estava bem satisfeita com o seu.

— Pois o meu sangue é desses!

A outra não comprehendeu bem o alcance da noticia, e admirou-se menos do que convinha á magnitude do caso. Marcello insistiu e explicou; em summa, aquillo vinha abrir-lhe a porta da sala, aelle que só conhecia a do jardim: já se animava a falar ao papae.

Espalhou-se a nova, e no outro dia Marcello era interpellado a cada esquiua:

— Tu tambem és parente?

— E dos mais proximos!

— Então, millionario?!

— E nobre; accrescentava elle, levantando os collarinhos á altura da situação.

E aos que ainda não sabiam era o primeiro a dizer que descobrira ter sangue real. Um malevolo perguntou-lhe se isso vinha de Pedro I.

— Muito acima, corrigiu Marcello sem comprehender. Vem da Escocia. Não leste a "Gazeta"?

Entraram a surgir-lhe parentes por todos os lados, em todas as classes — na magistratura, no commercio, no magisterio, nas letras, na industria, na politica, na diplomacia. Eram apresentações todos os dias. Por uns e por outros, chegou a ser apresentado ao pae da menina, o qual lhe offereceu a casa.

lam de vento em popa as suas esperanças. Já se via em Botafogo e no Cattete, numa sala de decoração severa e antiga, onde passavam famulos de libré, a passos que os tapetes amorteciam; ou, voltando do theatro, no fundo de um "coupé" biazonado, rolando surdamente, enquanto lá fora faiscavam as ferraduras das parellias e os plebeus voltavam a pé, com as mãos nos bolsos e as golas levantadas.

E vinham depois os bailes do Casino, o Jockey Club, os passeios á Tijuca, os verões em Petropolis. E que horizonte politico! uma cadeira na Camara, o colleguismo das notabilidades, e, mais tarde, a curul do Senado, o direito de sentar-se ao lado de Octaviano e de pedir pitadas ao Sr. Abaeté e offerecer outras ao Sr. Jaguar, que não as dá.

Tinha tambem a ideia de proteger as letras, favorecer a empresa do "Cenaculo", alcançar uma

commenda para o Arthur de Oliveira e uma pensão ao Ferreira de Menezes para escrever mais a miúdo e outra ao C. — para nunca mais escrever! E, para mostrar-se bem do seu partido e da sua classe, machinava tomar a assignatura do "Apostolo"; e, se o apurassêem muito, era homem para uma conferencia na escola da Gloria: para a fazer e, até, para a ouvir!

Chegou a achar que era uma aliança desigual a sua com a corujinha das apolices, e pensou vagamente em uma f rmosura real, cujo retrato vira na almanak de Gotha, princeza da Dinamarca; mas isso não deixava de ser complicado; demais, conservava ainda alguns preconceitos democráticos: optou pela fluminense.

Uma noite, apresentou-se ao titular, com bom padrinho, e obteve a mão da namorada; mas o homem, pelo seguro, impoz que o casamento fosse depois de recebida a herança. O herdeiro dos Drummond sahio desconsolado; acudiu-lhe, porém, uma esperança: conseguir logo da menina o que a prudencia paterna adiava. A primeira vez que se viu a sós com ella, disse-lhe que não podia esperar tanto pelo casamento, que o pae o offendia duvidando do seu direito, e insinuou perversamente que era capaz de levar a outra os seus braços.

Procurou tambem deslumbral-a com a exhibição do seu rico futuro: podiam ir morar para a Escocia, um paiz de legenda, um castello antigo entre os rochedos, entre a vegetação phantastica dos álamos e dos pinheiros, ouvindo á noite gemer a alma dos heroes nas lástimas do vento.

Ella achou bonito, com a condição de se pintar de novo o castello, e de pinhões não queria saber: sempre ouvira dizer que era muito quente; quanto aos phantasmas, podia-se fechar a janella.

Mas uma coisa ficou-lhe — a possibilidade, que elle mostrou de vir a ser conde. «A sra. condessa!», «a condessa de Stogbal!» já via os esplendores do seu luxo e a inveja das amigas. Lembrava-se da sua viagem á Europa, logo que sahira do collegio, e imaginava-se outra vez a bordo, nas tardes do tombadilho, na vasta alegria do mar, comendo ameixas passadas, sua gulodice predilecta. E via-se chegando aos seus dominios, esperada no seu castello, caminhando entre alas de velhos lacaios de libré; e havia de ter aias inglezas, asseiadadas e discretas, e uma musica suave, como a banda dos allemães do Passeio, que tocasse todas as tardes no pavilhão do jardim...

Não, positivamente, já não podia ser menos que condessa na Escocia; cumpria casar, e já,

para que outra não fosse condessa com o Marcello.

E' um velho recurso muito explorado e sabido, mas ainda assim infallivel com os paes de coração fraco: amouu dias inteiros, sem comer ou comendo ás occultas, e chorando como quem não tivesse mais que fazer. Não havia meio de a consolar, senão dar-lhe Marcello; deu-se-lhe. Assim casou, ha mezes, este meu parente, primeiro que desfructa o tio da Escocia.

E' hoje outro homem: não entra nos cafés onde almoçava "de assobio", nem passa pelas lojas de roupa feita da rua do Hospicio; foi admittido ao Gremio do Bernardo, e já tem assignatura de camarote para a companhia lyrica a chegar. Breve o temos na Gloria. E vá se preparando o "Apostolo" para o milagre de mais um assignante.

No baile do casamento, foi visto a conversar com um ministro: suspeita-se-lhe a intenção de representar a nação por Matto Grosso ou Goyaz, ou de ser lente substituto na Escola Polytechnica, logar para o qual está provado que se não exige nem exame de francez.

Projecta uma economia que talvez o leve ao ministerio — supprimir a pasta da marinha. E nas horas vagas, que são hoje todas as suas horas, inventou um jogo em que se procura, não onde está o gato, mas onde está o barrete phrygio de certo juriscunsulto.

Tal era o homem que se perdia na obscuridade da pobreza e na ociosidade dos cafés, por falta unicamente de uma herança. Bastou-lhe a noticia de uma, eil-o elevado á altura do seu destino.

Encontrou-se commigo, ha dias, na rua, e já não me conheceu, esquecido, tão cedo, de que toda a prosperidade lhe veio do nossó tio commum. Deixa-te estar, villão, que tambem ha de chegar o meu dia; já a esperança, a musa prophetica, mais doce que o mantuano, segreda-me na hora dos sonhos: "Tu Marcellus eris". Tambem nós seremos gente, e nutriremos na alma civica a aspiração generosa de ir salvando a patria a cincoenta mil réis diarios.

Até lá, perdoae-me, ó manes do meu rico tio, e fazei com que venha a mim, sem demora, o meu quinhão dos braços e mais das libras, principalmente das libras, de nossa illustre casa!

Rio, junho de 1878.

*Lucio Drummond, esq.*  
LUCIO DE MENDONÇA

# SUPPLEMENTO

**Avida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

**Uma carta inedita  
de EUCLIDES.**

A carta que inserimos abaixo, escripta por Euclides da Cunha a Lucio de Meudonça — politico e juiz, estreitamente ligado a uma phase memoravel da existencia nacional, da propaganda abolicionista aos primeiros tempos de Republica — foi extractada de um caderno de rascunhos do estylista magnifico dos «Sertões», caderno dado por Euclides a um dos seus melhores amigos e admiradores de Minas, o Sr. Fernando de Faria Junior, de quem houve a Revista do Instituto Historico de Bahia a copia publicada.

E' um documento interessante, não sómente como um autorretrato moral do grande escriptor, como o registro de um instante decisivo desviando talvez a directriz de toda a sua vida publica, mas ainda pelo que nos apresenta, traçado em algumas linhas expansivas, da intimidade de uma figura como a do Marechal Floriano Peixoto, em um inesquecivel momento da historia brasileira.

\*\*\*

«Li com o maximo interesse a sua carta de 22 oude estão alguns apontamentos sobre o *nosso homem*. Não se surpreenda com o desejo de conhecer taes pormenores, por parte de quem, (estudante militar e formando-se precisamente na epocha em que — em pleno poder — nos collocava acima de todos os homens deste paiz) devia-os conhecer perfeitamente. Explico: naquella quadra não calculei bem a situação; vi no homem apenas um dos muitos *soldats heureux* que entram estonteadamente na historia. Além

disto fui sempre um timido; nunca perdi esse traço de filho da roça que me desequilibra intimamente ao tratar com quem quer que seja. Dahi o ter perdido.

Aqui tenho um convite que leio hoje com tristeza e que na occasião recebi com indifferença. «29 de Janeiro de 1893. Euclydes — o Marechal precisa lhe fallar hoje. Pinto Peixoto».

Lá fui, constrangido na minha farda de 2.º tenente e atrapalhado com a espada. Encontrei o homem na sala de jantar, á vontade, e em um dos seus dias de expansão. A filha mais velha, D. Anua, que já naquella hora matinal estava junto a uma machina de costura — retirou-se logo depois que a cumprimentei.

E o grande dominador abriu-me a apertadissima pasta da sua intimidade:

— Veio em ar de guerra... não precisava fardar-se. Vocês aqui entram como amigos e nunca como soldados.

Decorei textualmente.

Agora meu caro Dr. Lucio, vá preparando o mais fulminante alexandrino das *Vergastas* para fulminar a minha horrorosa *inaptidão*. O grande doador de posições, referindo-se á minha recente formatura e ao meu entusiasmo pela Republica, declarou-me que *tendo eu direito* a escolher por mim mesmo uma posição, *não se julgava competente* para indicá-la... Que perspectiva! Basta dizer-lhe que estavam em pleno despencar dos governadores estaduaes!...

E eu (nesta epocha estava sob o dominio captivante de Augusto Comte, e que isto vá como recurso absolutório) — declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a lei para os engenheiros recém-formados: um anno de pratica na E. F. C. do Brazil!

Não lhe conto o resto. Quando me despedi pareceu-me que no olhar mortício do interlocutor estava escripto: *nada vales*.

E tive ainda a inexplicavel satisfação de descer orgulhosamente as escadas do Itamaraty, atravessar alegremente o saguão, em baixo, e sabir agitando não sei quantos sonhos de futuro... um futuro que desastadamente eu tinha destruido.

Conto-lhe o caso para que avalie a insciencia em que estava daquelle momento historico, o que explica a minha ignorancia actual.

Por isso, sempre que puder, sem que isto seja um compromisso que lhe tome o tempo tão bem empregado — transmita-me as suas impressões pessoasas».



**Geca Tatú na Argentina.**

Da «Union», jornal que se edita em Buenos Aires, transcrevemos o artigo publicado pelo sr. Manoel Galvez filho, autor de «O mal metaphysico» e de outros trabalhos:

«E' incrível até que ponto a literatura no Brasil revela no paiz irmão os mesmos costumes que no nosso. Salvo no que se refere aos negros, as novellas e os contos dos grandes escriptores brasileiros — os Coelho Neto, os Medeiros e Albuquerque, os Afranio Peixoto, os Graça Aranha, os Alcides Maya, para só falar nos contemporaneos — poderiam ser argentinos com uma simples mudança nos nomes e a differenciação de alguns pormenores. Os escriptores que não fazem alli obra nacional e seguem as correntes francezas, também se assemelham áquelles dos nossos que se encontram no mesmo caso. E nos melhores criticos da nova geração — Mucio Leão, Ronald de Carvalho e Tristão de Athayde — observamos uma rara analogia de sensibilidade e de cultura com os mais intelligentes dos nossos criticos contemporaneos, com a ressalva de serem bastante superiores os brasileiros, pois os criticos argentinos, de quem deveremos esperar grandes coisas, começam apenas sua obra, sendo ainda muito jovens.

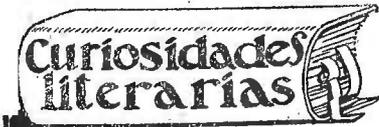
Essa semelhança entre nossos costumes e os do Brasil já foi assignalada pelos criticos brasileiros que escreveram sobre a traducção do «El Mal Metaphysico», editada no Rio de Janeiro, e sobre outros livros meus que leram no original. Porém, para

nós, nada ha tão revelador a esse respeito como "Urupés", o vigoroso e solido volume de contos de Monteiro Lobato, que acaba de apparecer em Buenos Ayres vertido por Benjamin de Garay.

Em "Urupés", que não é somente uma colleção de contos, encontramos os mesmos vícios da nossa vida nacional. Vemos apparecer alli a ruim politica, a pessima administração, a miseravel existencia das classes pobres. Tudo quanto Monteiro Lobato refere do mestiço, na penetrante analyse com que abre o volume, pôde applicar-se aos nossos "paisanos": a mesma preguiça, identica falta de aspirações, egual ignorancia e superstição. Aquelle Géca Tatú, celebre já no Brasil, onde o nome da personagem creada por Monteiro Lobato deu ensejo ao apparecimento de uma serie de vocabulos typicos, não é outro senão esse Juan Pueblo, esfarrapado e bruto que vemos, de quando em quando, nas caricaturas das nossas revistas illustradas. E, quando Géca Tatú, aconselhado a pôr uma cerca em seu rancho, coisa facil "havendo por ali tanta madeira", responde com o musulmano "não vale a pena", não estamos onviudo os nossos "criollos", a todos os nossos "criollos", desde os de Jujuy até os do Pampa?

E o protagonista desse conto mag-nifico, tão cheio de humorismo como os melhores de Mark Twain, que se chama "El gracioso arrependido", não se parece, tal uma gotta a uma gotta, com os nossos "graciosos" provincianos? O joven medico audaz e intru-ção, de "Police verso", não terá porventura entre os seus collegas argentinos, innumeros similes? E vendedores, como aquelle do "El comprador de haciendas", outro conto bellissimo, não haverá muitissimos em nosso paiz? O livro do Monteiro Lobato que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que por igual contem muitos ensinamentos para todos nós, leva-nos a repetir a conhecida phrase de Saenz Peña: "Tudo nos lue, nada nos separa". Os mesmos defeitos nacionaes e as mesmas virtudes; identicas esperanças e identico futuro. Poderá duvidar alguém que o Brasil seja um povo irmão, e que devemos conhece-lo e amal-o, abandonando para sempre as estupidas rivalidades, indignas de nações democraticas, que devem olhar para o porvir e realizar os ideaes dos tempos modernos?

MANOEL GALVEZ ELIO



## Ponson du Terrail, poeta.

A França commemorou este anno o cinquentenario de Ponson du Terrail. Ainda se encontram muitos fanaticos do romance de acção que lêem e devoram o «Rocamboles» e a «Mocidade do rei Henrique». Ninguém, no entanto, se podia gabar de haver lido versos do intrepido narrador. Aliás, parece que sómente uma vez na vida fez elle versos.

Será curioso ler esses versinhos do

folhetinista que, galhardamente, em cinco grandes jornaes, mantinha nada menos que cinco folhetins...

Em 1863, Frederico Thomaz publicou um volume de phantasias, intitulado — «Les vieilles lunes d'un avocat», enviando um exemplar a Ponson du Terrail.

Este agradeceu nos seguintes termos:

Après cette lune en bas âge.  
Qu'on nomme la lune de miel,  
Et qui se montre dans le ciel.  
Aussi fuyante qu'un nuage.

La lune rousse vient, dit-on,  
Eclairer le seuil du poète;  
Mais en dépit du vieux dicton,  
Ma lune rousse est incomplète.

J'ai reçu, mon cher Avocat,  
D'aimables vers, un charmant livre,  
Qui tout à l'heure vont me suivre  
Sur mon vieux galet d'Étretat.

Sur la falaise de granit,  
Si la mer déferle avec rage,  
Si les colères de l'orage  
Me font tressaillir dans mon lit;

Tandis que le vent sur les dunes  
Roulera les flots en courroux,  
Je lirai, moi, vos «Vieilles lunes»  
L'œil et le cœur tournés vers vous!

O mais interessante é que ahi se agradeceem «os versos amaveis». Ora, o livro é em prosa! O poeta agradecia sem o ter aberto. Mas, que importa? Rocamboles fez dessas e peiores que essa.

Ponson morreu de variola, quasi repentinamente, pouco tempo depois da guerra franco-prussiana, que figurou como capitão de guardas territoriaes.

## O «tactilismo»,

Poemas de vidro, estanho,  
papel, seda, escovas...

Antes de fazer ruido no mundo, as conferencias de Mariueti começaram por fazel-o na sala: é mais certo. Nisso parecem-se com as sessões «dadáistas». Mas o futurismo e o «dadáismo» são irmãos inimigos. Não se vive senão oppondo-se a alguém ou a alguma coisa. E esses grupos de esthetas são candidatos à existencia. Nada demostia que o consigam, bem que desenvolvam um trabalho enorme para dar na vista. A creação de uma obra-prima seria menos laboriosa: é verdade que a boa vontade para tanto não basta. Enquanto não vem o successo, houve ha pouco, em um dos theatros de Paris, violentos recontros, em que, ás bicadas e esporadas como numa rinha, se viram, de um lado Marinetti e do outro Francis Picabia e Tristan Tzara, que se julgavam feitos para bem se entenderem. Não foi menor a surpresa — diz um jornalista — ao vêr-se a sra. Lara estrear num papel conciliador. Entre os dois campos, interpunha-se ella, a reclamar silencio. Artista original, que sabe variar os seus effeitos, ella defendia a ordem publica.

Nos seus pões Marinetti um pouco mais de logica. Esse pretense futurista propõe systematicamente o regresso à barbaria. Não se admira que seja belicista. Quería queimar os museus, arrazar os monumentos, destruir os vestigios do passado: mas isso seria para nos conduzir muito mais longe. Seu horror ao passado só a-

meaça a civilização. Um passado mais longinquo, a idade das cavernas, por exemplo, lhe agrada muito. Sabe-se que elle emprehendeu substituir a musica pelo ruido e que fundou orchestras de «ruideiros». Essa conquista vem restaurar em nossos dias a arte dos sons tal como a podiam cultivar as multidoes selvagens em estado de excitação delirante. A semelhança dos adeptos do verso livre, sem unidade metrica, Marinetti se fez partidario da «palavra livre», sem syntaxe nem sentido, oppondo assim ao «vers-librisme» o «mot-librisme». Palavras isoladas, sem syntaxe nem sequencia, sem formar sentenças nem phrases, mas uma serie invertebrada e desordenada de interjeições: é mais ou menos o balbuciar de uma criança de dezoito mezes. Mas porque pára em tão bello caminho? Ha melhor. Ha os vagidos do recém-nascido e os simples gritos dos animaes.

A ultima invenção de Marinetti é o «tactilismo». Não se sabe porque desencadeou tempestades naquella reunião e levantou protestos dos «dadáistas»: parecia destinada a agradar-lhes. O «tactilismo» é uma arte nova, evidentemente fadada a supplantar todas as artes de outrora. Estas, para os seus fins, utilisavam-se das sensações visuaes e auditivas. Fora da moda. Não estamos cansados de servir-nos dos ouvidos e dos olhos? Não nos capacitamos da inandade das obras que se dirigem ao espirito por intermedio desses sentidos «passadistas»? Sejamos cegos e surdos: eis o progresso. Marinetti, que tem tacto, não admite senão as sensações do tacto. A obra de arte do futuro compôr-se-á de «taboas-tacteis» e «tetas tacteis», sobre as quaes passaremos as mãos. Por uma sabia disposição de materias taes como «papel de vidro», «papel de estanho», escovas, seda e penugens, evocarão os nossos dedos uma multidão de coisas bellas e provocarão ineffaveis voluptas estheticas. Marinetti já é actor de um «poema tactil» — «Sudan-Paris» — que encerra em alguns decimetros quadrados de estofos, de plumas o de papel toda a desolação do deserto e toda a febril alacridade da grande capital.

Marinetti irria, decerto, muito, se se lhe discutisse seriamente a faccisa. Raciocina como geometra mystificador. Desde que tem cinco sentidos, porque só dois seriam instrumentos de arte? Baudelaire e Huysmans imaginaram symphonias de perfume, mas desde logo se tornou evidente que não se iria longe nesse caminho. Quanto à cosinha, é uma arte, respeitavel, mas sem pretensões a abalar a pintura e a musica. O tacto é ainda imenos capaz de cultura artistica, porque é o sentido mais rudimentar e mais grosseiro, como o explicou Taine em seu tratado da «Intelligencia». Apenas é susceptivel de impressões primarias, ás vezes intensas, mas monotonas e pouco apprehende para o espirito. É precisamente o que devia encantar Marinetti. Mas resta-lhe ainda um passo. O seu «tactilismo» suppõe um systema nervoso organizado. Na primeira occasião, elle nos propôr, sem duvida, como suprema asencção para um glorioso futuro, uma arte accessivel aos organismos absolutamente primitivos e que nos ha de pôr, enfim, ao nivel dos protozoarios.

## Um discurso proferido pelo grammophone.

Antonio Torres, que se acha em Londres, enviou para a «Gazeta de Noticias» interessante carta em que trata da festa anniversaria do «Daily Mail», um dos maiores jornaes do mundo, o qual se publica na capital da Inglaterra. Foi um banquete de sete mil talhoes, offerecido aos empregados do jornal. E' claro que um discurso, proferido por voz humana, não seria perfeitamente ouvido numa reunião a-sim.

«Mas — escreve aquelle jornalista — não se assustem que para tudo tem remedio a Civilisação. O discurso do Visconde Northcliffe foi pronuciado grammophonicamente. Sua Excellencia passou um dia nas officinas da «Gramophone Company», em Middel-lesex, onde, sob a direcção de um tecnico da companhia, o sr. A. G. S. Clark, foi feito um «record» todo especial. Deste «record» tiraram-se cinco copias, que foram reproduzidas em grammophone no Olympia, sendo que o volume da voz era espantosamente ampliado por um «Stentorphone» provido de cinco immensas campanas, de sorte que em todos os cantos da casa o discurso podia ser ouvido perfeitamente. O mestre de brindes (toast-master), um consideravel senhor chamado W. Knightsmith, usou de

um «Radio - Megaphone». Fallando dentro deste terrifico instrumento, que estava ligado ao «Stentorphone» suas palavras poderam ser ouvidas por todos. Façam idéa do que não seria esse pandemium do Olympia...

Mas, em summa, que teriam metallicamente vociferado esses infernaes instrumentos «on behalf» do Sr. Visconde Northcliffe?

Melhor seria transcrever alguns trechos do seu grammophonico «speech». Como, porém, esse discurso, além de longo, refere-se mais a vida dos 3.000 trabalhadores do «Daily Mail» do que a assumptos de ordem geral, transcrevo apenas os seguintes trechos, extrahidos do discurso supplementar feito pelo Visconde Northcliffe, em resposta a um brinde tambem supplementar que lhe fizeram — porque apesar dos previos avisos em contrario, a oratoria britannica não deixou de explodir, como convinha e era de esperar depois das vastas libações que regaram aquelle ágape...

«Quero tambem dizer algo acerca do futuro do nosso officio. Creio que por enquanto elle está apenas no começo. Confio em que poderemos ainda produzir melhores jornaes, e dar emprego a maior numero de gente, e um dia faremos um festim duas vezes maior do que este. O progresso da imprensa britannica no ultimo quartel do seculo, um pouco, cuido

eu, devido ao «Daily Mail», tem sido immenso. Nós todos estamos passando actualmente por um periodo de prova, de que emergiremos, dentro em pouco. O mundo está perturbado por crises de trabalho intimamente ligadas com a Imprensa, em vista da principal ser a do carvão. Quando se dispersarem essas nuvens, olharei para a frente mais confiado numa era florescente e que exigirá mais estímulo. Congratulo-me com os organisa-dores deste banquete, e especial-mente com os sts. Lyons, os quaes realisaram o que eu acreditava quasi impossivel».

O sr. Northcliffe tambem reconheceu que, apesar d'ô seu jornal ter uma venda inegualada mesmo nos Estados Unidos, lêem-se menos jornaes na Inglaterra do que naquella Republica e na Alemanha; entretanto elle supõe que o seu jornal será ainda mais lido depois que lhe chegarem as machinas aperfeiçoadas que está esperando...

E cá fiquei eu seismando, sózinho e à noite, como o poeta, numa outra terra, tão vasta, tão distante, tão vasta e tão amada, onde a Imprensa é ainda, como alguma coisa vaga, inde-cisa e embryonaria, minusculla como um atomo de grão de areia, e cujo orgulho inaudito de professor de ar-raial nem sequer pôdo já ser comparado ao da ra' deante do hoj...



## SIMÕES PINTO.

Ninguém tão querido em São Paulo, nas rodas literarias, como Simões Pinto. Grande espirito, a sua influencia se fez sentir longe e, ainda agora, já desapparecido do numero dos vivos, não será difficil descobri-lhe traços. A sua obra, entretanto, de jornalista e poeta, pelo proprio autor esquecida, não tem a divulgação que merec. O jornalismo se sobrepoz à poesia e — na impossibilidade e ingratitude do — mister deixou apagar-se, indifferentemente, o nome do homem.

Um capricho do acaso, porém — capricho de bebelior que, na inconsciencia com que merca alfarrabios, descobre às vezes preciosidades — trouxe-nos aos olhos alguns fragmentos da obra do poeta. Era uma brochurinha, quasi esfrangalhada. Paginas pardacentas, impressas a vermelho. Avidas mãos, de um apaixonado, talvez, destacara do texto algumas folhas, das melhores, decerto... Mãos impiedosas e perversas! Mas, quem sabe quanta alma não, foi nesse gesto brutal? Livro raro, avaramente guardado, alguém o pillára de surpresa e lendo-o às pressas, foi-lhe surripiando o melhor, naquella iniquitação de quem, sabendo-se criminoso, não sabe fugir ao crime.

Assim, podemos hoje offerecer aos leitores alguns versos da «Carmina»:

### FONTE DE AMOR

Fonte pura de amor, crystalina e sonora!  
Bocca que enche de inveja o favo das abelhas,  
Quando, rubra, a tremer, mil perfumes dissóra,  
Num sorriso aromal de papoulas vermelhas!  
Abre os labios em flôr, irmã gêmea da aurora!  
Faze brilhar de zôso as lubricas scentelhas!  
Abre os labios em flôr e, sorridente, agora,  
Da-me o beijo febril em que a volupia espelhas!  
Quero sorver o mêl e o aroma dos teus beijos,  
O' bocca que sorris, transformada em colmea,  
Das abelhas gentis dos meus loucos desejos!  
Da-me o beijo febril que as forças revigora,  
Bocca cheia de graças e de candura cheia,  
Fonte pura de amor, crystalina e sonora!

### IMPERIA

Essa que ali vae, a passo tardo, lento,  
E que, em seu rosto, a tísica retrata,  
Sofro, em segredo, um intimo tormento  
Que, pouco a pouco, lentamente, a mata.  
Ninguém sabe avaliar o soffrimento  
Que a su'alma espesinha e que a maltrata.  
Sem proferir um unico lamento,  
Do bulicio do mundo se recanta!  
Dizem, porém, que um trovador de esquina,  
Com seu beijo, alta noite, polluiu  
Dos labios seus a candidez divina.  
Data d'ahi a sua desventura:  
Na expiação do erro em que cahiu  
Vive cavando a propria sepultura!

### BELLEZA MORTA

Essa, que eu amo, esculptural Camena,  
Typo ideal, belleza soberana,  
Não tem a vida da mulher morena!  
Não tem a cor da venus ottomana!  
Lyrio entreaberto quando a noute amena  
A linpidez do céu azul empana.  
Possue, no rosto, a pallidez serena  
Da luz pratenda que do luar dimana.  
Não tem no olhar a claridade ingente  
Que banha a terra quando o sol, no Oriente,  
Sacode o pó da cabelleira casta.  
E eu que idolatro essa belleza morta,  
Sei que ella me não quer; porém que importa  
Tenho-a no coração! Isso me basta!

### BANDOLINISTA

Toma do plectro e o bandolim, queixosa,  
Ella que tange sonorosamente;  
Gemem as cordas, sob a mão nervosa,  
Numa «berceuse» harmonica e dolente.  
Então mihi'alma, tímida e medrosa,  
— Alma de poeta, sonhadora e crente! —  
Em extasis se queda, como a rosa  
Ao doce murmúrio da água corrente.  
E, enquanto as notas perdem-se no espaço  
Eu desejo, de palmas e de flores,  
Um turbilhão deopor no seu regaço  
E, à frente augusta e genial de artista  
Um diadema de rútilos fulgores!  
Um diadema de ópala e de amethysta!

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000

Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000

A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000

Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

**Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO**

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATU, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**Pedidos aos Editores: Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offercer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,

Afranio Peixoto,

Waldomiro Silveira

Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

**Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro**

Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancia se tiram por ahí dezinas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornalo-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attrahente possível pela escriptura escolhida da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoadada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tomar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estranhos, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura, deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adiantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



## SUMMARIO

VIDA ELEGANTE — Julio Cesar da Silva.

A ENTREVISTA — Theodoro Magalhães.

O HOMEM DAS CIRCULARES — Jurandyr Gomes.

SIMPLICIDADE — Coelho Netto.

DOIS IDIOTAS — Julio Scheibel.

SUPPLEMENTO — A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores Ricardo Gonçalves - M. VILAÇA DE CAMARGO.

Curiosidades literarias — As senhoras bahianas - CASTRO ALVES. — O Centenario de Flaubert - C. L.

Paginas esquecidas — O vocabulario - COELHO NETTO.

Os nossos poetas — Julio Cesar da Silva.

# V I D A E L E G A N T E

Mlle Lili tem apenas dezoito annos, dezoito annos de idade e cinco annos de fortuna e vida elegante. Nasceu pobre e foi pobre até aos treze.

O papá era um simples agente de negocios, e de negocios que fatalmente fracassavam. O pobre homem, na luta pela vida, não fazia um esforço que obtivesse exito nem sahia da luta senão depois de derrotado.

A occupação da pequena era malliar o piano sem nunca acertar a dedilhagem nem o compasso, compôr, ella mesma, os seus chapéos, aproveitando as fôrmas velhas e as fitas desbotadas, e, com o lindo rostinho cheirando a pó de arroz barato e besuntado de carmin, olhar a rua, de cotovelos fincados no parapeito. Eram essas as suas horas melhores. Cultivava a attenção dos homens, estimulando-a com um geito de olhar de que tirava effeitos maravilhosos e com um geito de manter os labios pondo a descoberto os dentes, que brilhavam. Cantava tambem, quando o pae estava ausente ou a mamã não estava de máo humor. A sua vozinha, nos registros agudos, falseava, desafinando. Todo o seu affecto dedicava-o ella a um cachorrinho, o "Brinquinho", de focinho pelludo e olhos chorosos. Era a elle, a elle só, que ella, nas suas horas de aborrecimento, contava as suas ambições, o seu desejo de frequentar o grande mundo, de se vestir segundo os ultimos figurinos, guiar, ella mesma, a sua Benz, fonfo-

nando pelas avenidas asphaltadas, dançar o tango nos salões elegantes, frequentar o Theatro Municipal. Era ao cachorrinho, emfim, que ella abria a sua alma, dizendo-lhe as suas angustias e ideaes. "Brinquinho", sentado no regaço de Lili, olhava-a muito, nesses momentos de confidencia, com os seus olhinhos intelligentes, quasi humanos. Dir-se-ia, pela maneira com que acompanhava os gestos á menina e attentava nas suas palavras, que elle comprehendia tudo. A's vezes, quando a pequena, para dar mais intimidade ás suas confidencias, approximava o rosto do seu focinho, elle, traiçoeiramente, lambia-lhe'o, soltando ganidos de alegria. Ella ameaçava bater-lhe, mas contentava-se de enxugar o rosto á manga da blusa, e continuava á sua interminavel historia de maguas soffridas e de desejos incontentados.

Quando a mamãe se avisinhava, arrastando as chinellas, do quarto de Lili, esta calava-se ou disfarçava, cantando.

A menina era tagarella e a mamã, casmurra. A pobre senhora nem sempre foi assim; mas, de tanto soffrer decepções e privações, mudara completamente de indole, e só abria a bocca, o que raramente fazia, para censurar ou praguejar. Como não gostava de falar, não gostava tambem de ouvir.

Com quem, pois, Lili podia trocar idéas senão com "Brinquinho"? O pae, sempre na rua, no

encaço das transacções fugidias, e a mãe a labutar na cozinha ou no lavadouro, sempre azeda. Sentindo-se só, agarrava-se ao animalzinho. Nessas palestras confidenciaes de portas fechadas, em que o cão tambem tomava parte, falando com os olhos e com os movimentos eloquentes da cauda, Lili fazia-lhe promessas... Oh! quantas promessas! Quando ella fosse rica, sahiria a passeio com "Brinquinho", de automovel. E via-se já de automovel, com as mãos enluvadadas no volante e o cachorrinho ao lado, muito grave, com sua colleira de fita azul. "Brinquinho" teria uma casota em feitio de chalet suíço, com roseiras ao lado. Teria as suas horas de "footing" pelas aléas do jardim...

E veiu a guerra, a grande guerra. O pae de Lili tinha o faro dos negocios e a visão das coisas futuras. Metteu-se em transacções de papel, de anilinas, de tintas para typographia, de gado para exportação, metteu-se em tudo. Foram tão felizes os seus negocios, que os capitalistas começaram a olhal-o com respeito, com um respeito a que se misturavam a superstição e a inveja. Ao cabo do primeiro anno, entrou a negociar com os seus proprios capitaes, que já eram avultados. Dobrou-os, triplicou-os, multiplicou-os. Antes da assignatura do armistício, já era apontado como um dos mais fortes capitalistas da praça.

Lili tinha realisado o seu sonho. Habitava um palacete. Em cinco annos de vida rica, progredira notavelmente. Afez-se de tal maneira á nova vida, que a anterior, que era mais longa, quasi que se lhe apagara da memoria.

Ao piano, graças aos esforços de um professor reputado e aos seus esforços tambem, já não errava a dedilhagem nem desacertava o compasso. O habito de frequentar concertos, de ler as noticias das grandes audições, de ouvir a opinião das pessoas autorisadas, se pouco lhe accrescentou á cultura musical, desenvolveu-lhe, em compensação, o snobismo. No fundo, adorava a opereta, as operas romanticas de muita encenação e espectáculo, embora só confessasse o seu amor por Chopin e Debussy.

Adoptou os habitos elegantes, e adaptou-se a elles como se fossem habitos velhos. Antes, levantava-se tarde, quasi á hora do almoço. Verdade é que as suas horas eram immensamente vacias. Dividia-as, por isso, em horas de somno e horas de aborrecimento. Agora, não. Tendo o seu dia tomado por um tumulto de tarefas e preocupações, tratou de disciplinar a sua vida de maneira a satisfazer, em cada dia, os seus innu-

meros e urgentes deveres. Levantava-se cedo. Para falar verdade, não se levantava mas levantava apenas meio corpo, sem sair do leito. Com as pernas mettidas entre os lençoes, a camisa escorregando hombros abaixo, impunha-se a tarefa de ler os jornaes e revistas. Passava os olhos pelas noticias do mundo elegante, interessava-se pelos anniversarios, pelas obras de piedade promovidas pelas senhoras de alta roda, pelos ultimos figurinos. Assim, em menos de quarto de hora, tinha satisfeito a sua curiosidade e posto de lado, como inuteis, algumas dezenas de magazines, de revistas literarias e jornaes. Feito isto, levantava-se, e, desta vez, de verdade. O seu banho era uma coisa complicada. Antes, contentava-se com um sabonete e uma ampla bacia de agua tépida. E sahia do seu banho tão assejada como uma nympha a emergir da fonte. Agora, porém, o seu corpinho magro, leve, de linhas um tanto angulosas, exigia uma piscina e aguas abundantes saturadas de agua de colonia e essencia de rosas. Uma massagista eximia friccionava-lhe o corpo com luvas de bucha. Depois, pulverisações de vinagre aromatico e outras coisas essenciaes á conservação e belleza da pelle.

Em seguida, vinha a manicura, uma senhora franceza, que se dedicava ás suas unhas com um cuidado muito affectuoso, muito exaggerado. Madame não lhe abandonava as unhas senão depois que ellas estavam fulgurando, com uma centelha bem viva em cada curva. Tratava-as a esmalte, a pastas vermelhas, a verniz, a ferrinhos e aparelhos de feittos caprichosos, a acidos e liquidos em frasquinhos minusculos.

Uma das suas horas mais agradaveis era aquella em que se entregava aos cuidados, não menos excessivos e affectuosos, do "coiffeur". Este apresentava-se sempre de smoking, e tinha uns ares de moço da boa roda. Dentes magnificos, cara encanhoadada. Só falava francez. Mlle Lili falava francez correntiamente e já se familiarisara com o "argot", mas não conversava com o rapaz senão a proposito do penteado, de um retoque a fazer ou de um effeito a tirar, em phrases curtas, sem o fitar nunca. A uma moça da sua posição e fortuna não convinha a intimidade das phrases longas. Entretanto, sentindo que era admirada, que aquellas mãos, sob pretexto de achatar um anel rebelde dos cabellos, se apoiavam em sua cabeça com uma lentidão menos profissional que carinhosa, entregava-se áquelles cuidados com um prazer que, mesmo a si propria, penosamente confessava. Como era um profissio-

nal, recebia-o com qualquer "toilette", preferindo até recebê-lo com a "toilette" que menos a vestia...

Às vezes, para descansar dessas sérias ocupações, em que se immobilizava por horas e horas, necessitava executar movimentos violentos. Ia fazer uma partida de tennis no seu club. Depois do almoço, um passeio pelo seu arrabalde, ora a pé, ora de automovel. Puro pretexto para exhibir a "toilette" de passeio. Às dezesseis horas, uma volta pela cidade a ver os mostruarios dos joalheiros e das casas de armarinho. As lojas de moda tentavam-n'a mais. Entrava. A escolha de "robes" e "manteaux", com exhibição de manequins vivos, occupava-lhe minutos profundos de attenção e tensão espiritual. Por fim, cansada do esforço, sem se decidir por este ou por aquelle artigo que se lhe offercia, comprava qualquer futilidade.

Num dos magazins do centro havia uma hora de chá elegante, com quarteto de cordas. Mlle Lili não dispensava esse chá nem a sua hora de de musica e "flirt". Enquanto mexia o assucar no fundó da chávena, fazia-se alvo da attenção dos homens. Não lhes correspondia nunca. O orgulho dos seus recentes milhões roubara-lhe, em parte, a sensibilidade.

Entrava em casa quasi á hora do jantar. Mal tinha tempo de mudar de vestido. Aquella variedade de pratos e o serviço á franceza tiravam-lhe o appetite. Não podia consolar-se com a falta da antiga terrina de feijão, de caldo grosso. Distrahiã-se, porém, em debicar as gelatines, embeber o pão no molho de tomate e provar, apenas com os labios, os vinhos seccos. Desforrava-se nas fructas.

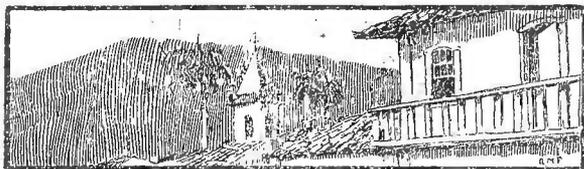
Às vinte e uma horas, fazia a sua entrada gloriosa no Theatro Municipal quando era recita de assignatura. Apoiando o cotovelo no rebordo da frisa, ostentava o decote amplo e os braços nus. Sentia pena que o decote tivesse um limite, mas consolava-se com o limite maximo. Nessas suas horas de triumpho tinha Lili a sensação de que o espectáculo era promovido em homenagem a ella, e, não raro, a sensação, ainda mais gostosa, de que ella era a actriz e que não só aquelle publico como as proprias figuras da scena eram apenas espectadores do seu triumpho. Essa illusão, que a afogueava e lhe punha calor no lóbo das orelhas, não lhe dava tempo de indagar o que se passava em scena.

Ao deitar-se em seu leitosinho virginal, recapitulava, enquanto não vinha o somno, todos os

episodios do seu dia, sempre os mesmos, sempre parecidos, mas tão agradaveis sempre!

Para as suas horas de coiso adoptou um cãozinho "loulou", cor de chocolate, chato como um saurio e de movimentos molles de cobra. "Brinquinho" não ganhou, como Lili lhe promettera, a casota em feitio de chalet suiso entre renques de roseira. Lá vivia no quintal entre o gallinheiro e a horta, a ganir o seu abandono. Lili nunca mais quiz vel-o, receiosa de que á sua presença lhe recordasse muito ao vivo o passado...

JULIO CESAR DA SILVA



## A ENTREVISTA

Naquella noite uma rajada de vento, entrando pela grande aberta da cela de fr. Sampaio, apagou o roliço bugio de cera virgem que ardia sobre a secretária de mógno. O monge que estava a escrever o artigo para o *Regulador*, levantou-se e accendeu a vela e ordenou, depois, as tiras de papel que haviam se espalhado pelo chão. Olhou o lado do mar e acostou-se ao peitoril da janella do seu aposento de professo franciscano do convento de Santo Antonio.

A cidade dormia silenciosa sob um céu negro onde faiscavam estrellas: apenas o chouto de almária que galopava pela Vala era o unico rumor que chegava ao alto do morro. Ao longe, quasi á entrada da barra, sobresaia da densa escuridão o farol da proa de uma sumatra que reflectia frouxa restea de luz escarlata sobre as aguas da pacifica Guanabara.

De repente, fr. Sampaio percebeu o arrastar da sola pesada de grossas sandálias pisando o soalho do esguio corredor do mosteiro. Pouco depois, cessava o rumor e alguém bateo de vagar ao umbral da cela.

— Quem é? gritou o frade.

— Vossa Paternidade, queira abrir — responderam de fora.

Fr. Sampaio deu dois passos e chegando á fechadura voltou duas vez a chave puxando para dentro a pesada porta. Entre — disse o franciscano. E immediatamente accrescentou:

— Que quer? irmão Antonio.

Um donato, rapazola de seus vinte e dois anos, olhos azuis, faces rosadas, as mãos cruzadas sobre o peito, curvando a cabeça, reverentemente, repondeo submisso :

— Desculpe-me V. Reverencia, interrompê-lo. E' que á portaria do convento acaba de aparecer uma mulher de mantilha; pede de V. Reverencia a caridade de assistir uma enferma a bem morrer.

— E onde devo ir a ver a penitente?

— A' rua do Piolho, padre mestre.

— A' rua do Piolho, repetiu pausadamente o egresso.

Fr. Sampaio demorou longos minutos vacillante. Diversos pensamentos, enxameando-lhe o cerebro davam-lhe a duvida de que alguém o quizesse para confessor.

A sua expressão deixava adivinhar receios secretos: o seu olhar denunciava a hesitação de acudir a tão grave chamado. Que destino levaria ele se saísse e fosse colhido nalguma cilada? A sua actividade estendia-se do repouso do claustro ao bulício da maçonaria: envolvera-se nos ajustes sediciosos do Grande Oriente, talhados á independência do Brasil, lutava pela emancipação da Patria enovelado nas rixas dos partidos e percebia que as rivalidades entre Ledo e José Bonifácio poderiam acarretar-lhe grandes desgostos ou mesmo inesperadas decepções... Parecia-lhe temeridade deixar áquella hora o convento, descer a ladeira e acompanhar uma desconhecida que se resguardava nos panos de avantajada mantilha, no intuito, talvez, de arrasta-lo a um sitio perigoso. Enquanto, mentalmente, pesava essas ponderações, começou a envergonhar-se de sua covardia. Quem se compromettera á tarefa de altas responsabilidades, entregando-se ao empreendimento de auxiliar a libertação da terra natal, não se devia apavorar com a suposição de vingança ou do embuste do adversário. Filiara-se á loja Commercio e Artes empenhado na proclamação da independência do Brasil; cumpria-lhe revestirse de coragem em todos os actos da vida de modo que lhe não faltasse o animo em provaveis momentos de serias difficuldades politicas.

Como se decidisse a definitivo alvitre, volveu-se num subito repelão e inclinou-se sobre o poial apanhando o seu grosso breviario. Pousou levemente a mão espalmada no ombro truculento do jovem leigo e murmurou:

— Vá dizer a essa mulher que me espere um momento.

O converso afastou-se ao longo do corredor e desapareceu sombreando o seu vulto á parede

branca do claustro, que a baça candeia de azeite do pequeno oratorio clareava com mortços lampejos.

Fr. Sampaio fechou a cela, deu alguns passos e bateu a porta proxima de seu quarto de religioso, chamando baixindo:

— Frei Rodovalho.

Immediatamente surgiu a figura distinta do cenobita que, dias antes, pregara numa festa da capella rial o mais eloquente sermão daqueles ultimos tempos. Trazia a estamemha desabotoada, o cordão branco embaraçado á cintura e um livro volumoso na mão esquerda de que o indicador marcava a pagina cuja leitura fora interrompida.

— Padre mestre, disse fr. Sampaio, vou ouvir uma doente em confissão. E' pedido que me solicita pessoa desconhecida que, a esta hora de silencio, veio me procurar ao convento. Si, acaso, eu não regressar por cair em cilada armada, o que não será de surpreender, destrua os papeis que se encontram amarrados aos manuscritos de meus sermões.

— Cartas de amor, padre mestre? — atalhou com zombaria fr. Rodovalho.

— Documentos politicos, meu amigo.

— A politica e a mulher assemelham-se; manejam o embuste. E com ambas V. Paternidade dissipa gentilezas.

— Não esteja a meter-me á bulha. Sabe como me preocupa a separação do Brasil. Vivo no Grande Oriente, redijo um periodico. Exponho-me, padre mestre, e comprometo-me. Inda no mes passado, em casa de José Clemente, o conego Januario perguntava-me si nunca eu soffrera a ameaça de aggressão á subida da ladeira. Afoito-me; tenho demasias ás vezes.

— Pois, então, prudencia, padre-mestre. Prudencia. Evite as conjurações e fuja á galanteria.

— Fr. Rodovalho, sou professo. Se me conduz delicado ante as senhoras, não trago na face o vinco marcado da depravação e do vicio.

— Oh! fr. Sampaio. Não o computo por má conta... V. P. não é o principe regente.

A mudez do claustro quebrou-se com as risadas dos dois franciscanos. Fr. Sampaio meteu o livro dentro da manga, apertou a ilharga, como verificando si levava algum objecto occulto e despedindo-se do seu confrade poz-se a andar resmungando:

— Seja tudo pelo amor de Deus.

Sentada ao escano da portaria, deparou-se-lhe

a mulher que o esperava. Não a encarou. Disse-lhe somente:

— Vá descendo, filha, e leve-me a essa casa onde de mim precisam.

Puxou o capús e escondeu bem o rosto. Voltando-se para traz e vendo o leigo, junto ao nicho que guarnecia a entrada do mosteiro, de pé, humilde servo aguardando passivamente ordens as mais penosas, recomendou-lhe, em palavras de brandura, comunicasse ao guardião que ás nove horas da noite fr. Francisco de Sampaio sahira do convento em missão da caridade e de paz.

Fr. Sampaio transpôs, calado, o terraço do convento de Santo Antonio e rapido ganhou a Carioca. Um escravo, fatigado do trabalho diurno, tirava sornamente agua ao chafariz: avistando o frade, ajoelhou-se e segurou-lhe a ponta da cogula, levou-a aos labios e osculou-a, balbuciando supplicas supersticiosas. O religioso passou-lhe, carinhosamente, a mão pela cabeça e num suspiro triste, condoido, exclamou: Infeliz... A mulher que lhe era guia, ouvindo-o falar, interpelou o monge:

— Vossa reverência fez-me alguma pergunta?

O cenobita, que não havia trocado conversação com aquella mensageira de penitencia ou cumplice de malfeitor, lembrou-se de syndicar:

— Está muito grave a pessoa que mandou buscar-me?

— Ignoro, meu senhor. Não sou da casa. Ia a recado a certa senhora moradora na Conceição quando uma velhinha lacrimosa, lamentando ter de subir o morro, suplicou-me chamasse V. Reverência ao convento. Não me custava prestar esse serviço e tomei a incumbencia de o levar á rua do Piolho.

— E' uma alma bemfazeja... Está visto...

E o monge parou o dialogo. E' que a botica de David Pamplona estava aberta e lá dentro tres individuos discutiam a iniciação de D. Pedro entre os *Cavalleiros da Santa Cruz*, perante José Bonifacio, o logar tenente da sociedade secreta. Fr. Sampaio escutou o comentario de alguém que reprovava o procedimento do príncipe, conspirando dentro de uma agremiação que tinha a sede no commando das armas.

O Franciscano poupou-se a averiguações; observou simplesmente que á rua descansava numa cadeirinha brunida, certo pertencente a pessoa abastada. Apressou o passo, dobrou á rua dos Lateiros, sobresaltado, indeciso do seu destino, rosmando pragas e imaginando a cada instante vultos embuçados que da sombra o alvejassem a

tiros de pistola. Cobrio quasi os olhos com a festeira do capús e andou, pisando fraco, de modo que se lhe não percebesse o ranger da san-dalia. Enrolou a camandula no cordão de esparto, afim de que as contas não ramalhassem pendentes do habito castanho.

A certa altura da caminhaça a mulher de mantilha estacou inesperadamente. Fr. Sampaio apurou-se, levantou a ponta do capús e esperou. O silencio da noite auxiliava qualquer emboscada. O sitio ermo e em trevas prestava-se á façanha de malfeitores salaridados. O frade medio a sua situação porque alimentava receios; estava numa rua já deserta, escura, onde só vinham os ecos abafados da melopéa de uma antifona que algum mestre de reza recitava entre escravos e mucamas.

A mulher de mantilha, cabisbaixa, balbuciu então.

— Perdoai-me, senhor; menti. Neuhum doente o quer a estas horas.

Fr. Sampaio estremeceu. Olhou em roda a examinar o sitio e, desabotoando o habito, collocou-se em postura defensiva, segurando a arma que, por prevenção, costumava usar quando a desoras subia a encosta do convento.

— Já, rugiu o frade, lampejando no olhar a coragem de que subito se assomara. Dize, que foste fazer ao convento, embusteira...

— Absolutamente estou a iludil-o, interrompeu a mulher. Cumpro uma ordem ditada sob o maior sigilo.

— Como? Quem ousa buscar um professo á sua comunidade e arrasta-lo a lugar ignorado?

— Senhor, fiz o que me determinaram. Trouxe aqui V. Reverencia e quasi devo pronunciar só uma palavra. Verá que se tornou injusto na sua ameaça e dará razão a quem me incubio de falar-lhe em meio desta solidão.

O frade parecia desnorteado. Algum mysterio ia ser-lhe desvendado e começou a ancian-se, nervoso, esperando o desfecho da narrativa da mulher de mantilha.

— Basta de justificativas — bradou: explique-se de uma vez que muito me aborrece tanta algaravia.

— Carecia de repelir-lhe a suposição de que seja alguma intrujona. Agora, dar-lhe-ei a senha e da sua resposta depende orientar-lhe o verdadeiro rumo. E, ao ouvido do franciscano, de quem se approximou num salto, apavorando-o, balbuciu *Constituição*.

Fr. Sampaio abotoou-se e desafogado, desoprimida a respiração, replicou:

— *Patria* — E, agora, instrua-me onde devo ir.

A mulher de mantilha, sem maior espera, sacou de dentro do seio uma chave que largo lenço de alcoçã enrolava e entregou-a ao monge explicando-se:

— Mandaram-me repetir-lhe estas palavras: *Alvaplena*. Porta a esquerda. Tamoio.

— Não fale mais, acudiu o egresso já com a impassibilidade de um convicto. Vai-te com Deus, mulher, e toma este cobre para o azeite da tua candeia.

A mulher de mantilha espalmou a mão e recebeu do frade uma grossa moeda. Fr. Sampaio vio-a descer a rua do Cano e sumir-se na treva; tomou novo itinerário, desinquieto de represálias, a face contraída de sorrisos de contentamento.

Decorrido largo quarto d' hora de trajecto durante o qual meditava planos revolucionarios, chegava o franciscano ao campo da Lampadosa. Bateu á porta de modesta casa. Não responderam de dentro. Aplicou o ouvido, nada escutou. Tornou a bater, ninguém respondeu ainda. Um negro passou a distancia, trauteando um lundú em voga. Fr. Sampaio esgueirou-se, ocultando-se. O preto não o lobrigou. O monge deitou a mão á chave que recebera da mulher de mantilha, volteou-a na fechadura. Entrou e galgou a estreita escada que dava accesso a uma especie de agua furtada. Uma rapariga trigueira, muito nova ainda, appareceu ao patamar e gritou:

— Pode subir.

O frade estranhou a recepção. A mulher era figura alheia ás reuniões a que por duas vezes ali comparecera: a casa guardava desusada tranquillidade. Não se sentia o vozear dos seus companheiros; faltava-lhe o estridulo da gargalhada desenvolta de Azeredo Coutinho, saboreando as piadas do alferes Joaquim Almeida. O ambiente deparava-se-lhe diverso. Ia a falar, mas do interior de um quarto que se abre fartamente iluminado, surge de repente o vulto audacioso do principe regente.

— Vossa Magestade, sem José Bonifacio e, aqui, na companhia de uma mulher?

— Que quer padre mestre? E' preciso sahir da monotonia dos negocios do estado e o melhor acerto é passar alguns momentos ao lado deste feitiço.

E afagando a rapariga, que se mantinha docilmente de pé, apresentando o aspecto de contristadora subserviencia, em tom debochado continuou: «Isto não é fazenda de frade».

Fr. Sampaio sorrio-se e por perfidia retrucou:

“Nem frades são principes... E' verdade d. Pedro, de propósito prosequio, a sra. Dometila pediu-me hontem noticias suas. Queixa-se de que esta semana inda o não vio”.

A rapariga fixou o principe enraivecida; com os olhos rasos d'agua, calculando a extensão de sua infelicidade, clamou em aflitivo impulso:

— Canalha; enganou-me. E' ela a sua amada...

E desceu apressadamente a exada.

D. Pedro, besta feroz vendo perdida a presa, correu á busca da sua victima, enquanto o monge saboreava inflexível aquella scena que provocara. Alcançou a mulher transpondo a soleira; puxou-a pelo braço e em langoroso enleio, pondo em pratica os habituais recursos de conquistador amestrado, cobrindo de beijos a seduzida, carregou-a, escada acima, protestando-lhe, por entre ardentes declarações, a mais fingida e simulada afeição. A infeliz transformou-se, dominada pela labia do dissoluto soberano, e abraçou nervosamente o principe de quem acreditava naquelle momento haver recebido o honraria de favorita do rei.

D. Pedro, conduzindo a amante ao quarto, fechou-a.

— Patife, disse ao franciscano, por tua causa a rola fugia ao milhafre. Mas sei tratar essa gente. Aquela daqui não sai hoje. Hei de passar uma noite invejavel...

Fr. Sampaio encarou altivo o principe. Este não lhe deu tempo de qualquer repulsa; explicou-lhe a ausencia de intenção offensiva nas suas palavras e, fidalgamente, indicou-lhe o corredor que era a passagem para a sala interna onde se celebravam reuniões secretas.

Em recinto estreito guarnecido de pesada mesa quadrangular e algumas cadeiras de espaldar, estiveram a confabular D. Pedro e Fr. Sampaio. Examinaram papeis, leram cartas, concertaram planos. Aquelle retiro apropriava-se ás sessões dos liberaes que trabalhavam a favor da independencia do Brasil; ninguém imaginaria que ali se tramasse contra a corôa de Portugal. Por isso, em dias determinados, juntavam-se ao redor da mesa, onde o principe espalhara um masso de manuscritos, diversos membros do *Apostolado*, a associação que José Bonifacio instalara na Guarda Velha, alguns mações e os patriotas que se não achavam iniciados no Grande Oriente. No esconderijo dos conspiradores realizava-se durante essa noite a conferencia privada do principe com o frade. D. Pedro precisava estar a sós com frei Sampaio, apartado de olhares indagadores, ocul-

to a sindicancias interessadas em attribuir-lhe conchavos e traições. Prevenira tudo para essa entrevista que planejava, aproveitando o tempo ao gozo das carícias de uma mulher que ele engodara com alegres esperanças de convertê-la em companheira de casa e pucarinho.

Fr. Sampaio compreendeu que o misterioso colloquio representava a vigilante curiosidade do príncipe.

D. Pedro atraia-o á desconfortavel saleta dos conspiradores, trocando-a pelas salas espaçosas do antigo palacio dos vice-reis; subtraia-se a indiscreções de seus validos e almejava tirar a limpo a significação de qualquer facto de relevancia.

Não errou o professo. Depois de revolver varios papeis, zeloso sempre da observancia de todos os segredos, precavido em não elevar o diapassão dos dialogos afim de que ouvidos estranhos não apanhassem a conversação, D. Pedro sacudiu o braço do franciscano, com a quebra da linha da etiqueta e em frase rude interrogou:

— Então, seu frade da mão furada, você anda a escrever inconveniencias no *Regulador*?

Houve na sala demorado silencio. O velho cico, pendurado no vão de duas janelas, dava fortes pancadas que se destacavam no socego da-quele local secreto. O príncipe com a fisionomis ameaçadora, aguardando a resposta á brusca interpelação; o frade, com os olhos tomados de nevas de raiva e o garganta afogueada sem poder articular a réplica.

— Então, meu bandarria, és dos nossos para lá tora me embaraçares com impertinencias malvadas, continuou D. Pedro.

Irritado, ferido no seu amor proprio, começou a rodopiar entre os dedos o cordão da cogula e com os dentes a ranger de colera conseguiu retrucar ironicamente:

— Não sou nenhum aventureiro, vindo de terras distantes a colocar na minha cabeça a corôa que meu pai tivera de abandonar e outrem poderia usurpar. Nasci no Brasil e, servindo os interesses de minha Patria e nunca os desejos absurdos ou a cobíça dos homens, hei de me ocupar das questões politicas de meu amado país.

— Ninguém põe em duvida o seu patriotismo, padre mestre, ponderou o príncipe, tendo mais brandura e amenidade nas suas expressões. Sei que é um devotado á causa e a prova do meu reconhecimento está na promessa que algures lhe fiz de nomea-lo bispo. Careço, entretanto, de apanhar o fio á meada de uma intriga tecida entre

os meus servidores e emalhada nas paginas do *Regulador*.

— Obrigado a V. M. por tão honrosa mercê que a mim pretende conceder. Permita-me, porém, que lhe lembre não lhe ser licito ajuizar mal de outrem sem conhecimento positivo das cousas. Si foi para repreender-me que empregou artificios e me arrastou a esta casa; prefiro que me censure na presença dos nossos, pois saberei defender-me... Provoque-me, senhor, em ponto menos clandestino diante dos seus servidores. Ajustaremos contas... Depois não lamente as consequencias da cartada que vai jogar... E, boa noite, D. Pedro.

— Espere! — acenou o príncipe levantando-se da cadeira visivelmente agitado.

A maneira arrogante por que fr. Sampaio se externara abrija no animo do filho de d. João a certeza de que alguma cousa de mais importante significava a publicação do *Regulador*. A resposta altaneira do monge encerrava perigosa realidade; saia das normas da delicadeza e não pecava por plácida nem prudente.

Fr. Sampaio reconhecia que a sua attitude, categorica e repulsiva, superiorisava-se pela energia e insubmissão. Tratara o soberano sem bajulações; conseguira abater-lhe a sobrançeria e cortar-lhe a impolidez. Ficara intimamente satisfeito com a impetuosidade do seu gesto.

O cenobita aguardou a resolução de D. Pedro que o retivera sem se apressar a explicações. O príncipe abriu uma janella e apoiado ao peitoril meditava. Na escuridão do campo faiscava o clarão fugidio dos vagalumes. Num lodaçal proximo coachavam sapos; a inferneira chiada dos grilos orquestrava o mesmo compasso continuamente. Um relógio de torre soou 11 horas. O frade dirige-se ao soberano:

— V. M. nada tem a ordena-me. E' tarde preciso retirar-me.

— Fr. Sampaio — acudio D. Pedro — embora no ceo já apontasse a madrugada eu o não deixaria daqui sair sem uma elucidação formal. Não é o monarca quem o pede; é o amigo, o companheiro das maquinações contra a Corôa de Portugal! Diga-me: porque escreveu aqueles artigos do *Regulador*?

— V. M. insiste num assunto de que não devo, não posso inteira-lo. Dir-lhe-ei unicamente o que exporia em sessão plena do Grande Oriente, si exigido fosse. Não são meus, affirmo-lhe, os artigos; recebi-os de pessoa a quem voto respeito e consideração.

— Como? Então costuma assumir a responsabilidade das opiniões de terceiro?

— Tais sejam os motivos...

— Tolere-me a importunação e, para tranquillidade minha e no beneficio de evitar-me suspeitas sobre pessoas innocentes, pronuncie, padre-mestre, o nome deste individuo a quem não quiz desatender.

— Senhor, comprometi-me e não divulgo-lo.

— Ninguem o saberá. Empenharei a palavra de honra si o padre-mestre o exigir; é mister que eu conheça o anonimo do *Regulador*.

— Poupe-me a quebra do sigilo.

— Colhi o principal. V. reverendissima recebeu de alguém a perversidade saida no *Regulador*. Portanto, concluo — rematou na sua linguagem desabusada: o patife ou é Ledo ou José Clemente.

— Senhor!

— Sim. Vejo, agora, como bem avisado andava José Bonifacio desviando-me dos conselhos destes dois biltres que me impelião a jurar fidelidade á constituição da assemblea.

— Ledo e Clemente são caracteres fidalgos. Os rogos que fizeram a V. M. para que jurasse a constituição ditaram-lhes os mais elevados sentimentos de amizade ao principe e dedicação ao Brasil.

— As leis da nobreza e da honra mandam-me acreditar no protesto de V. Reverencia. Os deveres da lialdade e obediencia ao rei exigem, entretanto, que fr. Sampaio confesse quem foi que forneceo ao *Regulador* umas linhas contrarias aos ideaes do partido democratico — bradou o soberano.

Fr. Sampaio passou vagamente os olhos pela sala, enfiou as mãos nas largas mangas do hábito e soprou ao ouvido do monarca:

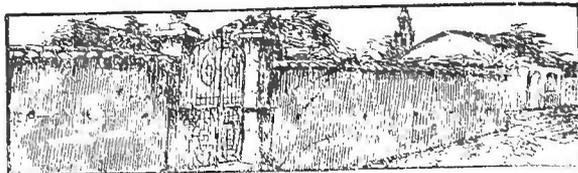
— José Bonifacio.

O principe afundou-se na cadeira de estofo adamascado. Entontecera-o a revelação. Fr. Sampaio meneou a cabeça e afastando-se disse, levando o indicador ao labio: — E caluda. Tenho a sua palavra.

— Até amanhã, padre-mestre. Piores que ra-meiras esses politicos.

Fr. Sampaio desceu a escada, embuçado na sua estamena. D. Pedro ficou pensativo por instantes. Nisto, despertou daquela especie de torpor, murmurou entre dentes palavras imperceptiveis e levantando-se abriu a porta do quarto chamando a rapariga que lhe acedia ás falsas promessas d'amor.

THEODORO MAGALHÃES.



## O HOMEM DAS CIRCULARES

VIDA, PAIXÃO E MORTE DE  
RICARDO DE MAGALHAENS

(Do memorial dum provinciano)

Hontem mórren Ricardo de Magalhaens; hoje, seu corpo descerá á região dos vermes. Não irei ao enterramento porque o tempo está mau: a columna de mercurio desce no thermometro assustadoramente e nuvens escuras correm na atmosphera, tangidas por um vento que não nos chega. Quando ha pouco saltei da cama, a cerração que por cá fora andava era tal, tão densa era, que da janela de meu gabinete, não via como habitualmente as torres de Sto. Antonio, altas e brancas, terminadas por gallos vermelhos espetados, em hastes metallicas. Decididamente, numa quadra chuvosa, como esta, em que se passa quatro e cinco dias a se ver claridade e não sol, ninguem deveria morrer... se é que a morte póde ser levada em conta, de um dos espinhosos deveres humanos.

Como acompanhar um amigo morto á campa gelida, num dia assim, de ceu plúmbeo, de garoa impenitente! Só de pensar em metter as galochas na lama das ruas publicas, só em me julgar numa capa de borracha, molhada, todo encolhido, os dedos crispados dentro de bolsos húmidos, os cabellos hirtos sob um chapéu frio, o nariz gelado, a face livida batida pela chuva impiedosa, — sinto um calefrio me percorrer o dorso, como se estivesse lendo uma aventura formidanda de Edgar Poe.

Qual! Não vou; não sou homem para taes violencias. Terceiro dia de chuva! Não são emquanto o tempo não mudar. De mais a mais, hoje é feriado. Apesar da myopia, vejo, percebo inilludivelmente, o vermelho estampado na folha commercial. Hoje, é verdade! é treze de maio, haverá festas — se Santa Clara der tarde limpa, — e o commercio fechará excepcionalmente cedo. Sairei á tarde.

Mas ha quem, não sabendo viver, não saiba até morrer! Ricardo de Magalhaens foi desses. Não sei se li ou ouvi algures que triste do homem que *teve historia*. Se não li ou ouvi, melhor — porque o dito fica sendo meu, e não desgosto se me tomam por grande pensador.

E o Magalhaens teve historia, coitado. Sua vi-

da, se não foi um romance perfeito (para felicidade do pobre), foi entretanto uma *comédia dramática* — como se diz communmente hoje, na gíria dos cinematographos. Risos e lagrimas andaram se confundindo, para que nos ultimos momentos só os prantos ficassem, como aliás sóe acontecer, na vida humana. Thalia, a pérfida, disputa a Melpomene, seu lugar entre os homens, para afinal ceder o campo á adversaria e se lançar á sôrna do Parnaso...

E como a historia do Magalhaens não é totalmente desprovida de algum interesse e como tambem me começa a invadir uma lamentavel amnésia, com pretensões a chronicidade, aqui a archivarei, a “historia do *homem das circulares*”, para, em futuros serões de longínquos invernos, poder contar a vida, paixão e morte de Ricardo de Magalhaens, por agnome «Louco», o pobre amigo que hoje descera ao *frio chão*, na classica expressão popular. Talvez dissessem ser uma pouca-vergonha minha escrever as excentricidades dum amigo no dia de seu desaparecimento material da vista dos homens, embora taes linhas não se destinem originariamente á «letra redonda» e sirvam apenas para suscitar commentarios “inter-amicus”. Eu, porém, responderia que a vida dos homens excentricos, como a dos homens publicos, a dos grandes, e a dos talentos, não lhes pertence exclusivamente. Fazem parte do patrimonio commum.

As originalidades do Magalhaens, por exemplo, são uma potaba de Deus aos curiosos...

Ricardo, coitado! adquirira o “habito das circulares”, numa *republica* do Rio, segundo a tradição mais vulgarizada. Dizia-se, porém, aos cochichos, em certas rodas (e principalmente no gamão commum, todas as tardes jogado na pharmacia nova), que o habito era mais velho, adquirido em sua terra natal, no interior de Pernambuco. Dizia-se até que esse genero de missivas, o levára ao Recife, para onde seguira entre um rumor de escandalo...

Esses ultimos boatos eram discutidos em surdina, com ares mysteriosos, porque, mau grado ser notadamente ordeiro, o Magalhaens tinha exquísita fama de valente, de escaldafaves. O proprio Miguelinho, filho do cabelleireiro Amancio, cuja reputação de arruaceiro-amador, era por todos conhecida, provada e respeitada, tinha uma rupulsa íntima, calada mas visível, ao pobre Ricardo Louco, á qual se juntava innegavelmente um receio de “medir forças”... E quando se dizia que “o bom homem Ricardo” (assim chamavam

ao Magalhaens, piedosos e *entendidos*, ironistas da terra) só tinha de louco e temível, o *habito* extranho — o Miguelinho do Amancio dizia em voz baixa, piscando um olho maliciosamente, sungando a calça suja ou encaracolando as me-lenas ruivas, com os dedos chatos e callosos:

— “E’ um boim rapazola; um mija-manso, um mija-mansinho...”

E dito o calão, ria para ficar depois silencioso, olhando a rua, ou trauteando a musica mais brejeira da ultima serenata.

O que sei ao certo é que, se ia á caça, matava sempre muitas perdizes, victorias bem melhores do que as de Tartarin, Nemrod de Tarascon. Quanto a fanfarrohadadas, nunca as teve senão quando se tratava de perdigueiros e tiros certos, entre um gole de *refresco* e um lance de carta, na esquina do capitão Netto. Mas, todos os caçadores são assim.

Os cochichos acrescentavam isto, jurado pela gente “das rodas”, *á pés juntos*: na capital pernambucana a mania de Ricardo, meu bom Ricardo, se desenvolvera de modo inquietador. Afinal, a obsessão era apenas esta: elle, o *enfant terrible* de calça comprida, escrevia urna bem feita epistola amorosa, capaz de desnortear a petulancia politica duma Cleopatra, numa calligraphia admiravel, todas as letras de tamanhos eguaes, todas as phrases perfeitamente harmoniosas, tirava uma duzia de cópias, (conforme o numero das victimas) e distribuia “as circulares” como dizem que as denominava o autor. Ricardo era elegante, maneiroso, empregado da prefeitura, de muito boa familia, com um “aens”, no nome (embora seus maiores tivessem um simples ~...), e era quasi sempre aceito... Por alguns dias tinha assim a original ventura de jurar a differentes moças, que as ia *pedir*. As coitadas agradeciam fervorosamente a Santo Antonio, a graça obtida; as torres esguias e candidas da grande igreja, encimadas por gallos sanguineos atrevidos, lhes pareciam mais bellas, mais augustas, dominando o pezado corpo “barroco-jesuítico” do templo.

E o Magalhaens ria, Nero do amor, metido em burocraticas funcções, deante de chammas breves que annunciavam a escuridade... Garnia a mesa do gabinete com flores recebidas por creadas discretas, contente da victoria, embora fosse suspicaz por experiencia. Não lhe era, nem podia ser, desconhecido que taes vinculos eróticos em pouco se deliriam; e elle ficaria abandonado. Abandonado, sim — mas não abatido, porque, como um demente, elle o que havia desejado fôra esse

triumpho ephemero, deliciosamente ephemero... Dentro de certo tempo, a tal posição de "multi-quasi-noivo" era insustentavel; o falario das *amigas* era o canhoneio previsto e temido, que tudo derrocava, que punha tudo ao chão, peor que as pragas do Egypto. E o Magalhaens recuava, seguindo as prescripções duma habil tactica de rompimentos consecutivos. Já alcançara seu ideal e se contentava com uns mezes de inactividade romantica, durante os quaes se queixava de amores infelizes, perfeita humanização de crocodilo.

Repetira (diziam alguns) essa operação trez vezes, em sua terra natal e apesar do geito, que innegavelmente possuia para o manejo, fatalmente se desmoralizara. No Recife, esteve dois annos "nos estudos", porem, trez vezes mudou de residencia.

E como da capital chegavam uma ou outra vez, noticias indiscretas de taponas, em noites de luar, e coisas desse jaez, o "pequeno" dos Magalhães foi mandado "á Côrte", como numa reminiscencia monarchica os matutos chamavam, á Capital Federal. Dizem que lá andou pelas delegacias, uns negocios de serenatas, mas é possivel que seja mera invencionice. O provavel é a continuação das *circulares*, e o certo é que seu nome andou num jornal critico, taxado de "nome de guerra dum perigoso aventureiro recifense"...

E o Magalhaens veio para cá, faltando apenas um anno para ser bacharel, mas dizendo até que defendera these. Uns chamavam-no o *doutorzinho*; outros, nem isso. Entre os ultimos, estavam incluídos o Miguelinho e vendeiro Pardal...

*Semi-doutor*, foi commerciante (quem o diria?!); fallido; mau professor; homem de bem; D. João de sorte; poeta notavel; chronista mundano; homem caipora e por ultimo, funcionario da prefeitura. O pai morêra; D. João platonico não se emendou.

Ficou desacreditado.

Mas o *De Magalhaens*, como elle se assignava nos jornaes, (poeta... por sport.) era um bom rapaz. Suspeito dos burguezes, do padre Miguel e dos grammaticos indigenas, elle os desprezava, a todos apellidando de caturras.

Ultimamente andava gasto, doente. Contrainha uma paixão, sua paixão veridica!. Mas o idolo fugia a seus rogos, *com medo de novas circulares*... Coitado do Magalhaens! Foi um abalo.

Penou seis mezes sobre a terra, pensando que suas continuas provas de amor e a falta de intrigas patenteassem a boa vontade sua. Fez os seus mais bellos versos, andou magnetizado por um revólver, pagou ao senhorio, o diabo enfim!

Por duas vezes chegou a se atirar da Ponte Branca, nas aguas tumultuosas do rio, (dizem) mas tinha a infelicidade de saber nadar maravilhosamente.

Afinal, a morte resolveu amparar o pobre Magalhaens. Morreu. O dr. Cassiano escreveu no obito que "do coração", numa ironica perversidade, magoando a quem matara o infeliz...

Não sei se na Municipalidade hastearam bandeira a meio pau, nem se os jornaes elogiavam o poeta morto. Talvez não, porque elle ganhava na prefeitura dois mil e quinhentos reis por dia...

O tempo continua mau. Quererá que não haja festa, á tarde? Maldita natureza!

Penedo, 1921

JURANDYR GOMES



## SIMPLICIDADE

— Tiro das tuas palavras o conceito que ellas suggerem.

— E qual é elle? Vejamos...

— E' que tudo quanto me tem ultimamente acontecido só tem uma causa, uma unica: a minha bondade. Sou bôr de mais.

— E's simples.

— Simples? Porque não dizes francamente: tola?

— Não: insisto no que disse: simples. Tens, como se costuma dizer, o coração na boca. A tua bondade transborda em ternura, mas essa bondade compromette pelo excesso e tambem por má applicação.

Um millionario que se puzesse á janella do seu palacio, entre cofres abarrotados de ouro, lançando moedas á rebatinha, seria tomado por doido e, desde logo, levado para um manicomio. O que fazes com a tua excessiva ternura é tanto como isso. A bondade deve ser pesada na balança da ponderação, dando-se tanta quanta baste para que produza o beneficio desejado. A demasia dará a quem a receba o direito de a julgar segundo a propria maldade.

E's meiga, naturalmente carinhosa, incapaz de maltratar a quem quer que seja, e demais a mais, timida.

Tudo isto que revela a perfeição da tua alma concorre para expor-te aos males que tens soffrido — desde a ingratição até quasi a affronta e, entre taes extremos, todos os abusos dos que, descobrindo a tua fraqueza sentimental, entram por ella causando-te os aborecimentos de que te queixas.

Quanto mais precioso é o thesouro maiores de-

Ninguém confia preciosidades a uma gaveta sem chave, guarda-as em cofre de ferro, com fechadura de segredo.

Deve-se ser bom, visto que a bondade é a expressão divina d'alma, mas com cautela.

A rosa não se nos nega, inclina-se toda na haste a oferecer-se-nos, mas se a não colhemos com jeito fere-nos com os espinhos.

Tu não recibes em tua casa, acolhendo-o na intimidade, ao primeiro transeunte que te bate á porta. E se tens escrupulos em dar entrada no lar ao estranho, como te abres em sorrisos com uma creatura com quem pela primeira vez te encontras em um salão e tens com ella confidencias que são segredos de tua alma?

Se não consentes que violem as gavetas dos teus móveis, onde guardas fitas e enfeites, como expões abertamente a um estranho, cujo character desconheces, o que tens de mais intimo e precioso: a alma?

Fazes mal, arrisca-te a muito e o que tens soffrido dos ingratos, aos quaes tens acolhido com tanta meiguice, bem pode ser um aviso da Providencia para que te ponhas em guarda contra os infames.

Affirmam os philosophos que a mulher é um ser enigmatico em cuja alma, que é como um labyrintho, quanto mais se aprofundam mais se acham confundidos. Esse labyrintho, minha amiga, é a nossa unica defesa.

Façamos como a aranha que tece o fio da sua teia, não para que sirva de guia, mas para que enlice e prenda.

Se dissermos o nosso segredo terrivel perderemos a nossa força que é... nenhuma.

Sim, nenhuma. Nós somos como esses animaesinhos frageis que, por não disporem de presas nem de garras, servem-se da astucia e com ella conseguem vencer aos mais poderosos.

O teu mal é a simplicidade — caminhas entre inimigos completamente desarmada e, mais ainda, denunciando as proprias fraquezas. Fazes mal. Sê mulher, quero dizer: sê maliciosa e subtil.

— Queres dizer: hypocrita e má...?

— Nem hypocrita nem má, quero que vivas como devamos viver.

— Transformando-me no que não sou...? Nasci assim...

— Nascestes assim... Ora, minha amiga. Nós nascemos nuas, nem por isso apparecemos na sociedade como entramos na vida. Pois se trajamos o corpo, porque não havemos de vestir a alma com aquilo que chamamos discrição e enfeites de convencionalismo?

Nem todos os nossos pensamentos sahem em palavras porque se sabissem fariam escandalo. Nós comp

o circulo em que ellas têm de soar, vestimo-las, não é verdade?

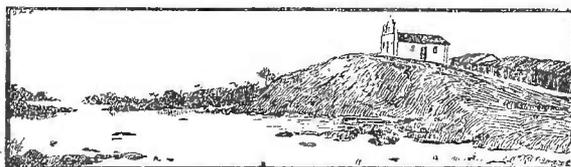
Tu, não. Ha phrases tuas que seriam despuadores cynicos se não fossem ingenuidades. Não tens malicia e, como o pudor é filho da malicia, não havendo esta não pode haver aquelle. Taes phrases, porem, que, para nós, as tuas amigas, são innocentes e encantadoras como crianças travessas, os estranhos interpretam-nas maldosamente e de taes interpretações tens tido ultimamente as provas; e se não te corrigires quem sabe o que ainda poderá succeder!

Falo-te como amiga. Sou mais velha do que tu e ando ha mais tempo nesse mundo complicado, cheio de enredos, cntralhado de intrigas que se chama a sociedade, onde todos se festejam sorrindo, não por amizade, mas para que se lhes vejam os dentes. Arma-te, exercita-te, deixa essa simplicidade...

— A minha pelle de burro... como a da historia...

— Não, a tua pureza infantil e lembra-te de que vives entre feras. Sê astuta e prudente, pesa bem as palavras que disseres e pratica a bondade de modo que te agradeçam a generosidade, mas que te não chamem de tola nem tomem o impulso do teu coração por uma fraqueza do teu character. Sê boa com altivez como o sol, que illumina lá de cima.

COELHO NETTO.



## DOIS IDIOTAS

Eram dois idiotas — mãe e filho.

Ella — velha cabocla, de cara encarquilhada como uma casca de nóz, as sujas madeixas grisalhas a fugirem de sob o lenço sujissimo, embrulhada em farrapos nojentos e com uma singular tremura do maxillar inferior, que mais accentuava ainda a convidade da bocca, erma de dentes.

Elle — de corporatura athletica, physionomia alvar, tez mais carregada, revelando no encarapinhado da grenha o sangue de negro e tão sujo, tão maltrapilho, tão repellente como a mãe.

Nha Tuca *bamba* e Feliciano *bambo*, era como os conhecia a população inteira, sem falha de uma só alma ou de um só desalmado, da vetusta cidade, typicamente colonial nos seus predios acaçapados, nas suas janellas de rotulas, nos chatos, larguissimos beirae e nas ruas impossiveis, onde, ainda, pelo tempo, viçava o capim e realizavam-se congadas e cayapós, com enorme estar-

dalhaço e na qualidade de complemento directo obrigatorio de certas festividades religiosas, que as vassouras do cosmopolitismo vão varrendo para a valla commum da indiferença.

O filho vivia de recolher e rachar lenha, de ir ás nascentes buscar agua a quem não n'a queria dos poços, de todos os biscates, em summa, que constituem o substractum da vida desses parias miserimos, que escassamente vivem das migalhas, sejam do trabalho, sejam da paga, de uma agglomeração urbana qualquer.

A mãe, essa, esmolava apenas.

Cantavam e dançavam ambos, porém, quando alguem, que na sua miseria achava divertimento, lhes dava um nickel para isso.

A dança era um rudimentar, mero sapateado; o canto, uma melopéa, tristissima na sua monotonía, em que os sons gutturaes e insignificativos preponderavam sobre as palavras.

Si, porém, não havia nelle melodia apreciavel, o rythmo era perfeito, como acontece sempre com as ideias musicas dessas mentes retardatarias ou regressivas.

Às exhibições vocaes e choreographicas das duas miserandas creaturas o elemento garotagem era chronico e, com frequencia, expandia a sua malvadez congenita em vaias, apupos e pedradas, a que vinham em troco palavrões medonhos, barbaridades de arrepiar; bramados por mãe e filho, ambos com escuma nos cantos da bocca, ambos a espirrar ascuas de ira dos olhos congestos.

Da degenerescencia, o minimo, lamentavel expoente. Tarados, successores de uma hedionda herança, os dois alcoolatras inveterados, frangalhos humanos, batidos nas mais sordidas taboas da vida, apenas um ponto os identificava com a gente normal, lh'os igualava, ou, mesmo, os punha acima della: — o amor da mãe pelo filho, a canina dedicação do filho pela mãe.

Ao Feliciano *bambo*, quando, nos dias bons, lhe davam, ao almoço ou ao jantar, afóra o arroz, feijão e farinha, um pedaço de carne, qualquer coisa de melhor, deixava-a aparte e *post-pastum*, pedia uma *foia de papé*.

— P'ra que, Feliciano? — perguntayam.

— E' p'ra levá p'ra nha mãe.

Quando, entre as esmolas catadas por portas pela velha cabocla, vinha qualquer coisa mais assim, menos ruim, punha-a ella de parte.

— P'ra qué, nha Tuca?

— Isso é p'ro meu fio.

Haviam-se enlurado os dois lá no Anhangabahu, nos escombros de uma igreja de taipa, soccada pelos bugres aldeados pelos jesuitas.

Cada um daquelles animaes hominios havia eito o seu ninho em uma das capellas lateraes:

e onde fôra o altar mór, um bando de santos, santinhos, tócos de velas de cera e cebo enchiam e preenchião o vacuo deixado pela imagem ausente.

No fim abrupto do morro, que parecia o corte de um machado titanico, passava, defluindo lento, um ribeirão — o Guapeva.

Um oleiro italiano, de iniciativa mais ampla, ali armára uma arataka, para movimentaro a massador.

Era como que uma caricatura, no singular, das famosas rodas de Marly.

Entre as pás dessa roda dagua, cuja potencia uma chuvarada multiplicára, o corpo do Feliciano *bambo*, sumido ha dias, foi encontrado engastalhado, moido, exangue e lavado, rostido pelos pedregulhos do fundo.

Foi a propria mãe quem o achou.

No primeiro dia, não aconteceu nada; no segundo, nha Tuca andou de casa em casa, de porta em porta, á cata do filho.

— Vancê viu o Friciano? — era a pergunta só, que sahia daquella angustiada, suja, mal cheirosa bocca de mãe. Ninguem o viro.

Quando ninguem o tinha visto, nem sabia delle, onde ninguem soubera nem vira, Tuca advinhou.

Soube-se do achado porque uns moleques, pescadores de lambarys, impressionaram-se com a immobibilidade daquella estatua de immundicie á beira dagua.

Vislumbraram os traçalhos do corpo de Feliciano e, desistindo das cóvas, jogando fóra as varas, correndo a perder folego, foram dar o alarme.

A ronqueira, enferrujada geringonça da sentinella avançada da sociedade poz-se em movimento. Com delegado, escrivão, quatro gatos pingados, representando a força publica e um magote de curiosos, o corpo foi, em pedaços, extrahido dentre os pranchões de peroba, levantado, identificado e enterrado.

Isso foi por volta de janeiro ou fevereiro. Dalli, daquelle comoro de barba de bóde nha Tuca, só se movia quando o estomago gritava bem alto. Então subia para a cidade e esmolava a comida.

Por uma fria madrugada de fins de maio, ou principios de junho, embolada, a cara entre as mãos, as mãos entre os joelhos, as gadelhas, agora só amarellas de sujeira, esborrifadas á volta, houve alguem que visse nha Tuca.

Da geada da noite, ainda restavam, aqui e alli, uns crystaesinhos.

Delles, refrangindo-se nas facetas, o empalamado sol de inverno tirava chispas.

Nha Tuca estava morta.

Alli, ao par, bem junto, pacotinhos de papel.

Num, uma carcassa de gallinha; noutro, um

# SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores**

**Ricardo Gonçalves**

Ricardo era um desses seres privilegiados a quem a Providencia dotou ao mesmo tempo de uma intelligencia superior e de um enranhado affecto á sua terra e á sua gente. Difficilmente se encontrarão reunidas tantas qualidades nobres, tantas virtudes, como as que exornavam o malogrado poeta que foi ao mesmo tempo distincto advogado e eximio prosador. A sua modestia exagerada, mas modestia não calculada, antes assim como que necessidade do seu temperamento extraordinario, deveu o digno moço a quasi obscuridade em que viveu e da qual os amigos e dentre esses, Roberto Moreira, Martins Fontes, Monteiro Lobato, Arthur Ramos e Capote Valente, raras, rarissimas vezes o conseguiram arrancar. Grande cabeça, grande coração, elle era em tudo um excessivo. Aos seus amigos, queria com o affecto carinhoso de um verdadeiro irmão! Nos seus melhores dias, o seu verdadeiro gozo era ter ao seu lado, á sua mesa ou no seio das florestas, na vastidão dos campos, entre a Natura principalmente, um ou mais amigos, aos quaes deixava os arcanos do seu peito, deixando jorrar em borbotões a exuberancia do seu mimoso talento, as perolas mais raras da sua alma de artista e de filho verdadeiramente amante da creação... Aos extranhos e aos nullos parecia Ricardo um exquisito, um sorumbatico, um triste — mas não; o inditoso emulo de Euclydes da Cunha era de uma natureza essencialmente plasmada para apprehender as mais sublimes e arrojadas concepções da vida, da belleza e da perfeição! Ricardito foi um desses entes que vivem «ouvindo estrelas» porque a delicada sensibilidade do seu "Ego" lhes permite ouvir-as e entendel-as; porque as almas das flores são irmãs das suas proprias almas; porque a mais medrosa das avesinhas os conhece e ama; porque repugnando á aobreza dos seus sentimentos a maldade dos homens, elles buscam na solidão e no convívio dos brutos, a «affectividade», que é a razão de ser de sua existencia. Ricardo foi um puro — e foi um bom! Foi isso que o matou.

Eu não acabaria nunca, se quizesse enumerar aqui os rasgos de bondade desse mancebo tão prematuramente roubado á terra de seu berço; eram elles communs; eram a preocupação de seus dias; e praticava o bem, modesta e obscuramente, admirando-se naturalmente, quando devido a alguma traição do acaso, o elo-giavam pelo bem que espalhava; furtando-se systematicamente a qual-

quer prova de gratidão... Era perfeito!

A sua bagagem litteraria infelizmente dispersa e quasi no olvido, é o espelho em que se reflectem todas as modalidades da sua alma sublimemente amante; do seu coração profundamente sincero e bom. Um roubo que ainda hoje lamentamos como um crime, priva-nos hoje de reproduzir aqui, alguns versos ineditos do pranteado poeta! A nenhum dos eleitos do Parnaso, da presente geração, se applicaria como a elle com tanta propriedade, a sentença de Hugo: — «Toda a creança é até certo ponto um genio e todo o genio é até certo ponto uma creança!» — Ricardo era assim um composto destes dois extremos. Assim a sua obra. A sua lyra magica tinha ternuras desconhecidas; elle cantava a poesia campesina, a belleza da nossa flora, a simplicidade do nosso matuto, com o mesmo desprendimento que a creança põe nos seus brincos, com a mesma emoção, com a mesma segurança do sábio nas suas arrojadas descobertas.

Tambem a matta virgem para elle não era avaza dos seus segredos.

Ricardo ria pouco. Só uma vez, o vimos gargalhar perdidamente. Foi Lobato o causador dessa hilaridade, numa noite memoravel, em que a sala de Ricardo, encantadora e convidativa, fora transformada em cenaculo, o que ás vezes succedia. E uma satyra mordaz, cortante, mas innocente, como soem ser os estyletes humoristicos daquelle querido prosador foi causa de uma geral barrigada de riso...

Núm dos seus «mergulhos» no sertão, lá para as bandas de Catanduva, uma pobre mãe moribunda, descrida do esposo, ébrio inveterado, entregou-lhe uma filhinha. Recebendo o encargo, prometteu Ricardo velar pela pequenita e assim o fez. Dispensando-lhe o carinho paternal, educando-a na rectidão dos seus costumes. Dir-se-ia que o seu espirito velou por ella, até d'alem tumulo, pois que a pequena abandonada, já então adulescente, após a sua morte, soube portar-se á altura do nome do seu bemfeitor: casou-se bem, é sempre com lagrimas na voz que se refere ao seu pai adoptivo e até hoje, naquella fatal onze de Outubro, ella lá vai depór no tumulo quasi esquecido do saudoso vate, as flores e as lagrimas da sua gratidão.

Residia então Ricardo nas Perdizes. Um querido amigo seu que foi tambem distincto e malogrado jornalista, teve nessa epoca dias sombrios. Ricardo, com a sua habitual delicadeza, fazia milagres para acudir o pobre moço, sem ferir-lhe a natural susceptibilidade: ia buscá-lo diariamente, inventava pretextos, armava ciladas e quando tudo falhava ordenava que se transportasse o «potage» para a casa do amigo em questão...

Ricardo odiava os preconceitos de casta.

Uma vez, viu elle um dos seus filhinhos affastar-se receioso de um pobre rapazinho, um preto: chamou, penalizado, as duas creanças e fez sentir ao seu filhinho que ambos eram eguaes; que a diversidade de côr e de posição não impedia que nas veias de ambos circulasse sangue igual... E momentos após, as duas creanças, felizes, traquinavam sob o olhar humido de Ricardo, que se esquecia a contemplal-os...

A ama de um dos seus pegnerruchos tinha um filho que lhe era muito affeccionado. Por qualquer cousa de somenos importancia, a ama deixou a familia. Semanas depois adoeceu o menino e Ricardo, sabedor do facto, mandava diariamente o medico ao pequeno; visitou-o muitas vezes e fez a expensas proprias o enterro, que acompanhou de cabeça descoberta: foi isto em S. José dos Campos e o medico do menor foi o Dr. Mario Galvão.

Como Ricardo se sentia feliz quando ia, espingarda ao hombro, chapéu desabado, rumo da casinholá de algum Géca! Ás vezes em casa estavam á sua espera para o almoço, emquanto elle, socegradamente, comia lá numa cabana ignorada virado de feição com torresmos e depois tomava café com garapa...

Certa vez, com a familia e outras pessoas amigas, formou elle uma caravana e foram fazer uma estação em Ubatuba, com escala em S. Sebastião. Uma vez nesta ultima localidade, alugaram ao Padre Jayme, vigário da parochia, um casinholo onde arrancharam. Entre os excursionistas achavam-se o Arthur Ramos, amigo querido de Ricardo, o seu Cunha, o Honorato Pimenta, o Luiz Gonçalves, irmão de Ricardo, a familia de ambos, etc.

Séduzido pela perspectiva da caça, que alli havia em abundancia, apretou-se o afficionado Ricardito e com alguns companheiros embrenhon-se na matta. Tres dias e tres noites durou a excursão: no raiar do quarto dia, regressaram os intrepidos caçadores, conduzindo os despojos da matança, para o exito da qual dormiram tres noites num rancho improvisado e se alimentaram de fructas e mel, como anachoretas. De S. Sebastião seguiram para Ubatuba, que Ricardo ansiava por conhecer. A quasi abstinencia a que eram obrigados alli, por ser um logar falto de tudo, punha um sainete de tragedia naquella viagem, mas a alegria, o bom humor dos itinerantes fazia «pendente» com o café de garapa, com a farinha de mandioca, com o peixe cozido com banana verde — os melhores pitões da zona e as esteiras de tabôa — unico leito que poderam encontrar.

A alegria ruidosa da caravana transbordava. Pela manhã, os mais bulhentos despertavam a tiros os

## Curiosidades literárias

### Às senhoras bahianas

Pedem-se donativos para uma sociedade abolicionista. Quem pede? Quem pede são homens que vos dizem simplesmente: Para nossos irmãos! São escravos que vos repetem com a monotonia da verdade: Para nossos filhos! E a quem se pede? Não é a vós, banqueiros ou millionários, ricos ou poderosos.

Não! Ha um instinto e um pudor nosse pedido. O pudor diz: a esmola de uma moça não humilha. O instinto diz: o coração de uma virgem não faz economia.

Pede-se a vós, senhoras, a vós donzellas! a vós crianças! A caridade pede «a vós que sois a caridade!»

E' que o nosso coração acostumou-se a encarnar a virtude primeira do christianismo na forma purissima da mulher — charitas!

Symbolo divino, esta figura cujos braços semelham duas ramos pesadas de fructos, em cujo rogaço as creanças abandonadas se entrelaçam como as aves de um só ninho... esta figura benéfica — é a synthese de uma religião, é a deificação de uma classe!

Acolá está todo o espirito do christianismo, todo o futuro da mulher na sociedade moderna.

De seculo em seculo os homons ganharam um plano no terreno da liberdade e do pensamento. As victorias da mulher foram no terroro da amor.

O Christo disse aos apóstolos: ensinai a todas as gentes! Mas disse ás mulheres: Amai a todas as gentes!

O amor era uma corôa; desde então a caridade foi um resplendor. Houve dilataçào no circulo dos affectos.

A estatua da esposa grega tinha os pés sobre uma tartaruga para lembrar-lhe a immobillidade do coração. Seu universo é o lar.

Vede-lhe a antithese! Um vulto ideal de moça traz nas sandalias o pó de todos os hospitacs para lembrar-lhe a universalidade do seu coração. A irmã de caridade tem por lar o mundo inteiro. E' que os antigos mal tinham soletorado neste livro mystico que se chama a virgem.

Para que fizeram os deuses a rosa lubrica dos labios? Para os beijos diziam elles.

Nós dizemos: Tambem para a prece. A mão alabastrina da musa saphica vai bem na lyra eburnea, mas é divina levando um crucifixo á bocca de um moribundo. Achaos formosos os cabellos da Venus marinha, ainda rorejantes das perolas do oceano?

Eu chamo de sublime á cabelleira loira de Magdalena, quando enxuga os pés de Christo.

Depois... Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar e condemnar nesta questão. Porque sois as bellas filhas desta idade que se illustrou por George Sand, o Emilia Gerardin, por Mme. de Stael e Harriet Stowe.

Ainda mais: porque sois filha desta magnifica terra da America — pa-

tria das utopias, região criada para a realização de todos os sonhos da liberdade, de toda extincção de preconceitos, de toda conquista moral.

A terra que realizou a emancipação dos homens, ha de realizar a emancipação da mulher. A terra que fez o suffragio universal, não tem direito de recusar o voto do metade da America. E este voto é o vosso.

E' o voto dessas mães de familia que aprenderam no amor do seus filhos a ternura pelas crianças... «ainda que negras». E' o voto dessas virgens purissimas que choram de ver scenas repugnantes da escravidão turbando a poesia da familia. Oh mães! Oh virgens! Protestae em nome de Maria «Mater creatoris». Protestae em nome de Maria a virgem — «Virgo oastissima».

Houve um tempo em que a matrona de Esparta levava o filho ao banquete do opprobrio e da miseria moral. O ilota tinha a significação do distico espartano: Enojate. Hoje a matrona leva o filho ao ergástulo da escravidão. O escravo aviltado tem, porém, a significação de um verso biblico: Compadece-te.

Nas horas serias da humanidade, no berço ou no tumulto das grandes cousas, quando uma raça expira, quando um povo se ergue, quando um reino desaba, quando uma revolução se forja; um vulto eleva-se banhado nessa belleza mystica da fraqueza feminina, e por cima do turbilhão das almas indecisas passa a inspiração febril da Cassandra — a prophetaisa do Hypathia — a metaphisica! — o punhal do Judith — a regicida! — do Joanna d'Arc — a donzella! ou a poana fulgurante de Beecher — a abolicionista!

E não terá chegado um desses momentos?

Oh que sim! As ondas liantes do seculo já apagaram ao longe das duas Americas todas as instituições escravocratas. O diluvio da abolição veio lavar as continentes para as novas gerações.

Só em torno desta terra brasileira é que roem as vagas do ultimo rochedo que abriga as cousas que hão de morrer.

Ha uma pagina assim no «Céu e terra» de Byron. «Ao clarão sinistro e livido que tomou conta dos ares», os vultos dos arcanjos amorosos olvavam-se do abysmo, carregando nas asas refulgentes as noivas que adoraram sobre a terra!...

Oh virgens! O cataclysmo rebrama Vamos! Estendei estas mãos alvissimas!

Carregae para o céu dos livres, estas criancinhas agonizadas, que vos chamam balbuciando.

E depois, vós bem sabeis, a bondade é tambem uma belleza. E quereis que vos diga? Eu penso que uma acção bonita deixa sempre um irradiamento no olhar, um relampago na frente.

Ha dias em que a formusura delumbra. E' quando o anjo da guarda beijou contente a face da donzella.

Demais, que é que vos pedem?

Pouco o muito. — Pouco pelo que vos ha de custar. Porque enfim, as flores de um bordado nascem melhor sob vossas mãos ligeiras do que os lilazes aos afagos da primavera... Ao vosso halito suavissimo, o velludo amoroso rebenta em lirios e em borboletas de seda... E o bastidor es-

dorminhocos. E no meio desses loucos, só Ricardo conservava os seus modos commedidos, discretamente satisfeito. Um dia um dos rapazes que já agora, entrara para o rol dos homens serios, inventou um passeio á «Praia da Enseada», onde o chamava e attrahia um «lindo par de olhos», uma perola perdida naquella solidão.

E alli, durante quinze dias, os viandantes, enquanto o endiabrado rapaz bebia o céu pelos olhos da amada, tiveram que passar a café e carne secca!... Mas a séde de aventuras ainda não fatigára.

Inventou-se ir d'alli á ilha dos Porcos, de balsa, afim de attender a um convite que fora dirigido ao Ricardo.

E se bem se pensou, melhor se fez. Eis a balsa pejada de homens, senhoras e creanças, rumo da ilha dos Porcos, impellida por quatro remeiros sob um céu claro e limpido.

Subito, uma nuvem negra passa. O céu se turva, ribomba célere um trovão e a tempestade desaba quasi immediatamente. O Cunha ria-se e praguejava como um pagão; os outros procuravam animar as senhoras, que gritavam loucamente; Ricardo e a sua pupilla, ao fundo da balsa, auxiliando a retirada da agua que ameaçava submergila, não soltavam palavra; dir-se-hia que na presciencia do seu tragico fim, achava-o o pobre amigo, rodeado de entes queridos, suave e consolador!...

A tempestade durou toda a noite. Toda a noite lutaram os excursionistas contra os elementos, com agua até os joelhos.

Pela manhã, quando exhaustos, desnordeados, o temporal amainou, achavam-se proximos da praia e os soccorros de terra não se fizeram esperar.

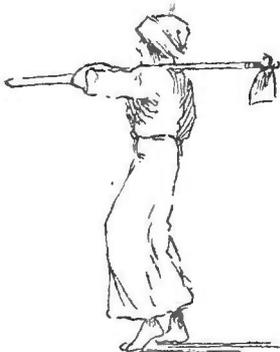
Quem sabe se, depois, no dia fatal, no derradeiro olhar lançado á senda percorrida — naufrago salvo das agnas, mas naufrago da vida — não reviu o querido companheiro essa noite, e não lamentou ter sido poupado então!...

\*\*\*

Eu fui entre os seus innumerous amigos o admiradores, o mais obscuro o ignorado. Elle mesmo talvez, ignorou sempre, o grande affecto que me soube inspirar.

E-me grato por isso — gosto acerbo dos que amam fallar de cousas que os fazem soffrer — despentalar sobre a sua campã, estas flores emurchecidas de pranto e de saudade...

M. VILLAÇA DE CANARJO



trela-se de missangas, como se tece de constellações uma noite luxuosa de Equador.

— Muito, pelo resultado que isto importa.

Imagino que estaes só. Acabastes de ler a ultima pagina de um livro querido do vosso escriptor predilecto, a «Pata da gazela», talvez... e ficaeis scismando... em que? no heróe, no desfecho, nessas visões seraphicas, que povoam os corações das virgens... Depois, como se a tristeza vos ficasse de matar nesta cabeça espiritiosa, sacudis a onda magnetica dos cabelos e deixaeis cair entre perfumes a seisma que vos pesava como um diadema... que fazer? Um desenho? Uma aquarella? Mas a palheta está guardada, o album vos foi pedido por alguém.

Emfim é impossivel.

Se ao menos fosseis tocar aquella musica tão bella de Göttschalk — Ojos creolos, que o maestro compos advinhando os vossos olhos... Mas nestes dias de inverno o piano está humido e preguiçoso; demais sois nervosa, e as teclas geladas produzem um arrepio irresistivel. Vamos, senhora, não ha remedio. Tirae de vossa cestinha de costura esses fios de seda ou de ouro. Sentae-vos ahí junto dessa janella por onde o ceu vos mira, sorrindo nessa limpidez do azul. Trabalhae, oriança... assim! Meu Deus! Como sois bella! Sabeis. Sois a parodia celeste da Parca. Tendes nos dedinhos cor de rosa o fio de uma vida... mas um fio de seda... uma vida de liberdade tecida por vossas mãos angelicas, ó Genio da Caridade?

E agora eu vou concluir; mas antes deixae que vos lembre uma historia.

Dizem que houve uma rainha em cujo regaço as moedas que levava aos pobres se transformavam em flores.

Donzella! Vós tambem fazeis milagres. Em vossas mãos as flores vão transformar-se em ouro para a remissão dos captivos.

CASTRO ALVES

## O Centenario de Flaubert

O mundo das letras é tambem o mundo das desaffeições.

Não ha duvida que os grandes escriptores tiveram amigos, mas somente por isto — porque foram grandes.

De que não é inutil ser amigo de um grande escriptor, tivemos prova ha hem pouco, quando Ruão commemorou o centenario de Flaubert, seu glorioso filho.

Mais alguém mereceu, então, as honras tributadas ao excelso autor de «Salammbô»: Luiz Bonilhet.

Poeta e escriptor dramatico, Bonilhet jámais conseguiria pelo valor de suas obras semelhante homenagem da posteridade. Foi, porém, tão intimo amigo de Flaubert, tantas attenções o tanto carinho este lhe dispensou sempre, de tal forma a vida de ambos se confundiu, que os promotores dos festejos julgaram dever reverenciar tambem Bonilhet, até mesmo porque isso só poderia ser grato ao proprio Flaubert...

E assim acouteceu.

O extraordinario escriptor de «Madame Bovary» — diz o «Temps» — da-

va grande apreço ás apreciações de Bonilhet sobre o que escrevia e mostrava, trecho a trecho. E o que é peor é que, dominado pela profunda affeição que dedicava ao poeta e dramaturgo, Flaubert, ás vezes, modificava o original — com prejuizo de sua perfeição. Tal succedeu, por exemplo, com a «Tentação de Santo Antonio». Cedendo a suggestões de seu amigo, Flaubert refel-a tres vezes, e cada vez com menos felicidade, o que se verificou posteriormente á sua morte: encontrados os dois primeiros originaes, reconheceu-se qão grande era a superioridade de ambos sobre a edição definitivamente dada á estampa!

Pelo exposto se vê que, talvez, nem mesmo os grandes escriptores tenham amigos...

A proposito do centenario do immortal estylista, publicou a «Couvainsance» uma curiosa paraphrase da prece christã Padre Nosso: «Pae Flaubert, que estaes no céo, glorificado seja o vosso nome, continuee em vosso reino, seja observada vossa pureza em vossos vocabulos e em nossas phrases; nossa inspiração quotidiana nos, dae hoje; perdoae-nos nossos erros de francez, assim como perdoamos aquelles aos quaes temos criticado. Não nos deixeis succumbir á tentação da «reclame», mas nos livrae da Academia. Amen».

Da Academia e de amigos como Bonilhet...

C. L.

CORLHO NETTO

## Páginas esquecidas



## O Vocabulario

As palavras têm seu meio proprio.

Ha expressões que não ousam penetrar em uma sala, ficam á porta, espiam e, vexadamente, recuam; outras nunca chegaram ao limiar da porta... e, si alguma vez isso succede, o espanto é extraordinario.

Quem supporta, por exemplo, um hispido, escabroso vocabulo de gyria na bocca delicada de uma senhorita elegante? dá-nos a impressão duma lesma sabindo de uma rosa.

Aconteceu-me, certa vez, parar esgazead, tolhido em verdadeiro espanto, ouvindo um negro boçal, de grandes, pendurados beiços, dizer, com enfatuado aprumo: «odorifero».

Si um cavalleiro, em traje de rigor, rompesse de uma bairuca, com as botinas de verniz enfiadas na bengala, desengonçando-se em uma chula sarrafaçal não seria tão grande a minha surpresa.

«Chacun á sa place.»

O vocabulario... é o homem.

## Os Nossos Poetas

### Julio Cesar da Silva

Existe em São Paulo um grande poeta. Existe ha muito, quasi ignorado. E', decerto, um dos mais velhos da divina grey. Aureola-lhe o nome um nimbo longinquo de gloria. E' quasi uma figura do passado, a que nem faltam uns toques lendarios para justificar a nossa admiração surpreza ante o seu resurgir victorioso em plena vida, na plena actualidade dos nossos dias.

Temos sob os olhos a «Arte de Amar», de Julio Cesar da Silva.

Esse nome conhecem-n'o muitos. E' um nome glorioso nas letras nacionaes. Versos, porém, só se lhe sabem esparsos, um ou outro soneto, uma serie delles, quando muito, todos perfeitos, de admiravel acabamento, lapidares e transbordantes de vida. A sua é uma gloria, tambem assim, de fragmentos, murmurada de longe em longe, raro e raro proclamada por uma voz mais descaimada e cheia. Mas, porisso mesmo é mais bella e

maior. O desprehendimento do poeta para com a sua poesia, mais nollo impõe. Copiosa, a sua obra permanece em grande parte inedita. Della se conhece um livro — «A morte do Pierrot» — magnifico poema cuja repercussão longe está do seu grande merito.

A «Arte de amar» terá, pois, as proporções de uma revelação. Porque é, de facto, maravilha de poesia. Nella, o ideal do poeta se nos apresenta integro. Sobre um fundo de legitimo e puro lyrismo, em que se irmanam todas as almas, uma fina coloração de cultura suavemente se esbate, mas tão fina e tão medida que toda, em sua homogeneidade, a poesia se suspende entre o seu tom quasi popular e a sua linha imperturbavel de bom gosto e apuramento artistico. Os motivos simples, encantadoramente ingenuos, de uma inspiração facil e espontanea tomam, assim, aspecto, requintados, com inconfundivel marca de espirito e de fino lavor.

Julio Cesar faz a sua profissão de fé no soneto «Arte suprema»:

### ARTE SUPREMA

Tal como Pygmalião, a minha ideia  
Visto na pedra, talho-a, douro-a,  
E ante os meus olhos e a vaidade fatua  
Surge, formosa e nua, Galathéa.

Mais um retoque, uns golpes... e remato-a;  
Digo-lhe: "Fala!" ao ver em cada veia  
Sangue rubro, que a córa e aformoseia...  
E a estatua não falou, porque era estatua.

Bem haja o verso, em cuja eurnie escala  
Falam todas as vozes do universo,

E ao qual tambem arte nenhuma eguala:

Quer mesquinho e sem cor, quer amplo e terso,  
Em vão não é que eu digo ao verso: "Fala!"  
E elle fala-me sempre, porque é verso.

A superioridade da Poesia sobre todas as artes ali está admiravelmente expressa. Pygmalião, ao tirar do marmore Galathéa ordenava que falasse. E em sua perfeição, Galathéa não falou. Mas o poeta descreve, pinta, anima a mesma estatua perfeita e, se lhe ordena que fale, pela própria natureza dos versos em que a pintou, ella lhe fala sempre...

E é essa, exactamente a impressão que nos dão os versos da «Arte de Amar»: elles "falam". Luzem, brilhant, cantam, porém, sobrotudo, "falam..." Não é virtude vulgar, numa época em que a poesia o menos que faz é falar. Os nossos modernissimos poetas, os que se guiam pelos ultimos cabotinos internacionaes de Paris, não poetam: gemem

o saxophone e a requinta do verso ou, senão, broxam telas a ocre e... a verde Paris.

Julio Cesar tem o bom senso de falar, apenas. E fala-nos á intelligencia e a alma com eloquencia sem par.

\*\*\*

São do novo livro de Julio Cesar os seguintes versos:

### ARTE DE AMAR

#### XXVII

A mesma velha cantiga  
Onvirás a muita gente;  
Que te ama sinceramente  
Não faltará quem te diga.

Mas esse amor verdadeiro  
Se, um dia, tentas buscal-o,  
Ser-te-á tão penoso achal-o  
Como agulha no palheiro.

#### XXVIII

Quem de amor diz que está louco  
E' o que mais siso revela...  
Quem mente é tão tagarella!  
Quem ama fala tão pouco!

Mais que o labio, que delira,  
O olhar, que é mudo, persuade,  
'Tao sóbria é a sinceridade  
Quanto eloquente a mentira.

### PHRASES FEITAS

O «Vi-te e amei-te», como, geralmente,  
Hoje se diz, a ninguem mais persuade:  
Perdeu de vez toda a sinceridade  
Porque anda na expressão de toda gente.

Com tal ouvir não ha quem se contente  
Nem de tal coisa uão se desagrade:  
São palavras vãs de verdade  
Que a bocca diz e o coração desmente.

E pois não digo que teu gesto aceite  
Este amor, que arde em mim como uma lava,  
Este amor, que é meu mal e meu deleite;

Do delicto de crer-me essas mãos lava,  
Que te não direi nunca: «Vi-te e amei-te»,  
Porque antes de te ver eu já te amava.

### LIBERTAÇÃO

Adeus. Tu, fica. Eu parto. Não conheço  
O destino a seguir, mas parto e corro.  
Livre quero ficar, por qualquer preço,  
Ou desta escravidão tornar-me forro.

De illusões e de sonhos me abasteço;  
Não mais que de esperanças me socorro  
Para este grande mal de que padeço,  
Para este sofrimento do que morro.

Quem escoteiro parte, só precisa  
Da esperança e do mais que ella lhe offerta,  
Da illusão e do mais que ella improvisa.

A alma a exultar, a fronte descoberta,  
Saio do teu amor, que me escravisava.  
Corro para outro amor, que me liberta.

### COFRE DE MALES

N'uma hora de exaltado desvario,  
O teu cofre, Pandora, eu, sem receio,  
Com minhas proprias mãos, sorrindo, abri-o...  
Só de males teu cofre estava cheio.

Depois de tel-o aberto é que me vein  
Este remorso inutil e tardio;  
E arrependido e tremulo, fechei-o,  
Para de todo não ficar vasio.

Esses males a que hoje me condemna  
Cahiram todos sobre mim, de chofre;  
São angustias mortaes e acerbos penas;

E em cambio, a quem, como eu, já tanto soffre,  
Dás um goso, a illusão de um goso apenas  
Encerrada no fundo do teu cofre.

### CONTRASTES

Casta nos gestos e nas attitudes  
Vem-te os meus olhos sempre, enamorados,  
E a toda hora te lanço os meus alados  
Beijos, dispondo em puiha os dedos rudes.

Es tão pura de corpo e de cuidados,  
Que se, acaso, aos meus olhos te desnudes,  
Mais te verei vestida de virtudes  
Quão me vejo coberto de peccados.

Nunca pensei em tua bocca fria  
Pôr, mesmo em sonho, um beijo imaginario;  
Nunca o pensei e nunca o pensaria;

Não sou e nunca fui tão temerario;  
Se o fosse, é certo que a impressão teria  
De um sacrilegio em pleno sanctuario.

### CORAÇÃO CALMO

Disse-me ella que lera (não sabia  
Onde nem quando) que, por mais cuidado  
Que se tenha em trazer o amor guardado,  
Batendo, o coração logo o annuncia.

Disse, e, attenta, auscultando o esquerdo lado  
Do meu peito, notou, naquelle dia,  
Que, regular, o coração batia,  
Nem mais forte nem menos adressado.

A tudo alhoio, indifferente ás penas,  
Na arca funda do peito, onde o domino,  
Suas pancadas lentas e serenas,

Sem precipitações nem desatino,  
Calmo batia o coração, apenas  
Por dever de bater, que é seu destino.

### OUTRAS CANTIGAS

#### II

Horas de intenso regalo:  
Acceso o olhar em desejos,  
As boccas cheias de boijos,  
Que é uma loucura contal-o,

Passavamos á porfia  
Nestes jogos amoveis:  
Dizeis vós que me amaveis,  
Que vos amava eu dizia

Diziamos com tal fogo,  
(que certo, não vinha d'alma)  
Que hoje nem sei quem a palma  
Ganhou emfim nesse jogo.

Eramos como, parece,  
Dnas possos travessas  
De cujas pobres cabeças  
O siso fugido houvessa.



EDIÇÕES DA

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (crítica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No preço

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No preço

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commeciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commeciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÊAS DE JÉCA TATU, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 1/2 x 12 1/2 centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

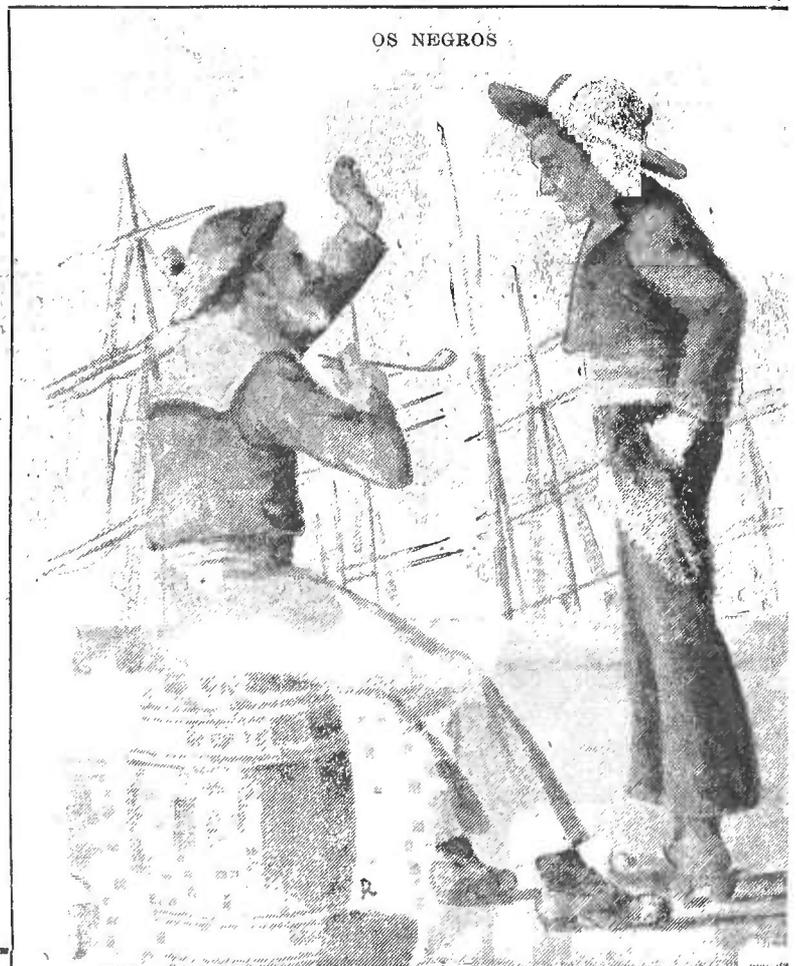
Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO



# A NOVELLA SEMANAL



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encaixam o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahi dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais atrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociais, desde as mais cultas ás menos cultas — eis ahi, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e crianças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahi, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta coisa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encommendas, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositório de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreautes, comtanto que taes obras tenham valor e sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Proferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volum es por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu logar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahi ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos oferecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro - Caixa postal n. 1172 - S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer e gratuitamente, o titulo, nome do auctor preço e nome e endereço do editor de todas as obras editadas no Brasil bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotels, clubs, bibliothecas, etc., estando porisso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

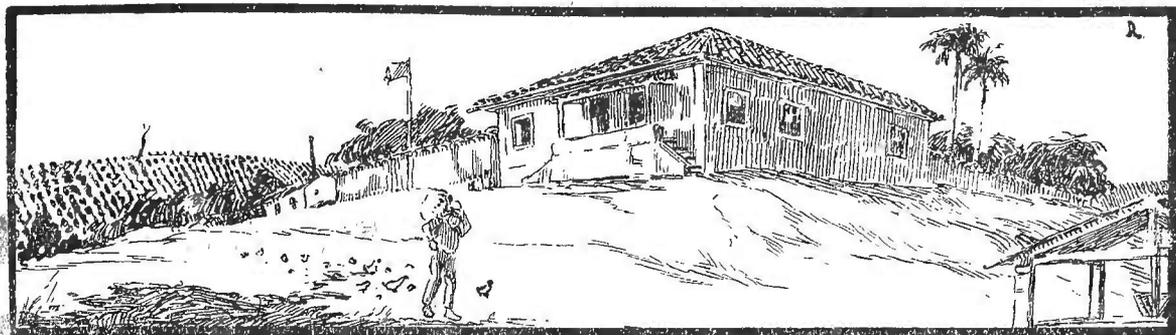
## Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offerceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400



ALMA FRIVOLA — Sud Mennucci.

CHICÃO "DUAS MORTES" — Dimas Camargo Stein.

DIVINA — Jorge Falleiros.

PEITO-LARGO — Carlos da Fonseca.

## SUMMARIO

TIO GABRIEL — F. Silveira.

SUPPLEMENTO — A philosophia de Tan — BRENNO FERRAZ.

A vida anecdótica e pittoresca dos grandes escriptores — Euclides da Cunha — B. F.

Curiosidades literarias — O jornalismo e as letras — JOSÉ MARIA BELLO. — "Urupés" na Argentina.

Paginas esquecidas — Primavera — RAUL POMPEIA.

# ALMA FRIVOLA

(De um romance gorado)

No dia seguinte o Alvaro se achava na casa do capitão Joaquim da Motta, á espera dos autos que os havia, a elle e mais a comitiva, de conduzir á chácara «Celeste».

A companhia era a mesma do jantar do dia anterior.

D. Laura, á chegada do professor, reclamou-o. Subiu no automovel com elle e só permittiu a entrada de tres petizes, dos quaes o mais velho não contava mais de sete annos.

E, enquanto o vehiculo corria sobre o pedregulho da alameda ensombrada, que conduzia á quinta, ella foi-lhe dizendo um sem numero de phrases excitantes.

Elles haviam ficado os ultimos na fila dos automoveis e, para evitar a poeira da estrada, distanciavam-se muito do ultimo que ia na frente.

— Eu gosto das almas como o senhor, solitarias e recolhidas, que mesmo nos momentos de grande alegria, não se illudem e não deixam nunca de ser o que são.

— Mas eu não sou absolutamente hypocrita e a senhora está me emprestando essa qualidade, exclamou, num riso largo, o mestre-escola.

— Não torça, Alvaro. O senhor entende-me bastante, para querer mangar commigo.

— Mangar com uma tão linda mulher? Mas seria ignobil da minha parte. Que quer que lhe

diga? Deixemos de casos intrincados de almas alheias, especialmente da minha, que escapa á minha propria analyse. Falemos mal dos outros. Não acha que seja um bom emprego?

— Por exemplo, riu maliciosamente d. Laura, falemos mal de sua namorada.

— Pois seja della.

— Dir-me-á quem é?

— Para que, si isso não passa de um flirt insignificante, em que eu sou o provocado?

— E' bonita?

— E'. A figura que, hontem, o Sebastião usou a respeito della é exacta: E' linda como uma boneca de «bisquit». Ou antes... não, porque as bonecas são, em geral feias. E' bonita mas...

— Mas... indagou a mulher anciosa, mas com ar distraído, de quem quer affectar indifferença.

— Mas não me agrada.

— Mas não a deixa.

— Minha senhora, eu não posso recusar o flirt a uma menina «chic». Iria contra as regras do bom tom.

— Que o senhor aliás não segue. Então para que affecta um sentimento que não tem? E' ser mau.

— Não é. E' mais por indolencia, porque afinal, o admirado sou eu e e enamorada é ella.

D. Laura riu, chamando-lhe extraordinario.

— Nem tanto quanto julga. Por exemplo, eu sou de uma timidez desastrosa.

— Não se diria.

— Como não? confirmou o rapaz. Então não acha tímido um moço que, desde hontem, tem a tentação de devorar-lhe os labios de beijos e ainda não o fez? Não foi falta de occasião nem de vontade.

— Foi, naturalmente, por indolencia, voltou d. Laura calmamente.

— Ou melhor por timidez. Mas garanto-lhe que, hoje mesmo, tomarei desforra.

— Querem-n'ò auctorizou?

— Pois é preciso, acaso, auctorização?

Chegaram á chacara.

— E' grande a propriedade? indagou o professor.

— Bastante para gyrar-se uma hora.

— Nesse caso dê-me o seu braço e vamos dar umas voltas por ella.

— Professor, o sr. está com intenções dabolicas!

— Quem sabe? Acaso sente-se mal em saber que dá o braço a um cavalheiro que está pouco bem disposto a scu respeito?

— Absolutamente. Não sou mulher que me espante por tão pouco.

— Então vamos.

E os dois afastaram-se, a passo lento, por uma das alamedas da quinta.

D. Laura sentia-se feliz de encontrar-se no meio das arvores amigas.

— Infelizmente não ha viração, disse serio, num ar compungido, o Alvaro.

— Para que? inquiriu a mulher, admirada.

— Para tornar o nosso passeio digno de uma descripção classica de Ponson du Terrail ou, quando menos, de uma prelecção pedagogica de dia de Festa das Arvores.

— O senhor, por mais que se esforce, não pode esquecer-se de que é ferozmente ironico.

— E' a minha mania. Não posso torcer a veia de meu temperamento.

— Podia ter outra e deixar essa, que já é velha. Hoje toda a gente faz ironias. E' moda.

— Queria que fizesse madrigaes?

— Era talvez melhor.

— Mas, d. Laura, madrigaes todo o mundo os fez e os faz. E eu preciso acompanhar a minha epoca para poder justificar o seu epitheto de extraordinario.

— Lá volta o senhor. Sabe, Alvaro, que não é assim que se agradam mulheres?

— Eu sei. Ellas preferem beijos... A senhora, comtudo, é muito alta e eu precisaria arranjar, para dar cumprimento ao preceito, uma situação qualquer para fazel-a abaixar-se ou sentar-se. Aqui não ha bancos e ha apenas dois minutos que descemos do automovel: não deve estar cansada...

Demais, eu não conheço a arte de seduzir. Não entendo da clinica do amor.

D. Laura riu clamorosamente e indagou:

— Nunca teve conquistas?

— Si as fiz? Não. Mas já fui conquistado uma vez; ainda não ha dois mezes.

— E foi o senhor o conquistado?

— Sim, porque eu nem sequer disse a essa mulher que a amava, nem por brincadeira.

— O senhor é um excentrico.

— Parece que a senhora se diverte a me applicar adjectivos. Acha-me com feição de substantivo?

Ella riu de novo:

— Está ou não justificando o meu ultimo dito?

— Não sei.

Os dois haviam chegado diante de uma latada de parreiras. Cachos máduros de uva pendiam, excitando o desejo.

Dalli avistava-se, lá em baixo, a cidade, faiscando ao sol...

— Quer chupar uvas, d. Laura?

— Quero. Mas o senhor não as alcança. Eu, que sou mais alta, não vou até lá.

— Alli está, porem, retorquiu o professor, o caixão providencial. Espere.

O rapaz apanhou o primeiro cacho. D. Laura avisinou-se para o receber, mas achiou-se tanto que, quando ia levar o primeiro bago á bocca, o mestre escola, num movimento rapido, cingiu-lhe os braços ao pescoço e estampou-lhe nos labios seus rumorosos beijos.

A mulher correspondeu-lhe, largando o cacho e abraçando-o com toda a força.

Depois, fingindo-se arrependida, abandonou o rapaz e, baixando os olhos, disse:

— E você não entendia de coisas de amor.

Foi para isto que arranjou o caixão?

— Não se zangue por tão pouca coisa!

— Foi uma accção indigna! confirmou, batendo o pé.

— Pois então, concertemol-a, diante de todo S. Luiz, que lá em baixo nos ollia, alvitrou Alvaro, apontando a cidade.

E o professor e d. Laura abraçaram-se de novo.



## CHICÃO “DUAS MORTES,”

Aquelle que vae passando alli, do outro lado na calçada fronteira, chapéu de abas largas quebrado na testa, passinho afadistado, porrete preso ao punho por uma pulseira de couro curtido, é o Chicão «Duas Mortes». Eu o conheci simplesmente Chico, um caboclinho encardido e molengo, lá das bandas do norte. O nome é banal, mas o appendice que se lhe segue, tem a sua historia. E por ella se prova uma vez mais, de como, dos confrontos que os contrastes e surpresas da vida suggerem, nem sempre se podem tirar conclusões harmonicas, deducções logicas.

De pigmeu feito gigante, o heróe deste conto é uma contribuição a mais a corroborar o acerto desse illogismo. Fiquemos aqui. A vida é a Vida. E quem a fez a Babel que ella é, foi o *homo sapiens*, vulgo bicho. Sofra-lhe elle as ilações inopinadas. Já Monteiro Lobato o disse: «Moralidade ha nas fabulas. Na vida, nem sempre. E é pena». E' isso mesmo.

Pois o Chicão foi o caboclo mais preguiça que eu conheci. Em pequeno essa tendencia para députado já era soberanamente manifesta. Não porque fosse tão somente mamparreiro: é que era tambem duma obtusidade fradesca, o pobre do Chico. Se era para ir á venda lá do Manuej portuguez, comprar dois litros de farinha ou um garrafão da azulada, — «Ara, pai, mande o Dicto!»

O Dicto, um esverdinhado, enfermiço rebefto da prole maleiteira do Juca Tuvira, era a *taboa de bater roupa* do Chico. Pagava o pato sempre. Temperamento submisso, duma docilidade passiva, era um juguete nas mãos do irmão lambanceiro. Obrigava-se a tudo resignadamente, sem um murcho protesto, vencido. E era por isso tido em casa como um songamonga, um estúrdio, um lorpa refinado.

— O Chico? — «Rapaisinho sarádo este meu fio!...» impava o Tuvira ao vel-o de estillingue em punho, feroz matador dos tico-ticos das redondezas. O pae trazia já de olho uma pica-pausinha para elle quando entrasse o anno novo.

Trazia os bolsos cheios de pedregulhos, que seleccionava a capricho, para a devastação das titicas e chupins circumvisinhos. Tinha tambem um ceveiro. Ai daquelle que ousasse profanar o ceveiro do Chico! Abria logo umas guélas atroadoras e despejava sobre o audacioso o vocabulario typico dos caboclos destorcidos. Era um enxurro. A geração toda do *mardito* ficava não raro compromettida, quando não eram especificadamente cotejadas as respectivas matronas com a «Joaquininha-lambisgoia», a Barbina-Reboleira» de quem o Chicó ouvira aos talúdos do bairro, em dias de festa, referencias cochichadas, só entre homens. E fechava sempre o *brilhante improviso* com a ameaça sobre todas tremenda: «Vô contá p'ra pái, lazarento do inferno!» Ante esta decisiva argumentação sumiam-se pelos atalhos os Jecas miúdos e graúdos: O Tuvira pae, um membrudo e tostado espécime dos degenerados ex-heroiços bandeirantes, tinha nome feito na zona. De uma feita rachara o côco á paulada ao Bastiãozinho Serelépe, um caboclinho pernóstico cuéra no pé, que num baile *de familia*, fizera corrar as Julietas patricias, cantando ao violão, com requebros d'olhos maliciosos e pimenta em todas as syllabas, aquella modinha indecorosa que lera no “Rio Nù”. Entreolhava-se, já com o nó na garganta, mas encolhida a um canto, encurralada, a caboclada toda. Nisto, entra na sala o Tuvira. Veiu, viu, ouviu... E ainda o Bastiãozinho não pingara o ponto no verso começado... “Óia, cachorrinho excumum...” O *gado* ninguem ouviu. O porrete do Tuvira (perobinha asseada!) cantou duas vezes. Dois gritos, que pareceram dois urros. Dois faniquitos curados com esfregações. E dois mezes de hospedagem por conta do governo á espera de julgamento. E' pleonasmo dizer-se que foi unanimissimamente (com as 17 letras bem espichadinhas) absolvido. O Dr. Sabugosa Trancoso, advogado do réu, um bacharelzinho ainda em cueiros, com *s s* sibilantes e *l l* de engasgar, com infinitos “O acusado presente, senhores jurados...” “O meu nobre collega representante do ministerio publico...” e outras chapas gastas já pelo úzo, ao terminar a peroração, pediu para o seu constituinte a absolvição, “... como era de justiça, senhores jurados, porque o Sr. José Polycarpo da Silva Tuvira, lidimo representante, esteio maximo da sociedade sertaneja de Santo Antonio do Paú d'Alho com um nobre gesto de franca repulsa ás obcenidades do famanaz capoeireiro, desafrontara os brios das timidas pucellas (os Snrs. jurados

entretolham-se . . . .) Santantoniopaudalhenses ! !”

Quatro horas depois, o Tuvira, num anguloso e melado bucephalo trotão, lá partia, póc, póc, póc, póc, para os seus dominios saudosos.

Foi assim, aos quinze annos, á sombra da fama avalentoadá do pae, que o Chico foi crendo azas e já, de vez em quando, ante a resignada covardia dum Jequinha humilhado, riscava com a ponta da perobinha o pó da estrada, cuspido ao medroso a ultima, victoriosa injuria: “Mediô, porquera !. Lavô mio ! . . . .”, E nesse dia contava ao pae, engasgado de gozo, a façanhuda scena: “. . . Ranquei do porrete e invisti ! . . . tudo abriu, pae ! De lapiana na mão, lumiãno ! Ché ! . . . .”, E o Tuvira babava-se . . . .

Dois annos depois, numa tarde triste de agosto, cheia da fumarada suffocante das queimadas, o Tuvira não voltou á casa como era costume. Procuraram-no debalde nas redondezas. Foi um amigo á cidade: talvez que o caboclo, mesmo sem ser dia santo ou domingo, tivesse querido *matá o bicho* na villa e, n’algum *fecha* desse com os cóstados no xadrez. Não sabiam delle, ninguem o vira. Voltou o portador com a desalentadóra nóva. Ao passar pelo brejo do Caviuna, o animal, esfalfado, enchia duma agua barrenta o *vazio*, a grandes goles chupados, quando o Beréva, num terror que o immobilisara, deitando esgazeados olhares para os lados, parecia cercado de visões aterradoras.

E’ que no ar parado do brejal passara, numa lufada, a exhalção putrida dum corpo em decomposição. Não havia gado nessas paragens. De mais a mais a tiguéra queimada do Tuvira não ficava longe dahi. E pela imaginação apavorada do caipira em tremuras, surgiu logo como uma coisa incontéste, a verdade terrivel: Era elle ! . . .

E voltando a si do estupor que o tomara, deu de esporas e abalou desabridamente . . . .

Na casa do Tuvira, entre a fumarada suffocante dos cigarros, um cheiro activo de caninha errava no ar. O ultimo garrafão que o Dicto comprara na venda do Portuguez, já se fôra. E pelos cantos, de cócoras, cuspidando de esguicho para os lados, sombras vagas moviam-se na escuridão da sala. Vinha do quarto ao lado, de envolta com as lamentações arrastadas do Chico, a funda magua da viuva: “Tenha dó de mim, meu Deus ! Ai, Jesúis . . . .” E era tão compassada, tão monotona a toada dolorida, que uma somnolencia invadia, pesava no ar. O mulherio,

de grandes chales cruzados na frente e creancinhas macilentas penduradas nas carnes flacidas dos peitos terrosos, rezava o terço em ladainha e fazia promessas. A ladainha, já se vê, era um choromigo arrastado, dormente, enervante, como sõe ser tudo que dos gorgomilos afóra deixa o Jeca sahir como arremêdo de musica. Sons harmonicos ? Não ! Guinchos. Jeca, meu Deus ! nêmm assobia ! . . .

A ladainha . . . Nisto, rompe da porta a voz cansada do Beréva: “Achei o hóme, moçada !”, E do quarto, como si estas palavras fossem o desfecho esperado dos peditorios aos mil e um santos da Folhinha, grandes gritos estridentes partiram: “São Bão Jesus me ouviu ! Bamo nhá Rita, num chóre ! Eij nun dizia pra mecêis ? ! . . .”

E vieram de roldão, na ancía incontida de faltar-se de pormenores que as acalinassem, que puzessem fim á angustiosa espera de tres dias infindaveis.

O Beréva murchara. E encolhido, amarrotando nas mãos o chapéu domingueiro, ante a anciada, angustiosa, imperativa pergunta da mulher do Tuvira, abriu, num gesto largo os braços, deseniuchou: — Tá lá no brejão do Caviuna, . . . fedêno ! !”

Nhá Rita desabou como um muro que se fendesse na base. Teve, momentos depois, “um máu successo”. E no dia seguinte, os paudalhenses tiveram um espectáculo inédito: a caminho da villa, para o descanso eterno na vala commun, lá seguiam, estrada afóra, no balanço compassado duma rede encardida, os corpos da mãe e do filho; adiante, numa carroça enprestada, o corpo disforme, violaceo, nauzeante do Tuvira, empeslava o mormaço, afugentava os curiosos. Só os córvos, famintos, vorazes, insistentes, não pareciam conformar-se com o banquete que lhes escapara ! . . .

○ Bastiãozinho, caboclinho máu, aquelle !

Cáe o pano agora, como nos dramalhões antigos. E este final de historia, que se poderia quasi chamar tambem “Alguns annos depois” como o celebrado romance de Dumas, não tem o desfecho brilhante dos do grande e fecundo romancista fidalgo. Epilogo bocejante. Culpa dos Jécas. E’ lá possivel hoje, depois que o Lobato tirou, com o bisturi da observação, de “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantazia” — reeditar “Iracemás”, “Guaranys”, romantisar a vida dos Ubirajaras modernos, — pasto inexgotavel de verminoses, amareloes, ankilostomos ?

Ah! Alencar! Macedo! Quanta pilula dourada nos déstes!

A vida do Chico, após a morte tragica do pae, é facil prever-se o que tenha sido. Faltou-lhe a sombra protectora do Tuvira: foi um desmoroamento. Por outro lado, nos arraiaes inimigos, foi festejada a *quentão a limpeza* do inandachuva da zona. Muita raiva represada transbordou, muito orgulho humilhado explodiu. Não houve então, por toda aquella redondeza, quem não quizesse tirar o ventre da miseria. De 30 passou o Chico a 8. Levou *pés-do-ouvido* de estalar, munhecações puchadós á sustancia, safanões afucinhantes...

Culminou tudo isso uma sóva a chicote, entre a risota escarninha e os dichotes zombeteiros da assistência: "Ué, Chico! Quedêlle as farófia? ,, Xingue nhá mãe agora, mardito!"

E o Chico, enfiado, murcho, encolhido, acovardado a um canto, metteu dó aos circumstantes: "Chega, Bermiro! Isso tamém num se fáis!..."

Desd'ahi era uma indignidade bater no Chico. Era degradante. Quem foi que disse que Jéca não tem dignidade?

Os factos respondem por si. E este é um caso isolado. A verdade é que, aos vinte annos, o estiolado rebento a que faltara a seiva forte de tronco uberrimo, abatido á tração na grotta escura duma restinga — morreu em vida, mas de morte moral.

E morreu porque casou. Casou... Casou com a Isabézinha, filha da "Reboleira", para que se tivesse mais uma vez a confirmação do que reza o mais sabio brocardo popular: "Filho de peixe..."

E como nesse tempo já Santos Dumont tinha revolucionado a sciencia do Ar e contornava ante os basbaques de Pariz a Torre Eiffel na sua "Antoniette", e já tivessem chegado até Pau d'Alho as zabumbas da Glória patricia e as consequentes curvaturas da Europa ante o Brasil, nos versos do defuncto Eduardo das Neves, julgou de bom aviso a trefega loireira, dar de azas tambem... E numa noite estrellada, feita de encomenda para os primordios de romances em brochura, com figura na capa, a dez tostões o volume, — emquanto o Chico, espapaçado, roncava de lado, ella abalou sorrateiramente nos braços dum soldado de policia...

Elle, coitado, deixou-se estar. Choveram remoques, chufas, escarneos babados de gozo á desgraça humilhada do Chico. Cantaram ao violão, com denguiques na voz, o caso escandaloso.

Não houve dito picante, allusão ferina, picuinha mordente que não estravasasse. Chafurdaram-lhe a vida, chapinharam-lhe a reputação. O Chico, moita. Por fim, deram treguas á campanha sorrída e torpe. A matúlla, á falta de revide que a açulasse, debandon indenne. Treguas forçadas. Ninguem luta com a propria sombra....

Exilado pelo desprezo ambiente, num isolamento raras vezes quebrado por antigos amigos de seu pae, o misero, roida a pequena herança paterna, conheceu mais um inimigo: a miseria. E vinham-lhe á mente, então, os saudosos tempos da sua meninice, a casinha varrida, rebocada de novo, a meza farta, a ruidosa alegria do Tuvira. Como isso tudo se fora tão bruscamente epilogar numa emboscada covarde, tocaia armada pela astucia brutal duma alma mesquinha! A sua felicidade se dissipara ao sopro de morte que dissipara no brejal do Caviuna, a fumaça assassina. Nasceu-lhe então no peito, como labareda que irrompe dum palheiro, um odio surdo, implacavel, feroz, contra o matador covarde de seu pae.

Egoista mesmo na vingança, elle queria desforrar-se, não do assassino que o orphanara ao 17 annos, mas daquelle que o privára da abastança, até então tão commodamente gozada e que o fizera alvo, agora, da chufa e da risota escarninha daquelles a quem elle dominara outróra, á sombra de quaesquer riscos, sob o prestigio convincente da fama avalentoadá do Tuvira. Obcecado por essa ideia, ruminou de mil modos, no isolamento soturno da tapérra, o remate brutal da scena antegozada. E um riso diabolico lhe arregaçava os labios sedentos; e ficava a olhar, rangendo sinistramente os dentes, um ponto escuro do quarto: lá estava, como a sua imaginação o desenhava, o quadro dantesco: de bôrco, escabulando no pó que o sangue espastava, uma sombra vaga, que num fio de voz, pedia agua.

E elle ia espojar-se, espostejar o corpo á lanchadas, canibalesçamente, horrido e sanhudo... Tropeçava.... E offegante e febril, porejando-lhe do rosto, em camarinhas grossas, um suor gelado, quedava-se aparvalhado, hirto, bestialisado.

E ás vezes, quando o cansaço venicia a agitação que o tomava e elle conseguia conciliar o somno, já pelas frinças do reboque cahido, vinha um retalho vivo do sól bejar-lhe a grenha hirsuta....

Eu sou fatalista. O nosso destino, mal aportamos á vida, traça-o indelevelmente o Summo Creador: e tanto podem nascer para o mundo

dum mesmo santificado connubio, banqueiros respeitáveis e respeitados bandidos, homens d'alma lavada e limpa consciencia ou requintados canalhas. Não ha fugir: a rota traçada pelo dedo invisivel ha de ser palmilhada. E' pôr isso que a vida é cheia de surpresas. Homens de reputação illibada e caracter impolluto acabam, não raro, como ratoeiros vulgares; facinorosos bandidos fazem de herões de romance; homens de vida intensa e trabalho activo, alquebrados ao peso das agruras no mourejar quotidiano, esmolam famintamente uma códea de pão, na velhice honrada e veneranda. E, ironia da sorte! — ladravazes traficantes, para quem a honra é um peso incommodo e a dignidade um mytho, — ostentam a sua opulencia regalada e o seu cynismo victorioso, soberbos de empafia e damos-lhes Excellencia! . . .”

Nem sempre se vence na vida tendo o Bem por divisa e a sã Morai por dogma. Isto é velho e sedição: e antes que eu descambe a pontificar no intrincado cipoal da philosophia de algibeira, reatemos o fio da historia, que, com philosophia e tudo, quasi nem vale a tinta . . .

\*\*\*

Pois é assim: o homem põe e Deus dispõe. . .  
“O que tem de ser tem força!”

Vai dahi, o nosso Chico, com uma intuição naturalissima, fundamentada em exemplos da propria ascendencia, resolve, num golpe á gran-guignol, fazer-se o continuador invejado da gloriola paterna. Nada detem o curso da vida; nem a morte, dizem os que crêm na transmigração das almas e na vida futura.

E a roda da vida, — motu-continuo donde nasceu a roda loterica — na caprichosa indifferença da sua engrenagem silenciosa, vai extrahindo ás dezenas, os bilhetes premiados, (os a quem a fortuna sorri) aos milhares, os *bilhetes corridos*, como diz o vulgo (os que falharam na vida . . .) e os que, muito sovinaamente nos dão o mesmo dinheiro. . . São aquelles a quem o zombeteiro rifão satirisa: “Quem nasceu p'ra vintem não chega a tostão. . .”

O Chico queria chegar. A Sorte, que é varia e inconstante, porque é bem feminina, deu-lhe a mão.

Era em agosto. Um cansaço bocejante entorpecia os membros, convidava ao repouso ou ao banho frio estimulante. Feitas as roçadas, os Jé-cas deitavam-lhes fogo e iam socegadoamente mamparrear em casa. Pouco se lhes dava que o fogo insaciavel lambesse em labaredas vorazes o mata-gal visinho. A sua quarta de terra, o meio al-

queire de tiguéra, isso sim, era o que lhes importava. Numa cinzenta manhã de sexta-feira, uma noticia alvoroçante agitou a pasmaceira geral da pacata Pau d'Alho: O Bastiãozinho tornara á villa. Já não tinha agora aquelle ar acapoeirado, petulante e rixento d'outróra. Do Se-relepe antigo só conservava o permostico bigodinho retorcido e a paixão racial pela modinha e o violão. Não viéra só: e isto era o que mais escandalisara as recatadas matronas paudalhenses. Trouxera de braço, rebolante e pimpona, uma espevitada figura rescendendo á *Frér d'Amú* nacional. E logo que alguém os viu, uma vóz esganiçada de mulher bisbilhotou p'ra dentro: “Venham vê gente! A delambida da Zabé. . . Chi! Que canaice! . . .”

A scena se repetiu. Ferveram commentarios em torno do caso. “Ah! póvre do Chico!” Era com effeito a Izabézinha do Chico, que numa noite enluarada quebrara os sagrados laços, numa réles aventura com um soldado. Poucos mezes depois elle a deixara, como traste de difficil transporte. Ella ficára, então, como nau desarvorada, entregue aos caprichos da sorte. Viveu ao léo, curtiu angustias amargas, jungida á vida aventureosa e errante que herdara pelo sangue e pelo exemplo. Um acaso fortuito os aproximou. Desde ahi não se largaram mais. Ella, precavida e caçada, confiou-se ao braço forte do amante. Elle, temeroso porque suspeitado, logrou alliar-se a quem poderia, por despeito e vingança, denuncial-o. O crime busca o crime: completaram-se, pois.

Assim viveram largos annos. Um dia, passou-lhes pela ideia a imagem saudosa da terrinha distante. Que saudade! Um vago receio o tomava: e si o prendessem? Mas que provas havia? E quem tinha lá interesse em denuncial-o? — O Chico . . .

Mas esse, acovardado, pusilanime e cretino, não lhe dava cuidados. Os demais tinham até festejado a quantão o tragico fim do Tuvira. Alem disso, de antemão contava como o descaso das autoridades da comarca, que só tinham rigor para os casos politicos, alheios a tudo que não fosse ferir os interesses da camarilha absorvente. Ella, por seu lado, conhecia á farta o marido. As ultimas duvidas se desvaneceram. E arranjaram as malas.

Nessa noite, na casa do Ventura, ia animado o bate-pé. No largo terreiro da frente, á luz prateada d'uma bojudia lua cheia, um grupo bulhento sapateava ao violão. Num claro aberto ao meio

o Serelépe, de collarinho celuloide e gravata vermelha borboleta, gemia, em nostalgico descante, o exilio dondê tornára.

Andei mundo, corri terra,  
 'tive até no Paraguay,  
 Deixei os amigo véio  
 Mas agóra . . . nunca mái !

E um caboclinho fanhoso, o literato da terra, dado a leituras nas horas vagas, com rasoavel estoque de versos de Vitruvio, proezas de Sherlock, e pieguices de Macedo, a suspirada aspiração de toda a *lindeza* de Pau d'Alho, — pigarreou e,

Assúca preto e mascavo,  
 Só se compra no varejo ;  
 «Nunca mais» já disse o corvo  
 Quando perdeu o seu queijo . . .

Toda a roda riu da allusão mofina. O Serelépe deu de hombros e tornou :

Ninguém diga que num vórta,  
 Quano arruma a trouxa e saí.  
 Quéro morrê nesta terra  
 Onde tenho mãi e pai.

E a roda, num sapateado vivo, repetiu, plangente a copla final :

«Quero morrê nesta terra  
 Onde tenho mãi e pai . . .»

E o fanhoso vate, sem esperar pela resposta, alteou a vóz e cantou :

Quem arruma a trouxa e saí,  
 E' que tem negocio sério ;  
 Eu conheço um carnicheiro  
 Que já foi barão no império . . .

Jogadô quano é matrêro,  
 Pra jogá prepára o maço,  
 Serelépe é bicho espérto,  
 Mas um dia cái no laço . . . .

“Eta [cabocro d'espírito ! Chupa truco, Bastiãozinho ! . . . E este, apontando para a companheira que o olhava embevecida, chorou no pinho:

A muié que agrada os hóme,  
 Tem sempre cintura fina ;  
 Serelépe cái no laço  
 Se for sóрте, se for sina . . . .

Quano chegá minha hóra,  
 Um só desejo me anima .  
 Na cóva de sete pármto,

— Eu embaixo, ella em cima . . . .

Não tenho medo da morte  
 Seja a mais feia que fô . . . .

Quéro i depindurado  
 Nas azas do meu amô . . . .

. . . . . nas azas do meu amô ! . . . .

E o bate-pé ferveu em roda viva, até que pelas tres da manhã, os primeiros parceiros foram

sahindo. “Té aminhá, minha gente !” E o Serelépe, repinicando ao violão uma polkinha saltitante, rumou para casa com a companheira.

Foi se fazendo silencio. De longe em longe, numa volta de caminho, os que se separam davam os “Té aminhá” do costume. O vento trazia, de vez em quando, o écho amortecido dum tiro á distancia, praxe costumeira de fim de festa na roça. As estrellas fugiam ariscas aos primordios dum dia de canicula. Pela estrada deserta ia o par cantarolando. Scenas rememoradas, impressões fugitivas obrigavam de quando em quando a comentarios jocosos. Um longo silencio depois.

Estavam cansados, dêrreados, anciosos por se pilharem em casa, na larga cama de coicha de retalhos e fronhas com monograma. Uma macéga, seguida de arbustos cerrados, fez-lhes ver que estavam chegando. Isto animou-os. Deram-se os abraços. Elle enlaçou-a pela cinta, carinhoso, ella cingiu-lhe o pescoço, amorosa. E robustecidos pela paixão que unira os seus destinos, — plangente, melodioso, evocando agruras passadas, entoaram em dueto um descante em surdina :

Quano chegá minha hóra  
 Um só desejo me anima ;  
 Na cóva de sete pármto,  
 — Eu embaixo, ella em cima . . .

Não tenho medo da morte  
 Seja a mais feia que fô ;  
 Quero i depindurado  
 Nas azas do meu amô ! . . .

E num movimento brusco, peito a peito, uniram com força os labios sedentos . . . .

Da macéga ao lado, um urro de féra a quem tomaram a preza, partiu.

E os dois canos duma garrucha, duma só vez despejaram, num estrondo de roqueira, a metralha assassina. E antes que se dissipasse a fumurada que succedeu ao clarão do fogo, um vulto cahiu sobre elles. Á luz pallida das ultimas estrellas — mudas testemunhas do nefando crime, — um brilho argenteo faiscou no ar . . .

Mas o abraço durava . . . A morte que os surprehendera num arroubo de amor, inteiriçara-lhes os membros. E rijos, tezos, hirtos, como um pinheiro que se abate, os dois corpos tombaram. E sobre elles então, naquelles corpos que a morte unira num abraço titanico, fundidos num ultimo beijo, unificados para a viagem eterna, num furor iconoclasta, satanico, espantoso, o herdeiro das glorias paternas, cevou-se na vingança hedionda. O facalhão brutal com que o velho

Tuvira já abatera no moirão do terreiro as rezes passivas, estraçou a lanhadas, na sanha horrenda da desforra covarde, os corpos exanimés.

E o abraço não se desfez. E na bocca escancarada, hediondamente disforme, do Serelépe, que a claridade diffusa deixava entrever, pairava, num riso escarninho e mofino, a alegria derradeira do que baqueia

..... nas azas do seu amô.....

\*\*\*

O resto é pouco. Enoja até.

Realmente, não é uma pilheria o jury? terão sempre os honestísimos srs. juizes de facto a isenção de animo, a clarividente vizão dos factos, a integridade moral consentanea a tão melindrosa missão? Ha os que vão ao jury como quem vai ao theatro: si a peça é boa, mas de um desafecto, quando a não vaíam, condemnam-na com o frio indifferentismo com que a recebem. Si é má, mas o auctor é da rodinha d'elles, fazem de cláque e estrugem aplausos. Epilogo corriqueiro: Doze reses escolhidas a dedo pelas defeza, mais um palavriado ôco despejado em jorros, berrado sobre a sonnolência enfastiada dos srs. jurados, e o juiz pingou o ponto final do caso. E por unanimidade, está claro, que no alto conceito dos seus julgadores, o nobre gesto do Chicão-Duas-Mortes, fora uma desaffronta de honra ultrajada e um nobilíssimo exemplo de amor filial...

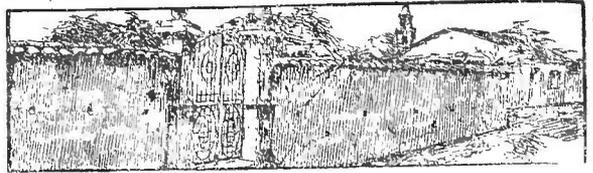
Da cadeia para a casa do chefe: um terno novo, um par de botas, uma pelega de 200. Cabo eleitoral de 1.a. Temido nos arraiaes da opposição; figura indispensavel, obrigatoria, necessaria, de toda situação dominante que se preza. O Chico venceu.

Não desanimem os que bracejam no mar largo da vida, sem a visão confortadora dum escalér salvador. O exemplo é tentador. Força é seguil-o. Vivam os magarefes!!

— Que é que resnungas? — Moralidade? — Ingenuo que és! "Moralidade ha nas fabulas! Na vida, nem sempre. E é pena."

Tieté.

DIMAS CAMARGO STEIN



## D I V I N A

Meu irmão e eu somos estudantes de Engenharia. Chamo-me Pedro, elle se chama Paulo. Gostamos muito de dansar. Isto depois de termos frequentado uma Escola de Dansa que nos custava 60\$0000 por mez, o que representava um desfalque enorme na mezada. Fomos, outro dia, a um baile no Trianon, em beneficio não sei de que casa de caridade, para recolhimento de creanças pobres. Paulo valsou com uma moça bonita que lhe deitou uns olhos compridos. Foi quanto bastou para entabolarem um namoro que, por desequilibrado, não me pareceu gracioso. Passaram assim até á madrugada.

Ao nos retirarmos Paulo me disse que era ella filha duma das familias mais distinctas da Paulicéa. Chamava-se Marianna e morava não sei em que palacete da Alameda Barão de Limeira.

Pobre rapaz! Queria por força ir visital-a, conforme ella o havia convidado. Acabou pedindo-me que o acompanhasse: — Sem ti não vou, disse-me. Accedi. Quando deixamos o palacete da Bella procurei dissuadil-o.

— Olha, não sejas tolo. A moça é formosa, é rica, é de bôa familia, é tudo quanto quizeres, mas não será nunca tua esposa.

— Isso dizes tu... e quaes são as razões para tal affirmares?

— Eu? motivos?... Ora bolas! eu sei...

— Sabes como?

— Escuta, quero ser franco: tua pretensa namorada é para contigo duma indiferença quasi desdenhosa...

— Desdenhosa?

— Desdenhosa. Não lhe viste aquelle modo de perguntar: — Sim?... E?... E', é?... — a tudo quanto lhe dizias?

— Qual! historias! Vá sahindo! São elegancias que não comprehendes. A propria indiferença é o encanto das mulheres.

— Bom, se é assim, faze o que entenderes.

Aquella sua idéa a respeito da indiferença das mulheres lisonjeou tanto a sua vaidade de poeta (porque é um poeta) que, ao outro dia, veio me trazer um soneto que terminava por este verso:

Indifferente, má, quasi divina».

## II

Não digo mais nada; um mez depois da primeira visita Paulo era noivo da senhorita Marianna. Fiquei boquiaberto, mas, nem por isso, dividando menos. Pudera não! Se a familia havia pedido prazo até ao dia da formatura!

## III

O contracto que acabo de narrar se deu ha uns dois mezes mais ou menos. Hontem assisti ao casamento do meu irmão. Não houve outra assistencia além da minha. Fizemos a cousa ás escondidas.

— Como assim? perguntará o leitor — pois a noiva não tinha pedido um prazo enorme?

De facto; mas é que elle não se casou com a noiva. Casou-se com uma pequena italiana, costureirinha corriqueira.

Paulo tinha o má costume (por mim varias vezes reprehendido) de ir estudar no Largo do Arouche porque o nosso quarto é um tanto escuro. Ora, aconteceu que a italianinha passava por allí todos os dias, e elles se entreolhavam mutuamente. E, como o Diabo escreve torto por linhas direitas... o resto o leitor já sabe. Tambem o pae della veio a saber e quiz que a policia tambem o soubesse. Esta forçou meu irmão ao casamento. Uma desgraça! Fiquei desconsolado.

— Mas Paulo, — disse a meu irmão — que fizeste? Deitaste a perder a tua honra, a honra da nossa familia, todo o teu futuro...

Como, porém, elle começasse a chorar como uma creança, de tal maneira que fazia dó, tive pena d'elle. Consolei-o:

— Mas afinal... agora... que diabo!

## IV

Hoje estava eu fingindo esperar o bonde no Largo dos Guayanazes, quando me encontrò um collega de pensão.

— Estavas esperando o bonde?

— Não. Estava te esperando a ti para prosarmos.

Não tínhamos prosa. Passou por nós uma rapariga.

— Divina, pois não? — fez-me elle.

— Deixa disso! — respondi com uma idéa fixa. Só houve na terra uma mulher divina.

— Qual terá sido, Deus de bondade!

— Foi a noiva de meu irmão no momento em que soube do casamento d'elle.

— Estás maluco?

— De facto, aquella indifferença foi divina.

Uma divina indifferença. Não riu, não sorriu, não chorou, não cahiu desmaiada, não sentiu a menor emoção; disse apenas: — Esses estudantes são uns infelizes; qualche italianinha os perde Divina, pois não achas?

S. Paulo 1921.

JORGE FALLEIROS



## PEITO-LARGO

Eram decorridos alguns anos dês que o Guedes comprara uma escassa bem que fértil gleba na sesmaria "dos Cedros," quando lhe nasceu a Esmera, "Merinha," consoante tratamento caseiro, que era o alvo dos seus mimos, o ai Jesus! da casa.

Ajudava-o valentemente nas roças o filho mais velho, o Neco, que já ia pelos vinte, com uma notável estatura, torso de lutador e pulsos respeitaveis e tal arcabouço que bem justificava a alcunha com que mais tarde vieram a nomeá-lo.

Sua indole e ações nada prenunciavam então que justificasse o renome e por completo brigavam com esse suggestivo e lendário nome de guerra: era um borrêgo simples, morigerado e timorato. Se ia a festa, como sofrível folgaz e moço que era, jamais alguêm o vira exceder-se em bebidas, tomar de cartas para jogar dinheiro ou rentar a qualquer. Ia aos terços e motirões, sem prescindir de convites, e tal era o seu porte nessas reuniões, como em toda parte, que chegavam a cumprimentar o Guedes pelo filho que possuía, o qual era por outro pais apontado á prole como modelo.

Na peroração das paternais admonendas suspiravam: — Se Deus me houvesse dado um filho como o Neco!

Aquele sim! Trabalha em casa toda a semana e aos domingos, antes do pasaeio ou da caçada, vai á missa. Não se recolhe para o quartinho á noite sem a bênção do pai, para que tenha um bom sono e seja feliz. Ali está um rapaz ás direitas!

Acompanhava a irmã á missa ou a algum vizinho que reclama sua presença dela para que desse uma demão ás panelas ou ao forno, se o cumprimento de um voto religioso determinava para algum sábado ou véspera de santificado uma

ladainha em oblata ao santo respectivo, sucedida da ceia e danças consuetas.

Reconhecidamente habil, péchosa em todos os seus dons caseiros, a moça já aos dezesseis anos era admirada pela diligencia e pelo esmero com que, bem justificando o seu noime, se desobrigava de tais tarefas. Caseira e dedicada aos seus, era parca de sorrisos, avara de suas graças, com medida em palavras, mantendo onde quer que apparecesse a mais irrepreensivel e louvavel compostura.

Seis meses, se tanto, havia que se mudara para os "Cedros" uma familia procedente de municipio cercão. As visitas usuais, a reciprocidade de serviços em motirões, ocasionaram para logo a aproximação das duas familias.

O Benedicto, "Dito", como lhe chamavam em casa, filho dos nossos vizinhos, em pouco acamaraudou-se ao Neco, que a miudo o levava para casa, aos sabados, ingressando-o até á cozinha, onde conversavam junto ao fogo, conversas que muita vez eram continuadas no quarto do hospedeiro, onde o hospede evocava saudoso os encantos do "Arvaré", como êle chamava á cidade paulista, estropiando-lhe o nome.

Esse acotiar á casa do Guedes o foi, dia a dia, rendendo aos encantos de Esmera e a sua apropiada guapice e rebuscada destreza ao trabalho grangearam-lhe em breve a sua confiança. Assoalhou-se pelo bairro que a menina deixara de ser a princeza encantada dos contos e topara finalmente homem que lhe baldasse a timidez e lhe frustrasse a esquivaça. Diziam-nos até noivos.

Decorrido o tempo preciso para que se colhessem as informações sobre o pretendente, periodo de observação que se impusera o velho, foi o "Dito" admitido a participar dos trabalhos, penas e alegrias da familia como seu futuro membro.

Já o vizinho se lembrava, queixando-se, de que "quem casa uma filha ganha mais um filho e quem casa um filho perde-o." Era o que lhe ia fazer o Guedes, usurpando-lhe os direitos e talvez a afeição do filho.

Falava-se em marcar o dia, quando as visitas do noivo se foram espaciando, até que de vez se cortaram. A' menina foi-se-lhe crescendo o retraimento, tornando-se mais recolhida, rindo-se raras vezes.

Deixou de sair, declinando dos mais instantes e amáveis convites.

E a choquice deu-lhe para a palidez: parecia doente.

O boato malévollo, o abominando, onsta, espa-

lliou de casa em casa que o decoro da casa do Guedes fora conspurcado pelo Dito e que a pobre Esmera ia ver-se constringida pelos tentáculos de um dilema: a casar-se a todo transe com o chasquete do rapaz que a desdenhava, ou a eivar para sempre a honesta velhice do pai e as honrossas, bem que humildes, tradições da familia.

Avultava-se a murmuração odiosa, insinuando que Esmera já não podia agora dissimular a pressa, talvez a leviandade com que afiusara nos protestos do noivo infame: sua falta, dia a dia, se tornava conhecida, evidente.

Pela manhã de Maio, eneblinada e fria, a pequena e desordenada estação ferro-viária, de pouco levantada no seio da mata, vinha se animando, com a aproximação da hora em que devia passar o único trem diário de passageiros que a visitava.

Chegaram fazendeiros, de chapéu de palha, brancos, envergando sobretudos, rebuçados com cachinés e repetendo-se nas almofadas do tróli; ora um cavaleiro moço, de botas e rebenque, precedendo ao pagem condutor da mala e que recebia as bridas ao apeiar-se o patrão.

Alguns, trigosos e impacientes, iam-se abeirando da bilheteria deserta, a contar dinheiro, tirando do bolso do colete os niqueis para perfazerem o custo da passagem. Ociosos passeavam a plataforma, indiferentes, em passos á toa, e pretas quitadeiras, descobrindo taboleiros portáteis, expunham, junto á parede do edificio, as suas mercês.

Um silvo possante, novelos de fumo entrevistados na proxima curva e, em uma gradativa contenção de marcha, o combóio abeirou-se, ruidoso, a resfolgar. Um rapaz vestindo talvez a sua melhor e mais nova fatiota de brim, que desde pela manhã aí estava, já de posse da passagem, tomou o estribo de um carro de segunda, entrou, sentou-se junto a uma janela, cujo vidro desceu, e pôs-se a olhar para fóra, com um ar de satisfação e tranqullidade.

Um cavaleiro a meio galope sustou o animal junto á cerca que guarnece a linha e, apeando-se, varou pela estação, abrigado por um espesso poncho-pala, cuja gola levantara até o queixo. Dirigindo-se para o trem, defrontava conhecidos que o cumprimentavam:

— Olá, "seu" Neco! Então por aqui? Bom dia.

— E' verdade. Bom dia...

O viajante moço, debruçado á janela, ao vê-lo aproximar-se, intimou-lhe com arrogância:

— Pare aí. Acho bom você não se chegar muito, não.

O Neco, com um amargo sorriso, parou, obtendo persuasivo e calmo:

— Que é que você receia, Dito? Não brigo com ninguém, como você sabe, e não trago arma. Olhe. E, tirando as mãos de sob o pala, agitou-as abertas, acrescentando, conciliador:

— Vim só para conversarmos um pouco. Então é certo que se vai embora?

— Para Botucatu. Estou entejado do sertão. Você embarca também?

— Não. Lá em casa estão chorando, por amor de você... E o casamento, Dito, não sai mesmo? Minha irmã como fica?

— Ora essa! Fica como era: nada lhe fiz, não lhe tirei nenhum pedaço... Casa com outro; há tanto rapaz por aí.

O Neco voltou o rosto, por esconder a palidez, e continuou:

— Não é isso. Você bem sabe e está se fazendo desentendido. Merinha não pode casar com outro. E, aproximando-se mais, perguntou em voz frouxa, com um tom de profunda angústia:

— E... a criança, Dito?

— O filho? Tudo se remedia: você casa e leva-o para criar. Não gosta de um sobrinho?

Curiosos, interessados no dialogo, saboreando o cómico e o inédito da scena, os circumstantes sentiam-se boquiabrir ante aquela incrível poltroeira. Um viajante, apoiado ao "break", retirou-se cuspiendo, enojado, a murmurar:

— Apre! Já é não prestar! Tamanho homem! Quem ouve destas e nada faz...

O Neco baixou a cabeça trémulo, meio cego, lívido, cruzando os braços ao largo peito, sob o pala; e, como se calasse, o interlocutor perguntou a escarnear:

— Então, é só? Olhe que já houve signal de embarque...

— E minha irmã? Pense...

— Não tenho tempo de pensar. Adeus! Quer alguma cousa para Botucatu?

— Nada. Muito obrigado! Boa viagem.

O Dito, triunfante, a impar, esterdeu a mão:

— Então, adeus, Neco...

O rapaz, que já descruzara os braços, deixando-os caídos aos flancos, quando já tangera uma sineta e a locomotiva arrancava, tirou rapidamente uma arma.

O estrugir de um tiro misturou-se ao silvo de partida e ao entrecocar de ferros em movimento.

Quando, passada a estupefação da surpresa e do terror súbito, alguém se lembrou do aparelho de alarma, já o trem corria, levando o cadaver de um passageiro.

Na estação, antes que acodisse a ação e a iniciativa ás duas únicas praças de policia presentes, já o Neco, pouco antes apodado de poltrão, desaparecia pela estrada arenosa paralela ao leito da linha.

Mais tarde, quando foi a júri, aureolado pela simpatia popular, aclamavam-no e os jornais lhe faziam referências cheias de subtítulos, chamando-lhe Neco Guedes, o Peito-largo.

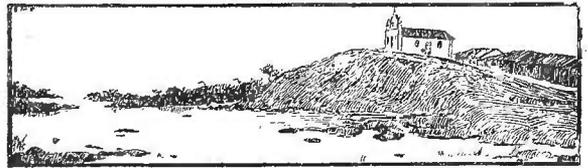
Indiferente a essa significativa antonomasia, o Neco acareou a estima, a admiração e o respeito gerais.

Peito largo é hoje, até onde vai a sua fama, simultaneamente temido e bemquisto.

Venda a que elle chegue deserta-se logo e a sua presença desfaz rugas em começo, é portadora de reconciliação e de ordem. No entanto continúa sendo elle em casa o calado, o pacifico, o cangueiro de outros tempos.

Pirajú (S. Paulo) 1898.

CARLOS DA FONSECA



## TIO GABRIEL

Chovia desregradamente e as aguas cahindo no inferno do monjolo velho, enchiam de clamores aquella noite escura. Com as barbas derramadas sobre o ponche azul, mãos espalmadas para o calor da lareira, pois que a estação era de inverno, entretia-nos o nosso pae, recordando o seu tempo de moço, quando enganava as velhas por causa das jovens e usava gravata de laço longo para os exames em Palacio. Não fôra songo e os seus olhos, rebrilhando nas orbitas fundas, diziam muito em abono dos feitos que nos ia narrando. As montarias e os novillos nedios da chacara do Pary; as fugas do collegio dos educandos em Sant'Anna, as festas da Penha e, sobre tudo, os sustos ao preto Manoelão, doceiro de Sinhazinha Machado, passavam vividamente pela nossa imaginação exaltada ao calor do brazido, aos arru-bos por vezes eloquentes do narrador. E a conversa derivava deliciosa, cheia de encantos para nós, cheia de saudades para o ancião. Gabriel, o heróe de todas as façanhas, companheiro e salvador daquelle que, para nós, tomava as proporções dum ser divino, insinuou-se em nosso affecto, assenhou-reou-se da nossa alma. Quem era esse Gabriel?

— Quem era? pois ainda não sabem que falo do seu tio Gabriel? Arre!...

Uma dessas pausas communs nas palestras, so-

breveio á exclamação do velho que, em silencio, apertava com a unha do pollegar a ponta encanecida do cigarro, pensativo a olhar os carvões crepitando no ladrilho.

— Em que está pensando? interrogou um de nós.

— “Não sei porque, respondeu-nos, fui soprar essa cinza, essa poeira que os annos haviam acamado por sobre tantas passagens da minha mocidade! Olhem, o coração da gente é como este brazido: venha a recordação reavival-o como faz a aragem ao fogo e as saudades se ateiam como brazas, queimando mais do que ellas.

Disse tanto do mano Gabriel e elle, coitado! onde estará a estas horas? Desde que a esposa morreu, nem conmigo quiz morar; andava largado, sosinho, alma penada a cumprir um fadario triste, assombrando os viajeiros das estradas do oeste. Nunca mais soube d'elle; talvez já não exista, o pobre! Quem lhe haveria cavado a cova? talvez morresse ao longo dos caminhos, sem uma prece, sem uma cruz para dizer que alli dormia um christão. Nem sei porque fui tocar nesses trechos do meu passado, que me dormiam cá dentro, no velho coração, frios como em cemiterio.”

Seus grandes olhos choravam e nós commovidos viamos tambem entre lagrimas, a cova pobre do tio infeliz, sem epitaphio e sem cruz.

Lá fóra, continuava a chuva fragorosamente e as aguas, cahindo no inferno do monjolo velho, enchiam a noite escura de clamores. Um medo se apoderou de nós. Era já bem tarde e o vento, soprando no beiral, lembrava choros, imitava gemidos. Recahimos num silencio mortal; amedrontados, não ousavamos fitar uns os outros, quando uma voz forte nos gelou o sangue com um poderosissimo — “O’ de casa!” Ninguem respondeu. Quem seria? Era fanhosa a voz. “Vou abrir a porta,” disse o nosso pae. Não vá — gritamos nós. E nesse entremeio de “vou” “não vá”, amainhou-se o vento; aproveitando a calada, a mesma voz retumbou e desta vez, accrescentando o nome do chefe da familia. Não havia duvida, era gente conhecida. A porta se abriu. No fundo negro da noite, mal alumado pela chamma dum lampeão, pudemos apenas ver um homem alto, grande chapéu na cabeça, molhado inteirinho. Um sopro de vento apagou a luz. “Entre!” foi o que ouvimos e depois, o ranger dos quícios emperrados da porta que se fecha. No clarão dava sala-de-jantar, com voz tremula apresentou-nos o nosso pae ao desconhecido: “seus sobrinhos”; e a nós: “seu tio Gabriel”. Tio Gabriel! Possivel?! e precipitamo-nos para os braços d'elle, enchemol-o de caricias. Mas, os seus olhos fundos trasvasavam

se duma luz triste, melancolica, apagada. O sofrimento extinguiu o brilho daquellas pupillas negras. Reavivou-se a lareira, crepitou o lume para guizados ligeiros, enquanto o nosso progenitor rejuvenecido até, narrava ao tio Gabriel os pensamentos funebres que tiveramos sobre a sua pessoa. “Ora veja, mano: choravamos a sua morte e você bem vivo, tão perto de nós; foi Deus que nos enviou aquellas maguas para melhor gozarmos este encontro inesperado. Chega de tanto peregrinar; moraremos juntos, a casa é grande”. A casa é grande — repetimos nós, olhando as feições esbatidas do tio Gabriel. O seu porte não correspondia ao vulto que imaginamos atravez da eloquencia paterna. Não era um forte; o corpo se arqueava como si um peso o acurvasse para a frente e as faces duma côr de cera pareciam de morto. Eram tres horas da madrugada e ainda se conversava animadamente ao redor da mesa quando um bocejo longo nos fez pensar no cansaço do velho tio. Demos-lhe o quarto da sala, destinado aas hospedes. Coitado! ha quantos annos não veria um leito bom como aquelle? Ficamos ainda á mesa em commentarios cheios de exclamações e surpresas. Lá fóra amiudavam os gallos e a chuva cedía; do beiral já gottejavam as ultimas aguas da tormenta.

Disponhamo-nos a dormir as horas que restavam para o amanhecer quando ouvimos o chapinhar de um cavalleiro apressado e logo um ancioso — “O’ de casa!”

Que historia! exclamou o velho chefe; alguma nova surpresa? Abriu-se a porta. Um mulato magro, sem reverencia alguma saccou do bolso um telegramma. Dentro estava escripto: — Em Rincão; casa de amigo; meia noite, falleceu Gabriel Lopez. Gabriel Lopez! não era o nosso tio! não repousava na alcôva da sala? Havia de ser enganado; vôamos ao quarto, escancaramos a porta... Nada! tudo vasio; o leito sem uma ruga, intacto. Unicamente um mystico aroma de incenso e rosas murchas perfumava o aposento vasio. Fóra uma visão; fóra o fantasma do tio Gabriel.

\*\*\*

Longe vinha o dia pallidamente. Na meia luz da nossa memoria vibratilizada pelas emoções da noite, desfazia-se aos poucos a personalidade mysteriosa do Tio Gabriel, cujo olhar velado duma tristeza que parecia eterna, diluía-se como as ultimas estrellas nos esplendores da manhã, enchendo-nos a alma duma dôr profunda, convidando-nos a chorar. E choramos sentidamente.

# SUPPLEMENTO

## A philosophia de Tan

Nunca li obra alguma do philosopho chinês. Sei-lhe apenas o nome e conheço-lhe o juvento, que aliás, é obra de folgo: um brinquedo de creanças...

Si Tan escreveu algum tratado ignor-o; si existiu, não sei; mas com certeza, era philosopho e chinês. Si duvidar informem-se do tangramma.

Qualquer um, mesmo um pirralho esclarecel-os-á a respeito, recortando em papel cartão quadrangular as sete cabalísticas, geometricas figuras: um parallelogrammo, um quadrado, dois triangulos grandes, outros tantos menores e um medio. Com esse barro fazem-se homens e coisas e até aquillo que satan não: houvesse imaginado.

E o pequeno que isto lhes disser accrescentará, por certo, á guiza de indefectivel credencial, a particularidade notavel de ter sido o tangramma o passatempo predilecto de Napoleão I.

E me venham dizer, depois, que Tan não era philosopho e chinês... Pouco importa que elle não tenha existido. Estará, então, em muito boa companhia, junto de Homero, Lycurgo, Shakspeare e celebridades faes, bastante celebres para que sua existencia seja posta em duvida. O facto é que existe a obra prima da tranquillidade, que é delle.

Eis quanto basta para haver uma philosophia de Tan. Mas ainda ha mais. Pois o passatempo de Bonaparte poderia deixar de ter uma philosophia? Não se concebe irreverencia tamanha. O tangramma precisa ter, tem uma profunda sabedoria, es-traugulada, esquarterada nos seus sete pedaços, como por certo, o bom chinês tambem o foi. (Precisa ver-se que um çhim de genio devia ter mais de quatro quartos).

Pois é isso. O brinquedo de papelão foi inventado por um philosopho, que lhe transfundiú alguma coisa de sua alma, porque Napoleão não era qualquer, nem era homem para matar tempo. A expressão "passatempo" é o que ha de esfarrapadamente euphemico. Elle matava coisa melhor: a gallinha, o ganso, o vendedor de porcelana, o homem na barquinha e outros animaes que se fazem e desfazem com o tangramma. Sempre féra...

E, além disso, tinha prazer ainda maior: gosava o riso philosophico, sardonico, esboçado naquelles caracteres cuneiformes e nelles via a morte moral do genero humano...

Era isso. Devia ser, ao menos, por honra da firma. E, si não foi, melhor para mim, que terei, nesse caso, para honra da familia, a prioridade na decifração dos sete hieroglyphos.

\* \* \*

Começarei, portanto, por dizer que a philosophia de Tan, si não é delle, é minha, bem que eu não seja çhim; e, si jamais foi entrevista por ne-

nhum guerreiro entediado, foi por mim deduzida do texto, incomprehen-sível aos olhos do vulgo, bem que eu não seja nenhum matador em disponibilidade.

Eu sempre achei exquisito o tangramma. Fazer uma gallinha, de-compol-a e, com suas partes, crear um homem, sem, no entanto, lh'as dar a comer! Ou de um ganso fazer uma fructeira ou um lampeão!... Simples e profundo! (Pudera! Não fosse tal e desabaria sobre mim o mundo todo para vingar-se da affronta que lhe faria em ser profundo e complicado.)

E puz-me a pensar, largos dias, na chinesa intenção occulta, que presidira á factura do magno brinquedo. Alli havia dedo...

Transcendi. Passei pelo monismo e debestei Haeckel, pelo Evolucionismo e abominei Spencer... Chegára tarde para formulr essas theorias, que aliás estavam ha seculos alli, latentes, no papel recortado. Consoleime, afinal, com o diminuir-lhes a gloria, dizendo que muito antes o meu Tan já fizera do Um salhir o Tudo e o Tudo voltar a Um. E com grande vantagem sobre aquelles dois, porque não escreveu, mas demonstrou materialmente a Verdade... O seu invento é a corporisação daquellas philosophias.

Nós somos tangrammas; viver é brincar com tangrammas; o mundo não passa de um grande tangramma... Sim, senhores. No fundo tudo é papel... perdão! materia e o que fazemos é dar-lhe esta ou aquella forma. E a alma?

A alma tambem é um quadrado de papel a se recortar, á medida que crescemos, nas sete figuras «tangrammaticas». E são ellas que, quando queremos philosophar, se põem a dançar, desordenadamente, em nosso cerebro, até que se coordenam em uma imagem. Mas esta varia de individuo para individuo, porque não está na sua vontade armár o tangramma da razão assim ou assim. Nascemos já com a silhueta bosquejada no intimo, mais ou menos definida nesta ou naquelle. O trabalho é determinar-lhe os contornos, justapondo-lhes os polygonos para resultar a nossa personalidade. E é difficil isto, porque alguns têm mais de um bosquejo e de um para outro andam, sem nada conseguir de estavel...

Na razão do valor da effigie que compuzermos está o nosso talento. Quem não sae do quadrado é... naturalmente, quadrado. Quem chega ao lampeão é menos grosseiro. E aquelle que confecciona o ganso é quasi agnia. Nessa proporção tambem está a nossa philosophia: simplista, barata, transcendente...

A philosophia do nosso homem — como se vê — é extraordinariamente monista. Admitte a existencia de todas as outras, que não são mais que formas da verdadeira. Admitte mesmo aquelle do suicido que se julga-

va pote. Pois si o seu tangramma só dava para isso...

E eu estou com o chinês. As theorias philosophicas são um traço caricatural, cujo complemento imaginamos de accordo com a propria idiosyncrasia... Assim, no geral, a carantonha do autor degenera na da gente.

E eis ali com o que brincam meninos e Bonapartes — com o succo de todas as sabedorias. Sempre é uma grande verdade que o simples é o profundo.

Magno Tan!

BRENNO FERRAZ.

**Avida anecdótica  
e pittoresca dos  
grandes escriptores**

**Euclides da Cunha**

Euclides da Cunha viveu em São Paulo. Fez-se em nosso meio e entre nós escreveu «Os Sertões». Fartamente conhecido, portanto, em nossas melhores rodas, facil se torna apanhar algumas notas sobre a sua vida, isto é, sobre o seu modo de ser, a maneira de encarar as coisas e de se conduzir entre os factos.

A proposito, a personalidade do grande mestre do estylo se revelava sempre typica, inconfundivel, com um caracter anecdótico significativo de bem vincadas feições moraes. A verdade a seu respeito é, sempre, verdade pittoresca. E' que a originalidade estava-lhe nos instinctos, no mais profundo dos nervos.

Entre os episodios do seu dia a dia, conta-se um, occorrido nesta capital, em casa de distincto pulista. E' uma passagem simples, vulgar, mas cheia de significação. Anima-a o grande poder affectivo, o forte sentimento, que distinguia o genial brasileiro. Resuma, ao mesmo tempo, um amor proprio hypertrophiado e um orgulo tão profundo quanto insopitavel.

Euclides da Cunha, quando de passagem por São Paulo, hospedava-se, geralmente, com um dos seus amigos. Mesmo com familia, mulher e todos os filhos, um bello dia lá vinha elle — gente de casa, que chega e entra e, quando vae, só deixa saudade. Uma vez, de mudança, precisou deixar nessa casa algumas malas, engradados e outros volumes, que na occasião não podiam seguir com elle. Muito bem. Lá ficou tudo sem maior incommodo para quem quer que fosse.

Tempos depois, volta Euclides e procura o que era seu. Levam-no ao porão. Embora na meia obscuridade daquelles quartos baixos, mas nem tanto que nelles não se andasse á vontade, os seus guardados ficavam bem

**Fasciculo n. 5**

O Lundum — José Verissimo . . . . .	73
A Feiticeira — Inglez de Souza . . . . .	76
Uma Santa Brasileira — Santa Diana — Lima Campos . . . . .	80
G. C. P. A. — Gastão Cruls . . . . .	83
<b>SUPPLEMENTO — Vida literaria — Psychologia do theatro . . . . .</b>	
Curiosidades literarias — «A Comedia» . . . . .	86
Os nossos poetas — Uma satyra de Hilarrio Tacito . . . . .	88

**Fasciculo n. 6**

Preço de Sangue — Jorge Falleiros . . . . .	89
Os vícios delles — Julia Lopes de Almeida . . . . .	91
Clarinha das rendas — Mario Sette . . . . .	93
conomia domestica — Euolydes Andrade . . . . .	100

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Simões Pinto — Lourenço Filho . . . . .</b>	
Vida literaria — O paradoxo da cultura A. M. . . . .	102
Curiosidades literarias — VERSOS — João Ribeiro . . . . .	103

**Fasciculo n. 7**

Briga de gallos — Julio Scheibel . . . . .	105
Lagryma perdida — Lucio de Mendonça . . . . .	107
O Cordão — Thales Andrade . . . . .	111
O Orrepio — Oscar Lopes . . . . .	116

<b>SUPPLEMENTO — Vida Literaria — CRITICA — Melian Lafinur . . . . .</b>	
Paginas Celebres — Da «Arte de Furtar» . . . . .	119
Leituras — O nome Brasil — Questões de Portuguez — Reliquias da Memoria . . . . .	120
Os nossos poetas — Uma bella imagem . . . . .	120

**Fasciculo n. 8**

Rogério, o rude — Raul Pompeia . . . . .	121
Um problema de psychologia — Léo Vaz . . . . .	123
A fuga — Affonso Arinos . . . . .	124
Noite de São João — Luiz Carlos . . . . .	127
“Mãe Maria” — Olavo Bilac . . . . .	129
Jesus — Thomaz Lopes . . . . .	132

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Euclides da Cunha — Viriato Corrêa . . . . .</b>	
Vida literaria — A «Atlantida» . . . . .	134
Os nossos poetas — Paulo Eiró — Amadeu Amaral . . . . .	135
Paginas celebres — De Amacreonte . . . . .	136

**Fasciculo n. 9**

Anecdota pecuniaria — Machado de Assis . . . . .	137
A lavadeira — José Verissimo . . . . .	141
Natal no Lourenção — Waldomiro Silveira . . . . .	144
A venda secca — Oliveira e Souza . . . . .	144
O velho escriptorio — F. Silveira . . . . .	146
O Tónico — João do Norte . . . . .	149

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Coelho Netto . . . . .</b>	
Os nossos poetas — «Inania verbas» — B. F. . . . .	150
Curiosidades literarias — A «Atlantida» de Platão — H. de Rouville . . . . .	151
Leituras — Vultos e Livros — Figurões vistos por dentro — Piraquaras . . . . .	152

**Fasciculo n. 10**

A Façanha do Imperador — Theodoro Magalhães . . . . .	153
Querer bem — Afranio Peixoto . . . . .	158
Ultimo lance — Aluizio Azevedo . . . . .	161
São José — Thomaz Lopes . . . . .	162

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Olavo Bilac — Mario de Alencar . . . . .</b>	
Vida literaria — Capitães literarias . . . . .	166
Tradição e novidade em poesia . . . . .	167
Curiosidades literarias — Helena, «a dos braços brancos» — Helena, «a das bellas faces» . . . . .	168

**Fasciculo n. 11**

A resalva — João Luso . . . . .	169
A Virgem das esmeraldas — Castro Menezes . . . . .	172
O velocipede — J. Ramos . . . . .	174
O esmola — Mario Sette . . . . .	177
Tia Elisa — Julio Scheibel . . . . .	179
A carta do suicida — Sud Mennucci . . . . .	180

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Amadeu Amaral — Paulo Duarte . . . . .</b>	
Curiosidades literarias — Pensamentos de Ruy Barbosa (Collectanea do Mario de Lima Barbosa) . . . . .	182
Racine em Café-concerto . . . . .	183
Leconte do Lisle — Jean Dornis . . . . .	184

**Fasciculo n. 12**

Na escola — José Sizenando . . . . .	185
Conto de Fadas — Raul Pompeia . . . . .	188
A cara do meu visinho — Julia Lopes de Almeida . . . . .	180
A vingança do Teixeirainha — Nicolau Pero . . . . .	192
Christo — Sylvio Floreal . . . . .	194
Trapos da vida — Manoel Victor . . . . .	196

<b>SUPPLEMENTO — Vida literaria — Visão geral da litteratura brasileira — Monteiro Lobato . . . . .</b>	
A aurora de Castro Alves — Ronald de Carvalho . . . . .	198
Curiosidades literarias — Litteratura do outro mundo . . . . .	199

**Fasciculo n. 13**

A velhinha — Affonso Arinos . . . . .	201
Má sina — Lucilo Varejão . . . . .	203
O natal de Voltaire — Eduardo Prado . . . . .	204
A ermida — Rodrigo Octavio . . . . .	207
O poder de D. Domitilla — Viriato Corrêa . . . . .	209
O avô — Godofredo Rangel . . . . .	210
O Tio da Escocia — Lucio de Mendonça . . . . .	211

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Uma carta inedita de Euclides . . . . .</b>	
Vida literaria — Géca Tatú na Argentina — Manoel Galvez Filho . . . . .	214
Curiosidades literarias — Ponson du Terrail, poeta . . . . .	215
O «tactilismo» — S. . . . .	215
Um discurso proferido pelo grammophone . . . . .	216
Os nossos poetas — Simões Pinto . . . . .	216

**Fasciculo n. 14**

Vida elegante — Julio Cesar da Silva . . . . .	217
A entrevista — Theodoro Magalhães . . . . .	219
O homem das circulares — Jurandyr Gomes . . . . .	224
Simplicidade — Coelho Netto . . . . .	226
Dois idiotas — Julio Scheibel . . . . .	227

<b>SUPPLEMENTO — A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Ricardo Gonçalves — M. Villuca de Camargo . . . . .</b>	
Curiosidade literarias — A's senhoras bahianas — Castro Alves . . . . .	229
O Centenario de Flaubert — C. . . . .	230
Paginas esquecidas — O vocabulario — Coelho Netto . . . . .	231
Os nossos poetas — Julio Cesar da Silva . . . . .	231

**Fasciculo n. 15**

Alma frivola — Sud Mennucci . . . . .	233
Chicão “Duas mortes” — Dimas Camargo Stein . . . . .	235
Divina — Jorge Falleiros . . . . .	240
Peito largo — Carlos da Fonseca . . . . .	241
Tio Gabriel — F. Silveira . . . . .	243

<b>SUPPLEMENTO — A philosophia do Tan — Brenno Ferraz . . . . .</b>	
A vida anecdotica e pittoresca dos grandes escriptores — Euclides da Cunha — B. F. . . . .	245
Vida literaria — O jornalismo e as ligetas — José Maria Bello . . . . .	245
Urupês na Argentina . . . . .	246
Paginas esquecidas — Primavera — Raul Pompeia . . . . .	247

# Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) . . . . . 1\$000  
Um soneto de Bilac (critica) . . . . . 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) . . . . . 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) . . . . . No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) . . . . . No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commerciante . . . . . 8\$000  
Estudos de Direito Commercial . . . . . 10\$000  
A Hypotheca Naval no Brasil . . . . . 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commerciante precisa saber  
(10.º milheiro) . . . . . 2\$000  
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos  
(2.a edição, 8.º milheiro) . . . . . 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

**SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**

Rua Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

## EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,"

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i> . . . . .	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i> . . . . .	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i> . . . . .	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATU, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i> . . . . .	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i> . . . . .		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i> . . . . .	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i> . . . . .	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i> . . . . .	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição . . . . .	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i> . . . . .	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i> . . . . .	2\$000	—	VULTOS E LIVROS (Academia Brasileira de Letras) <i>Arthur Motta</i> . . . . .	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> . . . . .	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i> . . . . .	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição . . . . .	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i> . . . . .	4\$000	—

PEDIDOS PARA O INTERIOR,  
MAIS 10 o/o PARA O PORTE

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amáden Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "*E' no genero uma verdadeira obra prima*," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, auctor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

